



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS SOBRE AS  
AMÉRICAS

NATHÁLIA VINCE ESGALHA FERNANDES

**A DISCRIMINAÇÃO CONSUBSTANCIAL E OS MUROS MEXICANOS: um estudo  
sobre a discriminação contra centro-americanos e caribenhos no corredor migratório  
México - Estados Unidos**

BRASÍLIA

2021

**NATHALIA VINCE ESGALHA FERNANDES**

**A DISCRIMINAÇÃO CONSUBSTANCIAL E OS MUROS MEXICANOS: um estudo sobre a discriminação contra centro-americanos e caribenhos no corredor migratório México - Estados Unidos**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados Sobre as Américas do Departamento de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Estudos Comparados Sobre as Américas na linha de pesquisa “Etnicidade, raça, classe e gênero nas Américas”.

Orientadora: Delia Maria Dutra da Silveira Margalef

Coorientadora: Rebecca Forattini Lemos Igreja

BRASÍLIA

2021

**NATHALIA VINCE ESGALHA FERNANDES**

A DISCRIMINAÇÃO CONSUBSTANCIAL E OS MUROS MEXICANOS: um estudo sobre a discriminação contra centro-americanos e caribenhos no corredor migratório México - Estados Unidos

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutora em Estudos Comparados Sobre as Américas ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados Sobre as Américas do Departamento de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Brasília pela seguinte banca examinadora:

**Delia Maria Dutra da Silveira Margalef**

(Orientadora - PPGECSA/UnB)

**Rebecca Forattini Altino Machado Lemos Igreja**

(Coorientadora – PPGD/UnB)

**Odile Hoffmann**

(Examinadora externa – IRD/França e CIESAS/México)

**Talita Tatiana Dias Rampin**

(Examinadora – PPGD/UnB)

**Daniel Bin**

(Examinador interno – PPGECSA/UnB)

**Camilo Negri**

(Suplente – Examinador interno – PPGECSA -UnB)

Brasília, 20 de julho de 2021.

## AGRADECIMENTOS

Escrever uma tese e terminar um doutorado é algo que não se faz só. A quantidade de apoio, humano, institucional e material necessários nesse projeto são imensos e sem isso, eu ousaria dizer ser quase impossível realizar tal empreitada.

Foram muitas pessoas nessa jornada e gostaria neste momento de demonstrar a minha gratidão eterna a cada uma delas. Tive muita sorte nessa jornada acadêmica e formei muitas famílias nestes 8 anos de candanga.

Começo agradecendo a minha família primeira, de onde eu vim, meu alicerce, meu porto seguro: meu pai José, mãe Ana Maria e a minha mãe e parceira Bela, que além do papel de irmã e amiga fez o papel de revisora da tese. Estendo o agradecimento à toda minha família: madrinhas, padrinho, tias, tios, primas e primos, que estão sempre na torcida.

Em Brasília minhas famílias formadas também que foram uma rede de apoio incrível durante esses anos: Vanessa, Ísis, amigas-irmãs há 15 anos; Talita, Érika companheiras queridas e um incentivo fundamental; a família Igreja que me recebeu em casa durante a pandemia mais não somente na pandemia, são muitos anos de acolhimento; ao Nzo Nzazi, em particular meus amados Claudio, Carlos e Ana Paula; a ao Grupo Calundu onde os integrantes são de um companheirismo e irmandade particulares; aos vizinhos e amigos pandêmicos: Murilo, que foi um super companheiro neste último ano difícil, Bea, Georgine e Roberto; os amigos de doutorado e companheiros de angústias do ELA Profundo/Imaginário, é muito bom possuir uma rede que entende exatamente o seu momento; a família da Maison du Brésil – entre eles a minha mãe Laura, Gabi, Fernanda, Raoni, Alice, Lu, André, Clarissa, a todes da associação, do dedilhadas e todos os queridos que me acompanharam na aventura francesa; as amigas de mestrado Hima, Silvia, Bel; e todos meus amigos da Unesp-Franca radicados em Brasília. Ao Giancarlo que me ajudou a manter a sanidade nessa jornada.

As minhas orientadoras queridas, primeiro à Rebecca, pela parceria de trabalho de muitos anos e especialmente pelo acolhimento e ajuda em todas as dimensões, a maior sorte que uma mestranda-doutoranda pode ter é encontrar uma professora amiga e companheira no caminho. E a Delia por me estender a mão nos últimos anos dessa jornada e por toda ajuda e gentileza de sempre. Obrigada também por serem inspiração de professoras e profissionais e por tonarem a academia mais leve de estar.

A Cecília da secretaria e a todos os funcionários de ELA que me ajudaram infinitas vezes nesses anos.

A Professora Alexandra Poli e a Zouhour por me receber na EHESS, a experiência foi fundamental para o crescimento acadêmico. As Professoras Odile e Maria Teresa por me receberem no Ciesas-Golfo no México, o auxílio no campo foi determinante para coletar o material da tese e para direcionar a tese.

A todas as instituições que me receberam no México e pessoas migrantes que compartilharam as suas histórias, vocês foram a alma desta tese.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelas bolsas concedidas que me possibilitaram realizar a pesquisa, e a Universidade de Brasília. Atualmente fomento à pesquisa é um privilégio, mas lutaremos pela ciência no Brasil e com certeza, “amanhã será outro dia”.

Por fim, agradeço a proteção espiritual, minkise, guias, deuses e todas as entidades que iluminam e ajudam o meu caminhar. Aweto.

## EPÍGRAFE

*Los emigrantes, ahora  
Por tierra y por agua, marchan las inmensas caravanas.  
Viajan desde el sur hacia el norte y desde el sol naciente hacia el poniente.  
Este es el éxodo de los fugitivos del hambre y de la desesperanza.  
Vienen desde el sur del río Bravo, desde las orillas africanas del mar Mediterráneo y desde  
las tierras de Oriente.  
Les han robado su lugar en el mundo, han sido despojados de sus trabajos y sus tierras.  
Precios de ruina, salarios de hambre, suelos extenuados, bosques arrasados, ríos  
envenenados: los desterrados de la globalización peregrinan inventando caminos, golpeando  
puertas, queriendo casa.  
Expulsados, rechazados, prohibidos: no tienen para ofrecer nada más que sus brazos.  
Están cerradas para ellos las fronteras que mágicamente se abren al paso del dinero y de las  
cosas.*

*Eduardo Galeano*

## RESUMO

A tese é um estudo sobre a discriminação direcionada a centro-americanos e caribenhos em trânsito no corredor migratório México - Estados Unidos. Essa população é expulsa pela pobreza, desigualdade e violência gerados por um sistema econômico, político, e social que as desumaniza e as transforma em mão de obra descartável. O objetivo da tese foi realizar uma análise do fenômeno discriminação, a partir da experiência e dos processos de inclusão e exclusão vividas por essa população no trajeto pelo México em direção aos Estados Unidos. Foram elencados os desafios (muros) para o acesso desta população às políticas públicas, serviços, emprego, moradia etc., demonstrando as situações de discriminação dentro destas estruturas. Evidencia-se o papel semiperiférico do México em relação à influência estadunidense, caracterizando-o como um “país muro”, por todos os obstáculos que a conjuntura regional e sua política migratória securitista impõem aos migrantes em trânsito: violação de direitos humanos, violência, estupro, extorsão do crime organizado internacional e nacional, além de discriminação, xenofobia e marginalização. O estudo de caso foi realizado a partir de dados coletados em trabalhos de campo realizados em albergues e instituições pró-migrantes no México, em distintas localidades: Cidade do México, Tijuana e no Estado de Veracruz, entre 2015 e 2020. Foram utilizadas distintas técnicas qualitativas: observação participante, entrevistas, e imersões etnográficas. A pesquisa conclui de que a discriminação contra o migrante é uma discriminação consubstancial - um fenômeno estrutural, coletivo e estreitamente interligado a diversos sistemas de opressão que motivam a discriminação, e que é preciso criar estratégias para reafirmar a humanidade das pessoas em mobilidade a fim de efetivar os seus direitos. Para tanto, é imperativo compreender consubstancialmente os mecanismos materiais, simbólicos, estruturais, dialéticos e históricos de reprodução das desigualdades produzidas pelo sistema capitalista.

Palavras-chave: Discriminação. Consustancialidade. Desigualdade. Mobilidade Humana. América Latina

## **ABSTRACT**

The thesis is a study on discrimination against Central Americans and Caribbeans in transit in the Mexico-United States migratory corridor. This population is driven out by poverty, inequality and violence generated by an economic, political, and social system that dehumanizes them and transforms them into disposable labor. The objective of the thesis was to carry out an analysis of the phenomenon of discrimination, based on the experience and processes of inclusion and exclusion experienced by this population on their way through Mexico towards the United States. The challenges (walls) for this population's access to public policies, services, employment, housing etc. were listed, demonstrating the situations of discrimination within these structures. The semi peripheral role of Mexico in relation to the US influence is highlighted, characterizing it as a “wall country”, due to all the obstacles that the regional situation and its security migration policy impose on migrants in transit: violation of human rights, violence, rapes, extortion of international and national organized crime, as well as discrimination, xenophobia, and marginalization. The case study was carried out from data collected in fieldwork carried out in hostels and pro-migrant institutions in Mexico, in different locations: Mexico City, Tijuana and in the State of Veracruz, between 2015 and 2020. Different techniques were used. qualitative: participant observation, interviews, and ethnographic immersions. The research concludes that discrimination against migrants is a consubstantial discrimination - a structural, collective phenomenon that is closely interconnected with various systems of oppression that motivate discrimination, and that it is necessary to create strategies to reaffirm the humanity of people in mobility to enforce their rights. Therefore, it is imperative to understand substantially the material, symbolic, structural, dialectical, and historical mechanisms of reproduction of the inequalities produced by the capitalist system.

Keywords: Discrimination. Consubstantiality. Inequality. Human Mobility. Latin America



## RESUMEN

La tesis es un estudio acerca de la discriminación hacia centroamericanos y caribeños en tránsito en el corredor migratorio México-Estados Unidos. Esta población es expulsada por la pobreza, la desigualdad y la violencia que genera un sistema económico, político y social que los deshumaniza y los transforma en mano de obra desechable. El objetivo de la tesis fue realizar un análisis del fenómeno de la discriminación, a partir de la experiencia y procesos de inclusión y exclusión vividos por esta población en su paso por México hacia Estados Unidos. Se enumeraron los desafíos (muros) para el acceso de esta población a políticas públicas, servicios, empleo, vivienda, etc., evidenciando las situaciones de discriminación dentro de estas estructuras. Se destaca el rol semiperiférico de México en relación con la influencia de Estados Unidos, caracterizándolo como un “país muro”, por todos los obstáculos que la situación regional y su política migratoria securitista imponen a los migrantes en tránsito: violación de derechos humanos, violencia, violación, extorsión del crimen organizado internacional y nacional, así como discriminación, xenofobia y marginación. El estudio de caso se realizó a partir de datos recolectados en el trabajo de campo realizado en albergues e instituciones pro-migrantes en México, en diferentes localidades: Ciudad de México, Tijuana y en el Estado de Veracruz, entre 2015 y 2020. Se utilizaron diferentes técnicas cualitativas: observación participante, entrevistas e inmersiones etnográficas. La investigación concluye que la discriminación contra los migrantes es una discriminación consustancial, un fenómeno estructural y colectivo que está estrechamente interconectado con varios sistemas de opresión que motivan la discriminación, y que es necesario crear estrategias para reafirmar la humanidad de las personas en movilidad para hacer cumplir sus derechos. Por tanto, es imperativo comprender sustancialmente los mecanismos materiales, simbólicos, estructurales, dialécticos e históricos de reproducción de las desigualdades producidas por el sistema capitalista.

Palabras clave: Discriminación. Consustancialidad. Desigualdad. Movilidad humana. América Latina

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Prédio do Conapred no México.....	28
Figura 2 - Mapa Tijuana.....	30
Figura 3 - Garita de San Ysidro Tijuana.....	31
Figura 4 - Muro em Playas de Tijuana/México.....	33
Figura 5 - Muro Tijuana: Obra Enrique Chui.....	33
Figura 6 - Frente Do Instituto Madre Assunta.....	34
Figura 7 - Pátio Externo Instituto Madre Assunta.....	35
Figura 8 - Albergue Del Deportado Sagrado Corazón Tijuana.....	36
Figura 9 - Preparação de Alimentos – Instituto Madre Assunta.....	37
Figura 10 - Missa – Instituto Madre Assunta.....	37
Figura 11 - Alimentação pronta para servir a população em situação de rua. - Instituto Madre Assunta Tijuana.....	37
Figura 12 - Pátio com mesa preparada para o almoço externo - Instituto Madre Assunta – Tijuana.....	37
Figura 13 - Albergue Casa Del Migrante y Deportado Doña Esperanza .....	38
Figura 14/15 - Albergue Casa Del Migrante – Tijuana.....	39
Figura 16 - Mapa do México com detalhe no Estado de Veracruz e Cidade do México.....	40
Figura 17 – Recepção SMP.....	42
Figura 18 - Oficina de defensores e defensoras de DH 27 a 29/11/2019.....	43
Figura 19 -Cozinha – Casa Mambré.....	44
Figura 20 - Dormitório - Casa Mambré.....	44
Figura 21 - Refeitório - Casa Mambré.....	44
Figura 22 - Banheiros - Casa Mambré.....	44
Figura 23 - Sala Recreativa E Sala De Yoga Casa Mambre.....	45
Figura 24 - Sin Fronteras – IAP.....	46
Figura 25 - Entrada Casa Tochan.....	47
Figura 26 - Albergue Cafemin.....	47
Figura 27 - Trem La Bestia.....	49
Figura 28 - Estação Migratória Acayucan.....	49
Figura 29 - Via Crucis Funcionários do Albergue Ranzahuer.....	51
Figura 30 - Dependências do Albergue Mons. Guillermo Ranzahuer 2019.....	51

Figura 31 - Albergue Ranzahuer recebendo migrantes da Estação Migratória – Oluta.....	52
Figura 32 - Acompanhamento do Albergue no hospital com migrante ferido.....	53
Figura 33 - Oficina Infantil Albergue Mon. Guillermo Ranzauer.....	53
Figura 34 - Portão Da Casa Del Migrante Mons. Guillermo Ranzahuer.....	54
Figura 35 - Revista Inicial Albergue Ranzahuer Oluta.....	55
Figura 36 - Jogo De Futebol Migrantes X Mexicanos Em Oluta.....	56
Figura 37 - Celebração No Consulado De El Salvador.....	56
Figura 38 - Mapa México, América Central E Caribe.....	118
Figura 39 - Infográfico Situação migratória no México.....	144
Figura 40 Mapa Rotas Tradicionais.....	168
Figura 41 – Diagrama De Rotas Migrantes.....	169
Figura 42 - Migrantes Hondurenhos A Caminho Da Guatemala.....	180
Figura 43 - Caravana De Migrantes Hondurenhos Rumo Aos Eua.....	181
Figura 44 - Policiais impedindo a entrada de migrantes no México.....	182
Figura 45 - Migrantes no Estadio Jesús Martínez "Palillo".....	185
Figura 46 - Migrante brinca com criança durante acampamento no “Estádio Jesús Martínez Palillo” .....	186
Figura 47 - Casal sob a bandeira hondurenha.....	188
Figura 48 - A Caravana migrante nas praias de Tijuana.....	188
Figura 49 - Caravana de migrantes segue para a Cidade do México.....	192
Figura 50 - caravana de migrantes entra no México depois de puxar o portão da Fronteira Sul.....	193
Figura 51 - Integrantes da segunda caravana atravessaram rio na fronteira entre Guatemala e México.....	195
Figura 52 - Cidades fronteiriças envolvidas no programa MPP.....	199
Figura 53 - Protestos dos migrantes.....	215
Figura 54 - Doações para as migrantes no albergue em Tijuana.....	218
Figura 55 - Bairro Little Haiti em Tijuana.....	222
Figura 56 - Mural no Albergue Casa Tochán CDMX.....	272
Figura 57 - Porta do dormitório da população LGBTQIA+ em um albergue na CDMX.....	329

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - QUADRO DE TENDENCIA MIGRATÓRIAS NO MÉXICO.....	145
TABELA 2 - PLANOS E INICIATIVAS DE 1990 A 2014.....	154
TABELA 3 - TENDÊNCIA MIGRATÓRIA NO MÉXICO DE 2010 A 2017.....	161
TABELA 4 - ATORES RESPONSÁVEIS PELA VIOLÊNCIA.....	176
TABELA 5 - MITOS QUE AMPARAM O DISCURSO ANTI-MIGRANTE.....	227
TABELA 6 - SUPERLOTAÇÃO DAS ESTAÇÕES MIGRATÓRIAS DE MAIO A OUTUBRO DE 2019.....	267

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - NÚMERO DE SOLICITANTES DE REFÚGIO - 2013 A 2019.....	162
GRÁFICO 2 - PRINCIPAIS NACIONALIDADES DE SOLICITANTES DE REFÚGIO...	163
GRÁFICO 3 - RESOLUÇÕES POSITIVAS DE REFÚGIO (2018-2019) .....	164
GRÁFICO 4 - NÚMERO DE INCIDENTES VIOLENTOS EXPERENCIADOS POR PESSOA DURANTE O PERÍODO DE MIGRAÇÃO.....	174
GRÁFICO 5 - PRINCIPAIS PROBLEMAS ENFRENTADOS PELOS MIGRANTES QUE CRUZAM O MÉXICO RUMO AOS EUA.....	175
GRÁFICO 6 - AGENTE QUE A PESSOA EM SITUAÇÃO DE MOBILIDADE RECONHECE COMO RESPONSÁVEL PELOS EVENTOS QUE ENFRENTOU.....	178

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados  
ALC - América Latina y Caribe  
CAFEMIN - Casa de Acogida Formación y Empoderamiento de la Mujer Migrante y Refugiada  
CDMX – Cidade do México  
CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe  
CIESAS - Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social  
CSEM - Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios  
COMAR - Comisión Mexicana de Ayuda a Refugiados  
COPRED - Consejo para Prevenir la Discriminación DF  
CNDH - Comissão Nacional de Direitos Humanos  
CONAPRED - Consejo Nacional para Prevenir y Eliminar la Discriminación  
ENADIS - Encuesta Nacional sobre Discriminación en México  
GTPM - Grupo de Trabajo sobre Política Migratoria  
ICE - U.S. Immigration and Customs Enforcement  
IMUMI - Instituto para las Mujeres en la Migración  
INAMI - Instituto Nacional de Migración  
MSF - Médicos Sin Fronteras  
OACDH - Oficina del Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Derechos Humanos  
OIM - Organização Internacional para as Migrações  
ONU – Organização das Nações Unidas  
PCR - Programa Casa Refugiados  
REDODEM - Red de Documentación de las Organizaciones Defensoras de Migrantes  
SEDEREC - Secretaría de Desarrollo Rural y Equidad para las Comunidades  
SEGOB - Secretaría de Gobernación  
SMR - Servicio Scalabriniano Misión para Migrantes y refugiados  
UNAM - Universidade Nacional Autônoma do México  
UNODC - Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	18
CAPÍTULO 1 - A IMPORTÂNCIA DA CONSUBSTANCIALIDADE NOS ESTUDOS SOBRE DESIGUALDADES E DISCRIMINAÇÃO.....	63
1.1. Igualdade, desigualdade e discriminação: definições iniciais .....	63
1.2. Sociologia da discriminação: um campo a ser consolidado a partir das relações de poder .....	74
1.3. Definindo a discriminação .....	77
1.4. Bases para discutir discriminação na América Latina: Identidade, modernidade e colonialidade.....	89
1.5. Identidade nacional latino-americana e caribenha: mestiçagem e hierarquização racial no centro .....	91
1.5.1. Racismo, xenofobia, e discriminação contra migrantes .....	93
1.5.2. Neoracismo ou racismo diferencialista .....	97
1.6. Dominação colonial e o estabelecimento da raça no centro da discussão.....	99
1.7. O outro invasor: discriminação de origem nacional e xenofobia .....	105
1.8. O fenômeno da discriminação consubstancial contra migrantes .....	109
1.8.1. Compreendendo a discriminação a partir da consubstancialidade das relações sociais .....	112
CAPÍTULO 2 - CRISES NA AMÉRICA LATINA E CARIBE, A BASE ECONÔMICA E GEOPOLÍTICA DE UMA DIÁSPORA.....	118
2.1. Contexto - Crises na região.....	118
2.2. O Consenso de Washington e neoliberalismo .....	123
2.3. Dependência, e Imperialismo Norte Americano e Sistema-mundo na América Latina e Caribe.....	125
2.3.1. Dependência na América Latina.....	125
2.3.2. ALC e o Sistema-mundo .....	128
2.4. Sociologia da exploração e colonialismo interno .....	133
2.4.1. Colonialismo interno .....	135
2.5. Consequências das crises nos fluxos migratórios atuais.....	138
CAPÍTULO 3 - OS MUROS MEXICANOS – AS BARREIRAS GEOPOLÍTICAS DOS MOVIMENTOS DA AMÉRICA LATINA E CARIBE .....	143
3.1. Externalização de Fronteiras e a fábrica do país-muro.....	146

3.1.1 Fronteira Vertical e País Tampão .....	157
3.2. Caracterização da Mobilidade no México .....	158
3.2.1. Refúgio .....	161
3.2.2. Motivos de migração .....	165
3.2.3. O México como corredor migratório .....	167
3.2.4. Violência contra os migrantes .....	170
3.3. Caravanas migrantes de 2018: Êxodo massivo e insurgente .....	179
3.3.1. Caravanas migrantes no México: nova forma de luta migrante? .....	190
3.4. A externalização de fronteiras contemporânea: Pós-caravanas, “Quédate em México” e México como o terceiro país seguro. ....	196
3.4.1. Crise dos Aranceles .....	197
3.4.2. México como terceiro país seguro .....	199
<b>CAPÍTULO 4 – OS MUROS DA ESTIGMATIZAÇÃO: ANTES INVISÍVEIS, AGORA INDESEJADOS, O CRESCIMENTO DA XENOFOBIA NO MÉXICO.....</b>	<b>205</b>
4.1. Migração ou invasão? .....	211
4.1.1. Solidariedade aos migrantes .....	213
4.1.2. Recepção da diáspora haitiana em Tijuana.....	220
4.2. A construção do migrante como ameaça .....	225
4.2.1. Criminalização .....	227
4.2.2. A construção do bom migrante.....	233
4.2.3. Prática do racismo contra migrantes.....	235
4.2.4. Discriminação de classe social contra migrantes.....	243
4.2.5. Mulheres migrantes .....	245
<b>CAPÍTULO 5 - OS MUROS BUROCRÁTICOS E A DISCRIMINAÇÃO ESTRUTURAL: SITUAÇÕES COM RELAÇÃO AO ESTADO .....</b>	<b>252</b>
5.1. Agentes migratórios e privação de liberdade.....	257
5.1.1. Estações migratórias .....	263
5.3. Acesso a direitos e serviços .....	271
5.3.2. Regularização migratória.....	279
5.3.4. Educação.....	287
5.3.5. Moradia.....	291
5.3.6. Emprego e trabalho.....	294
5.3.7. Serviços bancários .....	301
5.4. Políticas antidiscriminatórias.....	303



CAPÍTULO 6 - ORGANIZAÇÕES PRO-MIGRANTES E INTERNACIONAIS NA DEFESA DA POPULAÇÃO EM MOBILIDADE.....	310
6.1. Desafios das organizações pro-migrantes.....	312
6.1.1. Os Defensores de Direitos Humanos dos Migrantes .....	317
6.1.2. A Indústria das Migrações .....	320
6.2. As organizações pro-migrantes e a discriminação estrutural.....	325
REFLEXÕES FINAIS .....	330
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	344

## INTRODUÇÃO

A tese aborda a discriminação contra migrantes latino-americanos e caribenhos em mobilidade pelo no corredor México - Estados Unidos. Pretende-se tecer a reflexão sobre as definições e os usos tanto analíticos quanto práticos da categoria. Para além de estudar a complexidade dos conceitos e categorias relacionadas à discriminação para uma prática antidiscriminatória, a tese defende que a compreensão do fenômeno é chave para descobrir os processos de exclusão vivenciados pelos migrantes que cruzam o México, caracterizando-a como uma discriminação consubstancial conectada aos sistemas de opressão que reproduzem a desigualdade.

Uma das imagens mais emblemáticas do debate atual sobre os grandes fluxos migratórios no mundo é a da imensa fronteira murada entre os Estados Unidos das Américas – EUA e o México. A posição geográfica de vizinhança do México com os Estados Unidos constituiu um espaço de trânsito obrigatório para aqueles que desejam migrar para aquele país.

Todos os anos o México recebe milhares de migrantes que cruzam o país à revelia das instituições em busca de uma oportunidade de refazer suas vidas nos EUA. Os migrantes internacionais seguem o fluxo do capital que dita as inserções laborais e, por esse motivo, veem na imigração uma forma de saída de sua condição social desigual. Além disso, a migração de trânsito pela região, de origem caribenha, centro-americana e extracontinental; também é feita de pessoas expulsadas, ela reflete o deslocamento interno devido à violência, pobreza neoliberal, desastres ambientais, que gera os mais diversos tipos de mobilidade humana: migração econômica, migração ambiental, migração de trânsito, fluxos de retorno, deslocamento interno e desenraizamento (DURAND, 2020, p.19-20).

No sistema internacional, os países chamados periféricos, especialmente do Sul Global<sup>1</sup>, desempenham um papel de forte dependência em relação às economias hegemônicas do Norte e, nesse quadro de profunda desigualdade, seus habitantes deslocam-se em direção a esses países do Norte, em uma tentativa de superarem a desigualdade. Concomitante à história do subdesenvolvimento da América Latina, integra-se a história do capitalismo mundial, resultando impossível desvincular a dependência e a fragilidade social do fenômeno neoliberal (GALEANO, 1979, p.14).

---

<sup>1</sup> Sul global é um termo utilizado em estudos pós-coloniais e transnacionais que pode referir-se tanto ao terceiro mundo como ao conjunto de países em desenvolvimento, que em geral, localizam-se no hemisfério sul do globo (abaixo da linha do Equador), mas não necessariamente, pois o termo se refere mais à divisão econômica internacional que à localização geográfica.

A pessoa migrante enfrenta um caminho de incertezas desde a saída de seu país de origem. Independentemente das condições da migração, e se é um migrante voluntário ou involuntário, o processo em si mesmo de adaptação e inclusão em uma nova sociedade já é extremamente difícil. Questões como condição legal, status de cidadania, reconhecimento de direitos políticos e assimetria de poder entre estrangeiros e nacionais impactam na vulnerabilidade da população migrante.

Em outubro de 2018, muitos desses migrantes decidiram caminhar juntos em um esforço de se protegerem dos perigos de cruzar o México, formando as caravanas migrantes. Essa movimentação chegou a juntar cerca de 7 mil migrantes em um mesmo espaço e mobilizou tantos outros grupos (COLEF, 2018), principalmente até fevereiro de 2019, desde a fronteira sul do México até à fronteira com os Estados Unidos.

Tal evento na fronteira gerou discursos e imagens de invasões de migrantes, que, juntamente com a posição conservadora e as ameaças do presidente Donald Trump, criaram as condições propícias para o surgimento de grande hostilidade dirigida a eles. Manifestações xenofóbicas e discriminatórias foram evidenciadas em sua passagem por cidades do México (NEIRA, 2019).

O potencial político do medo da migração não é novo (CLASTLES, 2003), mas no México esse fenômeno está se tornando mais do que nunca um fato. O discurso anti-imigrante, é o mesmo que prevalece nos Estados Unidos. Imperando uma ideologia de criminalização transfronteiriça que alimenta estigmas e resultam no tratamento desigual desta população, aumentando sua vulnerabilidade e a excluindo do reconhecimento de sua cidadania (ALBICKER; VELASCO 2016).

A *Encuesta Nacional Sobre Discriminación en México* (ENADIS 2010), diagnostica discriminação e intolerância na sociedade mexicana contra os imigrantes, dado esse que confronta diretamente o discurso e o imaginário de uma sociedade que se diz multicultural, hospitaleira e generosa com aqueles que vêm de fora. Os resultados divulgados apresentam atitudes explícitas de xenofobia e discriminação contra pessoas migrantes, além de uma relativa intolerância à diversidade na sociedade mexicana. A discriminação promove a exclusão social e aumenta o nível de desigualdade dessa população, dificultando sua integração no México.

A construção da imagem do migrante como essencialmente pobre, ignorante, um “outro” racial e culturalmente diferente, reforça estigmatizações racializantes, acirrando comportamentos discriminatórios e racistas, excludentes e essencialistas, gerando restrições de cidadania, violações de direitos e os mais diferentes abusos. Tal situação dificulta o acesso dos migrantes a serviços públicos, promove maior hierarquização e exclusão sociais e os coloca em

condição de extrema-vulnerabilidade. Assim, podemos afirmar que entre as razões sociais que promovem um processo de exclusão dos migrantes do acesso aos direitos sociais, a discriminação se destaca.

Em se tratando da América Latina, os desafios com relação à luta contra a discriminação são grandes. A discriminação foi intensificada com o movimento de colonização europeia, momento em que é forjada a ideia moderna sobre o "um" (sujeito pretensamente universalizante e que corresponde ao europeu, ao colonizador) e o "outro", o indígena e o negro (CARVALHO, 2004; DUSSEL, 2000). América Latina traz marcas de um passado colonial que podemos classificar como profundamente etnocêntrico. A hegemonia europeia no mundo faz com que se confunda muitas vezes o conceito de “etnocentrismo” com “eurocentrismo”, misturando-se as questões étnico-raciais e localizando este etnocentrismo a partir da ideologia desenvolvida na Europa.

Após a independência, as ex-colônias latino-americanas e caribenhas passam por processos de formação da sua identidade e da construção dos seus Estados-nação. As sociedades latino-americanas herdaram da Europa uma forte tendência de homogeneização da população como forma de integração social, orquestrado pelas elites dominantes do país. A nação, obviamente, não é homogênea, pois nela estão presentes diferentes classes sociais, grupos étnicos e raciais diversos. As identidades nacionais têm que ser fortemente generalizadas para que isso aconteça (HALL, 2001, p. 61). Na dinâmica dos povos colonizados a hegemonia cultural coloca o colonizador na condição de “único povo”.

O homem sujeito de direitos é uma abstração, uma figura originada na dissolução da sociedade feudal. Este homem vive na sociedade civil, mantém relação com outros indivíduos independentes e é o agente da troca mercantil. A sua condição do sujeito lhe concede igualdade, liberdade e propriedade; sem essas três condições concomitantes, não haveria o sujeito de direitos, o homem burguês foi, desta forma, elevado à posição de homem universal. Os direitos do homem foram um argumento revolucionário na Revolução Francesa. A realeza ao negar os interesses da burguesia estaria negando também os direitos naturais do homem. “A luta contra os resquícios feudais não foi exatamente uma luta pelo reconhecimento dos Direitos Humanos, mas pelo domínio do mercado, os Direitos Humanos não eram o fim, mas o meio” (KASHIURA JUNIOR, 2009).

Para alguns teóricos, especialmente os vinculados à teoria crítica dos direitos humanos (SEGATO, 1998; HERRERA FLORES, 2005; GALLARDO, 2014), a crise de efetivação dos direitos humanos nas sociedades atuais fundamenta-se na contradição do sistema liberal

capitalista, onde se exige igualdade jurídica formal para a legitimação de uma política, e, ao mesmo tempo, se produz desigualdade social material (KASHIURA JUNIOR, 2009).

Os direitos humanos de maneira geral, não só o princípio da igualdade, atualmente padecem de uma crise de efetivação, a dinâmica social das relações de poder tem um papel chave nesse processo, pois o próprio direito cumpre o seu papel na preservação de privilégios. O que está por trás das normas jurídicas dos direitos humanos tradicionalmente pensados, ou seja, o fato de elas explicitarem o pensamento de uma ideologia dominante que tem em todas as suas atuações (dentre elas a elaboração de normas) clara expressão de seus ideais e valores, é a tentativa de manutenção do status quo (LEMOS, 2014).

A ordem hegemônica atual do sistema de acumulação capitalista está baseada na exploração/exclusão dos trabalhadores migrantes e o uso de suas vulnerabilidades ou de sua condição legal é feito para reduzir custos e maximizar ganhos através da transnacionalização da mão de obra<sup>2</sup>. As migrações internacionais constituem um tema relevante na atualidade e isso tem sido demonstrado, especialmente, pelos estudos dedicados à proteção dos direitos humanos dos migrantes que constata os processos de violência, exclusão e desigualdade que sofrem. As campanhas internacionais existentes que defendem o direito à migração apoiam-se em lemas como “nenhum ser humano é ilegal” em busca de reforçar a humanidade do sujeito migrante e destacar, portanto, que ele é merecedor de tratamento igualitário. É nesse sentido, com o objetivo de reforçar a condição humana e dar visibilidade aos problemas vividos pelos imigrantes, que um estudo sobre a discriminação pode auxiliar na compreensão dos grandes processos de mobilidade.

Os motivos dos atos discriminatórios são múltiplos, dinâmicos, consubstanciais, o que torna a sua análise uma tarefa de grande complexidade. Os imigrantes sofrem situações de discriminação pela sua condição social, origem, cultura, etnia, raça, gênero, entre outros aspectos, dificultando a construção de uma síntese do fenômeno. Cada um desses aspectos costuma ser explicado de maneira isolada, como violações de direitos específicos, nomeadamente, por questões econômicas, invisibilizando a condição do sujeito migrante discriminado.

Trabalhar com a categoria discriminação, especialmente relacionada ao fenômeno da discriminação contra o migrante, pressupõe trabalhar com a intersecção e o cruzamento de diversas outras categorias. A discriminação é ativada pelos signos sociais que os indivíduos são portadores (DUBET, 2013, p.59), e os migrantes em mobilidade pelo México costumam ter

---

<sup>2</sup> Processo pelo qual algo ultrapassa as fronteiras nacionais, englobando mais do que um país. Sobre transnacionalização de capital e mão de obra ver: Rabah Benakouche (1980).

mais de um desses signos que se cruzam, pois existe uma confluência de fatores que podem motivar a discriminação. A discriminação com frequência consiste em duplas ou múltiplas discriminações (GÓMEZ, 2003).

A consubstancialidade auxilia na compreensão do fenômeno, pois argumenta contra a ideia de que as relações de classe se inscrevem unicamente na instância econômica e as relações patriarcais unicamente na instância ideológica, pois as relações de produção entrecruzam exploração, dominação e opressão a partir da apropriação do trabalho (KERGOAT, 2010, p.99). As relações sociais formam um nó que não pode ser desatado ao nível das práticas sociais (KERGOAT, 2010). Os signos sociais são nesse paradigma não apenas motivos ou qualificadores de diferença, eles são sistemas de opressão que se articulam e demonstram a importância de abordar as diferentes relações de poder na sua consubstancialidade.

O sujeito migrante congrega em si diversos tipos/ motivos de discriminação. Assim, caracterizar a discriminação que ele sofre como uma **discriminação consubstancial** é importante para, finalmente, compreender as suas características, pois não há como analisar a realidade em profundidade sem compreender que a estrutura está ligada a sistemas de poder e dominação: patriarcado, capitalismo e racismo (DANTAS, 2018, p. 3).

Um dos grandes problemas para o avanço da pauta antidiscriminatória consiste exatamente na falta de delimitação e compreensão da discriminação como fenômeno estrutural com efeitos importantes no cotidiano dos grupos afetados. A luta antidiscriminatória acaba se restringindo a uma atuação focada no indivíduo ou sem conseguir provocar maiores impactos no fenômeno como um todo. Isso se deve, em muito, à compreensão do que se entende como discriminação. Assim, aprofundar esse debate e compreender a sua característica estrutural e a centralidade da discriminação para a busca da igualdade social é fundamental.

Para além disso, o conceito de discriminação, por mais avançado que seja no sentido da garantia de direitos do indivíduo, ainda reproduz a partir da ideologia liberal uma perspectiva individual que culmina na falta de efetividade de uma luta contra a sua existência na sociedade.

Com relação ao combate à discriminação e à efetivação de direitos, este segue o mesmo caminho da luta pela efetivação dos direitos humanos que são constantemente negociados pelos diferentes grupos de poder. Embates que podem ser observadas dentro de um Estado, envolvendo diferentes grupos, interesses e ideologias de poder. A fundamentação teórica e as lentes disciplinares envolvidas na aplicação de leis e políticas públicas em grupos sociais sofrem influências destas negociações. O envolvimento direto do grupo social no processo de materialização de um direito ou política é fundamental para o sucesso da empreitada (FLORES, 2005a).

A discriminação é um problema estrutural nas sociedades e afeta diretamente no reconhecimento de direitos, promovendo desigualdades sociais e exclusão sistemática de grupos populacionais. Para a redução das desigualdades econômicas é preciso, antes de tudo, denunciar as distâncias sociais que as naturalizam, justificam e legitimam. Sendo assim, a perspectiva adotada na tese é a centralidade da discussão conceitual, pois as disputas nos campos teóricos refletem na efetividade dos mecanismos de proteção das populações discriminadas na sociedade, e até então não alcançadas as epistemologias adotadas. As análises ao não desenvolverem uma crítica substancial ao sistema econômico vigente, não representam uma ameaça real às opressões que reproduzem a desigualdade (YOUNG, 1990).

A tese traz como discussão teórica os vínculos entre discriminação, migração e desigualdade, tendo como perspectiva de análise central a discriminação consubstancial que afeta a população migrante centro-americana em trânsito para os Estados Unidos da América, vista em geral como um público indesejado, descartável, despossuído e desumanizado.

O tema que proponho nessa tese esteve longo tempo presente em minha trajetória profissional. Desde minha graduação estive trabalhando com direitos humanos, a minha busca como estudante de Relações Internacionais sempre foi compreender os efeitos locais das políticas globais. Pude entrar mais diretamente no tema na esfera profissional quando, como funcionária do Ministério da Justiça tive a incumbência de elaborar um relatório no âmbito de uma cooperação internacional sobre o Acesso à justiça para a juventude negra no Brasil. Esse trabalho me conduziu a conhecer, no ano de 2013, de maneira particular, as atividades institucionais francesas contra a discriminação.

Ao observar que mesmo em países considerados internacionalmente como portadores de uma institucionalidade sólida, e no caso na França com o discurso de Igualdade, Liberdade e Fraternidade da Revolução Francesa ainda presente nos seus representantes institucionais, há uma imensa dificuldade em encontrar formas de efetivar o princípio da não discriminação. Em 2013 havia somente dez anos que esforços concentrados sobre o tema estavam sendo realizados, no sentido da criação de leis e instituições específicas.

Quando se trata de discriminação, muitos dos esforços realizados vão no sentido de provar que ela existe, que determinado grupo vulnerabilizado realmente padece dos efeitos de um trato desigual, para só depois, envidar esforços para criar soluções para conter os efeitos dos atos discriminatórios. São complexas as relações sociais e institucionais que envolvem a luta contra a discriminação em países que por seu histórico de reconstrução pós-segunda guerra mundial embasado nos Direitos Humanos já deveriam ter obtido avanços mais efetivos no tema.

Tal visita técnica me provocou a indagar de que maneira, especialmente na América Latina, estavam sendo envidados esforços para pensar e efetivar políticas antidiscriminatórias.

Em 2016, minha dissertação de mestrado, intitulada: “A luta institucional antidiscriminatória: Um estudo de caso do CONAPRED e da atenção à discriminação contra imigrantes centro-americanos no México”<sup>3</sup>, tratou novamente do tema. A dissertação buscou discutir a resignificação do princípio da não discriminação na arena política, a partir do estudo de caso do *Consejo Nacional para Prevenir y Eliminar la Discriminación (CONAPRED)*<sup>4</sup> do México e da atenção da instituição, observando as insuficiências e avanços dos mecanismos antidiscriminatórios aplicados aos imigrantes centro-americanos no país.

Também em 2016, fiz parte de uma pesquisa para a Organização dos Estados Ibero-americanos sobre discriminação étnico-racial contra migrantes, intitulada: “Estudo para a identificação de situações de discriminação vinculadas a etnia e raça em contextos migratórios”<sup>5</sup>. Essa pesquisa envolveu um levantamento de dados sobre o tema discriminação étnico-racial e de gênero contra migrantes em quatorze países ibero-americanos: Argentina, Bolívia, Brasil, Costa Rica, Chile, Equador, Espanha, México, Paraguai, Peru, Uruguai, Colômbia e a Venezuela. As informações coletadas foram sobre números e perfil da população migrante, legislações nacionais, instituições específicas para a assistência ao migrante e de luta contra a discriminação, entre outras. A pesquisa proporcionou um panorama sobre a discriminação étnico-racial contra a população migrante nos países ibero-americanos e sobre as legislações e instituições existentes para a sua proteção. Findas a dissertação e a pesquisa, percebi a necessidade de aprofundar e ampliar o estudo da discriminação, enquanto categoria de análise central, para buscar compreender melhor seu impacto na vivência dos migrantes e nos processos de inclusão e exclusão deles nas sociedades de acolhida ou de trânsito.

Durante o doutorado, tive a oportunidade de realizar um período de seis meses de intercâmbio como pesquisadora na *École des hautes études en sciences sociales (EHESS)* no *Centre d'étude des mouvements sociaux (CEMS)*, sob a orientação da Dra. Alexandra Poli. A doutora Alexandra dedica-se ao tema da migração e do racismo há vários anos, especialmente migração magrebina para a França, no âmbito da sociologia da discriminação. O contato com a professora e seus colegas de pesquisa me permitiram aprofundar em perspectivas teóricas

---

<sup>3</sup> A dissertação foi orientada pela Profa. Rebecca Igreja

<sup>4</sup> O CONAPRED tem como função promover políticas antidiscriminatórias no México.

<sup>5</sup> Pesquisa Coordenada pela Professora Rebecca Igreja, integrava os estudantes: Nathalia Vince Esgalha Fernandes / Martin Leon Jacques Ibañez de Novion / Isabel Cristina Naranjo Norena / Dalila Noletto Torres / Hamilton Richard Alexandrino Ferreira dos Santos / Naila Ingrid Chaves Franklin / Amanda Pedroza / Giovana Cristine Nobre Da Silva / Jamila Odeh-Moreira / Sofia Curto Tochetto / Tasso Tannus / Vanessa Gomes Zanella



sobre o tema e observar um outro contexto diferenciado de grandes fluxos migratórios, como o da África em direção à Europa.

O estudo sobre a discriminação, que nesses contextos se apresenta de forma múltipla, permite observar a interrelação dos diversos elementos que circundam esses processos de inclusão e exclusão vividos e como eles impactam diretamente na proteção dos direitos humanos dessa população. Essa tese visa proporcionar uma reflexão sobre a discriminação de forma ampliada, incluindo novos trabalhos de campo e novas perspectivas teóricas. Para isso, outras visitas de campo ao México foram realizadas no período do doutorado.

Todas as experiências internacionais e de trabalho de campo me auxiliaram a observar na prática as questões teóricas que analisava sobre a discriminação, assim como os problemas e as demandas que possuíam a população estudada. Isso foi possível pela intensa convivência com os migrantes, com os defensores de direitos humanos, diretivos e funcionários de albergues, acadêmicos. Pessoas que as acolhem há muitos anos a população em mobilidade que atravessa o México em direção aos Estados Unidos.

A presente tese é um trabalho desenvolvido como uma continuação da dissertação de mestrado, ainda que a partir de um foco distinto, o tema principal, a discriminação contra migrantes, permanece o mesmo. Assim, as informações coletadas para a construção da dissertação também foram utilizadas para reflexão da tese e o trabalho de campo da dissertação como um trabalho exploratório e norteador.

A tese optou pelo método qualitativo, utilizado em pesquisa social para a produção do conhecimento em profundidade, depurando, elaborando imagens e conceitos, com a finalidade dar voz a muitos grupos sociais; de produzir conhecimento e interpretar fenômenos importantes para a compreensão da sociedade; e de elaborar novos conceitos e novos marcos teóricos, contribuindo para o progresso da teoria (RAGIN, 2007, p.73). O método de pesquisa é como “um conjunto de procedimentos lógicos, por meio de regras orientadoras, que irão guiar o pesquisador para o alcance de seus objetivos de pesquisa, favorecendo sua compreensão e suas ações à frente do fenômeno que deseja desvendar, garantindo a cientificidade desse processo” (UTTA et al., 2020).

A pesquisa foi realizada a partir de fontes de pesquisa bibliográfica, análise documental, entrevistas presenciais e à distância, imersão de caráter etnográfico a partir de observação participante.

Como método e técnica qualitativa foi utilizado o estudo de caso, método foi utilizado o estudo de caso em conjunto com a observação participante e entrevistas semiestruturadas, de

maneira a possibilitar ver os fenômenos sociais em seus contextos envolvendo muitas variáveis e fontes de evidência (YIN, 2005).

O estudo de caso tornou-se uma das principais modalidades de análise das Ciências Sociais, com foco em trabalhos de campo sobre organizações ou comunidades, pois é interessante para a análise de um fenômeno ou grupo específico (BECKER, 1997, p.117). O que se busca é aprofundar em um caso específico, buscando generalizar teorias e não enumerar frequências, a partir de teorias e conceitos que surgem no contexto da pesquisa (IGREJA, 2017, p.21).

Nesta pesquisa buscou-se focar na observação dos problemas que envolvem a desigualdade, exclusão e categorização dos migrantes, mantendo o foco nas estratégias das instituições de defesa dos direitos humanos das pessoas em mobilidade e no combate da discriminação no México, além de outras políticas estatais para este público. Foram coletadas informações das instituições que trabalham diretamente com a população migrante, os desafios que apontam, como encaminham as demandas e quais as soluções encontram para auxiliar na defesa da população migrante e refugiada no período de trânsito.

A revisão bibliográfica foi realizada visando à reflexão sobre o problema da pesquisa e o diálogo com as realidades encontradas. Os dados e as informações coletadas na pesquisa bibliográfica e na análise documental foram sistematizados e analisados para criar o referencial teórico da tese.

Para a coleta de dados, foram realizadas principalmente entrevistas semiestruturadas, que se caracterizam pela utilização de um roteiro previamente elaborado. “A entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dão frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes” (TRIVIÑOS 1987, p. 146).

Além das entrevistas semiestruturadas também foram feitas entrevistas em profundidade e trabalho de campo de caráter etnográfico, a partir da observação participante nos períodos de imersão. O trabalho de campo etnográfico, nascido especialmente a partir dos estudos de Bronislaw Malinowski (1976), implica na realização de uma imersão na sociedade ou grupo em que se estuda, com a finalidade de registrar com pormenores suas experiências e interpretações sobre a problemática que se busca analisar. Malinowski entendia a etnografia como fonte de informações concretas e objetivas a partir dessa convivência no campo de estudo. A tese também vai se inspirar em novos trabalhos com base em etnografias, buscando como relatam, realizar um trabalho de interpretação de evidências simbólicas e dos sentidos que emanam do campo e dos discursos das pessoas (DE OLIVEIRA, 1998).

Assim o campo foi constituído pela realização de entrevistas, conversas informais, visita e permanência em alguns albergues<sup>6</sup>. Todas as impressões também foram registradas e utilizadas na análise. Houve momentos do trabalho de campo e entrevistas que contaram com a participação e foram compartilhados com outros pesquisadores (em 2018 com o pesquisador Igor B. Cunha do CSEM, e em 2019 com as Professoras Odile Hoffmann e Maria Teresa Rodriguez, ambas do CIESAS), o que trouxe uma riqueza maior para as análises do tema, algumas feitas coletivamente.

Além dos albergues, foram entrevistados: autoridades, funcionários de instituições governamentais e não governamentais, organizações internacionais, representantes de consulados, acadêmicos, e a população em mobilidade hospedada nas casas de acolhida ou já integradas nas cidades pesquisadas. As organizações trabalhavam diretamente com os temas de direitos humanos, discriminação e migrações internacionais. As entrevistas foram realizadas presencialmente e à distância. A observação participante foi realizada nos períodos de imersão dentro dos albergues nos trabalhos de campo de 2018 e 2019.

As entrevistas, conversas e relatos de campo foram transcritos e sistematizadas com a ajuda dos softwares N-vivo e QDA-Miner, que auxiliaram nas transcrições, sistematização e análise do volumoso material que continha mais de 86 horas de gravação, somados os campos de 2018 e 2019.

Conforme mencionado, a construção desse trabalho de tese foi norteadada por questões surgidas na dissertação de mestrado. O período de campo da dissertação e visitas serviram como uma pesquisa exploratória e uma referência comparativa para o desenvolvimento do tema nas outras incursões de campo realizadas no doutorado.

A visita de campo do período da dissertação de mestrado, portanto, foi realizada na Cidade do México no primeiro semestre de 2015. O objetivo à época foi realizar uma análise das políticas antidiscriminatórias do *Consejo Federal Prevenir y Eliminar la Discriminación* (CONAPRED), e aplicação destas políticas na discriminação contra migrantes centro-americanos no país. O foco central da pesquisa foram as políticas do CONAPRED - órgão responsável pela criação de mecanismos contra a Discriminação no México. A pesquisa foi um estudo de caso de caráter etnográfico institucional. Foram realizadas visitas diárias ao órgão com o objetivo de observar toda a construção da política antidiscriminatória. Foram realizadas visitas e conversas todas as áreas relevantes da instituição, incluindo a presidência, coletados diversos tipos de materiais bibliográficos no centro de documentação do órgão.

---

<sup>6</sup> Serão detalhados no subitem Trabalho de Campo.

FIGURA 1 - PRÉDIO DO CONAPRED NO MÉXICO



FONTE: Google Street View

Ao todo foram realizadas 33 entrevistas semiestruturadas, 17 no CONAPRED e as outras em diferentes instituições divididas em: 1) órgãos do governo: COMAR e COPRED; 2) Organismos de Direitos Humanos: Comissão Nacional de Direitos Humanos, Comissão de Direitos Humanos do Distrito Federal; 3) Organizações Pro-Migrantes: *Casa de los Amigos*, *Casa de Refugiados*, *CAFEMIN*, *Sin Fronteras IAP*; e 4) Acadêmicos que se dedicam aos temas de discriminação e migrações no México.

O maior contato no período foi com os funcionários públicos federais que tinham conhecimento dos diversos tipos de discriminação de maneira transversal e uma visão bastante ampla do fenômeno discriminatório no México: as raízes socioculturais, econômicas, as estratégias de combate, as medidas legislativas, de regulação e de capacitação necessários para combater institucionalmente a discriminação. Além de fomentarem a produção de pesquisas e material bibliográfico sobre o assunto, algo quase inexistente no México e na América Latina à época de sua criação no início dos anos 2000. Contudo, havia pouco material, estudos e conhecimento no CONAPRED a respeito das especificidades da discriminação contra a população migrante. Da mesma forma, poucas eram as denúncias e queixas de discriminação recebidas pelo órgão efetivadas pela população migrante.

O México é um país de grandes proporções com uma realidade bastante diversa em cada unidade federativa. O fato de ser também uma federação também influencia nas leis e forma de funcionamento das instituições locais.

Os movimentos populacionais também se alteram de acordo com a região e as realidades vividas. A atuação dos albergues e a recepção da sociedade local aos migrantes é muito diferente em cada parte do país. Sendo assim, é muito difícil realizar generalizações sobre os movimentos populacionais em um território tão extenso. A rota dos migrantes estudados na pesquisa inicia no Caribe ou América Central, e cruza todo o México para chegar aos EUA. Algumas vezes ela pode ser ainda mais extensa indo para a América do Sul para depois subir em direção ao norte. Facilitou a compreensão da diferença das localidades o fato de a pesquisa ter sido realizada em várias partes do país: um período ao norte – em Tijuana, Baja California, um período ao sul – em Oluta, Acayucán e Xalapa e um período no centro, na Cidade do México. As questões apontadas na tese são um retrato do que foi possível presenciar e ouvir nos locais visitados. Apesar disso as muitas das questões relatadas se repetiram nas entrevistas em todas as localidades.

O segundo trabalho de campo foi realizado já no período do doutorado, durante o campo para a pesquisa “*Reconstruyendo la vida en la frontera: asistencia y atención a migrantes en la Frontera Norte de México*” (CSEM, 2019)<sup>7</sup>, realizada pelo Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios na cidade de Tijuana, Estado de Baja Califórnia, fronteira com os Estados Unidos.

---

<sup>7</sup> Pesquisa Coordenada pela Professora Delia Dutra e integrada por: Tufla Botega, Nathalia Vince E. Fernandes, Igor B. Cunha, e Pedro Russi.

FIGURA 2 – MAPA TIJUANA



FONTE: Google Maps

Tijuana é uma cidade bem especial quando se fala de migração. Fronteira entre o México e ao EUA, possui 2 guaritas nas quais atravessam centenas pessoas por dia. É por aí também que são retornados os migrantes deportados para o México. A cidade também recebe fluxos de migrantes internos que desejam cruzar para os EUA bem como os migrantes de outras nacionalidades com o mesmo desejo.

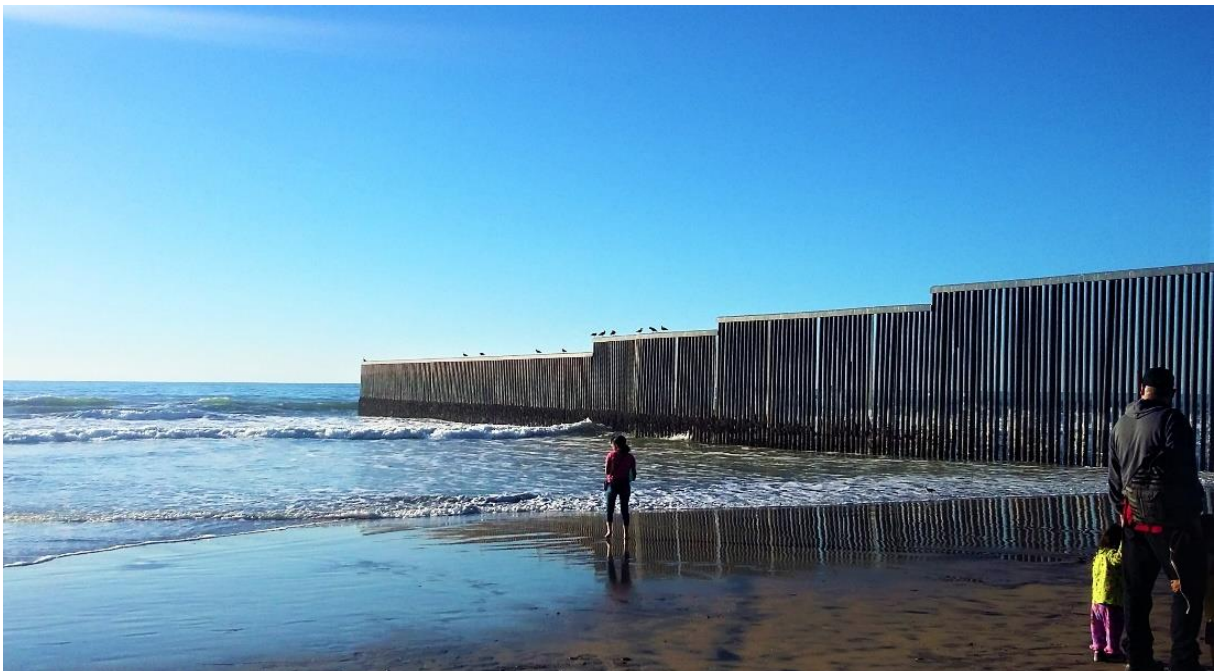


FIGURA 3 - GARITA DE SAN YSIDRO – TIJUANA



FONTE: JORNAL 20 MINUTOS

FIGURA 4 - MURO EM PLAYAS DE TIJUANA – TIJUANA/MÉXICO



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

Em Tijuana, muitos dos migrantes que tentam cruzar e os que são retornados pela fronteira estabelecem-se na cidade. Os motivos para ficarem são diversos, os deportados muitas

vezes, não tem para onde regressar, não possuem mais família, ou se vergonham do projeto migratório malsucedido e preferem não retornar aos seus países. Além disso, há de se recordar que há os que saíram fugindo da violência em seus países, como pode ser o caso de grande parte dos centro-americanos, caribenhos. Há, igualmente, aqueles que simplesmente não desistiram de vir para os EUA e preferem ficar na cidade a espera de uma nova oportunidade. Essas pessoas, a princípio, ficam nos albergues, buscam trabalho em busca de encontrar uma maneira de sobreviver em Tijuana.

Há muitos desafios nesse processo de tentar estabelecer-se em Tijuana, buscar trabalho, moradia e se inserir na comunidade. Tijuana é uma cidade composta por uma grande porcentagem de pessoas migrantes, nacionais ou internacionais; situação típica de uma região de fronteira. Como o fluxo é bastante intenso, políticas institucionais têm buscado apoiar apenas aos recém-chegados, desconsiderando os que aí vivem há mais tempo. Para as autoridades, só é considerado como migrante aquele que chegou à cidade no mínimo há seis meses.

No período do campo, as caravanas e a situação mais complexam de pessoas estancadas na fronteira México-EUA ainda não havia ocorrido, de forma que os desafios extras da situação não aparecem nas entrevistas. À época as instituições ainda se reestruturavam após a passagem de uma grande quantidade de migrantes haitianos em 2016 e 2017. Pelo que se pôde notar pelas pesquisas e pela mídia, a dinâmica de Tijuana foi alterada novamente após 2018 com as milhares de pessoas que chegaram com as caravanas para pedir asilo nos EUA, e com o início do Programa “*Quédate em México*” ou em inglês “*Migrations Protection Protocols*” (MPPs).



FIGURA 5 - MURO TIJUANA: OBRA ENRIQUE CHUI



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

Em Tijuana não foi observado o Estado presente com apoio e políticas para auxiliar a população em mobilidade. Os responsáveis por realizar acolhida e oferecer ajuda aos migrantes – hospedagem, assistência legal, médica, psicológica e os inserir em programas sócio laborais na cidade eram os albergues, que em sua maioria são fomentados por igrejas, católicas ou evangélicas, e organizações internacionais.

Pela sua localização na fronteira com os EUA, Tijuana foi das cidades visitadas nos trabalhos de campo, a que concentrava mais instituições de apoio a migrantes, a que possuía instituições mais antigas, e na minha avaliação onde havia organizações mais estruturadas para oferecer este tipo de atenção.

Como trabalho de campo foi realizado um período de imersão no Instituto Madre Assunta entre janeiro e fevereiro de 2018. O Instituto Madre Assunta é um albergue que acolhe mulheres e criança migrantes promovendo um atendimento integral, que vai de necessidades básicas de alimentação e abrigo até apoios como assistência jurídica, social, de saúde, oficinas etc. O albergue tinha capacidade para 45 pessoas, mas em períodos de necessidade chegou a abrigar cerca de 250 pessoas. A população recebida era principalmente de mulheres e crianças

que haviam sido recém deportadas dos EUA e migrantes mexicanas e de outras nacionalidades que buscavam ir para os EUA.

FIGURA 6 - FRENTE DO INSTITUTO MADRE ASSUNTA



FONTE: Google Street View

O aspecto do albergue era de uma grande casa de família, bastante limpo, contendo pátio grande – onde se oferecia também refeições para a população em situação de rua, área de limpeza, salas de doações e dispensa, cozinha, sala de refeições, oficinas de trabalho, consultório, dormitórios grandes para as migrantes com duchas e banheiros integrados, salão para oficinas e missa, sala usada de capela, e dormitórios individuais para as irmãs.



FIGURA 7 - PÁTIO EXTERNO INSTITUTO MADRE ASSUNTA



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

O período dentro do albergue teve caráter etnográfico, a hospedagem foi realizada junto com as irmãs que o dirigem e a estância com a população era realizada todos os dias de 7h da manhã até geralmente às 20h ou 21h, acompanhando a rotina das irmãs. As irmãs despertavam para a oração às 5h, pelo que se podia escutar do dormitório, passavam o dia com as tarefas do albergue e retornavam para dormir após o jantar, todos os dias da semana, com pequenos períodos de descanso nos fins de semana. Neste período foram realizadas observações do cotidiano, das dinâmicas, e auxílio nas atividades diárias do albergue, tais como preparação e distribuição de alimentos, limpeza, celebrações internas, oficinas, venda de itens, acompanhamento de migrantes fora do albergue etc.

FIGURA 8 - ALBERGUE DEL DEPORTADO SAGRADO CORAZÓN – TIJUANA CASA



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com funcionários, voluntários, diretivos do albergue, e com migrantes hospedadas no albergue e já inseridas em Tijuana. Foram realizadas além de entrevistas, conversas informais durante a participação nas atividades, tarefas, refeições etc. A busca era por interações que favoreciam o diálogo e não intimidasse os interlocutores. Buscou-se cobrir a diversidade de atores participantes nas instituições e capturar a riqueza dos diferentes lugares de fala (CSEM, 2018).

Além da imersão dentro do albergue, foram realizadas visitas a outras instituições externas ao albergue na Cidade de Tijuana, e presença em atividades relacionadas aos migrantes que aconteceram na cidade no período. Todas as instituições entrevistadas eram instituições que de alguma forma estão ligadas ao serviço de atenção à população em mobilidade (migrantes, refugiados, retornados, deportados) e defesa de direitos humanos, governamentais e não governamentais, tais como: *Ángeles Sin Fronteras*, *Dirección de Atención a migrantes del gobierno de Zacatecas*, *Atención a migrantes del municipio de Tijuana*, *Border Church*, *Borders Angels*, *Casa de Oración*, *Casa del Deportado Sagrado Corazón*, *Casa del Migrante*, *Casa YMCA para menores migrantes*, *CNDH – Comisión de Baja California*, *Coalición Pro*



*defensa del migrante, COCUT, Ejército de Salvación, Movimiento Juventud 2000, e Roca de Salvación.*



FIGURA 9 - Preparação de alimentos - Instituto Madre Assunta – Tijuana/2018. Fonte: Arquivo Pessoal



FIGURA 10 - Missa – Instituto Madre Assunta – Tijuana/2018. – Fonte: Arquivo Pessoal



FIGURA 11 - Alimentação pronta para servir a população em situação de rua. - Instituto Madre Assunta – Tijuana/2018. Fonte: Arquivo Pessoal



FIGURA 12- Pátio com mesa preparada para o almoço externo - Instituto Madre Assunta – Tijuana/2018. Fonte: Arquivo Pessoal

FIGURA 13 - ALBERGUE CASA DEL MIGRANTE Y DEPORTADO DOÑA ESPERANZA - TIJUANA



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

Por fazer parte de uma pesquisa mais ampla, o roteiro de entrevistas continha vários objetivos, como compreender o atendimento papel das instituições de acolhida aos migrantes de Tijuana. Ainda assim foram incluídas questões sobre tratamento diferenciado e discriminação contra os migrantes em suas estruturas, de forma que foi possível utilizar este campo para refletir sobre aspectos da presente pesquisa, observar gargalos e estruturar outras perguntas para último trabalho de campo.

FIGURA -14 E 15 - ALBERGUE CASA DEL MIGRANTE – TIJUANA



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

O último trabalho de campo foi realizado em 2019 e foi o mais fundamental para os resultados dessa tese. O roteiro elaborado teve o foco direcionado aos desafios enfrentados pela população em trânsito pelo México, especialmente no que concerne as dificuldades em receber um trato igualitário, no acesso a serviços, e da defesa dos direitos desta população. A passagem das caravanas migrantes e toda a cobertura midiática do evento em fins de 2018 e início de 2019 também propiciou um ambiente onde as discussões sobre a população desta pesquisa estivesse mais em evidência no período do último campo.



FIGURA 16 - MAPA DO MÉXICO COM DETALHE NO ESTADO DE VERACRUZ. E CIDADE DO MÉXICO



As atividades foram realizadas em 2 etapas: uma na Cidade do México e outra no Estado de Veracruz. Foram entrevistados nas instituições diretores, funcionários, voluntários, migrantes nos albergues e moradores da cidade. Foram realizadas ao todo 57 entrevistas semiestruturadas, conversas informais, convivência nas atividades e observações em campo. Separarei as atividades por localidade.

A Cidade do México (CDMX) é a única cidade mexicana onde os migrantes não podem ser detidos por não estarem documentados. Ela possui uma lei chamada de *Ley de Interculturalidad, Atención a Migrantes y Movilidad Humana* (2011)<sup>2</sup>, esta lei que tem como objetivo “regular la hospitalidad y propiciar la interculturalidad, así como salvaguardar los derechos derivados del proceso de movilidad humana”, torna a Cidade do México uma “cidade



santuário”<sup>3</sup>. A cidade também tem um histórico de recepção de refugiados guatemaltecos e exilados latino-americanos nos anos 70 e 80.

Apesar do histórico de o Distrito federal não ser uma rota tão frequente para as pessoas em mobilidade até 2014, em 2015, no primeiro trabalho de campo já era possível observar, conforme relatos das instituições, o aumento expressivo de migrantes chegando à cidade. A explicação para essa mudança foi associada aos efeitos do *Plan Frontera Sur*, que gerou um aumento na detenção migratória e alterou a rota que os migrantes tradicionalmente faziam, colocando a cidade como ponto intermédio de um novo trajeto.

A Cidade do México não possui muitos albergues e a maioria dos que existem não recebem pessoas em trânsito. A maior parte dos albergues visitados recebia apenas solicitantes de refúgio e pessoas vítimas de crimes. Contudo, há muitas organizações de apoio e defensores dos direitos humanos voltados para esta população. Muitas organizações de outros estados também possuem escritório na Cidade do México para cuidarem de trâmites e terem maior incidência política no debate sobre o tema. A Cidade do México, como capital do país e sede do governo federal, é onde são decididas as políticas migratórias do país.

É uma das cidades onde é mais fáceis se integrar pelo tamanho e diversidade de pessoas e atividades que circulam por ali, contudo é uma das cidades mais caras do país para se viver, de forma que com o pouco que recebem como trabalhadores informais fico muito difícil manter a estadia na cidade.

Na cidade do México o campo foi realizado com visitas a albergues e instituições pro-migrantes, e uma imersão de caráter etnográfico no Albergue Casa Mambré do *Servicio Scalabrinianas Misión para Migrantes y refugiados* (SMR). A hospedagem foi fora do albergue, com a realização de visitas diárias para acompanhar as atividades e realizar entrevistas.

FIGURA 17 – RECEPÇÃO SMR



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

A SMR é também administrada pelas Irmãs Scalabrinianas. É longa a tradição da congregação de trabalhar com migração na CDMX, durante muitos anos ajudaram na articulação das casas e faziam atendimento a pessoas migrante de distintas maneiras. A SMR é a instituição que atende a distintos programas: O Centro Pastoral de Direitos Humanos, que acompanha migrantes vítimas de delito e solicitantes de asilo e refúgio na Cidade de México e a Casa Mambré que é o Albergue. Há também um Plano de Acompanhamento Integral de Defensores de DH, que realiza o acompanhamento de instituições e pessoas defensores de DH dos migrantes, com uma rede de mais ou menos 15 albergues nesse trabalho.

FIGURA 18 - OFICINA DE DEFENSORES E DEFENSORAS DE DH – 27 A 29/11/2019 - CDMX



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

A equipe é bem maior e mais estruturada que em Tijuana, por exemplo, composta de 22 pessoas e 35 voluntários e 3 irmãs. O prédio é grande, no portão, cinza, não há nenhuma identificação, fica uma pessoa na porta e a recepção além de te pedir identificação, registro com hora de chegada e saída todas as vezes que entra, tem um detector de metal, as bolsas são revistadas e é proibido trazer comida de fora do albergue para evitar contaminação. A segurança é um fator muito importante pelo perfil da população que atendem: solicitantes de asilo e refúgio, migrantes vítimas de delitos no México.

O prédio é amplo e possui 2 andares, mais um terraço. No primeiro andar ficam os escritórios, 6 mais ou menos: a sala da psicologia, área de incidência, inserção sócio laboral, direção área de proteção, escritório onde ficam o advogado e a paralegal e por último um consultório médico. No térreo também ficam as dispensas, a sala, o comedor e a cozinha. No superior ficam os quartos, os banheiros e uma sala de estar. No terraço há a lavanderia e uma pequena horta com ervas e verduras para consumo próprio.





FIGURA 19 -Cozinha – Casa Mambré –  
CDMX/2019  
FONTE: Arquivo pessoal



FIGURA 20 - Dormitório - Casa Mambré -  
CDMX/2019  
FONTE: Arquivo pessoal



FIGURA 21 – Refeitório – Casa Mambré - CDMX/2019  
FONTE: Arquivo pessoal



FIGURA 22 - Banheiros Casa Mambré –  
CDMX/2019  
FONTE: Arquivo pessoal

As pessoas atendidas no albergue necessariamente são canalizadas por outros albergues e redes que possuem ou COMAR e INM. Não atendem às pessoas que chegam, não atendem

mexicanos deportados e não tem o endereço divulgado para a proteção das pessoas que estão ali. Dentro desses solicitantes e vítimas, atendem todos os perfis, homens, mulheres, famílias, adolescentes e crianças não acompanhadas e população LGBTQIA+IQ+. Chegam até eles principalmente migrantes centro-americanos, cubanos, venezuelanos e algumas pessoas do continente Africano.

Todos os migrantes que chegam têm atendimento pelas distintas áreas que os ajudam. Para além ajuda humanitária básica, como hospedagem, saúde, higiene pessoal, alimentos e roupas, a casa conta com área de serviço social, acompanhamento legal, psicologia, médico, dentista, área de inserção sócio laboral, atividades para crianças, oficina, aulas de Ioga, *biblioterapia*, apoio espiritual. Médico e dentista vem apenas algumas vezes na semana e outras atividades também tem seu calendário. A Área legal, assistência social e psicologia atende todos os dias. Os migrantes ficam na casa até que tenham a sua situação regularizada no país, o que significa um período de 3 a 6 meses.

FIGURA 23 – SALA RECREATIVA E SALA DE YOGA CASA MAMBRE.



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

A rotina da pesquisa neste albergue consistiu em conversar com os funcionários, voluntários e migrantes durante o dia, almoçava junto com a população e acompanhava algumas atividades, mas havia mais funcionários contratados para as tarefas de cozinha e limpeza, então não foi possível ajudar tanto nas tarefas como em Tijuana.

As outras visitas e entrevistas foram realizadas em 16 instituições que realizam serviço de atenção à população em mobilidade ou direitos humanos e instituições antidiscriminatórias: *ACNUR, Albergue Hermanos del Camino, Albergue Tochán Nuestra Casa, Cafemin, Clínica*



*Jurídica para Refugiados Alaíde Foppa, Comisión de Derechos Humanos del Distrito Federal, Consejo Nacional para Prevenir y Eliminar la Discriminación (CONAPRED), Consejo para Prevenir la Discriminación DF (COPRED), Consultora independiente em temas migratórios, Fundación Casa Alianza, Grupo de Trabajo sobre Política Migratoria (GTPM), Instituto para las Mujeres en la Migración, AC (IMUMI), Programa Casa Refugiados (PCR), Programa Derechos Humanos – CDMX, Sin Fronteras IAP e Scalabrinianas Misión con Migrantes y Refugiados (SMR) - Casa Mambré.*

FIGURA 24 - SIN FRONTERAS - IAP



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

FIGURA 25 – ENTRADA CASA TOCHAN – CDMX/2019



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

FIGURA 26 - ALBERGUE CAFEMIN - CDMX/2019



Além das entrevistas houve a participação em uma Oficina de Defensores e defensoras de Direitos Humanos que durou 3 dias com a participação de defensores que trabalham em albergues em todo o país e em seminários de pesquisa em instituições superiores Mexicanas, tais como: UNAM, UAM e em especial CIESAS.

Neste último período de campo tive a oportunidade de ser recebida como pesquisadora visitante no CIESAS Golfo e compartilhar parte das entrevistas de campo com as professoras Maria Teresa Rodriguez e Odile Hoffmann da instituição, e compartilhar as pesquisas do Grupo do *Laboratoire Mixte International (LMI-Meso)*<sup>4</sup> que é uma plataforma de pesquisa regional na América Central, México, Cuba e Haiti, apoiada por Instituições de ensino superior francesas, mexicanas e costarriquenses, com pesquisadores que trabalham os temas migratórios no México há muitos anos. O que foi muito enriquecedor para a tese.

#### *Estado de Veracruz*

A outra parte do campo de 2019 foi feita no Estado de Veracruz, com visitas a instituições nas cidades de Acayucan, Coatzacoalcos, Oluta, Xalapa.

Veracruz é uma região estratégica. A região é chamada de chave do sudeste porque é como uma sub-rota que se forma a partir da rota comercial do istmo de Oaxaca ao Estado do México e liga a parte sul do México, sudeste do México com o Norte. Por ser uma região mais plana é uma região que concentra as estradas e os cruzamentos e concentram as rotas migratórias de Tabasco, Chiapas e Oaxaca.

De maneira geral, os estados do sul do México são os locais da república onde as forças policiais tentam realizar a contenção, para que esta população não chegue à fronteira norte. Acayucan e Oluta não se localizam tão ao sul de Veracruz, localização que permite maior mobilidade, porque os últimos postos de controle se localizam antes de chegar ao Porto de Veracruz. Sendo assim, a partir da Cidade de Coatzacoalcos (uma cidade à 1 hora ao sudoeste do albergue de Oluta), fica muito mais fácil seguir o caminho em direção ao norte sem ser abordado.

Sendo assim, o primeiro grande desafio dos migrantes é chegar nesta região de Veracruz. Em Acayucan e Oluta, os migrantes se aproximam para obter informações e se hospedar no albergue, sabem que no trajeto existem algumas instituições de apoio. Também era uma região de passagem do trem cargueiro “*La bestia*”, transporte que tomam de forma clandestina para chegar ao norte do País. No período da pesquisa e desde 2014, segundo relatos, as pessoas já não utilizam mais tanto este meio de transporte, pois há mais controle policial, e



as companhias começaram a ser responsabilizadas pelas pessoas que se acidentavam neste trajeto.

FIGURA 27 - TREM LA BESTIA



FONTE: REUTERS

FIGURA 28 - ESTAÇÃO MIGRATÓRIA ACAYUCAN



FONTE: REUTERS

Acayucan também possui a segunda maior estação migratória do México, com capacidade para mais de 800 pessoas. Assim o albergue na cidade vizinha – Oluta e as instituições de apoio a população em mobilidade funcionam muito em torno da movimentação de pessoas na estação migratória. A cidade também possui escritórios da COMAR, da ACNUR e outras organizações internacionais. Os consulados de El Salvador, Honduras e Guatemala também possuem escritórios dentro e fora da Estação migratória em Acayucan.

Ainda não há políticas de integração fortes na região porque sempre foi considerada como uma região de passagem e não de migração. Coatzacoalcos ainda possui esta característica, mesmo com os postos de controle, cerca de 150, 200 pessoas chegam por dia. Mas, nos últimos tempos, com as alterações legislativas para a solicitação de refúgio, os albergues da região estão saturados de pessoas e, pelas novas regulamentações, essas pessoas devem ficar também estancadas no estado até conseguir a documentação legal. Um tempo em médio de 3 a 6 meses.

Com estas alterações Oluta é uma das primeiras cidades a ter uma política de inserção laboral temporária, chamado Programa Bienestar. Entretanto, mesmo levando em consideração os projetos governamentais recentes, essa não é uma região economicamente muito produtiva, o que dificulta a inserção dos migrantes a longo prazo. Mas mesmo levando em consideração os projetos, essa região não é uma região com grande potencial econômico, não possui indústrias e se vive do campo. Ali, exatamente por ser este ponto estratégico, também funcionam muitos cartéis e atividades do crime organizado, o que torna a região bastante perigosa de circular.

Das localidades visitadas, é a região que tem um sistema de apoio mais precário, menos profissionalizado e mais dependente de ajuda de outras instituições para organizar a demanda. Foi o local também onde se observou mais dificuldade de aceitação pela população local, menos emprego e menos circulação econômica e cultural.

FIGURA 29 - VIA CRUCIS FUNCIONÁRIOS DO ALBERGUE RANZAHUER



FONTE: FACEBOOK DO ALBERGUE, 2020

Durante a estadia em Veracruz foi realizada uma imersão de caráter etnográfico na *Casa del Migrante Monseñor Guillermo Ranzahuer González* na cidade de Oluta. A hospedagem foi realizada dentro do albergue em um quarto individual, não compartilhado com a população.

FIGURA 30 - DEPENDÊNCIAS DO ALBERGUE MONS. GUILLHERMO RANZAHUER – OLUTA/2019



FONTE: ARQUIVO PESSOAL



A *Casa del Migrante Monseñor Guillermo Ranzahuer González* de Oluta possui um perfil muito diferente dos albergues visitados nas outras cidades. É o único albergue da cidade e o mais próximo da Estação Migratória de Acayucan, e por estar mais isolado atende a mais demandas. Recebe todos os tipos de migrantes: migrantes de trânsito, pessoas que serão deportadas, solicitantes de asilo, vítimas de crimes etc.

FIGURA 31 – ALBERGUE RANZAHUER RECEBENDO MIGRANTES DA ESTAÇÃO MIGRATÓRIA – OLUTA/2019



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

Em anos anteriores (de 2009 a 2018) o albergue atendia principalmente pessoas em trânsito, após as caravanas e as alterações nas regras de concessão de refúgio, passaram a ter uma população albergada por mais tempo, a mesma média de 3 a 6 meses. Assim a instituição passava por uma adaptação para manter pessoas por mais tempo e para auxiliar nas demandas específicas de refúgio.

A assistência consiste em hospedagem, alimentação, banho e higiene pessoal. Além disso, oferece atendimento social, espiritual, jurídico e médico. Fornece informações sobre Direitos Humanos e ministra oficinas ocupacionais em coordenação com outras instituições. O quadro de funcionários é pequeno, a época da visita havia 1 diretor, 1 coordenadora, 1 assistente administrativo, 1 psicólogo, 1 vigia e 3 paralegais trabalhando, nenhum voluntário. Toda a manutenção do albergue e alimentação eram realizadas pela população coordenada em equipes pelos funcionários.

FIGURA 32 - ACOMPANHAMENTO DO ALBERGUE NO HOSPITAL COM MIGRANTE FERIDO – OLUTA/2019



FIGURA 33 - OFICINA INFANTIL, ALBERGUE MON. GUILLERMO RANZAUER, OLUTA/2019



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

A área do albergue de Oluta é bastante grande, o prédio foi construído em parceria com a ACNUR. O portão estava sendo trocado por um maior, mas o que possuíam no momento era bastante grande, com arames em cima e câmeras em todos os lados do albergue para reforçar a segurança.

FIGURA 34 PORTÃO DA CASA DEL MIGRANTE MONS. GUILLERMO RANZAHUER – OLUTA/2019



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

Ocorrências de segurança eram frequentes na instituição, que faz parte da rede de albergues acompanhada pela SMR, classificado por elas como uma região especialmente tensa neste ponto. Poucos meses antes da minha visita, o albergue havia tornado pública uma denúncia de tentativa de invasão<sup>5</sup>, na qual homens vestidos de agentes da guarda nacional forçaram uma entrada de inspeção no albergue, sem nenhuma identificação ou ordem superior.

Casos de sequestros de migrantes nas proximidades também são frequentes nos relatos, o que torna o ambiente bastante tenso e o local com medidas de segurança mais estritas, como por exemplo, saídas não são permitidas, os portões abrem de manhã, no almoço e às 18h da tarde e aos migrantes residentes não é permitido dormir fora do albergue sem autorização da direção. Eles também deixam os celulares na portaria todas as vezes que entram e têm os pertences revistados no ingresso ao albergue.



FIGURA 35 - REVISTA INICIAL - ALBERGUE RANZAUER - OLUTA



. FONTE: ARQUIVO PESSOAL

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com funcionários do albergue, e interações e conversas informais durante a participação nas atividades, tarefas, refeições etc. com migrantes hospedadas no albergue e inseridos na cidade. Neste trabalho de campo a opção foi de não realizar entrevistas formais com a população migrante para obter uma interação mais natural, resultados melhores na confiança e abertura para o diálogo, uma vez que este foi um desafio no campo em Tijuana, a dificuldade de abertura para uma entrevista mais formal. A avaliação foi positiva uma vez que as conversas fluíram melhor e foi possível conhecer e ter mais interação com a população. O fato de estarem hospedados no albergue há mais tempo também auxiliou a eles estarem mais abertos às interações.

Além da imersão dentro do albergue, foram realizadas visitas a outras instituições externas, instituições de atenção a migrantes e solicitantes de asilo. Também foi feita uma visita aos escritórios da COMAR na Estação Migratória de Acayúcan e aos consulados. Somando todas as cidades foram 10 instituições entrevistadas, as quais: *ACNUR, Casa del Migrante Monseñor Guillermo Ranzahuer González, Asylum Access México, Comisión Mexicana de Ayuda a Refugiados (COMAR), Consulado de El Salvador, Consulado da Guatemala, Consulado de Honduras, Dirección de Atención e Información a Migrantes - Gobierno de Veracruz, Procuraduría de Infancia em Acayúcan, RET International.*

FIGURA 36 - CAMPEONATO DE FUTEBOL EM OLUTA. MIGRANTES VS. MEXICANOS PROMOVIDO PELA ORGANIZAÇÃO RET-INTERNACIONAL. OLUTA/2019.



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

FIGURA 37 - CELEBRAÇÃO NO CONSULADO DE EL SALVADOR COM PRATO TÍPICO: POPUSAS ACAYUCAN, OLUTA/2019.



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

Após a visita de campo mantive contato pelas redes sociais e por videochamadas com os funcionários do albergue em Oluta até 2020, o que me oportunizou atualizações sobre a situação do albergue e aprofundar conversas sobre as dinâmicas no espaço, sobre as relações dos funcionários, diretivos e a população etc. Também foi possível realizar entrevistas à



distância a partir de chamadas de vídeo com migrantes que estavam no albergue no momento. Essas entrevistas auxiliaram na elaboração da tese, pois apoiaram na compreensão dos novos movimentos de caravanas em janeiro de 2020.

### *Desafios do trabalho de campo*

O desafio importante foi conseguir entrevistar os migrantes atendidos nos albergues de forma tranquila e com confiança, embora as experiências tenham sido diferentes, dependendo dos albergues e da região. Os principais motivos avaliados para a dificuldade foram: o estado de vulnerabilidade pelo qual as pessoas se encontravam na chegada e a transitoriedade desse público que muitas vezes impedia o estabelecimento de uma relação de confiança, onde é necessário em um prazo maior de convivência e elas estarem se sentindo mais seguras no espaço. Este desafio se apresentou mais no campo de 2018 em Tijuana, pois o público era mais recente e de um perfil mais transitório no espaço, ficavam cerca de 15 dias no albergue, o fato de estar na fronteira também auxilia a transitoriedade, a cada momento podem ir tentar cruzar a fronteira.

No campo de 2019 não foram feitas entrevistas na fronteira norte e as pessoas entrevistadas estavam nos albergues de maneira mais permanente, conforme explicitado, por conta de uma mudança na regulação da solicitação de refúgio, que passou a obrigar a estadia no mesmo estado durante a tramitação do pedido. Notou-se que ao criarem uma rotina no albergue e estabelecerem-se na cidade de forma mais permanente a abertura à conversa torna-se mais fácil. Ainda assim a conquista da confiança é uma questão nesse contexto de vulnerabilidade.

A condição de vulnerabilidade das migrantes também exige que o pesquisador esteja preparado emocional e mentalmente para ouvir quando as histórias de suas jornadas são compartilhadas, pois o público atendido, em sua maioria, passou por situações extremas, de muita violência, até chegar aos albergues. Este é um desafio não somente da pesquisa, mas de todas as pessoas que trabalham diretamente com este público. No contato com os funcionários e voluntários dos albergues, eles expressam que escutá-los gera emoções, tornando difícil lidar cotidianamente com histórias de vida tão difíceis. Frequentemente, eles se questionavam a respeito de como criar estratégias para ‘aguentar a carga emocional’” (Diário de campo, 2018).

Para manter um serviço personalizado de qualidade, torna-se fundamental que as pessoas que trabalham diretamente com os migrantes fortaleçam a saúde emocional. Esta sensação de carga emocional foi sentida durante o campo, pois são histórias difíceis de serem

abordadas. Que são difíceis e geram carga emocional não somente no momento da escuta, mas também na transcrição das entrevistas e na escrita. Ou seja, em todos os momentos que se revive o campo e as histórias de vida, estas afetam e geram empatia.

Além da carga emocional, o cansaço físico do trabalho cotidiano do albergue é um fator a ser citado na pesquisa. As atividades da casa são constantes das 7 até as 20 horas da noite normalmente, e em algumas situações os trabalhos se estendem pela noite, quando há novas pessoas chegando nos albergues. O esgotamento físico e mental de quem chega de fora, e não está acostumado com a carga e a rotina é grande.

Nas entrevistas com grupos heterogêneos, a linguagem é uma questão a ser trabalhada, a forma de comunicação do pesquisador com o entrevistado deve ser bem elaborada de forma com que sejam minimizadas as diferenças. Não ter como idioma nativo o espanhol também provocou dificuldades de comunicação em alguns momentos.

Há que ressaltar que os migrantes e os entrevistados, em geral, são de distintas nacionalidades e falam espanhol com vários sotaques e expressões idiomáticas distintas. Portanto, apesar de possuir domínio do idioma, algumas vezes as expressões e sotaques tornavam desafiador para eu acompanhar as conversas, sem interromper a fluidez com perguntas e pedidos de repetição. Falar exclusivamente em outra língua também torna o final do dia de trabalho mais cansativo.

A temporalidade no estudo das migrações é outro ponto importante a ser discutido. A mobilidade de pessoas nunca é a mesma. Os governos, as políticas de todos os países e os acontecimentos mundiais afetam sobremaneira o comportamento e o fluxo populacional. Por conseguinte, esta fluidez obriga as instituições a se readaptarem rapidamente. Dessa forma, a pesquisa também teve que seguir o mesmo movimento contextual. Uma situação observada pode transformar-se em questão de dias. Por exemplo, o advento das caravanas alterou consideravelmente a situação observada em Tijuana, poucos meses após a incursão no campo. Os relatos de outros pesquisadores já apontam para uma dinâmica de atenção distinta à população com relação à que foi observada. Tal fato não invalida a problemática observada na tese, mas complexifica a análise e impedindo generalizações, tornando imperativa a contextualização sócio-histórica de todos os momentos da pesquisa.

Outro desafio para pesquisar nesses ambientes é a própria questão da segurança pessoal. Dentro dos albergues é relativamente seguro, mas as zonas onde eles estão são perigosas, com alta presença de atividades relacionadas ao crime organizado, pandillas, tráfico de pessoas, e outros crimes. O que se soma à insegurança natural de estar circulando muitas vezes sozinha nas fronteiras e periferias de um país estrangeiro.

Durante as entrevistas, conversei com pessoas que já haviam pertencido a *pandillas* [grupos criminosos], que já haviam trabalhado como *coiotes* [responsáveis pelo trânsito ilegal da fronteira], e que apontavam para uma visão bem direta da situação. Tal questão dificultava um pouco o meu deslocamento na cidade, pois nunca podia estar sozinha, e até dentro dos albergues era necessário ter mais atenção para situações que poderiam representar algum risco pelo fato de ser uma mulher jovem e sozinha.

O último desafio, que imagino tenha sido enfrentado por quase todos que fazem pesquisa social, foi a pandemia do COVID-19. No caso desta pesquisa, ela impediu uma nova incursão em campo planejada para o primeiro semestre de 2020, obrigando um replanejamento da pesquisa para a busca da manutenção de um contato virtual com os albergues. Novamente, a situação da pandemia também afetou a forma de funcionamento dos espaços de acolhida e motivaram ainda mais o fechamento das fronteiras, agora com uma justificativa sanitária para criminalizar a migração.

### **Abordagem da discriminação nas entrevistas**

Foi especialmente difícil abordar a questão da discriminação nas entrevistas, uma vez que o objetivo era documentar a experiência desta população e através dela, partir de seus desafios cotidianos, observar o fenômeno da discriminação, sem induzir conceitos ou categorias. Assim, o roteiro da pesquisa teve que ser alterado várias vezes para torná-la compreensível para os entrevistados e chegar à questão chave: a experiência discriminatória. Nas conversas realizadas diretamente com a população, foram testadas variações nas formas de perguntar sobre o tratamento que lhes é dado pela sociedade de acolhimento: comunidade, instituições, empregadores, polícia etc.

Quando perguntados diretamente sobre um possível tratamento diferenciado, injusto ou desigual, a maioria das respostas era negativa. Eles afirmaram que nunca tinham sido tratados de forma diferente por qualquer pessoa, ou que nunca tinham sofrido discriminação. Em muitos desses casos, seus relatos completos da trajetória migratória e de integração na sociedade continha exemplos característicos do fenômeno discriminatório: denúncias de abusos e extorsões policiais, exploração laboral, negação de atendimento em instâncias públicas, em comércio, ou seja, situações cotidianas que demonstravam ações discriminatórias.

São elencadas três explicações para a negativa, de acordo com Pager (2006): a) dificuldade em compreender a discriminação ou tratamento diferenciado, ou seja, dificuldade em reconhecer o que é sofrer tratamento discriminatório, b) Aceitar que sofreram discriminação, mesmo que

haja a percepção de discriminação e do que isto significa, pode ser um processo psicológico doloroso, que se soma a tantos outros processos vividos na trajetória migratória, de forma que muitas vezes, por proteção, as pessoas vítimas preferem não trazer para a consciência, e c) a negação de ter sofrido discriminação. Processo muito comum nesses casos, pois reconhecer haver sido discriminado, envolve entender o que seria um tratamento "normal" e, por conseguinte, reconhecer-se diferente ou até em um lugar de vítima. A dificuldade de mensurar o tratamento varia de acordo com a percepção<sup>6</sup> de cada indivíduo. Como diz o Pager:

[...] atos de discriminação muitas vezes são imperceptíveis para a vítima. Devido às normas sociais ou às sanções legais, as formas contemporâneas de discriminação raramente são manifestas, tornando inúmeros os casos de ações discriminatórias invisíveis às pessoas que foram submetidas a eles (2006, p.67).

Neste caso o caminho da pesquisa passou por abrir a conversa para as situações e falas emergirem da observação e da escuta e não buscar apenas os conceitos pré-estabelecidos, como faz a técnica de “teorização fundamentada nos dados” (CAPPI, 2017, p. 401).<sup>7</sup>

Apesar de todos os desafios todas as experiências de campo foram extremamente ricas e deram sentido ao trabalho teórico. As visitas humanizaram a população estudada, o que revelou ser o ponto central da busca pela igualdade e não-discriminação no campo teórico, trazendo para a tese o sentido que se busca na sociedade.

## **Apresentação dos capítulos**

O primeiro capítulo tem a finalidade de trazer a discussão teórica da tese, introduzindo os pontos de partida teóricos, a análise das categorias que circundam a discriminação contra as pessoas em mobilidade pelo México. Começa com a definição de desigualdade social e de discriminação, explicando que a categoria deve ser utilizada a partir de uma visão estrutural estreitamente conectada com a busca de uma igualdade não somente formal como material. Nesse sentido, são apresentados outros elementos que auxiliam na compreensão da produção e reprodução da exclusão da população migrante. É explicitado o histórico colonial latino-americano e seus impactos, o eurocentrismo e o pensamento liberal-racionalista que não considera a diferença cultural e as tradições dessas populações, dentre outras questões que auxiliarão na análise do problema trazido na tese, em especial a análise da consubstancialidade das relações sociais.

A mobilidade de pessoas pelo México é composta principalmente por cidadãos de países centro-americanos, especialmente de países do Triângulo Norte da América Central (em espanhol, Triângulo Norte da América Central - TNCA): Guatemala, Honduras e El Salvador. Há também uma importante mobilidade de pessoas do Caribe, especialmente cubanos e haitianos, e da América do Sul, especialmente venezuelanos e colombianos, que cruzam o México para chegar aos Estados Unidos.

Os imigrantes latino-americanos e caribenhos que atravessam o México em direção aos Estados Unidos o fazem em uma situação de extrema vulnerabilidade. A vulnerabilidade inicia no processo de expulsão de seu país de origem que desvelam sistema de desigualdade regional fomentado pelo imperialismo estadunidense no continente americano. Os problemas da região são diversos, perpassam por crises política, econômica e social estruturais promovidas pela agenda neoliberal, somada a uma herança colonial que ainda não foi superada, e que gera altos níveis de pobreza e violência, especialmente a violência relacionada com o crime organizado (pandillas) e o narcotráfico.

Por isso, o segundo capítulo - *Crises na América Latina e Caribe, a base econômica e geopolítica de uma diáspora* – realiza uma contextualização regional adotando como perspectiva de análise a teoria do sistema mundo, apresentando o panorama internacional, as questões centrais de geopolítica da região detalhando as fases do imperialismo estadunidense, Consenso de Washington, a agenda neoliberal, e as influências desta política externa nas crises na América Central e Caribe. Crises estas que contribuem para a manutenção da desigualdade social, no aumento da violência na região, desencadeando a mobilidade em direção ao norte do continente.

O México é considerado pelos migrantes como o "maior muro de todos", um "país tampão" (HUERTA, 2019), por todos os obstáculos que eles enfrentam no caminho para chegar à fronteira: violência, estupros, extorsão do crime organizado internacional e nacional, além de discriminação, xenofobia e marginalização. Os EUA, como outros países desenvolvidos, externalizam suas fronteiras para evitar que os migrantes cheguem aos seus territórios (TORRE-CANTALAPIEDRA; YEE QUITERO, 2016).

O terceiro capítulo, intitulado: Os muros mexicanos – as barreiras geopolíticas dos movimentos da ALC apresenta o papel do México no fluxo migratório centro-americano e caribenho, vem decifrando as estruturas de um “País Tapón”, apresentando a caracterização das pessoas em mobilidade atualmente, recordando os planos e iniciativas de contenção migratória dentro de um paradigma que privilegia a securitização, ao invés da segurança humana, trazendo o panorama de violência contra os migrantes, que culmina nas políticas de

externalização de fronteiras. Este capítulo também descreve o êxodo coletivo que foram as Caravanas Migrantes de 2018 e 2019, um movimento interessante de agência migrante que teve como resultado a visibilidade da luta, com efeitos positivos e negativos para esta população.

As pessoas em mobilidade são extremamente vulneráveis. Tanto no trajeto, como na tentativa de integração, os migrantes sofrem violações dos direitos humanos e discriminações, tais como: exploração laboral, extorsão de funcionários públicos, burocracia excessiva, violência, dificuldades de reconhecimento de direitos, dificuldades de acesso por ser migrante a documentação legal, serviços e para ter oportunidades etc. Antes invisíveis, agora indesejados, a xenofobia crescente, é o título escolhido para o capítulo 4, utilizando como gancho a visibilização da pauta no corredor México-EUA a partir das Caravanas. Esta temática se subdivide em três partes (capítulos 4, 5 e 6), três esferas para caracterizar a discriminação como um problema chave para o exercício dos direitos e a integração da população em mobilidade no México.

O quarto capítulo, conta a reação da sociedade mexicana aos migrantes caravaneiros e aponta as situações recentes de rejeição e xenofobia nesse contexto, e os relatos sobre o tema coletados no campo, apontando para alguns motivos de discriminação interseccionados nesta população. O capítulo quinto, por sua vez, traz a relação das pessoas em mobilidade com o Estado mexicano, identificando, a partir do trabalho campo, os desafios para o acesso desta população às políticas públicas, serviços, emprego, moradia etc., demonstrando as situações de discriminação dentro destas estruturas.

Por fim, o sexto capítulo expõe um sobre os atores pro-migrantes desse processo: defensores de direitos migrantes, albergues, Organizações internacionais, ONGs e situações e problemas que podem ser encontradas nessas instituições e a problemática discriminação estrutural reflexo de uma sociedade discriminatória.

A tese procura responder a um tema atual com uma abordagem pouco explorada, a julgar pelos escassos e pouco difundidos estudos sobre o princípio da não-discriminação na América Latina e da necessidade de observância desse para a efetivação dos direitos e garantias de populações em situação de vulnerabilidade, tais como as populações em mobilidade na região, que se deslocam pelo corredor México-EUA.

## **CAPÍTULO 1 - A IMPORTÂNCIA DA CONSUBSTANCIALIDADE NOS ESTUDOS SOBRE DESIGUALDADES E DISCRIMINAÇÃO.**

### **1.1. Igualdade, desigualdade e discriminação: definições iniciais**

Na compreensão da discriminação, partimos do princípio fundamental de que todos os seres humanos são iguais em dignidade e direitos (Declaração dos Direitos Humanos, 1948). A partir desse princípio de igualdade, é necessário entender o que é desigualdade.

A desigualdade é algo que viola uma norma moral de igualdade entre seres humanos (THEBORN, 2015). Possui uma característica histórica e relacional e a sua análise é mais do que uma mensuração. Trata-se de uma relação entre pessoas na qual a interação gera mais vantagens para um dos lados e pode ser entendida a partir da formação e reprodução das diferenças entre pares categóricos: homem/mulher, negro/branco, cidadão/estrangeiro, disponíveis na sociedade e que vão sendo reconfiguradas e institucionalizadas (TILLY, 2000). Também pode ser abordada em seu aspecto multidimensional, reproduzindo uma série de desigualdades específicas: desigualdade vitais, que são medidas por meio da expectativa de vida e taxas de sobrevivência; desigualdades existenciais, que restringem a liberdade de ação de certas categorias de pessoas; e desigualdades materiais ou recursos, que demonstram que há uma distribuição de recurso muito desigual entre as pessoas na sociedade. Charles Tilly (1998) acredita que na dinâmica do processo de exploração existem quatro conceitos fundamentais: exploração, reserva de oportunidades, emulação e adaptação.

Especificamente no que se refere à exploração, cabe dizer que, de acordo com o autor, esta se forma em uma situação em que uma categoria social se beneficia do resultado, dos lucros de um processo produtivo, em oposição aos que também participaram do esforço coletivo da produção. Para Tilly, a exploração não é apenas de ordem econômica, é também política e simbólica e os ganhos advindos da exploração da categoria “socialmente excluída” são usados para a manutenção da situação da categoria dominante.

Dessa forma, há a manutenção das relações desiguais, através do estabelecimento de redes de solidariedade que lhes possibilitam manter o controle sobre os “bens” econômicos, políticos e simbólicos (TILLY, 1998, p.5).

Indo na mesma direção de Charles Tilly (1998), Goran Theborn (2015) afirma que as formas de produção das desigualdades são a exploração, a hierarquia, a exclusão e o distanciamento. A exploração tem a ver com a derivação a partir do trabalho e da subjugação dos pobres e desfavorecidos; a hierarquia tem a ver com a forma de construção das sociedades

em escalas; a exclusão é realizada através de uma barreira erguida, tornando difícil ou impossível para certas categorias de pessoas alcançarem uma mesma condição de vida favorável. E o distanciamento seria um mecanismo mais sutil que resulta, sobretudo, em janelas de oportunidades e redes de contato ou, inversamente, em desvantagens predeterminadas para certos grupos sociais.

As desigualdades são constituídas por um conjunto complexo de processos sociais, múltiplo, diverso e contextual que tem uma multiplicidade de fontes e de relações entre eles. A partir das contribuições de Charles Tilly, Raphael (2012) afirma que há a desigualdade de trato e a desigualdade econômica. O trato desigual atua no plano simbólico, não deixando de influenciar o plano econômico, pois pode limitar o acesso a bens, direitos e serviços.

*La desigualdad de trato incide directamente sobre la dificultad que las personas enfrentan para obtener bienes o servicios, tales como la salud, la educación, la seguridad, el acceso al espacio público, votar o ser votado, la información, la expresión, la nutrición, el financiamiento y tantos otros bienes colectivos que, si bien pueden, o no, ser asignados a la persona a través de mecanismos de mercado, pertenecen en el origen a un plano distinto del meramente económico (RAPHAEL, 2012, p.24).*

Dentre os tipos de desigualdade, existe o que Charles Tilly chama de “desigualdade categórica”. O autor diferencia a desigualdade categórica da desigualdade em geral pelo fato de seu resultado não dizer respeito diretamente ao indivíduo, mas sim aos princípios históricos e culturais ligados ao indivíduo, ou seja, uma abordagem da desigualdade que se centra nas formas estruturais de distribuição/diferenciação econômica, social e simbólica. Segundo Tilly (1998, p. 6), essas desigualdades seriam duradouras e se manteriam ao longo de diferentes tempos sociais, ou seja, as desigualdades categóricas são aquelas que se mantêm por gerações.

Como explicitado, existem diversas maneiras de se manter a desigualdade na sociedade e uma forma importante tem base nos mecanismos de exclusão social. A explicação de Max Weber sobre a complexa estrutura de exclusão e inclusão social é a de que os seres humanos se organizam em torno dos bens que consideram escassos e formam grupos marcando o seu território para proteger os seus interesses daqueles de fora do grupo, considerados estranhos, estrangeiros. Weber chama esse processo de fechamento social (*social closure*) e o define como “(...) processo pelo qual os diversos tipos de grupos ou categorias sociais tentam ora elevar o seu nível social ora, não raro, monopolizar recursos, recompensas e privilégios através da restrição a um círculo limitado de pessoas” (WEBER, 1999).



Para a obtenção de sucesso nesse processo de fechamento social, é necessário identificar de maneira simples as pessoas pertencentes a cada grupo, e para essa identificação utiliza-se então mecanismos e características exteriores que não requerem um entendimento qualificado tais como raça, a língua, a religião, o lugar de nascimento, a classe social, o domicílio etc. (RAPHAEL, 2012, p.19).

A estigmatização (marcação desses seres com essas características tangíveis) serve então ao discurso de exclusão e do fechamento social. Apesar de em sua raiz o pensamento Weberiano se distanciar da posição derivada do marxismo de Tilly com relação à exploração, Weber contribui para compreender as relações sociais. Leva-se em conta neste argumento, que o sociólogo tratou do conceito de “fechamento” de forma mais ampla, quando de sua análise da estratificação social, ao associá-lo principalmente aos privilégios monopolizados por grupos estamentais, e não pelas classes em si, e este conceito nos ajuda a compreender os processos discriminatórios que se somam a perpetuação da desigualdade.

O fenômeno da discriminação é multifacetado, diversas explicações nas mais diversas áreas do conhecimento podem ser encontradas para ele. A discriminação traz consigo a exclusão, a marginalização e o aprofundamento da desigualdade nas sociedades, de forma que estabelecer mecanismos de combate e prevenção a esse fenômeno são fundamentais.

A definição de discriminação foi positivada, indiretamente, sob o guarda-chuva da Declaração Universal dos Direitos Humanos, inscrevendo-se no horizonte dos direitos humanos e liberdades fundamentais e herdando do jusnaturalismo a ideia de um direito inerente ao ser humano: “Por direitos humanos, ou direitos do homem, são modernamente entendidos aqueles direitos fundamentais que o homem possui pelo fato de ser homem, por sua própria natureza humana, pela dignidade que a ela é inerente” (HERKENHOFF, 1994, p.30-31).

Para o filósofo Jesus Rodríguez Zepeda, o acesso a todos os direitos e liberdades fundamentais já determina o direito a não discriminação, pois são direitos, por sua definição, universais.

*Debe notarse que la Declaración, que es probablemente el documento político y jurídico más relevante de la historia de la humanidad, señala que toda persona debe estar protegida contra toda discriminación “que infrinja” la propia Declaración, lo que quiere decir que no ser discriminado equivale a tener acceso a todos los derechos y libertades (civiles, políticos y sociales) estipulados por la propia Declaración. (2004, p.16)*

Os conceitos de liberdade da Revolução Francesa e os ideais de igualdade das ideias socialistas, bem como o conceito de dignidade humana, aparecem nos escritos da Declaração Universal e se tornam modelos para legislações nacionais posteriores, que trazem, dessa forma,

os ideais de dignidade, liberdade e igualdade humanas. Apesar de surgir como um argumento revolucionário, necessário ressaltar que a demanda pelo reconhecimento dos direitos naturais do homem pela burguesia revolucionária se baseava, no entanto, em interesses econômicos e de dominação: “A luta contra os resquícios feudais não foi exatamente uma luta pelo reconhecimento dos Direitos Humanos, mas pelo domínio do mercado, os Direitos Humanos não eram o fim, mas o meio” (KASHIURA JUNIOR, 2009, p.133).

Por sua vez, a ideia de igualdade tem em seu bojo uma infinidade de dimensões: Direitos de oportunidade e direitos de trato igualitário, igualdade como condição, igualdade como expectativa de vida, e esses desdobramentos são ligados também às ideias de justiça e equidade.

*En efecto, en un sistema democrático, la igualdad supone la titularidad de dos tipos distintos pero complementarios de derechos. Por una parte, existe el derecho a igual tratamiento, que es el derecho a una distribución igual de oportunidad, recursos o cargas. De otro lado, la igualdad supone un derecho a ser tratado como igual, que radica en el derecho a ser tratado con la misma consideración y respeto que cualquiera. De este modo, la igualdad importará en ciertos casos la adopción de medidas positivas (discriminaciones positivas) que, de acuerdo con la especial consideración y respeto de una persona o un grupo de personas (por ejemplo, grupos indígenas, mujeres, niños, discapacitados, etc.) permitan hacer realmente efectiva la garantía de la igualdad entre sujetos que no se encuentran, en los hechos, en una situación de igualdad (ESPEJO YAKSIC, 2001, p.28).*

A igualdade é um princípio base na sociedade moderna, contudo, ele “(...) só pode ser um princípio jurídico eficaz na medida em que as instituições sociais identificam os processos responsáveis pelas diferentes formas de discriminação” (MOREIRA, 2017, p.49).

O conceito de igualdade é a representação dos seres humanos dentro do discurso jurídico. Esse fato advém das teorias modernas do Estado, nas quais o indivíduo é o princípio fundamental do pensamento jurídico e político onde tal representação dos seres humanos é a base da democracia liberal e a base de leis universais abstratas a partir de uma suposta identidade comum entre todos os cidadãos (MOREIRA, 2017, p.50).

Para entender a universalidade é preciso voltar à noção de pessoa humana. Na área do direito, a noção de pessoa é definida a partir da consciência racional e da sua capacidade de ação moral. As faculdades do homem são traduzidas em forma de direito, ou seja, a partir de uma representação metafísica dos seres humanos, de seu ideal de racionalidade, cria-se o sujeito de direitos. (MOREIRA, 2017, p.51). A relação entre direito e a moral humana está no seu *ethos*, ou seja, é fundamentada na cultura jurídica moderna. Essa afirmação pode ser explicada

da pela filosofia jurídica da seguinte maneira: o direito se assenta na qualidade moral da pessoa humana e atribui a ela liberdades individuais dentro deste paradigma.

Emergência da noção de direitos subjetivos, conceito decorrente da afirmação de que o direito é uma qualidade moral das pessoas. Sendo faculdades individuais os direitos subjetivos permitem que as pessoas gozem da liberdade individual. (MOREIRA, 2017, p.51)

Segundo Adilson Moreira (2017), a representação dos seres humanos também goza de um caráter jurídico, são sujeitos possuidores de direitos e ao mesmo tempo imputáveis de obrigações. Para o autor, o sujeito de direitos, transita entre dois polos: o polo da esfera privada onde o sujeito humano é “(..) uma realidade psicológica cujo espaço de ação requer a proteção da autonomia privada”; e, ao mesmo tempo, o polo da esfera pública pois “(...) é um cidadão que possui status jurídico e político cuja liberdade está protegida pela autonomia pública” (MOREIRA, 2017, p.51).

O *sujeito de direitos* é um ente abstrato criado a partir de um processo de homogeneização social, onde há a uniformização do tratamento jurídico entre as pessoas e uma noção de identidade comum entre elas. Esse processo de homogeneização também é a base do ideal universalista dos direitos, que por sua vez são positivados com base em cidadãos hipotéticos e alienados de um mundo contextualizado (FLORES, 2005).

Esta intersubjetividade jurídica, fundada na racionalidade universalista, que transforma o direito em uma faculdade pessoal é o que permite a extensão do status jurídico a todos os indivíduos. Nesse contexto, a lei surgiria como um ato de vontade e razão. Seguindo este raciocínio que transfere ao direito o discurso filosófico, o direito seria então ligado ontologicamente ao ser humano, logo, todo ser humano seria um sujeito de direitos, fundamentando o princípio da igualdade que “(...) passa a ser interpretado a partir da existência concreta as pessoas” (MOREIRA, 2017).

Não obstante este entendimento jurídico possa ser bastante preciso no que tange ao pensamento das teorias gerais do Estado, o explicitado antes, sobre o sujeito de direitos dotado de razão e capaz de agir moralmente, não foi, e ainda não é reconhecido em qualquer sujeito humano, pois como a história atesta nem todos os homens de todas as culturas foram considerados detentores de moral e racionalidade.

A discriminação surge a partir do momento em que, independentemente da motivação, diferenciam-se os seres humanos dotando-os ou não de razão. Os princípios filosóficos que

sustentaram as teorias racionalistas modernas provêm, dentre outros, de dois filósofos europeus do século XVIII, Georg Hegel e Immanuel Kant.

Para Kant, o direito parte de um consenso racional sobre quais normas as pessoas aceitam se submeter para regular suas ações em sociedade. O direito é, assim, produto da razão. Hegel, por sua vez, assenta seu pensamento no espírito racional que para ele é o que direciona a vida da totalidade do mundo. Ambos os autores não acreditavam que a racionalidade abrangia todos os povos. Ao contrário, com frequência classificavam outros povos do mundo, que não o branco europeu, como desprovidos de capacidade intelectual, de razão, considerando-os como incapazes de possuir um espírito de compreensão absoluta, o que lhes aproximava do ‘selvagem’ e do ‘incivilizado’. Essa classificação era especialmente dada aos povos africanos e americanos colonizados. Hegel (1999) em um extrato sobre os africanos apresenta que:

O caráter tipicamente africano é, por isso, de difícil compreensão, pois para apreendê-lo temos que renunciar ao princípio que acompanha todas as nossas ideias, ou seja, a categoria da universalidade. A principal **característica dos negros é que sua consciência ainda não atingiu a intuição de qualquer objetividade fixa**, como Deus, como leis, pelas quais o homem se encontraria com a própria vontade, e onde ele teria uma ideia geral de sua essência. Em sua unidade indiscriminada e compacta, o africano ainda não chegou a essa distinção de si como indivíduo e de sua generalidade essencial. (p. 83-84).

Para Hegel os africanos, por exemplo, eram ligados a brutalidade e a barbárie, e a única ação que poderia estar atrelada a este espírito natural seria a servidão a outro espírito que fosse superior, neste caso os europeus. Tal justificativa retirava ao caráter humano desses povos.

Esta concepção da presença de povos selvagens sem construções de pensamentos sistemáticos, permaneceu presente ao longo dos séculos. As justificativas filosóficas do século XIX do Ocidente estiveram ligadas ao racismo e principalmente à sustentação da Europa como o centro do mundo. A razão moderna é um projeto excludente, pois nem todos os homens seriam dotados de razão. Retornaremos a este ponto mais adiante para explicar a como a colonialidade deriva dele.

Ao trabalhar aportes do direito internacional, como é o caso latente dos direitos humanos e do princípio da igualdade e da não-discriminação, um dos pontos de destaque e uma grande crítica das teorias críticas de direitos humanos em suas diversas vertentes é o universalismo:

*Queda, tristemente evidente, que la forma occidental de luchar por la dignidad humana, es decir, los derechos humanos nada dicen de los modos de existencia inmanentes y concretos de los seres humanos que, por lo visto, están provistos por arte de birlibirlique de los derechos que los textos*

*internacionales y nacionales proclaman. La prestidigitación llega a su colmen cuando se afirma que los derechos humanos son las pautas aplicables universalmente a toda la humanidad. O, en otros términos, nos encontramos con normas, reglas y declaraciones que parecen funcionar por sí mismos sin necesidad de tomar en consideración los contextos de los que necesariamente surgen y en los que pretendidamente se van a aplicar (FLORES, 2005b, p.208).*

É um grande desafio a tentativa de homogeneização cultural e de valores para estabelecer-se universal, e esta é a crítica do relativismo cultural<sup>8</sup> e de outras correntes de interculturalidade (AN-NA'IM, 1991; SANTOS, 2003)<sup>9</sup>.

Ainda que todas as culturas tendam a considerar os seus valores máximos como os mais abrangentes, apenas a cultura ocidental tende a formulá-los como universais. Por isso mesmo, a questão da universalidade dos direitos humanos trai a universalidade do que questiona pelo modo como o questiona. Por outras palavras, a questão da universalidade é uma questão particular, uma questão específica da cultura ocidental (SANTOS, 2003, p.439).

Contudo, considerando os paradigmas da colonização do saber e do poder, essa universalização, na verdade, não partiria de uma tentativa de homogeneizar valores distintos de culturas distintas e sim de mundializar a cultura hegemônica eurocêntrica<sup>10</sup>. E ainda que fosse levada em consideração, somente a crítica culturalista (sem o aprofundar a questão colonial ou a crítica marxista), a eficácia dos direitos aplicados sem a observância do diálogo intercultural diminui consideravelmente.

*Se tiene la certidumbre de que lo pensado va a llegar a tener realidad, pues previamente a la reflexión se han construido las condiciones que facilitarán la implementación de las ideas. Este conjunto de certezas hace que en tales tipos de culturas se tienda a la reducción de todo a lo Uno, a la Unidad, y, por consiguiente, a ala (Uni)versalidad, expansión global de “una sola versión” del ser que precisamente coincide con la que ha conseguido construir las condiciones de su “globalización”. En tales “Ideologías-Mundo” se tiende a buscar “mitos fundacionales” que aporten legitimad histórico/legendaria al ser (uni)versizable. Se habla, pues, de padres/fundadores, “padres de alguna constitución”, “autores de libros sagrados”, “profetas”, etc., que ya llevaban consigo la semilla de todo lo que iba ocurrir “después”. Mitos que, desde esos orígenes fundacionales condicionan toda posibilidad de futuro al sustentar ese ser actual en una teleología ineluctable en la que a historia terminara (FLORES, 2005a, p.24-25).*

---

<sup>8</sup> Podem se considerar adeptos da teoria Relativista os teóricos: Franz Boas, Melville Herskovits, Robert Murphy, Patrícia Jerônimo, dentre outros.

<sup>9</sup> O debate teórico do diálogo intercultural é apresentado por: Abdullahi An-na'im (1991), Kwane Appiah (2007), Boaventura de Souza Santos (2003), Joaquin Herrera Flores (2005), Enrique Dussel (1992), dentre outros.

<sup>10</sup> Há algumas resistências na academia em considerar estas teorias como um paradigma. Neste trabalho as consideraremos por ser um axioma útil para analisar o tema estudado. E uma vez que o trabalho discorre sobre discriminação, não cabe a este estudo, desqualificar academicamente paradigmas vindos do sul.

Na abstração de direitos não são levados em conta o ser humano e seu contexto social. Herrera Flores, em toda a sua obra pontua a necessidade de que os sujeitos se conectem com os direitos que lhes estão sendo positivados e que eles dialoguem com a sua realidade.

*O son derechos universales o no son derechos humanos. Alternativa falaz que ignora u oculta que los derechos surgieron en y para un contexto de relaciones determinado y preciso y, que, junto a ellos, existen múltiples y diferentes “camino de dignidad”. Lo que ocurre es que desde la Ilustración la pretensión de universalidad es la única forma a partir de la cual se manifiesta la Razón. Así, al igual que la Razón (ilustrada) tiene que ser universal o deja de ser Razón para pasar a ser “sinrazón”, los derechos humanos o son universales o se trataría de otra cosa, pero nunca de derechos humanos. Razón que se despliega, como por arte de magia, desde las formas cognitivas y sociales surgidas en lo que desde el siglo XVI en adelante se llamaría Occidente. Sea por los motivos que sean —económicos, geoestratégicos, reaccionarios o revolucionarios— es la Razón (occidental), no las costumbres ni los modos de lucha por la dignidad de los diferentes pueblos, la que concibe los derechos humanos como un ejemplo más de la universalidad de su naturaleza. No hay otra opción “racional”. Todo lo que no coincida con la medida universal de la “Razón”, pasará de inmediato a ocupar un lugar en el vasto campo de lo irracional y de lo bárbaro (FLORES, 2005b, p.216-217, grifo nosso).*

O sujeito de direito abstrato não dialoga e não se conecta com a realidade dos destinatários de direitos, e por esses compreende-se não somente os grupos em situação de vulnerabilidade, mas todos os seres humanos que não encaixam exatamente no perfil de detentores de direitos, o que culmina na compreensão por parte dos seres humanos como meros coadjuvantes no processo histórico. Como se os indivíduos fossem dotados de direitos a partir de um “processo mágico”.

Nos dias de hoje, essa abstração, esse “homem”<sup>11</sup> sujeito universal de direitos, apesar de toda a evolução que o aparato de proteção dos indivíduos sofreu até hoje e da teórica igualdade jurídica, **o sujeito de direitos** ainda possui as mesmas características, vive na sociedade civil, mantém relação com outros indivíduos independentes e é agente da troca mercantil, atualizando essa última característica para os dias atuais, ele é um consumidor e detentor de propriedade. A relação com a propriedade e a mercadoria ainda denota os grupos que têm **condições reais de efetivação dos seus direitos**.

Há que se levar em consideração a origem filosófica da igualdade e, por conseguinte da discriminação, pois eles trazem em seu bojo uma visão de mundo liberal que tende a privilegiar a

---

<sup>11</sup> Ressaltamos que no período da Revolução Francesa, as declarações de direitos não consideram a mulher como sujeito de direitos. Olympe de Gouges (nome fictício) propõe à Assembléia Nacional da França, durante a Revolução Francesa (1789-1799), a Declaração dos direitos da mulher e da cidadã (1791) na tentativa de para igualar-se à outra do homem, sem sucesso (TABOAS, 2011).

afirmação de uma **igualdade formal em detrimento da igualdade material e de oportunidades** ocultando assim, a distribuição real da riqueza (BERENI; CHAPPE, 2011, p. 21).

A questão da distribuição da riqueza para o alcance de uma igualdade real é bastante discutida na seara dos direitos, inclusive pelos clássicos liberais de origem contratualista da teoria da igualdade e da teoria da justiça (como Rawls, Dworkin e Amartia Sen). Contudo, o fato de o paradigma principal dessa concepção de direitos ser liberal, leva a discussão na linha da crença na justiça, na neutralidade do estado liberal, na imparcialidade da moral privada e na igualdade jurídica. A partir desta perspectiva, “a igualdade jurídica surge no e para o funcionamento de uma ordem social específica - a igualdade é uma abstração que recobre e torna reproduzíveis desigualdades sociais substanciais que não podem ser extintas, desigualdades essenciais ao capitalismo” (KASHIURA JUNIOR, 2009, p.150).

No sistema liberal capitalista há uma contradição presente que exige, ao mesmo tempo, igualdade jurídica formal para a sua legitimação e uma desigualdade social material para a sua manutenção. (KASHIURA JUNIOR, 2009, p.193). A inserção do universo do consumo, também necessária à mesma manutenção, torna a discriminação cada vez menos aceitável, o que dá força aos processos de reconhecimento e luta pelos direitos. Somente analisando o contexto de relações, as razões políticas, sociais e econômicas que cercam o surgimento do direito, é que se pode compreender a sua efetivação ou não.

Conforme explicitado, a forma corrente de se pensar os direitos pressupõe que ao declarar todos os humanos como sujeitos de direito, naturalmente lhes garante o acesso a esses direitos, no entanto, trata-se de uma inversão, pois a garantia deve começar pela garantia de condições iguais, inclusive material, que permita a todos acessarem a esses direitos:

Por isso, não se começa pelos "direitos", mas sim pelos "bens" exigíveis para se viver com dignidade: expressão, convicção religiosa, educação, moradia, trabalho, meio ambiente, cidadania, alimentação sadia, tempo para o lazer e formação, patrimônio histórico-artístico etc. Prestemos muita atenção, estamos diante de bens que satisfazem necessidades, e não de um modo "a priori" perante direitos. Os direitos virão depois das lutas pelo acesso aos bens (FLORES, 2009, p.34).

Ao concentrar a busca por direitos e igualdade a partir dos bens necessários para seu alcance, esse processo ganha proeminência na luta social. A obtenção de direitos deriva das dinâmicas sociais, ou seja, a dinâmica social é fonte de direitos e não o inverso.

Cada direito, cada interpretação e cada prática social que esteja relacionada com os direitos não deve ser considerada como resultado casual ou acidental do trabalho de indivíduos ou grupos isolados, mas parte de um processo amplo de relações sociais, políticas, teóricas e produtivas. (...) em outras palavras,

um processo singular somente pode ser entendido completamente nos termos do conjunto social de que faz parte. Uma concepção isolada de um fenômeno só nos conduzirá a mal-entendidos e a uma redução de sua complexidade (FLORES, 2009, p.92).

Um exemplo desta perspectiva é o movimento do constitucionalismo social<sup>12</sup> que surge da necessidade de superação da base individualista, mediante a defesa de que “o ideal de autonomia só pode ser realizado dentro de uma ordem social capaz de garantir a proteção social dos indivíduos contra o estado” (...) pois, a realização ética do ser humano somente acontece dentro de uma estrutura social” (MOREIRA, 2017, p.60).

É necessário abandonar a representação abstrata para a compreensão das diferenças reais entre os indivíduos e isso significa a responsabilização nos processos de exclusão social e a consideração dos elementos que impedem a igualdade. Nesse paradigma, a igualdade formal deve ser complementada pela necessidade de igualdade de oportunidades sociais (MOREIRA, 2017, p.61).

A cidadania deve estar vinculada às relações sociais entre as pessoas e os arranjos institucionais existentes na sociedade. É a sociedade que deve constituir-se como sujeito de direitos, que deve definir os papéis sociais, os arranjos e as exclusões dos grupos sociais, cabendo ao direito derivar desses arranjos e não o contrário, como já explicitado.

A noção de sujeito identificada como simples portador de direitos contrapõe-se a uma noção de sujeito de direitos baseada na sua representação de um sujeito ativo dentro das relações sociais, não definido prioritariamente por sua essência racional, mas pela sua inserção dentro de uma estrutura social concreta (MOREIRA, 2017, p.61).

É preciso procurar conceitos e estratégias teóricas que permitam a constante mutação do direito, para que os homens possam, conforme sua necessidade, procurar e reivindicar cada vez mais direitos. Os direitos são construídos a partir de produções sócio-históricas reais geradas por sujeitos coletivos de direitos concretos, através de lutas contra-hegemônicas, cujos projetos emancipatórios visam empoderar indivíduos invocando sua autonomia e a sua capacidade de denunciar e enfrentar situações em que há desigualdade de poder e discriminação (GALLARDO, 2014).

---

<sup>12</sup> O constitucionalismo social é o movimento de positivação de uma série de reivindicações sociais (condições de trabalho, educação, saúde etc.) nas constituições. A primeira foi a Constituição Mexicana em 1917, seguida da República de Weimar em 1919.



*Nosotros entendemos los derechos humanos como los procesos y dinámicas sociales, políticas, económicas y culturales que se desarrollan históricamente estrecha relación con la aparición y expansión del modo de producción y de relaciones sociales capitalistas. De ahí la impresión que se tiene acerca de sus orígenes occidentales y las dificultades que se encuentran otras formas de vida, no dominadas de un modo tan absoluto por el capitalismo y sus correspondientes formas de poder, para aceptar la categoría de derechos humanos (FLORES, 2005, p.18).*

Herrera Flores (2005), em sua perspectiva crítica dos Direitos Humanos, explica a necessidade de lutar pela dignidade humana e não dar por garantido a efetivação de um direito apenas porque há o reconhecimento jurídico deste. Na visão do jurista, há todo um aparato de lutas sociais necessárias para a alcançar a concretização desse direito.

Desse modo, começaremos abordando a complexidade dos direitos humanos. Isso exige, em primeiro lugar, não cair na “armadilha dos direitos”. Quando começamos a falar de direitos humanos destacando o conceito de “direitos”, corremos o risco de “nos esquecer” dos conflitos e lutas que conduziram à existência de um determinado sistema de garantias dos resultados das lutas sociais e não a outro diferente. Falamos de direitos e parece que tal reconhecimento jurídico já solucionou todo o problema que envolve as situações de desigualdade ou de injustiça que as normas devem regular. Somente devemos nos preocupar com as garantias judiciais dos direitos, desprezando absolutamente que, atrás de todo edifício jurídico, se escondem sistemas de valores e processos de divisão do fazer humano que privilegiam uns grupos e subordinam outros definição dos direitos como processos de luta para, a seguir, propor um esquema pedagógico que nos habilite a compreender sua complexidade e culminar com a proposta de um critério axiológico que nos separe de toda afirmação absolutista baseada no aforismo “tudo vale igual” (FLORES, 2009, p. 20).

Os direitos humanos atualmente padecem de uma crise de efetivação. A dinâmica social das relações de poder tem um papel chave nesse processo, pois o próprio direito cumpre o seu papel na preservação de privilégios.

A dominação social, política e cultural é sempre o resultado de uma distribuição desigual do poder, nos termos da qual quem não tem poder ou tem menos poder, vê as suas expectativas de vida limitadas ou destruídas por quem tem mais poder. Tal limitação ou destruição manifesta-se de várias formas, da discriminação à exclusão, da marginalização à liquidação física, psíquica ou cultural, da demonização à invisibilização. Todas estas formas se podem reduzir a um a só – opressão. Quanto mais desigual é a distribuição do poder, maior é a opressão (SANTOS, 2017b, não paginado).

O que está por trás das normas jurídicas dos direitos humanos tradicionalmente pensados, ou seja, o fato de elas explicitarem o pensamento de uma ideologia dominante que

tem em todas as suas atuações (dentre elas a elaboração de normas) clara expressão de seus ideais e valores, é a tentativa de manutenção do status quo (LEMOS, 2014). O pensamento social latino-americano que se propõe a pensar os problemas locais deve ser incentivado para não padecer dos problemas de importação de conceitos universais cristalizados.

Além disso, dentro da perspectiva de derivar os direitos de dinâmicas sociais com o objetivo de aumentar a sua efetivação é imperativo compreender a complexidade dessas dinâmicas e aprofundar-se, teoricamente, em fenômenos complexos como o da discriminação, sendo os aportes da sociologia fundamentais nesse processo.

## **1.2. Sociologia da discriminação: um campo a ser consolidado a partir das relações de poder**

Análises teóricas sobre a discriminação como conceito são mais frequentes no campo do Direito em estudos vinculados às teorias da igualdade e as teorias de Justiça, explicitando os princípios de tratamento igualitário e de isonomia formal aos quais todos os humanos<sup>13</sup> teriam direito.

A discriminação é um fenômeno que acontece quando há um desvio do dever de tratamento igualitário (MOREIRA, 2017, p.17) e os princípios que fundamentam as normas jurídicas, hodiernamente, são sedimentadas nesta linha, como formalmente antidiscriminatórias, mas pouco assimiladas socialmente, de forma que dentro do campo disciplinar do Direito, os avanços são poucos no sentido da compreensão do fenômeno da discriminação e em políticas e normas antidiscriminatórias eficazes.

O conceito de Discriminação é uma categoria fortemente marcada pelo Direito e isso gera reflexos na importação dessa categoria para a Sociologia e para o estudo das relações de poder. Ele é formulado no cruzamento entre diferentes áreas do conhecimento, não sendo monopólio nem fruto do direito, contudo, a questão foi positivada através de uma definição formal da categoria. Os juristas, a partir do Estado, se apropriaram dessa categoria e com base na formulação de razões jurídicas auxiliaram na compreensão das relações de poder que a permeiam.

---

<sup>13</sup> O termo “Humano” é diferente do “sujeito” que as teorias do Direito costumam usar como referência a “sujeito de direito”. Pois, apesar da declaração internacional de direitos humanos considerar todos os seres humanos como sujeitos de direitos, ser “humano” não te confere direitos até que a sua humanidade seja socialmente reconhecida. Tal perspectiva é herdada de Kant e Hegel que asseveraram que nem todo o Humano seria um sujeito. O sujeito relaciona-se à sua agência na sociedade.

O tratamento da discriminação no direito, no entanto, não coincide de maneira evidente com uma abordagem sociológica. A discriminação é uma categoria de análise sociológica, que apesar de ter se mantido próxima e em diálogo disciplinar com o direito, é autônoma (BERENI; CHAPPE, 2011, p.16 apud FERNANDES, 2016).

A discussão se refere a uma disputa conceitual onde o direito apresenta-se como responsável por conceituar e positivar o que é discriminação. A sociologia, então, deve ocupar o campo conceitual da discriminação para não ser reduzida à apoiadora das operações juristas neste debate.

O conceito de discriminação no campo internacional tem raízes em distintas áreas do conhecimento com destaque para os campos; jurídico, com as teorias dos Direitos Humanos, Teorias da Justiça e Igualdade (DWORKIN,2005; RAWLS,2000); Psicologia Social (ALLPORT,1954); GOFFMANN,1985), em estudos sobre preconceito e estigmatização; e, nas Ciências Humanas Sociais com as teorias de estratificação social (WEBER, 1998), exclusão e estudos culturais e identitários (HALL, 2008; GILROY, 2001; RESTREPO, 2015)<sup>14</sup>.

O termo discriminação aparece com frequência interligado a alguma outra temática, que corresponde às suas várias modalidades, de forma que se encontram análises epistêmicas sobre discriminação no trabalho, discriminação de gênero, discriminação étnico-racial etc. Poucas vezes chega-se a problematizar a fundamentação do conceito de discriminação, utilizando-se a definição cristalizada internacionalmente pelas Nações Unidas, de onde se originam também a maior parte das definições jurídicas atuais sobre a questão. (FERNANDES, 2016, p.20).

Sendo assim, para discutir o conceito de discriminação é necessário, primeiramente, analisar a sua fundamentação e compreender como é a apropriação do conceito jurídico pela sociologia e como a ação pública intersecciona<sup>15</sup> essas áreas do conhecimento para colocar em prática a prevenção e o combate a essa prática. Didier Fassin (2002), nessa linha, acredita que há uma grande importância em definir a categoria socialmente, pois a compreensão das questões sociológicas que envolvem a luta contra a discriminação é tão decisiva quanto a compreensão dos processos sociais que produzem a própria discriminação.

A linguagem jurídica não monopoliza o sentido atribuído à noção de discriminação, construída na intersecção das diferentes arenas em que

---

HALL, Stuart. "Quem precisa da identidade?" Vozes, 2008.

GILROY, Paul. O atlântico negro: modernidade e dupla consciência. Editora 34, 2001.

RESTREPO, Eduardo. Sobre os estudos culturais na América Latina. **Educação**, v. 38, n. 1, p. 21-31, 2015.

<sup>15</sup> Entende-se intersecção como o Cruzamento de vários assuntos ou de várias ideias. Fonte: Dicionário Priberam.

é mobilizada (sociedade civil, campo político, ciências sociais etc.)<sup>3</sup>, mas é claro que o direito dá à discriminação uma definição formal, e que esta categoria é particularmente apropriada e trabalhada por juristas<sup>16</sup>. (BERENI; CHAPPE, 2011, p.10).

A sociologia da discriminação é o campo de estudo que coloca em evidência o caráter sistêmico do fenômeno da discriminação (FERRAND, 2006). A "sociologia da discriminação", começou a se apresentar como um subcampo disciplinar que trabalha requalificando antigos estudos como os de raça, gênero, sexualidade etc., e se aproximando da sociologia tradicional das desigualdades sociais.

A sociologia da discriminação enriqueceu as formas de pensar a discriminação na sociologia e as formas de pensar a desigualdade, não há, no entanto, essa certeza de enriquecimento com relação à herança que ela recebe da matriz jurídica do conceito. A **padronização que o direito** faz para as definições – por exemplo, a construção conceitual para a definição de se houve ou não o ato discriminatório, muitas vezes impede a categorização do ato de discriminação em si (BERENI; CHAPPE, 2011, p. 20).

A categoria da discriminação é frequentemente esquecida e, às vezes, criticada abertamente no campo da desigualdade social. As críticas vêm da suspeita que de uma forma ou de outra, a sociologia da discriminação foi explicitamente formulada para destronar o paradigma de classe.

Nessa perspectiva, a categoria de discriminação estaria ligada à ideologia neoliberal que desvia o olhar das desigualdades estruturais. E essa constituiria a questão que pende para a resistência da sociologia com uma noção de discriminação mais estrutural. (BERENI; CHAPPE, 2011, p.10, tradução livre). O direito à não discriminação, assim como o paradigma dos direitos humanos, seriam os “substitutos” em termos de igualdade em um mundo, pós 2ª Guerra Mundial e pós a Guerra Fria, onde os ideais socialistas não poderiam mais existir, de forma que as discussões a partir daí seguem o paradigma vencedor, a visão liberal do mundo e das relações sociais.

Há uma série de motivos de desigualdades enunciados pelo direito, mas também há motivos de discriminação que não estão neste quadro legal, como a **discriminação de classe**. Os principais estudos da sociologia da discriminação, no entanto, realizam-se no campo do trabalho e a partir de mecanismos de produção de desigualdade, com análises que se concentram

---

<sup>16</sup> Do original: *Le langage juridique ne monopolise pas le sens donné à la notion de discrimination, construite au croisement des différentes arènes où elle est mobilisée (société civile, champ politique, sciences sociales, etc.)* 3, mais force est de constater que la loi donne à la discrimination une définition formelle, et que cette catégorie se trouve particulièrement appropriée et travaillée par les juristes.

na questão de classe. Há autores que apresentam a oposição entre “**discriminação**” e “**desigualdade de classe**”, contudo esta seria uma oposição falaciosa.

Este raciocínio tende a importar e naturalizar no pensamento sociológico algumas fronteiras arbitrariamente impostas pelo quadro jurídico formal e categorias de entendimento político; não há a exclusão dos marcadores associados com a classe entre os critérios de discriminação, contudo, é preciso reconhecer que a ênfase maior quando se fala em discriminação não é dada a eles, privilegiando questões identitárias. Contudo, não há uma dicotomia entre a discriminação e as desigualdades de classe, e este argumento se configura como um obstáculo para a análise interseccional, que enfatiza a importância de abordar as diferentes relações de poder em sua consubstancialidade<sup>17</sup>.

Assim, podem ser encontrados estudos sociológicos sobre a discriminação que foram rapidamente libertos do paradigma individualista que prevalecia nos significados jurídicos iniciais desta noção. A discriminação, a partir da sociologia da discriminação, deve ser concebida como o funcionamento da (re) produção das relações de poder estruturais, que engendram os grupos sociais, majoritários e minoritários (BERENI; CHAPPE, 2011 p.16).

### **1.3. Definindo a discriminação**

O fenômeno da discriminação é ainda um campo de estudo a ser explorado sociologicamente, especialmente no que se refere a discussão teórica da discriminação: fundamentação, categorias utilizadas e o debate em diferentes campos disciplinares, como o direito, a sociologia e a psicologia social, para citar alguns. Fomentar este debate é funcional para a busca de alternativas para a efetivação de direitos e políticas antidiscriminatórios.

O fenômeno da discriminação é multifacetado e diversas explicações em distintas áreas do conhecimento podem ser encontradas para ele. A utilização da categoria discriminação, ao invés de racismo ou xenofobia, desigualdade ou segregação é questionada, pois constitui uma mudança de perspectiva, no esforço de promover uma perspectiva mais transversal, que Didier Fassin nomeia de “*nova configuração das políticas de desigualdade*”<sup>18</sup> (FASSIN, 2002, p.403).

Esta nova configuração deve considerar os elementos que impedem a igualdade para avançar na discussão teórica do conceito. Ou seja, a discriminação deve ser ancorada na desigualdade, pois são fenômenos que se retroalimentam. Como afirma Éric Fassin:

---

<sup>17</sup> Conceito de Danièle Kergoat (2010) que será trabalhado ainda neste capítulo.

<sup>18</sup> Do original “*nouvelle configuration des politiques de l’inégalité* ». O autor se refere aos estudos e políticas mais recentes (após os anos 2000) sobre igualdade e discriminação.

Discriminar é naturalizar as desigualdades. Por outro lado, a discriminação implica desigualdades naturalizadas. Na verdade, é uma lógica circular entre efeitos e condições de possibilidade: a discriminação renova a hierarquia social porque parece natural (FASSIN, 2009, p.9<sup>19</sup>)

Os conceitos teóricos geralmente possuem um significado etimológico e outra definição social e política, e muito das exigências de ordem conceitual enfrentadas com a definição são devidas à polissemia gramatical do termo, onde se deve ter o cuidado da preservação de sua relevância política (ZEPEDA, 2014, p.32).

A palavra discriminação é neutra em seu significado etimológico (FASSIN, 2002, p.403), discriminação deriva do latim *discriminatio* que significa distinção ou separação (dis = dividir e cerno = distinguir). Levando em conta o sentido etimológico, “... a definição mais apropriada da discriminação é aquela que responde a uma forma de trato diferenciado sobre indivíduos ou grupos” (MALGESINI; GIMÉNEZ, 2000, p.119). Não se fala ainda aqui em trato desfavorável ou injusto, apenas em diferença. Assim, semanticamente, a palavra não sugere necessariamente um trato negativo, contudo, socialmente trato diferenciado é considerado como um trato injusto ou desigual.

Há diferença entre os termos distinção e discriminação: usa-se a distinção para o que é admissível, quando é “razoável, proporcional e objetivo”, e usa-se discriminação para se referir a uma “distinção inadmissível que viola os direitos humanos” (CIDH, 2002)<sup>20</sup>, um comportamento que hierarquiza e gera prejuízos, por isso a maior parte das vezes torna-se ilegal.

Ambos os conceitos partem do processo de naturalização das diferenças, e a admissibilidade social da discriminação aumenta na medida em que elas parecem fundamentar-se na natureza das coisas. O tratamento discriminatório direcionado às pessoas por suas características inatas, tais como: sexo ou orientação sexual, cor da pele, idade ou deficiência, baseia-se em atributos, inscritos nos corpos das pessoas – características genótípicas ou fenotípicas, o que aumenta a probabilidade de haver a naturalização da diferença e logo do tratamento injusto. É importante salientar que estas diferenças “naturais” se tornam categorias socialmente construídas, justamente pelo resultado de discriminação e produção ideológica

---

<sup>19</sup> Do original: “*Discriminer, c’est naturaliser des inégalités. À l’inverse, la discrimination suppose des inégalités naturalisées. Il s’agit bien d’une logique circulaire entre effets et conditions de possibilité: les discriminations reconduisent la hiérarchie sociale du fait que celle-ci paraît naturelle, et d’autant mieux que celles-là la font paraître telle.*”

<sup>20</sup> Opinião consultiva (OC) 18/03 da Corte Interamericana de Direitos Humanos: princípio da igualdade e da não-discriminação (2002)

(GUILAMIN, 2002) e a diferença natural torna-se apenas o argumento/justificativa. Sem esse argumento, o caráter social de outros tipos de desigualdade, como a econômica ou jurídica é mais difícil de ignorar pois a diferenciação fica evidente desde o início (FASSIN, 2009, p.9).

Assim, uma das características-chave da discriminação é o seu componente **coletivo** ou **social**. Mesmo quando as ações discriminatórias são endereçadas apenas a um indivíduo, a perspectiva individual não deve ser considerada, pois o motivador dela é sempre o pertencimento a um determinado grupo social<sup>21</sup> (FERNANDES, 2016, p. 23).

*La discriminación, en términos macrosociales, hace referencia a un complejo sistema de relaciones entre los grupos que produce y reproduce desigualdades en el acceso a recursos como la salud, ingreso económico, educación, propiedad, etc. (Giddens, 1993). Más específicamente se define como negar o denegar el acceso a oportunidades (de empleo, salud, educación, vivienda, etc.) a un grupo social y sus miembros (Behrman, Caviria & Szekely, 2003). En este nivel de análisis, la discriminación hace referencia a las instituciones, normas y prácticas sociales responsables de que se perpetúe y legitime la exclusión o vulnerabilización de ciertos miembros de la sociedad en virtud de su pertenencia a una determinada categoría social (SMITH-CASTRO, 2006, p.6).*

Um elemento definidor da discriminação são as consequências negativas ou injustas do ato discriminatório para o indivíduo ou grupo discriminado (MALGESINI; GIMÉNEZ, 2000, p.119 apud FERNANDES, 2016).

A discriminação também pode ser definida como “um trato desvantajoso imposto a partir de um julgamento moral negativo” (MOREIRA, 2017, p.27), adicionando-se à razão ou motivo do trato desvantajoso, o julgamento moral negativo. O julgamento moral negativo é criado a partir de **representações negativas** sobre um indivíduo pertencente a determinado **grupo social**.

A discriminação é um fenômeno que surge da relação entre grupos sociais. Isto significa que o que motiva a discriminação contra o indivíduo é possuir características relacionadas a um grupo social discriminado. A importância de salientar a característica grupal da discriminação é a compreensão que o problema é social e estrutural.

A característica principal é a intenção de um agente impor um trato desvantajoso a outro. Ele decorre então de uma comparação entre indivíduos

---

<sup>21</sup> “Um grupo social é um coletivo de pessoas diferenciadas de pelo menos um outro grupo por formas culturais, práticas ou modos de vida. Mas nem todos os grupos de pessoas são grupos sociais. Por exemplo, grupos de pessoas que se associam simplesmente por atributos compartilhados, como a cor de seus olhos, a marca do carro que dirigem ou a rua em que vivem, não seriam: Um grupo social não é basicamente definido por uma série de atributos, mas por um senso de identidade” (YOUNG, 1990, p.7, tradução nossa)

a partir de determinado traço. O agente discriminador parte do pressuposto que a vítima não possui uma qualidade socialmente valorizada, atributo supostamente presente apenas em certos segmentos, notoriamente nos grupos majoritários (MOREIRA, 2017, p.29).

Os segmentos majoritários possuem poder simbólico e político para construir e difundir sentidos culturais, sendo assim o *discrímen* específico deve possuir relevância social. Como afirma Adilson José Moreira (2017, p.30), “Atos discriminatórios utilizam uma característica ou um *status* que se tornou uma categoria legalmente relevante em função de seu papel nos processos de exclusão social”.

Sendo assim, características individuais não podem ser motivadoras de discriminação. O que choca com a perspectiva individualista e procedimentalista da noção de igualdade. Torna-se necessário superar a retórica individualista dos direitos fundamentais – pois a subjetividade é fundada na premissa de que ela é um produto da interação social dos indivíduos. Ao compreender que a discriminação independe das características individuais dos sujeitos discriminados evidencia-se que o fenômeno discriminatório é, além de social, composto por fatores culturais alimentados de preconceitos e estereótipos.

O preconceito determina a conduta dos indivíduos e a forma de relacionar-se com determinados indivíduos e coletivos sociais. Há uma relação estreita e complexa entre a discriminação e o preconceito. Distinguem-se os propósitos e as disposições sociais interiores das ações concretas, caracterizando as disposições e propósitos dentro da esfera do preconceito e as ações como a discriminação em si (GUIMARÃES, 1998, p.14).

O estereótipo é uma generalização e atribuição de valor (na maioria das vezes, negativo) a algumas características de um grupo, exposto acima como “representações negativas”. O estereótipo é uma imagem ligada ao campo conceitual ou cognitivo, que supõe uma valoração (ALLPORT; CLARK; PETTIGREW, 1954 apud MALGESINI; GIMÉNEZ, 2000, p.330). Para Dubet, a estigmatização pode ser definida como:

(...) ação simbólica de designação e qualificação negativa de identidades, tidas por certos signos como estigmas, podendo expor as pessoas ao descrédito, à suspeita, à rebeldia, ao distanciamento, ao escárnio, ao insulto, à violência e à discriminação (DUBET, 2013 p. 56 -57, tradução livre do francês).

A estigmatização, da mesma forma que a atribuição de estereótipos, é um fenômeno de marcação dos seres com características tangíveis, contudo o estigma traz de maneira forte a marcação negativa ou a reprovação às características, servindo perfeitamente ao discurso de exclusão e fechamento social.



Segundo Castellanos Guerrero (1998, p.24): “O estereótipo precede ou fundamenta o preconceito. Estereótipos e estigmas são considerados como novas formas de dominação, heranças que perduram no imaginário social e que expressam situações cotidianas de conflito”. Assim, a estigmatização também é um fenômeno útil na defesa dos interesses dominantes, é produzida como resultado da exploração (DUBET,2013, p.56), a partir dela torna-se mais fácil explorar pessoas estigmatizadas e despidas de cidadania.

A discriminação independe das características reais dos sujeitos, possui elementos de vigilância e controle dos contornos sociais, especialmente os de inclusão/exclusão. Nessa linha de raciocínio, o filósofo mexicano Rodríguez Zepeda (2004, p.23) nos apresenta também o conceito de **desvantagens não merecidas**, que similar ao de critério ilegítimo qualifica a definição de discriminação: “*Para el caso de la discriminación, una “desventaja inmerecida” es la situación de fragilidad o debilidad de un grupo frente a los demás derivada del prejuicio negativo o el estigma contra este*”. A partir desses conceitos, afirma-se que os motivos que geram a discriminação são justamente as características que lhes dão identidade. (GARCIA, 2007).

Neste ponto, vemos que o estigma é fundamental para que a discriminação ocorra, pois são fatores que de alguma forma determinam o comportamento dos indivíduos e a forma como se relacionam com as pessoas e grupos sociais. (GARCIA, 2007). A discriminação e a estigmatização andam de mãos dadas, mas nem sempre têm o mesmo grau. A discriminação é consequência da estigmatização, é a ação perpetrada contra o indivíduo por possuir a característica/ qualificador estigmatizado.

É importante salientar, no entanto, que há preconceitos sem discriminação, da mesma forma que há discriminação sem preconceito (MALGESINI; GIMÉNEZ, 2000, p.121). Apesar de a discriminação ser uma ação, não é necessário que o agente do ato tenha a **intenção** de discriminar para que a discriminação aconteça, o que importa é o efeito da ação. Ela pode ocorrer a partir de uma omissão ou em práticas estruturantes da sociedade, sem que o agente se dê conta desse processo.

Didier Fassin explica que há uma diferença importante entre discriminação e racismo, ambos não se manifestam da mesma forma. Exemplifica: “o empregador racista pode ter interesse em não discriminar na hora de contratar e, inversamente, o empregador que pratica práticas discriminatórias não precisa ser racista. O fato é que a discriminação racial é

prontamente associada ao preconceito racista” (2002, p. 50, tradução nossa)<sup>22</sup>. Sendo assim a discriminação está ligada mais à ação discriminatória do que ao preconceito, apesar de este poder ser um motivador de uma discriminação, o que interessa para a caracterização é a promoção do ato discriminatório.

Retomando assim a importância da questão da não necessidade da intencionalidade do ato discriminatório para que se haja a discriminação. Como vemos sublinhado na definição do mexicano Rodríguez Zepeda:

[A discriminação é] *una conducta, culturalmente fundada, y sistemática y socialmente extendida, de desprecio contra una persona o grupo de personas sobre la base de un prejuicio negativo o estigma relacionado con una desventaja inmerecida, y que tiene por efecto (intencional o no) dañar sus derechos y libertades fundamentales* (2004, p.19, grifo nosso).

Há nesta definição três elementos sobre os quais se estrutura o conceito de discriminação: a) Desigualdade no trato (ação de diferenciação, exclusão, preferência a determinados grupos); b) Causa da exclusão (motivação) condicionada a qualidade específica da pessoa; c) Anulação/ Dano aos direitos e liberdades fundamentais do sujeito discriminado (FERNANDES, 2016). São considerados quatro atos discriminatórios: distinção, exclusão, restrição ou preferência.

Sendo assim, as definições de discriminação devem levar em conta o efeito prejudicial da discriminação, ou seja, compreendida em **razão do dano que se produz ao indivíduo** ou ao grupo, refletindo as consequências concretas e na profunda limitação de acesso a direitos, à justiça e às oportunidades que o comportamento discriminatório pode produzir. pois a discriminação é resultado de um sistema estrutural produtor de desigualdades, e não somente da vontade individual de discriminar.

A discriminação manifesta de distintas formas no que se refere ao tratamento direcionado pela sociedade, pelas normas, políticas etc. Pode ser identificada nas estruturas que auxiliam em sua manutenção, ainda que não relacionadas de forma direta com o fenômeno. Estas formas são chamadas de discriminação direta, discriminação indireta, discriminação formal, discriminação estrutural (ou sistêmica) e substantiva. Neste ponto realiza-se uma sistematização a partir da literatura dos diferentes tipos de discriminação.

---

<sup>22</sup> Do original em francês: “: l’employeur raciste peut avoir intérêt à ne pas discriminer à l’embauche et, à l’inverse, l’employeur qui a des pratiques discriminatoires n’a pas besoin d’être raciste. Il n’en reste pas moins que la discrimination raciale s’associe volontiers à des préjugés racistes” (FASSIN, 2002, p.50).

A **discriminação direta** ocorre quando um indivíduo recebe tratamento diferenciado ou é excluído por pelas suas características como, por exemplo, sexo, raça/cor, etnia, origem e idade <sup>23</sup>. A **discriminação indireta** faz referência a leis e políticas aparentemente neutras/igualitárias, mas que influenciam nos direitos desses indivíduos pertencentes aos grupos com as características supracitadas. São situações que, embora aparentem estabelecer condições idênticas de tratamento ou critérios universais, excluem uma série de pessoas e grupos que desde um princípio encontra-se em desvantagem (CONAPRED, 2013, p.62)<sup>24</sup>. A discriminação formal refere-se a leis e políticas que discriminam por motivos proibidos em sua própria letra de lei.

A **discriminação estrutural** (ou sistêmica) é o “*fenómeno de exclusión sistemática a la que se encuentran sometidos amplios sectores de la sociedad*” (CABALLERO OCHOA, 2014, p. 183). Esta é arraigada no *comportamento* da sociedade e implica em atos de discriminação indireta e frequentemente não questionados, auxiliando assim na reprodução das desigualdades e da própria discriminação. E, por fim, a **discriminação substantiva**, refere-se às condições e atitudes que da mesma forma auxiliam na perpetuam a discriminação *de fato* (CONAPRED, 2013, p.61-62). A diferença entre as duas é que esta última, a discriminação substantiva, refere-se mais a políticas públicas que deem condições *materiais* para assegurar a igualdade, como acesso à moradia etc.

A **discriminação institucional**<sup>25</sup>, termo cunhado na década de 1970 na esteira da categoria de racismo institucional, analisa as formas contemporâneas de discriminação, em uma era pós-direitos civis, onde a ideologia igualitária ganhou terreno e onde os preconceitos (racial, sexista, homofóbico etc.) são **menos visíveis e dissimulados**. O conceito demonstra que as instituições incluem em suas operações de rotina uma multiplicidade de normas e práticas que têm efeitos discriminatórios, apesar da sua aparente neutralidade. Indivíduos constantemente e inconscientemente mobilizam os esquemas de percepção que podem levar a comportamentos discriminatórios sem que seja possível resistir por mera "consciência" (BERENI; CHAPPE, 2011, p.17).

É importante discutir **motivação do ato discriminatório** por duas razões: a primeira é que esse ato não é obrigado a estabelecer relação com a intencionalidade para ser configurado

---

<sup>23</sup> Os autores estudados dão nomes distintos a essas características, portanto elas aparecerão no trabalho como: critérios ilegítimos, desvantagens imerecidas, categorias protegidas ou motivos proibidos de discriminação. CABALLERO (2014) aponta o uso como categorias “suspeitas” e a encontramos em documentos da ONU (observação nº 18 parágrafo 7 adotado na 37.ª sessão, 1989, Comitê dos Direitos do Homem),

<sup>24</sup> Mais sobre discriminação direta e indireta ver:

[http://www.oitbrasil.org.br/sites/default/files/topic/discrimination/pub/oit\\_igualdade\\_racial\\_05\\_234.pdf](http://www.oitbrasil.org.br/sites/default/files/topic/discrimination/pub/oit_igualdade_racial_05_234.pdf)

<sup>25</sup> Introduzido pelo Stokely Carmichael e Charles Hamilton.

como discriminatório, e em segundo é que essa definição implica na existência de um qualificador, ou, um sistema de opressão.

Esse **qualificador da discriminação**<sup>26</sup> diz respeito a distintas marcas do sujeito e/ou do grupo que pertence, como sexo ou orientação sexual, nacionalidade ou suposta origem, deficiência ou pertença a um coletivo (FASSIN, 2008, p. 50-51).

Iris Young (1990) atenta para o fato de que a categoria de discriminação normalmente utilizada, é ancorada a partir de um paradigma formalista e individualista proveniente do liberalismo. Esse paradigma tende a ver os sistemas de opressão apenas como “diferenças” sociais.

A partir de uma perspectiva crítica, há a defesa de que os qualificadores/ critérios/ motivos/ razão de discriminação/ diferença na verdade seriam sistemas de opressão direcionados a grupos sociais. O que aponta para uma problemática já na definição inicial de discriminação ao utilizar o direito (leis etc.) para mudar a situação de um grupo. O problema não é o uso do termo discriminação para se referir à ruptura da igualdade, mas sim que o conceito de igualdade na cultura liberal não levar em consideração os sistemas de dominação (TARAMUNDI; UNZUETA, 2011, p.28).

A discriminação se inscreve no campo das relações de poder e, mais especificamente, sobre como o poder é teorizado por uma boa parte do pensamento crítico, isto é, em termos de opressão e/ ou dominação. A discriminação é então definida nesta perspectiva como a **ação qualificada proveniente dos sistemas de opressão**.

*(...) el tipo de injusticia designado como discriminación no puede considerarse como algo puntual o excepcional sino como un fenómeno sistémico. Desde esta postura —que en la visión de la sociedad implica estar más cerca del conflictualismo que del funcionalismo—, puntuales y/o excepcionales podrán ser, en todo caso, las acciones a las que, según el momento histórico, se les reconoce o atribuye relevancia jurídica, pero no los actos discriminatorios que son, en definitiva, los que alimentan los sistemas de opresión. En fin, según este esquema, el juicio de similitud sobre el que descansa la discriminación no se basa en las pretendidas “diferencias” (de raza, sexo, etc.) sino en los sistemas (normas, estereotipos y roles) de opresión contruidos sobre ellas (TARAMUNDI; UNZUETA, 2011, p.40).*

---

<sup>26</sup> Na bibliografia podem ser encontrados nomes distintos a essas características, portanto elas aparecerão no trabalho como: critérios de diferença, critérios ilegítimos, desvantagens imerecidas, categorias protegidas ou motivos proibidos de discriminação. CABALLERO (2014) aponta para o uso da scjn como categorias “suspeitas” e a encontramos em documentos da ONU (observação nº 18 parágrafo 7adotado na 37.ª sessão, 1989, Comitê dos Direitos do Homem),

Opressão para Young é uma categoria central para avaliar e analisar estruturas e práticas sociais. A autora afasta a opressão do significado de tirania ou conquista<sup>27</sup> que geralmente acompanha a categoria.

*But oppression also refers to systemic constraints on groups that are not necessarily the result of the intentions of a tyrant. Oppression in this sense is structural, rather than the result of a few people's choices or policies. Its causes are embedded in unquestioned norms, habits, and symbols, in the assumptions underlying institutional rules and the collective consequences of following those rules. (...) (YOUNG, 1990, p.41)*

Alternativamente, a autora propõe um novo uso em que o sentido tradicional seria ampliado, onde a opressão se refere às grandes e profundas injustiças sofridas por alguns grupos na sociedade.

*(...) In this extended structural sense oppression refers to the vast and deep injustices some groups suffer as a consequence of often unconscious assumptions and reactions of well-meaning people in ordinary interactions, media and cultural stereotypes, and structural features of bureaucratic hierarchies and market mechanisms— in short, the normal processes of everyday life. We cannot eliminate this structural oppression by getting rid of the rulers or making some new laws, because oppressions are systematically reproduced in major economic, political, and cultural institutions (YOUNG, 1990, P.41).*

Ao encontro deste pensamento, Boaventura de Souza Santos aponta que a discriminação possui 3 eixos de opressão que a influenciam: o capitalismo, o colonialismo e o patriarcalismo. Esses são opressões sistêmicas que limitam os grupos e indivíduos. Para o autor o capitalismo origina-se na modernidade ocidental, e o colonialismo e o patriarcalismo existiram antes, porém foram reconfigurados pelo capitalismo.

A dominação capitalista assenta na exploração do trabalho assalariado por via de relações entre seres humanos formalmente iguais. A dominação colonial assenta na relação hierárquica entre grupos humanos por uma razão supostamente natural, seja ela a raça, a casta, a religião ou a etnia. A dominação patriarcal implica outro tipo de relação de poder, mas igualmente assente na inferioridade natural de um sexo ou de uma orientação sexual. As relações entre os três modos de dominação têm variado ao longo do tempo e do espaço, mas o facto de a dominação moderna assentar nos três é uma constante (SANTOS, 2017, não paginado).

---

<sup>27</sup> Young afirma: “*In its traditional usage, oppression means the exercise of tyranny by a ruling group. Oppression also traditionally carries a strong connotation of conquest and colonial domination. In dominant political discourse it is not legitimate to use the term oppression to describe our society, because oppression is the evil perpetrated by the Others*” (1990, p.5).

Reconhecer a complexidade de como essa opressão funciona também nos permite ver como a mesma pessoa pode ser privilegiada e oprimida, dependendo de quais aspectos de suas vidas estamos olhando. As diferenças de grupo também se cruzam (ou seja, uma pessoa pode ser membro de vários grupos simultaneamente), as diferenças grupais são múltiplas, transversais, fluidas e móveis (YOUNG, 1990). Assim, grupos podem ser criados e desfeitos de acordo com o contexto históricos e sociais.

Embora a opressão estrutural envolva relações entre grupos, essas relações nem sempre se enquadram no paradigma da opressão consciente e intencional de um grupo por outro. As ações de muitos indivíduos contribuem diariamente para manter e reproduzir a opressão, mas essas pessoas geralmente estão simplesmente fazendo seu trabalho ou vivendo suas vidas e não se entendem como agentes de opressão. O modelo individualista de ontologia social também tende a assumir que identificação de grupo é igual a opressão. Young rejeita esta afirmação: a diferenciação não é em si opressora (YOUNG, 1990, p.41).

Não é possível definir um único conjunto de critérios para descrever a opressão desses grupos. Todos podem envolver injustiças de distribuição, mas também se estendem para além dessas injustiças. A opressão também não é um fenômeno unificado com uma essência fundamental subjacente. Para dar sentido à opressão é preciso revisar nossos relatos da ontologia social para reconhecer a existência de "grupos sociais".

Para a teórica, os grupos sociais podem sofrer opressão de qualquer uma das seguintes cinco formas crucialmente distintas: exploração, marginalização, impotência, imperialismo cultural e violência<sup>28</sup>. Os indivíduos dentro desses grupos podem experimentar todas as formas, múltiplas ou apenas uma dessas formas de opressão e podem se encontrar, simultaneamente, em grupos/ posições dominantes em outros contextos.

Nesta linha, é preciso também distinguir o fato de ser **discriminável**, do fato de ser **discriminado**. Todos os portadores de estigma e diferença são discrimináveis, mas nem todos são discriminados todo tempo, em todos os lugares por todo mundo. Esse fato é alterável a partir do capital social e cultural e das lutas contra discriminação. Isso pode também transformar

---

<sup>28</sup> **Exploração:** "O insight central expresso no conceito de exploração ... é que essa opressão ocorre por meio de um processo contínuo de transferência dos resultados do trabalho de um grupo social para beneficiar outro." **Marginalização:** "Marginais são pessoas que o sistema não pode ou não usará"; "Toda uma categoria de pessoas é expulsa da participação útil na vida social." **Impotência:** "Impotentes são aqueles a quem falta autoridade ou poder mesmo neste sentido mediado, aqueles sobre os quais o poder é exercido sem que o exerçam; os impotentes estão situados de modo que devem receber ordens e raramente têm o direito de dá-las". **Imperialismo Cultural:** "[para] experimentar como os significados dominantes de uma sociedade tornam a perspectiva particular do próprio grupo invisível ao mesmo tempo que estereotipam o grupo e o marcam como o Outro." **Violência:** "A violência é sistêmica porque é direcionada aos membros de um grupo simplesmente porque eles são membros desse grupo." (Young, 1990).

a diferença em um recurso ou proteção, há grande diversidade e complexidade nas experiências de discriminação (DUBET, 2013, p. 59-60) e isso acontece com os migrantes, nem todos são discriminados, nem todos são discriminados pelos mesmos motivos e ao mesmo tempo.

Ao paradigma da diferença desvia-se o fato de que a **hierarquia de poder** produz diferenças reais e imaginárias, diferenças que também são desigualdades. O que falta no paradigma da diferença é compreender à medida que faz o igual e o diferente. Essa medida que na noção empirista de igualdade de Aristóteles, definida como um tratamento igual para iguais e tratamento diverso para quem não é igual, não leva em consideração que ela é o hegemônico<sup>29</sup>(MACKINNON, 1991).

A discriminação, levando esses pressupostos em consideração, é um efeito ativo da desigualdade e não da diferenciação, é possível a convivência com o diferente, não é tolerado o inferior, pois há uma relação hierárquica construída material e simbolicamente pelas relações de poder sociais.

Para explicar o **funcionamento da (re) produção das relações de poder**, evoca-se o conceito de "desvantagem cumulativa" em que as discriminações anteriores explicam a **persistência de desigualdades na distribuição dos recursos sociais**, bem como a persistência de comportamentos discriminatórios, na herança do passado.

(...) [o] conceito de "desvantagem cumulativa" (Desvantagem cumulativa), originalmente cunhado por Peter Blau e Otis Dudley Duncan, tem sido utilizado para conceituar a herança do passado: as discriminações anteriores explicam não somente a persistência de desigualdades na distribuição dos recursos sociais, mas também a persistência de comportamentos discriminatórios. Através de uma inversão de causas e consequências, os antigos efeitos discriminação intencional vir a justificar a continuação do tratamento diferencial (BERENI; CHAPPE, 2011 p. 17, tradução nossa)<sup>30</sup>

O conceito de **desvantagem cumulativa** explica os efeitos sociais da divisão colonial nas sociedades americanas influenciando processos de discriminação locais. O que gera mecanismos e sistemas institucionais de dominação que reproduzem o tratamento diferencial e

---

<sup>29</sup> MacKinnon faz esta reflexão com relação à diferença entre homens e mulheres, sendo para ela o homem o padrão: "Igualdade para as mulheres", que se reconstrói a partir de dois imperativos: a) "ser igual aos homens"; ou b) "ser diferente dos homens" Em ambos os casos o resultado seria igualmente frustrante, no sentido de que "o homem se torna a medida de todas as coisas" (1991, 81)

<sup>30</sup> Do original : Le concept de « désavantage cumulatif » (*cumulative disadvantage*), initialement forgé par Peter Blau et Otis Dudley Duncan 30, a ainsi été utilisé pour conceptualiser l'héritage du passé : les discriminations antérieures expliquent non seulement la persistance d'inégalités dans la distribution des ressources sociales mais aussi la persistance de comportements discriminatoires. Par le biais d'une inversion des causes et conséquences, les effets d'anciennes discriminations intentionnelles en viennent à justifier la continuation de traitements différenciés 31



impedem o acesso equitativo de grandes grupos populacionais ao desenvolvimento econômico e social (ABREU, 2013, p. 249).

Outras pesquisas<sup>31</sup> exploraram o **efeito cumulativo da discriminação** vivida em várias esferas sociais e fases da vida de um indivíduo. Além disso, nesse período **diversos métodos de mensuração** foram desenvolvidos incluindo, por exemplo, enquetes sobre a percepção de discriminação por membros de grupos desfavorecidos e as intenções de potenciais perpetradores discriminação, ou a análise do litígio legal de discriminação (BERENI; CHAPPE, 2011, p.17).

Outra questão trazida para esta reflexão é a **dupla esfera da discriminação** que dispõe sobre a **relação entre público e privado**. As teorias sobre discriminação cunhadas nos anos de 1970, especialmente no campo da discriminação de gênero, apontam que não é possível separar a dimensão privada da pública no combate à discriminação, pois as relações que se desdobram no mercado, que é um espaço amplamente público, são as mesmas relações sociais e regras que fazem parte do que é considerado socialmente o espaço “privado” (nas relações sociais entre os indivíduos). Não se pode compreender a construção das desigualdades entre homens e mulheres no mercado de trabalho ou na política sem a articulação com as relações de poder no privado. Assim, há que ser ter o cuidado de não negligenciar a importância do que acontece em privado na (re) produção dos padrões de dominação (BERENI; CHAPPE, 2011).

Na Europa, especialmente na França, as pesquisas sobre gênero, as relações sociais de raça e etnia, sexualidade ou outras que existiam antes da introdução do termo discriminação foram enriquecidas com sua introdução, com base na “desnaturalização” de **“desigualdades naturalizadas”**. Além disso, a admissão do paradigma de discriminação estimulou novas

---

<sup>31</sup> **John Skrentny** (apud BERENI, 2011, p.24) explora a transformação do quadro jurídico-político de não-discriminação a um modelo originalmente "daltônico" (caracterizada por um padrão de igualdade de tratamento, centrada nas pessoas e cego para as diferenças), o que aconteceria em um modelo de ação afirmativa "racialmente consciente". Ele mostra que esta tendência, longe de refletir as exigências dos movimentos direitos civis foi iniciada pelas elites burocráticas, políticas e econômicas que temiam consequências políticas negativas no cenário mundial violência urbana a partir do final da década 1960.

**Frank Dobbin** (apud BERENI, 2011, p. 25) conduz os seus estudos com foco no lugar ocupado nesta mesma história, pelas empresas de elites, e, em particular, pelos peritos dos recursos humanos. Na tentativa de antecipar a definição pelos tribunais de um direito difuso e ambíguo, esses atores paradoxalmente contribuíram para a construção do significado das normas legais, conforme indicado pelo alinhamento dos cortes em suas próprias definições. **Robin e Nicholas Stryker Pedriana** (apud BERENI, 2011, p. 25) focam no papel determinante de uma agência burocrática da comissão por igualdade de oportunidades de emprego (*Equal Employment Opportunity Commission - EEOC*): que apesar de contar com recursos próprios extremamente baixos, a instituição tem conseguido pautar os tribunais, a partir do início dos anos 1970. **Daniel Sabbagh** (apud BERENI, 2011, p 25) trabalha o paradigma da justiça corretiva, conceito que inicialmente justificou as políticas de ação afirmativa como um instrumento de reparação das injustiças e foi, desde o final de 1970, gradualmente suplantado pelo paradigma da diversidade que era mais consensual.

pesquisas com objetos previamente pouco estudados, em termos da construção de relações de poder, tais como deficiência, idade ou aparência física.

Promove-se, assim, a aproximação e o conhecimento comparativo para a transferência de estudos entre áreas que anteriormente eram relativamente compartimentadas, além do cruzamento de categorias e abordagens centradas na Interseccionalidade<sup>32</sup> das relações de poder (BERENI; CHAPPE, 2011, p.19).

As relações de poder são pautadas na força que permeia as relações sociais, relações que foram historicamente construídas levando à uma hierarquização de diferentes grupos sociais. Só tem a condição de discriminar o grupo hegemônico, ou seja, só pode ser intolerante<sup>33</sup> aquele com mais poder na sociedade.

*Denominaremos como intolerante a la posición intransigente ante posibles oponentes. Por ello la intolerancia es dogmática, indicando así la unidad entre una cierta teoría de la verdad y el poder político. El intolerante afirma “poseer” la verdad o encontrarse en un acceso privilegiado con respecto a lo que se conoce como “verdadero” (DUSSEL, 2004, p.1).*

Intolerância se refere à uma atitude de inflexibilidade e intransigência com relação a algo, de condescendência. E, ainda que outros grupos com menos poder se discriminem entre si, a referência é sempre o padrão de poder.

Na América Latina as relações de poder foram construídas principalmente a partir da conquista, com a racionalidade e modernidade europeia como norte.

#### **1.4. Bases para discutir discriminação na América Latina: Identidade, modernidade e colonialidade**

Diversos autores contemporâneos latino-americanos denunciam o projeto racionalista de modernidade, dentro da mesma linha de raciocínio, como profundamente etnocêntrico e excludente.

O etnocentrismo é igualmente um conceito fundamental nesse contexto. Variante dos processos de fechamento social, é considerado uma forma de preconceito, pois o fenômeno

---

<sup>32</sup> Os autores exemplificam com os estudos de raça e gênero com Colette Guillaumin na década de 1970. Utiliza-se o termo “*intersectionnalité*” que foi traduzido de forma livre como interseccionalidade.

<sup>33</sup> Para Sanz, o conceito de tolerância está ligado a uma perspectiva multicultural de convivência e inclusão entre raças, etnias e culturas diferentes, onde tolerância, “(...) significa convivência com comportamentos, ideias e discursos diferentes e requer, pelo menos, que alguns princípios de convivência sejam respeitados (SANZ, 2012, p.249). Sendo assim, a não prática da tolerância, seu antônimo, seria a intolerância.

tende a tomar o próprio grupo como medida de julgamento dos demais, e/ou com base nele hierarquizar os outros como inferiores. No entanto, preconceito e etnocentrismo situam-se em campos conceituais diferentes. A diferença do preconceito, a especificidade do etnocentrismo é a “valoração do outro pelas coordenadas de seu próprio grupo”.

O etnocentrismo é a “*sobrestimación de lo propio frente a lo extraño*” (CASTELLANOS GUERRERO, 1991, p. 46) e, um “*principio de clasificación básico para la delimitación de grupos y la interacción social*” (CASTELLANOS GUERRERO, 1991, p.48). O fenômeno do etnocentrismo é encontrado em todas as culturas no mundo, e não somente na cultura ocidental, apesar de esse ser hegemônico. Levi-Strauss afirma “la defensa de la diversidad, “fenómeno natural” originado por el etnocentrismo, “la actitud más antigua” común a todos los pueblos, “que repudia las formas culturales, morales, religiosas, sociales, estéticas extrañas a las propias” (CASTELLANOS GUERRERO, 1991, apud LEVI-STRAUSS<sup>34</sup>).

Para além do comportamento etnocêntrico encontrado em todas as sociedades, a ideologia europeia é a primeira que se pretendeu universal. Ela posiciona-se como o “centro do mundo” e o reordena a partir de si (DUSSEL, 2000, p.29). O etnocentrismo europeu colonial está profundamente ligado à criação da modernidade. A modernidade aparece quando a Europa afirma a si mesma como “centro” de uma história mundial e, identificando-se como centro, inaugura a “periferia” que, como polo oposto, é parte de sua própria definição.

A modernidade então nasceu quando a Europa pôde se confrontar com o seu “outro” e controlá-lo, vencê-lo, violentá-lo: quando ela pôde se definir como um ego descobridor, conquistador, colonizador da alteridade constitutiva da própria modernidade. E esse outro não foi “descoberto” como outro, e sim “en-coberto” como “si mesmo” (DUSSEL, 1993, p.8).

A modernidade é vista como processo de emancipação da razão humana, por meio do processo civilizatório da cultura europeia, caracterizando-se como um fenômeno eurocêntrico. A civilização moderna se apresenta como a mais desenvolvida e superior. A modernidade é justificação de uma Práxis irracional de superioridade e se dimensiona como uma exigência moral, que obriga os superiores a desenvolverem os mais primitivos.

O conceito da modernidade, está encoberto de um “mito”, e esse mito seria o eurocentrismo e a teoria desenvolvimentista que ele qualifica como “falácia”, onde se criou no pensamento europeu uma escala evolutiva do desenvolvimento das civilizações tendo as civilizações europeias como o cume (DUSSEL,1993). O conceito de “desenvolvimento”,

---

<sup>34</sup> Claude Lévi Strauss, “Raza e Historia”, en Antropología estructural, 2a. ed., Siglo XXI, México, 1979.

explica Dussel (1993, p.17), tem um papel central na ontologia hegeliana e uma direção espacial: vai do oriente ao ocidente, e a Europa é absolutamente o fim da história universal, colocando os outros povos como se estivessem em um estágio de “imaturidade”<sup>35</sup> ou de “infância” essencial, e esse estágio de imaturidade seria fomentado pela preguiça e covardia dessas populações, como explicitado no tópico da racionalidade.

A colônia foi o fruto do contato de duas civilizações, classificadas uma (a europeia) como avançada e outra (a colonial) como mais atrasada, o que caracteriza as relações típicas do europeu evoluído e do indígena arcaico, e as formas pelas quais, um domina e explora o outro, reforçando suas relações desiguais com processos discriminatórios. Sendo assim, a estrutura colonial estaria estreitamente vinculada ao desenvolvimento desigual e as formas de exploração combinadas, simultâneas e não sucessivas, como o modelo clássico do desenvolvimento (CASANOVA. 2002).

O mito desenvolvimentista e o eurocentrismo característicos das teorias modernas de estado tornam-se elementos chaves para o estudo da discriminação, pois afetam o próprio processo de intersubjetividade do direito proveniente da cultura jurídica moderna. Se para essa, a faculdade da racionalidade humana transforma-se em direitos, por consequência, a ausência de racionalidade levaria à ausência direitos. Diversos autores contemporâneos latino-americanos denunciam o projeto racionalista de modernidade, por ser profundamente etnocêntrico e excludente.

### **1.5. Identidade nacional latino-americana e caribenha: mestiçagem e hierarquização racial no centro**

Após séculos de colonização os países da América tiveram que encontrar meios de criar uma nação e forjar uma identidade nacional a partir de emblemas nacionais comuns. Assim como todas as construções dos Estados-nação modernos,

A nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos legais de uma nação elas participam da ideia de nação tal como representada em sua cultura nacional. Cria-se uma comunidade simbólica, homogeneizada (HALL, 2001, p.49).

---

<sup>35</sup> Hegel desenvolve este conceito a partir de Kant, que é a *aufklärung*, uma expressão do iluminismo alemão que define todas as coisas, toda a realidade. *Aufklärung* é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo (Bresolin, 2015).

Além disso, as nações latino-americanas no pós-independência, assim como as europeias, também foram formadas a partir de “comunidades imaginadas”, como explica o conceito de Anderson (1993). Uma nação é um exemplo de comunidade socialmente construída, imaginada por pessoas que percebem a si próprias como parte de um grupo. A comunidade é imaginada, pois os membros da nação nunca poderão conhecer todos os seus conterrâneos e mesmo assim terão mentalmente uma imagem de comunhão entre eles (FERNANDES, 2016 apud ANDERSON, 1993).

Importante na criação de uma nação é criar uma identidade nacional. A população cria uma sensação de igualdade pela origem comum, de pertencimento étnico, dentre outros imperativos que os cercam, e essa identidade é fortalecida pela diferenciação com o outro, de forma que a alteridade é a outra faceta da identidade.

*Identidad y otredad son las dos caras de una moneda. Ningún grupo humano se percibe y se define a sí mismo más que por oposición a la forma en la que percibe y define a otro grupo humano, al que considera diferente de sí. En este sentido, la identidad no es algo absoluto que esté previamente determinado por el origen y la pertenencia puramente étnica y que esté situado más allá de la conciencia y de la voluntad de los hombres. Más bien es una realidad social marcada por imperativos profundos: el territorial, el económico, el de clase, el político, el institucional, el de la re-creación y la re-elaboración constantes de la memoria e historia grupales y el de la conciencia de la propia cultura. (BARTH, 1976 apud GALL, 2004).*

Nesse sentido, uma cultura nacional é um discurso, um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (HALL, 2001, p.49 e os Estados-nação latino-americanos criam em sua formação uma narrativa histórica e um discurso cultural nacional embasado na ideia de um único povo, uma única nação mestiça. Um processo paradoxal que tinha como objetivo fazer um contraponto às estruturas hierárquicas coloniais, mantendo o pensamento evolucionista.

*Los Estados Nacionales en el siglo XIX se plantearon la superación de las estructuras jerárquicas de la colonia bajo la bandera de una sola cultura y nación, lo que sirvió también para empresas de homogenización nacional que arrasaron con las culturas indígenas, mediante aculturación o exterminio. Con dicotomías excluyentes, como "civilización o barbarie", se forzó a las culturas indígenas a someterse a las formas culturales dominantes (HOPENHAYN, 2001, p.10).*

Estados-nação latino-americanos em contraponto à matriz colonial, foram construídos à imagem e semelhança dos Estados europeus e mantiveram as premissas de homogeneização cultural e hierarquização racial. Tal construção funcionou de diversas formas, algumas destas

tão violentas como as coloniais - dominação, perda de identidades e genocídio, realizadas a partir de processos de aculturação e assimilação das culturas indígenas, submissão das culturas negras e a reprodução da opressão dos antigos colonos pela elite *criolla*<sup>36</sup>. Foi mantido também, apesar da perspectiva homogeneizadora da nova “cultura nacional”, a manutenção de estruturas hierarquizadas entre os descendentes europeus e as populações não brancas.

Nesse processo, tais elites sustentam uma pirâmide social criada pelos colonizadores, onde as hierarquizações raciais têm continuidade no modelo de nacional independente. Além disso, cria-se uma ideia de nação baseada na mestiçagem como forma de assimilar e suprimir as etnias indesejadas a uma civilização moderna e progressista.

A questão racial surge com força, como estratégia de dominação e hierarquização das relações sociais e a manutenção do status quo das elites nacionais. Contudo, embora já tenha passado muito tempo desde o descrédito das teorias racistas e da luta pela igualdade racial, raça continua sendo uma categoria importante nas análises sociais e está intimamente ligada à manutenção das relações de poder.

#### *1.5.1. Racismo, xenofobia, e discriminação contra migrantes*

Para Orville Lee (2005), a categoria raça é uma variável independente. Para o questionamento, o que é raça? O teórico aponta três respostas: Duas sociológicas e uma biológica. A primeira sociológica é que raça é uma construção social, um produto de atos criativos da imaginação social que descreve a experiência subjetiva. A segunda é fundada em relações sociais acadêmicas, é que raça é o coletivo ou agregada experiência objetiva entre dados grupos, uma experiência que refletindo condições como colonialismo e discriminação legal.

O racismo é um fenômeno complexo e dinâmico, que se reinventa perpassando o processo histórico, político, contextualizado, territorializado, que tanto se conforma pelas identidades políticas quanto as conforma a partir da relação dialética entre sujeitos/as e sistemas de opressão institucionalmente, nacionalmente (SEGATO, 1998). Existem, segundo Peter Wade (2000) existem três períodos históricos e contextos sociais de formulação do conceito de "raça". Um primeiro período, o autor denomina de estágio de naturalização das diferenças; um segundo período ele chama de era do racismo científico, e o terceiro período, a fase de construção social da raça (WADE, 2000). A resposta biológica sustentaria que raça é uma

---

<sup>36</sup> Criollos eram os descendentes de espanhóis nascidos na América.



característica natural da espécie homo sapiens encontrada pela distribuição de marcadores genéticos ou outras características fenotípicas (LEE, 2005, p.235). As teorias racistas iniciadas no século XIX respaldariam cientificamente a diferenciação.

A partir da biologização de suas características, a construção da categoria raça e do racismo também é compreendida como resultante de uma estratégia de dominação que se utiliza da hierarquização e da inferiorização de outros povos.

*Nos contentamos, a menudo - aún en trabajos ilustrados -, con definir el racismo en primer lugar como la biologización de lo diferente o de las diferencias con el fin de naturalizar una inferioridad atribuida o de permitirse establecer una clasificación jerarquizante de grupos humanos, y en segundo lugar, se define el racismo como el conjunto de actitudes y de conductas que expresan un "horror de las diferencias", un irresistible y fundamental "rechazo del otro", una postura o una disposición heterofóbica. (TAGUIEFF, 1998, p.4)*

Assim, outra forma utilizada na forja dos Estados-Nação latino-americanos foi a utilização de ideias de mestiçagem, não apenas com respeito a hibridação das diferentes populações, mas também aludindo à mistura de culturas, remetendo à ideia de um amálgama das diferentes referências dos povos ali existentes. A mestiçagem foi um elemento central na definição de nação latino-americana e todos os nacionalismos latino-americanos utilizaram esta ideia em diferentes gradações, jogando com as imagens do branco, negro, indígena e suas misturas (WADE, 2003).

É importante destacar que a ideia da mestiçagem foi um dos componentes mais fortes na formação identitária das nações latino-americanas, tão forte que ainda permanece no imaginário popular da região. Apesar de não se restringir a isso, a ideia de uma mescla de “raças” remete aos processos de hibridação na biologia. Especialmente no período entre o século XIX e XX a ideia de mestiçagem teve grande influência das teorias racistas relacionadas às teorias naturalistas e evolucionistas comumente chamadas de darwinismo social (NETTO, 2013, p.60), teorias que justificam sob o prisma do cientificismo, a hierarquização e inferiorização dos povos.

Algumas posições teóricas reafirmando a inferiorização valorizavam a perspectiva da raça pura seguindo os passos de Gobineau. O imaginário da nobreza de nascença proveniente da Europa, junto com as leis do sangue, o culto genealógico, o preconceito de cor reforçado na colonização era consagrado não somente pelas bibliografias e catecismos provenientes do Estado, mas concordam com o progresso das espécies e a superioridade das civilizações. Esta ordem era fundada a partir superioridade natural dos brancos (GALISSOT, 1994, p.9). Posições

eugenistas intimamente ligadas à crença na pureza de sangue, foram também utilizadas posteriormente para justificar o nazismo no início do século XX.

Em toda América Latina podem ser encontrados expoentes que trabalhavam a perspectiva de degeneração racial e da criminologia influenciados pelas ideias de Cesare Lombroso (1876) e Enrico Ferri (1892). Estas ideias ainda persistem quando o migrante latino-americano é criminalizado, pois considera-se que possui uma disposição inerente ao crime.

Havia um flanco de debate que acreditava que a mestiçagem, ao invés de degenerar a raça, seria a solução para a superação do "atraso". O miscigenacionismo – uma característica dessa formação de identidade nacional baseada na mestiçagem - se respalda na crença de que a população deviria branca através das relações inter-raciais (GONZALEZ,1988).

O branqueamento surge neste contexto como uma tentativa de melhoramento da racial nacional. De acordo com Nogueira (2006, p. 297), “A expectativa geral de que o negro e o índio desapareçam, como tipos raciais, pelo sucessivo cruzamento com o branco; e a noção geral é de que o processo de branqueamento constituirá a melhor solução possível para a heterogeneidade étnica (...)”.

O aspecto racial seria também medido pelo sangue, a quantidade de impureza a partir da quantidade de sangue negro. A mestiçagem era quantificada – metade, um quarto, um oitavo, para preservação do status social.

A ideologia do branqueamento pregava a crença na evolução da sociedade que deveria caminhar para o ideal civilizatório branco europeu tendo aí seu auge. Tal ideologia foi responsável por políticas higienistas em toda América Latina. O que fundamentou políticas que estimulavam a migração de trabalhadores brancos europeus, ao passo que proibiam a entrada de migrantes africanos e asiáticos no México e em muitos países americanos. O racismo que se legitima pela ciência se sobrepõe ao nacionalismo de raça/linhagem, a genealogia dos povos e à nacionalidade de nascença.

Nesta linha biológica o racismo historicamente, e especialmente influenciado pela história colonial, um importante componente de desumanização, que atualmente os povos racializados herdaram.

*Para Fanón, el racismo es una jerarquía global de superioridad e inferioridad sobre la línea de lo humano que ha sido políticamente producida y reproducida durante siglos por el “sistema imperialista/ occidental céntrico/ capitalista/ patriarcal/ moderno/ colonial” (Grosfoguel 2011). Las personas que están arriba de la línea de lo humano son reconocidas socialmente en su humanidad como seres humanos con derecho y acceso a subjetividad, derechos humanos/ ciudadanos/ civiles/ laborales. Las personas por debajo*

*de la línea de lo humano son consideradas subhumanos o no-humanos, es decir, su humanidad está cuestionada y, por tanto, negada* (FANON 2009 apud GROSFOGUEL, 2011).

René Galissot (1994) fala sobre o racismo colonial e o divide em duas formas majoritárias o racismo de cor e o racismo nacionalista ou racismo de pureza de raça e identidade nacional, nestas duas formas o racismo se inscreve como de longa duração na história colonial e formação das Nações.

Há uma crença na desigualdade hereditária de nascença, herdada da nobreza europeia que se define pela pureza de sangue. A nobreza é legitimada pela sua ascendência/descendência. Esse racismo parte da crença que as características estão ligadas à origem, ao privilégio de nascença e aos laços sanguíneos. Todas estas características estariam ligadas à raça, especialmente na fronteira de cor, e se prolongariam pela reprodução natural de uma potência física pelos membros da família e do grupo, comunidade, raça, classe etc. (GALISSOT, 1994, p.10).

Racismo colonial de cor, segundo o autor, faz parte das formações nacionais americanas. Junto com a escravidão a desigualdade racial como a sexual ou em resumo, a desigualdade social é considerada natural, o racismo é interno ao nacionalismo liberal. A hierarquia racial de cor é tão complicada como uma hierarquia étnica que intervém a diferença de cultura e de origem: racismo cultural e racialização genealógica e biológica que se fundem na ideologia dominante e nos nacionalismos americanos (GALISSOT, 1994, p.10). A racialização é uma construção: não existem raças preexistentes que a discriminação traria à luz, mas representações e comportamentos que dão origem a grupos racializados (FASSIN, 2002).

Já o racismo nacionalista se funda no sentimento de pertença nacional. Na declaração dos direitos do homem é conquistada a democratização do direito de nascença, esse direito vira um privilégio nacional, que é a cidadania. A cidadania se relaciona idealmente à ideia de sangue - descendência de uma população – naturalização.

O fundamento da cidadania é parte da natureza, da nacionalidade, e é mais ainda ligada à filiação, a parentalidade, consanguinidade, e descendência de um povo dado pela história. Com o aumento do nacionalismo de extrema direita, as evocações à raça e ao pertencimento étnico-nacional ficam ainda mais fortes, reforçando a reação racista, como se pôde ver em momentos históricos onde se prega a “purificação da raça nacional”. A sociedade ainda é muito ligada à ideia de uma mitologia, um romantismo nacional sem se dar conta de que todas foram forjadas historicamente. A linguagem de ascendência/descendência é um signo que afirma pertencimento por isso é tão usado.

A ideologia do branqueamento e pelas políticas higienistas que, por sua vez, foram responsáveis pela construção intelectual e política que embasou a forja das nações e que ainda hoje influem na estruturação racista das sociedades e Estados latino-americanos, e que baseiam a visão que o nacional possui do migrante não branco e/ou europeu, o ideal a ser atingido ainda é o do branqueamento de forma que a preferência de assimilação é dada ao estrangeiro que possa contribuir com este ideal.

### 1.5.2. Neorracismo ou racismo diferencialista

O racismo não é estático e as suas concepções mudam (BONILLA-SILVA, 1997), e mesmo no período posterior ao Nazismo, apesar da elaboração de diversas normas antirracistas pelos Estados democráticos nacionais, o racismo não desapareceu, suas expressões apenas tornaram-se veladas: *“el racismo se convirtió en algo simbólico y velado, que no aparecen en el espacio público - bajo la forma de actos flagrantes o de propósitos explícitos susceptibles de ir contra la ley más que muy excepcionalmente”*. (TAGUIEFF, 1998, p. 4)

Octavio Ianni (1996) explica que os problemas raciais associados a nacionalismos e localismos ressurgem com a globalização, e que perspectiva mundial altera a reflexão sobre os seus significados e suas implicações.

Segundo o autor “as migrações transnacionais, intensificadas e generalizadas nas últimas décadas do século XX, expressam aspectos particularmente importantes da problemática racial, visto como dilema também mundial” (p. 4). A migração acaba envolvida em uma dinâmica de diferenciação, onde a consciência étnica ascende como uma força política. Sendo assim, sob vários aspectos, a questão racial revela-se uma dimensão fundamental da globalização, pois as tensões relativas às diversidades e desigualdades raciais são intensificadas (IANNI, 1996, p.8).

Existe uma perspectiva de racialização quando se fala do migrante onde a diferenciação ocorre não somente a partir de suas características geno/fenotípicas, mas das características culturais. Autores como Michel Wieviorka (1997), Pierre-André Taguieff (1998), defendem que o racismo hoje é diferente de suas versões anteriores, pois depende menos dos atributos de inferioridade biológica. Este novo racismo, tem características de um racismo cultural e depende dos conceitos enraizados da diferença cultural. Assim como a palavra etnia começa a ser utilizada como sinônimo de raça após a queda do conceito de racismo biológico, a questão cultural vem assumindo esse papel de naturalização/ justificativa das diferenças.

*¿Cómo comprender conceptualmente esta naturalización de “cultura” y su relación con “raza” y con el racismo? Hay quienes consideran que la cultura naturalizada o convertida en esencia constituye en gran medida una versión travestida del racismo y llaman la atención sobre los riesgos de repetir el racismo con la tranquilidad de conciencia de haber eludido el léxico racista: “cultura” se convertiría en un sucedáneo de “raza”, cumpliendo sus mismas funciones y limando algunas de sus aristas más desacreditadas. (CAGGIANO, 2008, p.37)*

A oficialidade pós segunda guerra mundial tolera cada vez menos formas explícitas de racismo. Assim, a negação do racismo constitui-se em uma parte essencial desse sistema social de dominação que se utiliza de diferentes estratégias de discriminação.

*En la práctica resulta complejo distinguir cuándo un discurso xenófobo es racista. Frente a la explicitud del racismo clásico biologicista, el «nuevo racismo» «es cada vez más velado [...], se desvía por la cultura, ataca a grupos humanos definidos por la nación, la religión y la etnicidad [...], y ya no pasa explícita o directamente por la raza» (Wieviorka, 1994:39). Para Taguieff y Priego (2001) este «nuevo racismo», también denominado «neorracismo», «racismo cultural» o «racismo diferencialista», pone énfasis en las diferencias culturales y no biologiza lo distinto. Incluso se habla de un racismo sin «razas» (Balibar, 1991; Stavenhagen, 1994), «cada vez se dan más casos en que las víctimas del racismo no son solo aquellos que parecen ser físicamente distintos del grupo dominante sino también los culturalmente diferentes» (Stavenhagen, 1994: 15). En este sentido, las actitudes hostiles contra la migración basadas en las diferencias culturales, como las expresadas en el mencionado manifiesto en redes sociales, serían expresiones de (este nuevo) racismo. (TORRE CANTALAPIEDRA, 2019, p)*

Trata-se de um racismo reescrito a partir de categorias sociais, índole cultural que pode estar indo na direção de um “novo racismo” chamado de tipo diferencialista. Racismo que mantém as características de naturalização da diferença, promovendo a segregação a partir dela (WIEVIORKA, 1997).

O racismo contemporâneo é um tipo de racismo que se apropria dos principais pontos do antirracismo eliminando o fator biologizante, compreendendo raça como cultura ou etnia, elevando diferença entre tais culturas ou etnias ao patamar de direito. Uma característica central é que as pessoas que a integram não estariam discriminando um fenótipo ou raça, mas características culturais concebidas como “inferiores”. A racialização destes indivíduos serve para reforçar a objetificação, para anular a dignidade e empurrar esses corpos para a “zona do não ser” (FANON, 2009).

A diferença está nos argumentos: se o racismo biológico se apoiava na ciência, o diferencialista utiliza a ideia de incompatibilidade cultural. Essencializa-se a cultura, e afirma como sagrado o caráter da comunidade, a identidade do grupo ou nação. Obrigando a defesa da

integridade, da identidade e da especificidade grupal (cor da pele, da textura da pele e do cabelo, dos gestos culinários, do modo de vestir, higiene, formato dos olhos, religião, das formas de parentesco e de casamento, da música, da dança, da pintura, dos modos de pensar).

A diferença pode ser genética, hereditária ou puramente histórico-cultural, pois o importante não é a causa ou origem dessa diferença, e sim sua existência visível. Torna-se obrigação de cada um deles manter a alteridade e a autenticidade da comunidade. Neste ponto, o teórico Orville Lee (2005), afirma que a diferença só é uma diferença porque é significada como tal.

Esse novo racismo, age a partir da valorização da diferença, na incomensurabilidade dessas formas culturais, atentando ao perigo da dissolução das formas culturais diferentes no interior da sociedade de massa. No plano político, seu arsenal ideológico em certa medida vai se confundir com o do próprio antirracismo que pretende combater (PERALVA apud TAGUIEFF, 1994).

#### **1.6. Dominação colonial e o estabelecimento da raça no centro da discussão.**

A conquista se estabeleceu como um povoamento superior diante dos seus próprios degraus acima das populações conquistadas, transplantados pelo tratamento da mão de obra etnicizada e racializada. Que é o aporte que nos traz os teóricos decoloniais, que defendem a centralidade da raça no processo da modernidade após a colonização. E é esse pressuposto que será discutido nesse momento a partir de uma crítica estrutural das relações capital-estado-populações.

O primeiro ponto é o nascimento do racismo com a modernidade no ocidente, sendo o racismo “sinônimo de inferiorização e/ou exclusão do outro baseado em uma lógica biologicista” (GALL, 2004, tradução nossa). Em um momento de nascimento da racionalidade e igualdade é bastante lógico centrar a justificativa da desigualdade no terreno natural e biológico, pois torna-se inquestionável (GALL, 2004).

Argumento que mudou na atualidade, buscando superar o argumento biológico, uma vez que considerar outros seres humanos inferiores em um mundo que busca parecer avançado no reconhecimento de direitos não seria adequado, logo, como vimos a justificativa se desloca para a não possibilidade de convivência e assimilação, e assim a exclusão e marginalização, especialmente no caso dos migrantes, pela diferença cultural.

Contudo, como bem discute a autora Olivia Gall (2004), há um ponto contraditório, pois se o racismo nasce a partir de diferenciações genóticas e fenotípicas entre às populações, ou

seja, com razões determinadas pelo biologicismo, o fundamentalismo cultural, ou o diferencialismo, então poderia ser chamado de racismo ainda que não apoiado neste argumento? Sendo assim, ele teria nascido antes ou depois da modernidade? Pois as discussões pré-modernas sobre racismo também não se fundamentam na diferença biológica.

Na discussão da mestiçagem, a estratégia dos países com a independência foi colocar a integração racial como ponto de diferença entre a colônia para sustentar a nova nação, a nova identidade nacional, contudo um argumento que parecia contrário à discriminação racial se contradiz ao substituir uma polarização branco-indígena por uma mestiço-indígena, onde o mestiço substitui o branco e torna-se dominante (MACHUCA, 1998, p.47 *apud* GALL, 2004), o que transforma a mestiçagem em um termo polissêmico, o mestiço pode tanto representar o amplo conjunto da população, como os *criollos* exploradores. O que aponta para um fenômeno, pode ser associado a diferentes fatores, que também podem ter sido nomeados de outras maneiras na história mundial onde existiram manifestações de diferenciação, etnocentrismo e hierarquização, e que ele que vai sendo alterado discursivamente de acordo com o padrão de poder.

Entrando na discussão da tese, a discriminação contra o migrante latino-americano e caribenho é sempre racial? Racial biológico, cultural, econômico ou político? O quanto que as manifestações de rejeição, xenofóbicas e etnocêntricas contra migrantes em trânsito tem de racismo. Quão definidor e central é este racismo para a vida destes migrantes no contexto estudado.

O primeiro ponto de discussão aqui, derivado ao nascimento do racismo com a modernidade é a discussão da colonialidade, que foi apresentada acima com a modernidade e racionalidade. A conquista se estabeleceu como um povoamento superior diante dos seus próprios degraus acima das populações conquistadas, transplantados pelo tratamento da mão de obra etnicizada e racializada. Que é o aporte que nos traz os teóricos decoloniais, que explicam a centralidade da raça no processo da modernidade após a colonização, colocando a raça como o princípio organizador e estruturante das hierarquias no sistema mundial, articulando as regiões periféricas na divisão internacional do trabalho com a hierarquia racial/étnica (GROSGOUEL *apud* FERREIRA, 2014).

Nesta matriz de poder colocada pela colonialidade, existem alguns pontos a serem levantados, o primeiro é a centralidade da raça na dominação colonial.

*la raza representa la “categoría básica” sobre la que se construyeron las formas sociales y se articularon las identidades nacidas de la Conquista,*



*estableciendo una clasificación fenotípica de la población —en un orden decreciente de poder— entre los europeos y sus descendientes, de un lado, y los mestizos, negros e indios, del otro, para legitimar el nuevo orden social producto de la dominación colonial.* (MAKARAN; GAUSSENS, 2020, p.16)

Andrey Ferreira aponta que, “é exatamente ao elaborar a síntese histórica que a aplicação da centralidade do “racismo”, ao que nos parece, não mantém a complexidade da articulação das múltiplas diferenças e hierarquias (sintetizada na noção de padrão de poder)”, pois há a retomada de um conceito de raça já desconstruído por várias teorias sociológicas, relacionando o racismo como uma unidade de organização e ação social hierarquizados a partir da divisão de trabalho capitalista. Hierarquização que, segundo a decolonialidade, se manteve após a situação colonial, tornando-se um dos fatores centrais da desigualdade no sistema mundial. (FERREIRA, 2014, p. 259 -260).

Segundo o autor, neste ponto a corrente decolonial faz um deslocamento epistemológico, rompendo com o economicismo sem problematizar o “culturalismo”, ambos apostando na centralidade do Estado e ambas, segundo ele, seriam reducionistas.

O real deslocamento da proposição não está em chamar a atenção para a articulação entre estratificação étnica e divisão do trabalho e de classes (várias teorias, como a da análise do sistema mundial, a processualista, a teoria da dependência, entre tantas outras, já fizeram proposições sobre o tema), mas em instituir o caráter étnico-racial-cultural como princípio organizador da estrutura de poder e, logo, supor as raças como unidades de organização social (FERREIRA, 2014, p.264).

Um dos problemas teóricos que deriva deste deslocamento seria utilizar a ideia de raças como unidades sociais e sujeitos históricos, determinando, inclusive um “antagonismo racial-nacional”, pois, “(...)ao transformar o racismo num princípio de organização social – ou exatamente por isso –, o sujeito político vislumbrado por essa teoria, só pode ser “raças” ou “nações”” (FERREIRA, 2014, p. 263). Aspecto que seria limitador e essencializante, pois não considera a “multiplicidade e entrecruzamento de múltiplas hierarquias no plano político, o que implicaria na implosão da dualidade nacional/estrangeiro” (FERREIRA, 2014, p.264).

Os povos e culturas não são estanques, há diversos fatores que levam à dominação e as posições estão a todo o tempo sendo renegociadas dentro de uma sociedade, influenciados por fatores históricos, políticos e econômicos. Ao centralizar a dominação na divisão racial, a colonialidade é apontada como fator monocausal de uma simples dicotomia que nega, assim, as demais formas de dominação possíveis.

*En efecto, esta última no sólo conduce a negar la lucha de clases, sino a esencializar pueblos y a fosilizar culturas enteras, de tal manera que no podría haber dominados dentro de la “raza dominante” (los pobres blancos) ni dominantes dentro de las “razas dominadas” (la burguesía indígena) (MAKARAN; GAUSSENS, 2020, p. 33).*

O problema do culturalismo, para Ferreira é a tendencia a ultrapassar as explicações de ordem material pelas de ordem intelectual ou moral. Da mesma forma que o faz o racismo científico, explicando as polarizações sociais pela existência de singularidades imanentes preexistentes, por essências de ordem “natural” ou “cultural”, ou ambas. (FERREIRA, 2014, p. 265).

(..) a instituição do racismo e das raças como principal eixo de organização social na teoria e na epistemologia tende ao essencialismo; em política, tende ao nacionalismo, que, por sua vez, tende a ser menos popular, ou seja, a representar menos os grupos subalternos quanto mais acentua esse essencialismo (FERREIRA, 2014, p.269).

Exemplifica também que Frantz Fanon (2009) é um dos primeiros autores a propor deslocamento para o racial e o cultural, mas que diferente dos decoloniais, ele o faz sem supor essa ruptura com a economia política. Para Fanon o povo é um sujeito histórico, sendo assim o nacionalismo defendido por ele não é apenas um personagem exaltado no discurso nacionalista, e sim uma forma de valorização do popular, imprimindo um sentido de classe ao nacional (FERREIRA, 2014, p. 266). Fanon (2009, p. 98) explica que *“la aparición del racismo no es fundamentalmente determinante. Porque el racismo no es una totalidad en sí, sino sólo el elemento más visible, más cotidiano [...] y en ciertos momentos, el más grosero de toda una estructura dada”*.

Fanon associava a construção de uma nação à uma perspectiva anticolonial revolucionária, compreendendo de maneira distinta o processo de dominação e de luta pela libertação. Fanon alerta que o problema do “negro” não é o “branco”, mas “Uma sociedade capitalista e colonialista acidentalmente branca” que a explora e racializa para legitimar tal exploração. (FANON, 2009).

É inegável que o colonialismo foi central para a acumulação e o desenvolvimento do capitalismo, mas ele o foi também para a construção identitária e cultural das nações europeias. A investigação das práticas culturais e a racialização ocorrida na colonização é, sem dúvida, importante para compreender a cena colonial e seus desdobramentos, ela não deve, contudo, reificar uma visão culturalista que abrande a materialidade das relações de dominação que possibilitam a reprodução do racismo e das hierarquias sociais, desconsiderando toda uma

dinâmica sociológica complexa das relações de poder. (MAKARAN; GAUSSENS, 2020, p.33).

O ponto nevrálgico desta discussão é a capacidade dos fatores identitários serem capazes de sozinhos, criar sujeitos históricos e levá-los à uma polarização, e de ser um elemento de dominação e poder nas sociedades. Ou seja, no plano histórico-político elas não poderiam ser, sozinhos, um princípio unificador. Como afirma Ferreira:

Essa especificação conceitual não é um exagero, em realidade concerne a questões fundamentais da teoria e da política, já que pretende identificar o lugar de determinados conflitos e determinadas lutas na história. De fato, trata-se de entender o lugar da dominação, a análise e a compreensão de suas formas materiais e imateriais (FERREIRA, 2014, p.269).

Além disso, é fundamental retomar aqui a importância do papel do Estado-nação e das relações de força internacionais na subordinação dos povos. O Estado, detentor da violência legítima (WEBER, 1963), subordina a sua própria população exercendo sobre ela o seu poder soberano, o Estado é a principal e superior forma de expressão da sociedade. Nas ex-colônias esse processo passou de uma dominação colonial exterior, para uma dominação interna das elites que passaram a ser dominantes, ocasionando uma mudança na forma de acesso e competição por recursos materiais e simbólicos, como veremos a seguir com o conceito de colonialismo interno de Pablo Gonzalez Casanova. O ponto a ser apresentado aqui, defendido também por Ferreira, é que,

A dialética entre as duas dominações não pode ser desconsiderada, pois não é só a relação colonial que gera formas de dominação; muitas vezes dá-se o contrário, relações geradas no exercício da dominação interior são exportadas para a colônia e vice-versa e uma dominação pode ser a alavanca da outra. Reduzir toda a dominação a um fluxo unidirecional como se o “colonialismo” fosse o único centro gerador é, na nossa visão, um equívoco, pois não existe um colonialismo “em geral”, igual a si mesmo em todos os pontos da história. Dessa maneira, a polarização é um resultado de um processo histórico-político e não seu pressuposto. (FERREIRA, 2014, p. 277).

Da mesma forma, “exatamente por fazer parte da estrutura de dominação, o colonialismo não é em si mesmo “a estrutura de dominação” (FERREIRA, 2014, p. 277). Após a colonização houve outros arranjos na história e política que levaram também a outras formas de colonialismos, imperialismos, e neocolonialismos, como veremos, que também se utilizam de estruturas materiais e culturais para a dominação, o importante é entender cada uma delas em sua particularidade e complexidade sociológica.

Esses intercâmbios entre dominações de naturezas e origens distintas são fundamentais para o entendimento das relações no sistema mundial, e até mesmo para entender como é possível existir movimentos de expansão que redundam em colonização e instituição de governos estrangeiros e como sua estrutura pode ser destruída sem destruir a estrutura de dominação (FERREIRA, 2014, p.277).

Esta estrutura de dominação é causada por uma cadeia global de acumulação - que é legitimada, mas não causada pelo racismo. O domínio social, político e cultural é sempre o resultado da distribuição desigual do poder. São muitas as manifestações dessa restrição ou destruição, da discriminação à exclusão, da marginalização à liquidação física, psicológica ou cultural, da demonização à invisibilidade, todas essas formas podem ser atribuídas a um tipo de opressão direcionadas a quem tem menos poder na sociedade. Quanto mais desigual for a distribuição do poder, maior será a opressão. (SANTOS, 2017b, não paginado).

Para compreender melhor o fenômeno é preciso olhar para ele de uma perspectiva interseccional – ou consubstancial, perspectiva teórica que será explanada neste trabalho. Há uma Interseccionalidade das formas de dominação, em que Estado, capital, patriarcado e colonialismo estão tão interligados quanto indissociáveis. Portanto, as lutas anticoloniais e de descolonização simultaneamente, e, necessariamente, significam apostas antiestado, anticapitalista e antipatriarcal, e estão longe de qualquer "virada epistemológica" que tente encapsulá-las em categorias absolutas como identidade, cultura, raça ou gênero. (MAKARAN; GAUSSENS, 2020).

*La esencialización de la identidad basada en la recreación a la inversa de categorías y fijaciones coloniales afecta la puesta en común de las luchas contra la interseccionalidad de las formas de dominación y resulta, en definitiva, funcional a la reproducción de estas últimas.* (MAKARAN; GAUSSENS, 2020, p.37).

Ferreira (2014), por fim explica que o capitalismo-imperialismo é um sistema hierárquico de múltiplas cadeias. No entanto, essas hierarquias não se baseiam na relação entre unidades étnicas, ao contrário, baseiam-se na polarização do poder político e econômico que organiza a sociedade em classes e de uma forma que não só as associa às classes, mas para impedir o desenvolvimento da polarização antissistema. O racismo não é apenas uma forma cultural e epistemológica de reivindicar certa superioridade social, mas também uma ferramenta, como vimos, para a distribuição desigual de recursos materiais e simbólicos.

Essa afirmação é ontológico-político-epistemológica, e faz parte de uma luta de classificações, pois é inerente à estrutura de poder negar os seus conflitos

estruturais. E os particularismos cumprem muito bem essa função de neutralizar a polarização antissistema global. Tentar colocar as raças como a base da estrutura de poder é, em grande medida, reificar essa estratégia política e epistemológica. (FERREIRA, 2014, p.284).

É preciso redefinir as formas de luta, pois a dominação moderna sempre associa o capitalismo ao colonialismo e ao patriarcado. Organizações e movimentos que se opõem ao capitalismo estão sempre divididos. Cada organização e movimento apoia um modo de governo e ignora ou até ignora outros modos, e cada um deles está na defesa de sua batalha e sua luta é o mais importante, o que faz perder a perspectiva estrutural de onde devem partir todas as lutas (SANTOS, 2017, não paginado).

Atualmente a discussão da discriminação e xenofobia manifestada contra os migrantes recebe uma carga e uma denúncia racial fortes, o que chega a pautar muito as discussões sobre o fenômeno, especialmente porque neste corredor México-EUA onde transitam as perspectivas teóricas e os discursos denunciam a forte racialização que sofrem os migrantes nos EUA e em todo o caminho. Sem desqualificar estas análises, pois olham para um fenômeno real, é importante compreender que a racialização é uma ferramenta que centra na alterização com o propósito de desumanizar e subalternizar o sujeito migrante.

Tal transformação serve para que ele seja útil ao sistema capitalista como mão de obra descartável e substituível, e agora transnacional, pois há uma maior facilidade em despossuir o estrangeiro que não tem a cidadania conquistada, conforme explicitado.

### **1.7. O outro invasor: discriminação de origem nacional e xenofobia**

A discriminação de origem nacional tem como base a construção do outro. O outro é sempre o estranho, o hostil em potencial e o inimigo. Migrantes e refugiados são vistos como "os outros", para demarcar que não pertencem ao local em que se encontram (JONES, 2008). A relação migrante-nativo é uma relação de alteridade, categoria social fundamental para compreender a discriminação contra o estrangeiro/migrante. Como explica Delia Dutra (2013, p. 254):

A alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano, pois, de acordo com Beauvoir (1976: 18), nenhuma coletividade vai jamais se definir como Uma sem de imediato colocar o Outro na sua frente. E esse outro, assim como o si próprio (self), terão sempre alguma(s) qualidade(s) que os particulariza, algum adjetivo para nomeá-la(s) e que, muitas vezes, acaba se tornando um estigma; i.e., uma marca característica que os inclui ("nós") ou os exclui de um determinado grupo ("ele/as") ou categoria.

E o outro é sempre significado com relação ao nós, ele é aquele que faz parte do grupo de referência do interlocutor e, por vezes, ele não é tão diferente, o superior ou o nativo. O outro pode ser outro migrante com os quais se estabelecem outras relações (DUTRA, 2013, p.254).

Igualmente, a relação ser-lugar se configura como o fundamento das questões migratórias, pois a migração é fenômeno fundamentado na espacialidade. Para Dal Gallo (2011, p.45). “Os migrantes cruzam fronteiras, atravessam Estados, percorrem regiões, adentram territórios, mas antes de tudo, os migrantes migram dos, entre e para os lugares”.

Os migrantes vivem e experienciam lugares desvelar a condição de ser migrante é deve-se compreender que são envolvidos diversos âmbitos, nos quais são experienciados caminhos, percalços, desafios e possibilidades. A experiência de atravessar os espaços rumo a outros lugares se transmuta como experiência de ser o Outro rumo ao Outro que o recebe, principalmente quando se trata de entender o lugar não apenas como ponto topográfico, mas um processo de negociação da presença e de pertencimento no local de destino (DAL GALLO, (2011, p.45). O lugar é visto por Dal Gallo como a base existencial, classificando a relação migrante-lugar como uma questão, onde migrar seria o início de uma transição do seu ser (DAL GALLO, 2011, p.45).

O que muda também a visão que possui de si mesmo. O migrante negocia sua presença, nesse sentido, a ontologia do ser migrante emerge como uma questão fundamental (DAL GALLO, 2011, p.56). O migrante não se enxerga, a priori, como um diferente. É no local de destino que o migrante passa a perceber que seu ser simboliza e instiga à percepção de uma forma de ser-e-estar-no-mundo, até então estranha (CUNHA, 2007).

Os migrantes são utilizados como bodes expiatórios dos males da sociedade (MAGLIANO; DOMENECH, 2008). As sociedades procuram sempre justificar as suas crises, os seus problemas atribuindo-os aos outros, os estrangeiros, principalmente aos que não são considerados benéficos para a nação. Migrantes são vistos como corruptores da ordem pública, entidades extracomunitárias que atrapalham a experiência da comunidade. Essas ideias inflam os sentimentos nacionalistas e de rejeição a estrangeiros.

Aos migrantes são dadas menos oportunidades de inclusão, de obtenção de direitos e cidadania, do que outros grupos também vulneráveis, segundo Leticia Chelius (2014, p.355): “*otros grupos excluidos ganan espacio o adquieren ciudadanía, menos extranjeros, porque representan la esencia de la nación en su sentido más elemental*”. Nesse sentido, a discriminação de origem nacional acaba sendo mais difícil de combater pois é uma diferenciação mais naturalizada pela própria constituição nacional.

A discriminação da sociedade receptora contra eles baseia-se em uma série de características que o estrangeiro apresenta, tais como, a origem nacional, o status legal, nível educativo e socioeconômico, assim como características fenotípicas. Uma prova disso é que os filhos dos migrantes herdaram essas características perante os olhos da comunidade receptora, e mesmo nunca tendo morado no país de origem de seus pais são estigmatizados por isso. A compreensão de uma raça não biológica, na prática aprofunda-se no discurso, nas fronteiras simbólicas e na identidade (LEE, 2005).

Na América Latina podemos afirmar que a discriminação étnico-racial é somada aos sentimentos xenófobos e ela se transfere ao estrangeiro especialmente se ele for não-branco<sup>37</sup>, originário de um país com população afrolatina e afrocaribenha, como afirma Hopenhayn:

*Tras siglos de exclusión y dominación, a principios del nuevo milenio los pueblos indígenas, afrolatinos y afrocaribeños presentan los peores indicadores económicos y sociales y tienen escaso reconocimiento cultural y acceso a instancias decisorias. Además, la discriminación étnica y racial también está en la base de los sentimientos xenofóbicos en los países de la región. En América Latina y el Caribe la xenofobia hunde sus raíces históricas en la discriminación étnico-racial. El imaginario cultural de negación del otro se transfiere más tarde al otro-extranjero, sobre todo si no es blanco y migra desde países caracterizados por una mayor densidad de población indígena, afrolatina o afrocaribeña (HOPENHAYN; BELLO, 2001, p.5).*

Assim, é também inegável a relação da discriminação contra o estrangeiro, o migrante na nomenclatura mais utilizada. Os migrantes que sofrem mais discriminação são estereotipados por suas características étnico-raciais e menosprezados pelo ideário nacional branco-europeu. O discurso racista funde as suas raízes, como já explicitado, com a formação do estado-nação latino-americano e opera na produção das subjetividades dos cidadãos.

Não se rechaça o imigrante em nome de uma pretensão universal, senão em defesa da particularidade e da integridade de uma identidade nacional (CASTELLANOS GUERRERO, 1998, p.28). E esta desigualdade entre nacionais e não-nacionais é considerada legítima e vinculada à soberania dos estados,

*La desigualdad que la ley establece entre un nacional y un extranjero respecto de sus derechos en el país del nacional es algo que se considera legítimo, en tanto que cada país tiene el derecho soberano para decidir quién es nacional y quién es extranjero. Desde la perspectiva de los y las inmigrantes, que llegan a un país que no es el suyo, su condición de vulnerabilidad es igual a*

---

<sup>37</sup> Não caucasiano.



*la de una ausencia de poder, equivalente a una ausencia de derechos a no ser tratados como inferiores respecto de los nacionales (GARCIA, 2007, p. 11).*

Com relação ao migrante é importante a visão de não merecimento da atenção do Estado por não ser original dali. Uma hierarquização clara entre nacional e estrangeiro que é baseada nas fronteiras do estado nação. Essa é uma constatação também encontrada no campo que realizei para essa tese nas inúmeras manifestações que escutei de que “*primeiro los mexicanos*”, sendo para as pessoas uma hierarquia, uma priorização necessária e natural.

*En muchos casos, la intención manifiesta de discriminar a los inmigrantes (ya sea controlando su participación en la sociedad o segregándolos de la misma) no es asumido por los agentes como una actitud autoritaria e intolerante, sino que es presentada como una solución justa en virtud de las circunstancias del caso, revelando a **la discriminación como un derecho que se ejerce en legítima defensa**. Así, la respuesta discriminatoria se convierta en el devenir lógico, o la consecuencia “natural”, ante el supuesto problema que acarrea la inmigración. (PEREZ, 2004, não paginado)*

O termo “xenofobia”, apesar de sempre estar presente, não vinha sendo regularmente utilizado. Com o advento das caravanas, a categoria entrou na linguagem corrente novamente. A xenofobia é a rejeição, temor, ou antipatia por pessoas estranhas, usadas comumente para reações negativas direcionadas ao estrangeiro. Contudo, é um fenômeno multifacetado que pode ser concretizado de muitas maneiras.

*la xenofobia, entendida como el rechazo a lo que en términos generales se denomina “Los Otros”; es decir, todo aquel individuo o grupo que no comparte nuestros modos de vida, nuestras costumbres, nuestros hábitos, nuestros valores, nuestras maneras de actuar, de pensamiento o de responder a los estímulos a los que somos sometidos. (...) La xenofobia deriva fundamentalmente del miedo que se experimenta ante los “extraños”, frente a los “ajenos”; del temor no sólo por su presencia física, sino de que puedan intervenir en la vida del grupo y sean capaces de alterarla, ya de manera voluntaria o sin que medie intención determinada. Las conductas que provoca van desde el odio o la repugnancia hacia quienes se considera diferentes al “nosotros”, hasta la intolerancia y la hostilidad contra los que no forman parte del grupo (MORALES SALES; TOREA, 2015, p.87-88).*

É difícil limitar este tipo de categoria, mas, aqui caracterizaremos a xenofobia como uma forma mais extremada da discriminação de origem nacional, entendendo que está mais ligada à ideia de estrangeiro/estranho que também pode ser direcionada a pessoas de um mesmo país, sendo uma manifestação etnocêntrica, uma diferenciação entre **nós** e os **outros**, sendo que os outros se configurariam sempre como uma ameaça por serem diferentes.

*Siguiendo la literatura académica, Van Dijk (2002; 2007) señala que los temas de conversación sobre minorías e inmigrantes se circunscriben a tres categorías: 1. Ellos son diferentes. 2. Ellos son desviados y 3. Ellos son una amenaza. Para este autor, la primera temática es la polarización discursiva entre Ellos y Nosotros; Ellos son catalogados como diferentes a nosotros. La segunda temática destaca la desviación que los comportamientos de los Otros representan frente a los nuestros, ya que incumplen nuestras normas y reglas, no hablan nuestro idioma, tienen costumbres extrañas, etc. En tercer término, Ellos son representados como una amenaza para nosotros. (TORRE CANTALAPIEDRA, 2019)*

A tendência das culturas de formar grupos e homogeneizar tem mais a ver com poder e dominação. Nem sempre os estrangeiros na história foram vistos como ameaça. Foram adotadas nesse processo, práticas de assimilacionismo dos diferentes povos, com o discurso de que esses movimentos de estrangeiros eram *benéficos* aos demais povos, pois conforme já mencionado, havia a crença de que há culturas superiores e abertas ao progresso e destinadas a marcar o rumo da nação (CASTELLANOS GUERRERO, 1998, p.14-16), estes eram bem aceitos. De forma que a diferença sozinha não define a não-assimilação, ela deve ser considerada ameaçadora.

Apesar de que a discriminação de origem nacional e a discriminação étnico-racial serem distintas, às vezes elas se sobrepõem, sendo por vezes difícil separar essas duas formas de violência. A violência nacionalista é limitada, frequentemente mais étnica ou até racial, do que propriamente nacionalista. Constitui, assim, o elemento mais espetacular da renovação da violência hoje, que é dado pelas referências crescentes de seus protagonistas a uma identidade étnica ou religiosa (WIEVIORKA, 1997).

### **1.8. O fenômeno da discriminação consubstancial contra migrantes**

Trabalhar com a categoria da discriminação, especialmente relacionada ao fenômeno da discriminação contra os migrantes, pressupõe trabalhar com a intersecção de várias categorias, por se tratar de um fenômeno múltiplo, dinâmico e complexo. Estudar a origem das categorias (sexual, social, étnica) é fundamental para entender a gênese e o desenvolvimento desses conflitos. (KERGOAT, 2010, p.96).

*Es urgente analizar la interseccionalidad en la discriminación, en el contexto de la globalidad ya que la imposición de un modelo económico global determina, agrava y profundiza la exclusión y hace más complejos los caminos para construir las alternativas de cambio, ya sea para el proyecto*

*coeducativo y no discriminatorio en la escuela o para hablar de “ciudadanías globales” (GÓMEZ, 2003, p.4).*

Na Europa, especialmente na França, as pesquisas sobre gênero, as relações sociais de raça e etnia, sexualidade ou que existiam muito antes da introdução do termo discriminação nesses estudos, através da entrada desta categoria essas pesquisas foram incrementadas com base na “desnaturalização” de “desigualdades naturalizadas”. Além disso, a admissão do paradigma de discriminação estimulou novas pesquisas com objetos previamente pouco estudados em termos da construção de relações de poder, tais como deficiência, idade ou aparência física.

Promove-se, assim, a aproximação e o conhecimento comparativo para a transferência de estudos entre áreas que anteriormente eram relativamente compartimentadas, além do cruzamento de categorias, e abordagens centradas Interseccionalidade<sup>38</sup> das relações de poder (BERENI; CHAPPE, 2011, p.19).

Conforme explicado, a discriminação é ativada por signos sociais onde os indivíduos são portadores (DUBET, 2013, p.59), e os migrantes costumam ter mais de um desses signos que se cruzam. “O paradigma da intersecção consiste na confluência de fatores que podem sofrer discriminação, uma vez que a discriminação geralmente consiste em duplas ou múltiplas discriminações” (GOMEZ, 2003).

O conceito de Interseccionalidade<sup>38</sup> foi popularizado e passou a ser amplamente utilizado nas ciências sociais a partir dos trabalhos da americana Kimberlé Crenshaw<sup>39</sup> (1989), apesar de o conceito já ser utilizado pelas feministas negras desde a década de 1970<sup>40</sup> (SMITH, 2000), no contexto dos movimentos pelos direitos civis nos Estados Unidos<sup>41</sup>. Outras autoras também trabalham a perspectiva, ou perspectivas similares, conceitos como *interlocking oppressions*, *interlocking systems* e *double consciousness*. São elas: Bel Hooks (1981), Patrícia Hill Collins (1990), Angela Davis (1981), dentre outras. No Brasil podemos citar Lélia Gonzalez (1988) como precursora de um pensamento interseccional.

---

<sup>38</sup> Os autores exemplificam com os estudos de raça e gênero com Colette Guillaumin na década de 1970.

<sup>39</sup> Kimberlé Crenshaw elaborou seus estudos a partir de casos concretos debatidos no sistema de Justiça estadunidense, no qual a lei antidiscriminatória do país não alcançava a complexidade real do caso, que envolvia a demanda trabalhista de mulheres negras. A lei funcionava para mulheres brancas e homens negros, mas não chegava às mulheres negras.

<sup>40</sup> A autora Ange-Marie Hancock (2013) atribui estudos de interseccionalidade às autoras do século XIX.

<sup>41</sup> É importante lembrar que neste período havia uma disputa bipolar mundial de narrativas que foi a guerra fria, de forma que a maior parte das análises estadunidenses se afastaram de uma perspectiva de classe e especialmente de uma crítica ao capitalismo.

A Interseccionalidade é um conceito que auxilia na análise da discriminação contra a população migrante. O conceito explica que gênero, raça, classe e sexo não devem ser entendidos separadamente, mas se entrelaçam e articulam. A Interseccionalidade tem a tarefa de desenvolver práticas integradas com base no fato de que os principais sistemas de opressão estão vinculados (CRENSHAW, 1989).

*Las teorías de la interseccionalidad (en plural, pues no existe un cuerpo unificado de teorías) insisten sobre el hecho de que la persona discriminada recibe estas formas de discriminación de forma unitaria, es una única persona (por ejemplo, a un mismo tiempo, puede ser mujer gitana extranjera ortodoxa, no contar con cualificación, etc.). La clave es que son víctimas de formas de discriminación (directa o indirecta) específicas por el hecho de ser a un mismo tiempo todas estas personas. (LA PARRA, 2014, não paginado).*

O conceito propõe levar em conta as “múltiplas fontes da identidade”, embora não tenha a pretensão de “propor uma nova teoria globalizante da identidade” (Crenshaw, 1994). A Interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado (HIRATA, 2014, p.62).

A abordagem é uma forma de pensar sobre identidade e sua relação com poder. Que originalmente articulada em nome de mulheres negras, trabalhou na visibilidade de muitas cidadãs e cidadãos que não eram representados (CRENSHAW, 2015).

A Interseccionalidade foi importante para o fortalecimento do feminismo negro, para a afirmação da heterogeneidade entre as mulheres e para a desconstrução das teorias universalistas, além de ter sido instrumento político e judicial no contexto estadunidense (TABOAS, 2021, p. 6).

Apesar do sucesso que tem obtido nas análises em ciências sociais, o conceito possui algumas críticas. Outras autoras<sup>42</sup> pontuam que a Interseccionalidade, da forma que é apresentada pode limitar a compreensão das relações de opressão na sociedade. Para Kergoat (2010), pensar em termos de cartografia, se referindo à análise do trabalho “*Mapping the margins*” de Crenshaw, conduz à naturalização as categorias analíticas, uma segmentação positivista da intersecção destas opressões (TABOAS, 2021, p. 6). Neste ponto Kergoat, utilizando da crítica de Elsa Dorlin, explica que:

O conceito de Interseccionalidade e, de maneira geral, a ideia de intersecção, dificulta pensar uma relação de dominação móvel e historicamente

---

<sup>42</sup> Especialmente Kenan Malik, Danièle Kergoat e Helena Hirata

determinada [...]. Em outros termos, a Interseccionalidade é um instrumento de análise que coloca as relações em posições fixas, que divide as mobilizações em setores, exatamente da mesma maneira pela qual o discurso dominante naturaliza e enquadra os sujeitos em identidades previamente definidas (DORLIN, 2005, apud KERGOAT, 2010, p. 98).

Segundo as críticas, a Interseccionalidade, como utilizada, não faz parte das relações da sociedade em toda a sua complexidade e dinâmica, ela atua mais na dupla gênero / raça, o que torna a questão de classe menos visível, dando centralidade à questão da identidade (MACHADO apud HIRATA, 2017).

De acordo com Machado, “Autores/as marxistas têm feito à noção de "identidade", frequentemente ligada a concepções teóricas pós-modernas e pós-estruturalistas que rejeitam qualquer ideia de totalidade e a existência de determinações sociais historicamente específicas” (MACHADO, 2017 apud WOOD; FOSTER, 1999, p.10).

A crítica é que nos estudos de identidade há uma certa individualização dos problemas sociais, como se fossem uma escolha particular, como um estilo de vida, caracterizando a sociedade como um conjunto de identidades individuais. Essa abordagem é reducionista, uma vez que as relações sociais são históricas, estruturais e efetivamente materiais (MACHADO apud MALIK, 2017).

Os signos sociais mais comuns que se cruzam e são objeto de discriminação são: raça, classe, gênero e nacionalidade, que, não surpreendentemente, são também sistemas de opressão que se articulam e demonstram a importância de abordar as diferentes relações de poder integralmente. O que se questiona, portanto, é o isolamento de categorias analíticas que estão reflexivamente implicadas na realidade social, tais como, gênero, raça e classe (TABOAS, 2021, p. 6).

A crítica é parecida à realizada aos decoloniais, que ao buscar compreender todas as ‘opressões’ em um mesmo plano de análise, não levariam em conta as relações de classe e exploração.

### *1.8.1. Compreendendo a discriminação a partir da consubstancialidade das relações sociais*

A proposta então é realizar uma abordagem consubstancial das relações sociais [*consubstantialité des rapports sociaux*]<sup>43</sup>, pois, “para avançar na compreensão da opressão e

---

<sup>43</sup> Kergoat usa o termo francês *Rapports Sociaux*. Segundo a autora Rapport designa relações mais amplas, estruturais, enquanto *relations* diz respeito às relações mais pessoais, individuais, cotidianas.

dos processos de emancipação, não é em termos de “Interseccionalidade” de identidades, experiências ou sistemas de dominação que raciocinamos, mas em termos de “consustancialidade” das relações sociais (GALERAND; KERGOAT, 2014).

Diferentemente da Interseccionalidade, a consustancialidade traz consigo um aparato teórico, com concepções políticas bastante marcadas. Esse conceito é importante para finalmente entender a discriminação contra os migrantes, pois não há como analisar a realidade em profundidade sem entender que a estrutura está ligada a sistemas de poder e dominação: patriarcado, capitalismo e racismo (DANTAS, 2018, p. 3)

Para compreender a discriminação dirigida aos migrantes, é preciso refletir sobre os diferentes *motivos* de discriminação, ligados às relações sociais e aos sistemas de opressão. As relações sociais de opressão se reproduzem entre si.

O uso de *motivos*, razões ou categorias de discriminação ou diferença deve ser problematizado neste ponto, pois “raça”, classe e sexo, por exemplo, não são apenas *motivos de discriminação* ou *categorias de diferença* e sim, *sistemas de opressão*. Uma relação social é uma relação antagônica entre dois grupos sociais, instaurada em torno de uma disputa [*enjeu*]. É uma relação de produção material e ideal (KERGOAT, 2010, p. 94). Como conceber as categorias é fundamental para a análise das relações sociais, sendo elas de opressão/ dominação ou não.

O problema da categorização é inerente a qualquer atividade que consista em analisar o entrecruzamento de relações sociais. Este tema, assim como o da universalidade e da intersecção das relações, é um dos problemas centrais com os quais se confrontam os estudos pós-coloniais e o feminismo negro (*black feminism*). (KERGOAT, 2010, p.96)

Consustancialidade das relações sociais, difundida por Danièle Kergoat (2010), possui uma perspectiva materialista histórica, fala sobre consustancialidade e coextensividade das relações sociais.

A minha tese, no entanto, é: as relações sociais são consustanciais; elas formam um nó que não pode ser desatado no nível das práticas sociais, mas apenas na perspectiva da análise sociológica; e as relações sociais são coextensivas: ao se desenvolverem, as relações sociais de classe, gênero e “raça”<sup>44</sup> se reproduzem e se coproduzem mutuamente. (KERGOAT, 2010, p.)

---

<sup>44</sup> Nota da autora: O termo “raça” é utilizado aqui da mesma forma que classe ou sexo, isto é, como categoria socialmente construída, resultado de discriminação e produção ideológica (Guillaumin, Colette. *L'idéologie raciste* Paris: Gallimard, 2002 [1972] [col. “Folio Essais”]). Dada a carga social e histórica da palavra, no entanto, utilizárei-la entre aspas. Tal solução não é totalmente convincente, mas os debates não conduziram ainda ao estabelecimento de uma alternativa teórica e ideologicamente consensual entre os sociólogos. Portanto, faço aqui um uso estratégico da palavra raça, apontando para um conceito político, cultural e social, que evidentemente não deve ser tomado no sentido biológico.

Sobre o nome consubstancialidade, a autora (KERGOAT 2010; 2014) explica que foi escolhido à revelia, e significa a unidade de substância entre três entidades distintas, porém usado em uma concepção trivial e muito distante de sua origem teológica. Falar em consubstancialidade sugere que a diferenciação dos tipos de relações sociais, que é uma operação por vezes necessária à sociologia, é analítica e não pode ser aplicada inadvertidamente à apreciação das práticas sociais concretas. Como afirmam Galerland e Kergoat:

Com certeza, então, as palavras são as mesmas - "raça", "gênero", "classe", mas se referem a configurações historicamente situadas de opressão e lutas pela emancipação. Se essas configurações são feitas de racismo, colonialismo, capitalismo e opressão de gênero, esses sistemas são parte de relações sociais que são relações de poder vivas e fundamentalmente dinâmicas. Isso significa que eles se repetem e se recompõem constantemente ao longo das práticas sociais e que, portanto, são necessariamente variáveis no espaço e no tempo (2014, p.51, tradução nossa<sup>45</sup>).

Kergoat explica que o significado de consubstancialidade como uma unidade acena para duas reflexões simultâneas:

(1) as relações sociais, embora distintas, possuem propriedades comuns - daí o empréstimo do conceito marxista de relação social com seu conteúdo dialético e materialista para pensar sobre sexo e raça; (2) as relações sociais, embora distintas, não podem ser entendidas isoladamente, sob pena de serem reificadas (GALERAND; KERGOAT, 2014, p.48, tradução nossa)<sup>46</sup>.

A autora brasileira Heleieth Saffioti (2015) também usa a metáfora do nó trazida por Kergoat. Segundo ela, o nó formado apresenta uma qualidade distinta das determinações que o integram. Não se trata de uma soma de racismo + gênero + classe social, mas sim do conceber o elemento que resulta desta fusão. Iniciam uma dinâmica especial, própria do nó. Ou seja, a dinâmica de cada uma condiciona-se à nova realidade, presidida por uma lógica contraditória.

De acordo com as circunstâncias históricas, cada uma das contradições integrantes do nó adquire relevos distintos. E esta mobilidade é importante reter, a fim de não se tomar nada

---

<sup>45</sup> Do original: “*Certes, les mots donc sont les mêmes – « race », « genre », « classe », mais ils renvoient à des configurations de l’oppression et des luttes pour l’émancipation, historiquement situées. Si ces configurations sont bien faites de racisme, de colonialisme, de capitalisme et d’oppression de sexe, ces systèmes relèvent de rapports sociaux qui sont des rapports de force vivants et fondamentalement dynamiques. Ce qui signifie qu’ils se rejouent et se recomposent en permanence au fil des pratiques sociales et qu’ils sont donc nécessairement variables dans l’espace et dans le temps.*”

<sup>46</sup> Do original “(1) les rapports sociaux, bien que distincts, possèdent des propriétés communes – d’où l’emprunt du concept marxien de rapport social avec son contenu dialectique et matérialiste pour penser le sexe et la race; (2) les rapports sociaux, bien que distincts, ne peuvent être compris séparément, sous peine de les réifier”.



como fixo, aí inclusa a organização destas subestruturas na estrutura global, das contradições provenientes do nó no seio da nova realidade historicamente constituída. Para Kergoat (2010) não existem apenas discriminações quantitativas, mas também qualitativas.

A situação de cada pessoa é única e se torna mais complexa de acordo com as suas características. Não se trata de variáveis quantitativas, mensuráveis, ou seja, quantas discriminações ela totaliza, mas sim de determinações, de qualidades, que tornam a situação deste sujeito muito mais complexa (SAFFIOTI, 2015, p. 122-123). Kergoat defende que os fenômenos sociais são complexos e dinâmicos, usando outras metáforas para explicar o sistema formado:

Tais práticas não se deixam apreender por noções geométricas como imbricação, adição, intersecção e multiposicionalidade — elas são móveis, ambíguas e ambivalentes. no entanto, não basta afirmar que compreendemos a sociedade em termos de relações sociais — é preciso antes definir tais relações, e suas propriedades. Utilizando as metáforas de “círculo” e “espiral”, procurarei esclarecer minha maneira de apreender os fenômenos sociais a partir de uma perspectiva materialista, histórica e dinâmica, e retomarei às definições de consubstancialidade das relações sociais e sua propriedade essencial: a coextensividade (KERGOAT, 2010, p. 95).

As relações são coextensivas porque há dinamismo entre elas, o nó serve para enxergar os entrecruzamentos, as composições e interpenetrações, segundo Kergoat este nó é um nó frouxo, que vai apertando e folgando em cada contexto e relação, cada relação cada uma imprimindo sua marca nas outras, ajustando-se às outras e construindo-se de maneira recíproca. E o fato de as relações sociais formarem um sistema não exclui a existência de contradições entre elas, elas não se fecham em um círculo, e a metáfora de espiral serve para dar conta desta característica. (KERGOAT, 2010, p. 101)

Danièle Kergoat explica que não há diferença nos tipos de discriminação, seja por gênero, raça ou classe. Nas relações sociais de sexo<sup>47</sup>, por exemplo, as disputas são formadas pela divisão do trabalho entre os sexos e pelo controle social da sexualidade e do papel reprodutivo das mulheres. Essas instâncias se articulam, intra e intersistêmicamente e “cada um desses sistemas tem suas próprias instâncias, que exploram economicamente, dominam e oprimem” (KERGOAT, 2010, p. 99).

---

<sup>47</sup> as autoras ligadas à consubstancialidade criticam o uso do conceito de gênero e propõem sua substituição pelo de "relações sociais de sexo". Elas entendem que o gênero é de difícil apreensão para mulheres que não estão inseridas na academia (o que é fundamental, já que sua preocupação é focada nas mulheres trabalhadoras), além de diluir o sujeito "mulheres", mascarando o feminismo em algo que soaria menos ameaçador, como os "estudos de gênero" (MACHADO, 2017 apud CISNE, 2014).

A teoria da consubstancialidade se ajusta a questão da discriminação ao migrante porque auxilia a ver esse processo como um todo que é continuamente reforçado. A ideia de consubstancialidade, então, não implica uma vinculação completa, apenas é uma *forma de leitura da realidade social* que parte do entrecruzamento dinâmico e complexo do conjunto de relações sociais, cada uma imprimindo sua marca nas outras, ajustando-se às outras e construindo-se de maneira recíproca. (KERGOAT, 2010, p. 100).

Compreender as categorias e opressões envolvidas nesse fenômeno é fundamental para combatê-lo. Toda relação social é uma relação conflituosa, que se constrói em torno de uma disputa por privilégios, e essas disputas não se restringem a um único campo. A contribuição teórica da consubstancialidade nos explica que, por exemplo, as relações de classe não se inscrevem apenas na instância econômica e as relações patriarcais não se inscrevem apenas na instância das ideias, pois as relações de produção entrelaçam a exploração, a dominação e a opressão da apropriação do trabalho (KERGOAT, 2010, p.95-99).

Essa origem de classe (classe sexual, classe social, classe étnica) é determinante na compreensão da gênese e do desenvolvimento desses conflitos. Em particular, tem como consequência a percepção da “raça” como uma possível modalidade de experiência de classe, pois, ao trazer a experiência e o sujeito para o centro das análises, permite a passagem do problema da dominação pura para o problema das resistências, da revolta e da emergência dos movimentos sociais (KERGOAT, 2010, p.97).

Assim, pode-se considerar que uma análise interseccional do racismo e sexismo, mas que não obstante não desenvolva uma crítica ao capitalismo, não representa uma ameaça real ao sistema integral que produz a desigualdade. A luta coletiva exige que os sistemas se desconstruam (MACHADO, 2017, p.16)

Uma análise baseada apenas em questões identitárias é insuficiente no contexto da migração. Cada migrante de cada nacionalidade vai receber uma reação distinta de acordo com suas características de classe, raça, gênero, e de acordo com a história e relação política do seu Estado de origem em cada sociedade, e todas elas vão compor este sujeito. Retomando aqui a explicação de Dubet (2013) as pessoas são discrimináveis, possuem características dos sistemas de opressão e dominação e estas, de acordo com Kergoat (2010, 2014) vão ser compostas a partir de cada relação em cada momento de cada sociedade, e da combinação das características do sujeito em questão.

Esta população possui múltiplas estigmatizações, e já inicia estigmatizada pela ação de migrar, como se migrar fosse apenas uma escolha e não, muitas vezes uma necessidade, e que

ainda que tenha condições de ser uma escolha, migrar é principalmente um direito. A migração é uma busca de melhores condições. Pessoas migrantes são vítimas da desigualdade social produzida pelo neoliberalismo, tornando-se mão de obra vulnerável e explorada. Assim, é importante compreender a natureza estrutural das crises do sistema capitalista que levam às diásporas e os transformam em seres humanos descartáveis, em pessoas **consustancialmente discriminadas**.

## CAPÍTULO 2 - CRISES NA AMÉRICA LATINA E CARIBE, A BASE ECONÔMICA E GEOPOLÍTICA DE UMA DIÁSPORA.

### 2.1. Contexto - Crises na região

A América Latina e o Caribe (ALC)<sup>48</sup> é uma região que vem sofrendo ao longo de sua história moderna processos marcantes: exploração colonial, imperialismo, ditaduras, revoluções sem mudanças revolucionárias (MANAUT, 2015 *apud* TORRES-RIVAS), desastres naturais, intervencionismos na economia e na política.

FIGURA 38 - MAPA 1 - REGIÃO MÉXICO, AMÉRICA CENTRAL E CARIBE



FONTE: GOOGLE MAPS POR CEPAL (2018, p.12)

A região passou, especialmente nas últimas décadas, por contínuas e profundas crises econômicas, com altos índices de desemprego, o que produziu elevados contingentes de miseráveis, indigentes, famintos e desnutridos, resultado dos processos históricos de dependência econômica e da condição periférica dessas parcelas do continente.

<sup>48</sup> Parte-se do princípio de que cada região e país dentro da América Latina e Caribe teve processos distintos neste século, inclusive consequências distintas em cada crise e processo nacional, assim que as diferenças devem ser analisadas mais a fundo a partir do interesse nas especificidades de cada país. Para fins deste capítulo trarei um panorama mais generalizado dos processos econômicos, políticos e sociais na região.

Esta herança de desigualdade estrutural está refletida nas crises atuais da região, crises estas concatenadas pelo neoliberalismo, neodesenvolvimentismo e de legitimidade política (CALDERÓN; CASTELLS, 2019, p.50).

Desde o fim da empreitada colonial no século XIX, a América Latina e o Caribe tornaram-se campo de interesse dos Estados Unidos que, a partir de diversos mecanismos de controle, faz investidas neocoloniais com políticas de hegemonia. Essas investidas são construídas a partir de um binômio que conjuga políticas de integração econômica com doutrinas de segurança continental (NOVION, 2011 e 2014), e marcam a geopolítica da região até os dias de hoje (PRECIADO, 2008).

É possível criar uma linha do tempo com quatro marcos temporais explorados pelos autores, alternando o foco entre Pan-americanismo e Interamericanismo<sup>49</sup> (CECEÑA; NOVION; COSTILLA 2014).

Em todos esses períodos o território ALC foi submetido à hegemonia estadunidense com o auxílio de diversos organismos regionais e tratados internacionais e, mais recentemente, tratados de livre comércio que garantiam o cumprimento da agenda neoliberal na região.

O primeiro período vai do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX, estratégia de panamericanismo chamada de Diplomacia do dólar e Política do garrote.

A ideia do panamericanismo/Interamericanismo, iniciada em 1880, tem o seu embrião no discurso do presidente James Monroe<sup>50</sup> em 1823. Monroe defendia a ideia da não intervenção dos países europeus em assuntos do continente com a famosa frase: “América para os americanos”. Nesse momento, torna-se evidente quais expectativas hegemônicas dos EUA para com a região.

Tal doutrina influenciou a política externa regional dos Estados Unidos a partir de então, e refletiu-se em políticas posteriores como o Destino Manifesto (1840); a Emenda Platt (1901), o Corolário Roosevelt e a Política do Porrete (1904); a Diplomacia do Dólar (1909) (SILVA, 2017, p. 44).

Os EUA nesse momento começam a direcionar práticas imperialistas aos vizinhos latino-americanos sob o discurso desenvolvimentista: abrir fronteiras econômicas, criar

---

<sup>49</sup> O panamericanismo ou interamericanismo é a ideia da existência de uma união entre os povos das Américas, e neste contexto a tentativa de estabelecimento de uma cooperação multilateral entre os países do continente (Vargas, 2014).

<sup>50</sup> James Monroe foi o influenciador da Doutrina Monroe, a primeira ação de segurança dos EUA em escala continental, como explica Jacques de Novion (2013): “*la Doctrina Monroe es una representación de la defensa de las independencias del continente y el primer paso para la construcción de una mentalidad de seguridad conjunta frente a posibles amenazas desestabilizadoras de sus nuevos procesos interno; esto dejaba claro a Europa que América Latina y Caribe se incorporaba a su área de influencia*” (p.72)

infraestrutura necessária para fomentar o desenvolvimento, concentrar-se em atividades para as quais esses países têm “vantagens comparativas” (WALLERSTEIN, 2004), reproduzindo um controle similar ao antigo sistema colonial (BOCCA, 2013<sup>51</sup> apud FERNANDES, 2016).

O segundo período é chamado de Doutrina de boa vizinhança, e vai dos anos de 1930 até 1940. Há uma mudança de estratégia dos EUA na imposição do seu projeto hegemônico regional, a partir da qual abandona a abordagem multilateral que havia sido criticada, e tenta fortalecer as relações bilaterais entre os países da região, por isso é chamada de Interamericanismo. Tal mudança favoreceu as elites locais no contexto ainda da diplomacia do dólar (SILVA, 2017, p. 45).

Com o final da II Guerra Mundial, entraram em declínio potências imperialistas que haviam dominado o mundo do final do século XIX até a I Guerra Mundial, e com a reconstrução da Europa, os Estados Unidos ganham lucros e maior espaço no cenário internacional, tornando-se uma potência hegemônica. O domínio colonial continua a ser praticado e inclusive exacerbam-se as tentativas de redivisão do mundo.

No fim da década de 1940 e início da década de 50 foi criada, com o auxílio da Organização das Nações Unidas, a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) cuja finalidade era diagnosticar os problemas do atraso econômico na América Latina. Esses estudos apontam as desvantagens da periferia, criticando a teoria das vantagens comparativas de David Ricardo<sup>52</sup> e identificando nos países latino-americanos, ainda que de maneira heterogênea, um desenvolvimento desigual e periférico.

Nessa conjuntura, disseminou-se a crença de que o desenvolvimento dependeria da capacidade de cada país de tomar decisões de natureza política econômica necessárias para o fortalecimento e a modernização do Estado, que foi estimulado, por exemplo, com a substituição de importações e outras medidas de industrialização.

A terceira fase, também Interamericanista, vai do período pós-guerra até os anos de 1960 e é chamada de Doutrina da Contra insurgência. Neste momento, os Estados Unidos alteram a sua estratégia pela ameaça que observam nos processos revolucionários em distintas partes do mundo. Além disso, há um maior equilíbrio na balança de poder entre Estados Unidos e União Soviética.

---

<sup>51</sup> BOCCA, Pedro Paulo. *Livre-comércio dependente, lutas sociais e a formação de um campo antiliberal na América Latina*. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

<sup>52</sup> A teoria enfatiza o desenvolvimento de uma igualdade natural na economia política mundial por meio da especialização do terceiro mundo na produção de produtos primários e do primeiro mundo em manufaturas e tecnologias.

A doutrina de contra insurgência aplica um enfoque militar à luta política, estabelecendo um enfrentamento aos movimentos revolucionários (MARINI, 2018, p.4).

Além da estratégia militar, no campo econômico, os Estados Unidos buscam a integração dos sistemas de produção latino-americanos aos seus sistemas, a partir de investimentos diretos de capital estrangeiro, da subordinação tecnológica e da penetração financeira. Para conseguirem uma segunda vertente, a contrarrevolução visou a “transformação estrutural das burguesias nativas [criollos], que se traduziu em modificações do bloco político dominante” (MARINI, 2018, p.4).

A partir dos anos 60, surge a crise da industrialização no mercado interno. Inicia-se na região um giro no sentido de sua inserção numa economia mundial globalizada sob o domínio de políticas neoliberais.

A crise econômica ocorrida nesse período coloca em xeque as teorias desenvolvimentistas estadunidenses. A base da crise era justamente a dependência financeira – empréstimos e financiamento externos às economias periféricas que se endividavam e utilizavam o lucro da exportação para pagar os juros. Tal crise também traz em seu bojo o advento das ditaduras militares numa tentativa de resolução de problemas econômicos às custas das liberdades políticas.

O quarto e último período é o período da Aliança para o progresso, e é dividido em duas partes: a primeira vai de 1960 até 1980 e é a chamada Doutrina anticomunista ou “Doutrina Reagan”. Foi responsável pelo financiamento de grupos armados ao redor do mundo, ofereceu apoio às políticas repressoras e auxiliou no estabelecimento de regimes militares em vários países latino-americanos. O objetivo era combater a influência da União Soviética na região, inclusive com intervenção, usando o anticomunismo como elemento orgânico de disputa da hegemonia (RIBEIRO, 2019). Neste período, especialmente na América Latina, junto com teorias cepalinas de desenvolvimento, surgiram também as teorias da dependência que serão abordadas a seguir.

A segunda fase da Aliança para o progresso vai de 1980 à atualidade, e foi sucedida por uma quinta expressão do binômio: Globalização neoliberal e a Doutrina anti-anarcoterrorista.

Com as mudanças no cenário mundial de final do século XX, estabelece-se uma nova ordem global trazendo novas problemáticas. Entre as novidades estabelecidas pela nova hegemonia global, observa-se a fragmentação do conceito de segurança, que cria uma agenda de novas problemáticas de importância elevada para a segurança mundial.

A Nova Agenda de Segurança (1980) estabelece como centralidade o combate ao narcotráfico a preservação do meio-ambiente e a contenção da imigração latino-americana para

os EUA. No início do século XXI o combate ao terrorismo é agregado, configurando-se a doutrina anti-narco-terrorismo, em vigor na atualidade<sup>53</sup>.

A democracia liberal formal formada na região deste período também produziu dinâmicas contraditórias entre Estado, sociedade e mercado, impondo um modelo de organização política e um sistema unificado de valores homogêneo e anglo-eurocêntrico, o neoliberalismo (SILVA, 2017, p.58).

Realiza-se a transição para o paradigma do regionalismo aberto e das políticas neoliberais, vigente nos dias de hoje. Na política, há a saída de regimes ditatoriais e os processos de redemocratização. No campo econômico, as alterações que levaram à adoção de um enfoque livre-cambista na década de 1990 foram uma tentativa de resposta aos imperativos do processo de globalização de mercados e investimentos (SILVA, 2017, p.45).

Os EUA nos fins do século XX alternam para uma economia financeirizada usando seu poder sobre a moeda mundial para criar valor fictício. A partir daí passaram a viver importantes crises, conjuntura que favoreceu a consolidação de outros países como polos econômicos mundiais (especialmente a China) e deu maior projeção a processos de integração regional, que começam a ameaçar a sua hegemonia na ALC (SILVA, 2017; MARTINS, 2013).

Os esquemas de integração regional neoliberais do período respondiam a uma matriz norte-sul impulsionada pelos Estados Unidos que tinha como o objetivo de disputar com a China a influência no mercado latino-americano. Silva expõe três condicionantes desse momento do projeto, ainda Pan-americanista/Interamericanista, na região:

“(i) a democracia liberal ocidental, centrada no Estado Nação; (ii) a adoção de medidas voltadas para a liberalização econômica e para a transnacionalização das corporações multinacionais, de acordo com o Consenso de Washington; e (iii) a geoestratégia de segurança estadunidense para a região da América Latina” (SILVA, 2017, p. 53).

A parte de segurança do binômio também se acentua nos últimos anos após o evento do atentado em Nova Iorque em 11 de setembro de 2001, tornando-se ainda mais centrada na segurança nacional.

As operações militares dos EUA na região representaram a busca pela formação de alianças com atores nacionais que promoviam a agenda de segurança do projeto abrangente, moldando a posição de restringir a participação dos países em projetos interativos regionais.

---

<sup>53</sup> NOVION, Jacques. *Hegemonía, Integración y Seguridad en las Américas en principios del siglo XXI*. Caxambu: 38o Encontro anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), 2014.



De acordo com Silva (2017, p.53), a tensão entre a América Latina e o panamericanismo/ Interamericanismo e o equilíbrio geopolítico do continente pode ser definida e redefinida, embora afete todos os processos regionais atuais de diferentes maneiras.

## **2.2. O Consenso de Washington e neoliberalismo**

O Consenso de Washington<sup>54</sup> foi a formulação imperialista que assentou as bases ideológicas para a ofensiva neoliberal na ALC. Surge nos EUA, no fim dos anos de 1980 no governo do Presidente Ronald Reagan, a partir da convergência de posições entre o governo estadunidense, a alta burocracia e as organizações e agências financeiras internacionais em Washington (Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional) (MARTINS, 2011, p. 318).

Era um conjunto de propostas de políticas<sup>55</sup> de austeridade que, segundo estas instituições, deveriam ser adotadas pelos países da América Latina em busca do desenvolvimento da região. Essas propostas críticas às estratégias de desenvolvimento até então (cepalinas e da dependência) eram focadas em privatizações, liberalização e estabilidade de preços (DE OLIVEIRA; NEFTALI, 2020, p.166).

Escondendo uma tentativa de dominação mais profunda da região, a teoria que se vendeu foi a de que Consenso de Washington traria a retomada do desenvolvimento, a elevação da competitividade e a redução da pobreza das economias latino-americanas. Na prática, os resultados foram os que se observam em todo o mundo com políticas de austeridade e abertura de mercado indiscriminada: o crescimento dos PIB's per capita não sustentou os países, levando a crises de estagnação entre 1998 e 2003; a privatização de bens e companhias estatais; o aumento do desemprego e pobreza, e a desnacionalização das burguesias nacionais (MARTINS, 2011, p. 319).

A desigualdade e exclusão causadas pelo modelo acabaram estimulando o surgimento de propostas críticas para o modelo, que por sua vez influenciaram as políticas nacionais nas décadas de 2000/2010.

---

<sup>54</sup> O termo “Consenso de Washington” foi cunhado por Williamson (1990, 2008) no ano de 1989.

<sup>55</sup> Segundo Carlos Eduardo Martins (2011, p. 318), as políticas eram centradas em 10 pontos: “Disciplina fiscal, priorização do gasto em saúde e educação, realização de uma reforma tributária, estabelecimento de taxas de juros positivas, apreciação e fixação do câmbio para torna-lo competitivo; desmonte de barreiras tarifárias e paratarifárias para estabelecer políticas comerciais liberais; abertura à inversão estrangeira; privatização das empresas públicas; ampla desregulamentação da economia; e a proteção da propriedade privada.

Os governos progressistas experimentados na América Latina e no Caribe nestas últimas décadas, trabalharam a partir de uma plataforma neodesenvolvimentista<sup>56</sup> para tentar sanar os problemas econômicos e sociais advindos da agenda neoliberal.

Nos anos 2000, há a tentativa da criação de alternativas aos tratados de livre comércio Estadunidenses vindo de movimentos sociais e governos de esquerda. Os esquemas regionais de integração se deterioraram e o comércio intrarregional caiu a níveis mínimos. Também não foi possível reverter a financeirização da economia, apenas minoraram suas tendências mais acentuadas, e suas ações estiveram mais próximas da socialdemocracia do que de escolhas socialistas. Essa combinação afetou negativamente a base popular desses governos, levando derrotas eleitorais (SILVA, 2017 apud MARTINS, 2016).

Neste período, segundo Calderón e Castells (2019, p. 41), quase todos os países da ALC foram incapazes de promover uma transformação informacional da sua economia e sociedade, como por exemplo com o avanço em pesquisas, inovação etc. O padrão de crescimento da economia continuou sendo dependente quase por completo das exportações do setor extrativo. Quando o crescimento da China diminuiu, os preços das commodities começam a cair e as economias latino-americanas sofrem grandes flutuações na economia global. Além disso, novas intervenções e golpes de Estado (Paraguai, Honduras, Brasil), bloqueios econômicos (Venezuela e ainda Cuba) influenciam a situação de crise na ALC, reforçando mais uma vez a investida hegemônica estadunidense, que agora compete com a chinesa. Por fim, em 2019,

América Latina entrou em um período de incertezas econômicas e instabilidade política a nova estrutura social formada durante o período de crescimento da década de 2000 deixou de corresponder com os agentes políticos que chegaram ao poder graças a sua luta contra o neoliberalismo América Latina de contradições nas primeiras duas décadas do Século XXI, experimentando a ascensão e as crises tanto do neoliberalismo como do neodesenvolvimentismo somando-se a uma crise multidimensional (CALDERÓN; CASTELLS, 2019, p. 49).

Conclui-se que existem três crises interligadas que mudaram o neoliberalismo, o neodesenvolvimentismo e as crises de legitimidade política e institucional causadas pelo fracasso dos dois modelos na América Latina.

---

<sup>56</sup> Neodesenvolvimentismo, segundo Plinio de Arruda Sampaio Jr (2012), é uma nova teoria econômica localizada na região que tenta conciliar: ““aspectos “positivos” do neoliberalismo — compromisso incondicional com a estabilidade da moeda, austeridade fiscal, busca de competitividade internacional, ausência de qualquer tipo de discriminação contra o capital internacional — com os aspectos “positivos” do velho desenvolvimentismo — comprometimento com o crescimento econômico, industrialização, papel regulador do Estado, sensibilidade social””.

O neoliberalismo exacerbou a desigualdade, que não foi reparada, mas somente aliviada pelo neodesenvolvimentismo e que, por sua parte, exagera o estatismo, que gera o aumento da corrupção, pois as expressões de interesses se desviaram do mercado ao estado.

A crise de legitimidade que se seguiu afetou o sistema político e se espalhou para várias instituições, causando conflitos permanentes entre grupos de poder, usando juízes e a mídia para lutar entre eles. A falta de um mecanismo para reunir interesses e negociações institucionalizadas levou à esta crise multidimensional na região (CALDERÓN; CASTELLS, 2019, p. 50-51).

### **2.3. Dependência, e Imperialismo Norte Americano e Sistema-mundo na América Latina e Caribe**

Como se pôde observar neste breve histórico das relações entre os Estados Unidos e a América Latina e o Caribe, os EUA atua como um ator hegemônico neste processo que podemos chamar de imperialismo e que desenvolve uma relação de dependência entre ele e os demais países da região.

A Teoria do Sistema-mundo e a Teoria da dependência na sua vertente marxista partem dos mesmos pressupostos, sendo que a teoria do Sistema-mundo se utiliza da mesma nomenclatura para a divisão internacional do trabalho que a teoria da dependência, e juntas podem explicar esta relação entre os EUA e o resto da ALC e nos auxiliarão a compreender o funcionamento do fluxo populacional que sai desta região a caminho do norte do continente. Explicaremos neste apartado cada uma destas categorias e como elas se aplicam neste contexto.

#### *2.3.1. Dependência na América Latina*

A teoria da dependência<sup>57</sup> surge na América Latina na década de 1960, fruto dos pensamentos de Ruy Mauro Marini, André Gunder Frank, Teotônio dos Santos, Vania Bambirra, Orlando Caputo, Roberto Pizarro e outros autores, fazendo uma leitura crítica e marxista não-dogmática dos processos de reprodução do subdesenvolvimento na periferia do capitalismo mundial, contrapondo tanto visões marxistas convencionais dos partidos comunistas da época como a visão estabelecida pela CEPAL.

---

<sup>57</sup> Fernando Henrique Cardoso e Enzo Falleto (1967) também são expoentes da Teoria da Dependência, porém do que é chamada pelos especialistas de vertente weberiana.

Para o teórico Ruy Mauro Marini (2000, p.109), a dependência constitui-se em “uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo âmbito as relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para se assegurar a reprodução ampliada da dependência”.

Segundo a teoria da dependência, um sistema é dependente do ponto de vista econômico quando a acumulação e a expansão do capital não encontram seu componente dinâmico essencial no interior do próprio sistema. Nas economias capitalistas, o componente dinâmico essencial é a capacidade de ampliar a escala de capital, o que depende da criação de novas tecnologias e a expansão contínua de bens de capital (maquinaria e equipamento), e de um suporte financeiro através de um sistema bancário sólido.

A teoria da dependência busca justamente explicar as inter-relações de classes e estados-nações tanto no nível internacional quanto no cenário interno de cada país, tanto no que diz respeito às suas compatibilidades quanto (no que se refere) às contradições entre esses dois níveis (FALETTO; CARDOSO, 1967).

Em suma, a teoria da dependência trata do relacionamento das economias dos países chamados "periféricos" com as economias dos países chamados "centrais" ou "hegemônicos" e do fato de que tais relações econômicas criam redes de relações políticas e ideológicas que moldaram as formas determinadas de desenvolvimento político e social nesses países.

A economia dos países periféricos está, de acordo com a teoria da dependência, condicionada pelo desenvolvimento e expansão das economias dos países centrais. O conceito de dependência supera a dicotomia ‘externo-interno’, ‘mundo desenvolvido-mundo subdesenvolvido’, incorporando-os em uma só estrutura, o sistema capitalista internacional (FURTADO, 2007). A dependência é gerada tanto de forma externa, como de forma interna, dado a sua formação social e sua burguesia dominante. A própria burguesia dos países periféricos se torna dependente, portanto, não tem condições de oferecer uma alternativa autônoma.

A existência de interesses comuns entre os capitalistas do centro e da periferia também é um fator da relação de dependência (MARINI, 2001), e como pudemos observar no apartado anterior, por muitas vezes a estratégia estadunidense para firmar os acordos com os países da ALC incluía o favorecimento das elites locais.

Os atores que participam do processo de dependência não são só os Estados-nações, mas também "a estrutura de classes que se apresenta em um Estado-nação, as alianças entre as classes locais e o capital internacional, bancos, indústrias e firmas" (MARINI, 2001).

É importante destacar que o processo de industrialização latino-americana não foi igual em todo o continente, ele foi centrado especialmente no Brasil, Argentina e México, não sendo a dependência algo uniforme, existindo padrões distintos de dependência em formações sociais diversas, contudo mantendo as características estruturais do capitalismo dependente.

Segundo teóricos marxistas, na escala evolutiva do Capitalismo, como o título da famosa obra de Lênin<sup>58</sup>, o imperialismo seria o estágio superior do capitalismo, definido como uma política de expansão e o domínio territorial, cultural e econômico de uma nação sobre outras. A evolução do capitalismo para o estágio imperialista agudiza o processo de dominação e exploração latino-americana. Para Lênin (1917/2009), o imperialismo não é um “modo particular” de manifestação do capitalismo, mas sim uma consequência direta de um processo necessário para a sua sobrevivência e evolução.

Outra categoria fundamental da análise sobre o capitalismo dependente é o subimperialismo. O subimperialismo tem sua origem nas leis próprias da economia dependente, cujos fundamentos são a superexploração do trabalho e a transferência de valor com a emergência de centros intermediários de acumulação, acarretando uma mudança na divisão internacional do trabalho e criando centros intermediários de acumulação.

No processo entre o centro e a periferia, a semiperiferia desempenha um papel decisivo. Ao analisar sistemas mundiais, o primeiro uso dos termos "centro" e "periferia" não se refere a áreas geográficas, regiões ou estados, mas a processos complexos. A semiperiferia é o espaço que combina, de uma forma particular, ambos os processos.

Essas áreas se tornam o centro porque dominam o processo de desenvolvimento e a concentração de valor agregado. Da mesma maneira, as áreas periféricas são definidas pelas condições utilizadas pelo centro e estão sujeitas ao processo de centralização e concentração de recursos (PRECIADO, 2008).

Ruy Mauro Marini (2000), afirmava que a independência da América Latina frente ao imperialismo somente ocorreria com a supressão das relações de produção capitalistas, não com a sua expansão desenvolvimentista. Dessa forma, relacionando a teoria com o imperialismo compreende-se que

o propósito da teoria da dependência era, então, o de compreender os efeitos que o processo de internacionalização do capital provocou na estrutura interna dos países ditos periféricos, a partir do desenvolvimento do capitalismo em seu interior. Isto nos induz à conclusão de que, portanto, a explicação e

---

<sup>58</sup> A referência a Vladimir Lênin vem no sentido de explicar o funcionamento do imperialismo no modelo capitalista de produção. Não é proposta da tese, pelo pouco espaço deste trabalho, aprofundar-se na discussão marxista clássica, e sim mostrar a origem dessas reflexões.

caracterização dos fenômenos mais gerais ocorridos em nível mundial teria ficado a cargo da teoria do imperialismo, enquanto que a percepção de como esses fenômenos mais gerais interferem na estrutura interna (tanto econômico-política quanto sociocultural) dos países periféricos teria se convertido em tarefa própria da teoria da dependência, com a construção de categorias teóricas específicas que oferecessem suporte a tal investigação (AMARAL, 2013, p. 36).

Fundamentalmente, mais do que uma teoria que apontava a influência global do imperialismo nos países periféricos, a teoria da dependência foi um esforço teórico de subversão epistêmica, no sentido de seguir a interpretação de Marx para compreender os processos de desenvolvimento econômico latino-americanos, explicando como esses processos influenciam e como a região está ligada a eles internacionalmente.

O axioma da dependência foi a criação de um eufemismo para o conceito já cunhado de imperialismo que se revelou fundamental para pensar e explicar o lugar da ALC nas relações de desenvolvimento econômico internacional, tanto como objetos do imperialismo hegemônico quanto como subimperialistas no caso do México, por exemplo.

### *2.3.2. ALC e o Sistema-mundo*

A teoria do Sistema-mundo, apesar de ter sido criada nos anos de 1970, ainda permanece atual para entender a relação entre os países dentro do sistema capitalista. Para o teórico Immanuel Wallerstein (2004, p.23) o Sistema-mundo existe desde o século XVI, sempre foi uma economia mundial e sempre foi uma economia capitalista mundial, esses dois termos denotam economia mundo e capitalismo. Os atores e estruturas são na verdade produtos de um processo.

O Sistema-mundo moderno explica a divisão internacional do trabalho na estrutura capitalista. O argumento central do sistema mundial é que o mundo é dividido em três níveis: 1) centro, 2) periferia; 3) periférico. Esses três níveis correspondem à formação da origem do capitalismo ocidental e atribuem ao Estado uma função na ordem de produção capitalista. Os países centrais são países de alto valor agregado; os da periferia possuem bens de baixo valor, exportam commodities, e matérias-primas; e os países da semiperiferia se comportam ora como países do centro ora como países da periferia, é um nível intermediário. Esta classificação não é fixa, pois países do centro podem tornar-se semiperiferia ou periferia e vice-versa (MARTINS, 2015).

A ideia principal é que as relações entre os países, sobretudo no comércio internacional, é desigual e promove uma troca desigual e essa desigualdade vai sendo reforçada em todos os processos, sendo necessário equalizar esse processo.

*International trade was not, they said, a trade between equals. Some countries were stronger economically than others (the core) and were therefore able to trade on terms that allowed surplus-value to flow from the weaker countries (the periphery) to the core. Some would later label this process "unequal exchange." This analysis implied a remedy for the inequality: actions by the states in the periphery to institute mechanisms that would equalize the exchange over the middle run (WALLERSTEIN, 2004, p.12).*

O padrão desigual cria uma relação de dependência acentuando a diferença econômica e fazendo com que os países da periferia sejam dependentes tanto nas relações econômicas e comerciais como de ajuda financeira e humanitária dos países centrais para seu desenvolvimento nacional.

Na teoria do sistema-mundo, existe uma abordagem muito semelhante à teoria da dependência, porque enfatiza a criação de relações de estrutura de dependência.

Para os países do centro, o importante é ter mais mercados e menos governos interferindo para o desenvolvimento da região. Apesar disso, há uma constante absorção das perdas econômicas pelas instituições públicas e os ganhos econômicos ficam em mãos privadas.

O capitalismo como modo econômico opera em uma arena maior do que qualquer instituição política pode controlar totalmente (MARTINS, 2015). Os países da periferia possuem recursos e mão de obra em abundância sem capital para aproveitá-los, ao abrir o seu mercado ao estrangeiro os que possuem o capital ficam em superioridade, sendo essa uma relação desigual.

Como explicitamos anteriormente, o Consenso de Washington foi uma receita aplicada pelos países da periferia da América Latina e da África, onde liberalismo era sua doutrina oficial, na qual inequivocamente, esta era uma estratégia colocada para os países de periferia pensadas para aprofundar a sua dependência pois, todos os países atualmente em desenvolvimento usaram mecanismos de proteção de mercado e incentivo de governo e fizeram os países em desenvolvimento adotarem "boas práticas e boas instituições". As condicionalidades implícitas nos empréstimos das instituições financeiras internacionais reproduziram o caráter de dependência a divisão internacional do trabalho e, por consequência, a estrutura do Sistema-mundo (MARTINS, 2015, p.102).

Além disso, na periferia, falta mão-de-obra qualificada e infraestrutura geral (estradas, ferrovias etc.). O mercado não pode resolver o problema de infraestrutura, é necessário usar o Estado como indutor. Até em avanços agrícolas esses países, agrícolas, desenvolvem uma estrutura de dependência, porque a tecnologia e a propriedade intelectual, pelos investimentos, pertencem a grandes empresas (MARTINS, 2015, p.103-104).

Por outro lado, o sistema mundial não se limita somente ao sistema econômico (ou economia-mundo), é um sistema social, teorias sistêmicas e estruturalistas, e está interconectado nos campos econômico, político e social. Fatores socioculturais importam para caracterizar e definir se um país pertence ao centro. A semiperiferia é um “tampão”, um amortecedor para assegurar que os problemas da periferia não cheguem diretamente no centro (MARTINS, 2015).

As migrações a partir desta teoria, os atores migrantes seriam um produto desse processo de dominação dos países centrais. E apesar de existirem críticas à essa teoria aplicada às migrações pois ela não daria conta da diversidade de rotas e fluxos migratórios mundiais (DUTRA, 2013, p.73), este ponto da teoria do Sistema-mundo é importante para entender o papel do México nos fluxos de migrantes provenientes do sul América Latina e Caribe.

O México tem se comportado cada dia mais como um país tampão, promovendo políticas migratórias enfocadas na segurança e de contenção da população em trânsito que usa a rota do México para chegar aos EUA. Além disso “*tapón*” é o nome dado por estudiosos das migrações mexicanos<sup>59</sup> para a postura mexicana no tema migratório, se comportando como fronteira vertical, como um local de contenção da crise migratória, fato que veremos mais detidamente no próximo capítulo.

No âmbito político, Wallerstein explica que a soberania é algo importante no sistema mundial e que de alguma maneira ela não é contestada pelos outros atores do sistema internacional desde a criação dos Estados-Nação<sup>60</sup> pós Westfalia. É um aspecto importante nos processos econômicos, pois é o Estado que define quais os processos ele vai apoiar. Soberania também se refere às fronteiras do Estado, o que acontece dentro delas, as relações, o que e como vão ser cruzadas as fronteiras.

*A sovereign state has in theory the right to decide what may cross its boundaries, and under what conditions. The stronger the state, the larger its bureaucratic machinery and therefore the greater its ability to enforce*

---

<sup>59</sup> Ver Amarela Varela Huerta (2016)

<sup>60</sup> O nacionalismo é parte de um Estado forte. Para Wallerstein (2004, p.54) as nações são criações, com uma história, uma cronologia e com a definição de características identitárias, e as três formas de se manter o nacionalismo são sistema escolar as forças armadas e as cerimônias públicas.



*decisions concerning trans-boundary transactions*<sup>61</sup> (WALLERSTEIN, 2004, p.46)

O teórico nos explica que a força do Estado faz parte desse processo, e os Estados do Centro costumam ser Estados mais fortes, capazes de influenciar politicamente outros mais fracos. A autoridade central do país geralmente é um indicador da força do Estado, quanto maior a dificuldade burocrática para que se faça cumprir uma decisão, mais fraco é o Estado e menos controle ele tem de todos os processos. E quanto mais fraco, menos pode ser acumulado nas atividades produtivas econômicas gerando evasão de divisas. Todos os Estados fracos acabam comprando a proteção dos Estados fortes de alguma forma (WALLERSTEIN, 2004, p.53).

Os Estados fortes irão promover certa pressão para abertura das fronteiras e comércio e, com este objetivo, também pressionarão para manutenção de determinadas pessoas no poder e para a criação das políticas necessárias a seu benefício (WALLERSTEIN, 2004, p.54).

Como vimos na sessão anterior, grande parte da estratégia EUA na ALC foi a conquista da burguesia nacional e de líderes individuais para beneficiar a política econômica que tentavam implementar em cada um dos períodos, e podemos adicionar o intervencionismo direto em muitos casos, como por exemplo nos regimes ditatoriais que ocorreram na região.

O aparelho ideológico reforça a hegemonia de um Estado sobre o outro, por isso a inserção de práticas culturais e a distribuição midiática são também fundamentais para que isso ocorra. O autor explica que outras ações voltadas à elite também fazem parte desse processo, como políticas educacionais, bolsas de estudos a estudantes universitários etc. (WALLERSTEIN, 2004, p.55).

Neste ponto Wallerstein agrega as ideias de Antônio Gramsci sobre hegemonia. Na leitura de Ana Esther Ceceña sobre a teoria gramsciana, ela explica que a hegemonia define o poder que vive em um lugar difuso e multidimensional. É a capacidade de universalizar a própria visão de mundo construindo discursos de verdade como um suporte para a dominação, que, por sua vez, se reproduz nas relações sociais e de poder (CECEÑA, 2005, p. 36-37).

Dessa forma a hegemonia é concebida como

(...) a capacidade para generalizar uma visão de mundo. Capacidade que se nutre tanto da pertinência argumentativa do discurso e de sua similitude com as expressões visíveis da realidade (ou sua capacidade para visualizar as expressões ocultas), manifestações de força que provém das condições objetivas nas quais têm lugar as relações sociais, apareçam estas sob formas

---

<sup>61</sup> Segundo Wallerstein há 3 tipos de transações transfronteiriças: de bens, de capital e de pessoas, sendo que a circulação de pessoas é sempre o fator mais controlado das relações entre os países

explícitas ou somente sob formas disciplinares ou indicativas (CECEÑA, 2005, p. 37).

O que Wallerstein chama de hegemonia tem a ver com a dominância de um Estado no sistema internacional em todos os campos por determinado período. Nas palavras do autor:

*What allows us to call them hegemonic is that, for a certain period they were able to establish the rules of the game in the interstate system, to dominate the world-economy (in production, commerce, and finance), to get their way politically with a minimal use of military force (which however they had in goodly strength), and to formulate the cultural language with which one discussed the world. (WALLERSTEIN, 2004, p.57-58).*

O sistema capitalista precisa de períodos hegemônicos, contudo a prioridade capitalista nunca é a manutenção da hegemonia para sempre. A alternância hegemônica favorece mais a economia-mundo (WALLERSTEIN, 2004, p.59).

Ainda sobre a força dos Estados, Wallerstein nos explica que, em um Estado fraco, a institucionalidade controlará menos as outras tarefas, como por exemplo eleições, a coleta de impostos, o controle da corrupção. Para o autor, o comportamento ditatorial geralmente é um sinal de fraqueza mais que de força, pois um Estado forte se define a partir da sua habilidade de ter as suas decisões legais cumpridas (WALLERSTEIN, 2004, p. 52-53).

A máquina do Estado começa a falir e ele perde o controle do seu monopólio da violência legítima<sup>62</sup>, e o controle das forças militares e de segurança do Estado, o que promove um ambiente propício para o surgimento de grupos paramilitares e máfias. As máfias são predadoras do processo produtivo e auxiliam ainda mais a manter a situação de fraqueza endêmica do Estado organizando uma economia e Estado paralelos (WALLERSTEIN, 2004, p.54).

Esso processo com atores que o autor chama de máfia é muito atual na ALC. O crime organizado, especialmente o narcotráfico e as *pandillas* se fazem mais presentes nos países como a Colômbia, Venezuela, e no triângulo norte da América Central. A situação desses países reforça o sistema-mundo na sua relação de dependência com os EUA a partir de planos estratégicos de segurança, que são parte do binômio explicitado no início do capítulo, e não por acaso são os países que nos últimos tempos possuem mais de seus nacionais no fluxo de migrantes em trânsito pelo México a caminho dos EUA.

---

<sup>62</sup> Função de coerção exclusiva do Estado, na definição de Estado exposta por Max Weber em 1919. Louis Althusser também explica esse ponto em *Aparelhos ideológico do Estado* (1985).

Por fim, o autor explica que as colônias foram a origem do Sistema-mundo e eram o tipo mais fraco de Estado, pois não eram soberanas e eram submetidas a outro Estado. Para Wallerstein, a origem das colônias modernas está na expansão do Sistema-mundo. Nesse período, a justificativa para a colonização era do papel civilizacional que a metrópole tinha em relação à colônia, onde a dominação se mistura com argumentos racistas de inferioridade cultural:

*The colonial powers justified their assumption of authority and the distribution of roles to persons from the "metropolitan" country by a combination of arguments: racist arguments about the cultural inferiority and inadequacy of the local populations; and self-justifying arguments about the "civilizing" role the colonial administration was performing* (WALLERSTEIN, 2004, p.57).

Tal ideologia foi incorporada como verdade dentro das próprias colônias e segue sendo reproduzida até os dias de hoje, pautando as relações internacionais, sociais e de poder como veremos a seguir no trabalho aplicada à população migrante.

#### **2.4. Sociologia da exploração e colonialismo interno**

Pablo González Casanova concentra sua atenção nas relações de exploração e opressão que se reproduzem na continuidade das práticas colonialistas, e nas relações sociais do cotidiano das nações latino-americanas, sendo elas inconscientes ou conscientes. Qualquer solução democrática e de mudança social tem que considerar as relações de exploração e de colonialismo interno.

Colonialismo interno e relações sociais de exploração são as estruturas chaves de poder existentes que determinaram as bases dos regimes políticos na América Latina. A colonização é como uma relação intrínseca, existente em processos não só econômicos e políticos, como culturais. Também possui vários níveis evidenciada ao nível local e a nível global. Faz-se necessário então a descolonização da vida cotidiana. No entanto, é preciso esclarecer quais são as relações sociais de domínio existentes e quais são as relações futuras que devem presidir os projetos de conteúdo democrático na América Latina.

O método dialético é indispensável na construção de suas categorias e remete a análise de Marx tentando mostrar como as relações jurídicas e as diversas formas de Estado podem ser entendidas através das condições materiais de existência em sua totalidade. Casanova estuda conceitos de colonialismo interno e relação de exploração, no período em que seus contemporâneos se concentram mais entorno do debate da dependência versus modernização.

Trabalha com as categorias de poder, desenvolvimento e riqueza, e defende a incorporação da categoria de exploração:

*En la mejor tradición científica liberal y empirista se manejan con lenguaje técnico y método sofisticados los conceptos de desigualdad, disimetría y desarrollo. El estudio de estos conceptos no es solamente útil para destacar sus vínculos con un sistema de valores, sino para advertir las diferencias que estos valores tienen respecto a los característicos del concepto de explotación. Si el primer objetivo puede mostrar una vez más a los sociólogos empiristas, que toda investigación científica del hombre está ligada a valores, incluida La que ellos practican, el segundo puede justificar el estudio específico del fenómeno de la explotación, en tanto que tienes características distintas (CASANOVA, 1967, p.12).*

A Sociologia da exploração tenta compreender as facetas desse mundo em desenvolvimento, respondendo que as crises que ocorrem na maioria dos países da América Latina, que acontecem sob as relações sociais de domínio e exploração. As categorias básicas provenientes da sociologia do poder mudam seus significados. Poder, desigualdade e desenvolvimento são, por esta perspectiva, parte integrante de um processo mais amplo que as integra e redefine a sociologia da exploração. Nesse contexto de exploração, a desigualdade aparece como um fenômeno natural e social, cultural e religioso, que pode legitimar o mundo realmente existente.

Hoje, vivemos em um mundo no qual a luta de classes foi influenciada, no qual a exploração acontece sem efeitos diretos e lineares na luta de classes, e no qual as insurreições não levam de imediato às revoluções, e nem estas parecem viáveis se não conseguem construir suas próprias mediações pacíficas na sociedade civil, no sistema político e no Estado-nação correspondente, o que é incerto, ainda que por motivo algum seja impossível e em qualquer projeto minimamente humanista desejável. (CASANOVA, 2002, p.142)

O autor concretiza sua proposta teórica concedendo o caráter de colonialismo interno às relações sociais de exploração que se produzem entre a sociedade branca e mestiça e os povos indígenas do México, colocando em evidências os limites de um poder político fundamentado em relações sociais de exploração. Relação que se pode observar em outras relações de poder, dentre elas entre o migrante latino-americano, pobre e mestiço com os nacionais de outros países americanos.

### 2.4.1. Colonialismo interno

O colonialismo interno só pôde surgir através do grande movimento de independência das antigas colônias. Quando as colônias conseguem sua independência, suas estruturas não mudam subitamente. As classes altas, em especial a burocracia estatal reproduziu a opressão típica dos senhores estrangeiros cujos domínios destruíram e exploraram.

A estrutura colonial e o colonialismo interno se diferenciaram da estrutura de classes, não sendo apenas uma relação de domínio e exploração dos trabalhadores pelos proprietários dos bens de produção e seus colaboradores, mas uma relação de domínio e exploração de uma população (com diferentes classes, proprietários, trabalhadores) por outra população que também tem diferentes classes (proprietários, trabalhadores) (CASANOVA, 2002, p.240-241). Observando o México, Casanova percebe o colonialismo interno como um instrumento de análise com várias funções explicativas e práticas:

O colonialismo interno corresponde a uma estrutura de relações sociais de domínio e exploração entre grupos culturais heterogêneos, diferentes. Se alguma diferença específica diz respeito a outras relações de domínio e exploração (cidade, campo, classes sociais) é a heterogeneidade cultural que historicamente produz a conquista de uns povos por outros e que permite falar não apenas de diferenças culturais (que existem entre a população urbana e rural e nas classes sociais), mas também de diferenças de civilização. (CASANOVA, 2002, p.240-241)

Há três princípios fundamentais do colonialismo interno: o primeiro é que o colonialismo interno está presente em todas as dimensões, quais sejam, na economia, na política, na sociedade e na cultura; o segundo o seu desenvolvimento na história dos “*Estados-Nação*” e do capitalismo; e o terceiro como ele se relaciona às estratégias contra hegemônicas. Casanova ainda afirma:

1. O colonialismo interno é umas das provas mais concludentes das limitações do mercado nacional, do trabalho assalariado, do desenvolvimento pleno da burguesia.
  2. As lutas abertas ou veladas contra o imperialismo ou contra a superexploração imperialista são outra prova das limitações do desenvolvimento pleno da burguesia.
- Os efeitos políticos do colonialismo interno e o imperialismo, são óbvios, embora não tenham sido suficientemente estudados (CASANOVA. 1967, p. 172)

No sentido das lutas a estreita relação de forças é percebida cada vez mais pelos grupos, etnias, nacionalidades e povos que lutam contra o poder das oligarquias e burguesias nos mais diversos níveis seja ele local, nacional, internacional ou as empresas transnacionais. Sinalizando uma apreensão crítica da sociedade, onde é necessária uma busca de autonomia e novas formas de desenvolvimento social possuindo como legado as experiências anteriores dos estados sociais-democratas, dos populistas ou desenvolvimentistas e do socialismo de Estado fins de identificar o fenômeno, são relacionadas uma série de características dos que são oprimidos por esse colonialismo, e as apontam semelhantes aquelas produzidas pelo fenômeno da conquista sobre populações nativas que não foram exterminadas na época da Conquista.

Para Casanova, o colonialismo interno ainda está diretamente ligado aos processos de conquista, no qual as populações são exterminadas e formam parte de um Estado colonizador e depois, em outro momento, fazem parte do Estado que conseguiu independência formal, onde os povos que são minorias e foram colonizados sofrem as mesmas condições das forças coloniais e neocoloniais em nível internacional.

Casanova diferencia a estrutura colonial e o colonialismo interno da estrutura de classes. A noção de Colonialismo não é exclusivamente um fenômeno internacional, mas também intranacional, que para a compreensão da forma como a guiada o desenvolvimento se torna cada vez mais importante a concepção interna das consequências desse peculiar colonialismo.

A sociedade colonial é plural, que tem como característica a coexistência de distintas culturais, formação política e a desigualdade em termos econômicos. Portanto, a sociedade plural é fruto do contato de duas civilizações, uma tecnicamente mais avançada e outra mais atrasada, conforme já explicitado, pelas quais, um domina e explora o outro, reforçando suas relações desiguais com processos discriminatórios.

A estrutura colonial está estreitamente vinculada à sociedade plural, ao desenvolvimento desigual e as formas de exploração combinadas, simultâneas e não sucessivas, como o modelo clássico do desenvolvimento (CASANOVA. 2002). A heterogeneidade técnica, institucional e cultural coincide com uma estrutura na qual as relações de domínios e exploração são relações entre grupos heterogênicos, culturalmente diferentes. O racismo e a segregação racial essencial à exploração colonial de uns povos por outros, tendo como consequência uma configuração peculiar no desenvolvimento e da cultura colonial.

O colonialismo interno é uma problemática que extravasa o colonialismo/neocolonialismo e é reproduzido pelos Estados-Nação independente sejam estes de caráter imperialista neoliberal, sejam os de caráter socialista, causando profundos efeitos na democracia.

A democracia no México constitui um ponto de inflexão no desenvolvimento da sociologia latino-americana e no surgimento da sociologia do pensamento próprio da região. A Imitação das democracias clássicas é um desafio para o México, pois ele tem outra configuração histórica e uma grande heterogeneidade de povos e minorias que devem ser considerados nessa democracia, problemas que a democracia clássica não teve de enfrentar.

Há diversos problemas com a Democracia clássica que não se limitam à representação, pois ela está longe de ser o único índice de vontade soberana do povo. Não é possível falar de democracia sem pensar na dependência, no império e no imperialismo que oprimem os povos e as nações. (CASANOVA, 2002, p.168).

Algumas populações encontram problemas de efetivação da democracia, e os problemas catalogados por Casanova são as mesmas características dos oprimidos pelo colonialismo, explicitadas na citação acima, que no fundo são os mesmos que levam à desigualdade. Quando se fala em desenvolvimento, é necessário que se tenha em mente uma política global, que rompa com as medidas que incrementaram a dinâmica da desigualdade.

Quanto mais pobre é uma sociedade, maiores as chances de uma classe tratar a população das classes baixas como vulgares, inferiores entre os outros adjetivos.

Ninguém pode ignorar que nem basta implantar formalmente a democratização nos países subdesenvolvidos para acelerar o desenvolvimento, nem estes têm o porquê imitar todas e cada umas das formas de democracia: a democracia mede-se pela participação do povo na renda, na cultura e no poder, e tudo o mais é folclore democrático ou retórica (CASANOVA, 1967, p.205).

Para Casanova, a luta pela democracia, quer dizer, da participação do povo no conjunto dos processos de tomada de decisões, de distribuição de renda e acesso aos bens culturais se vê enriquecido pelo conjunto de mudanças que se sucedem, modificando continuamente o sentido e a orientação contingente do projeto democrático.

Desde era colonial e com a independência, os países subdesenvolvimento tiveram como problema vital a penetração ou domínio das grandes potências sobre seu território e poder econômico. Nesse âmbito, há dois objetivos importantíssimos que o autor gostaria que fossem alcançados pelos intelectuais dessas nações: denunciar o quanto as grandes potências dominaram e exploraram suas nações e criar mecanismo de incentivo e descoberta das forças nacionais e traçar quais eram os obstáculos que lhes eram impostos pelo sistema imperialista.

O colonialismo interno constitui mais um obstáculo para a inserção da população marginal no sistema de classe. Portanto, conceito de colonialismo interno, tem o propósito, de

explicar o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos, nas quais as leis de mercado e a escassa participação e organização política atuam simultaneamente a favor de uma dinâmica da desigualdade e contra o processo de igualitarismo do desenvolvimento.

## **2.5. Consequências das crises nos fluxos migratórios atuais**

As crises dos últimos anos aprofundaram na região uma série de processos de desigualdade, que impulsionaram o crescimento do crime organizado, o narcotráfico e a migração forçada. Hoje se vive uma grave crise humanitária na região expressada visivelmente pela emigração ao norte tendo México e Estados Unidos como último destino (BENÍTEZ, 2019, p. 14).

*En las cuatro últimas décadas Centroamérica se convirtió en un laboratorio para el estudio de la migración. Los diferentes flujos, tipos y modalidades de migrantes se suceden uno a otro y se encadenan en una vorágine imparable hasta convertirse en uno de los procesos más dinámicos, complejos y conflictivos del planeta. (DURAND, 2020, p.19)*

A migração de trânsito pela região, é de origem caribenha, sul-americana e extracontinental. Os violentos processos históricos, políticos econômicos descritos levaram a região a ser exemplo dos mais diversos tipos de fluxos migratórios.

*La dinámica migratoria centroamericana ejemplifica, en diferentes fases, distintos tipos de migración: exilio, refugio, migración económica, migración ambiental, migración de tránsito, flujos de retorno, desplazamiento interno y desarraigo. Distintos procesos que corresponden a diferentes momentos históricos y políticos y a distintos tipos de violencia: política, militar, social y sistémica (DURAND, 2020, p.19).*

São muitos os migrantes da América Latina e o Caribe que fazem esse trajeto migratório até os Estados Unidos. Atualmente o destaque nos últimos anos dos migrantes que atravessam o México tem sido de nacionais de Honduras, El Salvador, Guatemala, Venezuela e Haiti, sendo que os nacionais dos países do triângulo norte da América Central são mais frequentes.

Cada um desses países tem as suas questões específicas, apesar de todas, como vimos, padecerem das políticas neoliberais e do intervencionismo estadunidense. Exemplificaremos estes processos descritos na teoria a partir dos países do triângulo norte da América Central (TNCA) por se destacarem no fenômeno da migração de trânsito no México.



O professor Durand (2020b, não paginado) faz uma ressalva ao uso do termo: Triângulo Norte da América Central (TNCA). Explica que TNCA tornou-se um estigma para designar países permeados pela pobreza, violência, impunidade e migração (2020, p. 21).

Além disso, o autor explica que o termo em sua perspectiva rompe com uma dinâmica de integração regional mais ampla, excluindo outros países a partir de reforços de políticas focalizadas, como a “*Alianza para la prosperidad del Triángulo Norte*”. Para Durand a integração do TNCA “Se trata de una integración forzada y desde fuera, por parte de Estados Unidos (Programa para la prosperidad y seguridad de Centroamérica) y recientemente por parte de México (Plan de desarrollo integral: El Salvador Guatemala, Honduras, CEPAL, 2019)” (DURAND 2020, p. 20).

A América Central sempre foi considerada o quintal no âmbito de interesse geopolítico americano (RAMÍREZ, 2005, p. 85). A situação em que se encontram esses países chama atenção pelo alto índice de violência, pela ação do crime organizado e pela situação econômica precária. Isso gerou nos últimos tempos um aumento exponencial no fluxo de migrantes em direção ao norte. Dessa forma, a fronteira sul do México está indissociavelmente ligada aos interesses que definem as relações entre a região da América Central e os Estados Unidos (SOLÍS; AGUILAR, 2016).

Dos anos 1970 aos anos 1990, os processos de crise política e econômica na América Central se intensificaram com as revoluções “*sin cambios revolucionarios*” (MANAUT, 2015, apud TORRES-RIVAS). A crise na região também foi agravada por desastres naturais como o furacão Mitch em 1998, que deixou muitos mortos, deslocados internos e refugiados:

*El saldo de la década de los ochenta dejó 400 000 civiles muertos o desaparecidos, un número similar de viudas y huérfanos, aproximadamente 30 000 lisiados o minusválidos, 2 000 000 de desplazados internos y una cifra superior de refugiados externos – emigrantes al norte –. Con ello se frustró el “sueño revolucionario” a cambio de “lo posible”. Esto es, el contenido de los Acuerdos de Paz de Nicaragua, El Salvador y Guatemala limitó el gran objetivo de hacer los cambios revolucionarios para lograr la apertura política, es decir, muchos avances en derechos humanos, pero no la transformación de las economías de mercado ni la desigualdad social (MANAUT apud TORRES-RIVAS, 2015, p. 16).*

A democratização dos sistemas políticos, sem modificar as estruturas socioeconômicas não conseguiu grandes logros. Rompeu-se com a velha estrutura tradicional semirural sem substituí-la por uma nova, continuando a desigualdade e a polarização social dos anos anteriores. A falta de gestão estatal é gerada por falta de recursos financeiros MANAUT, 2015, p. 15).

Nos anos de 1990, há os acordos de paz onde se transita das guerras civis para situações de ingovernabilidade. As estruturas de segurança atingem o seu limite, há a redução de exércitos, a desmilitarização da polícia provocando uma brecha na segurança, o que dá espaço para a emergência dos grupos criminosos como as “Maras” e o narcotráfico transnacional, e observa-se um grande crescimento da violência social, e ainda aumento na desigualdade social que se aprofunda com as políticas neoliberais, como já descrito neste capítulo.

Manaut (2015, p. 20) nos explica que há uma relação entre a violência nesses países e a exclusão social, especialmente pela omissão de políticas governamentais voltadas para a população. Para o autor não existe uma relação direta entre pobreza e violência, contudo em áreas periféricas onde a população é desassistida favorece-se a exclusão e a sobrevivência individual na organização entre grupos violentos:

*En Centroamérica esto es evidente en las áreas suburbanas de San Pedro Sula, Guatemala, San Salvador y Tegucigalpa. Así, la violencia es producto de la exclusión, más que de la pobreza (Fernández de Castro y Santamaría, 2007, p. 80). Esta exclusión también ha sido interpretada como fenómenos de “desorganización social”, donde precisamente fenómenos como las guerras civiles de los años ochenta, las elevadas migraciones de población masculina al exterior y a las ciudades principales, así como la ruptura familiar provocada por los conflictos y las migraciones, al que se suman muy intensos fenómenos naturales, provocan esta ruptura de la cohesión social o desorganización de los núcleos sociales (MANAUT, 2015, p. 217).*

Atualmente Honduras e El Salvador possuem as taxas de homicídio mais altas do mundo, 63,75 e 108,64 e por 100 mil habitantes respectivamente (UNODC, [2018?]). Essas taxas possuem relação com a consolidação do crime organizado na região em cujas atividades o tráfico de drogas tem papel principal. A região também fica em uma disposição geográfica intermediária entre os produtores de drogas de coca<sup>63</sup>, cocaína e papoula e o mercado, dessa forma 90% do tráfico passa pela região (QUASTEN, 2012).

Calderón e Castells (2019, p.80) explicam o comportamento do que eles chamam de economia criminal glocal (global e local) – global porque é uma produção orientada ao consumo global e local porque a sua atividade está também enraizada na cultura e sociedades locais). Esta economia é extremamente dinâmica, multisetorial, ou seja, trabalha com diversos tipos de tráficos criminais, e é extremamente rentável, internacionalizada, de demanda crescente, com capacidade para trabalhar à margem da ação reguladora e coercitiva do Estado, e com uma

---

<sup>63</sup> A folha de coca também é usada de maneira ancestral por povos da região e o uso desta maneira não é ilegal e não se refere ao tráfico de drogas internacional.

capacidade superior coercitiva própria para penetrar no Estado mediante a corrupção e intimidação em todos os níveis. Possuem exércitos trabalhando a partir de uma violência consubstancial (CALDERÓN; CASTELLS, 2019, p.73-74).

A principal atividade é o narcotráfico, que para os autores é um exitoso projeto empresarial autóctone da região tendo crescido até a sua mundialização. É uma economia que tem o objetivo principal de crescimento e aumento de ganhos e para tanto investe em negócios legais e no mercado financeiro (CALDERÓN; CASTELLS, 2019, p.80-81). O caráter disfuncional das instituições na região é a condição básica para o funcionamento desta economia. O crime organizado está nestes países mais infiltrado no sistema judicial, nas instituições policiais e nas diversas autoridades locais, tornando muito difícil o seu combate, apesar dos supostos “esforços internacionais”, especialmente intervenções estadunidenses no assunto (QUASTEN, 2012).

Conforme explicitado no início do capítulo, os EUA e as organizações internacionais investiram em planos de segurança internacional e desenvolvimento nos últimos anos na região, podendo ser citados: Plano Puebla-Panamá, Plano Colômbia, CARSI e Iniciativa Mérida. O crime organizado, o narcotráfico, e podemos adicionar grupos terroristas<sup>64</sup> após o ataque às torres gêmeas em 2001, tornaram-se os inimigos a serem combatidos pelos EUA e justificativas de investimento e intervenção na região:

*El desarrollo del crimen organizado, en particular el narcotráfico, desplazó al “comunismo” como amenaza a combatir en el continente. Sin embargo, este fenómeno es mucho más intenso en Centroamérica, el Caribe y México, por ubicarse entre el país productor de cocaína –Colombia– y el principal consumidor –Estados Unidos–. A diferencia de México, los países del Triángulo Norte del istmo viven un doble fenómeno, la presencia de las organizaciones criminales y de las pandillas “maras”<sup>65</sup> (MANAUT, 2015, p. 34).*

Para além do crime organizado, outro fenômeno transnacional gerado em consequência das crises na região e da preocupação na agenda geopolítica estadunidense é a migração de trânsito, foco deste trabalho. Especialmente após as caravanas de 2018 e 2019 esses países tornam-se centrais para a questão migratória no México, contudo, o termo triangulo norte não

---

<sup>64</sup> Terrorismo na definição da enciclopédia Britânica (2015) é o: “Uso sistemático de violência para criar um clima de medo generalizado numa população e dessa forma atingir um determinado objetivo político. O terrorismo tem sido praticado por organizações políticas tanto de direita quanto de esquerda, por nacionalistas e grupos religiosos, e por instituições do Estado como Forças Armadas e policiais.”

<sup>65</sup> Mara é uma das pandillas da região.

faz jus aos processos migratórios diferenciados que ocorrem nesses três países, como explica Jorge Durand (2020b).

No caso de El Salvador, país onde 25% da população é migrante, iniciou o êxodo na guerra civil de 1980, atualmente a questão gira em torno da reunificação familiar e questões econômicas.

A Guatemala a repressão na década de 1990 foi o fator expulsório inicial mais forte, apesar da guerra civil de 1980, o refúgio, migração econômica e a reunificação familiar foram as causas seguintes. Na Guatemala apenas 7% da população é migrante, mas existe um fator de crescimento populacional que pressiona o processo migratório.

Honduras tem um processo migratório mais recente tendo os problemas ambientais, como o Furacão *Mitch* em 1998, e ano passado mais 2 furacões *Eta e Iota* também causaram devastações. 9% da população é migrante e a expulsão hondurenha tem diversos fatores além do ambiental: econômicas, políticos, sociais e a violência promovida pelo narcotráfico e as *pandillas*. São os que mais migram atualmente, estando massivamente nas últimas caravanas e em casas de migração jovem e infantil. DURAND, 2020b, não paginado)

Apesar das diferenças é possível afirmar que a violência e a falta de expectativas são os principais fatores que explicam o êxodo nos países do Triângulo Norte da América Central (SOLÍS; AGUILAR, 2016).

Nas palavras de um jornalista que acompanhou as caravanas de centro-americanos no México em 2018, sobre a tentativa de contenção da migração da América Central aos EUA:

*Los Estados Unidos intervino en Centroamérica y ahora quiere guardar distancias. Promovió golpes de Estado, puso y quitó presidentes, financió ejércitos sanguinarios y paramilitares más sanguinarios todavía. Ahora el plan es levantar un muro y dejar que los centroamericanos se maten entre ellos, desentendiéndose (...) A los centroamericanos les quitaron las ideas de revolución a plomazos y les dejaron una única idea: Si uno se esfuerza virtual puede conseguir una buena vida si doblas del lomo, lograrás una chamba y prosperar (PRADILLA, 2019).*

Como vimos, a intervenção histórica e atual dos EUA na região promove crises sistêmicas e profundas nesses países, o que tem gerado um êxodo populacional em busca de segurança e melhores condições de vida. “Os Estados Unidos são como um elemento de incidência permanente na região, que, direta ou indiretamente, gera violência político e institucional, que causa migração e que ao mesmo o tempo se torna um destino favorito para Migrantes da América Central” (DURAND, 2020, p. 21, tradução nossa).

O sonho de ter uma vida melhor e prosperar também é alimentado pelo aparelho ideológico do país central que vende a imagem do sonho americano. Nesta situação, o migrante se vê impelido a lutar por esse sonho, então, para o migrante, “(...) *El acto más revolucionario es desobedecer las leyes migratorias para buscar un pedacito de capitalismo*” (PRADILLA, 2019).

O intuito do capítulo foi abordar os como o imperialismo estadunidense influenciou as crises econômicas sociais e políticas na América Latina e no Caribe de forma generalizada trazendo especialmente a questão de reforço aos paradigmas de segurança internacional após os atentados de 2001.

Observou-se que desde o século XIX há um forte processo de exploração neoliberal que gera desigualdade e diversos tipos de violência (política, militar, social e sistêmica) que são os principais gatilhos da migração regional. Há diferentes fluxos, tipos e modalidades de migrantes se sucedem e sempre em movimento até que se tornam um dos processos mais dinâmicos, complexos e conflitantes do planeta. (DURAND, 2020, p 19).

### **CAPÍTULO 3 - OS MUROS MEXICANOS – AS BARREIRAS GEOPOLÍTICAS DOS MOVIMENTOS DA AMÉRICA LATINA E CARIBE**

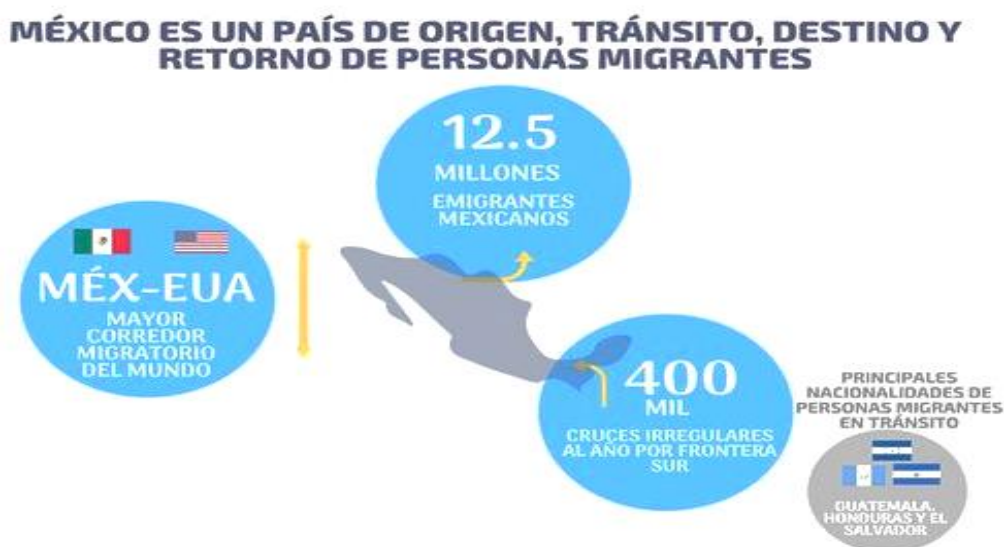
O fenômeno migratório reveste-se de importância fundamental para o México, visto que sua posição geográfica de vizinhança com os Estados Unidos transforma esse país em um corredor obrigatório de trânsito para migrantes vindos do resto da América Latina que buscam chegar ao Norte do continente.

De maneira semelhante a outros países latino-americanos, o México também em sua história promoveu políticas migratórias restritivas com base em uma seletividade de origem e fenótipo. No início do século XX, por exemplo, foi editada uma lei em matéria de imigração (*Primera Ley General de Migración*, promulgada em 1908), que selecionava a imigração segundo uma série de requisitos físicos, morais e econômicos. Assim, por exemplo, a imigração japonesa e a chinesa foram proibidas como um reflexo das notícias de problemas sanitários (pestes e doenças contagiosas) que os Estados Unidos das Américas - EUA teriam tido com migrantes dessas nacionalidades. A *Tercera Ley de Migración*, promulgada em 1930, apresentou o critério seletivo dos imigrantes e facultou à *Secretaria de Gobernación* caracterizar os estrangeiros considerados úteis e benéficos à Nação, conforme explicitado no primeiro capítulo.

Posteriormente, o México foi considerado como um país receptor de migrantes, por seu acolhimento de refugiados centro-americanos e exilados políticos dos regimes de exceção latino-americanos. Apesar desse acolhimento, persiste no imaginário social de sua população, a ideia de que existem estrangeiros benéficos e outros não benéficos à Nação. No atual contexto dos movimentos populacionais, o México é o principal país por onde passam fluxos migratórios de origem latino-americana. Desde princípios dos anos de 1990 passam anualmente, em seu território, centenas de milhares de migrantes, majoritariamente oriundos da América Central e do Caribe, em direção aos EUA. Esse movimento também conta com a participação de pessoas da nacionalidade mexicana, fazendo do México, um país fundamentalmente de emigração (CHAVEZ, 2006).

O aumento da imigração para o México e da transmigração pelo seu território são catalisados por fatores de diferentes naturezas, que abrangem fenômenos e desastres ambientais, perpassam a estrutura socioeconômica do país (que, desenvolvido em relação aos países da América Central, atrai mão de obra) e, principalmente, incluem as contradições e condições políticas, econômicas e sociais dos países da América Central (CARMONA, 2013), também resultantes da agenda neoliberal desenvolvida na região pelos EUA como vimos no capítulo anterior. Dados da Pesquisa sobre Migração nas fronteiras norte e sul do México (EMIF), de 2014, confirmam que o México, é um país de origem, retorno, trânsito e destino de migrantes.

FIGURA 39 – INFOGRÁFICO SITUACIÓN MIGRATORIA NO MÉXICO.



FONTE: PNUD, 2018<sup>66</sup>.

<sup>66</sup> Infográfico retirado de:  
[https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=2003839736357542&id=106155809459287](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=2003839736357542&id=106155809459287)

TABELA 1 - QUADRO DE TENDENCIA MIGRATÓRIAS NO MÉXICO (2010-2017).  
 FONTE: UNIDADE DE POLÍTICA MIGRATÓRIA<sup>67</sup>

Emigrantes mexicanos				
	2010		2017	
	Absolutos	Relativos	Absolutos	Relativos
Stock total de mexicanos residentes en otro país <sup>a</sup>	12 413 085	100.0%	12 964 882	100.0%
Hombres <sup>a</sup>	6 667 264	53.7%	6 909 042	53.3%
Mujeres <sup>a</sup>	5 745 821	46.3%	6 055 840	46.7%
Residentes en Estados Unidos de América (EUA) <sup>b</sup>	11 964 241	100.0%	11 597 633	100.0%
Hombres mexicanos residentes en EUA <sup>b</sup>	6 396 575	53.5%	6 016 878	51.9%
Mujeres mexicanas residentes en EUA <sup>b</sup>	5 567 666	46.5%	5 580 755	48.1%
Migrantes mexicanos de retorno <sup>c</sup>				
	2005-2010		2010-2015	
	Absolutos	Relativos	Absolutos	Relativos
Total	859 457	100.0%	495 434	100.0%
Hombres	612 842	71.3%	329 355	66.5%
Mujeres	246 615	28.7%	166 079	33.5%
Desde EUA	824 436	95.9%	442 503	89.3%
Desde otro país	35 021	4.1%	52 931	10.7%
Mujeres desde EUA	230 747	28.0%	142 364	32.2%
Mujeres desde otro país	15 868	45.3%	23 715	44.8%

O México é o corredor migratório mais importante do mundo, mas tem ganhado importância também como país receptor de migração a partir do aumento da dificuldade desses migrantes em trânsito chegarem aos EUA. Durante sua permanência em território mexicano, os migrantes estão vulneráveis às violações dos seus direitos fundamentais (BOLETIN DE PRENSA, 2015) e ficam sujeitos a abusos sistemáticos por diversos agentes.

Atualmente, o país tem cumprido o papel de conter a migração que se destina aos EUA, com políticas migratórias com viés securitista, resultando que fluxo fica parado no México gerando uma população estancada nas fronteiras, causando uma emergência humanitária pela dificuldade de absorver essa população com dignidade e pelo alto índice de violência das regiões fronteiriças, conforme será explicitado ao longo do capítulo.

O México como corredor migratório é conhecido como o país “*Tapón*”, “fronteira vertical”, “país fronteira”, ou até um país muro (HUERTA, 2016). Nomenclaturas que já são utilizadas pelos trabalhadores de instituições e pelos próprios migrantes no seu discurso:

*(...) muchos piensan que hay es lo mexicano pobrecito, pero los centroamericanos como te dice hace un rato, México... ellos dicen ¿Ud. cree que el muro es de aquí es el muro más grande? No, México es el muro gigante. Entonces ya recorrieran todo el muro... es un país pues tapón.* (informação oral, Assistente Social 2 – IMA – Tijuana/2018).

<sup>67</sup> Tabela retira de: [http://portales.segob.gob.mx/es/PoliticaMigratoria/Panorama\\_de\\_la\\_migracion\\_en\\_Mexico](http://portales.segob.gob.mx/es/PoliticaMigratoria/Panorama_de_la_migracion_en_Mexico). Acesso em: 20/05/2021.

Na fala da entrevistada, para os migrantes, especialmente centro-americanos, o México é o “muro más grande de todos”, pelo que se tem que enfrentar no caminho até a fronteira norte e no período de vivência no México. São vulnerabilidades acumuladas pela miséria, o crime organizado e a governabilidade das migrações (WILLERS, 2019, p. 150).

São muitas as camadas de muros a serem cruzadas para se chegar ao sonho americano, que nesse ponto, é simplesmente o desejo de ter uma vida digna, segura, trabalhar e sustentar a sua família. Os muros mexicanos para a população em trânsito são complexos e envolvem vários aspectos políticos, econômicos e sociais. A literatura sobre o tema e a pesquisa que fundamentou essa tese permite-nos, para fins de compreensão, classificar os obstáculos, ou “muros” mexicanos, em cinco categorias, a serem apresentadas com maiores detalhes ao longo deste trabalho:

- 1) Muros geopolíticos: as políticas internacionais de gestão migratória de contenção;
- 2) Muros de violência: militarização e securitização estatal, crime organizado e narcotráfico;
- 3) Muros burocráticos: Burocracia, falta de informação, problemas no acesso a direitos, documentação e serviços;
- 4) Muros de estigmatização: Criminalização, estigmatização, discriminação e xenofobia; e
- 5) Muros de desumanização: Exclusão e desigualdade promovidos pela sociedade.

Todos os “muros” geram uma grave crise humanitária dos migrantes em trânsito pelo México. A situação dos direitos humanos desses migrantes é uma das mais documentadas do mundo, e isso é feito pelos meios com grande carga vitimizadora. A situação reflete a ingovernabilidade da migração humana no capitalismo mundial, observando o México como um exemplo.

Este capítulo propõe-se a explicar o papel do México como este país-muro para a contenção dos migrantes da ALC, antes deles chegarem ao muro real/ físico fronteiriço com os Estados Unidos.

### **3.1. Externalização de Fronteiras e a fábrica do país-muro**

Os países do centro controlam de muitas maneiras os processos políticos e econômicos nos países da periferia e semiperiferia. Como vimos com a teoria do Sistema-mundo, muitas vezes o país semiperiférico funciona como um país tampão para diminuir os efeitos que a política neoliberal provoca na periferia. Eles funcionam como intermediários absorvendo as consequências da desigualdade e violência que chegaria com mais força aos países do centro.



A fronteira sul do México é uma localização que vem ganhando o interesse dos EUA nas últimas décadas e tem sido objeto de diversos planos de segurança, articulados aos interesses geopolíticos dos EUA na região. Conforme também exposto no capítulo anterior, um dos focos da política externa estadunidense é a contenção migração irregular proveniente da ALC.

*México y su frontera sur están, así, inextricablemente articuladas a los intereses políticos y geopolíticos que definen las relaciones entre la región centroamericana y los Estados Unidos, y la migración irregular de tránsito hacia Estados Unidos es uno de los problemas más candentes de la agenda diplomática regional mexicana, plegada cada vez más a los intereses estadounidenses (SOLÍS; AGUILAR, 2016, p.18).*

O México como semiperiferia mais próxima da influência dos EUA, é o país de passagem de todo o fluxo migratório proveniente do Sul e se comporta como um tampão de muitas maneiras: contendo a migração mediante o fechamento das fronteiras, criando entraves burocráticos, criminalizando o fluxo migratório, prendendo e deportando migrantes, e até, em último caso, facilitando estadia no México de forma a dificultar o cruzamento da fronteira para os EUA.

Como é prioridade para os Estados Unidos a contenção da mobilidade migratória proveniente do Sul, a relação desse país com o México passa necessariamente por essa pauta. A prioridade dada para os investimentos do país na região é dada às políticas de segurança e de contenção migratória, ficando em segundo plano investimentos para reconstrução das economias, para diminuição das desigualdades dentro dos países dos ALC.

As políticas de contenção, como será demonstrado nessa tese, têm suas bases na criminalização da migração, gerando maiores constrangimentos e vulnerabilidades durante o trânsito migratório. No entanto, sua eficácia pode ser discutida, pois não têm sido capazes de impedir a circulação migratória. Elas apenas tornam o caminho mais caro, inseguro e aumentam a corrupção das instituições envolvidas no processo migratório.

Os principais motivos para o México realizar as políticas de contenção são a pressão diplomática dos EUA, a ajuda financeira e a condição dos Mexicanos no EUA (FITZGERALD; CONTRERAS, 2018)

A visão que se tem das migrações foi sendo alterada ao longo da história das Américas. Longe do romantismo dos migrantes colonos que povoavam e faziam a nação crescer, atualmente a visão do migrante é a de risco para nação. Tal perspectiva, vinculada à agenda

capitalista, altera a governança global das migrações, provocando o que os autores<sup>68</sup> vem chamando de “giro securitário”, ou seja, a forma criminalizante com que os países vêm tratando a questão (HUERTA, 2015).

A securitização das migrações é hoje um campo teórico-político que, segundo Varela, tem raízes na criminologia e nas relações internacionais. Tal campo teórico de securitização cresceu e agora é entendido como “*un proceso epistémico en el que la “óptica securitaria” se inserta como paradigma en la gubernamentalidad de diferentes fenómenos sociales contemporáneos*” (HUERTA, 2015, p.7), a questão social é transformada em uma questão de segurança ou ameaça, tal como as migrações nesse contexto.

Amarela Varela Huerta (2015) afirma que a visão com relação ao migrante está ligada ao que se chama tautologia do medo, ou seja, a perspectiva de que o migrante é o outro, o usurpador. São três os principais riscos associados ao migrante: 1) o primeiro é o de ordem pública e de segurança do Estado; 2) o segundo está ligado a um risco de ruptura nacional e identitária; e 3) o terceiro está ligado ao roubo de trabalho, oportunidades e benefícios sociais (HUERTA, 2015, p.7),

O enorme enfoque na segurança ao longo das últimas décadas foi criando todo um aparato de leis, regulamentações e políticas migratórias. Tal aspecto envolvem práticas policiais que além de criminalizar os movimentos migratórios, funcionam como barreiras ou muros para as migrações (HUERTA, 2015, p.7),

A mobilidade de migrantes da ALC no México é um exemplo claro deste enfoque. Outra característica é a utilização do país como uma fronteira externalizada, para que esses movimentos não ameacem os países centrais, como é a relação EUA-México.

A externalização de fronteiras é uma estratégia que envolve acordos, políticas e pressões diplomáticas que partem dos países do centro receptores de migração para conter o fluxo migratório irregular. Tal estratégia, bastante utilizada na Europa, vem sendo aplicada pelos EUA

*Desde la década de 1980 está en marcha en todo el mundo la reelaboración de los riesgos y amenazas para las sociedades hegemónicas, hay en curso un "giro securitario", es decir, una reelaboración de las "amenazas" a su seguridad nacional donde se incluye a las migraciones. Y a la vez, los grandes centros hegemónicos como Estados Unidos de América y la Unión Europea, crean un conjunto de tratados y acuerdos de cooperación que, con la ayuda de países subalternos, "taponan" los procesos migratorios desde su lugar de origen, los corredores de tránsito hasta sus mismas líneas fronterizas. A este*

---

<sup>68</sup> Ver: Amarela Varela Huerta, Maria Teresa Anguiana, Daniel Villafuerte Solis, FITZGERALD, David, dentro outros.

*proceso se le nombra como la "externalización" de las fronteras* (HUERTA, 2015, p.5),

A externalização de fronteiras inaugura toda uma engenharia de controle que inclui vários governos, e especialmente agências supranacionais, colocando em prática o “governo global das migrações”, que seria uma política dentro da agenda neoliberal, aplicada aos terceiros países que tem como finalidade desincentivar e conter a migração do sul global. A política é realizada a partir da tentativa de controle da conduta dos sujeitos da migração, da interferência em políticas migratórias e de refúgio, visando uma “gestão ordenada” do fluxo migratório. Também se utilizam tratados de cooperação para o desenvolvimento, de livre mercado e de segurança nacional com cooperação policial e militar (HUERTA, 2015).

*la externalización de fronteras opera sobre todo bajo dos retóricas; la de la seguridad nacional (ampliamente abordada antes como securitización), y la del abierto “chantaje” que en materia de tratados de libre comercio entre Estados Unidos y los países de Mesoamérica interponen la “gestión ordenada de la migración” como condición para que dichas libertades comerciales puedan ponerse en práctica* (HUERTA, 2015, p.10).

Uma gestão ordenada das migrações dentro de um paradigma securitário significa tentar conter o fluxo migratório desencorajando o êxodo migratório a partir de interceptações, operativos de fiscalização, detenções e deportações. Para isso, é construída uma infraestrutura militar e toda uma rede de instituições governamentais e não governamentais.

A externalização de fronteiras cria regiões de acantonamento e detenção e aumentam a militarização das fronteiras e a criminalização do ato migratório (HUERTA, 2015). Essa política é realizada pelos terceiros países em seu próprio solo, países semiperiféricos que defendem com afincos os interesses dos países do centro, de forma que os segundos podem assim estender controle para além de suas fronteiras.

Apesar de haver divergências entre os estudiosos sobre o papel de contenção migratória realizado pelo México em razão da dificuldade em demonstrar a influência estadunidense no México, por se tratar de um tema sensível e normalmente passa por acordos confidenciais (FITZGERALD; CONTRERAS, 2018), estudiosos contemporâneos começam a montar o quebra-cabeça de todos esses processos com os acontecimentos dos últimos anos na política internacional mexicana no que tange aos fluxos migratórios.

Tais estudos realizam a reconstituição dos acordos e uma recopilação dos principais pontos da política exterior e da política migratória de mexicana que comprovam a influência

estadunidense nas políticas mexicanas e a externalização de fronteiras (FITZGERALD; CONTRERAS, 2018; TÉLLEZ; VARGAS, 2020; HUERTAS, 2015).

Fitzgerald e Contreras (2018) explicam que entre 1981 e 1983, com a intensificação da Guerra Civil na Guatemala, inicia-se um massivo fluxo migratório de centro-americanos para o México, que soma a outros conflitos na região. Os autores defendem que desde a década de 1980, o México se converte em um território difícil de cruzar para os migrantes e refugiados, abrindo espaço para as inversões financeiras dos EUA para manter o fluxo de migrantes distante:

*Durante los ochenta, el gobierno de Ronald Reagan asignó ciento cinco millones de dólares al Acnur y al Comité Internacional de la Cruz Roja para asistir a refugiados, repatriados y desplazados internos en la región centro y mesoamericana, con el fin de mantener a los refugiados lejos de ee.uu.* (AGUAYO, 1985: 113-114 apud FITZGERALD; CONTRERAS, 2018).

E, pelo mesmo motivo se inicia o patrulhamento nos transportes públicos que vão até a fronteira norte, o que não acontecia em anos anteriores, uma estratégia que chamam, como vimos, de fronteira vertical, tornando a linha fronteira irrelevante (FITZGERALD; CONTRERAS, 2018).

Como comprovações históricas, Fitzgerald e Contreras expõem uma “circular da *Secretaría de Gobernación* de 1982 encontrada por eles em arquivos, que proibia os centro-americanos com vistos de turistas a viajar até a fronteira norte, por suspeitas de que poderiam querer cruzá-la para os EUA” (FITZGERALD; CONTRERAS apud AGUAYO, 1985, p. 55) e um informe da Acnur que dizia: “*Resulta obvio que existe un acuerdo entre agentes a ambos lados de la frontera, que permite la expulsión masiva de extranjeros no autorizados de ee.uu. a México, de donde son deportados a sus países*” (FITZGERALD; CONTRERAS, 2018 apud Friedman y Rodríguez y Rodríguez, 1987).

A partir dos anos de 1990, a pressão dos EUA cresce e a patrulha fronteira coloca mais atenção na Fronteira Sul. O México cria o *Grupo Beta de Protección a Migrantes* que, em teoria, estaria orientado a resgatar e promover os Direitos Humanos, na prática o paradigma é securitário. Em 1993, os Estados Unidos iniciam um processo de vigilância fronteira com estratégias militares, dispositivos de última geração e a construção de muros nas fronteiras com o México (HUERTAS, 2015).

Em 1995, o Presidente Bill Clinton empresta 40 bilhões de dólares em garantias creditícias ao México para evitar o colapso do peso, e no mesmo ano a Comissão Binacional México-Estados Unidos afirmam uma cooperação em assuntos migratórios. Em 1996, há uma

Conferência regional sobre migração onde o principal tema da conferência é a discussão sobre técnicas de controle de fluxos (FITZGERALD; CONTRERAS, 2018).

As principais iniciativas de frear a crescente migração em trânsito pelo México, especialmente de centro-americanos, surgem nos anos 2000. O presidente Vicente Fox tenta alcançar um acordo migratório bilateral com os EUA, novamente buscando um melhor trato os para os trabalhadores mexicanos em troca de maior restrição na fronteira sul.

Apesar de a política externa estadunidense partir de um paradigma de segurança desde as guerras mundiais, na década de 2000, após os atentados de 11 de setembro de 2001 que ocorreram em Nova Iorque nos EUA, a luta contra o terrorismo tomou a cena principal, influenciando todo o continente americano com planos antiterrorismos.

Neste contexto de políticas antiterrorismo por conta da relação bilateral México-EUA, o México auxiliou na criação de um cinturão de segurança regional e se incorporou aos conselhos de segurança com o objetivo de evitar novos ataques aos EUA (FITZGERALD; CONTRERAS, 2018).

Segundo para Téllez e Vargas (2020), esse evento reforça a política de controle fronteiriço dos Estados Unidos. As iniciativas e os investimentos estadunidenses foram mais intensos para a gestão migratória e em temas como o narcotráfico e o crime organizado que foram incorporados nas estratégias estadunidenses categorizados como antiterroristas. Segundo Téllez e Vargas:

*“Todos estos programas y acuerdos bilaterales iban dirigidos, de una u otra forma, al control y contención de la migración irregular; si bien se firmaron varios memorándums para la protección de los derechos humanos de los migrantes, la mayoría giraba en torno a una “repatriación segura y ordenada” (2020, p.130).*

As iniciativas mais importantes, e que mais geraram mudanças para a migração foram a Iniciativa Mérida em 2008 e o *Plan Frontera Sur* em 2014. Faremos aqui um breve recopilado em ordem cronológica:

Em 2001, se cria o *Plan Sur* com um orçamento de 11 milhões de dólares vindo dos EUA que constituiu equipes para patrulhar os rios da região. Trata-se de um projeto de segurança nacional para controlar os fluxos de “pessoas, drogas e armas” com a retórica do direito a documentação de migrantes (FITZGERALD; CONTRERAS, 2018).

O plano faz um esforço de gestão das deportações que vinham crescendo, especialmente para a Guatemala e para migrantes de outras regiões pagas pelos EUA (FITZGERALD; CONTRERAS, 2018). Seu objetivo principal era o fortalecimento da vigilância e controle da migração de trânsito desde o Istmo de Tehuantepec até a fronteira sul (TÉLLEZ; VARGAS,

2020). O Plano esteve vigente até 2003 e foi substituído pelo *Programa de Fortalecimiento de las Delegaciones Regionales de la Frontera Sur*.

Em 2002, o México assina a *Alianza para la Frontera México-Estados*, programa com 22 pontos para reforçar a segurança da área, e o acordo *Fronteras Inteligente* que era uma cooperação em matéria de antiterrorismo, apoiando a estratégia de segurança estadunidense (TÉLLEZ; VARGAS, 2020).

Em 2003, desenvolveu-se o *Plan Sentinela*, mobilizando 18 mil soldados nas rotas da fronteira sul a fim de evitar ataques aos EUA (FITZGERALD; CONTRERAS, 2018). No ano seguinte, foi a vez da criação do el *Plan de Acción entre México y Estados Unidos para la Cooperación sobre Seguridad Fronteriza* que previa o aprimoramento tecnológico para facilitar as repatriações e fortalecer os mecanismos entre funcionários de ambos os países (HUERTA, 2015).

Em 2005, há institucionalmente uma clara virada para a o paradigma segurança na gestão das migrações no México quando o Instituto Nacional de Migración é incorporado ao Consejo Nacional de Seguridad, o que, segundo Fitzgerald e Contreras (2018), significou uma redução ao acesso das informações do instituto e acesso aos centros de detenção de migrantes.

No mesmo ano, inicia-se o *Programa bilateral para perseguir a los traficantes de migrantes (OASISS)* e a *Iniciativa de Fronteiras Seguras*, ações desenvolvidas para elevar a prioridade de combate à imigração ilegal, aumentar agentes e a capacidade de detenção, e fiscalizar locais de trabalho (HUERTA, 2015). Entre 2000 e 2005, o número de “estações e estancias migratórias”<sup>69</sup> que são destinadas ao “asseguramento e alojamento” dos imigrantes ilegais duplicou (TÉLLEZ; VARGAS, 2020, p.131).

No ano de 2007, é a vez da implementação do *Plan de Reordenamiento de la Frontera Sur*, voltado para a expedição de documentação e reduzir a internação por falta de documentos na região fronteiriça entre o México e a Guatemala ((TÉLLEZ; VARGAS, 2020, p.132).

Em 2008, ocorre a assinatura do *Acuerdo Binacional entre Estados Unidos y México para Combatir el Narcotráfico y Crimen Organizado*, conhecido como *Iniciativa Mérida*.

A *Iniciativa Mérida* foi um plano de ajuda financeira e técnica do governo dos EUA para combater o crime organizado, dirigido principalmente ao México, mas também a América Central e Países do Caribe. O EUA mobilizou uma grande quantidade de recursos para a iniciativa. Entre 2008 e 2015 foram mais de 2.5 bilhões de dólares atribuídos e 1.5 bilhões

---

<sup>69</sup> As organizações de apoio aos migrantes explicam que estações migratórias e alojamento e asseguramento são um eufemismo para detenção que é o processo que em verdade ocorre nestas instalações.

executados, além dos auxílios em patrulhas e capacitação para os funcionários (FITZGERALD; CONTRERAS, 2018).

O *Plan Frontera Sur*, lançado em julho de 2014, está dentro da estratégia do *Plan Rector de la Política de Seguridad Nacional de México*, que é o *Programa para la Seguridad Nacional 2014-2018*, de onde se estabelece como fundamental a consolidação da *Estrategia Integral de Atención a la Frontera Sur* (PCS, on-line).

Segundo as considerações do Decreto, o *Plan Frontera Sur* foi criado para modernizar a fronteira, proteger aos migrantes que cruzam o país, evitar a imigração ilegal e ordenar o fluxo de pessoas no país.

*Estos son principales lineamientos del Programa:*

*1.- Las acciones en marcha buscan atender esta problemática con base en tres objetivos: A) Evitar que los migrantes pongan en riesgo su integridad al usar un tren que es de carga y no de pasajeros. B) Desarrollar estrategias puntuales que garanticen la seguridad y la protección de los migrantes. C) Combatir y erradicar a los grupos criminales que vulneran sus derechos.* (PCS, on-line).

O programa planejava instalar três cinturões de segurança no sul do México, realizar cooperação entre o INAMI e o exército e a Polícia Federal para operativos armados e erradicar o uso das ferrovias e do trem de carga, já que o trem era um importante meio de transporte para esta migração.

Foi batizado pelos migrantes de “la bestia” ou o “trem da morte” o trem de carga utilizado pelos migrantes para atravessar o México em direção aos EUA. Os migrantes viajam agarrados, no meio das cargas ou em cima do trem correndo todos os tipos de riscos. Em uma entrevista realizada no trabalho de campo em 2015, o informante explica sobre os riscos da Bestia:

*“(...) (os migrantes) enfrentam grupos delinquentes pelo caminho e são feitos de mula. São subornados pelo crime organizado no México, são roubados estuprados, extorquidos, onde os sequestram e ligam aos familiares para pedir dinheiro, e muitas vezes as garotas enviadas às casas de prostituição. Eles atravessam o território do México em cima de um trem de carga que chamam de “La bestia”, este trem, concessão do estado mexicano a empresas não tem vigilância de forma que as pessoas sobem nele livremente e viajam sem segurança muitas vezes em cima do trem. Este trem é controlado por grupos delinquentes que pedem dinheiro para as pessoas ficarem nele e na maioria das vezes se não pagam são atiradas do trem e roubadas. Estupros e todo o tipo de violência são frequentes” (Informação oral, Chefe do Departamento de Información y Documentación, CONAPRED, Cidade do México, 2015, tradução livre) (FERNANDES, 2016, p. 102).*

estratégia era impedir a abordagem no trem com a construção de barreiras físicas, a contratação de polícias privadas para custodiar o trem e aumentar a sua velocidade (HUERTA,

2015; FITZGERALD; CONTRERAS, 2018). Outra estratégia era a criação de uma rede de barreiras de controle migratório e operações policiais sistemáticas no corredor sul do país, o que Huerta (2015) chama de “Tapón migratório”. Los agentes del INM llevaron a cabo 150 redadas en el tren durante 2014. Estos esfuerzos de control implicaron que los migrantes regresaran a las carreteras, donde también se instalaron múltiples puntos de control, (FITZGERALD; CONTRERAS, 2018, p.22).

operativos e as ações no trem tiveram o efeito de levar os migrantes a buscarem novas rotas, cada vez mais perigosas, a fim de evitar os postos de controle:

*Las consecuencias en términos de no respeto de los derechos humanos son fuertes: represión, juicios injustos, detenciones arbitrarias, violencia policial, expulsiones, etc. Además, esta situación represiva está empujando a las personas migrantes hacia rutas cada vez más peligrosas, con el fin de eludir aquellas otras más utilizadas actualmente, demasiado controladas y militarizadas. Sometidos al control de delincuentes, las personas migrantes se encuentran en situaciones de esclavitud, trata, malos tratos, violencia sexual o violencia de género (FIDH, 2017, não paginado).*

O Departamento de Estado dos EUA repassou 112 milhões de dólares para o México para melhorar a segurança das fronteiras e infraestrutura de tecnologia e treinamento de segurança do pessoal. Deste montante, 14 milhões foram destinados à criação de um banco de dados de pessoas que cruzam a fronteira legalmente (ISACSON; MEYER; MORALES, 2014) e foi criada a *Coordinación para la Atención Integral de la Migración en la Frontera Sur*, com um orçamento de 102 milhões de pesos. Além da ajuda financeira há um investimento dos EUA em treinamento dos operativos, inteligência e assessoram o corpo diplomático (FITZGERALD; CONTRERAS, 2018, p.23).

No mesmo ano, em 2014, as detenções e deportações de crianças e adolescentes centro-americanos foram destaque na imprensa internacional pelas violações de direitos humanos cometidas. Ante a repercussão da divulgação, foi colocado em prática a Operação Coyote com a finalidade de deter esse fluxo especificamente.

Em resumo, segue a descrição dos planos e iniciativas de 1990 a 2014 no quadro abaixo:

TABELA 2 – PLANOS E INICIATIVAS DE 1990 A 2014

<b>Planos, iniciativas e processos em matéria migratória</b>	<b>Descrição</b>
<i>Grupo Beta de Protección a Migrantes</i>	Grupo orientado e resgatar e promover os Direitos Humanos dos migrantes.



	<i>Proceso de vigilancia fronteriza</i>	Elaboração de estratégias militares, dispositivos de última geração e a construção de muros para contenção migratória.
	<i>Instituto Nacional de Migración</i>	Criação do Instituto Nacional de Migración, subordinado à Secretaria de Governación em substituição à <i>Dirección General de Servicios Migratorios</i>
<b>1995</b>	<i>Comisión Binacional México-Estados Unidos</i>	Cooperação em assuntos migratórios firmada.
<b>2001</b>	<i>Plan Sur</i>	Projeto de segurança nacional, fortalecimento de vigilância e contenção de fluxos de armas drogas e pessoas
<b>2002</b>	<i>Alianza para la Frontera México-Estados</i>	Plano que incluía 22 pontos de reforço a segurança na fronteira.
<b>2002</b>	<i>Acordo Fronteras Inteligentes</i>	Cooperação no assunto de antiterrorismo entre o México e os Estados Unidos, onde participa todo o sistema de segurança nacional mexicano.
<b>2003</b>	<i>Plan Sentinela</i>	Cooperação com a finalidade de evitar ataques aos EUA, mobiliza um operativo de 18 mil soldados nas rotas de transportes e na fronteira sul.
<b>2003</b>	<i>proyecto “Fortalecimiento de las Delegaciones Regionales de la Frontera Sur”,</i>	Projeto para o fortalecimento do Grupo Beta, criação de uma força especial para gestionar de maneira mais eficiente as deportações.
<b>2004</b>	<i>Plan de Acción entre México y Estados Unidos para la Cooperación sobre Seguridad Fronteriza</i>	Cooperação que visava o melhoramento tecnológico para facilitar repatriações e fortalecer os mecanismos entre funcionários de ambos os países.
<b>2005</b>	<i>Alianza para la Seguridad y la Prosperidad de América del Norte (ASPAN)</i>	Cooperação com o objetivo de instrumentalizar as estratégias comuns de segurança fronteiriça e de bioproteção.
<b>2005</b>	<i>OASISS</i>	Cooperação bilateral com o objetivo de perseguir traficantes de migrantes
<b>2005</b>	<i>Iniciativa de Fronteras Seguras</i>	Cooperação para combater a migração ilegal, por meio da inclusão de mais agentes, melhorias na capacidade de detenção e deportação, e inspeções nos centros de trabalho.

2005	<i>INAMI se incorpora ao Consejo Nacional de Seguridad Pública</i>	A incorporação ao Conselho de Segurança indica o tratamento do assunto a partir do paradigma de segurança nacional.
2005	<i>Proposta de Política Migratoria Integral na Frontera Sul do México</i>	A proposta que visava o controle e “ordenamento” dos fluxos migratórios.
2007	<i>Plan de Reordenamiento de la Frontera Sur</i>	Plano voltado para a expedição de documentação e reduzir a internação por falta de documentação na região fronteira entre o México e a Guatemala
2008	<i>Iniciativa Mérida – Acuerdo Binacional entre Estados Unidos y México para Combatir el Narcotráfico y Crimen Organizado</i>	Cooperação que previa ajuda financeira e assistência técnica do governo dos EUA na contenção de fluxos indocumentados de pessoas ou de bens em direção aos EUA.
2011	<i>Ley de migración</i>	A lei renova a política migratória mexicana enfatizando o respeito de dos Direitos Humanos dos migrantes
2014	<i>Operación Coyote</i>	Detenção do fluxo de crianças e adolescentes centro-americanas não acompanhadas.
2014	<i>Coordinación para la Atención Integral de la Migración</i>	Criação de uma nova agência governamental
2014	<i>Programa Frontera Sur.</i>	Instalação de cinturões de segurança para “humanizar” o trânsito dos Centro-americanos.
<b>Fonte; Elaboração própria a partir dos trabalhos de:</b> VARELA HUERTA, 2015, 2018 e 2019; FITZGERALD e CONTRERAS, 2018; VELASCO, 2018; TORRE-CANTALAPIEDRA e YEE-QUINTERO, 2018; ANGUIANO E LUCERO, 2020.		

Há uma série de violações de direitos humanos da violência estatal e do crime organizado que se forma conseqüente a esta política de externalização de fronteiras. Trata-se novamente de respeitar a cartilha neoliberal imposta pelos países centrais. Tal cartilha, de maneira paradoxal, usa a retórica do direito internacional para aplicar as normas do direito internacional que, na prática, são colocados acima dos Direitos Humanos (HUERTA, 2015, p. 9).

### 3.1.1 Fronteira Vertical e País Tampão

O governo Mexicano considera cada vez mais que o interesse em conter o fluxo migratório é nacional.

Uma fronteira externalizada é uma fronteira complexa, pois não é mais somente a fronteira um limite territorial e geopolítico que guarda a soberania nacional. De maneira internacional, o dispositivo geopolítico foi alargado com funções políticas, diplomáticas, de inteligência e militares, para a governança das migrações (HUERTA, 2015, p. 9). A externalização de fronteiras é o início da criação de países tampões e, do que se chama de fronteira vertical, construindo barreiras cada vez mais intransponíveis para a mobilidade indocumentada de pessoas.

Os diversos atores compõem uma cadeia que gira em torno do processo migratório, de um lado instituições protegendo os migrantes e de outro levantando barreiras, muitos se beneficiam ou lucram com este fluxo de pessoas, fazendo parte do que se chama a “indústria da migração”<sup>70</sup>. Essas pessoas além de mercadoria, são consideradas descartáveis e alvo de uma política de morte, ou, como alguns teóricos<sup>71</sup> já usam, a necropolítica. Necropolítica é um conceito do teórico Achille Mbembe (2018), inspirado na biopolítica de Michel Foucault, onde a política da morte é adaptada pelo Estado, ou seja, o Estado adota como política de Estado, o uso legítimo da força em forma de extermínio de populações vulnerabilizadas.

O conceito de necropolítica descreve bem as escolhas, no caso as políticas dos Estados Nacionais com relação às pessoas em mobilidade. É opção dos Estados estabelecer uma política securitária e de controle de corpos ao invés de uma política de segurança humana.

A política migratória de externalização das fronteiras, e a maneira com que ela é praticada no México, faz com que as pessoas que transitam pelo país estejam em constante risco de morte. Tal política transforma o México em um próprio país-fronteira, no que chamam de “Fronteira Vertical”.

*Efectivamente, el gobierno mexicano ha erigido una “frontera vertical” que pone a los migrantes en riesgo continuo de ser detectados en territorio mexicano, y posteriormente deportados. Las cifras de revisiones migratorias y de presentaciones, junto con las de capacidad de las estaciones migratorias y provinciales, también así lo atestiguan (TORRE-CANTALAPIEDRA; YEE-QUINTERO, 2018, p. 96).*

<sup>70</sup> Indústria da migração é o “conjunto de empresarios, negocios e infraestructuras que, motivados por la búsqueda de ganancias económicas, prestan servicios que facilitan y sostienen la migración internacional” (HERNANDEZ LEON, 2012, p. 41). Aqui nos referimos como indústria todo o complexo institucional de cerca o fenômeno.

<sup>71</sup> Ver: Amarela Varela Huerta e Ariadna Estévez (2019).

Huerta (2019, p. 104) defende que o México se complexifica nessa transição de ser uma fronteira vertical e se configura como um “*país Tapón*” – nomenclatura que já vemos na Teoria do Sistema Mundo como uma das funções dos países da semiperiferia, auxiliando os países do centro a amortecer os seus problemas, incluindo problemas de diversos tipos e não somente ligado a contenção migratória. A autora propõe somar a noção de “*frontera vertical*”, a de um “*Tapón*” virtual de segurança para os Estados Unidos, tampão este que coloca em risco a vida de milhares de pessoas todos os dias (HUERTA, 2015).

### 3.2. Caracterização da Mobilidade no México<sup>72</sup>

Em um mundo pós globalização, a mobilidade de pessoas é um fato social importante. Recorrente da alta mobilidade e circulação de pessoas, o fenômeno da migração<sup>73</sup>, ocorrido desde os primórdios, tem atingido números expressivos na atualidade. Segundo dados do relatório da Organização Internacional das Migrações (2019), o estoque internacional de migrantes, ou seja, o número de pessoas que reside em um país diferente do que nasceu, em 2017 era de 258 milhões.

Em 2000, esse número era de 173 milhões. Destes, 25,4 milhões são refugiados, 68,5 milhões de deslocamentos forçados e 50 milhões migrantes irregulares. A estimativa é a de que entre 35 e 40 milhões de pessoas migrem a cada 5 anos (NEGRO, 2019).

Conforme explicitado, o corredor migratório que passa pelo México em direção aos Estados Unidos é o principal do mundo desde 1990, sendo a diáspora mexicana também uma das maiores do mundo. Em 2017, eram cerca de 13 milhões de migrantes mexicanos fora do país, só perdendo para a Índia que tem 15,6 milhões.

A maioria dos emigrantes mexicanos vivem nos Estados Unidos, atingindo a cifra de 11,6 milhões (SEGOB, 2019). Esses emigrantes são uma importante fonte econômica para o México pelas remessas que enviam ao país, que chegou a representar, também em 2017, 2,7% do PIB do país.

---

<sup>72</sup> A tese se refere a vários tipos de mobilidades de pessoas, usando “migrante” ou “mobilidade de pessoas” para referir-se a todo um conjunto de fenômenos migratórios que são consideravelmente distintos, tais como: exílio, refúgio, migração econômica, migração ambiental, migração em trânsito, migração forçada, fluxos de retorno, deslocamento interno. Mas para os propósitos desta tese serão generalizados todos os que se encontrarem de passagem por esse corredor migratório América Central-México-EUA e sejam migrantes latino-americanos ou caribenhos.

<sup>73</sup> Há alguns teóricos que optam por usar apenas pessoas em mobilidade, para reforçar as “pessoas”, neste trabalho ainda não foi possível tal feito usar “migrantes” ainda permaneceu importante em muitos momentos da tese.

Com relação a recepção de migrantes, o México vai para a 42ª posição no mundo com, oficialmente 1,1 milhões de imigrantes internacionais, cerca de 0,8% da população mexicana (EM DESA, 2019). Dessas pessoas estrangeiras, 42.6% possuem nacionalidade mexicana e somente 46.8% possuem nacionalidade estrangeira, o que significa que quase metade dos estrangeiros são mexicanos nascidos no exterior (CONAPRED, 2019).

Como já mencionamos, se oficialmente o número de migrantes dentro do México pode parecer não ser tão expressivo, a posição geográfica e política do México no mundo faz com que ele seja um importante corredor migratório, por onde transitam milhares de migrantes de vários países do mundo para tentar cruzar em direção aos EUA.

Foi a partir da década de 1990, com a mobilidade de pessoas migrantes provenientes especialmente do triângulo norte da América central (Guatemala, Honduras e El Salvador) que buscavam entrar nos Estados Unidos, que o México começa a tornar-se um território de trânsito regular e irregular de migrantes (UPM, 2020).

A mobilidade de migrantes irregulares que atravessa o México não consegue ser estimado com precisão, uma vez que eles entram indocumentados, fugindo de qualquer contato com as instituições mexicanas. A Unidade de Política Migratória no Panorama de migração no México, estima que esse movimento migratório de trânsito irregular dobrou entre 2010 e 2017, passando de 128.4 mil eventos a 296.8 mil eventos (SEGOB, 2019). Já informes da Comissão Nacional de Direitos Humanos (CNDH) e da organização Médicos Sin Fronteras, acreditam que esta cifra seja ainda maior, chegando ao redor de 500 mil pessoas anualmente (CNDH, 2018; MSF, 2017).

A mobilidade de pessoas no México é composta principalmente por nacionais dos países centro-americanos, sendo que 9 entre cada 10 dos migrantes que atravessam o México são provenientes da América Central, especialmente de países do Triângulo Norte da América Central (em espanhol Triangulo Norte de Centro América – TNC<sup>74</sup>): Guatemala, Honduras e El Salvador. Este é um fluxo antigo. Desde 1980 pessoas deslocadas e requerentes de proteção humanitária, que fugiam de conflitos armados naquela região são recebidas no México. Contudo, foi apenas a partir da década de 1990 que o México começou a se tornar um território de trânsito regular e irregular para migrantes desses países que tentavam entrar nos Estados Unidos (SEGOB, 2018a).

---

<sup>74</sup> Existe uma crítica com relação ao uso desta nomenclatura exposta. Triângulo Norte da América Central tornou-se um estigma para designar países onde a pobreza e a violência permeiam, impunidade e migração. (Uma observação crítica ao termo "Triângulo do Norte" pode ser vista em: <<https://www.jornada.com.mx/2020/01/19/opinion/016a2pol>>. (DURAND, 2020, p. 21)

Atualmente, este movimento migratório também é caracterizado pela violência generalizada, altos níveis de pobreza e profunda desigualdade econômica e social (SEGOB, 2019). Estes nacionais são também os principais nas listas de deportação, retorno voluntário e solicitações de refúgio. Apesar de serem maioria os migrantes da TNC, há uma mobilidade importante de pessoas do Caribe – especialmente cubanos e haitianos, e da América do Sul, especialmente venezuelanos e colombianos – e um pouco menor de migrantes Africanos.

Segundo os dados da UPM (2019), em 2018 foram registradas 121.528 apreensões de migrantes, 107.819 migrantes foram devolvidos, destes 96% eram da população proveniente do TNC: 45.9% de Honduras, 39.4% de Guatemala e 10.7% de nacionais de El Salvador. Já em 2019 com o incremento policial na fronteira, somente entre janeiro e agosto, 144.591 migrantes haviam sido detidos (CNDH, 2019).

Essa migração é predominantemente masculina (69,5%). Contudo, a presença feminina vem aumentando desde 2010. Segundo dados da UPM, essa presença passou de 22,4% para 30,5%. A maioria das mulheres também são provenientes do Triângulo Norte da América Central: 11,1% da Guatemala, 9,0% de Honduras e 14.7% de El Salvador.

Também aumentou nos últimos anos a porcentagem de crianças e adolescentes acompanhados e desacompanhados que passaram pelas autoridades migratórias mexicanas. De 11,2% em 2013, passou para 19,3% em 2017.

No período de 2014 a 2017 registrou-se que 4 de cada 10 crianças e adolescentes irregulares que passaram pelo México eram desacompanhados, e em 2017 as autoridades mexicanas chegaram a deter 7.430 crianças e adolescentes acompanhados e 10.870 desacompanhados (SEGOB, 2018), números preocupantes, pois migrantes nessa faixa etária são mais vulneráveis, especialmente se andam desacompanhados.

A tabela abaixo mostra os dados de tendência migratória no México de 2010 a 2017, elaborados pela UPM com dados do governo mexicano:

TABELA 3 – TENDÊNCIA MIGRATÓRIA NO MÉXICO DE 2010 A 2017

<b>Migrantes em trânsito irregular por México</b>				
	<b>2020</b>		<b>2017</b>	
	<b>Absolutos</b>	<b>Relativos</b>	<b>Absolutos</b>	<b>Relativos</b>
<b>TOTAL</b>	128 368	100.0%	269 829	100.0%
<b>Hombres</b>	99 649	77.6%	206 231	69.5%
<b>Mujeres</b>	28 719	22.4%	90 597	30.5%
<b>Desde Centroamérica</b>	112 571	87.7%	270 419	91.1%
<b>Desde en region</b>	15 797	12.3%	26 410	8.9%
	<b>2020</b>		<b>2017</b>	
	<b>Absolutos</b>	<b>Relativos</b>	<b>Absolutos</b>	<b>Relativos</b>
<b>Total de nacidos em outro país que residen em México</b>	968 271	100%	1 007 063	100.0%
<b>Hombres</b>	490 020	50.6%	507 868	90.4%
<b>Mujeres</b>	478 251	49.4%	499 195	49.6%

FONTE:UPM 2019

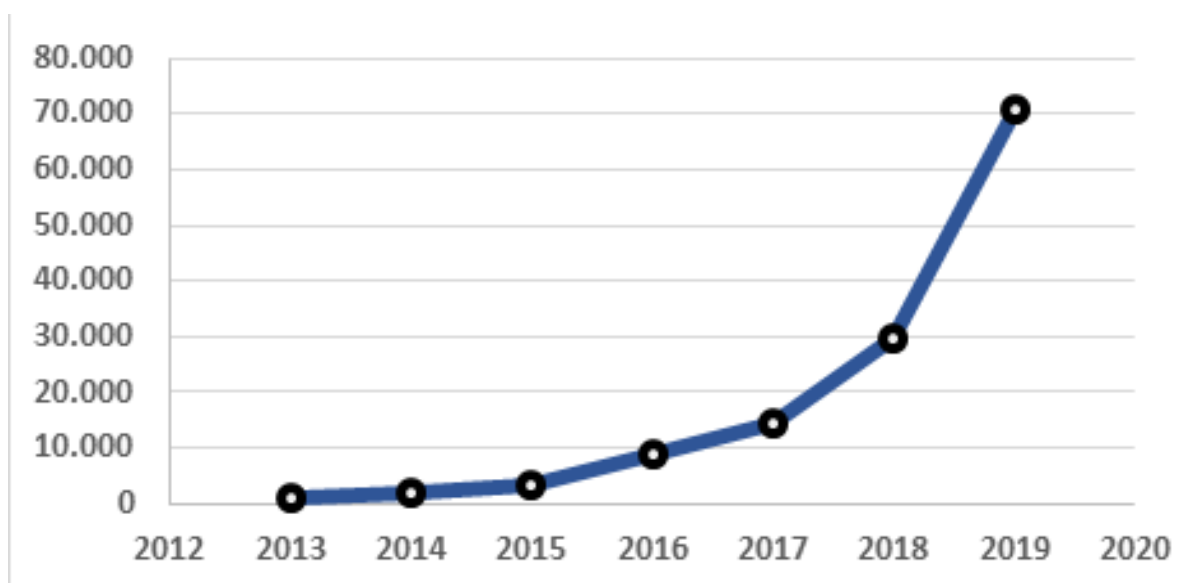
### 3.2.1. Refúgio

O número de solicitações de refúgio e de refugiados no México tem aumentado exponencialmente, nos últimos anos.

Em 2013, o México tinha apenas 1.246 solicitantes de refúgio, e a cada ano esse número é incrementado em quase 2 vezes. Em 2017 o número foi de 14.619 solicitantes para 29.630 em 2018, e chegou a 70.609 em 2019, cerca de 5 vezes a quantidade de solicitantes de refúgio no país em comparação com o ano de 2017.

Até abril de 2020 a *Comisión Mexicana de Ayuda a Refugiados* (COMAR) já tinha atingido o número de 18.230 solicitantes (COMAR, 2020). Observou-se que no mês de abril houve um baixíssimo número de solicitações, contudo a queda se deve à diminuição do atendimento da COMAR no período de contingência pelo COVID-19:

GRÁFICO 1 – NÚMERO DE SOLICITANTES DE REFÚGIO – 2013 A 2019



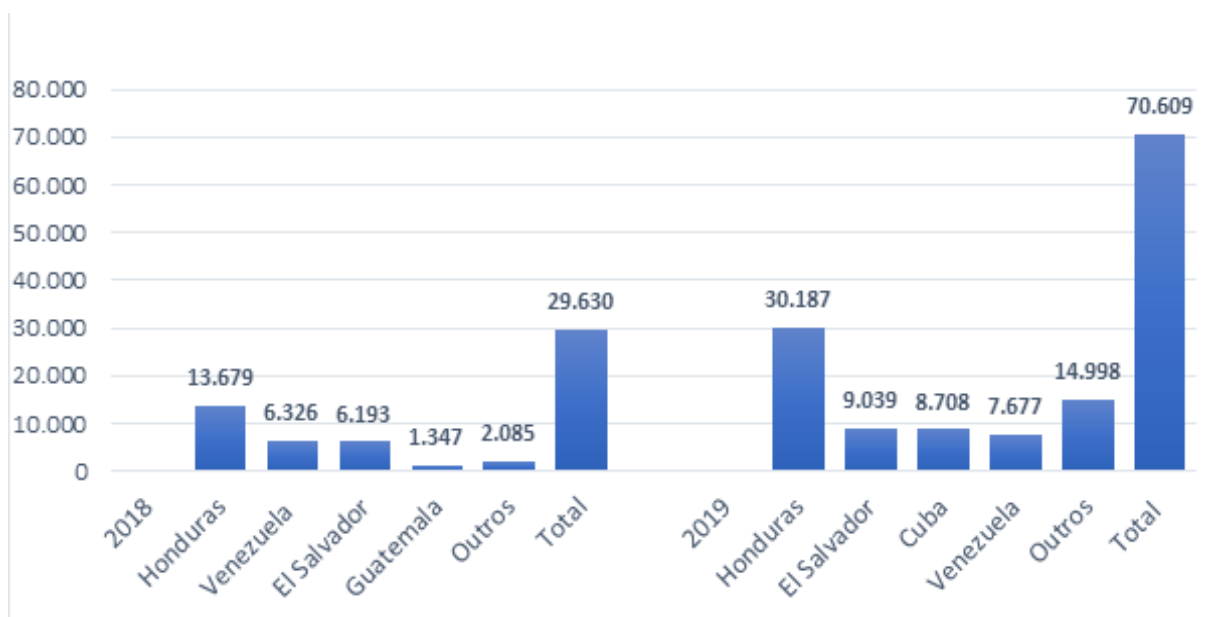
FONTE: Gráfico Elaborado pela autora a partir de dados da COMAR, 2020)

A maioria dos solicitantes de refúgio nos últimos anos tem sido de centro-americanos. Contudo, desde 2018 ganha destaque as solicitações de pessoas provenientes de Cuba e Venezuela. Em 2019, os principais solicitantes foram: hondurenhos (30.187), salvadorenhos (9.039), cubanos (8.708) e venezuelanos (7.677) respectivamente.

Em 2018, a REDODEM analisava que os deslocamentos de pessoas com o perfil de proteção internacional ocorriam com mais frequência com nacionais de países vizinhos e próximos (REDODEM, 2018). Em 2019 e no início de 2020 essa tendência continua, contudo, os nacionais extracontinentais, como cubanos e venezuelanos começaram a chegar ao México em grande número.



GRÁFICO 2 – PRINCIPAIS NACIONALIDADES DE SOLICITANTES DE REFÚGIO



(FONTE: A autora a partir de dados da COMAR, 2020)

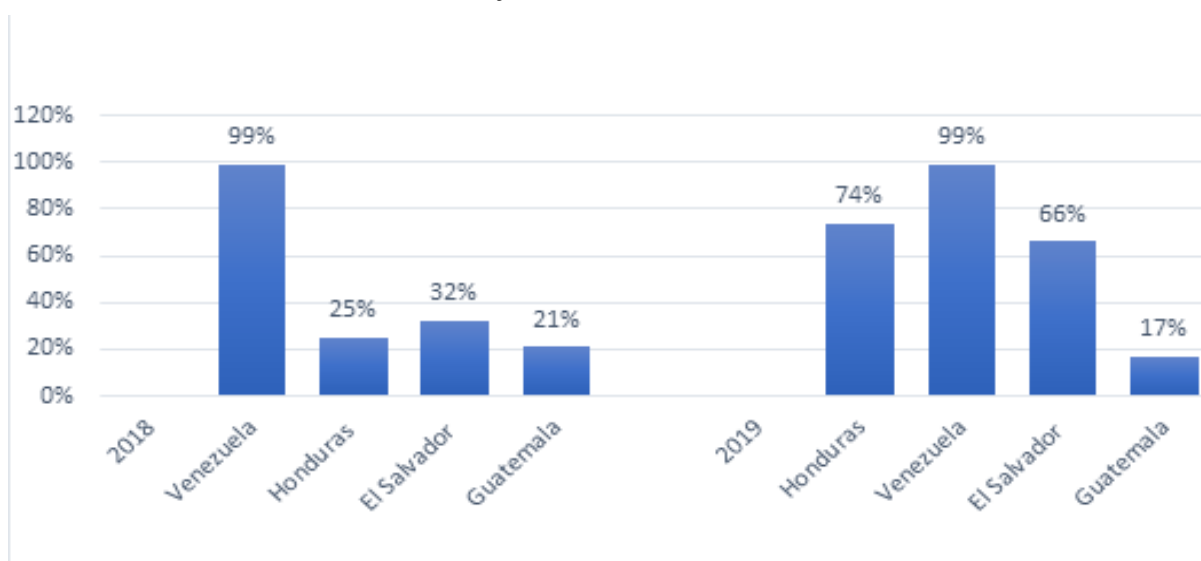
O aumento nas solicitações de refúgio nos últimos anos se explica pelo aumento das barreiras e dificuldades colocadas aos migrantes, tanto para entrar nos EUA como para transitar pelo México, como explicaremos a seguir.

Houve também nos últimos anos um reconhecimento maior da situação da violência que acomete os países da América Central, além de casos como a Venezuela, país em que a situação de violação generalizada de direitos humanos no país é reconhecida pela comunidade internacional, fato que, somado ao destaque da situação promovida pela cobertura midiática que tiveram as Caravanas em 2018 e 2019, refletiu-se no aumento das resoluções positivas de refúgio por parte da COMAR.

Em 2017, dos casos resolvidos pela COMAR, 45% foram positivos. Em 2018, aumentou para 56% e em 2019, 73% dos casos resolvidos foram positivos.

Algumas nacionalidades apresentaram uma taxa de resolução positiva maior, como é o caso dos venezuelanos: em 2017 tiveram 100% dos casos positivos, e 99% em 2018 e 2019. Honduras também chama atenção pelo incremento. Em 2018 cerca de 27% dos casos foram positivos, aumentando para 74% em 2019 e no ano de 2020, as cifras até abril já indicam uma porcentagem de 81% de resoluções positivas, como se pode observar no gráfico abaixo:

GRÁFICO 3 – RESOLUÇÕES POSITIVAS DE REFÚGIO (2018-2019)



FONTE:COMAR, 2018

Segundo a UPM, a quantidade de estrangeiros documentados como residentes permanentes pela condição de refúgio era de 4.018 em 2018 e 5.464<sup>75</sup> em 2019 (SEGOB, 2020). Esse dado representa os refugiados que tiveram a resolução positiva e tramitaram a documentação de residência no México perante o Instituto Nacional de Migração.

Importante destacar que por estarem em constante movimento nem todos realizam o pedido, pois o documento tem que ser solicitado na mesma entidade federativa que solicitou o refúgio, o que gera também uma diferença numérica entre as resoluções positivas e a quantidade de documentos de residência emitidos pelas autoridades, tanto em razão das negativas como pela capacidade de processamento e resolução dos casos de refúgio pelo governo mexicano., o que acarreta em um número muito menor de documentos emitidos em relação ao número de solicitações apresentadas.

Outro fator que influencia tanto o aumento de solicitações como de resoluções positivas é fato de o refúgio tornar-se uma ferramenta para muitos processos, seja para transitar em segurança pelo México em direção aos EUA, para conseguir a concessão de refúgio nos EUA<sup>76</sup>, ou simplesmente para ter a opção de regularizar a sua estadia no México.

Segundo o relatório da *Red de Documentación de las Organizaciones Defensoras de*

<sup>75</sup> Inclui estrangeiros com um Cartão de Residente Permanente para reconhecimento da condição de refugiado pela Comissão Mexicana de Ajuda a Refugiados (Comar), documentada pela primeira vez, nos termos dos artigos 52 e 54, seção I, da Lei de Migração e artigo 139, seção I, dos seus regulamentos.

<sup>74</sup> Informação de campo.

*Migrantes* (REDODEM)<sup>77</sup>, nota-se que o México acaba convertendo-se em segundo opção para as pessoas em trânsito com o perfil de refúgio, contudo o destino principal ainda é os EUA.

Dessa forma, muitas das pessoas que optam por solicitar refúgio no México usam a status para estar mais seguro durante a travessia, de acordo com os dados coletados pela instituição sobre o objetivo, senão vejamos:

*(...) el 42.6% de ellas (821 personas) indicó tener interés en solicitar el reconocimiento de la condición de refugiado en México. No obstante, dentro de ellas, sólo el 29.9% desea quedarse a vivir en México, del resto, 9.4% desea ir a Estados Unidos, pero también radicar en México, y 34% utilizará dicho reconocimiento como refugiado para poder viajar por México y llegar al vecino país del norte. Por su parte, de las 1104 personas restantes (57.4%) que no tienen interés en solicitar el reconocimiento de la condición de refugiado en México, a pesar de tener un perfil para poder hacerlo, el 10.4% señaló que desea llegar a Estados Unidos y 46.9% aludió a motivos no especificados (REDODEM, 2018 p.46).*

Outro informe de REDODEM (2019) aponta que das pessoas registradas na rede, 66,4% afirmam que país de destino é Estados Unidos e 28,6% expressaram o desejo ficar no México, ou seja, apesar da quantidade de pessoas em trânsito que deseja ficar no México ter aumentado, a maioria das pessoas ainda têm os EUA como meta final, sendo o México apenas um degrau a mais na busca do sonho americano.

Além do refúgio, há uma outra categoria na qual se pode beneficiar o migrante de trânsito, qual seja visto por razões humanitárias.

Concedido a pessoas que o governo mexicano entende que devem ser protegidas por um período, ou que sofreram algum tipo de crime em solo mexicano, o visto é temporário, e possui a duração de um ano, só sendo renovado enquanto o processo judicial ocorre. Nas últimas caravanas, foram concedidos muitos vistos humanitários a migrantes que a compunham.

Apenas em 2018, foram emitidas 17.722 *Tarjetas de Visitante por Razones Humanitarias*, e em 2019 o número mais que dobrou, sendo emitidas 38.058, segundo dados da UPM (SEGOB, 2020).

### 3.2.2. *Motivos de migração*

A principal motivação da migração de trânsito pelo México ao longo dos anos tem sido a busca por melhores condições de vida nos Estados Unidos; o sonho americano move os

---

<sup>77</sup> A redodem é uma rede das organizações que trabalham na defesa de migrantes no México e faz análises a partir dos dados informados pelos albergues de sua rede que atendem os migrantes no México

migrantes durante as últimas décadas. O incremento do número de migrantes e refugiados que entram no México nos últimos tempos se deve ainda muito a crise econômica, falta de oportunidades, desigualdade e pobreza nos países de origem.

Há também grande protagonismo da situação de violência e insegurança que atravessam países da América Central e América do sul. O Anuário da UPM aponta que os principais motivos de migração são “A) *Falta de empleo o crisis económica en su lugar de origen.* B) *Ingresos muy bajos y/o malas condiciones de trabajo.* C) *Violencia o inseguridad en su lugar de origen*”. (SEGOB, 2020).

O relatório da REDODEM aponta também que as razões são variadas e expõe que não raro, pode haver uma combinação de motivos sociais, políticos e ambientais, mas que é importante observar os motivos estruturais destes deslocamentos com o que chamam no relatório de “migrações mistas”, caracterizadas por combinações de motivos.

*Cada vez y con más frecuencia se ha vuelto un reto, tanto político, social, jurídico, como académico, la distinción entre las migraciones voluntarias y las migraciones forzadas debido a la combinación de motivaciones de salida. La coexistencia de falta de oportunidades, desigualdad, pobreza y violencia en los países de origen se presentan como razones múltiples y simultáneas, combinación de causas estructurales a las que se les ha denominado migraciones mixtas. Las motivaciones mixtas suelen hacer más compleja la identificación y el reconocimiento de la condición de persona refugiada, la cual es valorada a partir de motivaciones de violencia o amenaza a la vida.* (REDODEM, 2018, p. 42).

O incremento da violência também leva a mais pessoas migrantes a possuírem o perfil de refúgio.

A REDODEM em seu último relatório, com dados da COMAR, afirma que principal motivação para a concessão de refúgio nos últimos processos tem sido violação generalizada de direitos humanos. A organização também compilou em entrevistas os principais motivos de fuga do país de origem relacionados à violência: “*Contexto generalizado de violencia (51.6%), persecución por el crimen organizado (35.0%), violencia doméstica (7.7%), persecución política (4.5%), discriminación por orientación sexual/género (1.2%) y reunificación familiar (0.1%)*” (REDODEM, 2018, p.42).

Ainda no relatório da REDODEM, os solicitantes de refúgio entrevistados declararam causas mistas de fuga, segundo a organização, 39% dos entrevistados indicaram pelo menos duas causas de saída, dentre elas: Intimidações e ameaças (79%), extorsões ou pagamento sazonal de taxas a grupos criminosos (18,1%), violência física (11%), homicídio de um familiar (8,2%), recrutamento forçado (7,4%), testemunho de homicídio (2,4%), violência sexual

(2,3%), sequestro (1,6%), usurpação e ocupação de bens (1,5%) e trabalho forçado (1,2%)” (tradução livre, REDODEM, 2019).

Os principais agentes persecutórios são os grupos criminosos atuantes na região, chamados por eles de “pandilhas” (bandos), como as Maras, Mara Salvatrucha e Mara 18 e os Zetas, além do crime organizado e narcotraficantes. São ainda citados como agentes persecutórios a polícia, o exército e familiares (REDODEM, 2019).

### *3.2.3. O México como corredor migratório*

Conforme já explicitado, a maior parte dos migrantes e refugiados que atravessam o México em direção aos EUA é composta por centro-americanos. Segunda ao UPM essa população, em sua grande parte, não possui documentos migratórios, o que as torna muito vulneráveis<sup>78</sup> na sociedade mexicana, tanto por obstaculizar o acesso a direitos como por expô-las a grupos criminosos, pois têm que encontrar caminhos que estejam livres do encontro com as autoridades (SEGOB, 2020).

Os migrantes que transitam pelo México com frequência são obrigados a alterarem o trajeto que haviam planejado para escaparem de operativos migratórios. O relatório da REDODEM (2019) aponta que esta é a principal razão para a mudança nas rotas e que isso, de maneira direta ou indireta, aumentou o risco da travessia pelo México.

Grande parte desses migrantes contrata pessoas para auxiliarem no trajeto pelo México e no cruzamento da fronteira com os EUA. Em 2017, dentre a mobilidade dos migrantes do TNC que chegaram aos EUA, estima-se que 76% utilizaram um guia para cruzar a fronteira norte do México, sendo que o pagamento médio para ele era de US\$ 4.603 dólares americanos no mesmo ano. Observou-se também um aumento no valor desses serviços, que passou de aproximadamente US\$ 3.164 em 2013 para US\$ 6.102 em 2017.

Caminhar pelo México sem encontrar as autoridades também significa que será mais difícil quantificar esse fluxo migratório. Apesar disso, foi possível verificar, a partir de dados do mesmo relatório, um aumento na mobilidade de centro-americanos desde 2011. Registrou-se em 2014 a cifra de 394.2 mil eventos e uma média de 335.000 eventos entre 2014-2017 (SEGOB, 2020).

Esta população entra no México especialmente por Tecún Umán e La Mesilla, cidades

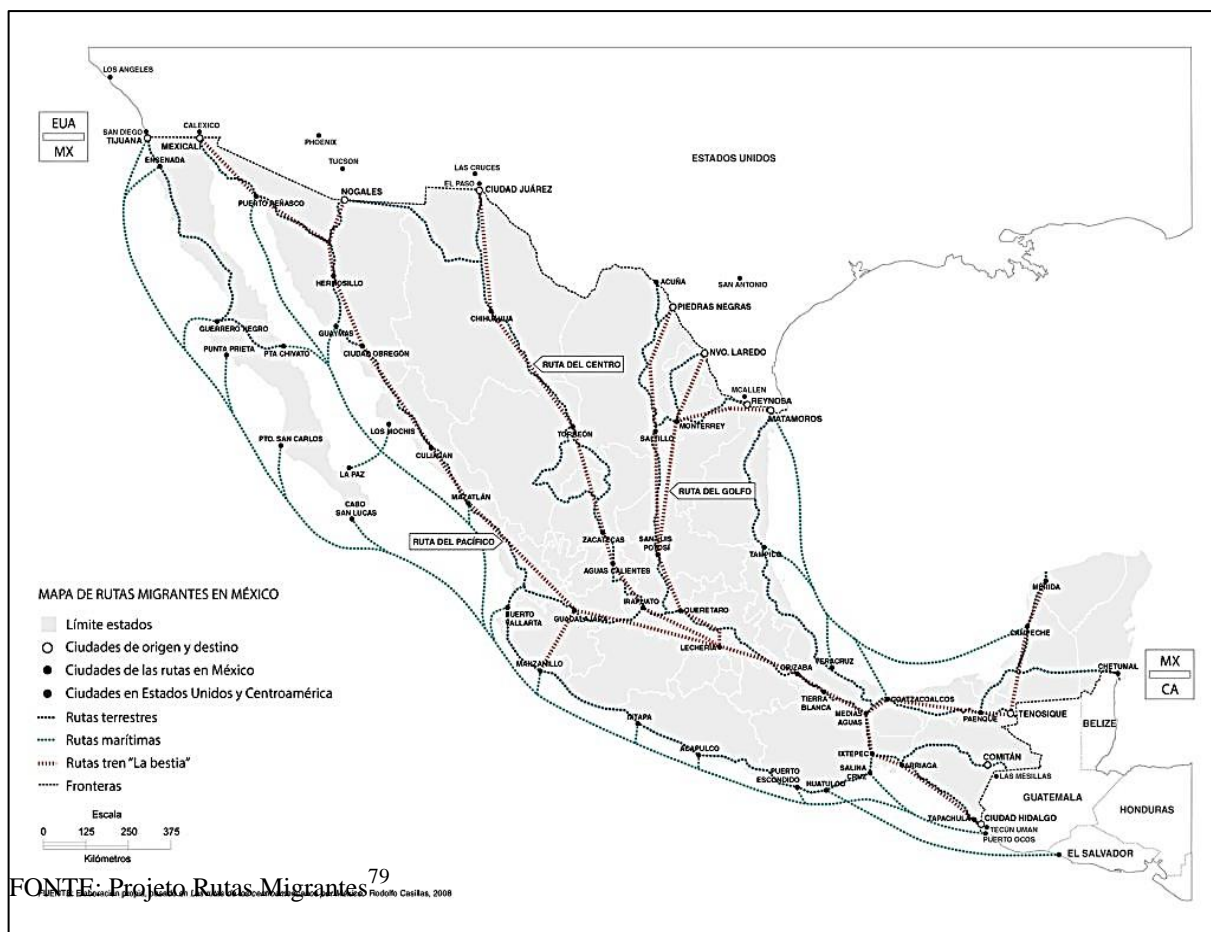
---

<sup>78</sup> Vulnerabilidade social, refere-se ao risco produzido pelo contexto econômico-social de não possuir condições de vida e subsistência. É a fragilidade, susceptibilidade que o indivíduo possui de sofrer danos (FEITO, 2007)

da fronteira sul (Anuário – SEGOB, 2020), a partir de onde atravessam por caminhos distintos até a fronteira com os EUA cruzando para as cidades de Pima, fronteira com Altar, Sonora e Hidalgo, fronteira com Reinosa no estado de Tamaulipas. Segundo Rodolfo Casillas (2008), há duas principais rotas no sul do México: uma que passa pelo estado de Chiapas, usada pelos transmigrantes centro-americanos, e outra que passa pelo estado de Quintana Roo, mais usada por transmigrantes de origem extracontinental, asiáticos e africanos.

Após o *Plan Frontera Sur* em 2014, aumentaram as fiscalizações migratórias, e para escapar das autoridades os migrantes começam a tomar outras rotas e dispersar-se, tornando o trabalho de mapeamento do movimento mais difícil. O mapa a seguir descreve as rotas mais tradicionais:

FIGURA 40 – MAPA ROTAS TRADICIONAIS



O relatório da REDODEM (2019) aponta que os migrantes viajam especialmente

<sup>79</sup> Disponível em: <http://arquitectosconlagente.com/ruta-migrante-mapeo/> acesso em: 17/09/2020



Os migrantes voltam a tentar cruzar, quantas vezes for necessário. Outras vezes passam grandes períodos no México para preparar-se. Muitas vezes foram estas pessoas foram deportadas há anos, e ainda assim afirmam que estão a caminho dos EUA. Durante as entrevistas que pude realizar em Tijuana, uma migrante Salvadorenha afirmou que havia sido deportada a primeira vez há quase 10 anos. Depois de ter vivido anos nos EUA, a migrante vivia circulando pelo México aguardando a sua oportunidade de retornar (Migrante salvadorenha, Tijuana, 2018).

Especialmente quando se trata de uma mobilidade motivada também por violência generalizada nos país de origem, o projeto migratório da pessoa torna-se menos fixo, vai sendo definido ao longo do trajeto, deixando a ida aos EUA como um sonho: “el denominado “*Sueño americano*” sigue vigente para muchas personas, independientemente de lo que eso simbolice, y que sea, para las más, un imaginario de bien vivir que una realidad tangible” (REDODEM, 2019, p. 93-94).

A realidade acaba sendo que os muros encontrados no México são muitas vezes intransponíveis. A violência, a perseguição institucionalizada e a ausência de apoio e recursos económicos transforma esses processos em processos migratórios circulares e em pessoas presas (*atrapadas*) na mobilidade.

*La dinámica migratoria abre la pauta a procesos circulares o lo que algunos teóricos han llamado personas atrapadas en la movilidad (Hess, 2012), personas que quedan en la encrucijada entre la imposibilidad de volver a su lugar de origen, el nulo acceso al lugar de destino, y frente a un escenario de ausencia de políticas de integración o de mecanismos básicos de regularización para su inserción en espacios intermedios, como lo es México (REDODEM, 2019, p.94).*

Alain Musset define essas prisões na mobilidade como “territórios de espera”, que deveriam ser de caráter provisório, como uma “migração por etapas” (*step mobility*<sup>81</sup>) e não corresponderiam a ideia de morar e permanecer. Contudo, o permanecer acontece e a espera segue movida de esperança, e muitas vezes deixa de ser provisória (MUSSET, 2015, p. 317).

#### 3.2.4. *Violência contra os migrantes*

O México é um país onde a violência tem sido uma questão importante nos últimos anos. Os cartéis começam a tomar força em 2007 e em 2011, e segundo o relatório do Escritório

---

<sup>81</sup> Laurent Faret (2003 apud Musset,)



das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC)<sup>82</sup>, a taxa de homicídio já havia triplicado. Em 2018, a taxa de homicídios por 100 mil habitantes chegou a 29,1. Em números absolutos, isso representa mais de 36 mil mortes por homicídio. A taxa média das Américas chega a 15,9 por 100 mil habitantes. Diante desse cenário, o México ultrapassou países considerados muito violentos como o Brasil (27,4) e Colômbia (25,3).

A violência no México é provocada pelas guerras entre os integrantes do crime organizado. As organizações criminosas nos últimos anos intensificaram a luta pelo controle de territórios-chave para o tráfico e diversificaram as suas atividades, o que aumentou o risco para os migrantes:

*Si bien históricamente los migrantes siempre han sido víctimas de violaciones a sus derechos durante sus viajes, el número y la gravedad de estos abusos han aumentado considerablemente en los últimos tiempos, a medida que los grupos del crimen organizado que operan a lo largo de la ruta de tránsito de migrantes han diversificado sus actividades, que ahora incluyen no solo el narcotráfico, sino también la trata de personas, el secuestro y la extorsión (ISACSON; MEYER; MORALES, 2014, p.17).*

Em um território controlado pelo crime organizado e com as *pandillas* que começam a criar redes de tráfico de pessoas e outros tipos de crime para além do narcotráfico, a população em mobilidade que cruza o país torna-se bastante vulnerável, pois cruza em uma condição de clandestinidade – buscam a todo custo rotas que os invisibilize das autoridades migratórias e evitem detenções (CNDH, 2018). Tal condição os torna fácil alvo de sequestro, tortura, violência extrema, tratamento cruel, agressão sexual, tráfico de pessoas, assaltos, extorsões etc.

O informe da REDODEM (2019) evidencia as múltiplas violências, abuso de poder, impunidade dos crimes contra os imigrantes, e aponta essas violências como características do processo de mobilidade dessas pessoas (REDODEM, 2019).

O relatório explica que é difícil saber a magnitude do problema, pois não existe informação oficial sobre os riscos e os delitos que as pessoas migrantes são vítimas neste caminho. O informe é baseado nos dados preenchidos pelas organizações e albergues migrantes, sendo que são poucos os albergues no caminho e os imigrantes que aí se hospedam são apenas uma pequena parte dos que atravessam o México, já que muitos atravessam com coiotos ou por rotas distintas não se hospedam em albergues (REDODEM, 2019). Além de não se hospedarem em albergues sofrem menos violações e abusos no caminho:

---

<sup>82</sup><https://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/gsh/Booklet1.pdf> e <https://dataunodc.un.org/content/data/homicide/homicide-rate>

*Los migrantes que pueden permitirse pagar las tasas de los traficantes de migrantes (conocidos como coyotes) se topan con muchos menos problemas con agentes en las carreteras de la región, según testimonios de defensores de los derechos de los migrantes y los derechos humanos. Dado que los traficantes pagan tasas a los grupos criminales (y en algunos casos también a las autoridades mexicanas) que controlan las rutas migratorias, tienen más posibilidades de cruzar a salvo, y bastantes menos probabilidades de sufrir abusos y violencia. (ISACSON; MEYER; MORALES, 2014, p.19).*

É importante pontuar que não necessariamente as pessoas que cruzam com os coiotes estão mais seguras, pelo contrário, a atividade dos coiotes atualmente se conecta com o crime organizado transnacional, com o tráfico de drogas e pessoas, e em alguns lugares trabalham com sequestros, extorsões e até tráfico de órgãos. De forma que mesmo pagando ao coiote, cruzar o México pode ser uma experiência fatal.

Em um dos albergues um migrante hondurenho conta que já exerceu a atividade de coiote (ou *pollero*, como afirma), ele explica que toda a atividade é ligada com os Cartéis e que são eles que “supervisionam” hoje em dia esta atividade. E supervisionar significa dominar o território e cobrar pedágio por migrante.

*Entrevistado. - (...) yo fui pollo, pollero y quiera o no está asociado a los carteles, porque a los carteles están asociados para que hagan negocio conmigo. Yo conocí a personas cuando fui estudiante y me respetaban mucho por el trabajo que yo hacía. Yo lo hacía bien callado y yo que venía de un barrio donde la vida vale menos que un cabello, haz de cuenta que él me debía favores, como pudo el llego a traerlo en un carro y vámonos... se lo llevo, él iba para Estados Unidos, su papa allá estaba. Ahora anda un pelotón de sesenta asesinos los mismos que vinieron la vez anterior, son mandados y son pistoleros y como te digo aquí en México te buscan hasta donde te encuentren.*

*Entrevistadora - ¿Pero todavía trabajan con ellos?*

*Entrevistado - Con el cartel, si con el cartel es lo que te digo, la pandilla, cuando se desertan viene a formar parte cartel.*

*Entrevistadora - ¿y como hacia este trabajo de pasar a las personas?*

*Entrevistado - y que tal y quien es ese el que te ayudada y muchas personas haz de cuenta que en el dos mil doce para que pasaran los carteles cobrando... y pagaban cien dólares por persona que traían para que los carteles te cuidaran en el camino y si te hallaban de casualidad siendo más y ambicioso y no queriendo no repartir la torta ellos estaban bien contigo, y entonces te daban de esta manera. Te daban veinte y pagabas cien dólares por persona y si solo pagabas cien dólares por persona. Hasta eso, si llevabas más y no pagabas lo que era ah... y por eso te mataban si tú venias y llevabas cinco y decías solo llevo dos, solo reportabas doscientos dólares por exportación si tu sacabas por siete personas y solo pagabas dos ... (Informação oral, M.A. migrante hondurenho, Oluta, 2019).*

O informante também conta como faziam para entrar, conta que conseguiam cruzar as pessoas a partir de subornos aos agentes migratórios. Com o aumento das dificuldades

provenientes do também aumento da securitização das fronteiras, o preço pago ao coioite também aumentou.

*Entrevistadora- ¿Pero ¿cómo lograban pasar encontraba una ruta?*

*¡Entrevistado -! Personas ¡*

*Entrevistadora - Sí, pero ¿hay que tener contactos?*

*Entrevistado – Tan (sic) pagados los contactos de migración sobornan a migración según allá ellos tienen buen sueldo, pero tú sabes que toda persona tiene un precio y aquí todos saben que les encantan la economía, el dios terrenal es el dinero ¿me entiendes? y entre más logras ganar más quieres y, es como un vicio como una atracción.*

*Entrevistadora ¿Hoy en día logran pasar?*

*¡Entrevistado-! igual ¡*

*Entrevistadora- ¿igual? pero no está más difícil?*

*Entrevistado - Sí está más difícil, yo tengo mi ruta y el contacto yo cuando pasaba, una persona, no más, te cobraba 2 mil dólares por persona, ahora está más caro. Imagínate, son 10 mil dólares, es mucho ya es muy diferente... (Informação oral, M.A. migrante hondurenho, Oluta, 2019).*

Nem todos os migrantes têm condições financeiras de contratar os serviços de coioites e atravessam o México pelas estradas e pelo trem de carga, “*la bestia*”, ainda que após o “*Plan Frontera Sur*” tenha ficado mais difícil de seguir essa rota pela quantidade de operativos.

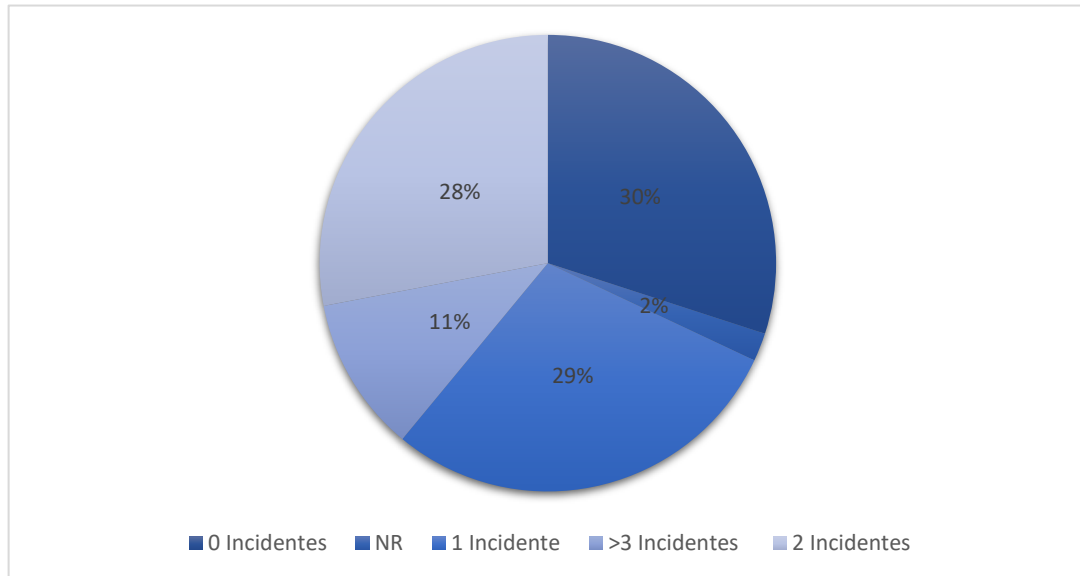
Em 2018, “os albergues da REDODEM registraram 3.777 crimes e agressões contra as pessoas migrantes, 10% do total (36.190)” de pessoas em situação de mobilidade entrevistadas, (REDODEM, 2019, p. 180, tradução nossa). Em outros relatórios, entre os migrantes e refugiados do triângulo norte da América Central (NTCA em sua sigla em inglês) entrevistados pela organização Médicos Sem Fronteiras (MSF), a porcentagem é bem maior, alcançando 68,3%:

68,3 por cento das pessoas do NTCA relataram que foram vítimas de violência durante o trânsito. Do total da população pesquisada, 38,7% relataram mais de um incidente violento e 11,3% relataram mais de três incidentes. (...) mais da metade da população da amostra havia sofrido violência recente quando foram entrevistados: 44% foram atingidos, 40% foram empurrados, agarrados ou asfixiados e 7% foram baleados” MSF, 2017, p.11, tradução nossa)<sup>83</sup>.

---

<sup>83</sup> Do original: 68.3 percent of people from the NTCA reported that they were victims of violence during their transit. Repeated exposure to violence is another reality for the population from NTCA crossing Mexico. Of the total surveyed population, 38.7 percent reported more than one violent incident, and 11.3 percent reported more than three incidents. (...) more than half the sample population had experienced recent violence at the time they were interviewed: 44 percent had been hit, 40 percent had been pushed, grabbed, or asphyxiated, and 7 percent had been shot.

GRÁFICO 4 -  
NÚMERO DE INCIDENTES VIOLENTOS EXPERIENCIADOS POR PESSOA DURANTE O PERÍODO DE  
MIGRAÇÃO



FONTE: MSF, 2017

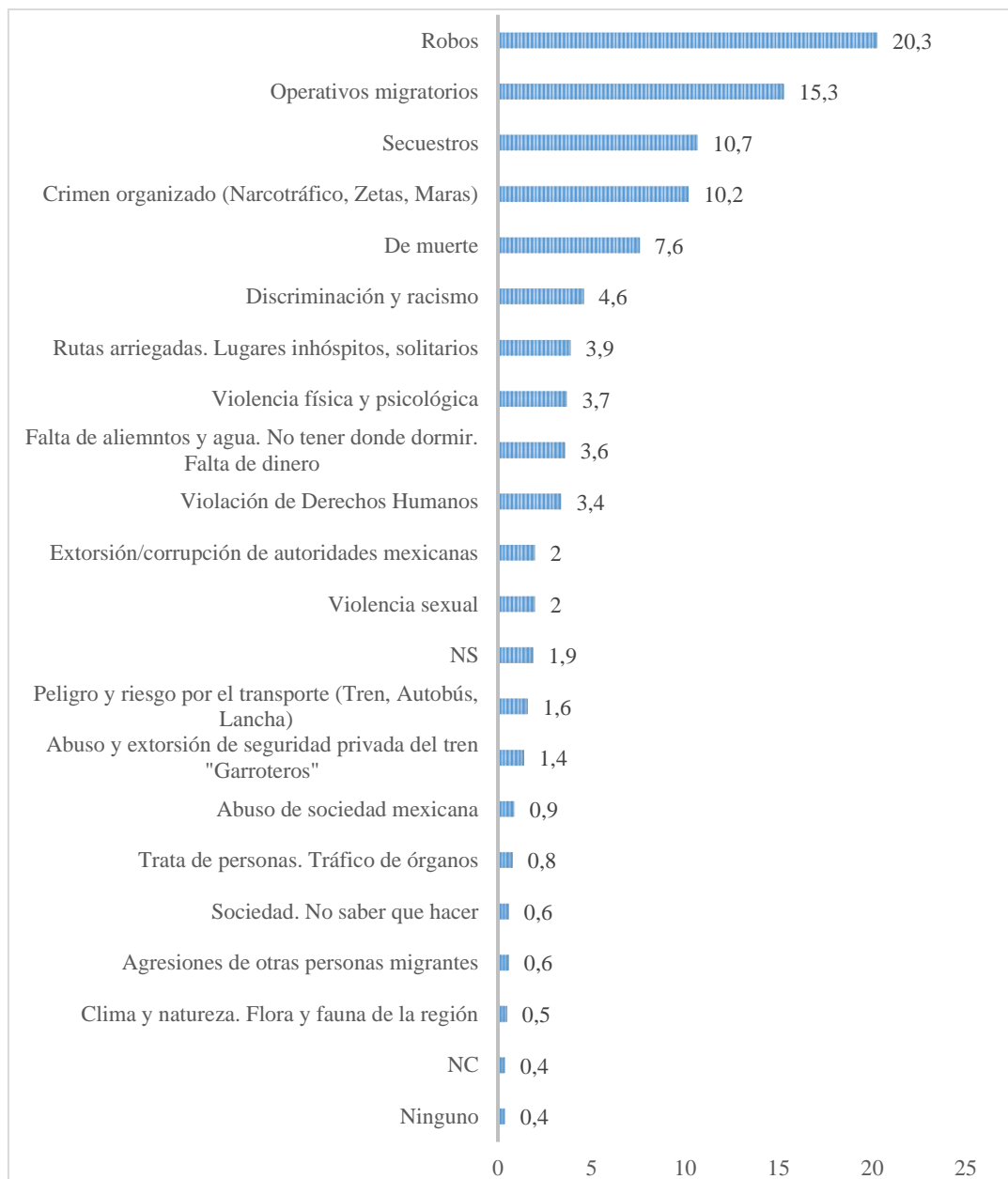
O relatório do MSF também reportou em suas pesquisas um número alto de violência sexual, sexo indesejado e sexo transacional em troca de abrigo, proteção ou dinheiro:

*31.4 percent of women and 17.2 percent of men had been sexually abused during their transit through Mexico. Considering only rape and other forms of direct sexual violence, 10.7 percent of women and 4.4 percent of men were affected during their transit through Mexico (MSF, 2017, p.11).*

Estima-se que haja em torno de 20 mil sequestros de migrantes por ano (PRODH, 2011). Metade das vítimas registradas são sequestradas no sul do país. A hipótese é a de que “a extorsão no Sul é mais forte porque é onde os migrantes trazem mais dinheiro. Principalmente quem não vai com um traficante” ((HIGAREDA; PERALTA, 2018).

Em uma pesquisa realizada pela CNDH (2018, p.114) sobre os desafios da migração e a segurança, destacam-se as violências cometidas contra os migrantes. Nos primeiros lugares como violências aparecem: roubo, sequestro e crime organizado. O relatório também chama atenção para as condutas de racismo e discriminação que aparecem na pesquisa, nos deteremos a elas posteriormente.

GRÁFICO 5 -PRINCIPAIS PROBLEMAS ENFRENTADOS PELOS MIGRANTES QUE CRUZAM O MÉXICO RUMO AOS EUA



FONTE:CNDH,2018

Dos tipos específicos de violência, o relatório da CNDH mostra que as ameaças e agressões verbais aos migrantes também são frequentes na sociedade mexicana:

*(...) cuatro de cada diez personas migrantes entrevistadas los amenazaron con llamarle a autoridades migratorias. Por su parte, una cuarta parte recibió burlas, insultos o gritos; los agredieron verbalmente para que se regresara a su país; le detuvieron sin justificación, y/o fue agredida físicamente (CNDH, 2018, p.120)*

As ameaças figuram um fenômeno que, segundo relatos de campo, aumentou bastante após as caravanas migrantes de 2018.

Ainda que essas pesquisas não cheguem a ter contato com grande parte das pessoas em mobilidade pelo México pela própria natureza clandestina do movimento, elas chamam atenção para a gravidade situação de violência e violação de direitos humanos que essas pessoas vivem no seu trajeto pelo México. Além disso, esses números parecem ser apenas uma pequena parte da realidade: a maioria das vítimas não denuncia e, os processos não são concluídos devido à falta de coordenação entre as diferentes autoridades (HIGAREDA; PERALTA, 2018).

Com relação aos agentes violadores, não somente os grupos criminosos são responsáveis pela insegurança das pessoas em mobilidade. Agentes federais do INM, a polícia, o exército, e outros seguranças particulares como os guardas do trem também são apontados como agressores, pelo alto índice de corrupção e a posição que ocupam:

*La posición de poder en la que se encuentran el Instituto Nacional de Migración, la Policía Federal, la Policía Municipal, el Ejército y la Marina les facilita la comisión de actos de corrupción y abusos de poder que deviene en violaciones a derechos humanos (...) robo, el abuso de autoridad y la extorsión son las principales agresiones que cometen los agentes del Estado en contra de las personas migrantes (REDODEM, 2018, p.190).*

O relatório da CNDH (2018) divide a violência contra os migrantes por agressões sofridas e atores que cometeram a agressão: autoridades mexicanas, crime organizado, pandillas, pessoal que assiste aos migrantes, próprios migrantes, seguranças particulares, ou a própria sociedade mexicana.

TABELA 4 – ATORES RESPONSÁVEIS PELA VIOLÊNCIA

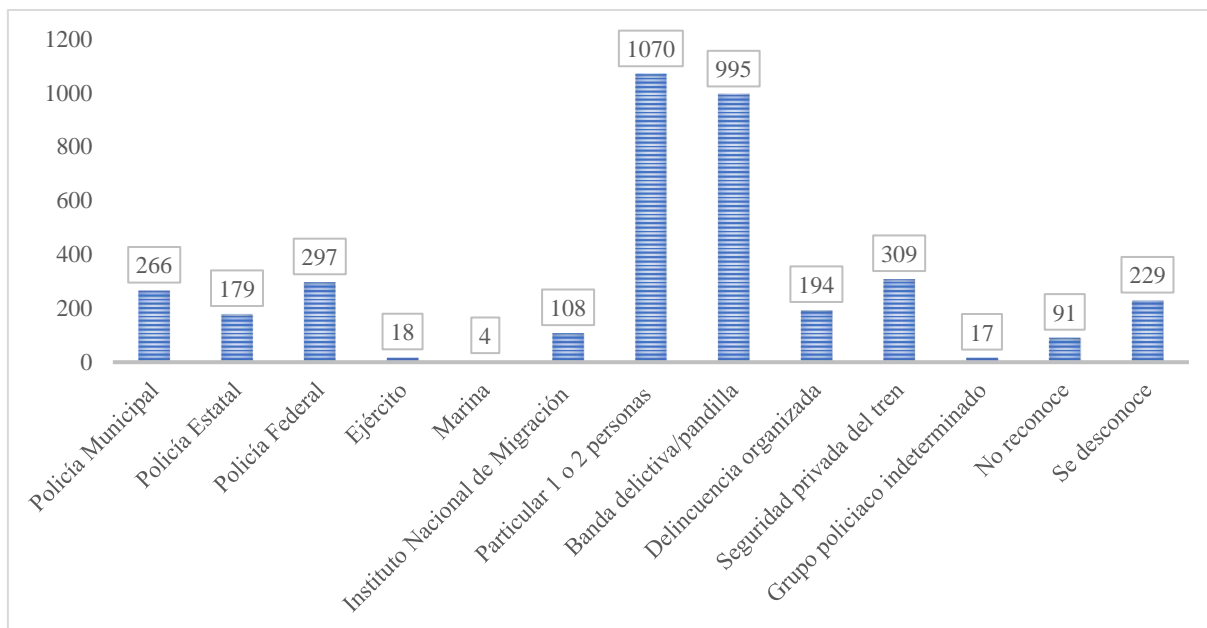
	Autoridades o Gobierno o Mexicano	Crimen Organizado	Pandillas	Personal que assiste a personas migrantes em Albergues o Casa de Migrantes	Personas Migrantes	Seguridad Privada del Tren "Garroteiros"	Sociedad Mexicana	IE	Outro	NC
Fué agredido(a) físicamente	30,1	10,6	33,5	0	7,2	5,9	11,4	0	0,8	26,2

(empujones, golpes etc.)										
<b>Recibió burlas, insultos o gritos</b>	26,2	3	11,4	0,4	9,1	2,7	46,8	0	0	0,4
<b>Le detuvieron sin justificación</b>	79,3	4,1	3,3	0	1,2	5	7,1	0	0	0
<b>Le amenazaron con llamarle a las autoridades migratorias</b>	39,3	2,3	0,8	0,3	1,8	6,7	48,3	0,5	0	0
<b>Le agredieron verbalmente para que se regrese a su país</b>	41,7	1,2	0,8	0	1,6	4,3	49,6	0,4	0,4	0
<b>Le negaron la entrada a un lugar público y le sacaron (restaurante, tienda, etc.)</b>	27,5	0	0,7	1,4	0,7	3,6	63,8	1,4	0,4	0

FONTE:CNDH, 2018

Nota-se na tabela que as agressões variam de acordo com os atores, e que o número de agressões provenientes de autoridades mexicanas reconhecidas pelos migrantes entrevistados é bastante alta. O relatório da REDODEM (2018 p. 194). Também vai nesse sentido, demonstrando que somados, os crimes cometidos por agentes do Estado são superiores aos dos outros atores:

GRÁFICO 6 – AGENTE QUE A PESSOA EM SITUAÇÃO DE MOBILIDADE RECONHECE COMO RESPONSÁVEL PELOS EVENTOS QUE ENFRENTOU



FONTE: REDODEM, 2018.

O relatório da CNDH também aponta violência e desrespeito aos durante as detenções de migrantes. Questionados se a sua prisão foi pacífica ou violenta, “78,1% indicaram que foi pacífica, 5,6% disseram que foi parcialmente pacífica e 15,6% indicaram que foi violento”. Com relação aos direitos humanos, quando questionados se o tratamento era respeitoso com seus direitos humanos, 69,1% dos migrantes indicaram que sim, enquanto 8,3% disseram que parcialmente, e 21,7% disseram que não era respeitoso (CNDH, 2018, p. 49).

Em relação a este aspecto, importante mencionarmos também as “Estancias migratorias”, nome que se dá aos complexos que possuem infraestrutura e características de segurança onde ficam presos os migrantes detidos pelos agentes federais até a resolução de seus casos ou a deportação.

Esses complexos possuem todos os problemas de direitos humanos que as prisões comuns possuem, superpopulação, maus tratos etc. No caso dos migrantes, estar irregular no México não configura uma infração legal e sim uma falta administrativa, o que significa dizer que os migrantes não deveriam nem estar encarcerados: *“Es una medida desproporcionada al tratarse de la privación de la libertad de una persona extranjera por encontrarse en contexto de migración no documentada”* (CNDH, 2019, p. 271). Tais estâncias migratórias são alvos de muitas queixas ante a CNDH:



*“Los detienen y los llevan a las estaciones migratorias, son privaciones de libertad, por más eufemismos que se le llamen, los rescataste, están alojados, da igual, hay privación de la libertad y eso implica que al interior de esas estaciones migratorias pues tienes que cumplir la protección de los derechos humanos. (...) Lo que pasa en las estaciones migratorias con sobrepoblación y hacinamiento, de entrada, es algo que no puede ser un trato digno”, acusó el Quinto visitador de la CNDH Edgar Corzo Sosa (MORALES, 2019, não paginado).*

O governo mexicano não somente comete as violações contra os direitos humanos dos migrantes, como também é omissivo em sua proteção. O Estado mexicano legalmente tem a obrigação de respeitar, promover, proteger e garantir os direitos dos migrantes.

Há enormes vazios institucionais deixados pelo México na proteção dos direitos humanos dos migrantes. Grande parte dessas agressões cometidas pelos agentes estatais derivam das políticas migratórias securitárias implementadas pelo país, onde a prioridade é a segurança de uma “nação imaginária” (ANDERSON, 1993) em detrimento da segurança humana.

A violência e as violações dos direitos humanos dos migrantes são as consequências humanitárias do endurecimento das políticas migratórias. Um aspecto, como já explicitado, de governança necropolítica das migrações.

### **3.3. Caravanas migrantes de 2018: Êxodo massivo e insurgente**

Com as crises financeiras e políticas recentes dos países da América Latina e Caribe e com o incremento da operação das *pandillas* e do crime organizado nos países do triângulo norte da América Central, têm-se presenciado um verdadeiro êxodo nesses países. Esses migrantes têm se organizado em grandes grupos para tentar se proteger dos perigos de cruzar o México. A esses grupos tem se dado o nome de Caravanas Migrantes.

Como movimentos mais recentes, desde 2016 têm-se presenciado grupos mais massivos de pessoas atravessando o México.

Entre 2016 e parte de 2017 houve um êxodo de migrantes haitianos. Estima-se que um número de 22.000 haitianos chegou a Tijuana até 2017 em grupos. Em outubro de 2018 foi a vez da diáspora centro-americana se organizar em uma grande caravana com destino aos EUA:

FIGURA 42 – MIGRANTES HONDURENHOS A CAMINHO DA GUATEMALA



FONTE: GETTY IMAGES, 2018a

No dia 5 de outubro de 2018 foram convocadas por meio das redes sociais uma “*Marcha del Migrante*” (COLEF, 2018, p. 54).

Em 12 de outubro de 2018, por volta de 160 pessoas se encontraram na estação de ônibus da cidade de São Pedro Sula em Honduras a partir de uma convocatória feita nas redes sociais e em grupos de WhatsApp, com o objetivo de caminhar juntos em direção à fronteira Norte do México e pedir asilo nos Estados Unidos.

Em 13 de outubro, já eram mais de 1.300 pessoas que se juntavam no local. Saíram caminhando na madrugada, e passando por Ocotepeque 2000 (COLEF, 2018, p.7). O grupo continuou aumentando e várias pessoas uniram-se no meio do caminho e em 15 de outubro cruzaram Guatemala, chegando no México dia 19 de outubro de 2018 com aproximadamente 4 mil pessoas (COLEF, 2018, p.54).

FIGURA 43 – CARAVANA DE MIGRANTES HONDURENHOS RUMO AOS EUA



FONTE: AFP, 2018

É importante salientar que neste mesmo período outras caravanas de grupos menores de pessoas mobilizaram também e se colocaram em marcha, motivo pelo qual, na cronologia dos acontecimentos, fala-se em caravanas no plural. A primeira caravana saiu em 13 de outubro, a segunda caravana em 20 de outubro também de Honduras, a terceira com 300 pessoas, saindo de El Salvador, e a quarta saiu dia 30 de outubro de 2018 de San Salvador com 800 pessoas. Seguiram caminhando desde os países do triângulo norte da América Central até a fronteira norte ao longo deste período. E até mais ou menos fevereiro de 2019 outras caravanas foram formadas de maneira mais expressiva.

Ter diversas caravanas simultâneas foi um fato novo para estes movimentos migratórios. É muito difícil contabilizar quantas pessoas atravessaram o México neste período, pois muitas decidiram seguir caminhando sozinhas ou em pequenos grupos de maneira clandestina. Contudo, as autoridades chegaram a aproximar 10 mil pessoas: *“Las 181 nte Caminatas Migrantes” se encontraban conformadas por aproximadamente 7,000, 1,500 y 2,000 personas, respectivamente*” (CNDH, 2018, p.3).

Antes da maior caravana, que entrou no México em outubro e dezembro de 2018 e janeiro de 2019 outras caravanas foram formadas, não tão grandes e nem obtiveram tanto apoio.

Houve resistência policial em muitos lugares desde a fronteira sul, o governo mexicano enviou agentes de INM e da polícia federal para guardar a fronteira, tentando conter a circulação



de muitas maneiras, com gás lacrimogêneo, balas de borracha, prendendo e deportando a população, além de outras estratégias para aumentar o desgaste e o incômodo da população como fumigações contra mosquitos, conter a população para obrigar-lhes caminhar no sol etc. (COLEF, 2018).

Uma reportagem notícia que um imigrante hondurenho, Henry Adalid Díaz Reyes, de 26 anos, chega a morrer na fronteira sul com uma das balas de borracha disparadas pela polícia mexicana (Expansión Política, periódico, 04/11/2018)<sup>84</sup>. Muitos migrantes firmaram o retorno voluntário, e em 29 de outubro mais de 4 mil migrantes já haviam retornado a seus países (COLEF, 2018, p. 55).

FIGURA 44 – FOTOGRAFIA POLICIAIS IMPEDINDO A ENTRADA DE MIGRANTES NO MÉXICO



FONTE: GETTY IMAGENS, 2018c

### 3.10.2. Motivações

Como vimos, há crises em todos os países do triângulo norte da América Central. Em Honduras, a reeleição de Juan Orlando Hernández em 2017 gerou uma nova crise social, contribuindo para o êxodo neste momento. A convocatória das Caravanas realizada pelo ex-deputado hondurenho Bartolo Fuentes tinha o seguinte lema, como afirma em

---

<sup>84</sup> <https://politica.expansion.mx/mexico/2018/11/04/7-momentos-que-han-marcado-el-camino-de-la-caravanamigrante-en-mexico>

entrevista: “*No nos vamos porque queremos: nos expulsa la violencia y la pobreza*” (COLEF, 2018, p. 59).

Para além das motivações de sair de seu país, foram diversos os motivos que levaram essas pessoas a caminharem em conjunto, o principal era proteger-se da insegurança da travessia pelo território mexicano. As caravanas, “*cuyas principales características son el caminar en masa, sin coyotes y sin permiso legal, por los caminos controlados por agentes migratorios coludidos con el crimen organizado y que siguen ejerciendo un «gobierno privado indirecto»*” (HUERTA;McLEAN, 2019, p.163), constituíram-se assim, em uma “*opción de movilidad que permitió dar visibilidad, acompañamiento y protección a los migrantes por parte de organizaciones sociales, medios de comunicación, y organismos de derechos humanos*” (COLEF, 2018, p.6).

As centenas de migrantes que atravessam todos os dias o México, o fazem na clandestinidade, tentando ser invisíveis, pois a travessia pode expô-los a todos os tipos de violências: sequestros e roubos estações tanto por parte dos grupos criminosos, coiotes, e mesmo parte da polícia e de órgãos do governo mexicano.

Como já explicitado, além de se defenderem dos perigos, viajar dessa forma significa ter uma mobilidade relativamente barata, em relação aos custos de um coiote (COLEF, 2018, p.6).

*Esta invisibilidad obligada (Angulo-Pasel, 2019) favorece a todos aquellos que se aprovechan de la vulnerabilidad y se benefician de la migración indocumentada: cárteles de drogas, redes de tráfico, agentes de inmigración y policías, así como la microeconomía que existe a lo largo de la ruta de migración. (FRANK-VITALE; NÚÑEZ-CHAIM, 2020, p. 56)*

Com a estratégia, também ganharam proteção de defensores de direitos humanos organizações religiosas, não governamentais, e internacionais, que formaram uma rede de solidariedade para buscar abrigo, alimentação e atenção primária, apesar de também estes serem pegos de surpresa pela proporção do êxodo.

Contudo, foi extremamente complexa a composição dos atores e interesses dentro e fora das caravanas, e esse também é um ponto a ser observado, pois não podemos esquecer que um evento desta magnitude envolve relações políticas, disputa por espaço no campo e verbas.

O movimento ganhou grande visibilidade e a cobertura midiática. Tal visibilidade ao mesmo tempo que impediu abusos e obrigou os governos a tomarem medidas respeitando os direitos humanos e a dignidade dessas pessoas, demonstrando de maneira veemente o direito a migrar, também os expôs a opinião pública e a todos os clichês xenófobos em torno à migração.

Dessa forma, a caravana era recebida de maneira muito distinta pela sociedade e governos em cada uma das cidades que passavam. Encontraram solidariedade e apoio governamental e muitos lugares, em outros, houve manifestações explícitas de rechaço e xenofobia não somente por parte da população, mas também por parte de prefeitos e governantes.

O primeiro grupo chegou a pé na capital em 4 de novembro, onde foram albergados no estádio Jesús Martínez “Palillo” da Cidade Deportiva Magdalena Mixhuca. A Cidade do México, caracterizada cidade santuário, montou uma força-tarefa coordenada com todas as instituições no Estádio Pallillo para promover atendimento às pessoas, esforço que envolveu a Agência das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), o *Consejo para Prevenir y Eliminar la Discriminación de la CDMX* (Copred) e a Cruz Vermelha, com a coordenação da *Comisión Nacional de Derechos Humanos* (CNDH), que encabeçaram o atendimento sendo apoiados por muitas outras organizações da cidade:

*la Caravana fue recibida con «puentes humanitarios» – esfuerzos conjuntos entre organizaciones de la sociedad civil y autoridades locales – que, no obstante, mostraron su incompetencia ante el desafío de atender a lo que los periodistas del diario salvadoreño El Faro (2019) llamaron «un campo de refugiados en movimiento» (HUERTA; McLEAN, 2019, p. 171).*

Em 7 de novembro já haviam estado cerca de 7 mil<sup>85</sup> caravaneiros com muitos mais por chegar, segundo o relatório do COLEF (2018, p.56), contudo jornais e outras instituições divergem do número. Ainda assim um número grande de pessoas que chegam na Cidade do México já bastante esgotados da jornada.

*La llegada a México no fue la entrada épica de cientos de almas agotadas y hambrientas, caminando a través de grandes avenidas como el triunfal ejército de los derrotados. Venía rota y así alcanzó la capital, como un goteo. El domingo llegó la avanzadilla, los que lograron un aventón desde el caos de Isla hasta la Ciudad de México. Ni lugar para dormir había. Finalmente, el gobierno de la capital dispuso el estadio Jesús Martínez Palillo. Allí fueron llegando, en camiones, buses, picops, tráileres, los miles de personas que acampan en la cancha. En total, más de 5,500 almas, según la Comisión de Derechos Humanos de Ciudad de México. Aunque el conteo es engañoso. Ya hay gente que se ha lanzado hacia el norte, desgajándose del grupo (PRADILLA, 2018)*

---

<sup>85</sup> Segundo o informe do COLEF (2018, p.59) a conta oficial foi de imigrantes albergados no estádio foi de 6.062, contudo centenas mais de pessoas saíram e para serem repatriadas desde a base aérea.

FIGURA 45 –MIGRANTES NO ESTADIO JESÚS MARTÍNEZ “PALILLO”



FONTE: SIMONE DALMASSO, 2018

Alguns relatos do trabalho de campo contam como foi a organização, iniciada pela Comissão Nacional de Direitos Humanos, o grupo criou com outros do governo uma ponte humanitária desde o sul do México, e buscaram na cidade um o local ideal para conseguir fazer um albergue de portas abertas que coubesse tanta gente.

*(...), en realidad el trabajo que estamos haciendo en la comisión parte de la experiencia que tuvimos en 2018 que fue e, la caravana de personas migrantes que arribo acá a la ciudad de México, en realidad no esta no era la primera vez que los migrantes salían en caravana, pero si lo que la caracterizo si lo fue que esta vez las personas migrantes venían en más grupo, eran como 15 a 30 mil personas agrupadas, y esto fue haciendo que hubiera mucha población no entonces se repartieron en diferentes fechas pero e fue más o menos de noviembre del 2018 hasta 2019 estamos hablando de febrero, entonces la que hizo la comisión fue crear un puente humanitario, desde que la caravana venia de San Pedro Sula nos preparamos un poco para ver la cuestión de la organización, como iba a estar, en que espacios se iba incorporar el albergue que se iba a poner de puertas abierta, e el gobierno que recursos iba a poner, pero nos enfrentamos ante la situación que era un gobierno saliente y un gobierno entrante no porque cambiaba el presidente, entonces eso al final también fue un reto, pero que se logró los dos gobiernos se articularon trabajaron juntos y el puente en lo consistía era en diferentes organizaciones de la sociedad civil, y también persona de gobierno, servidores públicos y, la comisión formaban el puente humanitario que iba de Chiapas, Oaxaca hasta acá la ciudad de México no se les fue acompañando salieron brigadas he de personas la mayoría de salud tanto de SEDESA que es el órgano que se encarga acá de regular la salud, tanto de la comisión no salieron doctores de lo que se trato fue de brindar apoyo humanitario eso fue*

*el puente, y luego ya estando acá cuando llegaron pues se trató de armar primero toda la logística de cómo iban, en donde iban a buscar el lugar en donde iban a ser instalados, entonces se hizo todo un scautin para buscar cual era el lugar adecuado para albergar a tanta población y se encontró el primero era, pues el estadio palillo y ahí se montó el albergue de puertas abiertas (Informação oral, Funcionária CNDH, Cidade do México, 2019)*

FIGURA 46 – MIGRANTE BRINCA COM CRIANÇA DURANTE ACAMPAMENTO NO ESTÁDIO JESÚS MARTÍNEZ “PALILLO “



FONTE: SIMONE DALMASSO, 2018

Foi montado todo um esquema dentro da Cidade do México com os principais serviços de atenção para a população, além de 3 refeições diárias, espaços de recreação para crianças e adolescentes.

*(...) se montó toda una instalación con muchos servicios; te daban desde atención médica y comedores, ahí también nos apoyaron las hermanas, aquí de otra casa albergues de migrantes para también apoyar para que la población tuviera; comía las 24 horas. Si había horarios había 3 horarios desayuno, comida y cena, pero se buscó que pues que hubiera derechos estuvieran garantizados el derecho a la salud el derecho a la la alimentación, el derecho a la seguridad y también el del agua, de saneamiento, también ocson nos ayudó mucho con apoyar que no se tirara el agua que toda la estructura estuviera bien montada y se creó también un algo muy interesante que era un pabellón para niñas, niños y adolescentes en donde se dedicaban primordialmente esa área, pues a darle acompañamiento a la niñez, entonces en este sentido había talleres, actividades recreativas, también había un lactario, había había personas que estiman un poco el proceso de las fórmulas, también se les dio pañales e, y un espacio seguro donde podían estar sobre todos mujeres y niñas niños y adolescentes como la familia entera y también*



*se creó en ese espacio, se acondicionaron para que tuvieran baños las niñas, niñas niños y para que también tuvieran sus regadera no, porque luego muchas de las veces cuando se formaban porque eran filas de muchísimas personas era complejo a veces la fila y así, y entonces ya tenían un espacio así ubicado, y entonces ahí también, ahí podían estar no. (Informação oral, Funcionária CNDH, Cidade do México, 2019)*

Outra preocupação da organização foi que não houvesse muito policiamento ostensivo, pois sabem que a principal queixa de violação de direitos humanos contra as pessoas em mobilidade é em relação às polícias e o Instituto Nacional de Migração.

*(...) lo que se buscaba y la negociación que se hizo con gobierno era que fuera un albergue que no tuviera presencia, tanta presencia de policías porque lo que ofrecían era poner granaderos que son las personas que utiliza la policía para las marchas, y un poco lo que sucedió es que reprimen ¿no?, entonces nosotros no queríamos nada violento, entonces nosotros sabíamos que muchas veces las principales de la quejas de derechos humanos son a causa de la policía o a causa de instituto nacional de migración, entonces justamente fuimos muy delicados en ese aspecto y se logró que las personas que cuidaron el espacio fueran mujeres y fueras otro grupo(...)(Informação oral Funcionária CNDH, Cidade do México, 2019).*

Até chegarem à Cidade do México a Caravana seguiu andando junta, e a partir desse momento começou a dividir-se e dispersar-se em pequenos grupos de dezenas ou centenas de pessoas. Os caravaneiros transportavam-se em caronas em transportes de carga, ônibus de organizações sociais ou governos, e a pé (COLEF, 2018, p.7-8).

FIGURA 47 – CASAL SOB A BANDEIRA HONDURENHA



FONTE: SIMONE DALMASSO, 2018

O trajeto da Caravana que entrou no México em 15 de outubro durou cerca de três semanas, e as primeiras pessoas chegaram na fronteira em Tijuana no dia 10 de novembro. Era um grupo de cerca 80 pessoas da população LGBTQIA+TTI<sup>86</sup> e após estas foram chegando em grupos de centenas, até chegar a 6.151 pessoas em 28 de novembro (COLEF, 2018, p.9).

FIGURA 48 – A CARAVA MIGRANTE NAS PRAIAS DE TIJUANA



FONTE: Colef (2018)

A relação das Caravanas com a cidade de Tijuana foi bastante conflituosa, uma cidade que em outros momentos de migração em massa recebeu os migrantes com bastante

<sup>86</sup> Lésbica, Gay, Bisexual, Transexual, Transgénero, Travesti e Intersexual (LGBTQIA+TTI)

solidariedade, como foi a vez dos Haitianos em 2016 e 2017, desta vez teve reações diversas, de solidariedade e rechaço.

*La población de Tijuana los recibió, por una parte, organizada en colectivos para desplegar acciones de hospitalidad que resultaron insuficientes por el volumen de familias y las condiciones en las que llegaron los migrantes a la frontera. Por otra parte, una minoría de tijuaneños mostró su repudio abierto y organizó manifestaciones xenófobas que acabaron incluso en el apedreamiento de familias hondureñas en los alrededores de los albergues y campamentos improvisados por las autoridades locales (HUERTA; MCLEAN, 2019, p. 169)*

Ações governamentais foram organizadas pelo DIF Tijuana, pela *Dirección de Desarrollo Social Municipal*, e pela *Dirección Municipal de Atención al Migrante*, os caravaneiros foram abrigados em um albergue temporário na *Unidad Deportiva Benito Juárez* (COLEF, 2018, p.9).

O espaço do estádio se fez insuficiente para atender a população e com as chuvas aumentou a precariedade, sendo trasladadas a um centro de espetáculos não utilizado conhecido como “El Barretal”. A caravana se encontrava neste ponto em um momento muito próximo de atingir do seu objetivo de chegar aos Estados Unidos, mas diante do muro, ficaram parados no México, esperando no lado mexicano da fronteira a sua oportunidade de solicitar asilo nos Estados Unidos.

*Tras recuperarse del recorrido de más de 4.000 kilómetros que separan Ciudad Hidalgo (Chiapas) – puerta de entrada de la Caravana – de Tijuana (Baja California) – confín donde finalmente quedaron atrapados a la espera de conseguir alcanzar el anhelado norte–, las familias de caravaneros intentaron el cruce a Estados Unidos de forma ordenada, anotándose en listas de espera para entregarse a la Patrulla Fronteriza estadounidense en los puestos de entrada. (COLEF, 2018, p.9).*

Pela grande quantidade de solicitações de asilo que receberam as autoridades estadunidenses nos últimos anos, elas decidiram limitar o número de novos pedidos, o que gera uma espera de muitos meses<sup>87</sup> e coloca estas pessoas em uma situação de imobilidade e incerteza, gerando “*familias enteras atrapadas en un confín territorial y temporal*” (HUERTA; MCLEAN, 2019, p. 164).

---

<sup>87</sup> Segundo o relatório do COLEF: “*La Oficina de Estadística Migratoria (OIS)* de Estados Unidos señala que en 2016 hubo 65,218 solicitudes de asilo por la vía defensiva, un aumento del 36 por ciento en comparación con las recibidas en 201523. Para Julio de 2018 había más de 733,000 solicitudes de asilo por la vía defensiva pendientes de resolución. El promedio de espera para estos casos es de 721 días” segundo o National Immigration Forum (2018). Fact Sheet: U.S. Asylum Process. Disponible en: <https://immigrationforum.org/article/fact-sheet-u-s-asylum-process/> (COLEF, 2018, p. 39).

Na tentativa de resolverem a sua situação, os migrantes fizeram manifestações pacíficas na *Garita El Chaparral*, e outros tentaram cruzar a fronteira entre o México e os EUA à força, estes últimos foram presos ou recebidos com armas sonoras e gás lacrimogêneo, destes muitos levavam crianças que foram intoxicadas pelos gases (COLEF, 2018, p.32).

*Otros intentaron atravesar en masa – desafiando fronteras, otra vez con sus cuerpos, cargando a sus bebés, jalando de las manitas a sus hijos e hijas pequeñas, llevando las carriolas y las mochilas – el muro fronterizo más militarizado del mundo: el que separa México de Estados Unidos (HUERTA; MCLEAN, 2019, p. 169)*

As autoridades mexicanas iniciaram processos de regularização para os que desejavam permanecer no México, outros migrantes optaram pela repatriação voluntária, com a assistência da Organização Internacional para as Migrações (OIM). Alguns migrantes pagaram coiotes para cruzar ou foram tentar a entrada em outros pontos da fronteira (COLEF, 2018), mas muitas famílias sem condições de pagar por esses serviços seguem em Tijuana esperando as suas entrevistas ou sobrevivendo como conseguem.

### 3.3.1. Caravanas migrantes no México: nova forma de luta migrante?

Migrar coletivamente no formato de caravanas é uma estratégia que, segundo Varela (2013), se inicia em 1999 com as Caravanas de Madres Migrantes. Estas percorrem o México pelas rotas em que caminharam e desapareceram seus parentes e filhos com o objetivo de chegarem aos Estados Unidos (HUERTA, 2013, p.18). As mães e parentes iniciaram então uma caminhada-protesto para visibilizar o descaso institucional com os seus entes desaparecidos e a violência contra esses migrantes no México. Em seu manifesto afirmavam:

*Reiteramos que nuestro objetivo es denunciar de forma pública y pacífica las continuas agresiones que nuestros familiares han padecido en México; dar testimonio del trato inhumano y criminal que el Estado mexicano obsequia a los migrantes en tránsito; y exigir que la complicidad, la impunidad, y la participación directa de funcionarios y servidores públicos en actos de secuestro y desaparición forzada sean erradicados mediante acciones concretas (HUERTA, 2013, p.183).*

A caravana de madres neste momento ganha visibilidade midiática e apoio das redes chamadas “*iglesia de los pobres*” (HUERTA; MCLEAN, 2019, p. 176).

A mesma estratégia continua é também usada pelas chamadas Caravanas de *Via-crúcis* Migrante, que foi um movimento de cinco marchas, iniciando na fronteira Guatemala-México

entre 2011 e 2015, onde religiosos e defensores laicos de direitos humanos protestavam pelo que chamam “paz, justiça e dignidade”.

*Los via crucis del migrante son acciones colectivas contenciosas que poseen varias particularidades: son transnacionales, protagonizados por personas migrantes en condición irregular que recurren al performance religioso para exponer sus demandas políticas; ocupan espacios públicos y privados como carreteras estatales y federales, plazas, vías ferroviarias, vagones de tren, parroquias y albergues de migrantes (CARRASCO, 2018, p. 117).*

Tal performance consistia em caminhadas de cunho político, fazendo alusão à cosmologia católica, à trajetória Jesus Cristo em seu caminho ao calvário, para conscientizar a sociedade e às autoridades para o sofrimento e a vulnerabilidade em que se encontra a população migrante ao cruzar o México.

Carrasco (2018) explica que as caravanas vias-crúcis eram protestos que vinculavam o religioso e o político, e começa a indagar se essas movimentações poderiam ser consideradas a emergência de um movimento social migrante.

Inclui-se entre as motivações da Caravana, não somente as condições migratórias do trajeto, como também uma oposição à retórica securitista, e um movimento de autodefesa às condições de vida, à violência estrutural e as crises políticas e econômicas impostas pelo neoliberalismo em seus países (MORESCHI; VARELA, 2013, p.18). Huerta e Mclean (2019) defendem que Caravana Migrante de outubro de 2018 foi um exemplo da capacidade dessas pessoas de criarem estratégias para buscar sobreviver. Estas pessoas ousaram cruzar o México caminhando à revelia das instituições, grupos criminosos e o Estado.

*(...) las caravanas son una rebelión, una insurgencia de las víctimas del neoliberalismo en América Central, al mismo tiempo que una insurrección al gobierno fronterizo establecido por los estados de la región. Desde nuestra perspectiva, la praxis de moverse en masa, salir de las sombras y exigir con sus cuerpos el derecho que tienen los caravaneros a preservar su vida y que esta se habite con dignidad, constituye una nueva forma de lucha migrante (HUERTA; MCLEAN, 2019, p. 167).*

FIGURA 49 – CARAVANA DE MIGRANTES SEGUE PARA A CIDADE DO MÉXICO



FONTE: UESLEI MARCELINO / REUTERS

E apesar de não ser uma estratégia nova caminhar em caravanas, foi novo o volume, a representação e atenção midiática dessas caravanas (HUERTA; MCLEAN, 2019). Para Frank-Vitale e Nuñez Chaim (2020), não somente o volume de pessoas foi o ponto mais importante e sim a forma reivindicatória com que caminharam e a estratégia de hipervisibilidade:

*Como hemos argumentado, el poder de la caravana como acción colectiva radica en su hipervisibilidad. El poder de la caravana no se basa en el número de personas que participan, sino en el movimiento abierto y con la cabeza en alto de las y los caravaneros a través de México y su reivindicación, en cada paso del camino, de que tienen derecho a hacerlo (FRANK-VITALE; NUÑEZ CHAIM, 2020, p. 56).*

do marco da chamada sociologia das lutas migrantes, Amarela Varela e outros autores têm defendido muito a potência do movimento das caravanas, mais do que uma nova forma de transmigração, uma estratégia ou uma resposta social, a defesa é que o movimento representaria uma insurgência, rebelião, e até revolução. Usando o conceito da teórica dos estudos subalternos Ranajit Guha, Huerta e Mclean (2019) aproximam as caravanas das insurgências das populações rurais que Guha apresenta. E expõem:

*se ha abordado el ámbito de las luchas migrantes, en el que rebelarse significa «poner las cosas de cabeza» o «patas arriba». «Generalmente tiene el sentido de “desorden”, aunque también el de “cambio radical”. Sin embargo, cuando se usa para referirse a sucesos sociopolíticos puede*



*significar “insurrección”, “motín”, “revuelta” y hasta “revolución”; sentidos en los que la idea de “inversión” es muy importante» (ibidem, 1999a: 159). El significado que la historiografía subalternista ofrece al término de insurrección nos parece útil como dispositivo epistemológico para leer la caravana de migrantes como tal, ya que, en este caso, los migrantes no obedecen a eventos espontáneos o no premeditados, como la literatura académica inglesa – pero también el imaginario popular – traduce la semántica de las insurrecciones. (HUERTA; MCLEAN, 2019, p. 166).*

FIGURA 50- CARAVANA DE MIGRANTES ENTRA NO MÉXICO DEPOIS DE PUXAR O PORTÃO DA FRONTEIRA SUL



FONTE: IMPARCIAL, 2018

Outros teóricos<sup>88</sup> também defendem que, este movimento foi um exemplo de um ato de resistência, uma demonstração de autodefesa e agência migrante, e realmente concorda-se com a caracterização desta caravana como um movimento importante para fazer frente à gestão securitária e necropolítica das migrações no eixo México-Estados Unidos, e às políticas neoliberais. Contudo, não chegam ao ponto de entender as caravanas como um uma insurgência ou um movimento revolucionário.

As caravanas massificaram de maneira muito rápida e na mesma velocidade ganharam importância, e apesar de ter havido um chamamento político no início, de abertamente a caravana trazer demandas políticas contra a gestão e omissão dos movimentos migratórios pelos Estados, e em todo o trajeto assembleias terem sido realizadas para pensar em este movimento como um coletivo, a pauta, o desejo principal que unia esta população era o sonho de cada indivíduo de construir a sua vida com dignidade nos EUA:

<sup>88</sup> Ver FRANK-VITALE E NUÑEZ CHAIM, 2020

*Através de los mecanismos disponibles para las personas del éxodo una vez que se enfrentaron a la frontera norte, la acción colectiva se retrajo a **elecciones individuales**. Esto fue deliberado, ya que tanto el gobierno mexicano como el de Estados Unidos preferirían lidiar con migrantes individuales y solicitantes de asilo (la mayoría de los cuales serán rechazados y deportados), que con un grupo organizado de personas involucradas en una desobediencia civil (Celikates, 2019) y exigiendo que se les permita entrar. (...) Solo podemos hacer hipótesis sobre lo que podría haber sucedido si todas y todos los caravaneros se hubieran resistido a los caminos individuales disponibles y hubieran desarrollado un nuevo tipo de acción colectiva, aún desconocida e inimaginable (FRANK-VITALE; NUÑEZ CHAIM, 2020, p. 57, grifo nosso).*

Uma vez que ao encontro com o muro físico em Tijuana não foi possível atender a este desejo de cruzar, a coletividade se desfez. Apesar do valor de luta social que deve ser creditado pela magnitude das caravanas, opina-se, correndo o risco de contradizer estudiosos mais experientes do campo, e por mais otimista que se esteja com a movimentação neste campo, acredite-se que é difícil chegar até a ideia de insurreição, revolução ou até a lutas emancipatória, pois a categoria revolução<sup>89</sup> refere-se a uma transformação radical estrutural da sociedade, a, ao menos a composição de um movimento com este pleito de mudança social e quebra do *status quo*. O autor Jorge Durand explica bem esse processo:

*La caravana de 2018 cambió de nombre en el camino y empezó a llamarse éxodo, para darle un contenido más social, pero las soluciones a las que aspiraban todos ellos eran particulares, individuales: cruzar la frontera por su propia cuenta y riesgo o esperar pacientemente a que las autoridades revisaran su solicitud de refugio. El empuje de la caravana finalmente se topó con el muro de la frontera y el muro burocrático de la política migratoria y de refugio que individualiza los casos y desarticula una posible demanda colectiva. (DURAND, 2020, p.42).*

Caracterizá-las como estratégia de luta ou lutas migrantes, atos de resistência ou de autodefesa nesse período, parece ser uma nomenclatura mais adequada para o movimento das caravanas. Não houve pautas e lideranças estruturadas para a construção de mudanças mais estruturantes na vida dos migrantes em trânsito neste corredor migratório. A partir do encontro com o muro físico e burocrático da fronteira norte, o movimento foi desmobilizado, e os caravaneiros foram encontrando soluções individuais e deixando o coletivo da caravana, voltando à invisibilidade.

*Con el tiempo, aquellos que optaron por la visa humanitaria en México abandonaron el campamento improvisado y comenzaron a establecer una vida por sí mismos en Tijuana. Al igual que con el asilo en Estados Unidos, estos permisos mexicanos se basan en solicitudes individuales, muchas veces*

---

<sup>89</sup> Ver mais Berkman, Alexander. *Now and After: The ABC of Communist Anarchism*



*acompañadas por la solicitud de la condición de refugiado en México. Después las personas recurrieron a sus redes familiares y sociales particulares para encontrar trabajo y vivienda en Tijuana. Conforme las y los caravaneros se fueron incorporando al mercado laboral local, dejaron de ser parte de la colectividad de la caravana y pasaron de ser hipervisible a invisibles. (FRANK-VITALE; NUÑEZ CHAIM, 2020, p. 55).*

Sendo assim, a movimentação anárquica e repentina, e a prevalência dos projetos individuais, típicos da modernidade liberal, dificultam, na visão deste trabalho, o encaixe das caravanas na categoria de revolução.

FIGURA 51 – INTEGRANTES DA SEGUNDA CARAVANA ATRAVESSARAM RIO NA FRONTEIRA ENTRE GUATEMALA E MÉXICO



FONTE: REUTERS; RAWLINS, 2018

Ainda que não caracterizando a caravana como revolucionária, é inegável a demonstração de agência e resistência das pessoas, demonstrando a sua vulnerabilidade em sua caminhada coletiva diante da perversidade das políticas direcionadas a elas:

*La caravana, como lady frijoles, fue un acto de resistencia en sí misma, a través de exponer su vulnerabilidad: de hacerse hipervisible en la acción colectiva de caminar. Así, la vulnerabilidad, fuera de la lógica humanitaria, contiene un efecto movilizador. La vulnerabilidad es resistencia. Lo cual tampoco implica que dicha vulnerabilidad se supera, –esto implica caer en la misma lógica en la que se excluye la agencia de la vulnerabilidad–. Más bien,*

*la vulnerabilidad contiene la **potencia de la agencia** (Butler, 2016). La caravana, a través de su hipervisibilidad, reivindicó su derecho a existir. La migración visible fue una resistencia al sistema de poder que busca negar el derecho a una vida digna a aquellas personas racializadas, generizadas y empobrecidas, a pesar de que dichas personas no “superan” su condición de vulnerabilidad, políticamente construida. (FRANK-VITALE; NUÑEZ CHAIM, 2020, p. 52, grifo nosso).*

### **3.4. A externalização de fronteiras contemporânea: Pós-caravanas, “Quédate em México” e México como o terceiro país seguro.**

Outras caravanas continuaram seguindo a “caravana mãe” de outubro de 2018, sendo recebidas com cada vez menos solidariedade e empenho dos poderes públicos mexicanos e recebendo cada dia mais demonstrações de rechaço, ódio e discriminação da população Mexicana.

Com as instituições governamentais e não governamentais operando muito além da sua capacidade e com cada vez menos cobertura midiática também fez com que as próximas caravanas não tenham sido tão “exitosas” como a primeira

Atualmente, em 2020 continuam formando-se caravanas grandes. Um migrante hondurenho se nomeia como um “caravaneiro”, conta que fez parte da caravana de janeiro de 2020, ele relata que saíram de San Pedro Sula, passando pela Guatemala e que chegaram no México com cerca de 5 mil pessoas atravessando a fronteira com o México por Tecun Umán dia 20 de janeiro, mas que esta caravana logo foi desmantelada na Ciudad Hidalgo, no sul do México (Entrevista por vídeoconferência, F.M. migrante hondurenho, 2020).

Com a pandemia do COVID-19 tornou-se ainda mais difícil o cruze, que agora soma a motivação sanitária para deter migrantes, como veremos, de forma que as caravanas ficam paradas já na fronteira sul do México.

No fim de 2018, quando surgiu a grande caravana de outubro, o Presidente era Enrique Peña Nieto. A reação do então Presidente foi tentar conter a subida dos migrantes com o Plano “*Estás em tu casa*” (SEGOB, 2018b, não paginado). O plano ofereceria assistência médica, acesso à educação para as crianças e opções empregos temporários para os migrantes que ficassem em Chiapas e Oaxaca, no sul do México enquanto realizavam a regularização temporária da situação migratória.

Junto com o lançamento do programa, o presidente Peña Nieto advertiu: “*México los quiere proteger y apoyar. La única manera en que podremos hacerlo es si ustedes regularizan*

*su estancia en el país y cumplen con nuestras leyes*”<sup>90</sup> (VERA, 2018, não paginado). Tanto a natureza do programa, como o discurso do presidente no momento, deixa clara a intenção de freiar a subida dos migrantes que se dirigiam aos EUA.

Por sua parte, os caravaneiros não responderam positivamente ao programa “*Estás en tu casa*”, em um relato jornalístico de uma assembleia dos migrantes caravaneiros, eles afirmavam:

*Sin embargo, tras votar por mano alzada, fueron muchos los migrantes que comenzaron a gritar que ellos no se habían embarcado en la Caravana de Migrantes el 13 de octubre en la ciudad hondureña de San Pedro Sula para quedarse en México, sino para alcanzar su ‘sueño americano’ de entrar en EE. UU.* (VERA, 2018, não paginado)

Por mais que algumas pessoas tenham optado por ficar e regularizar a sua situação no México, o objetivo da grande maioria da caravana era chegar aos EUA, e seguiram subindo. Antes de tomar a posse como Presidente, Andrés Manuel López Obrador (AMLO), em sua campanha, prometeu despenalizar a migração e tratar os migrantes de forma mais humana, afirmando que o México não mais faria o “trabalho sujo” das deportações (BBC, 31/05/2019, on-line)<sup>91</sup>.

Após assumir a presidência, em janeiro de 2019, AMLO afirmou que receberia os migrantes em trânsito de braços abertos, oferecendo trânsito livre, vistos humanitários e de trabalho, cumprindo, ao que parecia as suas promessas de campanha.

A partir do programa *Programa Emergente de emisión de Tarjetas de Visitante por Razones Humanitarias*, o governo mexicano emitiu até fevereiro de 2019, 13.270 *Tarjetas de Visitante por Razones Humanitarias* (INAMI,2019). Estas atitudes e outras reformas administrativas do período pareciam inaugurar uma mudança na política migratória mexicana para um paradigma mais humanitário.

### 3.4.1. Crise dos Aranceles<sup>92</sup>

O Presidente Donald Trump classificou a emergência das caravanas como uma invasão, um perigo e até como ameaça à segurança nacional dos EUA. Descontente com a política mexicana de “braços abertos”, o Presidente estadunidense Donald Trump começa a pressionar o governo mexicano para que feche a sua fronteira sul e não deixe passar os migrantes centro-

---

<sup>90</sup> <https://www.elmundo.es/internacional/2018/10/27/5bd3b76646163fcc448b4602.html>

<sup>91</sup> <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-48455073>

<sup>92</sup> *Aranceles* são taxas ou tarifas de importação.

americanos. Em maio de 2019 o Presidente Trump anuncia que uma taxa de 5% aos produtos mexicanos importados pelos EUA, até que “se detenha o fluxo de imigrantes indocumentados” que passam pelo México a caminho dos EUA. O anúncio ainda contém a ameaça de aumento gradual até que se resolva “o problema” da migração “ilegal” (BBC NEWS, 2019).

Como vimos com o processo de exteriorização de fronteiras, não é novidade a pressão estadunidense para que o México contenha a migração do sul. O que é novidade neste contexto é a estratégia de retaliação comercial na temática de migrações, que nunca havia sido usada. A primeira reação de AMLO foi uma tentativa de diálogo com país vizinho, convidando Trump a "*profundizar en el diálogo*" e a "*buscar alternativas de fondo al problema migratorio*", argumentando que "*Los problemas sociales no se resuelven con impuestos o medidas coercitivas*".

Em julho de 2019, Trump anunciou que não iria seguir com as taxas prometidas. A imprensa noticiou um acordo entre os 2 países onde:

*(...) México se comprometía a desplegar efectivos de contención, al tiempo que aceptaba que los solicitantes de asilo en EEUU esperaran la resolución de su caso en territorio mexicano (con lo que, de facto, México se convierte en «tercer país seguro». A cambio, el gobierno estadounidense desistía de los aranceles y otorgaba su respaldo al Plan Integral de Desarrollo para Centroamérica propuesto por López Obrador como estrategia de mediano plazo para resolver la crisis migratoria (BOBES, 2019, p. 78).*

Neste momento nota-se uma reviravolta no discurso de AMLO com relação ao assunto. A política de “braços abertos” e concessão de vistos humanitários transformou-se rapidamente em medidas de contenção migratória. O governo mexicano coloca a gestão das migrações a cargo da *Secretaría de Relaciones Exteriores*, violando os marcos normativos, nomeia um novo encarregado com um perfil mais autoritário, vindo do sistema prisional. Cria-se uma comissão para a fronteira sul, o orçamento e a quantidade de agentes do *Instituto Nacional de Migración* é incrementado (BOBES, 2019, p. 78,80).

Além de todas essas medidas, as respostas mais importantes do governo mexicano após as pressões de Trump foi assinar o *Migrants Protection Protocol* (MPPs) e reforçar a militarização nas fronteiras.

Com o discurso de combater os crescentes níveis de violência no México, o Presidente Lopez Obrador promulgou em maio de 2019 a Lei da “*Guardia Nacional*”.

A *Guardia Nacional* é um corpo militarizado com 70 mil homens que possuem muitas das mesmas responsabilidades que os membros das forças policiais civis. A partir da crise com

os EUA esses operativos começam a reforçar as fronteiras. Foram 6.500 homens para as fronteiras quase imediatamente, e em setembro de 2019 já eram mais de 25.000 (BOBES, 2019, p. 80). Tais operações que estão sendo comemoradas com a cifra da detenção de 104 mil 439 migrantes irregulares no México em 6 meses de 2019 (INM, 2019, online)<sup>93</sup>.

### 3.4.2. México como terceiro país seguro

Desde dezembro de 2018, quando chegaram as caravanas nas fronteiras, é colocado em prática o *Migrants Protection Protocol* (MPP) ou “Quédate em México”, que passa a funcionar em diversas cidades de fronteira entre o México e os EUA, como se pode observar no mapa da REDODEM (2019, p. 100):

FIGURA 52 – CIDADES FRONTEIRIÇAS ENVOLVIDAS NO PROGRAMA MPP



(FONTE: REDODEM, 2019)

O informe da REDODEM, explica que antes do início do programa MPP, as pessoas podiam ser enviadas para um centro de detenção nos Estados Unidos, onde aguardavam durante o processo de seu pedido de asilo ou eram liberadas durante esse processo, geralmente com uma tornozeleira GPS (2019, p.99). Com o programa as pessoas passaram anotadas e devolvidas ao México para esperar a sua audiência em território mexicano, como explica o informe do IMUMI:

*“Quédate en México” es un programa del gobierno de Estados Unidos, a través del cual las personas que solicitan asilo en ese país, en la frontera con México, deben esperar la resolución de sus casos en territorio mexicano. Las personas solicitantes de asilo tienen que esperar fuera de Estados Unidos el*

<sup>93</sup> <https://www.inm.gob.mx/gobmx/word/index.php/tema-migratorio-030719/> acesso em 17/09/2020

*tiempo que dure su procedimiento de asilo, presentándose a varias audiencias. El proceso puede tardar meses o años (IMUMI, 2019, p.3)*

O governo mexicano permitiu que os Estados Unidos devolvessem milhares de pessoas em situação de vulnerabilidade ao seu território enquanto os Estados Unidos processavam seus pedidos de asilo. Estas ações refletem na pesquisa de campo e diversos dos entrevistados mencionam com espanto as MPP's e a evidente externalização de fronteiras.

*(...) entonces es donde empiezas a ver cosas, donde tú vas está llena de guardias, y la guardia nacional esta deteniendo a las personas para que no crucen a EUA, lo cual, pues, si quieres una evidencia de externalización de fronteras pues ahí está. No tiene ningún sentido que la fuerza de seguridad este actuando para detener a que la gente salga. ¿Pues yo entiendo cuando entran, porque en la entrada el único interés es proteger el otro lado no? (Coordenador Psicossocial, Sin Fronteras, Cidade do México, 2019).*

Em 7 de junho de 2019, com a crise dos *aranceles* AMLO formalizou o referido Protocolo, embora indicasse que era uma imposição do governo dos Estados Unidos e que o faria por razões humanitárias (IMUMI, 2019). As ações o protocolo, no entanto, estão longe de serem consideradas humanitárias, uma vez que essa situação cria ilegalmente listas de espera para entrar nos Estados Unidos para solicitar asilo, deixa os migrantes presos na fronteira norte do México e cria acordos para o retorno de pessoas a terceiros países inseguros na América Central (IMUMI, 2019).

*La mayoría de estas personas viven en el limbo legal. La mayoría se encuentra sin estatus legal en México y tampoco tiene claridad sobre su futuro en Estados Unidos. A ello se suma la presencia del crimen organizado en las zonas fronterizas, que incrementa su vulnerabilidad sin que ningún gobierno realmente garantice su seguridad (INFOBAE, 2020).*

Outro desdobramento importante deste acordo foi a concordância do México em agir, de fato, como um “terceiro país seguro”, apesar de não o ser oficialmente. Terceiro país seguro, geralmente aplicado na União Europeia, é um conceito da Convenção de Genebra (1951), onde o refugiado que sai de seu país é recebido por um terceiro após a negativa do segundo país em recebê-lo.

*Convertir a México en “tercer país seguro” implicaría la firma de un convenio con el gobierno de Estados Unidos, en el que conste que las solicitudes sean procesadas en la frontera sur de México, y con ello asumiría la responsabilidad en materia de protección internacional que le corresponde*

*al país del norte. Es decir, México aceptaría una tarea que, en principio, no le corresponde, pues la intención final del solicitante es llegar a Estados Unidos (SOLÍS, 2020, p.97-98).*

Para ser considerado um terceiro país seguro, segundo o estatuto dos refugiados, o país deve garantir a segurança do refugiado/asilado e o princípio de “não devolução” (princípio de *non refoulement*)<sup>94</sup>, que significa não os retornar ao país de origem.

Em teoria, um terceiro país seguro tem que dar as mesmas condições de acolhida que o segundo, e isso só é possível se os 2 países possuírem as mesmas premissas, condições que o México não cumpre e tampouco possui meios de cumprir devido à ausência de condições de manter essa população, de seus marcos legais e pela própria insegurança do país (DÍEZ, 2019).

Apenas em 2019, segundo dados a *Secretaría de Gobernación*, o programa “*Quédate em México*” teve 62.144<sup>95</sup> migrantes da América Central e outros latino-americanos devolvidos para o México. Esta medida viola o princípio de não devolução. As pessoas devolvidas permanecem na fronteira norte do país em condições desumanas e inseguras, causando uma verdadeira crise humanitária, e definitivamente cancelando a tentativa de uma política de portas abertas e de solidariedade do novo governo mexicano (BOBES, 2019, p. 81).

O estudioso Daniel Villafuerte Solís classifica a política estadunidense com relação a migração latina como uma política de “porta batente”, que se abre e fecha para a mão de obra latina conforme a necessidade de força de trabalho. Ou o que Durand define como uma política de “tolerância interessada”:

*En efecto, la política migratoria norteamericana, que podemos calificar de “tolerancia interesada”, permite que 11 millones de personas vivan y trabajen en Estados Unidos de manera irregular. Ni se los regula, ni se los deporta. Incluso el presidente más antiinmigrante de la historia, Donald Trump, se despreocupó muy pronto de su promesa electoral de deportar a 10 millones de “ilegales”. La bonanza económica durante esos años requería de mano de obra barata (DURAND, 2020, p. 52).*

Solís (2020) afirma também que com a reestruturação do capitalismo este mecanismo de “exército reserva” utilizando o conceito marxista, entra em uma crise profunda.

Conforme explicitado, pelo menos desde os anos de 1990 a política externa EUA tenta frear os avanços dos fluxos migratórios, colocando como questão de segurança nacional. Da mesma forma, perseguem e deportam os imigrantes indocumentados que chegam aos EUA.

---

<sup>94</sup> Ver: Convenção de 1951 Relativo ao Estatuto dos Refugiados e ao Protocolo de 1967 Relativo ao Estatuto dos Refugiados.

<sup>95</sup>SEGOB 2019.

Os governos dos presidentes Clinton, Bush, e agora Trump, partilham uma política marcadamente antiimigrante. Inclusive, nota-se que, quando se trata de políticas direcionadas ao migrante, não há uma grande diferença de qual o partido no poder.

Antes de Trump, a era Obama foi o período que mais se deportou nos EUA. “Entre 2010 e 2019 o orçamento e efetivos da Patrulha Fronteira aumentou consideravelmente, da mesma forma, o do Departamento de Segurança Nacional (CBP), o Serviço de Imigração e Controle de Aduanas (ICE) aumentou 45% (SOLÍS, 2020, p. 95, apud The White House, 2018, tradução livre).

Apesar de todas as políticas estadunidenses nos últimos anos terem sido antiimigrante, no governo Trump elas não são somente abertamente antiimigrante, como o rechaço, a xenofobia e a expulsão de imigrantes irregulares no país tornaram-se práticas com uso político. Trump lançou a política de tolerância zero que reforça penalização de migrantes que cruzam ou estejam no país indocumentados. A partir dela, a instituição estadunidense para a migração, o *U.S. Immigration and Customs Enforcement* (ICE) passou a buscar, prender e deportar todos os migrantes em situação irregular, indiscriminadamente, o que antes acontecia somente com os migrantes que tinham passagens criminais.

Em 2018, chamou atenção da imprensa internacional uma ordem executiva de separar os menores dos pais no momento da prisão. As crianças eram retiradas a força dos pais e colocadas sozinhas em prisões. As imagens chocaram e tiveram tanta repercussão que o Presidente Trump teve que expedir uma ordem contra a prática. Contudo a política de tolerância zero foi mantida (SOLÍS, 2020).

O combate a imigração “ilegal” e o controle das fronteiras foi uma grande promessa de campanha nas eleições de Trump em 2016. Em 2020, o tema migratório continuou na agenda do presidente, que buscava a reeleição. Suas propostas seguem na direção de privilegiar a segurança fronteiriça, como compila Solís:

*Hoy presentamos un claro contraste: los demócratas proponen fronteras abiertas, salarios más bajos y, francamente, un caos sin ley. Estamos proponiendo un plan de inmigración que ponga en primer lugar los empleos, los salarios y la seguridad de los trabajadores estadounidenses. Nuestro plan logra dos objetivos críticos. Primero, detiene la inmigración ilegal y asegura completamente la frontera. Y, en segundo lugar, establece un nuevo sistema de inmigración legal que protege los salarios estadounidenses, promueve los valores estadounidenses y atrae a los mejores y más brillantes de todo el mundo (SOLÍS, 2020, p. 80 apud THE WHITE HOUSE, 16/05/2019).*



O êxodo massivo que foram as caravanas migrantes de 2018 e 2019 ajudaram o discurso de Trump que declarou emergência nacional e com base nesta situação, que chama de “invasão” solicita ao congresso 8 milhões de dólares para a construção de muros fronteiriços:

*Es una tremenda emergencia nacional. Es una crisis tremenda. El mes pasado, más de 76,000 inmigrantes ilegales llegaron a nuestra frontera. [...] La gente odia la palabra “invasión”, pero eso es lo que es. Es una invasión de drogas, criminales y personas (SOLÍS, 2020, p. 96, apud THE WHITE HOUSE, 15/03/ 2019).*

Trump não consegue a liberação do congresso, mas o discurso de invasão continua, e para isso as cifras de apreensão de imigrantes na fronteira durante e após as caravanas são utilizadas para justificar as medidas e o muro. As cifras demonstraram um incremento “gigantesco” de migrantes detidos na fronteira:

*las caravanas no tuvieron mayor impacto en el incremento del flujo migratorio en los meses en que se llevaron a cabo —entre octubre de 2018 y enero de 2019—; el mayor incremento comenzó a notarse en febrero, hasta alcanzar el máximo nivel en el mes de mayo, cuando el gobierno de Trump presionó al gobierno de México para que detuviera la migración. En otros términos, siete meses después de la primera caravana la estadística de detenciones registró un aumento extraordinario del 33.8 por ciento respecto al mes precedente y del 156.2 por ciento con relación al mes de noviembre, cuando las caravanas alcanzaron su nivel más álgido. Este movimiento de las cifras no deja de sorprender porque, si bien aumentaron a partir de febrero, el salto cuantitativo fue extraordinario de un mes a otro, lo que representaría un desborde fronterizo de gigantescas proporciones. (SOLÍS, 2020, p.100).*

Um incremento tão grande que o autor Daniel Villafuerte Solís (2020, p.101), chega a questionar se essas cifras não estão sendo “maquiadas” com o propósito de Trump realmente consiga caracterizar a emergência nacional, e não somente dinheiro para o muro como medidas políticas ainda mais duras:

*En esta lógica numérica, la pregunta es si estamos frente a cifras reales que dan cuenta de un fenómeno de grandes proporciones, que como se puede apreciar rebasa lo registrado en la crisis de 2014, o, por el contrario, se está frente a una “guerra de cifras” con la intención de presionar al gobierno de México, lograr avances en la construcción del muro y conseguir que el Congreso otorgue el anhelado presupuesto para reforzar la frontera sur de Estados Unidos, incluyendo el muro. (...) otra lectura es que las cifras generadas por el gobierno de Washington no sean reales y que solo se trate de presentar un escenario “catastrófico” a fin de presionar a México y a Guatemala para adoptar un acuerdo de tercer país seguro.*

A crise dos aranceles e as reações finais dos presidentes exemplifica bem a pressão que os países do centro exercem na economia da semiperiferia e os impactos dessa pressão nas políticas sociais. Apesar de o presidente do México tentar, a princípio, manter um discurso humanitário, a ação seguinte foi a de seguir a política securitista na gestão das migrações, demonstrando seguir a cartilha neoliberal, privilegiando os lucros ou a “economia” em detrimento da vida das populações mais vulneráveis.

## CAPÍTULO 4 – OS MUROS DA ESTIGMATIZAÇÃO: ANTES INVISÍVEIS, AGORA INDESEJADOS, O CRESCIMENTO DA XENOFOBIA NO MÉXICO

O potencial político do medo da imigração não é novo (CLASTLES, 2003), mas no México esse fenômeno está se tornando mais do que nunca um fato. O discurso antiimigrante estigmatizado é o mesmo que prevalece nos Estados Unidos, devido a uma ideologia de criminalização transfronteiriça que alimenta estigmas que resultam no tratamento desigual desta população, aumentando sua vulnerabilidade e a excluindo do reconhecimento de sua cidadania (ALBICKER; VELASCO 2016).

A passagem das caravanas no período em 2018 e 2019 resultou em uma grande mudança no contexto das pessoas em mobilidade pelo México. Os informantes explicam que esse movimento migratório, especialmente sul-norte pelo México a caminho dos EUA, sempre existiu de maneira constante e numerosa. Contudo, essas pessoas, pela forma clandestina que estavam viajando, fugindo das autoridades, sozinhas ou em pequenos grupos, fazia com que essa migração de trânsito, apesar de numerosa, fosse praticamente invisível.

Conforme explicitado, com os planos de contenção migratória e o incremento da presença de grupos criminosos e *pandillas*, essas rotas se tornaram mais perigosas. Por essa razão, vemos surgir uma nova estratégia de mobilidade, feita agora em caravanas. No entanto, a massificação das caravanas, aliada a uma extensiva cobertura midiática, acabou por dar mais visibilidade para os migrantes, que antes passavam quase incógnitos. Que reação podemos observar dessa visibilização por parte da sociedade mexicana?

Em uma entrevista com Sin Fronteras pergunto sobre a sociedade mexicana citando uma publicação antiga da organização “*Pese a todo, México siempre te abre los brazos*”<sup>96</sup>(SIN FRONTERAS, 2011), que me foi apresentada em 2015. Questiono se a premissa do título foi mantida no presente. O informante explica que neste momento da publicação (2011) a visão do migrante era mais distante da vida comum dos mexicanos e era considerado com indiferença:

*Bueno, en esta publicación de hecho si tú es la parte de análisis de medios de comunicación que se me tocó hacerlo a mí la afirmación que hacemos es: los inmigrantes son invisibles, ni para bien ni para mal, el migrante que se escucha en los medios de comunicación es: el migrante que ya murió, el migrante que ya fue deportado, el “migrante víctima”, pero como el migrante cotidiano no está ahí. Ahora si explotó de repente el migrante como un agente dentro de nuestros contextos de vida (...) (Informação oral, Coordenador de Psicossocial, Sin Fronteras, Cidade do México, 2019)*

---

<sup>96</sup> <https://sinfronteras.org.mx/wp-content/uploads/2018/12/Pese-a-todo-M%C3%A9xico-te-abre-los-brazos.-Estudio-sobre-integraci%C3%B3n-sociocultural-de-extranjeros.-1.pdf>

Igualmente, quando chegavam ao norte, como em Tijuana, até as instituições de segurança como o INAMI deixavam os migrantes vindo do Sul passarem despercebidos, pois sabiam que não desejavam ficar no México.

A entrevista realizada em fevereiro de 2018 expõe a visão da assistente social de um albergue, que explica que os agentes do INAMI em Tijuana não perseguem os migrantes como no Sul. Ainda de acordo com a entrevistada, também havia uma questão orçamentária envolvida na deportação, fato que era explicado aos migrantes para evitar que sofressem extorsão com a ameaça da deportação:

*Hay conflictos, pero no por la religión, a lo mejor hay conflictos por las etnias, de que: - Y tú porque eras así, pero fíjate que el conflicto es más por la idea que ya traen. Preestablecida. Por ejemplo, las centroamericanas, ellas creen que en México no las quieren. Ellas creen que los mexicanos no las quieren, pero eso es por la experiencia que tienen en frontera sur. ¿Entiendes? Frontera sur realmente es una frontera muy difícil, porque ahí esta toda la migración de trabajo, tras de los extranjeros. Ellas cuando llegan aquí a Tijuana nadie anda de atrás de ellas. Aunque no tenga papeles nadie va a andar atrás de ellas. Puede venir migración aquí, y no hacer nada. ¿Sí? ¿Por qué? Porque migración saben que no van a quedarse aquí, que son personas que están buscando irse a EUA, y también porque le cuestan más dinero a migración agarrarlos y regresarlos a su lugar de origen. Allá en frontera sur no más detienen ahí y en algunos kilómetros ya están allá. ¿Sí? ¿Pero mandarlos de aquí hasta allá? No. Y yo se las digo, mire es que nadie te extorsione diciendo que te van a mandar a migración, migración no te va a detener si no cometes un delito. (Informação oral, Assistente social, Albergue, 2018, Tijuana)*

Este panorama se altera com as Caravanas e com as pressões EUA no México em torno da política migratória. Até 2018, os imigrantes de passagem pelo México eram invisíveis, atraindo pouca atenção para sua condição social. Tal situação acabava por dar impressão de que a xenofobia e a discriminação contra este grupo eram menores.

Não obstante, tanto as entrevistas como estudos<sup>97</sup> anteriores, especialmente antes de 2018, já detectavam sentimentos, percepções e atitudes discriminatórias contra os migrantes. A ENADIS – *Encuesta Nacional sobre Discriminación em México (2010)*, elege os migrantes como um dos grupos mais discriminados no país (CARBONELL, 2006, p. 189).

A ENADIS de 2011, apresenta informações sobre migrantes e revela hábitos e atitudes de intolerância e discriminação que afetam o exercício dos seus direitos. Os dados se

---

<sup>97</sup> Entrevistas de campos realizadas no México em 2015, 2018 e Estudos - ENADIS de CONAPRED, 2005, 2010.

contrapõem diretamente com o discurso e o imaginário de uma sociedade que se diz multicultural, hospitaleira e generosa com aqueles que vêm de fora.

A ENADIS afirma que a discriminação contra migrantes (compreendida no documento como sendo qualquer pessoa nascida em um país diferente do de residência) tem características diferentes. Em seu diagnóstico, indica que distinções prejudiciais são feitas quando o tratamento discriminatório dado pela sociedade e pelo Estado mexicano, baseado em características fenotípicas, por região ou país de origem, por seu status de imigração (ou seja, se a pessoa estrangeira é um migrante documentado ou não documentado).

A relação conflituosa entre os imigrantes internacionais e os mexicanos têm a ver, em muitos casos, com as razões que causam a emigração e com o país do qual a pessoa é originária (ENADIS, 2011, p. 7). Isto significa uma estigmatização por razões de classe ou relacionadas com a violência a que são submetidas essas populações em seus países.

Ainda segundo a ENADIS, no ano de 2010 o desemprego (23%), a discriminação e a segregação causada pelo estigma contra os migrantes (20%) e a insegurança (17%) persistem como os principais problemas que os imigrantes no país enfrentam como demonstra o gráfico da ENADIS (2011).

Segundo os dados apresentados, a população mexicana tem pouco ou nenhum respeito pelos direitos dos indivíduos e dos grupos em situação de vulnerabilidade, especialmente em relação aos homossexuais, aos imigrantes e às populações indígenas. (ENADIS, 2011, p.36). Para as minorias étnicas, o principal problema na sociedade é a discriminação, intensificada por questões tais quais a utilização da língua nativa do imigrante (ENADIS, 2011, p. 52). A ENADIS também diagnostica que, apesar de não haver um estudo complementar sobre raça e etnia, tais fatores também figuram como motivadores para a discriminação relacionada ao estrangeiro migrante.

Dentre os imigrantes no México, os centro-americanos são apontados como os mais vulneráveis:

*Es un hecho que los migrantes centroamericanos son un grupo social particularmente vulnerable y discriminado por las condiciones en las que migran: pobreza, clandestinidad y riesgo. De hecho, 80% de la población opina que los derechos de las personas migrantes no se respetan o se respetan poco (ENADIS, 2011, p.8).*

Durante as entrevistas, foram feitos questionamentos sobre a discriminação contra imigrantes e a percepção que os funcionários do CONAPRED e das demais instituições

entrevistadas tinham da motivação para esta discriminação. Alinhando-se aos diagnósticos apresentados pela ENADIS sobre discriminação, as respostas foram muito similares ao estudo.

Entre os entrevistados, contudo, a percepção do fator que mais motivaria a discriminação variava entre nacionalidade, língua, condição social, condição de documentação, etnia e cor da pele. Outros motivos apontados sugerem uma consubstancialidade, conforme defendido no capítulo 1, de condições como o gênero, população LGBTQIA+, questões etárias e de deficiência física.

(...) a primeira discriminação existente (refere-se à questão migratória) é a discriminação de gênero, a imigrante mulher para fazer a travessia pelo México sofre muito mais é violentada, muitas ficam grávidas e contraem AIDS pelo caminho. Os imigrantes ilegais são chamados *sin papeles*, ou *mojados*, que se refere à travessia pela água que muitas vezes o fazem (Informação oral, Chefe do *Departamento de Información y Documentación*, CONAPRED, Cidade do México, 2015, tradução livre) (FERNANDES, 2016, p. 111).

Os informantes identificam a existência dessas manifestações negativas aos migrantes e percebem a diferença na atualidade.

*N- ¿Y de esas manifestaciones de rechazo, de violencia?*

*M- Pues eso es, bueno, la verdad es que creo que, si se ha incrementado, se suben mensajes a las redes sociales como: ah "primero los mexicanos", "que hacen aquí", cosas así, " lo reclamen en su país, no vengan a reclamar aquí", o sea, en la realidad la verdad es que eso ha existido siempre, quizás ahora si les ha aguzado más y se les ha visibilizado (...) (Informação oral, Funcionárias de Instituição de DH dos Migrantes, Cidade do México, 2019)*

Outra informante da mesma organização explica que as caravanas recentes mobilizaram a população gerando vários tipos de reações ao fenômeno. Muitos informantes colocam este evento como importante para o contexto atual, em que se percebe mais reações negativas aos migrantes.

*yo creo que ha habido un cambio grande, antes y después de la caravana. Antes esta población se pasaba un poquito más desapercibida, a los mejor en estados fronterizos como Chiapas, o en los del norte, Sonora, Chihuahua, la gente pues detectaba en la población migrante, porque habían llegado y eran las que estaban tratándose de ir o que estaban buscando trabajo, y en CDMX hay una gran población, pues la gente pues si los discriminaba, pero no, no era tanta gente. Creo que después de la caravana, o no sé, paso mucho que la población mexicana pasó a involucrar más en el tema entonces eso hizo pues que la gente empezara a reaccionar más ante la población migratoria, y a empezar a ser un poco más xenófobos, de odio y este, que justo muy focalizados en que esta migración, y que la migración que venía de las caravanas muchos eran pandilleros, mucho del crimen organizado, y después se vio como este perfil que eran todos, y eso hizo que la población mexicana*

*empezara ahí ya más a rechazar (Informação oral, Assistente Social – Sin Fronteras, Cidade do México, 2019)*

Apesar de a xenofobia já ser um fenômeno existente no México, a visibilidade que as caravanas tiveram, e o momento de incremento de uma ideologia fascista, conectada a governantes de extrema-direita a nível mundial, promoveram um aumento visível das manifestações contra os migrantes.

Os informantes foram unânimes em afirmar que existe um “antes e depois” das caravanas. Não se nega que já existia discriminação e xenofobia contra os migrantes antes, mas era algo que se mantinha no âmbito privado. Entretanto, com a comunicação nas redes sociais e o incentivo político neofascista ao racismo e a à xenofobia, um evento da magnitude das caravanas não saiu ileso da opinião pública, que se mostra a cada dia mais intolerante com os migrantes em trânsito pelo México.

Em uma das entrevistas, ao questionamento acerca das principais dificuldades que enfrenta essa população agora no México, uma das informantes elenca a omissão das instituições e a má publicidade das mídias como fatores que contribuíram para uma resposta negativa da população com relação aos migrantes das caravanas:

*(...) pues yo creo que la insensibilidad de las autoridades, e las malas políticas de los gobiernos y últimamente la insensibilidad de algunos habitantes de México ¿no? el, las caravanas no se entendieron y la mala publicidad de los medios de comunicación hicieron ver a estas personas como malos ¿no? como invasores y que obviamente a la reacción de los mexicanos, si hablamos de México pues surgió una, pues se vio una mala esta respuesta. México se ha caracterizado por ser un pueblo racista entre nosotros mismos, pero menos, pero no hubimos sido un país xenofóbico, creo que hoy lo estamos siendo. (Informação oral, Coordenadora- Casa Tochán, Cidade do México, /2019)*

A informante acima se refere com “*no hubimos sido*” – não havíamos sido - a uma ideia de México acolhedor aos estrangeiros que ali chegavam.

O México é um país que em sua história recebeu refugiados centro-americanos e exilados políticos dos regimes de exceção latino-americanos. Contudo, como bem afirmou a informante, se não existiam antes reações xenófobas a estrangeiros, o que também pode ser contestado historicamente, atualmente é inegável essa resposta aos migrantes em trânsito pelo México.

Conforme explicitado, a estratégia de hipervisibilidade foi um ponto importante no movimento das caravanas, pois fez com que os governantes reagissem temendo insurreições.

Uma informante explica que há um medo da organização das pessoas da mesma forma quando surgem os movimentos sociais.

Questão pouco citada sobre o assunto é que os governantes também reagiram à participação política dos migrantes, o que Castro Neira (2019, p. 8) chama de “*procesos de politización de la acción migrante*”. Fica claro o medo e o desconforto das autoridades, não somente mexicanas, com a organização de uma população que exige o seu direito a migrar, e na verdade esse desconforto acaba sendo contra todas as organizações da sociedade civil que lutam por direitos.

A informante critica ainda o governo atual pelos discursos que diferem da prática e que são polarizantes, especialmente em matéria de direitos humanos.

*(...) el número de personas migrantes que llegaron no es que no es algo común sabes? la manera en la que se organizaron y creo que es cómo, va mucho el miedo del gobierno sabes? de un punto de vista porque al final, las personas se están organizando bien malo, y quien somos nosotros para acusar esto, pero al final hay una organización y que por ejemplo en México la organización política, la participación política de los extranjeros, o sea es no, no participan los extranjeros no? si los extranjeros quieren hacer una asociación es todo un ...(incomp). Entonces creo que al fondo también tiene que ver como esta cuestión del derecho que tenían las personas, a organizarse, ¿y qué está haciendo cortado completamente por el gobierno no? y más aún pues ahí hay una cuestión de desprestigio, de desdén hacia el papel de la sociedad civil. ¿No solo de la migración, sino de todo no? [...] (Informação oral, funcionária, GPTM, Cidade do México, 2019)*

A questão atual no México passa também pelos conflitos com a nova administração de AMLO que, como também já apontado, tem polarizado e mudado de direção com relação às questões sociais. Como AMLO foi eleito a partir de uma plataforma mais progressista, há expectativa com relação às ações do governo, como ilustrou a informante na continuação:

*[...]o sea, esta cuestión que dice Andrés Manuel que las organizaciones civiles y en dónde estaba Felipe Calderón o Peña Nieto<sup>98</sup>, o sea eso polariza mucho, y lo que hace es poner en riesgo las personas defensoras de derechos humanos. Entonces creo que, si esta nueva administración lo que está haciendo es polarizar, en muchos temas. Y más aún que en el discurso, por lo menos el presidente, o la secretaría de gobernación pues supuestamente es de apertura ¿no? Hay un discurso como de apertura, la secretaria de derechos*

---

<sup>98</sup> Há muitas críticas de AMLO ao governo de Peña Nieto sobre repasses financeiros a organizações da sociedade civil e acusações de corrupção, isso gerou a cessação do apoio financeiro estas instituições e uma desconfiança aos defensores de direitos humanos. Ver: < <https://www.infobae.com/america/mexico/2020/12/09/no-funcionan-organizaciones-civiles-cuestionan-la-estrategia-de-amlo-para-combatir-la-corrupcion/>>; <https://www.animalpolitico.com/2019/02/amlo-osc-reclamo-organizaciones-sociedad-civil/>.



*humanos y todo. Pero en la práctica, es otra cosa. (Informação oral, Coordenadora GPTM, Cidade do México, 2019.)*

Não será objeto desta tese o debate político entre as gestões dos presidentes mexicanos, contudo o ponto demonstrado aqui é a expectativa que se tinha, quando AMLO foi eleito, é que seria um governo que empreenderia esforços para a defesa dos direitos humanos das populações mais vulneráveis, o que não tem convergido com as ações do seu governo.

#### **4.1. Migração ou invasão?**

No México, da mesma forma que nos EUA, como explicitado nas falas do Presidente Donald Trump, o termo “invasão” foi utilizado aos se referirem à caravana.

Caracterizar um movimento migratório como invasão, ao dizer: “*Esto es una invasión disfrazada de migración*”<sup>99</sup>, dá ao governante a justificativa perfeita para responder ao fenômeno de maneira mais combativa, pois diante de uma “invasão” se armam defesas enérgicas e se fundamentam ofensivas que podem colocar essas pessoas no papel de “inimigo” nacional. Este é um jogo retórico extremamente prejudicial aos direitos humanos das pessoas em mobilidade, além de promover reações e discursos xenófobos e discriminatórios também por parte da população.

A mídia teve um papel importante nesse período das caravanas, pois realizaram o acompanhamento dos migrantes desde a sua saída de Honduras. Segundo os informantes, havia uma corrida para noticiar e ter repercussão, e existe muito material em situações como esta, uma vez que teriam a capacidade de gerar discursos de ódio e engajamento nas redes sociais.

O movimento foi caracterizado pelos meios de comunicação como uma invasão conclusão alcançada através da utilização de estratégias discursivas que acabaram por mistificar o fenômeno e gerar medo na população. Esta narrativa utilizada no México, especialmente para se referir a migrantes de trânsito centro-americanos

*(...) los transmigrantes centroamericanos se encuadran como un PELIGRO difuso que se adentra a México, metaforizado como un CONTENEDOR. Esta escenificación simbólica se nutre de narrativas míticas recurrentes (Pfleger, 2015) en las que los transmigrantes se perciben como ‘invasores’ que poco a poco se infiltran al país contenedor y lo conquistan, amenazando el bienestar económico y socavando la paz social. En todas estas escenificaciones se evocan las narrativas de miedo antes mencionadas, con el resultado de que se encuadra al transmigrante primordialmente como una persona-peligro*

---

<sup>99</sup> Frase encontrada em um cartaz em uma manifestação antiimigrante em Tijuana (BBC, 19/11/2018)

*para la integridad del contenedor que simboliza al país (PFLEGER, 2019, p. 652).*

Atualmente, “a questão migratória tende a ser interpretada a partir de percepções emotivas, mecanismos de generalização, fatos de crônica pontuais alardeados por manchetes sensacionalistas da imprensa, interesses políticos e eleitorais” (AMBROSINI, 2020<sup>100</sup> apud MARINUCCI, p. 259, 2020). Tal *framing*<sup>101</sup> midiático utilizado para as migrações no momento promove o que Ambrosini (2020) considera uma “invasão imaginária”, pois apela para esses mecanismos citados e não se embasa em dados e pesquisas sólidas.

Foi comum no período ver reportagens que apelavam para termos como “*olas*” (ondas) significando algo grande, uma torrente, que excede, sobrepõe, e crise – crise migratória. No entanto, como bem descreve Didier Fassin (2015), tentando desmistificar a “crise de refugiados” na Europa em 2015, a mudança foi na visão e discurso em direção a esses movimentos migratórios e não tanto a quantidade de pessoas que chegam.

O *framing* midiático, da forma que foi posto, trouxe uma ideia superdimensionada do fenômeno e definiu a movimentação migratória como um grande problema para o México.

*Si, si mira yo lo que creo muy también observación personal, es que cuando pasó lo de la caravana a mí me habían mandado a varios lados como el norte, al sur y el centro para atender a la población y a veces la gente que me conocía me llamaba y me decía <oye cómo vas, ya solucionaste el problema, o ya se acabó el problema> Y eso para mí era como un detalle si me gustaría remarcarlo <ya solucionaste el problema> yo me quedé pensando, porque yo me quedé pensando mucho porque, ósea cuando me estaban mandando allá decía “bueno tengo que hacer algo” tengo que poner una. ¿No? Como si justo fuera un problema y luego me quede reflexionando y dije “bueno a ver a ver a ver aquí no hay un problema”, ósea si hay un problema de fondo atrás que la gente salga algo está pasando pero al final esto es un hecho que pasaba cotidianamente, tan pasaba cotidianamente que al final todas las estructuras les estaban dando a tención a estas personas son las mismas que siempre han estado dando atención, ósea ya estaban esas estructuras que se vieron rebasadas por un momento sí, pero las estructuras estaban, he lo que se hizo fue tener que fortalecer las redes, fortalecer a los albergues, pero ahí estaba. (Informação oral, Funcionário – ACNUR, Cidade do México, 2019)*

---

<sup>100</sup> AMBROSINI, Maurizio. *L'invasione immaginaria: l'immigrazione oltre i luoghi comuni*. Gius. Laterza & Figli Spa, 2020.

<sup>101</sup> Segundo Pfigler: “*Los frames son estructuras cognitivas recursivas de significación (Snow et al. 1986; Reese, Gandy y Grant, 2001; Goffman, 1986; Rivas, 1998). Esta idea de que el significado se comprime en encuadres, marcos o frames nace a partir de nociones de la teoría del interaccionismo simbólico (cf. Blumer, 1969) que se basa en la idea de que la construcción de significación se hace siempre de acuerdo a actitudes y conocimientos previos. De esta manera, las personas no responden directamente a los hechos, sino siempre con referencia a la interpretación de los mismos, lo que conocemos como framing*” (Pfigler, 2019, p 648).

Não se referir a migração como um problema não significa que não deve ter atenção governamental. A migração é um fenômeno, e vidas e dignidade de muitos seres humanos dependem da existência de ações e políticas governamentais que assistam tal fenômeno. No entanto, a mídia, ao invés de informar acerca do tema, tem desempenhado um papel que, em verdade, auxilia na criação de uma visão deturpada da questão. Um informante nos conta sobre a reação da sociedade diante da cobertura das caravanas:

*Si, aumentó la desconfianza, aumento la desinformación no, nosotros obviamente si hubo un aumento del flujo de atención, empezamos a atender a más personas, pero y que eso fue un gran reto, como atendemos más el doble no, eso fue básicamente el reto de notabilidad porque si claro ósea la comunicación que había a nivel medios de comunicación fue terrible no, no todo mundo daba visiones erróneas, generaban tendencias negativas entonces ya era como, ósea como en general este tipo de respuestas. (Informação oral, Coordenador, Programa Casa de Refugiados, Cidade do México, 2019).*

Dessa forma, a mídia teve o papel de aumentar a desconfiança com relação aos migrantes, desinformar e o resultado, como já mencionado, foi o aumento de manifestações xenófobas na maior parte do país.

#### *4.1.1. Solidariedade aos migrantes*

Apesar das crescentes manifestações de xenofobia nas redes, a reação da sociedade mexicana à passagem massiva de migrantes centro-americanos não foi em todos os momentos de rejeição. Segundo os informantes, houve um primeiro momento em que imperou a solidariedade, com muitas doações e auxílio da população local.

*N - Con relación a la sociedad. ¿Cómo reaccionó a las caravanas?  
EC- Yo creo que no... o sea, como que ha ido por distintos momentos... lo que, si es que quizá en un primer momento fue mucho más de solidaridad, pero creo que esa solidaridad pues como pasa en distintos contextos, ¿no? Fue mingando y se convirtieron en discursos también de odio. (Informação oral, Diretora, Clínica Jurídica Alaide Foppa, Cidade do México, 2019).*

A reação também variou de acordo com a localidade. Alguns lugares as receberam bem, outros nem tanto, e em outros a solidariedade inicial diminuiu e os migrantes das últimas caravanas já não receberam o mesmo apoio.

Em uma entrevista realizada em Tijuana em 2018, antes das Caravanas, a funcionária de um albergue define a Cidade de Tijuana como hospitaleira e aberta.

*Entrevistador - ¿Crees que a los migrantes la sociedad o las instituciones públicas le tratan diferente por su condición migratoria aquí en Tijuana todavía, o ha cambiado?*

*Valeria - Afortunadamente Tijuana creo que es una ciudad muy abierta, en realidad Baja California es muy abierta porque ha sido construida con base en migrantes, entonces tiene una historia migratoria gigante y además la relación que se tiene entre familia y desde Estados Unidos, Tijuana que viven o trabajan ambos lados hace que Tijuana sea muy abierta, al respeto a las instituciones, igual el hecho que vayan haciendo mejoras que a lo mejor no se discriminen a cierto tipo pero aún hay mucha deficiencia entre la práctica y lo que debería y lo que es realmente y eso es por cuestión de no sé, los trabajadores gubernamentales desconocen la nueva legislación entonces siguen rechazando alguien que no tiene seguro, no quieren dar seguro a alguien que es centroamericano, no, por ejemplo, no es porque no esté en la ley, pero porque la gente desconoce cómo hacerlo, entonces este es el mayor problema que tenemos (Informação oral, Assistente Social, Casa Migrante, Tijuana, 2018).*

Então, chamou atenção o fato de que cidade de Tijuana, mesmo sendo uma cidade tão povoada por migrantes e com histórico de recepção de grupos massivos de migrantes, ter respondido negativamente às caravanas de centro-americanos de 2018.

*Yo no creo que además fueran... a lo mejor y te convendría hablar con gente, por ejemplo de Tijuana, que me parece que es una muy buena experiencia, porque evidentemente Tijuana es una ciudad de migración, acostumbrada la migración, que ha crecido con la migración, bueno, que nació con la migración y qué ha crecido con la migración como un espacio como ese de repente se torna tan adverso para las personas migrantes y creo que ahí, por ejemplo, uno de los de las cosas que vale la pena investigar es el propio discurso de las instituciones locales como las instituciones locales pudieron incidir y generar un rechazo más, un rechazo que no se había visto antes. . (Informação oral, Diretora, Clínica Jurídica Alaide Foppa, Cidade do México/2019).*

A informante destaca a diferença da reação à cidade a diáspora haitiana de 2016-2017 às caravanas migrantes de 2018-2019:

*Incluso en la Caravana de afrodescendientes, de haitianos, de hace un par de años, si era una situación compleja no eran los 14 mil migrantes que tampoco todos llegaron, ¿verdad? Pero si eran un grupo grande de varios miles de personas, ¿no? y a pesar de lo, bueno ahí lo que hubo fue mucho ausentismo institucional, no, el estado realmente no no respondía dejó la carga para la sociedad civil, pero en este otro contexto donde salen las instituciones, ¿no? Con todo un discurso de reclamo, pues eso, todo pareciera indicar que eso afectó gravemente el contexto social. La discriminación generó discriminación en la población. Enojo, porque yo no podría decir que ya lo traía desde antes o no, etcétera, no, pero esos actos de violencia hacia la población extranjera, pues no eran algo común antes, entonces creo que*

*ahí pues siempre hay el Estado, que está entre falta de respuesta ante este, ante la migración en invisibilizando o simplemente no reaccionando a lo mejor serian omisiones, o respuestas negativas y las que hubo y que genera también un encono social. (Informação oral, Diretora, Clínica Jurídica Alaide Foppa, Cidade do México, nov/2019)*

O discurso do prefeito da Cidade de Tijuana, José Manuel Gastélum, exemplifica a fala da informante. Ele fez diversas declarações contrárias aos direitos dos migrantes caravaneiros. Além de ameaçar os migrantes com deportações, deu as seguintes declarações:

*(...) "Los derechos humanos son para los humanos derechos", dijo en una entrevista con Milenio Televisión tras un enfrentamiento entre los migrantes y los vecinos en Playas de Tijuana el primer día que llegaron. Aseguró que los migrantes "llegan en un plan agresivo, grosero, con cánticos, retando a la autoridad". "No me atrevo a decir que son todos los migrantes, pero hay algunos que son vagos, mariguanos (fumadores de marihuana), van agrediendo a familias" (ROJAS, 2018).*

Em Tijuana também se viram marchas nas ruas com cartazes com dizeres xenófobos e hostis contra a população.

FIGURA 53 – PROTESTOS DOS MIGRANTES



(Fonte: BBC, 19/11/2018).

Várias situações no período das caravanas ofereceram material para os meios de comunicação repercutirem. Como a questão da alimentação, por exemplo, onde, em uma situação de milhares de pessoas tendo que fazer três refeições diárias, seguramente haverá questões, comida para grandes quantidades é difícil de ser feita, além do que existe uma grande diferença cultural na hora de se alimentar.

Um episódio nesse tema teve grande destaque midiático, gerando manifestações de xenofobia nos discursos e nas redes. Uma migrante hondurenha, Miriam Zelaya Gómez, em uma entrevista para um jornal reclama da alimentação. Visivelmente irritada, a migrante compara os feijões que a serviam com comidas para porcos.

O evento viraliza e coloca a migrante como um símbolo da ingratidão dessa população. Segundo Frank-Vitale e Nuñez Chaim (2020, p.38), a migrante “*estigmatizada como “ingrata” por la prensa mexicana y celebrada cuando se entregó a Estados Unidos, “lady frijol” se convirtió en el símbolo de esta exigencia al rechazar comida donada*”

Para a sociedade mexicana, o episódio demonstrou a falta de educação dos migrantes em seu território, e esse evento teve a capacidade de deixar esta visão dos migrantes bem-marcada, aumentando a rejeição. Quase todas as entrevistas citam o episódio da “*lady frijoles*” para exemplificar o sentimento e as mostras de xenofobia a partir das Caravanas.

No período dessas entrevistas já fazia um ano do ocorrido, e ainda assim, “*lady frijoles*” era um assunto frequente nas falas, inclusive de pessoas fora do contexto migratório, taxistas, pessoas que falavam de migrantes no cotidiano. Um informante explica:

*Es una búsqueda de los medios de comunicación por hacer la nota, eso también no hay que olvidarlo, por ejemplo, el episodio de la señora de los frijoles...*

*N: Si, lady frijoles*

*A: Justo, pero, esto fue como una cosa descontextualizada que fue pues para sacar la nota más que para nada ...*

*N: Pero se volvió, porque todos me hablan de eso, como personas de la calle les pregunto van a hablar: es que ves, es que rechazan nuestra comida, y estábamos abriendo las puertas*

*A: Pero es que justamente fue como o sea no lo interpreto Como qué los medios de comunicación los que publicaron hacía un poco como ésta y queda de eclipse búsqueda de exposición porque sabían era algo que iba a poder explotar, o sea cuando uno tiene **#lady frijoles**, esto ya es señal que se volvió algo viral y se estaban buscando algo viral le pegaron a algo pues... **rechazar a los frijolitos, o sea es como, en este país es algo idiosincrático, sabían que iba a pegar**, pues sí en el contexto que hablarán a la mujer, había un mes que estaban comiendo frijoles, nada más que frijoles, entonces no chingues, un poco fue manejo mediático pero no trascendió de ello, y justo que la gente se haya quedado en esto, es que de eso hace casi un año, y ahí se quedó discusión. (Informação oral, Coordenador Psicosocial, Sin Fronteras, Cidade do México, 2019).*

Outra informante demonstra o cansaço dos defensores dos migrantes em estar todo o tempo tendo que lutar contra os discursos de ódio e desmistificando o olhar de rejeição que a sociedade adquire com relação aos migrantes a partir do que sai na mídia e chama atenção para a existência de grupos financiados para promover *Fake News* e fomentar os discursos de ódio:

*(...)y por ejemplo lo que trascendió de toda esa gente que tenía necesidad y de toda esa gente que quería comer graba a la que tira los frijoles graba a la que no quiere los frijoles y entonces eso también fue un gran trabajo fue muy exhaustivo mi o sea me fue muy desgastante estar construyendo una y otra vez es que mire el video ah es una cuantos millones vienen cuantos miles vienen catorce quince mil bueno hay 14,999 que si lo comió pero tu estas sumando a todos esos por una que grababan y ya desde ahí es desgastante bueno también les digo que si la gente está estúpida como para creer que por una que todos son iguales ya también merecen creerse eso y yo porque a mí ya me desespera como mucho estar una y otra vez con el discurso de odio combatiendo lo del porque es algo que te sobre pasa es algo que mandan masivamente yo no sé quién lo mandan yo creo hay agencias hay personas financiadas por no sé quién que se dedican a estar reafirmando todo el día el discurso de odio todo el día son videos todo el día son escritos todo el día (...).(Informação oral, Consultora independente em assuntos migratórios, Cidade do México, nov. /2019).*

É interessante entender como é a visão da solidariedade direcionada aos migrantes, ou das pessoas com alto grau de vulnerabilidade de maneira geral. O solidário entende que o seu ato generoso, muitas vezes cristão, de doar alimentos, objetos, o que seja, que a sua ação está acima de qualquer crítica e que os beneficiários o devem aceitar sem reclamações e com profunda gratidão. De fato, a gratidão à solidariedade deve ser incentivada, contudo há pouca autocrítica com relação às doações que são feitas. Muitas das doações realizadas não são adequadas para o contexto e não são aproveitadas.

Por exemplo, no trabalho de campo realizado em Tijuana em 2018, pude observar o trabalho do albergue em separar o que seria útil. No meio das doações, que geralmente eram de roupas, artigos de higiene e alimentação, podiam ser encontradas muitas roupas sujas, rasgadas, sem condições de uso, enlatados vencidos ou objetos sem aproveitamento para o contexto, o que demandava uma grande quantidade de tempo e trabalho para os funcionários e voluntários do albergue realizarem a sua triagem. Uma solução que encontram é realizar bazares semanais para a venda de artigos que não são de uso da população.

FIGURA 54 – DOAÇÕES PARA AS MIGRANTES NO ALBERGUE EM TIJUANA e CDMX



Arquivo pessoal: Doações organizadas para serem usadas pelas migrantes no Albergue – Tijuana/2018



Arquivo pessoal: Bazar semanal realizado com as doações – Albergue CDMX/2019

O mesmo aconteceu com as caravanas. Chegaram muitíssimas doações, em todo o trajeto, na Cidade do México, onde foi a maior concentração, porém, de acordo com o relato de um informante, muitas vezes o que as pessoas fazem é livrar-se de artigos que não encontram mais uso, sem refletir sobre a sua utilidade para quem o recebe.

*(...) hubo mucha solidaridad que eso es lo positivo, también hubo muchas personas que decidieron aportar, el tema ahí es como lo explicamos a las personas que quieren ayudar a que lo que ayuden tenga sentido no, que no sea, a mí me ha pasado una cantidad de cosas, hay momentos donde hasta personas donaban vestidos de novia, entonces como de <ay> si tú el que quiere ayudar, la persona que quiere ayudar no ve que eso no es útil para una vida entonces no estás donando, estás haciendo otra cosa no, estas desasiéndote de lo que ya no quieres y lo estás transfiriendo a alguien no, eso es un poquito como que el reto. Ósea que gracias por ayudar, pero también hay que ser un poco críticos ósea no son personas, en el mismo ejercicio de dignidad ósea no les puedes dar lo que quieres, no les puedes dar lo que te sobra no sé si me explico, ajá lo que te sobra y que en realidad, yo digo esto un poco de broma en que rango de decisión venga una persona con un vestido de novia va ser usado en un albergue o va ser usado en una caravana, pues son personas que van caminando que no tienen, ósea sabes es una lección medio irracional sin sentido entonces eso para las personas se puede ofender no, bueno antes les di algo, ósea como no, pero bueno eso también es un reto y ha pasado con otras no nada más la migración con sismo pasa, un huracán es lo que la persona se desase de lo que no quiere más que dar algo que ayude.*



*(Informação oral, Coordenador, Programa Casa Refugiados, Cidade do México, 2019).*

Este ponto deve ser problematizado, pois tais atitudes podem ser um indicativo de que a sociedade não enxerga essa população como seres humanos portadores de dignidade, com o direito de escolher e receber coisas de qualidade. O pensamento de que devem aceitar qualquer coisa que lhes ofereçam e manifestar gratidão, como se fossem uma massa homogênea e pouco complexa, revela um aspecto muito sutil de desumanização e da discriminação direcionada à esta população.

Um dos entrevistados faz um contraponto interessante à questão da xenofobia. Ele afirma que, apesar de ter havido um importante incremento das manifestações xenófobas ao longo desse período no país, isso não faz tanta diferença no dia a dia dessas pessoas, não muito mais do que fazia antes, pois sempre se encontra pessoas que apoiam e que rejeitam em todos os lados. Explica que as pessoas mais ligadas à temática sempre terão mais conhecimento das reações adversas.

*(...) pues yo te diría que son como realmente población en general, clases medias, clases bajas, pero ahí hay más como, yo te diría que también es como muy, bueno, esta zona muy en el leste en el contexto con las redes sociales, digamos que el rechazo que las personas viven los procesos laborales, según yo, Uds. pueden tener más conocimiento, pero creo que sigue siendo el mismo, o sea, hay gente que les rechaza y hay gente que no los rechaza. Tal vez nosotros que somos gente que habla sobre migraciones en medios de comunicación y en foros académicos y en foros públicos si vemos más reacciones de la gente, pero es que se volvió tema de discusión pública. ¿No? (Informação oral, Coordenador Psicossocial, Sin fronteras, Cidade do México, 2019).*

*(...) seguro que vas a encontrar muchísimos testimonios de organizaciones que van a decir: es que la xenofobia... si aparece la xenofobia, antes no la habíamos visto, pero también es una xenofobia muy en ciertos sectores y muy desestructurada. O sea, no tienes grupos, de gente persiguiendo a migrantes, matándolos como en EUA, no. ¿Ni tampoco tienes hasta la fecha, actores políticos no? Estilo Bolsonaro, así ese perfil, haciendo discurso antiimigrante o hacia otro sector poblacional, o sea, creo que eso es un dato importante. (Informação oral, Coordenador Psicossocial, Sin fronteras, Cidade do México, 2019).*

Afirma ainda, que no México, não se viu até o momento grupos políticos ou grupos estruturados de combate aos migrantes como há em outros países. Para ele, isto seria um indicador de uma xenofobia maior. Defende ainda que essa xenofobia que se vê atualmente é um movimento mais desorganizado, especialmente vindo das redes sociais, mas que esses

reflexos não chegaram com a mesma força na sociedade real, onde ainda se encontra também ajuda e solidariedade.

#### 4.1.2. *Recepção da diáspora haitiana em Tijuana*

Entre 2016 e 2017 houve um grande fluxo com mais de 18 mil<sup>102</sup> imigrantes haitianos fugindo das crises políticas, econômicas e ambientais que o Haiti sofreu na última década, ou vindo de outros países da América Latina onde se haviam radicado, como o Brasil, entram no México com o objetivo de chegar aos EUA, não conseguindo cruzar muitos estabelecem residência na cidade. (CNDH, 2018).

Somente na província de Baja Califórnia, estima-se que 5 mil haitianos fixaram residência no período (CNDH, 2018). Um dos trabalhos de campo realizados foi entre janeiro e fevereiro de 2018 na cidade de Tijuana, na cidade as instituições ainda se recuperavam da passagem massiva da população haitiana. A chegada massiva extrapolou a capacidade de recepção da sociedade civil, como expõe a diretora de um albergue em Tijuana

*Tenemos cupo para 45 camas, 44, 45. Mas cuando llegaron el tiempo de los haitianos teníamos 200 aquí a dentro. Aquí durmieron gente, en el asilo, la cocina en el comedor, cerramos las puertas de afuera y se ponía en todo el canto. Fue un tiempo que era verano, era fácil, porque llegaba la puerta me pedía para estar aquí, yo decía que no tenía más cupo e - no me hace mal, das en allí, no quiero estar aquí afuera, no más aí me pasó, la grama. A parte que tenía un jardín precioso, una grama así bonita, todavía no se logra retornarlo (Informação oral, Diretora, Instituto Madra Assunta, Tijuana, 2018)*

A chegada dos haitianos fez com que alguns abrigos existentes ampliassem sua capacidade de acolhimento. Surgiram novos albergues na cidade, especialmente fomentados por instituições evangélicas e civis independentes e novas organizações da sociedade civil que passaram a receber migrantes, embora sem financiamento fixo ou estruturas físicas adaptadas (CSEM, 2019, p. 101).

Um informante de um albergue em Tijuana conta como iniciaram o atendimento com esta população. Um dos aspectos interessantes levantados em sua fala se refere ao espanto das pessoas com a mudança de público, que antes era de mexicanos deportados ou que chegavam para cruzar aos EUA:

---

<sup>102</sup> Nas falas e em alguns textos de internet a cifra chega a 22 mil migrantes haitianos, optamos por colocar a cifra da CNDH.

*(...) Todavía en 2016 teníamos lonas nada más porque iniciamos un programa de ayuda para esta comunidad que llegó aquí de la comunidad afrodescendiente que fue demasiado en el 2016, implementamos ahí un campamento en la parte trasera de la organización un patio que es de tierra o era de tierra sin lonas y las conseguimos después la adaptamos con una lona y pusimos casitas de acampar no? ahí atendimos nosotros a la comunidad migrante de la comunidad este... afrodescendiente, o haitiana o africana, pues donde vine.. vino una cantidad enorme nosotros estuvimos atendiendo a un promedio de 240 personas una máxima capacidad del lugar donde no llegamos dónde colocar a la gente, y bueno pues por nos aventarnos todo el 2016 y parte del 2017 eh... con el albergue campamento, por la comunidad haitiana y claro por unos cuantos mexicanos aunque al final si fue basado [o aumento da capacidad do albergue] realmente no nada más mi albergue pero en todos los albergues de la ciudad por esta comunidad que no se escuchaba ahí como que decían "qué onda, qué está pasando con nuestros deportados, nuestros mexicanos o nuestra gente que venía del sur" pero sí fue rebasada porque era demasiada la gente (...) (Informação oral, Diretor do albergue Juventud 2000, Tijuana, 2018)<sup>103</sup>*

O albergue funciona em um local que dá impressão de improvisado. Os migrantes dormem em barracas de lonas. Em todas as entrevistas do período são citadas a população haitiana como um marco para o aumento ou a criação de espaços para o atendimento à população migrante e adaptação ao contexto. Em uma das instituições visitadas, há inclusive a tradução dos avisos para o crioulo

*De otra etnia como los haitianos que no hablaban español este entonces cuando hay una variedad de idioma es un poquito más difícil poder ayudarlos más de darles las necesidades básicas. De hecho, cuando hubo el flujo de haitianos yo no estuvo, pero muchas formas las cambiaron, las hicieran bilingües, otra parte está en creole. (Informação oral, Assistente Social Estagiária, Instituto Madre Assunta, Tijuana, 2018)*

No entanto, o mais importante para esse ponto é observar a resposta, que considera uma ajuda feita de “*manera amplia y generosa a la población haitiana*” (DEL ROSARIO, 2020, p. 30), tanto institucionalmente, como da sociedade no período da chegada massiva dos migrantes haitianos.

Foram grandes as mostras de solidariedade da população, os albergues receberam muitos donativos. Durante o trabalho de campo, por exemplo, foi possível observar que em um dos albergues havia um cômodo ainda cheio de roupas (as roupas faziam um monte até o teto), que ainda não havia sido possível triar e dar utilidade pelo pessoal do albergue.

A informante, explicando porque havia decidido se voluntariar em um albergue de mulheres conta sobre a mobilização: “*cuando pasó de los haitianos tu no imaginas na cantidad*

---

<sup>103</sup> Entrevista realizada por Igor B. Cunha.

*de gente que se desbordó para ayudarlos, en el comedor de Padre Chava, aquí al lado, en las escuelas, pero la ayuda era más para los hombres (...)*” (Informação oral, voluntária de Albergue, Tijuana, 2018).

Com a chegada dos haitianos foi realizada uma força-tarefa para acolher, integrar e regularizar a população haitiana após o fechamento da fronteira estadunidense à essa população.

*La subiguiente crisis suscitó un gran apoyo por parte de distintos sectores de la sociedad tijuanaense, incluyendo a diversas asociaciones civiles y albergues. Incluso se crearon nuevos grupos dispuestos a proporcionar asistencia a la población haitiana, como los conformados por las ONG y académicos de varias instituciones locales, los cuales se englobaron en el recién creado Comité Estratégico de Ayuda Humanitaria de Tijuana.* (SANCHÍZ, 2019, p. 90)

Os haitianos começaram a viver na cidade e ocupar um bairro que atualmente chamaram de “Little Haiti”, onde vive a maioria dos 5 mil haitianos que fixaram residência na cidade.

FIGURA 55 – BAIRRO LITTLE HAITI, TIJUANA



FONTE: EL SOL DE TIJUANA

Contudo, a solidariedade parecia não chegar a todos os tipos de migrantes. Em reportagens e textos, se pode ver que a população que auxiliava aos migrantes haitianos muitas vezes não estava disposta a ajudar outros tipos de migrantes, como deportados e migrantes centro-americanos, como explica Alejandro Agudo:

*En mayo de 2017, los responsables del albergue Casa del Migrante, perteneciente a la Congregación de los Misioneros de San Carlos — más conocidos como scalabrinianos —, me transmitieron su molestia por la excesiva solidaridad mostrada por la sociedad civil local hacia los haitianos,*

*en detrimento de la ayuda requerida por los numerosos deportados que conformaban el grueso de la población desplazada en Tijuana; uno de ellos incluso llegó a atribuir la simpatía despertada por los migrantes procedentes de Haití al hecho de que se trataba de “negritos que hablan francés”.* (SANCHÍZ, 2019, p. 91)

Em outro momento da pesquisa do autor, ele afirma que o discurso na cidade era que muitos locais preferiam empregar haitianos, que conseguiam trabalho mais rápido, pois, “*Los haitianos no se roban nada; en cambio, si usted deja una cartera allí, un mexicano se la lleva*” (SANCHÍZ 2019, p. 92). Em outro relato, a administração de um restaurante, que contratou mulheres haitianas afirmava: “*ellas, como están en riesgo por su situación, trabajan bastante, hacen caso y no roban nada*” (SANCHÍZ, 2019, p. 93).

O relato de pesquisa de Castro Neira também testemunha a mudança de “*ciudad migrante*” para uma cidade que rejeita os migrantes das caravanas mais recentes:

*Por esa época, habitantes de la ciudad se ufanaban de ser parte de una ciudad tolerante y abierta a la llegada de migrantes. El arribo de muchos migrantes de Haití había generado una ola de apoyo y colaboración que llevó a muchas personas a definir Tijuana como una ciudad migrante. Sin embargo, pasados apenas dos años y tras el arribo masivo de las caravanas con migrantes centroamericanos y particularmente hondureños, todo ello ha cambiado* (NEIRA, 2019, p.15).

O prefeito da cidade de Tijuana, Juan Manuel Gastélum, segundo extrato de reportagem coletado por Alejandro Agudo Sanchíz (2019, p.93)., afirma: “*los haitianos venían con documentos, su visión clara. Lo principal es que llegaron ordenados, llegaron respetuosos, rentaron apartamentos y hacían su propia comida*”.

Nas entrevistas que realizei em Tijuana no início de 2018, antes das caravanas, já era possível perceber nas falas uma rejeição, e até um racismo maior ao migrante centro-americano. Segundo uma das informantes, os centro-americanos ficam mais vulneráveis e, apesar de este ser o maior fluxo histórico de migrantes na região possuem mais dificuldades de regularização que os haitianos.

*Entrevistador- (...) ¿Hay algunos grupos dentro del grupo de los migrantes que necesiten de alguna atención específica o que sean más vulnerables en algunas cuestiones?*

*Entrevistada - Sí, claro, y no sé si coincida con todas las personas con las que has preguntado, pero los centroamericanos a pesar de que ha sido el flujo más grande de migrantes extranjeros que ha durado toda la vida aquí en México y especialmente en Tijuana, este, siguen habiendo muchos problemas para su regularización migratoria, para que encuentren algún empleo, la situación es más de racismo por parte a veces de la comunidad hacen estos*

*centroamericanos un poquito más alter a otro a un haitiano, entonces Tijuana es muy abierta, pero aun así es más difícil encontrar luego un empleo para una persona centroamericana que quizá un haitiano, es más difícil tramitar documento de regularización para un centroamericano que para un haitiano inclusive hasta que no llegó en flujo de haitianos aquí a la ciudad fue que empezaron a ver más facilidades para su regularización migratoria, antes de eso el centroamericano batallaba muchísimo más, ahorita ya tenemos más facilidades para que si viene ahorita un centroamericano y yo le diga "ah, mira puedes ir al centro de migración con estos documentos y lo puedes hacer" pero aun así, bueno, no deja de ser más vulnerable el centroamericano (...)* (Informação oral, Assistente social, Casa del Migrante, 2018)

Se considera pelo exposto que houve uma diferenciação positiva com relação ao tratamento dos haitianos em Tijuana. Assim, é possível traçar um comparativo da recepção da cidade com estes 2 grupos de migrantes [haitianos e centro-americanos] no que tange a recepção das autoridades, instituições, albergues e a própria sociedade. Além disso, é possível comparar a receptividade a várias nacionalidades distintas em seu trajeto pelo México, não somente em Tijuana como em todo o país.

A mídia retratou de forma muito diferente as duas diásporas. A população haitiana foi retratada como uma população dócil, trabalhadora com grande necessidade de ajuda. Uma hipótese para esse fenômeno é que os desastres naturais que o país sofreu coloquem estes migrantes sob uma luz mais favorável. Outra possibilidade é que a exotização e complacência direcionada muitas vezes à população afrodescendente em países pobres pode gerar maior solidariedade, pois há também um componente hierarquizante na relação doador/receptor de ajuda e migrantes afrodescendentes cabem bem neste imaginário de subalternidade. O que não significa que os haitianos no México não sofram a sua cota de racismo, xenofobia e discriminação, como veremos adiante.

Além disso, Valles (2020, p. 290) apresenta, para esta diferenciação no tratamento das populações o conceito de “*respectability politics*”, usado pelos negros estadunidenses para se distanciar dos aspectos estereotipados e desrespeitados de suas comunidades, neste caso adaptados a diferentes contextos globais de cada país, porém herdados pelos afrodescendentes.

A diáspora centro-americana, apesar de ser cultural e fenotipicamente mais próxima aos mexicanos, traz o estigma da criminalidade e a própria proximidade geográfica e cultural é uma hipótese que pode gerar mais discriminação e rejeição do que se poderia pensar a princípio.

*In media and interpersonal exchanges, Haitians and other Black migrants are often lifted up as hard working, enterprising, grateful, and docile, which makes them more deserving and able to assimilate locally in ways that reinforce model minority myths. Meanwhile, Central Americans, and especially those associated with the caravans, or caravans, are portrayed in*

*the Mexican press and social media as overly dependent, demanding aid, and linked to crime. (VALLES, 2020, p.290)*

O caso da discriminação aos centro-americanos tem a sua complexidade, pois está relacionada com a própria visão que o México tem de si e de sua identidade. Além disso, o estereótipo do centro-americano carrega as mazelas da região e que eles mesmos enfrentam: o crime e a violência, um estereótipo difícil de reverter.

#### **4.2. A construção do migrante como ameaça**

Para Torre Cantalapiedra (2019, p. 6-7) a construção do migrante como uma ameaça é uma construção social multidimensional. O autor indica a existência de 4 vertentes de ameaça: 1) ameaça à economia nacional com o mito de que eles roubam empregos e aumentariam a carga no orçamento público, especialmente em momentos de menos oportunidades; 2) ameaça à cultura e a identidade nacional, por trazerem uma cultura distinta – o tema da homogeneidade; 3) ameaça à segurança nacional, pois são vistos como delinquentes – mesmo quando nenhum estudo comprove uma taxa maior de criminalidade entre os migrantes que entre os nativos, e também com a ideia da ameaça terrorista; e por fim, 4) ameaça à saúde pública, com o mito de que seriam transmissores de doenças infecciosas colocando os nacionais em risco.

A pandemia do COVID-19 trouxe uma conjuntura onde é possível ver claramente um exemplo desta dimensão. Todos estes fatores aumentam o medo, os discursos são sempre na direção de caracterizar uma população que se deve temer. A informante explicita vários desses mitos, que são considerados ameaçadores

*(...) y también es su falta de conocimiento, ósea en general había como muchos mitos y si sigue existiendo muchos mitos hacia la población migrante, que portan enfermedades, desde que únicamente se criminaliza, que ellos son delincuentes que como la mayoría, como ellos son de Centroamérica, que necesariamente son mareros. Entonces que estos estereotipos si hay xenofobia hacia las personas migrantes entonces salieron a la luz, mucha gente cuestiono también, sino les gustaba la comida, pero no hubo esa percepción o entendimiento cultural que si tenemos con otro tipo de poblaciones extranjera, ósea si llega alguien de suiza o alguien de estados unidos, lo primero que hacemos es como cobijarlo y llevarlo a otros espacios, pero aquí con la población no entendían que no comía picante, no se entendía que para ellos el chicharrón no es algo común no, que en México si, y que se entiende, después de haber caminado tanto tiempo pues no se te antoja comer eso, ósea no, ni a nosotros, es como en diferentes momentos, pero a veces uno no se pone en el lugar de la población no, es más fácil criticar y decir, pues seguir contribuyendo a la xenofobia que había, porque eso nos pasó mucho. (Informação oral, Funcionário CNDH, Cidade do México, 2019)*

Como vimos, a visão do migrante no México se alterou muito desde as caravanas. Antes das caravanas o migrante não era visível, portanto, estes discursos de ameaça não eram tão frequentes.

A professora Odile Hoffmann (Congresso ALA 2020) trata do tema a partir destas 4 vertentes de ameaça que Torre Cantalapiedra (2019) propõe. Hoffmann explica que na primeira ameaça, à economia nacional, os migrantes que atravessam o México não se enquadram, pelo fato de que, em sua grande maioria, estão somente de passagem pelo México e, portanto, não chegam a competir de verdade pelos postos de trabalho.

Com relação à segunda ameaça, para Hoffmann, o México compartilha muito das bases culturais com os povos centro-americanos [inclusive não se diferenciam tanto fenotipicamente], sendo assim difícil pensar em um grande discurso de diferenciação. E com relação à ameaça sanitária, esta não seria frequente e sim sazonal, como vem sendo na atualidade com a pandemia de COVID-19.

Sendo assim, apenas a ameaça com relação à segurança nacional realmente está presente no contexto mexicano. A tese defendida é a de que a ameaça no México é construída principalmente sobre a criminalização e somente depois ela chega às outras dimensões descritas, o perigo do outro repousa em sua característica de criminoso (Hoffmann, ALA, 2020)

De acordo com a professora, de fato a ameaça à segurança nacional foi e ainda é a mais presente durante os últimos anos no México. Contudo, as ameaças apontadas por Cantalapiedra (2019) conformam um discurso universalizado de rejeição ao migrante e se embasam em mitos e não na realidade. Mesmo em lugares onde, distintamente do México, sempre foram países de destino, todos esses potenciais de ameaça, se forem pesquisados a fundo, resultarão falsos. Conclui-se, portanto que a força do discurso antiimigrante se baseia mais em mitos do que em situações reais de conflito social.

A organização Cáritas<sup>104</sup>, organizou em um texto alguns desses mitos, como *Leyenda x Realidad*. Muitos deles são os mesmos que expõe Cantalapiedra (2019), outros também vão na mesma direção dos discursos que se escuta no México. Copiamos abaixo algumas destas lendas de maneira breve, para ilustrar, com dados no site que embasam a desconstrução:

---

<sup>104</sup> <http://journey.caritas.org/es/algunas-leyendas-sobre-la-migracion/>



TABELA 5– MITOS QUE AMPARAM O DISCURSO ANTI-MIGRANTE

<i><b>Leyenda</b></i>	<i><b>Realidad</b></i>
<i>Nunca ha habido tantos migrantes y refugiados</i>	<i>El número de migrantes como porcentaje de la población mundial ha permanecido constante</i>
<i>Los migrantes y los refugiados viven de las prestaciones sociales y roban</i>	<i>Los migrantes pagan más impuestos que las prestaciones que reciben y hacen trabajos que la población local rechaza</i>
<i>El cierre de fronteras frenará la marea de migrantes y refugiados</i>	<i>Cerrar las fronteras realmente puede aumentar la inmigración - Las duras restricciones pueden tener consecuencias imprevistas</i>
<i>La población de los países pobres emigra a los ricos</i>	<i>La mayoría de los migrantes se desplazan entre países en desarrollo</i>
<i>Los inmigrantes minan la identidad de los países de los reciben y provocan enfrentamientos culturales</i>	<i>Los inmigrantes ayudan a que las sociedades sean más variadas y dinámicas</i>
<i>Los países no obtienen ningún beneficio de los inmigrantes</i>	<i>Los inmigrantes traen habilidades, crecimiento económico y enriquecimiento social</i>

FONTE: Tabela elaborada pela autora a partir de dados da Organização Cáritas

#### 4.2.1. Criminalização

No caso do México, e especialmente com a migração centro-americana, o discurso antiimigrante estigmatizado é o mesmo vigente nos Estados Unidos, transformado em uma ideologia de criminalização transfronteiriça. A população, os meios de comunicação e as autoridades atribuem aos migrantes um perfil de criminalidade, mendicidade e toxicod dependência (ALBICKER; VELASCO, 2016).

A criminalização também se baseia na violência de grupos criminosos, da qual muitos migrantes vêm fugindo nos seus países de origem. Esse discurso acaba essencializando todos os migrantes em torno de atributos negativos e de sua indocumentação (ALBICKER; VELASCO, 2016, p.114).

A criminalização começa com a entrada ou retorno de migrantes através das fronteiras mexicanas, especialmente no momento da entrada, sem o conhecimento das autoridades. A "ilegalidade" dos migrantes está na agenda dos Estados Unidos há muitos anos. Como afirma Alejandro Agudo Sanchíz (2019, p. 85), "(...) *la ilegalidad contribuye a mantener bajos los salarios, crea una fuerza de trabajo dócil y reduce el importe de algunos productos de*

*consumo, además de transferir a México —mediante la deportación— los costes sociales implicados para los migrantes”.*

Em Tijuana, a população, a mídia e as autoridades dão aos migrantes um perfil de criminalidade, mendicância e drogadição, conforme afirma o estudo sobre o estigma do migrante na cidade de Laura Velasco e Sandra Luz Albicker (2016). A criminalização também se baseia na violência de gangues, da qual muitos migrantes estão fugindo.

O estigma de criminoso não é somente direcionado aos migrantes estrangeiros. A informante nos explica que há muito racismo contra os centro-americanos, que é também vivenciado pelos migrantes que foram deportados, pois apesar de serem mexicanos, carregam o estigma criminal na medida em que se acredita que a deportação aconteceu em virtude de terem cometido um crime. Esse foi motivo mais frequente de deportação nos anos anteriores, mas nos últimos anos tem se alterado bastante, de acordo com as políticas migratórias estadunidenses recém implementadas.

*Yo creo que en general hay Mucho racismo contra personas de Centroamérica, en México, luego de migrantes que son retornados de Estados Unidos como mexicanos que estaban viviendo en Estados Unidos hay un estigma muy fuerte que se cree que si fuiste deportado es porque hiciste algún acto criminal, cosas de esas personas llevan mucho a conseguir trabajo, conseguir alojamiento, simplemente porque hay como este estigma y un poco también creo de xenofobia, ya tú te fuiste de tu país y ahora quiere volver pues no. (Informação oral, Funcionária, IMUMI, Cidade do México, 2019)*

Em Tijuana existe um espaço chamado “El Bordo”, onde vivem, especialmente, migrantes que foram deportados ou que tentaram entrar nos Estados Unidos sem sucesso e ficaram desabrigados.

Em um estudo com estas pessoas, os autores explicam que muitas das dificuldades que sofrem decorrem do estigma: *"el estigma se construye al asociar la condición de deportado con prácticas criminales que advierten del potencial delictivo de los cientos de personas que cada día llegan a la ciudad"* (ALBICKER; VELASCO, 2016, p.114).

Às vezes, mesmo os próprios migrantes expressam esse discurso. Em um relato de uma entrevistada migrante hondurenha sobre sua estada em Tapachula, local em que tramitou seu visto humanitário de três meses, fala sobre os problemas e condições que enfrentam na procura de trabalho devido a preconceitos sobre eles na região. Em sua opinião, a comunidade tem motivos para temer que muitas pessoas cometam crimes:

*Ahí en Tapachula<sup>105</sup> no los quieren mucho [a los migrantes], y como le digo nos costó a encontrar trabajo porque no le dan trabajo a uno por lo mismo. Por unos pagamos todos. Allá a los migrantes no los quieren, y yo, las personas no es que sean malas sino es que ellos tienen toda la razón, para mí que dicen que la gente es mala, que no son malos, sino que se van a su comunidad hacerle daño, a asaltarlos ¿cómo va a actuar diferente con uno? Algunas personas se da la oportunidad de conocerlos y los catalogan igual que todos y eso es el problema ahí en Tapachula. Ahí no quieren migrantes porque han hecho muchos desastres. (Informação oral, M. Migrante hondureña, Tijuana, 2018).*

Em outra entrevista na Cidade do México, o funcionário de um albergue explica os desafios de trabalhar com adolescentes centro-americanos, indicando que a maioria dos adolescentes que são dessa região tiveram sim o contato com os grupos criminosos, que este seria o perfil, são pessoas que vêm de ambientes violentos. Além disso, eles sofrem violações quando são detidos nas estações migratórias. Quando chegam ao albergue, é preciso mudar a chave dessas pessoas para voltarem a ter uma vida normal e o estigma de criminosos dificulta este trabalho.

*Exactamente, digo aquí todo es muy complejo que es bueno, como trabajas con este perfil que está llegando, si llegan desde al principio ves que traen una carga de estigma muy fuerte, o sea, que lo traen como un criminal, digo no porque aquí no tengamos el perfil, aquí hay chavos que han estado en las maras, chavos porque justo por el esquema de vida que hay en los países, o sea si tiene 14 años y viene de Honduras, o de el Salvador seguro tuvo algún tipo de contacto con esta medio, ha visto como han matado, con bandas y con maras, segurísimo, entonces ya desde ahí con ese perfil que estamos trabajando. También de ahí desencadenan consumos, adicciones, que también hemos trabajado con ellos, entonces desde ahí es como vamos empezando un poco y equilibrando y ayudarles ahí a definir que van a querer hacer. ¿Pero también con todo lo que nos dejan, nosotros seguir documentando y posicionando en estos espacios, sabes? Por eso también está como tan criminalizada la labor de los defensores de los derechos humanos y más de personas migrantes, lo que estás evidenciando cosas que no están funcionando, cosas que no están haciendo como deben de hacerlas y cosas que ponen en riesgo si se apoya a las personas que estamos trabajando aquí en este tipo de espacio (...). (Informação oral, Funcionario Cafemin,, Cidade de México, 2019).*

Um dos relatos mais xenófobos obtido no trabalho de campo foi o de um taxista em Acayucan. O senhor mexicano se posicionava firmemente contra a população migrante e atribuía a ela o estigma de criminosos, exemplificando o seu ponto com a história de um Acayuquenho homossexual que sofreu homicídio, e que, segundo este senhor, o responsável era um migrante que ficava pedindo dinheiro na porta de uma loja de conveniência próxima ao

---

<sup>105</sup> Tapachula é uma cidade mexicana situada no estado de Chiapas e fronteira com Guatemala.

ocorrido. O extrato de fala do taxista é bastante ilustrativo e será reproduzido abaixo sem cortes porque possui muitos elementos discutidos nessa parte do trabalho.

*Taxista: Sabemos que la economía tal vez en otros países, no sé, es diferente a México. A lo mejor México también anda por los suelos en la economía. Pero hay otros países, también de Latinoamérica, que está más baja su economía. Y entonces se entiende, pero hay gente que viene de allá y que viene (ahora sí, como decimos en México) a hacer su desmadre. No vienen a querer estar bien, querer trabajar, a querer vivir. Porque nosotros aquí; por ejemplo, yo en mi caso, yo soy pobre. Yo aquí trabajo. Soy pobre y me dedico a trabajar. No busco por ejemplo robar a una muchacha, violarla o quitarle sus pertenencias y ellos si lo hacen, y nosotros no lo hacemos. Y por eso a veces por unos pagan todos.*

*A veces uno los ve y dicen “pobrecitos” tal vez también vienen sufriendo de sus países, ¿pero porqué se vienen? A veces se vienen porque tienen problemas en su país, porque cometieron algún delito también por allá. Obviamente, como te comento, no son todos, pero por uno pagan todos.*

*Había un amigo, ¿hace cuánto que llegaste aquí?*

*Entrevistadora: un mes.*

*Taxista: Hace como tres meses, posiblemente cuatro. Un amigo, no sé si de Cuba o El Salvador o de Brasil, pero era de por allá. Ese amigo vino y se ponía en el OXXO [loja de conveniência que vende alimentos, bebidas, etc.], que está aquí. Todo el tiempo allí se veía, en el tope pidiendo monedas. Se quedaba, precisamente a dónde vas, allí a dónde vas en Oluta. Porque unos allá se quedan. Entonces me dijo una vez “llévame” y yo no lo quise llevar porque las personas que veo medias así, no las llevo. Bueno, un hombre que se ve fuerte, que se ve sano. Por ejemplo, aquí hay un chavo que trabaja en la pollería, lo ves barriendo y trapeando cabrón se quiere ganar la comida sanamente, humildemente, se ve bien. Ese amigo todo el tiempo pidiendo moneda. Nosotros como mexicanos tenemos esa costumbre, de que somos pobre, pero si me sobran 10 o 15 pesos, ten no hay problema, no somos racistas.*

*Ese amigo siempre pedía. Pero bueno era mayate, ¿sabes que es mayate?*

*Entrevistadora: no*

*Taxista: Son a las personas que le gustan andar con un gay. Se encontró un gay y se lo llevo, allí está el panteón, se lo llevo para allá a hacer sus cosas. Entonces, no sé qué sucedió. A lo mejor el gay no le pagó lo que él quería o no sé si por robarle (imagino porque el chotito o gay, tenía lana, tenía buen empleo) entonces lo mató. El amigo ese mató al gay, allí en el panteón.*

*Y era extranjero no era de aquí. Te digo, comúnmente aquí en Acayucan, yo siempre he vivido aquí. Soy de Acayucan Veracruz. Jamás de los jamases vas a encontrar que una persona de aquí de nosotros vaya a matar a un gay, jamás. Porque nosotros tenemos la costumbre o la cultura de no andar con gays. Ósea es respetable.*

*Entrevistadora: ¿y no hay nadie que sea homosexual?*

*Taxista: Ósea sí, pero comúnmente no son de los que andan a la vista. Si lo hacen por allá a escondidas. Entonces ese amigo mató al gay. Y pues se hizo un relajo grande y llegaron a dar la conclusión de quien era. Y está en el reclusorio, le dieron como 30 años de prisión. Aquí en el reclusorio de Acayucan.*

*Ósea casos como ese se ven seguido. De que agarran a muchachas se las llevan y las violan. Cosas que comúnmente aquí no sucede. ¿entonces quienes lo hacen? Los que vienen allá.*

*N.v. ¿aquí no hay criminalidad, no hay personas que también violen mujeres, robos o asaltos?*

*Taxista: Mira te voy a comentar, si hay, pero por ejemplo yo no voy a violar a una mujer. Comúnmente no se ve. Vamos a suponer tienes tu esposo o tu pariente y te cae mal, entonces tú lo denuncias por violación, pero es mentira. Es raro que se vea ese tipo de situaciones, comúnmente no.*

*Entrevistadora: ¿entonces no les gusta que tengan a esas personas aquí?*

*Taxista. Pues sinceramente, en mi persona no, porque son flojos. No vienen queriendo trabajar. Nosotros somos pobres, pobremente trabajo. Y gano poquito, gano al día 200 a veces 300, puede ser que 100 pesos. Y no me pongo a robar, no quiero asaltar a la gente. Lo que pasa que ellos vienen con la idea de ganar mucho dinero y regresar a su país tal vez con mucho dinero. Y no es así, tienes que venir con la cultura de venir a vivir y observar, ver cuál es la mejor opción para ti. Bueno esa es mi mentalidad.*

*Yo como voy a venir y ya porque veo voy a robar y me voy a mi país, o voy a matar a una persona porque trae dinero. Cosas que no deben de suceder, por eso, en parte yo lo veo mal. Todos quieren andar aquí bien arregladitos y no quieren trabajar. Pero por unos... pagan todos*

*Te voy a decir algo, no todas las personas son iguales. Hay de todo. Muchos vienen con la finalidad o con la idea de ir a Estados Unidos. Yo tuve la oportunidad de ir a Estados Unidos, yo tengo papeles pasaporte. Pero no me gusta. De hecho, ahora quiero ir a Canadá.*

*Entrevistadora: hay muchos mexicanos que hacen la vida por allá ¿verdad?*

*Taxista: Pero los mexicanos no se quedan por allá a vivir ¿verdad? Van a trabajar y se regresan*

*Entrevistadora: algunos se quedan por más de 20 años...*

*Taxista: Sí, pero están haciendo para México, no para quedarse allá.*

*Entrevistadora: ¿allá también les creen flojos y esas cosas?*

*Taxista: Por lo regular a los mexicanos no, a los que creen flojos son a los afroamericanos, a los negros. Son los que son flojos. De hecho, hay muchos salvadoreños que dicen que son muy trabajadores. Hay otros que dicen que no, como te digo hay de todo. De hecho, como mexicanos también somos discriminados. Por esa razón yo fui, pero no me gustó nada. Hay gente que si quiere ir. La verdad que yo si voy, aunque traiga papeles te detienen, a ver tus documentos. Como que abusan de su autoridad. Porque eso no es correcto para nadie. Yo te veo a ti y ya porque no hablas bien el español ya voy a venir oye a ver tus documentos. Como sé que no eres chicana, que tienen padres mexicanos. No te puedo interrumpir en tus labores para pedirte tus papeles, las leyes estadounidenses son racistas. Entonces así es la situación ...  
(Informação oral, taxista, Acayucán, 2019)*

Há muitas partes interessantes nesta fala, diversos preconceitos e manifestações que podem ser enumerados: xenofobia, homofobia, classicismo, racismo. A forte estigmatização, a convicção de que se trata de uma população criminoso, violenta e preguiçosa. Nota-se também uma dificuldade em relacionar a situação dos migrantes mexicanos nos EUA com a dos centro-americanos no México, em colocar no mesmo patamar, apesar de conseguir reconhecer o racismo sofrido pelos mexicanos nos Estados Unidos.

A versão de uma funcionária do albergue para o acontecido com o acayuquenho morto é bem diferente. Segundo ela, não há possibilidade de ter sido o migrante que ficava na porta do OXXO, mesmo assim ele acabou levando a culpa pelo assassinato do rapaz:

*Pues mira, resulta que el chico había tenido conflictos en su país, pero también tenía arranques, tenía trastornos psiquiátricos, pero él estaba rehaciendo su vida, estaba bajo tratamiento, estaba bien y el solo pedía en el OXXO que está por allá por el centro y el solo abría y cerraba la puerta. (...) Nos enteramos después de lo que pasó. El chico gay se había involucrado con la mafia y había quedado deber dinero y como no pagó..., a parte, el chico defendía los derechos como de la comunidad y eran como de los que más les tiraban a los delincuentes y él era quien encabezaba esta campaña, era lógico que si no lo mataban el crimen lo iban a matar a quienes le tiraban. (...) culparon pues quien abría y cerraba la puerta no encontraron a otro más menso que este, ah porque es migrante y lo metemos a la cárcel, nadie se va a enterar este si está en la cárcel nadie lo va pelear (...) entonces lo culparon a él, y pues que pasó nadie lo reclamó. Derechos humanos si se estaba quejando porque qué motivos tenían para culpar el chavo, ósea, que era porque estaba tatuado. Pues si hay muchos de los que tenemos tatuajes y no quiere decir que seamos maleantes, pero no, entraron a otro más. Se infiere que más adelante los agarraron, porque ese para empezar al que metieron era como “flaco” y al chavo que mataron era alguien como un chavo alto y gordo. Osea, el gay le pudo haber pegado. Ahora se infiere que fueron más personas. (...) El chico tú lo veías, no se metía con nadie, el solo te pedía dinero que te abría y cerraba la puerta (...) ahora en un tramo de una hora pues ya está obscuro, pues no encontraron a quien más culpar. (Informação oral, Funcionária, Albergue Ranzauer, Oluta, 2019)*

É interessante perceber no discurso do taxista que ele mesmo foi migrante nos Estados Unidos, e pretende ir ao Canadá, ele não somente reproduz, mas também mascara a própria vivência. Da mesma forma, não consegue perceber a situação dos outros migrantes em sua terra natal como algo similar.

A criminalização é um dos discursos mais difíceis de enfrentar, porque desumaniza os migrantes e os torna sujeitos sem direitos, alimentando um tratamento diferenciado à essa população, o que além de aumentar a sua vulnerabilidade, os exclui do reconhecimento de sua cidadania (ALBICKER; VELASCO, 2016, p.114).

Como explicitado pelo funcionário do albergue na CDMX, trabalhar com este público também tem criminalizado o trabalho dos defensores de direitos humanos, especialmente os defensores de migrantes, trabalho este que será como será discutido mais detidamente adiante.

#### 4.2.2. A construção do bom migrante

Com a visibilização da migração centro-americana no México, as instituições que trabalham com migrantes e refugiados têm incentivado as solicitações de refúgio e apostado na narrativa do refúgio para sensibilizar a população. Especialmente por parte da ACNUR e de instituições sócias, tem sido feito um trabalho de divulgação do refúgio para todos os migrantes que chegam.

Apesar de o migrante “regular” e o refugiado, ambos sofrerem xenofobias, racismos e discriminação, há graus de acordo com a visão que se tem da condição de cada um. A questão da escolha e das circunstâncias que se dá a mobilidade faz diferença na aceitação. Segundo uma funcionária do ACNUR, o refugiado é o que corre risco de morte, então a pessoa que foge nestas circunstâncias já é uma refugiada, somente é preciso reconhecer perante o Estado receptor a sua condição.

*Reconocer, esto es muy básico por que el refugio no es el que se da es algo que se reconoce, yo soy refugiada en el momento en que mi vida está en peligro en mi país y que ese país no puede o no quiere protegerme, eso me hace refugiada a donde yo vaya por esa situación no tiene nada que ver con que yo esté sufriendo esa persecución o ese peligro (...) (Informação oral, Coordinadora, ACNUR, Acayucán 2019).*

O refugiado então, a partir desta construção, é aquele que não teve escolha, e que foge de seu país para preservar a sua vida. Este argumento que é mais facilmente compreensível para os nacionais e as instituições do que a busca por melhores condições de vida. Inclusive, um migrante afirmar estar buscando melhores condições de vida, ou seja, a sua mobilidade por razões econômicas, também afeta o reconhecimento como refugiado, especialmente se ele tem como objetivo final ir aos EUA, como explica em entrevista uma funcionária do ACNUR.

*(...) en el contexto mexicano es algo que tenemos que repetir todos los días por que el hecho de que la persona se quiera ir a Estados Unidos no significa que no es refugiada, lo que lo hace refugiado es que esté en peligro en su país, entonces es algo que forma parte que hacemos todos los días en recordar eso (...) (Informação oral, Coordinadora, ACNUR, Acayucán 2019).*

Para a funcionária, primeira coisa que eles têm que fazer quando começam a trabalhar com essas pessoas é convencê-las, ou seja, fazer com que saibam que são refugiados. Segundo a informante, eles desconhecem o que é um refugiado e, por isso eles não se reconhecem como tal, o que torna muito difícil que as instituições também os reconheçam a partir dessa condição.

Assim, a informante explica que existem duas questões nesse ponto de reconhecer-se como refugiado. A categoria de refugiados é uma categoria de concepção mais complexa para pessoas mais simples. A segunda questão é a violência, que é tão naturalizada nesses países que, muitas vezes, não é algo que lhes ocorre ser a principal motivação da sua saída do país.

*[...]los sentamos aquí le explicamos a la gente, primero tienes que identificarte como refugiado sabes, donde quieras tiene que porque no te iba bien porque cuando estamos con la gente le preguntamos porque te fuiste de tu país, no pues porque no hay trabajo y porque no hay trabajo empiezan a escarbar, resulta porque las maras los extorsionan porque las maras los tienen tomados de barco, porque hay empresas transnacionales tomando los campos para hacer este todo tipo de proyectos o sea por muchas razones que son persecuciones, pero él en ese momento no lo sabe porque un nivel educativo de primaria, entonces hay que entender hay que explicarles que primero se identifiquen, ellos solos que son refugiados entonces usted no puede volver porque su vida seguridad o integridad está en peligro es un refugiado y tiene derecho a ser reconocido como tal (...)(Informação oral, Funcionária, ACNUR, Acayucan, 2019)*

Hoffmann e Rodriguez (2021) explicam que essa diferenciação entre a população em mobilidade é uma dupla política migratória, pois aos solicitantes de refúgio se faz um esforço por reconhecer os Direitos Humanos, com todo o aparato de organizações internacionais, albergues, instituições públicas etc. com fomento e especialização e, por outro lado, essa estrutura não legitima da mesma forma aos migrantes “econômicos”. Esses são considerados invasores, “maus”. A estes funciona o aparato policial repressivo, ainda que quase sempre estarmos falando da mesma população em sua origem, na maior parte das vezes centro-americana ou caribenha, em trânsito pelo México. Essa dicotomia de bons x maus é reflexo de construções ideológicas racistas. Segundo Hoffmann: “*los “migrantes” se vuelven masivamente “solicitantes de refúgio” para escapar a esta estigmatización y discriminación*” (Hoffmann, 2020).

Para qualificar a população em mobilidade, a ACNUR no México tem feito um trabalho pesado de capacitar o pessoal dos albergues, pagar pessoal nas instituições sócias para que seja realizado este trabalho nas solicitações de refúgio.

Em conversa com um paralegal de um albergue em Oluta - Veracruz, ele explica que o trabalho que os paralegais têm feito, as informações que dão, e o trabalho auxiliando aos solicitantes com as histórias de vida ajudou muito nos processos de reconhecimento de refugiados nos três meses anteriores à entrevista. Atribuem a isso em parte ao aumento (de 70 ou 80%) nas respostas positivas as solicitações:



*De septiembre para acá hemos tenido ya como un 70% de reconocidos, pero es como hemos tenido que detectar herramientas o sea con todas esas herramientas y de todo el equipo, por ejemplo, COMAR tiene como que una entrevista y en esa pues piden pruebas, no, y el albergue como tal da asesoramiento y nosotros con nuestro legal y yo como paralegal trabajábamos historias de vida con migrantes estructurábamos bien sus narrativas un poco precisamente para ver lo de la entrevista y bueno legal se encargaba de decirles bueno vamos a buscar pruebas, vamos a buscar esto, vamos a buscar esto, vamos a comunicarnos con el consulado que él nos pueda brindar no sé una denuncia, nos puede brindar no sé una acta de defunción o sea algo complicado que se dé en honduras porque precisamente nadie denuncia, no, entonces sufres violencia, pero no hay denuncias por lo mismo por la seguridad no te genera los sectores. Entonces ese es como una estrategia que hemos llevado desde septiembre para acá y nos ha funcionado muy bien, o sea trabajar con ellos historias de vida y en base a eso pues ellos llevan ya van un poquito más preparados.*

*Entrevistadora: ¿Y sientes que ha aumentado?*

*Entrevistado: El índice sí, sí ha aumentado o sea de hecho pues le digo tenemos un 80% de septiembre para acá.*

*Entrevistadora: ¿Y antes?*

*Entrevistado: Era al revés era 40, 30% de refugiados. (Informação oral, Paralegal, Albergue Mons. Guillermo Ranzahuer, Oluta, 2019.)*

Todo esse aparato de organizações vem contribuindo para qualificar essas pessoas como refugiadas (e a maioria de fato é) e ganhando expertise no assunto, para conseguir estes apoios legais, regularizar os migrantes e até para auxiliar a narrativa. Contudo isso gera a dicotomia já explanada, dificultando o apoio aos que não poderiam ter o status legal de refugiados.

#### *4.2.3. Prática do racismo contra migrantes*

Nos períodos de campo, os entrevistados foram questionados sobre a existência de discriminação étnica e racial. O racismo é uma questão que tem estado muito nos discursos dos ativistas pelos direitos humanos dos migrantes e a compreensão atual é que o tratamento discriminatório direcionado aos migrantes tem muito a ver com o racismo.

A questão era direcionada de forma mais aberta a discriminação étnica, racial, de gênero e as respostas mencionavam cor da pele como uma questão, a tentativa for fazer questões que eles mesmos direcionassem para a qual discriminação identificavam entre as diferentes categorias discriminatórias.

Há muito a ser discutido neste ponto. Por um lado, há uma tendência atual à racialização de todas as pautas discriminatórias, pois a luta contra o racismo ganhou visibilidade e força, o que faz com que classificar como o racismo tenha mais força política. Por outro lado, há que se dividir e compreender bem as categorias sociais em torno do sujeito migrante para compreender

o que é racismo quando nos referimos ao migrante de trânsito. Nessa parte traremos os exemplos de campo para relacionar com discussão de categorias realizada no primeiro capítulo.

Não há um consenso a respeito do migrante em trânsito sofrer racismo no México, e apesar de a maioria das pessoas responder a esta questão afirmativamente, a resposta depende muito de o que o interlocutor entende por racismo, por discriminação étnica, por xenofobia etc., pois esses conceitos se mesclam nas falas e nas situações.

Em algumas entrevistas que realizei em Tijuana, se nega que a questão seja problemática, compreensão que se ampara no suposto bom tratamento dispensado a afrodescendentes americanos que passam pela região e aos migrantes haitianos que foram acolhidos há pouco tempo.

*Entrevistado: no para el color. Color chocolate ... carbón ... ¿qué diferencia hay?*

*Entrevistador: Sí ... ¿Aquí crees que no, que la sociedad lo ha acogido?*

*Entrevistado: No aquí. Yo creo que es más como una frontera, porque Estados Unidos trae muchos ... muchos morenitos también, si vieras... Ahora, en el sur, en el sur del país, ¿quién sabe cómo será? En Guadalajara la gente tiene sus ojos así ... azules, como en el sur de Brasil (...) (Informação oral, Diretora de albergue, IMA, Tijuana, 2018)<sup>106</sup>*

No trecho a seguir, uma das informantes expõe que é a vulnerabilidade da condição de migrante que promove a rejeição, e que não há dados suficientes para afirmar que a cor da pele é um fator que diferencia mais um estrangeiro que outro neste contexto.

*Entrevistadora - ¿Por el hecho de ser afrodescendientes, se las tratan diferente o no?*

*Entrevistado - No, sé, o sea cre que viven los mismos rechazos que vive la población migrante vulnerable, o sea como que pesa mucho es eso, pero si son como objetos de violencia. Pero si son como objetos de estas formas de violencias sutiles o como los chistes, los apodos, igual que cualquier otro extranjero utilizan su condición de extranjero para rechazarlo no? para no darle empleo, yo no he escuchado historias hasta ahora que por el color de piel habia sido rechazado, en alguna chamba por lo menos, no sé si lo tengamos como muy claro, si esta más relacionado con el, con la condición de extranjeros que... bueno ahorita que me lo preguntas, creo que si debe haber algo, pero nosotros no tenemos estas datos. (Informação oral, coordenador psicossocial, Sin Fronteras, Cidade de México, 2019).*

No México, outros fatores presentes nos discursos, conforme foi explicitado no caso dos haitianos, são a exotização da afrodescendência, a animalização e a sexualização de seus corpos.

---

<sup>106</sup> Entrevista realizada com Igor Cunha, entrevistado se refere a ele (CSEM).

A partir da experiência de campo, entretanto, observou-se que são fatores pouco trabalhados e discutidos como aspectos discriminatórios nestes espaços sociais.

*Un poquito de tu postura en términos de que creo que son varias formas de discriminaron no o sea el discurso si hacia lo latinos si es más agresivo es más una discriminación basado más en el rechazo y en la agresión en la estigmatización, pero creo que en las personas africanas, es más una cosa de exotismo o sea es como de mira el negrito no el negrito, el boshito oso bonito no, pero también está todo este estigma de eres negro entonces y sexualmente eres potente por ser negro (Informação oral, Coordenador psicossocial, Sin fronteras, Cidade do México, 2019)*

Na maior parte das entrevistas os informantes respondem afirmativamente, mostrando que a cor da pele, a "raça", foi objeto de preconceito e discriminação. Contudo, nota-se uma diferença nas entrevistas de 2015, 2018 e 2019.

Em 2019, foi muito mais fácil tratar esta questão e muitas vezes as questões de raça e racismo apareciam nos discursos sem precisar de uma pergunta específica. O advogado de um albergue de Tijuana descreve a rejeição a imigrantes afrodescendentes como a mesma existente nos Estados Unidos e conta episódios de insultos e em que foram atiradas bananas nos migrantes

*Sí, los discriminan. La ciudad está compuesta de diferentes nacionalidades, diferente gente, hay mucha gente que sí apoya, pero muchísima gente que tiene repudio, rechazo hacia el migrante, lo ven de color y... son duros. Cuando vinieron mucho los africanos, se vio en notas de periódicos, la gente de aquí o americanos, porque Estados Unidos es otro país que discrimina muchísimo, pasaban y les tiraban a los africanos cajas de plátanos y cosas, '¡cómete esto, cómete esto!' Pensando en el africano y el haitiano. Pensemos ahora de los centroamericanos, aquí cuentan esa parte que 'si trabajas ese es tu sueldo, si no le hablo a migración'. O 'no te pago'... hay muchísimo esa situación. (Informação oral, Advogado de albergue, Tijuana, 2018).*

O informante também aponta a ocorrência de discriminação pelo fato de não pagarem o dinheiro devido aos centro-americanos.

Os centro-americanos, de maneira geral, possuem um fenótipo e constituição étnico-racial bem parecida a da população mexicana, muitas vezes conseguindo não ser notado pela sua aparência que seria uma razão a mais para a discriminação.

Contudo, quando se fala de América Central há que se levar em consideração que há também grande diversidade étnico-racial nos países, inclusive populações afrodescendentes. Honduras é um país onde existem populações garífunas que são afrodescendentes, especialmente localizadas nas ilhas. Acerca desse aspecto, uma informante de Oluta conta que

na região estes migrantes sofrem discriminação pela cor de pele e que isso gera problemas na integração escolar destas crianças:

*(...) ahorita tenemos la situación de las personas de Honduras, en Honduras existe una etnia, los garífunas, y a ellos que por su color de piel aún más tienen el rechazo de la población local, a su color de piel, a los niños el rechazo para los niños en la escuela primaria, muy cruel, son muy pequeños que así sean y los demás niños por el color de piel lo rechazan, los niños ya no quieren asistir a la escuela y ahí también la compañera que es de educación también le toca la capacitación para los alumnos para los padres, maestros igual de sensibilización. (Informação oral, Psicóloga RET, Oluta, 2019)*

É importante notar aqui a Interseccionalidade ou entrecruzamento das categorias, das razões de discriminação. Os migrantes que já são discriminados, por serem de outra nacionalidade e por serem criminalizados, somam em seus corpos a questão da cor da pele. A discussão teórica da acerca da Interseccionalidade será tratada com mais detalhes na próxima seção.

Em outra entrevista, observa-se no discurso da informante que, independentemente da nacionalidade, ter um tom de pele mais escuro faria diferença no tratamento. A informante, que era mexicana com um tom de pele mais escuro, inclusive afirma que em algumas partes do país ela mesma já chegou a sentir essa diferenciação.

*Los que van a solicitar asilo político que son de otra etnia, como darle asesoría, como decirles... es difícil... o se van a quedar aquí en Tijuana si quieren solicitar trabajo les pagan poco, les ofrecen trabajos no muy buenos porque son de otras etnias, porque no hablan el idioma, porque a veces son negros, y aquí todavía existe la discriminación en México. No es algo de que se habla mucho, pero sí lo existe. Creo que estamos en otra relación (...) Entre tu tez, si tu tez es más morena<sup>107</sup>, sí te tratan diferente. Aquí en Tijuana no me ha pasado, pero en otras partes del país sí. Si te vas a un negocio no te atienden rápido, o así. (Informação oral, Assistente social 1 de albergue, Tijuana, Jan/2018).*

A entrevistada expõe que, além da questão da cor da pele, a questão da discriminação contra os migrantes devido à origem étnica e o fato de falar outro idioma, cada uma das características distintas da população nacional, tem o potencial de tornar-se um motivo de discriminação.

---

<sup>107</sup> A entrevistada em outra parte da conversa deu como exemplo que às vezes sofreu discriminação por ser uma mulher mexicana que tem um fenótipo mais escuro.

Nesse sentido, ter um fenótipo parecido é um fator a menos de discriminação, mas os outros signos, tais como o sotaque e a forma de vestir são notados, e as dificuldades burocráticas surgem como forma de controle social, como filtro dos estrangeiros, como podemos observar neste relato:

*A: Yo creo que para personas que no son mexicanas Pues sí, se ve claramente que es un migrante.*

*N: ¿Y por qué? Por ejemplo, las personas de Centroamérica tienen un fenotipo parecido ¿no? ¿Pero se les mira se ve?*

*A: No yo creo que sí es distinto igual de la forma de vestir, pero igual cuando abren la boca obviamente no son mexicanos pues sí en el día a día, pues si no tienes documentación como tú necesitas tu CURP para cualquier cosa, para abrir una cuenta bancaria esto de la escuela, servicios de salud, sí pues entonces día a día, no tener documentación en el día a día es así. (Informação oral, Assistente Social, Sin Fronteras, Cidade de México, 2019).*

Pode-se observar que os migrantes começam a desenvolver estratégias para ocultar as características que demonstram a sua estrangeiridade para integrarem-se:

*A- Una estrategia muy común entre personas centroamericanas es que ellos se dicen de algún estado del sur del país, porque digamos fisionomicamente pueden pasar como si fueran de Chiapas...*

*N- ¿Pero si hablan distinto? o ¿no?*

*A- Claro, a veces cuando hablan intentan disimular, como en el sur de Veracruz ¿no? Y como no sabes cómo hablan ahí supones que sí. Esto es super común, super super común. Porque creo que lo significativo es que hacen un ejercicio por ocultar los rasgos que revelan su condición de extranjero. (Informação oral, Coordenador, Sin Fronteras, Cidade do México, 2019)*

Um migrante hondurenho entrevistado, relata que para esconder o sotaque, utiliza a seguinte estratégia:

*Bueno ahora ya no me hacen, me da igual pues, en el trabajo siempre dije de donde eres soy de Veracruz, siempre he dicho que soy de Veracruz, porque luego si uno dice de tal país -que vienen haciendo acá- entonces muchas preguntas entonces digo soy de Veracruz y ya, entonces ya me dicen ah con razón tu acento es diferente sí, sí. (Informação oral, Migrante Honduras, Cidade do México, 2019)*

O mesmo migrante, inclusive, quando conta que escapou dos agentes migratórios imitando jargões e sotaque mexicano com a ajuda de um caminhoneiro. Um processo que também é apontado por Durant: “Los migrantes tienden a utilizar su etnicidad, lengua o fenotipo de acuerdo a distintos contextos y situaciones. Los centroamericanos tienden a mimetizarse con los mexicanos para no ser detenidos durante el tránsito o para no ser deportados a su país de origen” (2020, p. 51).

É um dado da pesquisa de campo que estas características chegam a causar maior rejeição se não são étnicas ou culturalmente associadas ao Europeu, à etnia branca/caucasiana, independentemente da origem/nacionalidade. Uma informante de uma instituição dá como exemplo um testemunho familiar ao ser questionada sobre a discriminação contra os migrantes. O pai, que é da América do Sul, um brasileiro, mas que possui um fenótipo branco, teve um trajeto migratório marcado pela solidariedade, e não pela rejeição:

*Si creo que depende mucho, este, por ejemplo, en el personal creo que... mi papá es brasileño, es más así de piel blanca y ojos verdes, ¿la discriminación que él pudo llegar a tener, el hace mucho tiempo que migró no? Pero era mínima, entonces cuando yo le cuento todo que yo veo hoy en día y lo que para él es imaginable porque él vivió todo lo contrario, mucha gente le abrió las puertas, mucha gente lo apoyó, en algún momento él no tenía un espacio para vivir, como situaciones, y lo ofrecían espacio para que se pudiera quedar a dormir y entonces cuando tú hablas hoy en día como con la población, sobre todo a la población venezolana, colombiana que viene como en otro nivel si existen ciertas, ciertos rechazos y cierta estigmatización. (Informação oral, Assistente Social, Sin Fronteras, Cidade de México, 2019).*

Há que se levar em conta que a migração do pai da informante aconteceu há mais de 20 anos atrás, contudo durante as entrevistas se pôde perceber que esta questão não se alterou muito, migrantes brancos ainda são melhor tratados, especialmente europeus e estadunidenses.

*(...) Es que acá, en general digo que hablamos solo con nuestra población de contacto, pero también hay estadunidenses, argentinos, españoles, este corte de incluso brasileños blancos, europeo, pero es el blanco, el blanco rubio, este blanco clarito, clarito ¿no? El que encuentra sus espacios, es como un signo de estatus, ahora esto es como un poco los estudios que llamamos de malinchismo, porque el malinchismo es una cosa bien paradójica porque por un lado les adoramos y por otro lado lo rechazamos, ¿no? o sea hay un doble movimiento como ahí medio extraño. (Informação oral, Coordinador Sin Fronteras, Cidade de México, 2019).*

O tratamento destinado a estes estrangeiros chega a ser inclusive, muitas vezes melhor do que o destinado aos nacionais. Os informantes explicam o fenômeno chamando-o de *malinchismo*, que seria uma forma pejorativa de referir-se a uma admiração exagerada para com o estrangeiro. Segundo a academia mexicana de la lengua,

*La voz malinchismo, proviene de Malinche, apodo de Marina (también conocida como Malina, Malintzin o Malinalli), amante de Hernán Cortés. Por la preferencia de la Malinche por un extranjero, su nombre se empleó para formar el derivado malinchismo con el significado de 'actitud de quien muestra apego a lo extranjero con menosprecio de lo propio' (academia mexicana de la lengua, on-line).*

O *malinchismo* fica claro na diferença de tratamento entre os diferentes tipos de estrangeiros que passam pelo México, como explica este informante, ao responder se há diferenças entre as nacionalidades do ponto de vista da integração:

*A- Es que depende del nivel, todo depende si le abrimos muchas puertas, y tu puedes platicar con cualquier trabajador en las organizaciones estadounidenses y tambien viven un rechazo porque tambien son vistos como conquistadores, como vienen abusar de nosotros, es como en otros terminos, ahora si que es una migracion más privilegiada, eso si, para que decimos mentiras, es mas facil que ellos consigan la chamba, un argentino que un ... por nuestro imaginario...*

*N- porque? por el color de piel?*

*A- El color de piel, y el amor por el europeo, del europeizado...*

*N- Condiciones financieras?*

*A- Es muy particular, porque por ejemplo, los venezuelanos y las vengoelanas tienen características fisionómicas porque están en esta parte blanquecinas, incluso en los estereotipos de belleza más dominante y sin embargo las rechazamos, pero con las argentinas ya no se pasa lo mismo, no porque tiene que ver con una cosa de sobrevaloración del europeizado, por eso te decía del malinchismo, porque este el enchanche es no tanto, no sé si en México es tanto como Brasil con lo que tiene que ver con la cuestión racial, no como con el color de piel o tiene que ver más con esos imaginarios europeo, latino, y porque ahí hay diferencias muy, en el caso colombiano, venezolano, no sé (...)(Informação oral, Coordenador Psicossocial, Sin Fronteras, Cidade de México, 2019).*

O informante aponta a complexidade da questão. Há um tipo de rejeição sutil que é a do ódio à figura do colonizador, proveniente da violência da colonização. Há ressentimento do processo e ao mesmo tempo a busca por uma autoafirmação. Existe uma relação dialética entre ódio e amor, pois, ao mesmo tempo, há admiração, amor ao colonizador. Amor pelo colonizador e ódio de si.

Na obra de Albert Memmi (1977), fica claro que há uma relação paradoxal entre o "amor pelo colonizador e ódio de si" pois pela desumanização e despersonalização ocorrida no processo de colonização, o colonizado deseja mudar de pele, mudar de cor, deixar de ser este 'outro' desprezível (MEMMI, 1977, p. 106-107). Neste processo, o mexicano identifica esse "outro" também no migrante pobre, colonizado e não-branco, como ele mesmo se enxerga.

Os próprios mexicanos têm muito preconceito entre si e possuem um sistema de castas baseado (principalmente) na cor da pele: "é possível saber quem tem dinheiro pela cor da pele" (informação oral, 2015).

Como uma informante lucidamente pontua, a rejeição passa pela lógica do espelho, o mexicano rejeita o que não quer ver, o reflexo do que odeia em si mesmo.

*sí incluso cuando son deportados, aunque son mexicanos bueno tenemos un problema también aquí en México y es difícil reconocerlo el tema de función de odio de la discriminación de la xenofobia es real a México le gusta pensar que no es racista, pero si México es un país muy racista muy discriminatorio. Obviamente, al migrante estadounidense que trae recursos, que viene a vivir de San Miguel Allende, a Jalisco, a Ajiji y a todos estos lugares, a Chapala, pues, si los reciben con los brazos abiertos porque traen dólares, porque se ven de otro color y porque lo son... pero, hay migrantes que vienen sin ni siquiera poder decir quien es, o de donde viene que base de experiencia que no saben, que no tienen un estudio una preparación y que además, pues, si es de otro color de piel... porque, aparte me hace mucha gracia que más bueno, me da coraje, pues, pero es una es una discriminación en contra los centroamericanos es que son sucios es que son indios son bueno y tus dices bueno que no se ven ustedes en un espejo los mexicanos no nos vemos un espejo no sé qué pasa en esa ahí es una disociación muy terrible de cómo te vez tú y como ves al de enfrente, no? (Informação oral, Consultora independente assuntos migratórios, Cidade do México, nov. /2019).*

Dessa forma, como bem colocado pela informante, a mesma discriminação que possuem com relação à classe social, cor, etnia, vai ser refletida e reproduzida no estrangeiro. Questões não resolvidas na sociedade encontram vasão na figura do sujeito migrante.

Uma reprodução de hierarquia, trato, preconceitos e estigmas que podem inclusive se assemelhar ao fenômeno do colonialismo interno que, como explica Pablo González Casanova (2007), ocorre a reprodução, por parte das elites da colônia do comportamento de dominação e exploração do colonizador nas populações internas.

Porém, neste caso, este comportamento seria direcionado à população estrangeira, somando-se à influência do pensamento colonial, base da dominação geopolítica neocolonial como propõe ainda a divisão do sistema mundo. O fenômeno seria então um “neocolonialismo interno de cunho nacionalista” que geraria processos de exploração e xenofobia seletivos. Nesse ponto, o fenômeno se conecta ao imaginário eurocêntrico de que existem estrangeiros benéficos e outros não benéficos à nação, e que existem nações consideradas mais avançadas ou atrasadas que seguem a dualidade colonial de civilização versus barbárie (DUSSEL, 1992).

Em virtude disso, nem todos os migrantes recebem o mesmo tratamento, pois este dependerá da opinião do nacional sobre sua nacionalidade e cultura. Persiste no imaginário social das sociedades contemporâneas, com os migrantes do norte global beneficiando e não beneficiando do sul global<sup>108</sup>, refletindo nos migrantes a divisão do mundo em ordem econômica internacional, como já explicitado no capítulo 2.

---

<sup>108</sup> Segundo CAXETA (2014) “O termo “Sul” (geralmente utilizado com maiúscula por ser um adjetivo do substantivo com significado geográfico) é sinônimo de países emergentes. Refere-se à nova divisão internacional surgida na era pós-Guerra Fria, na qual o mundo não estaria mais dividido entre o Oriente (países comunistas) e o



#### 4.2.4. Discriminação de classe social contra migrantes

Nesse ponto, a classe social também entra na análise como motivo de discriminação. O migrante de uma nação “menos desenvolvida” e o migrante pobre, que carece de capital material, cultural e profissional é mais excluído e têm maior probabilidade de sofrer discriminação.

Durante o trabalho de campo em Tijuana com instituições que atendem migrantes, em algumas entrevistas eles colocaram a questão da classe social no **cerne** das razões para a discriminação contra migrantes.

*Entrevistado - No creo que [se les trate diferente] por su condición de migrantes, yo creo que en la, todas las cuestiones de xenofobia, racismo, el ver mal a una persona, no es por su condición de migrante sino por su condición de pobreza, sí, un migrante que llega a Tijuana, un empresario que viene de otra parte del país, de otra parte del mundo, a hacer negocio, a dar empleo, etc. es muy bienvenido, pero un migrante que no trae dinero, que necesita de servicios eh... que visten, un poco como pobre, que parece pobre (risas) tiene toda la imagen de pobre, es mal visto... aquí y en todas partes (Informação oral, Coordenadora de albergue, Tijuana, jan / 2018).*

Alguns autores, como Adelia Cortina (2007), argumentam que a classe social está no centro da discriminação contra os migrantes. E não só o tratamento é diferente como também é nominado de maneira distinta. Denomina-se, por exemplo, estrangeiro ou expatriado vivendo no exterior, se for de uma classe superior, como imigrante, quem sai de sua terra buscar melhores condições de vida e trabalho e, como refugiado, quem saiu do seu país por sofrer perseguição. As duas últimas denominações atualmente têm um imaginário vinculado à pobreza.

*(...) el migrante, eh... la connotación de migrante es para toda persona que se mueve de un lugar a otro, en la definición no dice rico o pobre, dice persona, que se mueve de un lugar a otro, es un migrante, nosotros como sociedad hacemos la distinción, una persona con dinero no la vemos como migrante, mejor dicho, a la persona que decimos migrante ya lleva la connotación negativa, ya implica pobre, ya implica necesidades. (Informação oral, Coordinador de albergue, Tijuana, 2018).*

A discriminação de classe sofrida pelo migrante é uma condição difícil de mudar dentro da sociedade de destino, uma vez que o atual sistema econômico, estruturado na exploração, visa reduzir custos e maximizar lucros, e a vulnerabilidade do trabalhador migrante explode no

---

Ocidente (países capitalistas), mas entre o Norte (países desenvolvidos, industrializados no Século XIX) e Sul (países em desenvolvimento, ex-colônias e industrialização tardia). A divisão geográfica estabelecida pela linha do Equador refere-se à outra divisão, a separação ideológica existente no cenário de desenvolvimento”.

sistema por meio da transnacionalização do trabalho (PIZARRO, 2008). Esta exploração tem lugar em todos os níveis, os empregadores tirar proveito da situação de desvantagem emocional e econômica que os migrantes têm neste momento.

Para instituições na Cidade do México, a discriminação muda de acordo com o estrato da população, com qual nacionalidade cada estrato terá contato. Uma das informantes explica que dentro das classes mais altas da cidade a discriminação maior é contra venezuelanos e colombianos porque tem um contato maior com esse perfil de migrantes, que acabam chegando no México com melhores condições financeiras e educacionais que os centro-americanos.

*N- ¿Crees que tuvo como impacto directo a la vida de los migrantes aquí?  
¿Como perciben?*

*A- Yo por lo menos lo que vi, si aquí no tengo datos, pero por la que cuenta el equipo, me permite decir que si se alargó el rechazo en los espacios cotidianos*

*V- Yo creo que era más como en esta parte de también un poco como de las cúpulas, porque por ejemplo en general, o sea, a la población centroamericana pues se le ve como esta parte de las pandillas, cuanto te vas como a la clase alta, o muy alta, la discriminación es hacia la población venezolana, o a la población colombiana, en esto en que pues son personas que roban, que asaltan, o que son mujeres, a lo mejor, puede que eso sea otra cosa, un tema como de envidia, sí qué es que son mujeres muy guapas, entonces pero sí es más como en las redes sociales que no, no te llesves con esa persona, o con cuidado con las personas colombianas y venezolanas*

*N- ¿Más que a las centroamericanas?*

*V - Porque al final para ese tipo de población puede ser que estén más en contacto con ese perfil, no porque puede ser que sea perfil un perfil que un poco más que se integra, un poco más bien que no es como el perfil del centroamericano que el estatus socioeconómico normalmente no están alto no que la parte educativa es más alta entonces que ellos (Sin Fronteras, Cidade do México, 2019)*

Em outra entrevista, o informante explica que muitos fatores tornam a integração na sociedade mais complicada, como a cor de pele, o idioma e o nível educativo e social.

*Si, si por ejemplo personas de Camerún o personas de Eritrea que no hablan español y hablan poco inglés o no hablan inglés no, empezaron el proceso de integración con esas poblaciones es muy largo no, y difícil por el color de México es uno de los países que por el color de piel tiene niveles de discriminación entonces el proceso de integración de una persona de color piel negra no, u oscura que no hable el idioma que tiene necesidad y que obviamente no tiene documentos adecuados su proceso de integración es más complicada o por lo menos más que complicada su proceso de integración la curva puede ser más larga no, que una persona venezolana que tiene estudios de posgrados que tiene recursos, que sale con recursos de su país, que vive en colonias caras de la Ciudad de México que básicamente le cuesta mucho trabajo obviamente estoy siendo muy condicionista no, no tiene que ser así no, pero ósea por lo menos allá en el capital humano hay tendencias no,*

*entonces en la tendencia a veces es esa que estas personas les cuesta más trabajo que otras que básicamente llegan instalados, no sé cómo decirlo, tal vez si al final es un ejercicio de desigualdad no, la desigualdad se replica también en estos procesos entonces si una persona ya vivía de desigualdad antes en su país, ósea acá probablemente vaya sufrir la misma desigualdad no, porque no es un país que ofrezca las mejores garantías para que as personas salgan adelante o rompan estos hechos de cristal que ya han tenido históricamente no, y eso mismo pasa hacia abajo y hacia arriba las personas que vienen de situaciones de privilegio de países no, donde hablan idiomas no, donde tienen mucha información, muchas cosas así y llegan aquí y más o menos se instalan en lo mismo, que es tendencia, no estoy diciendo que todos, ósea siempre nosotros también apostamos que eso es lo que tenemos que... (Informação oral, Coordenador, Programa Casa Refugiados, Cidade do México, 2019).*

O informante aborda um ponto muito importante para o estudo, o de que a classe social de origem do migrante acaba por ser importante e produzir facilidades também no país de destino. Os privilégios acabam por ser estendidos, assim como as desigualdades reproduzidas do país de origem ao país de destino.

Cortina (2017) defende o uso do termo aporofobia ao invés do termo xenofobia no caso de ódio contra o migrante, pelo fato de não se praticar o ódio e o rechaço ao estrangeiro rico, colocando na centralidade do processo de exclusão o preconceito de classe social. No fundo, os conceitos como a aporofobia são uma forma de trazer novamente ao debate das desigualdades a sua estruturalidade econômica e a utilização de diversas estratégias do sistema capitalista para a sua manutenção.

#### *4.2.5. Mulheres migrantes*

Em termos de vulnerabilidade e discriminação, a migração feminina merece atenção especial. Segundo CUESTA, as oportunidades que as mulheres possuem de migrar legalmente são extremamente limitadas quando comparadas à migração masculina, pois em termos de oferta de emprego, há mais procura por mão-de-obra em tarefas que são tradicionalmente masculinas, como casos de agricultura e construção civil (CUESTA, 2008, p.5).

Assim, mulheres migrantes possuem situações mais precárias de trabalho, são mais mal remuneradas, inserindo-se com mais frequência no mercado informal de trabalho, especialmente como trabalhos domésticos, que envolvem o cuidado de crianças e idosos. De acordo com Cuesta, as mulheres são mais propensas a se inserir, também, na indústria sexual:

*Además de percibir los menores salarios y permanecer en la invisibilidad del trabajo informal, las mujeres se enfrentan a los mayores riesgos al ser migrantes. Explotación, abuso, violencia y tráfico de blancas constituyen las raíces de un negocio multimillonario sin fronteras. Enfermedades venéreas,*

*producto de la explotación sexual, y explotación laboral, así como condiciones laborales deplorables, falta de casa, alimentación, venta y tráfico, son algunos de los peligros a los cuales se enfrentan (CUESTA, 2008, p.5).*

Ainda segundo a autora, a clandestinidade das migrações femininas faz com que a adoção de políticas públicas governamentais para garantir uma maior segurança para essas mulheres seja mais difícil de ser executada, eis que, “*la discriminación de género y la falta de un estatus social, además de las responsabilidades domésticas, reducen el acceso de las niñas y mujeres a recursos, educación, entrenamiento y acceso a mercados laborales*” (CUESTA, 2008, p.5).

Essa “clandestinidade”, ou seja, a irregularidade da mulher no país de destino acaba por fazer com que ela apresente ainda mais riscos sociais do que os outros grupos de mulheres migrantes. São “as vulneráveis das vulneráveis” porque são percebidas pela sociedade de destino como mulheres que estão dispostas a se prostituírem ou serem traficadas (PIZARRO, 2003). Segundo Pizarro, a associação entre prostituição e migração indocumentada, além de tráfico de pessoas para fins de exploração sexual é bastante forte, e essa vulnerabilidade se acentua mais em duas fases. A primeira é no processo de traslado entre o país de origem e o país de destino. Já a segunda corresponde à fase na qual mulheres buscam sua inserção laboral no país de destino.

No que se refere a fase de traslado, existem pesquisas que revelam que as migrantes indocumentadas são alvos de constante abuso sexual praticados pelos traficantes, cafetões e pessoal administrativo, como se fosse um preço que as mulheres deveriam pagar. Esses abusos variam desde situações de violação sexual até práticas de atos sexuais mediante coação.

(...) a primeira discriminação existente (refere-se à questão migratória) é a discriminação de gênero, a imigrante mulher para fazer a travessia pelo México sofre muito mais é violentada, muitas ficam grávidas e contraem AIDS pelo caminho. Os imigrantes ilegais são chamados *sin papeles*, ou *mojados*, que se refere à travessia pela água que muitas vezes o fazem (Informação oral, Chefe do Departamento de Información y Documentación, CONAPRED, Cidade do México, 2015, tradução livre) (FERNANDES, 2016).

Durante a pesquisa foi possível perceber a diferença de atenção provida para homens e mulheres no âmbito do atendimento dos albergues. O que não significa que o atendimento aos homens fosse melhor em relação ao prestado às mulheres, contudo, de alguma maneira, a diferença, e a discriminação de gênero presente na sociedade são reproduzidas.

O Instituto Madre Assunta foi criado para ser um albergue específico para abrigar mulheres e crianças. Em resposta a um questionamento sobre os motivos principais que levaram à criação de uma instituição com este recorte específico, a psicóloga da instituição afirma que as mulheres são mais vulneráveis e separá-las dos homens faz parte de uma proposta para tratar essas vulnerabilidades específicas:

*Entrevistadora- ¿Hay diferencia en ser una mujer migrando que un hombre migrante? En los servicios...*

*Psicóloga- Sí... específicamente hablando de IMA y la Casa de Migrante, creo que aquí en IMA hay más flexibilidad hacia las mujeres, porque en Casa de Migrante son bastante estrictos, necesitan los migrantes comprobar que están trabajando... para poder extenderles su estancia... Aquí en la casa es un poquito más flexible porque muchas mujeres vienen con sus niños e imagínate, no podemos sacarlas a la calle con sus niños. Y tiene las hermanas que cuidan las mujeres. Yo creo que a la Casa del Migrante muchos ya vienen con una adicción, o caen en la drogadicción acá mismo, aquí afuera. Entonces, sí se les trata diferente a las mujeres que a los hombres (Informação oral, Psicóloga, Instituto Madre Assunta, Tijuana, 2018).*

As informantes relatam sobre o machismo contra as mulheres na cultura mexicana e sobre a necessidade de empoderamento para estas mulheres. Existir um espaço apenas para mulheres favoreceria o processo de fortalecimento diante dos desafios que enfrentam nesta sociedade.

*(...) la Casa del Migrante que es para hombres; las migrantes que son solteras, madres que vienen, ellas necesitan un poco más de ayuda porque ya en este mundo necesitas de ayuda (...) creo que necesitan un poco más de ayuda en ese sentido de la cultura mexicana pues las mujeres son dependientes de sus maridos, o de los hombres entonces aquí creo que les damos ese poder de salir de eso y poder trabajar, poder apoyar a su familia. (Informação oral, Assistente social estagiária, Instituto Madre Assunta, Tijuana, 2018).*

O principal contato do trabalho de campo realizado em Tijuana foi com mulheres migrantes, muitas com seus filhos, uma minoria também tinha um companheiro hospedado em abrigos na cidade. As mulheres no albergue eram deportadas ou migrantes que pretendiam cruzar a fronteira clandestinamente aos Estados Unidos ou solicitar asilo.

Os relatos das migrantes eram de histórias de vida muito difíceis e do caminho para Tijuana também, especialmente as histórias das migrantes centro-americanas. Continham histórias de fuga das *pandillas*, violência doméstica, abuso sexual, extorsão e exploração de diferentes maneiras. Em entrevista com uma jovem migrante hondurenha, esta afirma que as mulheres são mais vulneráveis nesse caminho. Afirma que elas têm que ser muito “vivas” e corajosas para enfrentar esse processo com todos os perigos que existem nesse caminho.

*Entrevistadora- ¿Hubo alguna otra situación que te trataron diferente aquí en México? ¿Por la nacionalidad, por ser mujer, por cualquier otra cuestión?*  
*Migrante Hondureña - Oh sí, uno a este camino sufre de todo ¿verdad? Pero hay que ser bastante valiente superando cada cosa y cuando uno trae un objetivo... yo soy de esta persona cuando meto un rollo de ahí nadie me saca, y a pesar de todo que nos ha pasado, sí he sufrido bastante, bastantes cosas psicológicas y personales, pero no hay que echarse para atrás, mi objetivo es ese y voy a seguir y si sale bien y si no pues...*  
*Entrevistadora- ¿Y su objetivo ahora es pasar?*  
*Migrante Hondureña - Sí pedir mi asilo político. Con las pruebas que traigo tal vez, si no, ¿qué se va a hacer? Pero no quiero regresar a Honduras es la verdad. Es como si, las mujeres son más vulnerables y les pasa varias cosas, pero hay que ser bastante valiente y olvidarse de las cosas.*  
*(Informação oral, Entrevistada migrante hondurenha, Tijuana /2018).*

As mulheres migrantes vivem em situação de vulnerabilidade constante. Quando se fala em mulheres migrantes, é comum ouvir as trabalhadoras das instituições usarem o termo "dupla vulnerabilidade". Dupla vulnerabilidade é por ser mulher e migrante. Este termo corrobora com a ideia da intersecção dos motivos de discriminação em que atuamos, mas também mostra que as pessoas distinguem bem a desigualdade de gênero presente no fenômeno da migração.

A feminização da migração é uma questão presente no debate atual sobre a migração, e a migração de homens e mulheres apresenta muitas diferenças, como vimos no campo. Os entrevistados afirmam que nas décadas anteriores na região, era mais frequente a passagem de homens migrantes que migravam sozinhos para os Estados Unidos em busca do sustento da família. Ofelia Woo (2007) afirma que com o passar do tempo isso mudou por vários motivos. A renda do homem muitas vezes não era mais suficiente para a família, ou ele a abandonou. As mulheres também se tornaram cada vez mais chefes de família, alterando essa dinâmica.

O aumento da violência em seus locais de origem também transformou o fluxo, pois não há outra forma de permanecer no país com segurança. A opção é migrar para tentar sobreviver, e muitas vezes têm que levar filhos, apesar dos perigos de estar sozinha com crianças nesse caminho. Portanto, essa migração é uma migração que possui características próprias (WOO, 2007).

A discriminação contra as mulheres migrantes tem um componente especial, que é a violência de gênero, que é usada como forma de dominação. A violência física em geral, não apenas a violência sexual, é um recurso fundamental do sistema de opressão de gênero (TARAMUNDI; UNZUETA, 2011).

Durante as entrevistas, ficou claro que as mulheres têm que usar várias estratégias para evitar o estupro. Evitam viajar sozinhas, muitos são obrigadas a viajar na companhia de homens

que as protegem, mas muitas vezes também trocam a proteção por relações físicas com essas pessoas. Uma migrante hondurenha relata que viajou com um primo gay e diz que, mesmo assim, teve que se masculinizar várias vezes. Ela também disse muitas vezes que se identificava como lésbica para evitar o assédio na estrada, muitos, contudo, não respeitavam.

*Migrante - Hum, y ahí no (...) nada de hombres, ahí donde yo estaba todos, o sea todos queriendo conmigo, pero yo igual no, yo prefiero que me digan que yo soy creída... y ni (incomp) a vernos siquiera. Porque no puede andar ahí lo que ando... uno tiene que ser bien objetivo, ser bastante valiente, huevona y seguir adelante. Y ya...*

*Entrevistadora- Huevona si (risas)...*

*Migrante - Sí, (risas) una a veces tiene que pasarse de macho a veces...*

*Entrevistadora- ¿Te pasó ahí?*

*Maribel- Sí varias veces para quedarme bien ahí en Tapachula, todo mundo pensaba que yo era lesbiana por lo mismo, por protección porque demasiado molestaban. Y todo... y a veces uno ignora y siempre andan chingando, entonces. Si en el camino siempre decía que soy lesbiana, por lo mismo. Para que me miren y no se metan conmigo ni nada.*

*Entrevistadora- ¿Pero no respetan eso, respetan?*

*Maribel- Sí, algunos sí, otros no.*

*(Informação oral, Entrevistada migrante hondurenha, Tijuana, 2018).*

Em uma das entrevistas, uma migrante salvadorenha já com os seus 50 anos, afirma que tenta retornar aos Estados Unidos há 10 anos. Em suas viagens atravessando o México, a migrante cita em suas histórias pelo menos três tentativas de abuso sexual ao longo do caminho.

*Me ha pasado muchas veces... El año antepasado me quiso violar un hombre, en un barranco me iba a tirar. Y yo corro y había unos tráileres [camiones] allá abajo, y me soltó, y yo le dije 'ya van a venir ahora del tráiler y me van a ayudar' les dije yo. Y me soltó el hombre ese. Y salí, corrí yo, en esa montaña, no había albergue, no había nada. Y me fui a Acueducto, y luego, no me gustó la casa que estaba, porque era abusivo el que estaba allí. (...) Casi me viola. Y el año pasado también me quiso violar otro allá en Saltillo. Porque yo iba por aquel lado, por el norte y me quiso violar el hombre porque yo le pedí un ride para el otro lado, del puente que había del otro lado. Y me dio el ride, pero va de manejar y va de manejar y me dije yo, pero ¿para dónde va?, ¿para atrás? Y para dónde vamos, le dije yo. 'Usted no diga nada, ya vamos a llegar'. Se metió en unas colonias, y ya estando allá quería violarme. Y yo abrí la puerta, agarré mi bolso y salté de un solo. 'No va a tocarme nadie a mí, usted me dijo que iba a ayudarme'. (...) Cuando vi se había pelado hasta los pantalones, y yo me fui rapidito. (...) Qué asco me dio. Sólo le aventé (sic) la puerta y me salí. Y me metí por unos terrenos y unos alambrados, fijate que es peligroso y luego unos perros. (...) y cuando llegué a la calle (...) llegué a la principal y me fui para allá para la casa de Saltillo, un albergue que hay en Saltillo. Y allí había un taxi, y le dije 'yo no ando de dinero, estoy huyendo de un hombre que me quiso violar', 'ah lo que tenga que me pueda dar' y saqué yo una prenda de la bolsa. 'Le doy esto para que lo venda', le dije. Y dijo 'bueno algo es algo' y me llevó. Llegué*

*a la casa de Saltillo y ahí trabajé, como dos semanas trabajé (...) es duro, no es fácil, no es fácil andar sola. Le pueden hacer algo, le pueden matar a uno. Porque México no es fácil. (Informação oral, migrante salvadoreña, Tijuana, 2018)*

Os preparativos e o comportamento migratório no caminho também são diferentes com as mulheres. Principalmente pelo perigo, a Assistente Social afirma que na maior parte das vezes mulheres procuram se arriscar menos, têm filhos para cuidar, buscam paradas mais seguras e planejam a viagem melhor do que os homens. No relato, explica ainda que elas tentam cruzar menos a fronteira:

*Entrevistadora - ¿Las migrantes mujeres pasan menos?  
Trabajadora - no creo que hay menos, las mujeres están más organizadas, ¿sí? ¿O sea, si me voy a cruzar, pero si no cruzo como me voy a quedar? ¿Con que familiar? Con que eso, con que aquello, ¿han? (...) Yo creo que sí, el hombre si viene más a la aventura, a ver lo que voy a encontrar, la mujer si viene cuando ya tiene un plan hecho. (Informação oral, Trabajadora social, Tijuana, 2018).*

As dificuldades também são maiores para encontrar trabalho. Nas relações sociais sexuais, as disputas são formadas pela divisão do trabalho entre os sexos e pelo controle social da sexualidade e do papel reprodutivo das mulheres. Essas instâncias se articulam, intra e intersistemicamente e “cada um desses sistemas tem suas próprias instâncias, que exploram, dominam e oprimem economicamente” (KERGOAT, 2010, p. 99).

As Mulheres são consideradas menos produtivas e como muitas não têm com quem deixar os filhos, a oferta de trabalho também é menor, e há a necessidade de trabalho em tempo parcial. Um exemplo prático é a quantidade de programas de reinserção laboral. Mesmo as instituições que apoiam migrantes na cidade de Tijuana reforçam essa dinâmica, uma vez que há muito menos esforço para oferecer atividades de reintegração às mulheres, em comparação com o que oferecem aos migrantes homens.

*Hay una disparidad entre el trabajo de las dos casas más tradicionales de acogida de migrantes en Tijuana: en la casa masculina, Casa del Migrante de los Padres Scalabrinianos, el empeño en actividades de reinserción laboral es mucho más grande cuando se compara a la casa femenina, el IMA de las Hermanas MSCS. (...) En la casa masculina, pocos beneficiarios permanecen en el albergue durante el día, la mayoría necesita salir del albergue por la mañana y regresa al final de la tarde, alternando su tiempo libre con cursos y actividades voluntarias que ofrece la Casa del Migrante (CSEM, 2019, p.105).*



Costumes e normas sociais instituem comportamentos e atributos considerados adequados para ambos os sexos, criando-se as chamadas representações sociais, que moldam o dever-ser, agir e sentir esperado para cada sexo. Associa-se o desempenho de um catálogo de funções e tarefas a homens e mulheres segundo um código de sanções e recompensas, ancorado na práxis cotidiana das relações sociais.

Há uma interiorização de diferenças que leva à estigmatização. Como afirma a reflexão célebre de Simone de Beauvoir (1949) “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Reafirma-se assim, a característica estrutural explanada no primeiro capítulo: "ser uma mulher não é somente uma identidade pessoal, mas também um atributo social que orienta a ação dos outros e engendra uma desigualdade real" (DUBET, 2013, p. 69 - tradução livre do francês).

As desigualdades em relação ao gênero são relações hierárquicas de poder, presentes em todos os aspectos da nossa sociedade, permeiam o discurso, símbolos, cultura e formas de controle social, como Estado, Igreja, Família e Escola, constituem como um dos principais vetores de violência e reprodução das desigualdades, e, portanto, um dos pilares para a manutenção do sistema capitalista. Em relação a essa forma específica de violência, também é possível estabelecer um elo direto de seu fortalecimento aos processos de transformação política e econômica na transição para a modernidade (FEDERICCI, 2017).

Dessa forma, e com menos ajuda ainda, as desigualdades de gênero perpetuam e impedem a emancipação dessas migrantes, deixando-as também mais vulneráveis à discriminação.

Por fim o capítulo teve como objetivo descrever a reação da sociedade mexicana aos migrantes atualmente, a caracterização como invasores a partir das Caravanas Migrantes e aponta as situações recentes de rejeição e xenofobia nesse contexto, e os relatos sobre o tema coletados no campo, apontando para alguns motivos de discriminação – sexo, raça, gênero, interseccionados nesta população.

## CAPÍTULO 5 - OS MUROS BUROCRÁTICOS E A DISCRIMINAÇÃO ESTRUTURAL: SITUAÇÕES COM RELAÇÃO AO ESTADO

Neste capítulo da tese serão explicitados os desafios que os migrantes enfrentam no período que estão no corredor México-EUA. Neste capítulo, a concentração será no conteúdo das entrevistas com os informantes a respeito das dificuldades de acesso a serviços, direitos e oportunidades visando observar em que medida essas dificuldades são motivadas ou aumentadas pela discriminação, colocando esta população em situação de vulnerabilidade.

Um importante entrave enfrentado pelos migrantes é a sua relação com a figura do Estado, especialmente a criação dos Estados-Nação, onde se estabelecem as fronteiras físicas, políticas e sociais entre os povos.

*(...) esta relación entre Estado y migración se ha mantenido desde el propio origen de nuestros Estados-nación, al marcar claramente la línea divisoria entre miembros de una polis, “los nacionales”, y los que no pertenecen, “los no-nacionales”; al remarcar las fronteras patrias donde terminan unas y comienzan otras; al reforzar jurídicamente en las leyes de migración la división entre “nosotros y los “otros”; y al construir sistemas clasificatorios, procedimientos administrativos e imaginarios sobre los inmigrantes.*(RAMÍREZ, 2017, p. 185-186).

Por conseguinte, a relação também se estabelece com os governos no poder, que defendem seus interesses neste processo por meio da burocracia, que se tornam uma forma de expressão do poder estatal.

*Las “inscripciones burocráticas” son, entonces, expresiones del poder estatal (Horton 2020). Por estos actos de otorgamiento o denegación de documentos los estados ejercen su soberanía (Abarca; Coutin, 2018) al separar a quienes son considerados merecedores de reconocimiento y de beneficios sociales de los demás, cuya presencia en el territorio estatal se considera indeseable y sujeta a vigilancia y expulsión. (WIESNER; BASOK, 2020, p.81)*

Há três dimensões históricas do Estado, o conjunto de burocracias, o sistema jurídico e uma identidade coletiva (aspecto simbólico) (NOVICK, 2008, p 132, apud O'DONNELL, 2004). As políticas estão intimamente relacionadas com o direito, pois são cristalizadas, em parte, através do sistema jurídico estatal. Sendo assim, a partir dessas dimensões a eficácia das leis pode ser de natureza instrumental ou simbólica, defendendo o Estado. Toda política pública tem um modelo de sociedade configurado ideologicamente, determinando quais políticas terão mais peso, quais serão escolhidas, rejeitando outras. Os governantes são impulsionados por um

projeto político dentro de um sistema político; e, necessariamente, reforçam o poder de um grupo em detrimento de outro (NOVICK, 2008, p.133).

Neste ponto o Estado seria um ator protagonista do fenômeno da migração internacional, e as barreiras estatais envolvidas no fenômeno migratório, que determinam, a partir processo de tomada de decisão e formulação de políticas públicas, quem está “legalmente” presente em um país de destino e, portanto, quem tem a possibilidade de participar formalmente da sociedade (FINN, 2019, p.160).

A restrição de cidadania é apenas um dos mecanismos de regulação social das minorias migrantes, contudo é um mecanismo bastante eficaz. Segundo Martha Luz (2020, p. 79), as dificuldades que existem para os migrantes se documentarem com segurança, para regularizarem seu status migratório possuem raízes nas políticas de controle migratório, que combinados com infraestrutura deficiente e a burocracia ineficiente do Estado, não deixando de ser também ideológica.

O ato de soberania do Estado que define que é legal e quem não é no país, sentando as bases em um regime de regulação social, postula critérios legais de pertencimento a uma comunidade. Um processo que não é só político, mas também econômico, social e cultural, gerando uma relação de subordinação dos estrangeiros aos nacionais (PIZARRO, 2008, p.07).

Apesar disso, os movimentos migrantes e teóricos trazem atualmente compreensões do fenômeno migratório e lutam para que a perspectiva de desigualdade entre nacionais e estrangeiros seja alterada dentro dos estados, para que se diminua a desigualdade e aumente a proteção dos direitos humanos dessa população.

Este ponto se conecta com a teoria explicitada no capítulo 1, não se pode dar por garantido a efetivação de um direito apenas porque há o reconhecimento jurídico deste, os defensores de direitos humanos travam lutas diárias para que os direitos expressos nas legislações sejam efetivados.

A condição de indocumentação, ou “ilegalidade” dos imigrantes é funcional para a lógica de acumulação do capital, levando essa população a uma vulnerabilidade estrutural. Padecem também de uma vulnerabilidade jurídica, a maioria dos migrantes não defendem seus direitos seja porque não os conhecem, ou porque se encontram em uma situação de marginalidade jurídica objetiva ou subjetiva (quando o acesso e o funcionamento do sistema jurídico são percebidos como indissociáveis) (PIZARRO, 2008).

Os informantes relatam muitas das situações de vulnerabilidade e de violações aos direitos humanos, sofridas pelos imigrantes no México. Muitas dessas situações têm a ver com a discriminação direcionada a essa população.

*En la actualidad, uno de los principales obstáculos que impiden la integración de los migrantes y su acceso equitativo a los derechos humanos en las sociedades anfitrionas son los sentimientos arraigados que existen contra los inmigrantes y las prácticas discriminatorias. Estos sentimientos y prácticas a menudo son reforzados por las leyes, las regulaciones y las políticas orientadas a restringir los flujos migratorios, lo cual queda en evidencia con la creciente tendencia de criminalizar la migración irregular. La crisis económica mundial y el aumento del desempleo han intensificado aún más estas tendencias. Por lo tanto, para promover la integración de los migrantes en la sociedad y proporcionarles mayores oportunidades para que contribuyan con el desarrollo de las mismas, es fundamental adoptar medidas para eliminar las percepciones negativas que tienen las comunidades anfitrionas de los migrantes (OACDH, [2009], não paginado).*

As pessoas em mobilidade são uma população extremamente vulnerável. Tanto no trânsito como na tentativa de integração. Conforme já explicitado sofrem diversos tipos de violações: violações de direitos humanos, discriminação, exploração laboral, extorsões – de criminosos e de funcionários públicos, enfrentam uma burocracia excessiva, violência, dificuldades no reconhecimento de direitos, dificuldades no acesso à documentação, serviços e oportunidades. Estigmas relacionados à população migrante podem desencadear tratamento discriminatório na sociedade em diferentes áreas; as principais reclamações são nas áreas da saúde, do emprego, que promove a exclusão social, aumenta o nível de desigualdade desta população, a sua vulnerabilidade e dificulta a sua integração.

Vulnerabilidade, aqui vulnerabilidade social, refere-se ao risco produzido pelo contexto econômico-social de não possuir condições de vida e subsistência. É a fragilidade, susceptibilidade que o indivíduo possui de sofrer danos (FEITO, 2007), danos materiais ou morais, “frente a perigos iminentes - desastres naturais, desigualdades econômicas, políticas, sociais ou culturais” (LUHRS, 2020, p.189). Assim como todos os grandes conceitos, vulnerabilidade social é definida de distintas maneiras nos últimos anos a depender do campo disciplinar (econômica, sociologia etc.), coincidindo na necessidade de superação para atingir o bem-estar do sujeito dentro de uma sociedade (CECHINI, Simone et al, 2012).

A autora Margarita Camarena Luhrs (2020) explica que a autonomia da pessoa migrante também entra como um fator nesse contexto, a capacidade e fazer e decidir que levam os migrantes a resistirem nesse contexto, apesar dos riscos, ou precisamente, por eles, porque são vulneráveis, devem buscar tornarem-se autônomos. Para a autora,

*Este reconocimiento de otras autonomías, además de la propia, lleva una aceptación implícita o explícita de que así, de esta manera, se vuelve vulnerable, especialmente si se trata de peligros de muerte. Brechas naturales*

*y geográficas, económicas debidas a diferencias de pagos e ingresos (por causa de género o del lenguaje, por motivos étnicos o por otras razones) exponen riesgos o amenazas que afectan la vulnerabilidad y a su par dialéctico, la autonomía (LUHRS, 2020, p.189).*

A vulnerabilidade social dos migrantes aparece muito nos discursos dos informantes, é muito claro nas falas que este sujeito atravessa o México em condição de extrema vulnerabilidade por todas as condições já explicitadas que serão desdobradas nessa apartado: ameaças à sua vida, a desigualdade latino-americana – desníveis no desenvolvimento econômico, e a discriminação que os afetam por serem migrantes.

E é esse o ponto: o que os afeta mais por serem migrantes? Pois México é um país de extremos onde as desigualdades são enormes e a população mexicana enfrenta situações de extrema pobreza (OXFAM, 2018<sup>109</sup>), que também a coloca em um alto nível de vulnerabilidade social.

Durante o trabalho de campo em Tijuana, uma das questões exploradas no roteiro de entrevistas foi: Por que você acha que os migrantes devem ser atendidos, ou, por que prestar assistência aos migrantes é importante? A questão foi colocada para entender por que o entrevistado se conecta com a causa migratória. Tal questão gerou as mais diversas respostas, muitas delas explicam rapidamente a situação em que o migrante sai de seu país de origem, a situação que se encontra, mencionando com frequência a vulnerabilidade e as situações de discriminação que sofrem nos locais pelos quais passam até o seu destino, até concretizar o seu projeto de vida.

*(...) A veces se desesperan.... Aviso 'sabes ya tengo tu papel, pero ya lo rompieron porque no estabas aquí'.... Entonces, ¿cuándo le das acceso a la justicia al migrante? Ellos son los que más ocupan, los que más necesitan... eh... por su condición. Yo siempre he sido de la idea de que **el migrante se coloca en una situación vulnerable**. Digo que se coloca, a lo mejor por una situación de necesidad, por situaciones de violencia, por situaciones económicas, situaciones laborales, sociales. Diferentes entornos, pero él se coloca en esa situación. Pero no porque él quiera colocarse en esa situación, a veces se coloca en esa situación para salvar a miembros de su familia. Hay amenazas, hay extorsiones, hay secuestros, privaciones de libertad. O mucha gente que sí me llevo... 'sabes que yo vengo a Estados Unidos, mi sueño es ir a trabajar...', pero no es un sueño mío, mi sueño es darles educación a mis hijos, pagarle un tratamiento médico a mi mamá, mis hijos... Hacer una casita para dejarle algo a mis hijos.... El sueño de ellos no es tanto de ellos, sino dejar algo para los suyos... (Informação oral, Advogado, Instituto Madre Assunta, Tijuana, 2018)*

---

<sup>109</sup> “México justo: políticas públicas contra la desigualdad”, presentado por la organización Oxfam, 2018, p. 1.

Uma assistente social de um albergue expõe sobre o nível de vulnerabilidade.

*(..) el migrante tiene un nivel de **vulnerabilidad** muy alto, que no hay muchos recursos para ellos y se necesita más personas haciendo ese trabajo, para elevar las voces de los migrantes y mejorar los derechos de los migrantes, porque el migrante creo que sufrió mucha discriminación, especialmente el migrante que no es mexicano, los migrante centroamericanos (Informação oral, Estagiária de Assistência Social, Instituto Madre Assunta, Tijuana, 2018).*

Apontam as situações de ser recém-chegado, sem ter redes de apoio, tendo sofrido discriminação, e não saber onde encontrar o básico para subsistir no caminho, como situações que fazem o migrante vulnerável.

*(...) Imagínate llegar a un lugar que no conoces a nadie, que no conoces nada, que has pasado ya por discriminación quien sabe cuánto tiempo. Es necesario. Como tú [referindo-se à mim], por ejemplo, llegaste aquí tu tenías un apoyo, saber para dónde ir, saber dónde quedarte a dormir, porque, por básico, es el... ellos también tienen derechos humanos, todos tenemos derechos humanos básicos, y tenemos derecho a vivir en un lugar seguro, a comer, a que no nos falte por lo menos la comida y el agua. Entonces por eso yo creo que tienen que ser atendidos, porque a nadie se les debería negar un vaso de agua. (Informação oral, Estagiária de Assistência Social 2, Instituto Madre Assunta, Tijuana, 2018).*

A vulnerabilidade social também é gerada pela violência que são submetidos desde a sua comunidade de origem, até a estância no México. E como sofrem violência de todas as partes, e sempre houve, inclusive nas relações familiares há uma naturalização da violência, que pode não ser vista como um problema. Em muitas entrevistas que fiz no México, um dos grandes desafios de trabalhar com migrantes segundo os informantes foi como é que vem a violência que estão vivenciando. Em uma conversa com a psicóloga de um albergue ela comenta que a violência é naturalizada e que a vulnerabilidade desta população também tem origem na violência.

*si tú me dices tú tu historia de vida seguramente no va a tener tantos episodios de violencia como tienen las de esas personas, esto como les trauma profundamente, y van a reproducir esta violencia. Van a reproducir en sus hijos van a reproducir en sus relaciones de pareja y creo que la vulnerabilidad un poco de esta población se basa en la violencia y ahí también reciben violencia de todas partes cuando llegan a México desde el albergue que habla que ahí no es tu casa como de las personas como de los servicios que no les brindan, como realmente son como seres mirados de otra manera. Entonces la violencia está en base cuando se habla de esos migrantes (Informação oral, psicóloga, Casa Mambré, CIDADE DO MÉXICO, 2019)*

A discriminação é um fator que contribui para a condição de vulnerabilidade social na qual o migrante é exposto. Uma funcionária do CONAPRED, explica que a discriminação não somente se vê em manifestações de rejeição e ódio ao migrante, como é a xenofobia, mas também é um fator que motiva a negação ao acesso a direitos e serviços, como saúde, educação, moradia etc. Fatores que aumentam o risco, ou seja, aumentam a vulnerabilidade social do sujeito.

*Porque la discriminación se manifiesta de distintas formas, tú lo dijiste ahorita, al final de cuentas, el hecho de que a una persona migrante le paguen menos que a una persona o incluso las condiciones contractuales que puede tener una persona migrante que muchas veces ni contratos tienen o sea es una forma de discriminación pues la negación del acceso a derecho al trabajo, a la SALUD, a la educación o sea no, yo creo que no solo desde CONAPRED no solo se ve la xenofobia si no justamente esta negación al acceso de igualdad de condiciones, oportunidades de los derechos, no, no solo es. (Informação oral, Coordenadora de estudos, CONAPRED, Cidade do México, 2019, grifo nosso).*

*(...) [são discriminados] desde el trato o la posibilidad de tener acceso a bienes y servicios, el trato de la población en general, el trato de los diferentes bienes y servicios privados y el trato de los servidores públicos que atienden a los migrantes no, o que puede solicitar la ayuda en caso de cuestiones de salud alimentación, etcétera, etcétera sí, hay prácticas discriminatorias, y por supuesto que afectan la población migrante. (Informação oral, Funcionário, CONAPRED, Cidade do México, 2019)*

Falas dos entrevistados exemplificam a discriminação dos Estados nacionais a partir de políticas públicas e legislação, que é uma discriminação estrutural, enquanto uma categoria analítica apresentada no primeiro capítulo. Tal categoria explica a construção da diferenciação dos migrantes na sociedade de destino a partir do acesso a direitos e serviços e a discriminação como fundamental para a proteção dos Direitos Humanos dos migrantes.

### **5.1. Agentes migratórios e privação de liberdade**

A migração sendo um fato recorrente no México, faz com que o país possua uma estrutura institucional para tratar do fenômeno dentro do seu território. Essa estrutura responde tanto à mobilidade de pessoas que atravessa o país em destino aos Estados Unidos, quanto aos migrantes mexicanos retornados.

Em termos de legislação, poucos países têm um paradigma humanitário como a Constituição Política Mexicana-Americana de 1917. Esse paradigma tem pontos gerais, mas importantes para os estrangeiros, como o artigo 33, que garante que os estrangeiros gozem dos direitos humanos e recebam reconhecimento. Garantias na constituição. O artigo 1º da

Constituição prevê os direitos humanos e as garantias de todas as pessoas indistintamente e proíbe qualquer forma de discriminação, porque pode constituir crime constitucional discriminatório por ser cometido. A escala não violará apenas a legislação de infraestrutura, mas também a própria Constituição. No entanto, o artigo 32 estipula que os mexicanos têm prioridade sobre os estrangeiros em igualdade de circunstâncias e se aplica a cargos públicos, empregos ou comitês que não requeiram cidadania.

A Lei de Imigração de 2011 está em consonância com os tratados internacionais nesta matéria, com o objetivo de estabelecer princípios como o respeito irrestrito pelos direitos humanos dos imigrantes e o tratamento não discriminatório com a situação migratória irregular. Também defende os princípios da solidariedade e hospitalidade internacional, igualdade entre cidadãos e estrangeiros, integração social e cultural, promoção da circulação internacional de pessoas, unidade familiar e o melhor interesse das crianças.

Independentemente do status de imigração dos estrangeiros, a lei prevê o acesso a serviços educacionais e cuidados médicos e proíbe qualquer ação administrativa de estabelecer restrições a essas regras e princípios. A lei de imigração mexicana estipula a liberdade de exercer os seus direitos independentemente de sua situação migratória e o direito a serem tratados sem discriminação alguma e com respeito aos direitos humanos. Dessa forma, a lei migratória mexicana possui um forte viés consoante com os tratados internacionais de direitos humanos sobre o tema.

Quem formula, dirige e controla as políticas migratórias é a *Unidad de Política Migratoria, Registro e Identidad de Personas* (UPM), que mantém a missão de desenhar e propor estratégias, programas e ações que compõem a política migratória dentro da *Secretaría de Gobernación* (SEGOB). Para a UPM a política migratória deve estar fundamentalmente voltada para o Estado mexicano, e buscar respeitar e salvaguardar os direitos humanos, facilitar a documentação migratória e contribuir para a preservação da soberania e segurança (SEGOB, [s.d], não paginado). A UPM atua a partir do *Instituto Nacional de Migración* (INM ou INAMI), responsável por aplicar a legislação migratória vigente:

*El Instituto Nacional de Migración en cumplimiento con las leyes mexicanas y tratados internacionales aplica de manera permanente diversas disposiciones, para otorgarles a todos los extranjeros las facilidades necesarias para llevar a cabo procedimientos migratorios legales, ordenados y seguros que permitan su ingreso y estancia en territorio nacional con estricto apego a proteger los derechos humanos, implementando los ordenamientos establecidos en la Ley de Migración y su reglamento (INAMI, [s.d], não paginado).*



O INAMI é o responsável, junto com a Polícia Federal mexicana, são os únicos órgãos que legalmente possuem a permissão de realizar o controle e a regularização migratória. Dentro da SEGOB também existe a *Comisión Mexicana de Ayuda a Refugiados* (COMAR), que efetua os procedimentos de reconhecimento da condição de refugiado e fornece assistência institucional aos refugiados.

Assim como a lei, as instituições, o INAMI em sua página web também demonstra pelo respeito aos direitos humanos em sua visão institucional:

*México como país de origen, tránsito, destino y retorno, protege de manera permanente los derechos humanos de todos los extranjeros que transitan por el territorio nacional independientemente de su condición migratoria, al considerar que la movilidad humana es un derecho del migrante en la lucha permanente de su condición de vida* ((INAMI, [s.d], não paginado).

Destarte, é muito claro aos informantes da pesquisa que o que está positivado em leis e regulamentos é algo muito distinto ao que acontece na prática, em muitos setores, especialmente com migrantes indocumentados, mas não apenas.

## **5.2. Forças policiais e INAMI**

Nas entrevistas, a esfera mais citada quando se trata de violação ou descumprimento dos direitos dos migrantes é a segurança pública, dentre essas o INAMI é especialmente citado, o fato de as serem responsáveis pela gestão das migrações e possuírem o poder de repressão e detenção aumenta as queixas. De acordo com Torre Cantalapiedra (2019) em muitas ocasiões o INAMI, especialmente, “descumpre, por ação ou omissão, com a proteção e respeito aos Direitos Humanos dos migrantes em trânsito”. Além de violação aos direitos humanos as queixas de corrupção dentro do órgão também são grandes.

Como afirma a assistente social e o diretor de albergues em Tijuana, discorrendo sobre as queixas que escuta dos agentes policiais e de migração:

*Hay mucha corrupción la policía les abusan, les quitan el dinero, tu visa humanitaria no cuanta nada, tienes que dar ... se las quitan, entonces es muy difícil. (...) Llegan con historias de que un agente federal de migración las quiso violar, pasan por muchas cosas fuertes, entonces por eso digo, son muy vulnerables que yo creo que es importante que usemos pues como que ese poder colectivo para ayudarlos, aunque no haya mucho recurso financiero.* (Informação oral, Estagiária - Assistente social, Instituto Madre Assunta, Tijuana, 2018).

*(...) ah, pues con la policía sí, muchas veces molestan los migrantes, a veces pasan en frente a la casa, levante la gente porque dicen que no tienen documento y a pesar que tienen documentos en la casa y no respetan, a veces tenemos que salir, pelear con policía, llamar sus jefes, hay otra policía que está metido en lo que es el proceso de secuestros, extorsiones también, ya sabemos esto, no hay mucha confianza en la policía, estoy seguro que hay algunos policías que son muy buenos pero la gran mayoría tienen mala fama. (Informação oral, Diretor da Casa do Migrante, Tijuana, 2018)*

Nos trabalhos de campo quando entrevistava os migrantes facilmente apareciam relatos de más práticas destes agentes. Conversando com uma jovem hondurenha no campo em Tijuana em ela faz um relato completo de um caso de extorsão policial, o reproduzo aqui sem cortes para que se possa visualizar a situação vivida pela migrante:

*El agente de migración nos extorsionó, nos extorsionaron en Mazatlán. Nosotros estuvimos allá trabajando en Tapachulas, para sacar nuestra visa, y todo ¿verdad? hacer todo, hacer la manera legalmente todo porque desde un principio nosotros averiguamos y para no correr riesgo o no correr tanto riesgo porque un va a este camino corriendo riesgo que le pase todo. Pero para no exponerse demasiado decidimos e averiguamos bien e la opción más viable era tramitar las visa para llegar el momento de ir subiendo hasta acá porque para llegar el momento de subir acá e después llegar hasta a EUA e nos entregarse allá por el caso que nosotros traemos de Honduras, pero, averiguamos e con la visa podríamos ir subiendo sin ningún problema, no tendríamos que andar rodeando garitas, como se dice, porque no momento que rodeas garitas ahí están todos los delincuentes, secuestradores, violadores, entonces por eso decidimos trabajar allá e todo. Y al momento que llegamos acá y que estamos en al bus, se subió una gente de migración y dijeron queremos los documentos e todo, mi amigo e yo sacamos nuestros documentos, la vis e otra muchacha parece que andaba con visa humanitario, entonces nos bajaron del bus, nos bajaron, e la gente que hablo conmigo, fue, en ningún momento fue amable, siempre fue bastante, o sea ... del comienzo. Porque, desde el momento nunca me dejó hablar.*

*Me hacía preguntas, pero no me dejaba responderle y me dijo para donde iba, yo me dije que iba para acá para Tijuana. E me dice: con este documento no puede subir hasta la zona norte del país. Yo dice, ahí donde tramité en Tapachulas me dijeron que yo podía andar a todo país, mismo la tarjeta lo dice, dice también que uno puede entrar y salir cuantas veces uno quiera, y ahí los mismo: mira que la persona que te consiguió eso le hizo mal el trace me dijo, entonces él dice yo hice todo legal yo no pagué a nadie para que me diera esta tarjeta, yo estuve ahí en Tapachula, yo trabajé y esperé mi visa y por eso subí hasta horita porque esperé que me la dieron. No... me dice que, o sea diciendo que yo había obtenido de manera ilegal, entonces que se puso a hablar y que no sé qué... ¿quién te dio esa tarjeta? Yo dije no yo la tramité en migración de Tapachulas, y dice no que no la tramitaste ahí, no me mientas me digas la verdad, yo: cual verdad quiere que te digas esta es la verdad. E me dice: anda baja tus cosas aquí te voy a abajarte a los dos. A mi primo e a mí. Entonces yo me subo al bus y pues, bajo mis cosas e en al momento que bajo ya me dices, - ya no te preocupes, vamos a hacer algo, Uds. quieren pasar me dice, e yo quiero que Uds. pasen y ya nos pidió ahí dinero. Y yo le dije: - ¿cuánto quieres? nosotros no traemos dinero. - ¿500 cada uno? No, se*

*quieres que te vayas bonito 1000 pesos cada uno. E ya pues, tuve que dárselo. (Informação oral, Migrante hondurenha, Instituto Madre Assunta, Tijuana, 2018).*

A jovem era uma migrante muito politizada e muito esperta, como podemos ver em seu relato ela estava ciente de que isto ocorria e tomou precauções, em seu relato conta o esforço que foi ficar o período em Tapachula para conseguir a documentação adequada para subir o México correndo menos riscos. Rapidamente após o ocorrido ela buscou auxílio de um albergue que esteve na cidade do México para que a instruissem sobre como apresentar queixa dos agentes que a abordaram, atitudes que não são muito comuns de serem relatadas em campo.

Em Tijuana os migrantes deportados, ainda que sejam mexicanos também relatam situações de abuso policial, simplesmente por estarem próximos à fronteira.

*Ah si la policía, la policía aquí te molesta, a mí me molestaron una vez porque yo estaba parada en la línea, he ahí se para la gente malandra que hace sus negocios chuecos, yo no sabía, yo estaba parada ahí, llegaron y me levantaron - ¿Qué haces aquí mamacita? e pum... vámonos e me subió a la camioneta y ahí me llevó. Eso fue na última vez que fui deportada en 2011, me dieron una paseada por toda Tijuana. (Informação oral, Migrante mexicana, Tijuana, 2018)*

Há também relatos de violência, no extrato abaixo fala um jovem hondurenho que cruzou o México em uma tentativa de caravana em janeiro de 2020<sup>110</sup>. Segundo o seu relato, a caravana foi dispersada logo na fronteira Guatemala-México. Alguns migrantes que escaparam do cerco seguiram subindo pelo México. O informante conta que em algum lugar quando estavam entre a cidade de Arriaga e Xocotepec no estado de Oaxaca, eles foram perseguidos pela polícia e alvejados com armas quando encontrados.

*La migra, la migra es muy importante ya ha correteado bastante, pero nunca me ha puesto la mano encima, nunca me ha tocado gracias a dios si en un lugar que me haya, ya saliendo de Arriaga ya para llegar a Xocotepec ahí llegó, estábamos descansando en un auto y sin identificación entonces sacaron armas y dispararon, y nosotros lo que nos hicimos es correr por unos potreros que había.(...) Ahí ya saliendo de Arriaga ya entrando al estado de Oaxaca, si y para nosotros que eran maleantes pues, pero cuando ya subimos a la colina, la colina arriba ya revisamos a la calle y ahí estaba la sirena de las patrullas todas las luces, eran federales entonces ahí perdimos todo, ahí perdí mi identidad mi país, perdimos dinero, perdimos la mochila una maleta que traíamos (Informação oral, Migrante Hondurenho, Oaxaca, 2020).*

---

<sup>110</sup> Esta entrevista foi realizada por vídeo chamada com o apoio dos funcionários de um albergue em Veracruz.

O informante se entristece ao contar que perdeu o pouco que levava na viagem, mochilas, dinheiro, documentos que trazia. Uma pessoa colocada nessas condições em qualquer lugar, tendo que fugir de toda a institucionalidade se torna extremamente vulnerável a perder a vida. O migrante hondurenho ouvido falava da documentação que trouxe de seu país, no México ele não ainda possui documentos, é uma pessoa indocumentada. O fato de estar indocumentado não é um delito, mas uma falta administrativa desde 2009, ainda assim é um fator que faria com que fosse detido pelo governo mexicano.

Os únicos agentes que podem deter a população migrante são agentes da polícia federal e do INM. Como estes agentes se concentram nas fronteiras, estradas e aeroportos grande parte das verificações de documentos e conseguintes prisões acontecem nos trajetos e muito poucas nas cidades.

*(...) el contexto mexicano es bien extraño, porque no es como otros contextos migratorios no sé cómo es por ejemplo en Brasil. Pero a diferencia de países como Estados Unidos donde en lugar de integración a redadas en donde no tener un documento se vuelve un peligro en general, en México la única autoridad que te puede detener sin tener documentos es la policía federal o el instituto nacional de migración, o la policía federal o la guardia nacional por el apoyo del instituto nacional de migración no o incluso ya en términos prácticos no es así pero digamos que son agentes federales entonces si te despide un policía local no está ni siquiera obligado a llevarte con instituto nacional de migración este ni tendría porque pedirte el documento de regular estancia. Entonces qué es lo que sucede con la integración que, la gente que no tiene documentos está en riesgo cuando está transitando porque los controles migratorios regularmente están en lugares en las carreteras, los aeropuertos, pero en el momento en el que se asientan digamos que dejan de correr el riesgo que sean detenidos a menos que tengan una exposición con algunas de estas autoridades lo cual es muy poco probable en cierto contextos como la Ciudad de México, ahora hacia el sur, sí nos hemos enterado, e los estados del sur como Tabasco y Chiapas si están actuando la policía federal las policías locales pues totalmente fuera de la ley pero si están ayudando a los agentes federales para detener(...)* (Informação oral, Coordenador Psicossocial Sin fronteras, Cidade do México, 2019).

O informante explica, contudo, que o risco de ser detido vai depender também de onde se está no México, é mais difícil ser abordado em cidades como a Cidade do México de que em cidades dos estados do sul do país, que possuem mais pessoas em mobilidade e, como explicitado, uma maior barreira de contenção.

### 5.1.1. Estações migratórias

Segundo a organização *International Detention Coalition* (2018), o México é o segundo país que mais detém em toda a região das Américas (depois dos Estados Unidos) e possui o maior centro de detenção de imigrantes de toda a América Latina, com capacidade para mais de 900 pessoas. Somando todas as Estações Migratórias<sup>111</sup> o México tem capacidade para “alojar” 3535 pessoas (REDODEM, 2019, p.207).

FIGURA 55 - MAPA DE ESTAÇÕES MIGRATÓRIAS NO MÉXICO



Fonte: REDODEM, 2019 p. 207

A detenção é um mecanismo de controle da mobilidade de pessoas pelo Estado e no caso do México é um componente fundamental da política migratória mexicana, uma das formas mais expressivas de seu papel de muro funcionando, o controle de forma literal e simbólica, como nos explica Pablo Ceriani

<sup>111</sup> Segundo a REDODEM, a partir de dados da CNDH, “De acuerdo con la CNDH, en 2019 estaban en funcionamiento 29 Estaciones Migratorias, ubicadas en las entidades federativas de Aguascalientes (1), Baja California (2), Baja California Sur (1), Chiapas (3), Chihuahua (3), Ciudad de México (1), Hidalgo (1), Oaxaca (1), Puebla (1), Quintana Roo (2), San Luis Potosí (1) Sinaloa (1), Sonora (1), Tabasco (3), Tamaulipas (2), Tlaxcala (1), Veracruz (2), Yucatán (1) y Zacatecas (1). (2019, p.206)

*(...) los mecanismos de control, en especial de detención y deportación de migrantes, cumplen una función medular, tanto simbólica como, en muchos casos, real. Simbólica porque envían un mensaje sobre los obstáculos para migrar hacia el norte y sobre las consecuencias de tal intento. Y real, por su impacto concreto en la vida de miles de personas (2011, p. 10).*

Mas de alguma maneira o Estado mexicano ainda tenta esconder esse papel. São utilizados muitos eufemismos quando se fala em detenção de migrantes no México. Usa-se a palavra “apresentar” as pessoas à autoridade migratória, em “alojar” as pessoas em uma estação migratória. Na prática, chamam esses lugares de estações migratórias, mas elas são prisões, como afirma o relatório da CNDH, *“Por tanto, aunque se indique que las personas en contexto de migración han sido “rescatadas”, “alojadas”, “presentadas”, es claro que la detención migratoria es una privación de la libertad derivada de la condición de estancia no documentada en el país (...)” (2019, p. 8).*

Sobre o termo “Estaciones Migratorias”, que é bastante antigo, o relatório da CNDH explica:

*Si bien las primeras Leyes de Migración de los Estados Unidos Mexicanos, fueron expedidas en 1926 y 1930, no fue hasta la Ley General de Población de 1947 y su Reglamento que se empezó a utilizar el término “Estaciones Migratorias”, para designar los lugares de alojamiento de las personas migrantes con condición de estancia no documentada y que eran detenidas por las autoridades en tanto se resolvía sobre su situación migratoria (...)*

*Dichos recintos migratorios fueron producto de un modelo de política migratoria restrictiva y de enfoque de seguridad nacional, que tenía como objeto contener y restringir el ingreso de personas extranjeras en condición de estancia no documentada. (CNDH, 2019, p. 4).*

Em si, e fato de existir estações migratórias, para a sociedade civil organizada já é uma violação de direitos humanos, como afirma a organização SIN FRONTERAS IAP.

*En Sin Fronteras creemos que la existencia de estos centros de detención y sus condiciones de reclusión son prácticas contrarias a los estándares internacionales de derechos humanos. El acto de la entrada, tránsito o residencia irregular no es proporcional a la sanción que se aplica a las y los migrantes, a través de la privación de la libertad y violación a sus derechos humanos (SIN FRONTERAS, 2016)*

Os migrantes ficam privados de sua liberdade por vários meses, havendo casos de pessoas até mais de um ano em detenção, e ficam detidos até serem deportados ou iniciarem o processo de regularização, por meio do refúgio ou outro, O governo afirma que estão alojados

pela sua segurança (Informação oral, Coordenadora Psicosocial, Sin Fronteras, Cidade do México, 2015, tradução livre). As organizações trabalham para que as estações migratórias sejam compreendidas como o que são: centros de detenção, e para impulsionar alternativas à detenção. Existe toda uma pauta de direitos humanos dos migrantes no México que pede o fim das detenções de migrantes.

*(...) que requieren modificación, por ejemplo el tema de la no detención migratoria que continua siendo en la práctica pues es una violaciones del sistema porque el propio sistema migratorio establece que las personas o todas las personas que no cuenten con documentos migratorios deben de ser presentados ante el Instituto o sea por ejemplo si es algo que se tiene que modificar para que justamente parta delos tres principios en materia de detención, migra... de detención, que la detención por cuestiones migratoria tendría que ser excepcional (...) lo dije hace rato como dos veces se me olvido la tercera, ahora se olvidaron dos, excepcional, necesaria y proporcional (Informação oral, Funcionaria, GPTM, Cidade do México, 2019).*

Pela legislação além de migrar não ser um delito, há casos nos quais as pessoas não deveriam ser detidas de nenhuma forma, por exemplo, solicitantes de refúgio, crianças, adolescentes, famílias etc. e outras prerrogativas dentro da mesma legislação que deveriam proteger as pessoas detidas nestas estações, e que não são cumpridas. A informante aponta para um caso de violação sistemática dos direitos:

*o sea esta la ley de migración el reglamento y además hay ciertos protocolos o procedimientos hay algo que se llama las normas de funcionamiento de estaciones migratorias en esas se establece que las personas migrantes tienen derecho a una llamada telefónica cuando a una persona le dicen que tiene derecho a una llamada telefónica en y está en la estación migratoria se ríen de ti , porque no existen esos mecanismos de accesibilidad para ejercer ese derecho entonces si pueden haber como margen normativos, los procedimientos los demás funcionamientos pero si en la práctica no hay mecanismos de accesibilidad de esos derechos de nada sirve o sea de nada sirve tener márgenes normativos progresistas si en la práctica se violentas los derechos de manera sistemática (Informação oral, Diretora, GPTM, Cidade do México, 2019)*

Para os solicitantes de refúgio, simplesmente fazer a solicitação de refúgio já se torna complicado, pelo desconhecimento e pelas dificuldades colocadas pelas instituições migratórias. Somando-se a isso, o fato de estar detido em uma estação migratória por um grande período faz com que muitos desistam da condição de refúgio se tiverem que estar lá dentro durante o tempo do processo. Uma informante me explica a porque tantos desistem tendo o direito:

*Entrevistadora: pero lo mismo, porque las personas víctimas de delito también podrían solicitar refugio ¿no?*

*Entrevistada: sí, pero eso implica que inclusive las personas que quieran solicitar refugio van a estar en la estación migratoria hasta que resuelva su proceso, también estar detención migratoria es una manera de presionar a las personas para que desistan de su proceso o sea si tiene un efecto disuasorio porque obviamente estar en la estación migratoria es una cárcel y no hay condiciones para vivir (Informação oral, Diretora, GPTM, Cidade do México, 2019).*

Outras vezes eles são mal-informados ou negam a eles o direito de solicitar refúgio dentro da própria estação.

*Entrevistada: Si, a veces cuando son un derecho humano, pero a veces con las personas que tienen más de treinta días en México y quieren solicitar pues no se les da ya el acceso, si ellos tienen que ver porque motivos no solicitaron dentro de los 30 días, pero si no son justificables pues no, las personas pueden decir a veces que es por desconocimiento, pero eso no es un motivo para que las personas no hayan solicitado, entonces eso es lo que te mencionaba que las leyes al final no están como en armonía con los tratados internacionales y demás, porque la ley de refugiados marca que las personas deben de solicitar antes de los 30 días, si no lo solicitan antes de los 30 días entonces se les va prevenir para que expliquen el motivo por los que no solicitaron si son justificables les admiten al procedimiento y sino pues no. (Informação oral, Diretora, Asylum Access, Acayucan, 2019).*

Se as pessoas não estão ainda detidas, a tendência é que mantenham a distância das instituições de controle migratório e tentem se aproximar das instituições que promovem direitos. Assim, a localização das instituições que promovem direitos não pode então coincidir com as de controle, sob o risco de inibir a população a buscar proteção. Não é o caso da estação migratória de Acayucan, esta estação é a segunda maior do México e possui um escritório da COMAR alocado dentro dela. Tal arranjo faz com que os solicitantes de refúgio tenham que entrar na estação migratória para realizar a solicitação, o que na prática não ocorre pela desconfiança e temor de ser detido.

Há mais queixas do órgão que creem que ajuda especialmente de seus agentes. Conta que se fala de muita corrupção no interior no INM, na parte de regularização migratória, na parte das estações migratórias, e se fala da violência, do excesso de força. Além das violações de direitos humanos cometidas pelo INM, as Estações Migratórias, segundo os relatos, carecem de infraestrutura para satisfazer os direitos humanos dos migrantes.

Além disso, as recentes caravanas levaram a um processo de superlotação, como mostra a tabela da REDODEM, baseada no informe da CNDH:



TABELA 6 - SUPERLOTAÇÃO DAS ESTAÇÕES MIGRATÓRIAS DE MAIO A OUTUBRO DE 2019

Estación	Capacidad	Mayo	Junio	Julio	Agosto	Septiembre	Octubre
Tapachula	960	1500	1303	2216	1035	-----	1062
Acayucan	836	2051	2051	2153	1198	1818	1104
CDMX	464	667	519	492	-----	-----	-----

E como explicita a informante:

*Si, estaba como, esta estación migratoria es la segunda más grande de México y tiene capacidad para 800 personas aproximadamente, la estación migratoria llegó hasta su doble de capacidad, hasta más de su doble de capacidad, llegó a tener como casi 2000 personas, entonces hasta se tuvieron que habilitar un espacio en el estacionamiento para colocar a esas personas. (Directora, Asylum Access, Acayucan, 2019)*

Durante este período, tornou-se ainda mais complicado garantir o básico, como água, comida e condições de higiene aos “assegurados”.

*(...) durante el primer semestre del 2019, mientras hubo caravanas de migrantes, las estaciones migratorias y estancias provisionales se encontraron rebasadas en su capacidad, se carecía de asistencia humanitaria (CNDH, 2019, p. 76)*

Um funcionário do albergue de Oluta em Veracruz que recebe os migrantes detidos na estação migratória de Acayucan, conta em entrevista que eram necessários procedimentos de higiene e cuidados com a saúde de todos que chegavam da estação:

*(...) una de las cuestiones que más nos preocupan en esta área es el higiene, la higiene de estación migratoria... las personas llegan con muchos piojos, bueno los niños en especial, con muchos piojos y problemas gastrointestinales nosotros aproximadamente dos veces al mes gestionamos el escamisan que es para erradicar los piojos y bañamos a todos los niños para evitar la proliferación de estos animalitos, pues en el modo preventivo nos llevamos muy bien con el director de la jurisdicción sanitaria de San Andrés Tuxtla que constantemente está preocupado por los solicitantes de refugio y los migrantes que vienen en tránsito como más desparasitación a los niños y a las personas adultas como hoy que vamos a tener la visita del centro de salud para la vacunación de todos los chicos y he mandamos a fumigar el albergue cada tres meses el día de, esta semana está pendiente van a venir. (Informação oral, Psicólogo, Albergue Ranzauer, Oluta, 2019).*

Outro relato conta que todos ficam muito felizes de sair e que adoecem muito lá dentro, família inteiras, muitas vezes com crianças, vivem essa situação que também lhes afeta a saúde mental.

*Entrevistada 1: es un tema horrible para todos. La felicidad de ellos cuando salen, cuando van saliendo...*

*Entrevistada 2: Vienen de un encierro no de un día, dos días, de tres meses e imagínate con tu familia allá dentro, tus hijos y te enfermas bueno, la comida todo. Ósea a lo mejor no es mala no, pero para mí si yo vengo de un país donde no consumo ningún producto, la dieta es muy diferente no, desde ahí para mí la comida es mala no, sino tiene los mismos condimentos el mismo sabor pues es mala la comida.*

*Entrevistada 1: Podría decir q la mayoría baja de peso...*

*Entrevistada 2: y se empiezan a enfermar, a exacto sobre todo los cuadros de gripe, calentura, problemas intestinales.*

*Entrevistadora: ¿y sufren violencia allá dentro?*

*Entrevistada 1: por personal, por la misma población sí, los niños además de que los adultos sufren ansiedades, estreses, además de todo lo que han pasado en su país los niños salen con problemas de conducta, no nada más que yo diga que su hijo ha cambiado mucho que ha modificado su conducta a como era cuando estaban en su país. Pero imagínate el encierro, la falta de muchas cosas de allá dentro. (Informação oral, Psicóloga e Assistente social, RET, Oluta, 2019).*

Os relatos deixam claro que a estação migratória mexicana mantém os migrantes em condições bastante precárias. Outros relatos também explicitam ocorrências de violências e violações de direitos humanos. Um funcionário de um albergue na Cidade do México advoga que há maus tratos que são gravados e que ele mesmo presencia a forma de tratamento das autoridades para com os jovens que eles levam para o albergue.

*No se ha hecho nada que en las estaciones migratorias que nadie ha generado, pero, yo conozco la de Iztapalapa, hay casos de violaciones a derechos humanos, violaciones físicas, casos de tortura había decesos en la estación migratoria donde al ser una persona indocumentada nadie sabe, no hay registros de eso es un número más sabes, ese tipo de cosas son las que impiden que puedan, incluso hay personas migrantes creer que eso es posible, tu llegas a ver una persona migrante con derechos, ahorita este niño que llegó nos tomó una grabación donde de alguna manera había un teléfono adentro de la estación migratoria y pensar la incongruencia de él que si pasa, que donde estaba y que le mandaron fotos están viendo como torturan ese chavo. O sea, tal cual, y dices, sabes ni les crees del todo, pero tampoco dejas esa apertura la duda. Ese niño que llegó lo trajeron amarrado realmente lo trajeron como si fuera un preso y bueno a estos que les pasa no, la gente migratoria fue así: “sabes que ahí te quedas”. (Informação oral, Coordenador, CAFEMIN, Cidade do México, 2019).*

E continua no relato, explicando a forma bruta com que trataram o garoto, afirma que era como se ele fosse um psicopata, e que o adolescente chegou lá muito desconfiado e com muitas reservas.

Um migrante hondurenho entrevistado afirma que já esteve em prisões nos EUA e que prefere estar em uma prisão americana que estar em uma Estação Migratória Mexicana.

*Entrevistadora: ¿Fuiste también a estación migratoria?*

*Entrevistada: Sí.*

*Entrevistadora: ¿Estuvo ahí y qué tal?*

*Entrevistada: Pues no, después de un mes es duro estar ahí, mire yo estaba en prisión y yo prefiero estar el doble en la prisión que estar en la migración.*

*Entrevistadora: ¿En la prisión americana?*

*Entrevistada: Sí, allá hay limpieza, higiene y de todo, pero ahí lo que hay es más suciedad, yo que no soy tan enfermarme de gripe una vez al año ahí me enfermé en dos meses que estuve ahí me enfermé 3 veces de gripe y se me cogió infección aquí adentro también en la garganta, cogí conjuntivitis y que más ahí solo pasaba con un dolor de cabeza que ahí todos los días y me miraban como un perro y no ellos no se preocupan, a mí me salvó que llegó el doctor hospital sin fronteras, ¿no lo había oído comentar?*

*Entrevistadora: Sí ya he oído este nombre.*

*Entrevistada: He... pues sí, el hospital sin fronteras es grandísimo es como un hospital de toda clase de medicina y me llevaron para allá me pusieron inyecciones, me dieron para infección las pastillas y de todo y así me pude curar, pero para la gente de ahí no, no le quieren dar ni agua a veces de mala gana le dan papel he qué más. (Informação oral, migrante hondurenho, Oluta, 2019)*

O migrante ainda relata que eles tentavam se comunicar e denunciar a situação com as instituições de direitos humanos e a ACNUR que faziam visitas, mas não tinham sucesso e sofriam represálias quando o faziam.

*(...) que no querían que limpiaran es como castigo pues.*

*Por eso se enojaba todo el mundo ajá y cuando te insultaban también porque estaban enojadísimos era a derechos humanos porque ahí llegan toda las instituciones esas y poníamos quejas, mira, los cubanos son por eso nadie los quiere ni los centroamericanos ni los mexicanos no quieren a los cubanos por eso mismo porque hay gente derecha ese no tiene miedo para hablar nada, en parte son estudiados, inteligente la mayor parte, todos mejor dicho “oye chica tú crees que esto es justo para nosotros que vamos de paso y nos han agarrado aquí estar sufriendo todo esto tú puedes creer esto, mira anda ve ahí, estos desgraciados, yo no digo malas palabras, pero yo le voy a decir esto solo cuando vienen ustedes aquí, que andan aquí es que mandan a limpiar, pero ustedes se van varios días y esto queda peor, mira cómo han puesto cintas para que ustedes no pasen para allá, vayan a ver allá” les decía y los insultaba a veces “o no saben nada, o solo van ganándose el dinero” así les decía así a los de derechos humanos.*

*A todos, porque ahí llegaba ACNUR, Red, no sé qué más un montón instituciones llegaban ahí, pero les daban duro a derechos humanos. ¿tu trabajas en derechos humanos? Has algo chico, ha algo mira esto estamos muriendo de tanta enfermedad que tenemos aquí, no nos quieren dar ni chance, por qué tanta tortura venimos de un país tan sumergido también ustedes nos quieren tener así les decían los cubanos y pobrecitos yo les daba*

*una razón una vez porque hasta cuatro, cinco meses, preso ahí, es injusto. (Informação oral, Diretora, Asylum Access, Acayucan, 2019)*

O governo mexicano a partir dos litígios na questão das Estações Migratórias passou a permitir que alguns solicitantes de refúgio esperassem a resolução de seus processos fora das estações, programa que se chama “*alternativas a la detención*”<sup>112</sup> e encaminham pessoas em condição de vulnerabilidade (idosos, enfermos, mulheres grávidas), e adolescentes e crianças não acompanhados (Diretor COMAR Acayucan, 2019). Atualmente a sociedade civil é quem cumpre o papel de receber essas pessoas.

Chama atenção o fato de não existir nenhum albergue para migrantes fomentado pelo próprio governo para essas pessoas, a notícia no momento do trabalho de campo de 2019 era que finalmente, por conta das situações do MPP o governo iria pronto inaugurar instalações para albergar migrantes em Tijuana<sup>113</sup>. O medo da sociedade civil era de que o governo abrisse na verdade novas estações migratórias ao invés de albergues de passagem. Na Cidade do México, como em outros lugares do México, existe somente albergues do governo para população em situação de rua, e esse tipo de albergue não é adequado são públicos com necessidades e problemas diferentes, como explica o informante:

*(...) el programa que tienen de vivienda, el único que tiene el gobierno, es un programa para personas en situación de calle, entonces mandar a las personas migrantes ahí es muy complejo porque ahí convive con personas con trastornos psiquiátricos con varios problemas de drogadicción que llevan muchos años en situación de calle, entonces no es tan fácil. (Informação oral Coordinador psicosocial, Sin Fronteras, Cidade do México, 2019)*

E deveria haver, pois em teoria, a única cidade mexicana onde os migrantes não podem ser detidos por não estarem documentados é na Cidade do México, por ser “cidade santuário”<sup>114</sup>. A Cidade do México (CDMX) é reconhecida como uma cidade refúgio<sup>115</sup>, hóspede, uma cidade que possui uma lei de interculturalidade (2011) que abarca migrantes. A fama de cidade refúgio

---

<sup>112</sup> O IDC define alternativas à detenção como: qualquer legislação, política ou prática devido à qual uma pessoa não é detida por razões de seu status de imigração (IDC, 2018)

<sup>113</sup> A imprensa noticiou que em dezembro de 2019 este albergue abriu as portas com capacidade para 3 mil pessoas < <https://www.sandiegouniontribune.com/en-espanol/primera-plana/articulo/2019-12-12/abren-albergue-federal-en-tijuana-para-migrantes-que-esperan-asilo-de-estados-unidos>>.

<sup>114</sup> Uma cidade santuário são cidades adotam políticas que protegem migrantes irregulares, os protegem de detenção, de deportação etc.

<sup>115</sup> Segundo Camiro (2018) em 2017, “(...) el artículo tercero del proyecto de Constitución, el cual habla sobre la ciudad como un destino de migrantes, convirtiéndola así en lo que establece el proyecto como una ciudad refugio. Esto necesariamente reconoce la composición pluricultural y de pluralidad de etnias en la cual personas de todas procedencias deberían tener el derecho de desarrollarse con dignidad y libertad”.

também se refere ao histórico do México em receber exilados latino-americanos nos anos 70 e 80.

*En la Ciudad de México hay una ley que se llama ley de interculturalidad que garantizaría el presupuesto que cualquier persona extranjera en la Ciudad de México es un huésped, es una persona huésped, y una persona huésped tendría el derecho a todos los programas sociales que tiene el gobierno local (Informação oral Coordenador Psicosocial, Sin Fronteras, Cidade do México, 2019).*

Não obstante a Cidade do México congregue essas iniciativas, congregue muitas políticas públicas, e haja uma preocupação propagandeada de que o poder público trabalhe para a inclusão das pessoas migrantes nestas políticas públicas, na prática torna-se difícil que este movimento, esta intenção do governo chegue na ponta, que o atendimento chegue aos migrantes<sup>116</sup>.

### **5.3. Acesso a direitos e serviços**

A despeito da legislação mexicana expressamente garantir os direitos dos migrantes, inclusive dos migrantes indocumentados, grande parte da razão pela qual os migrantes não acessam as políticas e serviços públicos é por conta da documentação. A maioria das pessoas em trânsito não possui nenhum documento legal no país ou, quando possuem, dificilmente as credenciais são aceitas como válidas. Em ambos os casos as pessoas não conseguem ser atendidas.

*Contrario a lo que establecen los marcos jurídicos internacionales no tener un documento migratorio en México si es condicionante para el acceso a todos los derechos vivienda, educación, salud, registro civil a todos, no debería de ser, o sea, cualquier persona que esté en territorio mexicano tiene derecho a todos los derechos independientemente a su condición migratoria, pero la realidad no es así. (Informação oral, Coordenadora, GPTM, Cidade do México, 2019).*

---

<sup>116</sup> O problema ocorre em todo o México, opto neste momento por usar a CDMX como exemplo por ser a capital e possuir muita oferta de políticas e serviços.

FIGURA 56 - MURAL NO ALBERGUE CASA TOCHÁN CDMX, 2019



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

A principal documentação para exercer a cidadania no México é a *Clave Única de Registro de Población (CURP)*<sup>117</sup>. Um funcionário de Sin Fronteras (Cidade do México 2019) explica que o acesso a certos serviços é limitado pelo CURP. Todas as pessoas no México têm CURP que é um código de população, então os estrangeiros que residem também devem ter esse código. Mas é um código que pressupõe a posse de um documento de imigração. A CURP é importante em todos os momentos, quando vão para o posto de saúde, se inscrever na escola. O sistema informático de todos os lugares usa a CURP. Resumi uma funcionária da ACNUR durante o trabalho de campo: “*si no tienes curp no tienes derecho a nada*”. (Coordenadora ACNUR, Acayucan, 2019).

Os relatórios de organizações internacionais como a OIM, também já apontam claramente o problema:

---

<sup>117</sup> Criada em 1996, a *Clave Única de Registro de Población* (conhecido como CURP) é um código de identidade alfanumérico exclusivo de 18 caracteres, usado para identificar oficialmente residentes e cidadãos mexicanos em todo o país. A CURP permite que todos os cidadãos mexicanos sejam individualmente identificados nos cadastros de responsáveis de instituições públicas, com o objetivo de dar segurança jurídica à população e melhorar as relações entre a pessoa e as instituições públicas. Da mesma forma, permite realizar um procedimento de forma simples e agradável, o que contribui para a eliminação das diferentes chaves de cadastro de pessoas. <[http://dof.gob.mx/nota\\_to\\_imagen\\_fs.php?codnota=4903440&fecha=23/10/1996&cod\\_diario=209804](http://dof.gob.mx/nota_to_imagen_fs.php?codnota=4903440&fecha=23/10/1996&cod_diario=209804)>

*Se encontró que el acceso al empleo de las personas en movilidad está condicionado a la posesión de la Clave Única de Registro de Población (CURP) y a los cambios que ésta tenga. Si bien el Registro Nacional de Población (RENAPO) lanzó el programa de la CURP temporal para solicitantes de asilo y perfiles especiales, el registro de toda la población migrante sigue representando un reto en la actualidad pues la CURP está, por un lado, condicionado a un registro dentro del sistema administrativo migratorio y, por otra parte, el marco normativo limita la acción ante poblaciones en movilidad, ya que la Ley General de Población establece que la clave sólo puede otorgarse a residentes “domiciliados”. Estos factores limitan el ejercicio del derecho a la identidad, algo que afecta directamente sus posibilidades de insertarse en el mercado laboral, pues muchas gestiones relativas a seguridad social y administrativas laborales están condicionadas a la posesión de una CURP. (NEGRO, 2019, p.8)*

Ainda quando há um documento de imigração, se este documento não for acompanhado da CURP, eles não conseguem acessar o direito. Sendo assim, na prática o direito fica inacessível, e, portanto, a lei não é aplicada.

*(...) porque la ley dice con independencia de tu situación, jurídica puedes tienes derecho a eso, entonces por ejemplo eso es algo con lo que hemos estado batallando antes a los solicitantes, a las personas solicitantes de asilo se les daba una tarjeta y no se le emitía la CURP a pesar de que remitirla, se logró hacer como todo un trabajo de incidencia junto con las organizaciones y no se transformó, por ejemplo, que fui a dialogar a la par. También hacíamos litigios de casos particulares en donde hubo, como digamos, respuestas de los jueces que nos decían que teníamos la razón y que la persona tenía y obligaban no se a las escuelas a aceptar a los chicos si tener esa clave, por ejemplo.*

*Nosotros empezamos a litigar el tema de la CURP porque esto afectaba el acceso a Salud, Educación, trabajo, etcétera. Aun cuando tuvieran un documento de regular estancia, este documento de regular estancia no les garantizaba ese acceso. Entonces el litigio que hacíamos era contra de, o por la negativa del instituto y de las instituciones RENAPO en darles este documento. ¿No? eso ya se salvó, pero eso no quiere decir que de que las personas estén accediendo, pues de manera adecuada a lo que es salud, educación y trabajo. (Informação oral, Coordenadora, Clínica Jurídica Alaíde Foppa, Cidade do México, 2019)*

Uma instituição de defesa de direitos dos migrantes trabalha litigando a respeito do tema, a diretora entrevistada explica que, muitas vezes, mesmo que o migrante tenha a CURP, que tenha um documento de regularização, as instituições duvidam da validade, ou existem outras leis secundárias que pedem outros documentos.

*Pues los procedimientos, por ejemplo para ingresar a la salud tienen como un reglamento de inscripción entonces tienen que cumplir ciertos requisitos por ejemplo, uno de los requisitos que les piden es que las personas*

*extranjeritas puedan presentar una carta de naturalización, entonces las personas solicitantes lo que adquieren es una residencia permanente y tienen que esperar dos años para poder obtener la naturalización y también es el procedimiento que deben hacer o sea para poder tener su naturalización con nacionalidad mexicana, entonces si una persona no va tener que esperar dos años para poder acceder a la salud si en el transcurso se enferma entonces son como ese tipo de cosas como requisitos que a veces piden y que las leyes no están como adaptadas a la realidad, a las necesidades entonces son como esas cosas, cuando pues lo dice tratados internacionales, lo dice la propia constitución que es la ley máxima de nuestro país que todas las personas en estado mexicano tienen derecho, derechos primordiales, pero ya cuando se baja a la ley secundaria es como una limitación. (Informação oral, Diretora, Asylun Acess, Acayúcan, 2019)*

As organizações de direitos dos migrantes litigaram para que os migrantes que possuíam o visto por razões humanitárias pudessem ter uma CURP, como explica a informante:

*(...) Entonces como no son residentes a esos no se les da documento de CURP un documento que además te piden en todos lados y según ellos, lo justificaban en la normativa en el artículo 59 de la ley de migración, después, pues sí como sea como yo creo que se dieron cuenta en algún momento queda demasiado evidente, y empezaron a sacar una CURP temporal para ellos, pero pues ahí ya, pues sí, desde ahí hay una distinción, ¿no? Pero bueno, finalmente, para efectos prácticos era sea fuera temporal, o fuera acorde definitiva era el documento que necesitaban. Por lo menos formalmente ahora ya cuando llegas a las instituciones, pues a ella, lo que te enfrentas es la discriminación práctica (...) (Informação oral, Coordinadora, Clínica Jurídica Alaíde Foppa, Cidade do México, 2019)*

E deve-se recordar que apenas os migrantes que podem ser regularizados têm acesso a CURP, os migrantes em trânsito que não foram vítimas, ou não podem solicitar refúgio continuam indocumentados.

O migrante indocumentado, no entanto, é ainda mais vulnerável, pois, assim como explica um informante, os governantes inclusive nos seus discursos passam a impressão de estarem desobrigados a atenderem esta população por não terem documentos, não possuírem a sua estância regularizada, por não serem solicitantes de asilo etc.

*Mira, uno de los o sea yo creo uno de los más problemáticos, o sea, yo creo que la población que está en mayor dificultad es la población que está en situación irregular. La población migrante irregular, ¿no? Esa es mi opinión salvo que va, digo en términos de la población en movilidad en general. Digamos que en ese sector no tienen documentos y no son solicitantes de asilo, una gran situación de vulnerabilidad porque ninguna institución los considera como un objeto legítimo de solución, bueno, si tu escucha los discursos gubernamentales hay una pareciere que la interpretación que las personas que no tienen documentos del gobierno no estarían obligado a*



*ningún tipo de atención, como cuando solicitas el asilo si, etcétera, etcétera. (Informação oral, Coordinador Psicosocial, Sin Fronteras, Cidade do México, 2019).*

Questionando a respeito sobre se a população em mobilidade indocumentada consegue acessar serviços na Cidade do México, uma funcionária do Programa de Direitos Humanos responde que alguns serviços sim, como a saúde que deve ser universal, mas que conseguir trabalho e educação já se torna mais difícil, como também veremos adiante.

*Pues es que no, si, o sea, servicios si, servicios te tienen que dar casi por obligación de todos he la salud está abierta casi totalmente a un poco es complicado el acceso al trabajo porque ahí si ya te piden cierta documentación no, en la educación también es un poco abierto siempre y cuando traigan sus documentos antes les pedían esto de estar comprobando he la escolaridad que era mediante de postilla y sus documentos etcétera, etcétera, pero salieron unas normas federales que ahora solamente con inscribir a las personas aunque estén de manera regular o no regular se les tiene que brindar el acceso a la educación en la CDMX, pero otros servicios si, o sea servicios como vivienda, como trabajo, eso sí es muy complicado ¿no? o sea, si tienen que tener algún tipo de identificación oficial, se pugnado mucho también porque se han aceptado las identificaciones que traen ellos desde sus países no o las identificaciones que emiten sus consulados, pero es complicado (...) (Informação oral, Funcionária Programa de Derechos Humanos CDMX, Cidade do México, 2019)*

Para grande parte dos entrevistados, o maior problema enfrentado para o acesso deste público à saúde, educação, emprego etc. é o desconhecimento dos agentes públicos que são responsáveis por promover esses direitos, desconhecimento das autoridades envolvidas em todos os processos de que os migrantes possuem estes direitos. Assim, o desconhecimento é colocado pelos informantes como a principal barreira:

*Primero creo que general las instituciones en México no tienen una capacitación para conocer los derechos de los migrantes y aunque lo sepa porque en la mayoría de las veces no es el caso no se los quieren dar no se lo quieren otorgar, pero mucho también se basa simplemente en la ignorancia no saben que un migrante si puede registrar a su hijo en la escuela, quiero el niño no necesita un acta mexicana. (Informação oral, Funcionária IMUMI, CIDADE DO MÉXICO, 2019)*

*Desconocían las instituciones que los solicitantes del refugio tienen derechos y que de SALUD era uno de ellos y que por decirlo así ellos estaban obligados a brindarles la atención al igual que un mexicano. Tienen desconocimiento más que nada. (Assistente Social, RET, Oluta, 2019)*

*Bueno yo creo que este último punto que decíamos que a veces por el no reconocimiento de estos derechos dentro de los servidores públicos a veces*

*también imposibilita el acceso a servicios o derechos a lo mejor educación, de salud, de trabajo este entonces este aunque tengan algún documento, el no conocimiento de los servidores a veces esto también está imposibilitando también su acceso entonces necesitan también ellos tener mayor tener una difusión de los requisitos y de los derechos también que tienen los migrantes para que puedan acceder a todo el derecho universal que poseen.(Funcionario, CONAPRED, Cidade do México, 2019)*

Há ainda um problema na especialização das demandas, o trabalho com migrantes e refugiados é um assunto bastante específico que foge do conhecimento dos funcionários nas localidades. A informante explica que o México é uma federação e que as leis federais são gerais e, por exemplo, as leis que tratam de estrangeiros não são de conhecimento local. Assim há um grande trabalho a ser realizado pelos defensores para informar e sensibilizar os funcionários locais, explica uma funcionária da ACNUR,

*(...) una algo muy complejo cuando trabajamos ya en terreno y en un país como México que es una federación. (...) en México el, la esta figura política de la federación al final, tú, por ejemplo, tu decías la procuraduría de niños, niñas y adolescentes, en pues, tienes una ley que tres leyes, por ejemplo, para los niños de los niños, la de migración la de refugiados. Entonces, en todas ellas nos dicen cómo tratar un niño, pero son federales son generales, cuando tú hablas con la procuradora de Acayucan, ahorita ya no la no, pero cuando llegamos abrimos esta oficina y decimos señora procuradora, usted tiene que ver los temas de refugiados, pues ella a nivel municipal ni tiene los medios porque es una persona para niños todos, ni tiene la capacitación. (ACNUR, Acayucan, 2019)*

Acerca dos desafios no acesso a essas políticas, muitas possuem regras e documentação necessária para que o usuário possa obter o atendimento ou o benefício em muitas áreas, e explica que estão sendo feitos esforços direcionados à população migrante e alterando as regras para que os migrantes acedam aos serviços. No entanto, até o momento eles somente conseguiram tornar acessível uma pequena parcela dos programas<sup>118</sup>.

*(...) Pues aquí en la CDMX hay alrededor de no sé 150 programas sociales y en realidad en el espacio hemos logrado cambiar solamente las reglas de operación de 22 programas, pues es menos del 10% de lo que tendría que ser, pero dentro de estos dos programas ya vienen reconocidos todos los documentos que se les expide a la población migrante entonces han sido rubros como muy importantes por ejemplo en educación, en trabajo, pueden acceder ahora a un seguro de desempleo por ejemplo, que otorga la secretaría del trabajo, el DIF que es la estancia que está encargada de los niños y las niñas también les permite el acceso entonces ha sido poquitos, pero ha sido como rubros importantes de la comisión no, entonces una vez que están modificadas estas reglas de lo que nos encargamos ahora nosotros*

---

<sup>118</sup> A informante fala “menos de 10%”, 22 programas de 150 dá mais de 10%, contudo optei por manter o discurso original, pois a ideia não se alterou, é enfatizar quão pouco.

*es monitorear que si se lleven a cabo, o sea, que no nada más se queden en el papel que digan bueno si ya está incluyente, pero nos tienen que venir o reportar las estancias de qué manera les están dando el acceso a la población no, y no somos un ente vinculante totalmente es decir no sancionamos ni nada por el estilo, sino más bien” (Funcionaria, PDH, CIDADE DO MÉXICO, 2019).*

As instituições da sociedade civil intercedem pelos migrantes em todas essas pautas, e até em questões laborais, pois quando os defensores acompanham o migrante o acesso ao serviço é concedido. Os defensores fazem um trabalho de sensibilização com os serviços locais.

*(...) lo que hacemos es hablar con los empleadores, por ejemplo, en casos de empleo y hablar también con los solicitantes o los refugiados para que ellos también tengan las herramientas de defenderse. No, de ese no es cierto, o sea, esta ley, dice tal cosa, ¿no? Entonces tenemos como eso en términos de trabajo, en términos de educación igual, ir a las escuelas hablar con el directivo, y hasta ahora, pues se ha solucionado, cuando niegan el ingreso de los niños. Con el tema de salud pues igual, ir a las instituciones. (Coordinador Psicosocial, Sin Fronteras, Cidade do México, 2019).*

*(...) muchas veces si la persona va sola y no va con un intermediario entonces muchas veces le niegan el servicio no, incluso en temas laborales también no, “de dónde eres” de honduras, uy no, no, quizás no es visible así en la calle, pero ya cuando van así a una institución en particular es donde se observa no pues no. (Psicóloga, Casa Mambré, Cidade do México, 2019).*

As vezes esse trabalho tem quem ser de intervenção para que o direito seja garantido.

*Así es, y sobre todo en esa zona no, y en salud, pues, aunque el artículo cuarto de la constitución con tema de derechos humanos a la salud y el artículo octavo de la ley de migración también te dice que toda persona en contexto de migración se le tiene que dar atención medica sobre todo en casos urgentes aunque no tengan estancia regular en el país. Pues eso es independiente la estancia regular lo da el INAMI el único que te puede detener la estancia regular es el INAMI y nadie más ¿no? Si estás en situación de migración que vienen del instituto de migración, pero aun así lo hacen no, y que sucede en sector “ah pues no tienen seguro popular no te voy atender este ni modo no” sucede lamentablemente no, aquí lo hacemos muy sencillo leemos la constitución, leemos la ley de negación y dice ah pues claro que lo tienen que atender no lo sé, por eso existimos nosotros y por eso existen otros medios de defensa sino sería de todos esto muy bonito no tendríamos que existir nosotros.(Informação oral, Carlos Flores, Visitador CDH estatal, Tijuana 2018).*

Contudo, nas regiões onde existem albergues e instituições de defesa de migrantes, o acesso às instituições torna-se mais fácil pelo conhecimento promovido pelos defensores. O extrato de fala abaixo também reconhece que há um medo de aproximar-se das instituições,

especialmente as pessoas que não possuem documento regular, o que também é um entrave para o gozo do direito.

*Ya cuando están regularizados pues es más fácil, pero cuando todavía están por regularizarse su situación migratoria pues si tienen ese temor de acercarse a las instituciones, en alcaldías donde hay presencia de albergues por ejemplo, aquí en la alcaldía Cuauhtémoc es muy fácil acceder a salud porque las personas que atienden ya saben que documentos traen, ya saben cuáles son los procedimientos, pero en otros lugares pues no les aceptarían el acceso, más bien les negarían el acceso por lo mismo de que no están familiarizados con este tipo de población (Informação oral, Coordenadora, Casa Mambré, Cidade do México, 2019)*

Nota-se assim, uma constante necessidade de tutela dos defensores dos direitos dos migrantes, o que por um lado é um trabalho das organizações que deve ser valorizado, por outro não deveria ser necessário, como afirma a diretora de um albergue na Cidade do México, “os migrantes não deveriam ter nenhuma dificuldade para acessar o serviço”:

*(...) Los albergues la ventaja que hay para los migrantes de estar en los albergues es justamente que se van tejiendo relaciones no entonces nosotros tenemos o sea ya conocen los doctores ya conocen a Alejandro, por ejemplo, entonces si él llega con una persona migrante al centro de salud pues, digamos que tienen más posibilidad de que lo atiendan a que si llega solo y eso pasa en muchos lugares y eso no tendría que pasar no tendrían ellos que tendrían que ir por propia cuenta no tener ninguna dificultad en acceder al servicio(...) (Informação oral, Hermanos en el Camino, CIDADE DO MÉXICO, 2019).*

As intervenções dos defensores não alcançam atender a mínima parte os casos em que um migrante tem um direito negado ou é discriminado. Estima-se<sup>119</sup> que uma parcela ínfima dos migrantes que cruzam o México fica hospedada em albergues ou tem contato com alguma instituição de ajuda.

Para o funcionário do CONAPRED, além de capacitação nos temas migratórios, falta para os funcionários que estão aplicando as políticas uma formação básica em direitos humanos e não discriminação, o que faz com que em sua prática eles expressem os seus preconceitos e discriminem a população.

*JL: Ósea las políticas públicas creo que en general son correctas, pero en donde creo que está grave el problema es en la falta de capacitación de quienes están aplicando hechos políticos, de quien me refería tanto los agentes de migración como otros agentes de otras instituciones no sé guardia*

---

<sup>119</sup> Em 2019 a REDODEM registrou 26.382 pessoas em situação de mobilidade que passaram pelos espaços de acolhimento e acompanhamento da rede, a partir deste número e do aproximado de pessoas em mobilidade pelo México, que é entre 300 e 500 mil pessoas anuais, estima-se que esta parcela menor que 10%.

*nacional, policía federal, policías municipales, etcétera, este que pues no tienen una formación no avanzada sino básica en derechos humanos y no discriminación. Entonces pues no solamente expresan sus prejuicios sino practican a su práctica de discriminación entonces es a partir de ahí no, si ósea hace falta mucho este tipo de capacitaciones con lo que está planteando esto. (Informação oral, Funcionário CONAPRED, Cidade do México, 2019)*

*No importa que lo tenga si no, pues el desconocimiento de las instituciones y de la población en general a todos, pues simplemente porque yo considero como eres extranjero, tienes que ser diferente entonces eso sí lo es mucho a nivel, digamos, social, institucional, incluso cuando haya remedios como esto, incluso cuando la ley te diga que tienes que todas las personas tienen derecho que todos los niños tienen que estar inscritos pues la práctica es donde se hace la distinción. Entonces puedes decir en términos generales que hay una discriminación legal sí, hay aspectos a la ley que son discriminatorios, que los colocan en una posición de desventaja y también hay una discriminación social que es muy fuerte. (Informação oral, Diretora, Clinica Juridica Alaide Foppa, Cidade do México, 2019)*

Conforme visto na teoria, os extratos das entrevistas demonstram o funcionamento da discriminação estrutural, aquela enraizada na sociedade e que leva a atos de discriminação indireta e que frequentemente não são questionados.

### 5.3.2. Regularização migratória

Deixar de ser um migrante indocumentado é um desafio no México, ainda que o interesse da maior parte dos migrantes não seja permanecer no México, estar regularizado traz maior segurança. A maior parte dos que não desejam permanecer vão atrás dos procedimentos de refúgio ou de vistos temporários e os que desejam ficar mais tempo no México buscam procedimentos administrativos de regularização.

O Serviço Nacional de Imigração (INM) possui um procedimento administrativo de imigração. Quem deseja regularizar sua situação migratória deve pagar multas, e na maioria dos casos, eles não têm condição de arcar com estas despesas (NEGRO, 2019, p. 9). Para que os migrantes permaneçam no país, eles precisam se "adaptar" aos pressupostos de legalização estabelecidos pela lei. Poucas pessoas podem atender aos requisitos e aqueles que podem se inscrever têm um longo caminho a percorrer (SIN FRONTERAS, 2012). Os relatos apontam que ainda que tenham o direito de regularizar-se de acordo com a lei mexicana, não o fazem por não possuírem meios de pagar os custos.

Primeiro são os custos da documentação original, a maioria não consegue trazer os originais e consegui-los do México se torna caro e difícil.

*Primero la documentación porque te vuelvo a repetir mucha de la población que viene acá a veces salió con lo indispensable y no traen pasaporte a veces no traen ni siquiera el acta de nacimiento más que en copia y entonces nos vamos a la problemática de que los consulados hay que pagar dinero para tramitar una acta certificada apostillada y mandarla a traer (...)(Informação oral, Assistente Social, SMR, Cidade do México, 2019)*

Da mesma forma, as pessoas que desejam obter seus documentos por meio de oportunidades de trabalho também devem deixar o país e solicitar o visto no consulado. Ambas as situações são problemáticas, pois traz às pessoas possibilidades principalmente econômicas, impedindo que as pessoas legalizem seu status de imigração, mesmo que seja de sua vontade. Há também as questões laborais como veremos adiante, em muitos casos, os custos devem ser cobertos pela empresa, o que certamente pode ter um efeito inibidor na contratação de estrangeiros (NEGRO, 2019).

Há também os custos de multa por estarem em situação irregular. Pelo artigo nº118 da *Ley General de Población*, o montante deve ser de “veinte a cien días de salario mínimo general vigente en el Distrito Federal”. O extrato de fala abaixo conta a situação de um migrante colombiano tentando regularizar-se com a família. A conversa é do início de 2018 e neste período as taxas de regularização eram de 5,900 pesos,

*(...) también mucho de regularización migratoria, 10 minutos antes de que ustedes llegaran, estaba atendiendo, mientras ustedes llegaron y por eso no los recibía, estaba atendiendo a una persona un colombiano que no le, de escasos recursos que está regularizando su situación migratoria el DIF le dio una carta para que le exentaran en el INAMI la situación de migración el pago para la regularización que son 5900 pesos y el reportó que su pareja y el no tienen dinero. Su pareja gana 10,000 pesos y este reportaron ahí los gastos que tienen que exceder los 10,000 pesos y todo y no le quisieron exentar su pago entonces pues aquí le marqué unas personas de migración, gestionar, sobre el tema de regularización migratoria y todo, pero eso es del INAMI [INM] (Informação oral, Carlos Flores, Visitador CDH estatal, Tijuana 2018).*

O mesmo problema é citado em 2019 pelo diretor do escritório de migração do Governo de Veracruz. O entrevistado afirma que está se ocupando de negociar uma regularização massiva de migrantes no ano de 2020. Segundo seus cálculos há mais de 10 mil migrantes no estado que já têm o direito a essa regularização – que no caso se refere a uma regularização por já residirem e trabalharem no México, mas não o fazem, um dos motivos é o valor que se cobra, em torno de 10 mil pesos (em 2019). Diz que tem apoio de alguns estados para fazer pressão na Câmara, mas que o movimento ainda não se solidificou, pois, cada estado dirige esse tema de maneiras distintas, pois, afirma, que o fenômeno para cada estado é diferente também.

(Informação oral, Carlos Henrique Escalante Igual - Gobierno de Veracruz – Dirección de Migrantes, Xalapa, 2019).

E somente muito recentemente, na década de 2000 o México avançou em regulamentação e programas de regularização. Segundo Wiesner e Basok (2020, p. 84), entre fevereiro de 2000 e maio de 2011, seis programas de “regularização” ou “legalização” de status foram aprovados, essa formalização só foi possível por meio de um plano provisório iniciado na década de 2000, resposta do governo às pressões da sociedade civil.

Com a falta de programas que sejam adequados à realidade dessa população, cada localidade cria as suas soluções. Muitas vezes estas soluções são perpetradas a partir de programas temporários, que, na maior parte das vezes, não tem continuidade nem tampouco uma estrutura legal, estabelecida pelo governo federal:

*algunos municipios mexicanos proporcionan oportunidades para “documentar” a los inmigrantes en condiciones irregulares, aunque estas oportunidades significan “darle la vuelta” a ciertas reglas y regulaciones establecidas por el gobierno federal (WIESNER; BASOK 2020, p.84).*

Para Wiesner e Basok, esses programas geram o que os autores chamam de legalidade precária, “(...) *los programas temporales de regularización migratoria que el gobierno mexicano ha ofrecido no producen más que formas precarias de legalidad que no eliminan la ilegalidad, sino que desdibujan la distinción entre ambas*” (WIESNER; BASOK, 2020, p.84). Este ponto também já foi visibilizado pelas organizações, como afirma a OIM em seu relatório sobre México.

*(...) Es relevante considerar que el documento [CURP] debe tener una temporalidad larga (de dos a cuatro años), pues las experiencias anteriores mostraron que con temporalidades cortas las personas no pueden renovar sus documentos – a causa de dificultades económicas u operativas– y caen nuevamente en la irregularidad migratoria. (NEGRO, 2019, p.9)*

Pode-se exemplificar o ponto da autora com o caso dos vistos humanitários temporais distribuídos no início das Caravanas em 2018, no caso a distribuição foi um ato legal do governo federal mexicano, que foi a expedição de milhares de vistos humanitários temporários aos migrantes das caravanas. O ato apesar de sua boa intenção de regularizar os migrantes no seu período de travessia não previu dispositivos de renovação ou regularização permanente destas pessoas, segundo uma entrevistada não há uma política integral sendo pensada o que gera

problemas como estes, o que gerou, na sua visão todo o problema com os EUA nesse período das caravanas.

*Se da porque justo México, no piensa en un **programa integral** y fueron momento muy paralelos, octubre 2018 va saliendo un gobierno que es derecha y se supone que recriminaba la población migrante y no les dio ningún permiso, enero 2019 el nuevo gobierno otorga a la población migrante más de 23 mil visas por razones humanitarias de un día para otro si tener un filtro de investigación, sin saber a qué población se les estaba otorgando porque justo en el fenómeno migratorio vienen tratantes, vienen enganchadores, vienen traficantes y no se tuvo ese perfil, pero tenías veintitantos mil solicitantes por razones humanitarias que tenías que regularizarlos y a estos sus trámites les endureció a tres meses en darles respuesta, pero a los de la caravana se les dio, entonces no hubo una estrategia bien implementada del gobierno federal cuando eso pasa, ¿Qué pasa con las veintitantos mil personas? Pues transitan libremente por México, hoy el embudo lo vemos en la frondea norte y por eso viene el enojo de Estados Unidos y por eso viene la implementación de subir aranceles y donde México sede. Entonces no hubo una implementación, no hubo un proyecto más adecuado, ni integral y tampoco hubo una investigación porque yo no te digo que las caravanas que existían el 100% pudiese haber gente que venía huyendo de violencia y que a ese si se le tendría que dar el espacio continuo del acceso a la protección internacional, pero en México se entregó 23 mil visas para transitar México y ahora de esas veintitantos mil visas hay como mil gentes en este territorio mexicano que quieren renovarla y que ahora no se sabe como se va hacer en México, entonces vuelvo a repetirte a reiterarte, no existe transparencia en la política migratoria en México actualmente.(Informação oral, Assistente social SMR, Cidade do México, 2019)*

Outra informante também aponta os problemas com este visto, contando um caso no qual tentaram, sem sucesso, ajudar a um migrante que tentava renovar o seu visto para não perder o emprego que havia conseguido.

*(...) el problemas es que todo tiene una caducidad que va a pasar con esa gente después hay gente que las ultimas visas son de un año no estoy segura alguien te podrá decir mejor le voy a se maneja esta información así más este ya el caso que yo he visto es una persona que le caduca la documentación entonces pierde el trabajo porque ya no pudo renovar nosotros un amigo y yo intentamos ayudarle a renovar pero ni comisión estatal ni comisión del distrito federal de derechos humanos, o sea, de la ciudad ni comisión nacional ni la oficina del migrante nos pudo resolver nada nada (Informação oral, Consultora, Cidade do México, 2019)*

Outro exemplo, esse talvez mais um exemplo de boa prática para o tema, mas que igualmente foi uma iniciativa descontinuada, foi a emissão de uma identidade para migrantes na Cidade do México - a Tarjeta Sederec. Entre os anos de 2012 e 2017, foram gerados vários programas na Cidade do México que buscaram responder às demandas da população migrante



nos diferentes fluxos de mobilidade humana; no entanto, até 2017, com a aprovação da Constituição Política da Cidade do México (CPCM), a questão da migração foi elevada à condição constitucional (RAMIREZ, 2019, P.97). Com a *Tarjeta Sederec* os migrantes e convidados tinham direito ao acesso aos programas sociais, bem como aos serviços prestados pelo governo local, independentemente de sua situação. O Ministério do Desenvolvimento Rural e Equidade para as Comunidades (Sederec) promoveu a emissão da identidade como uma das ações que tentam consolidar a CDMX como uma Cidade Refúgio, hospitaleira e amiga dos migrantes, em resposta a Lei de Interculturalidade, Atenção ao Migrante e Mobilidade Humana da Cidade do México.

Segundo uma funcionária do Programa de Direitos Humanos da Cidade do México, havia ainda uma secretaria especial para pessoas migrantes, essa secretaria desapareceu e chamava Coordenação de Atenção a Migrantes alocada dentro da secretaria de bem-estar social. Essa secretaria apoiava albergues. No momento da entrevista o governo havia retirado as suas funções e a secretaria só fazia ainda canalizações.

Os projetos de atenção aos migrantes não são fixados como uma política de Estado, de forma que mesmo boas iniciativas podem sofrer cortes abruptos com mudanças de governo. O programa de identificação desaparece com a nova administração que promove mudanças administrativas e fecham a secretaria que promovia estas ações.

*(...) cuando llega la administración actual y hacen una reforma con todo esto que traen de la austeridad republicana, desaparecen la secretaria entonces las funciones de la secretaria quedan a nivel coordinación dentro de la secretaria de bienestar que es como la gran creación de este gobierno no, dentro de su política social pero a nivel coordinación eso es muy significativo porque le bajan el perfil habiendo muy buena práctica que era la tarjeta de huéspedes haz de cuenta que, con independencia que tu tuvieras o no tuvieras un documento de regular instancia puedes tú ya migrante lo que fueses te daban un tarjeta que servía como documento de identidad para acceder a todos esos programas sociales o sea tarjeta que emitía la SEDEREC a partir que desaparece(...)* (Informação oral, Coordenador, Psicosocial, Sin Fronteras, Cidade do México, 2019)

Sem a secretaria e sem um posicionamento claro do governo, as instituições não sabem se a ação de identificação vai continuar ou não, e a política acaba ficando perdida entre as reformas legislativas e de governo que vem sendo realizadas na cidade.

*(...) o sea porque no hay secretaria tú le preguntas al gobierno no hay SEDEREC no hay quien la emita, al parecer se va a retomar, este entonces esperamos que así sea viene también se tiene que reformar esa ley interculturalidad en función de la reforma a la constitución bueno de que se*

*hizo la constitución de la ciudad de México, la ciudad de México antes no era entidad federativa era un distrito federal no entonces ya se convirtió en entidad federativa y ya tiene una constitución no entonces esa constitución va a significar la reforma de todas las leyes pero el tema es cómo van a reformar la ley porque digo está en el marco de la constitución pero no está en el marco de las respuestas estadounidenses entonces la política del gobierno en estos últimos meses ha sido como el mandar muchos mensajes de no estamos promoviendo la migración no estamos promoviendo el tránsito como es del dominio de estados unidos diciéndole como que estamos haciendo lo mismo. (Informação oral, Coordinador, Psicosocial, Sin Fronteras, Cidade do México, 2019).*

Um ponto muito importante da fala acima é a do alinhamento do governo federal com as políticas estadunidenses, de forma que é possível notar um reforço do tema discutido no capítulo anterior, os programas e projetos relacionados a população migrante, ainda que sejam práticas localizadas, estão alinhadas aos interesses políticos nacionais e internacionais.

### 5.3.3. Saúde

A saúde era a primeira coisa citada quando os informantes eram questionados a respeito de dificuldades com o acesso a direitos e serviços e, segundo os entrevistados onde mais se discrimina e onde se encontram mais reclamações.

*Como cada mes y se preguntan ahí que cuales son los temas que se van tratar y ya unos dicen, no, yo quiero tratar el tema de salud porque tal clínica no quiso atender a esta persona o la atendieron mal les hicieron esperar son como casos muy concretos que a veces se les repite a las mismas organizaciones con el mismo tiempo (...) (Informação oral, Funcionário, CONAPRED, 2019).*

As dificuldades nesse campo aparecem conforme a necessidade de uso. Muitos dos imigrantes que cruzam o México necessitam em algum momento de atendimento, e conforme explicitado, em grande parte das vezes o atendimento só acontece com a intervenção de uma instituição de apoio a migrantes, e como o atendimento médico é muito fundamental, há casos que os defensores chegam a apelar para as secretarias de saúde ante a uma negativa, mesmo com a sua intervenção.

*Asegurar a que los de abajo también tengan por lo menos tengan ese respaldo no o por ejemplo un tema de salud no por ejemplo la ciencia de salud ya está de por sí cualquier persona que esté en el territorio nacional tiene que estar así así en el servicio de salud ¿No? Entonces si no van por parte de nosotros los pedidos muchas veces no los atienden entonces este es una negociación o*

*más bien es un acuerdo que ya se tienen a nivel secretaria (...) (Informação oral, Coordinador Cafemin, Cidade do México, 2019).*

Da série de limitações administrativas impedem o acesso foi citada em campo a questão do seguro popular, um programa implementado em 2014 que permitia o acesso de todos ao atendimento médico, mas que em 2019, no momento do campo já estava sendo substituído pelo governo federal, então no momento foram explicitadas muitas críticas a esta decisão de AMLO.

*[o governo] en el caso quita el seguro popular que era como un acceso universal a la salud lo quita porque va a ser otro que se va a llamar de otra manera, pero el dinero que manejaba seguro popular para atención por ejemplo para atención tratamientos del cáncer que es muy caro entonces son muy caros entonces este señor [AMLO] lo quiere quitar lo quito para financiar atención básica que su otro programa entonces ya estas personas ya no tienen cobertura (...) (Informação oral, Consultora, Cidade do México, 2019)*

*Claro, en donde se está discriminando más, principalmente en el sector salud antes en la administración anterior se tenía el seguro popular, pero un programa de seguro popular actualmente ya no funciona el seguro popular, el seguro popular implementó después del 2014 a nivel federal cualquier persona migrante en tránsito o sin documentos podía recibir atención médica, entonces eso se hizo a nivel federal y también en la ciudad de México se impulsó con la secretaria de salud de la ciudad de México en las unidades médicas, entonces se daba el servicio médico a cualquier persona sin preguntar siquiera el origen, actualmente ya no tenemos ese programa y sabemos al quitar esos programas sabemos que ya no se va dar el servicio y por ahí quitarle el servicio médico ya no garantiza el derecho y por tanto discriminatorio y por ahí es no? (...) (Informação oral, Coordinadora de Estudios, COPRED, Cidade do México, 2019)*

A informante acima, funcionária do *Consejo para Prevenir y Eliminar la Discriminación de la Ciudad de México* (COPRED), também afirma que os governantes têm consciência de que quando alteram os programas eles deixam a população sem o atendimento, que já não garante o direito e para ela isso é um ato discriminatório.

A coordenadora de campo da ACNUR afirma que nem sempre a intervenção dos defensores é vista como positiva – há uma superespecialização. A funcionária chama atenção para algumas ações que a sociedade civil demanda da ACNUR. Segundo ela algumas vezes as instituições acabam pedindo serviços específicos para a população migrante que já existem, como no caso de serviços de saúde, e podem ser fruídos pela população migrante. Em sua compreensão, eles não devem lutar para designar um serviço especial para os migrantes, pois isso criaria guetos de estrangeiros e, no caso, poderia até aumentar a xenofobia existente. O caminho para ela é viabilizar o uso do atendimento da população geral a este público.

*(...) y por otro lado también la sociedad civil metida en esta dinámica y en esta carga de responsabilidad justo se especializan demasiado entonces no aquí, pero en otras ciudades me ha pasado con que me hablan oiga mándeme al doctor porque no va al centro de SALUD, porque no quiero ¿no? Pues a mí mándeme al doctor y póngamelo aquí que aquí... o sea, eso crearía más xenofobia. Si hay un doctor es que en el centro también hay doctores, pues es la realidad yo no puedo crear un gueto para los refugiados con doctores mexicanos ahí sí (Informação oral, Coordenadora da Campo, ACNUR, Acayucán, 2019)*

Este é um ponto recorrente, a ajuda específica com as demandas - direitos primordiais, como diz a informante - políticas sociais ou qualquer direcionamento de verba aos migrantes é encarado pela população local como “favorecimento”, sempre a hierarquia nacional *versus* estrangeiro é colocada em pauta, o que dificulta politicamente a atenção a este público, a criação de políticas públicas, destinação de orçamento etc.

Os informantes explicam que há uma imensa dificuldade de apoio às pautas migratórias. No México quando o gestor, o deputado ou qualquer político decide quais ações vai investir, dentro do orçamento público, que geralmente é pequeno e não alcança para todas as demandas, a autoridade vai decidir por demandas que sejam de seu interesse, ou que aumentem a sua popularidade, o que não é o caso do investimento em políticas de atenção a migrantes e refugiados, sendo essa mais uma face da discriminação contra esta população, o não investimento motivado pela rejeição da opinião popular à este público.

Em lugares onde os agentes públicos já atendem a população migrante normalmente, com relação à saúde há também outros problemas que também afligem a população local, como o desabastecimento de medicamentos.

*Oluta es totalmente diferente ya, ahorita todas las personas que quieren llegan sacan su ficha y les son atendidas, sin embargo pues bueno en cuestiones de desabasto de medicamentos ahí sí es un gran problema y un gran reto porque muchas, la mayoría de las personas que les recetan medicamentos pues son medicamentos que no cuenta el hospital entonces ya corre por cuenta de la persona y ahí pues sí ha sido como un gran reto porque muchas personas a veces no tienen para comprar los medicamentos parte de lo que hacemos también es solicitarle el apoyo al ACNUR cuando vemos que es una necesidad urgente para que el ACNUR nos apoye con el abastecimiento del medicamento para la persona y he cuando no se puede entonces hay otras instituciones organizaciones civiles que proporcionan el medicamento. (Informação oral, Diretora de RET, Acayucan, 2019).*

A população migrante, na maioria das vezes, não conta com condições para comprar a medicação. Muitas vezes o albergue, outras organizações ou o consulado ajuda. Se são solicitantes de refúgio a ACNUR também auxilia na compra.

#### 5.3.4. Educação

Os desafios para as pessoas em mobilidade são muitos. Há áreas de serviços básicos onde o desafio está para além do reconhecimento do direito, o acesso está também conectado a fatores externos ao serviço, fatores relacionados à própria condição social do migrante – o de ser uma pessoa em mobilidade, e que situação de vida ela traz consigo, classe, escolaridade etc. Tais condições afetam o processo de integração e as oportunidades de reconstrução e de romper com um ciclo de desigualdade

Para começar o migrante tem muita dificuldade em acessar informações corretas, a burocracia também impede o acesso ao solicitar uma série de tramites e não se comunicar bem sobre eles. A informante explica que muitas vezes a própria secretaria de educação não conhece.

*(...) sobre todo en salud, educación porque muchas veces tenemos niños que vienen sin documentos y que quieren continuar con sus estudios y pues resulta que aquí hay una serie de trámites que tienen que hacer que a veces como no tienen la educación los padres como para saber hacia dónde ir. De que se trata cada trámite pues si les cuesta mucho trabajo y este, para eso también está educación aquí en red que es la tabla de orientación. Que están abriendo también el camino porque hay muchas cosas que todavía... la propia secretaría de educación no conoce. (Informação oral, Assistente Social, RET, Oluta, 2019).*

Um desafio apontado no trabalho de campo foi a própria questão do nível educacional. Segundo explicado pelos entrevistados, existe um “gap educativo” que promove duas coisas, uma dificuldade de compreensão dos trâmites necessários por conta de ser uma população menos escolarizada e um distanciamento no nível entre os estudantes centro-americanos e os mexicanos, por exemplo, o que faz com que sejam necessárias provas de nivelamento, além do histórico escolar para conseguir alocar os estudantes no sistema.

*He por lo regular he logran traer a veces una boleta cuando no hay un documento que acredite nada de ellos de que estuvieron en alguna otra escuela de su país de origen en la escuela mexicana donde niño quiera acudir por lo regular buscamos uno cercana a su domicilio tienen que hacerle un examen de conocimientos generales entonces a través de este examen que aplica la escuela el maestro, el docente sabe en qué nivel va ubicar al niño*

*¿por qué? Porque también estamos hablando de que influye muchos factores ya ahí, por ejemplo, la educación en Honduras es como un poco más muy diferente a la de México entonces a veces los conocimientos no son los mismo, por eso también el examen para ubicarlos al nivel donde ellos deberían de estar por sus conocimientos ese es parte del proceso dentro de educación no solo damos como la inscripción de los niños si no también vemos como temas de revalidación de estudios(...) (Informação oral, Coordenadora, RET, Acayucan, 2019)*

Segundo relatório da OIM, as dificuldades de revalidação reduzem suas chances de emprego e limita as empresas a contratação de determinados perfis de que necessitam, fazendo com que muitas pessoas optem por estudar novamente os níveis de ensino básico (primário e secundário), o que atrasa e causa instabilidade no emprego (NEGRO, 2019)<sup>120</sup>.

Outro ponto é que sem a documentação correta, os migrantes não conseguem a certeza de que conseguirão a certificação destes estudos, então optam por não gastar dinheiro matriculando-os.

*(...) que compruebe que estuvo cursando el año como que entonces dicen que voy a gastar yo en llevar a mi hijo a una escuela donde no me van a dar ninguna constancia, obviamente impacta mucho el hecho en que no tenga un documento migratorio (Informação oral, Coordenadora, RET, Acayúcan, 2019)*

Ainda com relação à custos e dificuldades, há a questão da revalidação de estudos, a dificuldade burocrática e o excesso de custos fazem com que poucos migrantes consigam revalidar os estudos e, por conseguinte, trabalhar de acordo com a sua capacitação.

*Si, es muy tardado y muy costoso, porque si no tienen empleo que les paguen bien cómo van hacer la revalidación para que les revaliden el título de su país y más cuando te lo enviaron escaneado porque te vuelvo a repetir si se salieron para salvaguardar su vida no les dio tiempo de traerse sus títulos y ya nada más se los escaneo la familia vía email porque van a mandar a traer un paquete de Venezuela, de Nicaragua, de República democrática, del Congo te sale más de 1000 pesos, 1500 pesos con que pagar y todavía revalidar en México porque tienes que hacer un examen, pagas ese examen ir no sé cuántas veces a la secretaría de educación pública, o sea, ¿ de dónde sacan ese dinero?. (Informação oral, Assistente Social, SMR, Cidade do México, 2019)*

Outra questão que ocorre com frequência e que afeta a inserção escolar é a necessidade de que os filhos trabalhem para ajudar na renda familiar, ainda que ganhem muito pouco.

---

<sup>120</sup> <https://publications.iom.int/es/books/manual-informativo-desafios-y-oportunidades-en-la-contratacion-de-personas-migrantes-en-mexico>

*(...) a veces la familia te repite, bien educada y dice no es que el niño de 10 años ya puede ir a trabajar, no, les estás incumpliendo y violentando un derecho que es la educación, no? Porque la necesidad ahorita de la familia es trabajar y tener dinero, entonces no les permite la educación y son de las problemáticas que por más que uno les pintara el cuadro bonito de que escuela, de que ya hicimos un trabajo, de que lo podemos conseguir. Se va con ella a trabajar, se va con el papá a recolectar la construcción y que gane unos centavos. (Informação oral, Assistente Social, SMR, Cidade do México, 2019)*

As famílias monoparentais de migrantes também possuem um desafio a mais para trabalhar se não conseguem inserir os filhos na escola, não existem creches disponíveis para atender a esta população e os pais não podem deixar as crianças sozinhas. Mesmo nos albergues não conseguem prover um serviço que cuide das crianças durante todo o período de trabalho dos pais e há poucos empregos que aceitem crianças no trabalho.

*Que pasa para nosotros, el recurso económico porque justo cuando nos hemos topado con familias que dicen sí a la EDUCACIÓN es de donde tenemos el recurso para los uniformes, para las libretas, para la educación, o hay mamás y familias monoparentales papás con hijos o mamás con hijos que nosotros como regla en Mambré, es que los niños no se nos pueden quedar solos en el albergue, porque es una obligación, pues si algo sucede a los niños nosotros somos responsables de ellos. Cuando vienen con papás, cuando son acompañados y entonces es, si le decimos a la mamá que cuide al niño, entonces no se va poder a insertar porque nunca va encontrar trabajo donde le permitan llevarse al niño grande de 8 años, de 6 años, ahora cuando vienen con bebés tendrían que tener una oferta laboral con prestaciones de IMSS para que ella pueda acceder a guarderías que no le cobren. Pero justo no hay empleos así por la parte de la documentación que traen, donde puedan tener todos los derechos y entonces tendríamos que buscar guarderías donde se pagan esas mensualidades por casi \$2000 pesos para que te cuiden a un bebé, de donde se paga. (Informação oral, Coordenadora, SMR, Cidade do México, 2019)*

Presenciei uma realidade diferente dessa no trabalho de Campo em Oluta-Ver, que pelos relatos de campo não é muito comum. No município há o *Programa de Bienestar*, um programa do governo federal que incentiva a contratação de pessoas em situação de vulnerabilidade para serviços de manutenção da cidade permitia que as mães levassem os bebês. Testemunhei uma mãe hondurenha com o marido e 2 filhos, um de 5 anos e um bebê de 7 meses. Empregada no programa, ela podia trabalhar em horário oposto ao esposo e podia também levar o bebê. Ela conta que se não fosse essa permissão possivelmente ela estaria desempregada e passaria todo dia no albergue. A criança de 5 anos ia para a escola e no retorno os pais revezavam, assim puderam manter-se durante todo o período do processo de solicitação de refúgio que levou cerca de 6 meses.

Não somente as questões de documentação afetam o direito à vida escolar, mas também o dia a dia de discriminação possui reflexos na integração e na permanência das crianças e adolescentes na escola. A vida escolar é fundamental para a integração da família estrangeira na nova cidade. Da mesma forma, muitos projetos de sensibilização também tem a educação como público-alvo, também como relatado no apartado dessa tese referente à xenofobia.

Em entrevista a funcionários da ACNUR, eles explicaram que uma grande parte do trabalho que realizam com as instituições sócias é criar estratégias de integração. Em Oluta - VER, eles construíram uma quadra de esportes para a comunidade, como uma espécie de agradecimento e nela incentivam a realização de competições entre os solicitantes de refúgio e os locais para que se conheçam.

*Como hacemos nosotros esto, pues bueno hay tanto a ser, explicar a la comunidad quienes son otra es crear lugares de convivencia, o intereses comunes, entonces por ejemplo, nosotros construimos unas gradas en la cancha de la malinche en Oluta, total ahorita que pase ahí estaban trabajando los mismos refugiados, entonces es un tipo de agradecimiento a la comunidad, entonces también la comunidad, porque las comunidades que reciben normalmente en todo el mundo sienten que les van quitar... [NV.- su empleo y sus espacios...](Información oral, Coordinadora, ACNUR, Acayucan, 2019)*

Na mesma entrevista, também relatam que o esporte funciona bem também nas escolas para humanizar o colega estrangeiro. Os colegas praticam esportes juntos e acabam conhecendo e se identificando com os amigos. Assim são capazes de diminuir a discriminação dentro de casa, pois começam a ter exemplos bons de convívio e até corrigindo os pais em falas discriminatórias.

*(...) entonces eso como un poco en agradecer de que hacer, crear por ejemplo hicimos un torneo de futbol de niños, trabajamos mucho, bueno, buscamos impactar en la niñez y en la juventud y, de niños donde si tu querías inscribir a tu equipo a fuerza tenías que tener un niño solicitante de asilo o refugiado, entonces estos niños se vieron obligados a jugar con él todos los días para entrenar para el torneo, y los maestros porque los niños la verdad que pues si el papá no es un papá que le esté diciendo cosas discriminatorias, el niño normal se nota que hay un acento raro quizá se burle, pero lo mismo es como un niño de Monterrey entonces no es un tema de xenofobia si no un tema de niñez, pero son más los maestros y los papas los que los abrumamos, también haciendo con nuestra planeación con la comunidad trans; a mí me encantaría llevar a una mujer trans a las escuelas a dar un taller para que vieran que no pasa nada y a los niños no les importa hacer nada, pero los papas se te van aventar a la yugular, entonces bueno eso tuvo un impacto super directo entonces de repente las escuelas vieron como hay, es que los niños, tienen papas vienen de la escuela quieren jugar y aparte como normalmente son niños con una descendencia alta con una fortaleza física alta, son niños que han atravesado tres países, cuatro países, han vivido sin comer, entonces*



*cuando están en un ambiente bueno, sobre todo, ganó, no sé si lo viste, gana uno el nacional de Inter primarias, representando a una escuela de Oluta, son niños fuertes, entonces Pues obviamente si la campeona goleadora metió los tres goles del equipo este tipo de impacto ayudan a que el niño mexicano le diga a su papa cuando diga todos los hondureños son malos “no es cierto papa mi amiguito”, entonces buscamos este tipo de proyectos, e cultura les regalamos instrumentos al municipio para que los incluya en obras de teatro; trajimos la obra de teatro cosas pequeñas y extraordinarias. (Informação oral, Coordenadora, ACNUR, Acayucan, 2019)*

Outros projetos de arte e cultura também servem ao mesmo propósito.

### 5.3.5. Moradia

A moradia também é uma questão muito importante para os migrantes, para todos eles, estejam em trânsito ou não. Os desafios com a moradia variam de acordo com a localidade e em cidades maiores como a Cidade do México pode ser um fator que os coloca em uma situação de extrema vulnerabilidade. Morar no México, pagar um aluguel é algo caro, o que no caso dos migrantes os leva a depender por muitos meses do apoio de albergues ou morar em localidades muito afastadas, periféricas e em locais com muita criminalidade.

Um informante me conta que não existe o direito constitucional à moradia, de forma que, diferentemente dos outros direitos, não se pode judicializar a respeito. (Informação oral, MV, ...). Da mesma forma, também é uma pauta muito importante para a população mexicana.

Os informantes contam que a burocracia para conseguir alugar é muito grande, na Cidade do México por exemplo é preciso ter além de documentação, pessoas com propriedade que te respaldem e aceitem ser fiadores, o que para uma pessoa recém-chegada na cidade, sem redes, é quase impossível.

*Si, yo creo que, por ejemplo, la vivienda es complicada porque por ejemplo, aquí a nosotros incluso a las personas que viven aquí en la CDMX casi siempre te piden avales que son como una persona que te respalde que tenga una propiedad dentro de la CDMX entonces es muy difícil para esta población a veces los albergues también tienen que dar por ellos o tienen que firmar por ellos documentos y pues no siempre quieren hacerlo tampoco porque también implica responsabilidad para los albergues no, entonces conseguir vivienda es complicado a parte las rentas en la CDMX son muy caras no, o sea casi siempre tienen que vivir en las periferias o en lugares que no son tan seguros (...) (Programa de Derechos Humanos CDMX, Cidade do México, 2019).*

A discriminação também afeta o acesso à moradia, há uma relação de confiança que um locatário estabelece com o locador e se não confiam nos estrangeiros vão a pedir ainda mais documentos, impossibilitando o acesso.

*(...) te diría he acceso a denunciar el acceso a vivienda es un tema complicadísimo, realmente esa muy difícil, hay una gran discriminación hacia los extranjeros en general porque les piden absurdos o sea de por si para los mexicanos es difícil porque te piden así el acta de nacimiento de tu abuelita no, pero he no hay (...) (Informação oral, Coordenador Psicosocial, Sin Fronteras, Cidade do México, 2019).*

No caso de conseguirem ter sucesso na locação de um quarto, a discriminação também aparece nos valores cobrados a um estrangeiro, que são maiores pela desconfiança, pois não possuem os documentos que dariam supostamente a segurança ao locatário, abrindo uma margem grande para a exploração.

*Por ejemplo, muchos de los procesos que hacemos aquí lo damos por sentado como si fuera una persona cualquiera, pero no creemos como los casos que unas personas pueden tener ciertos documentos, cuando vas a rentar una casa pides un aval, pides credencial, que es un buen y una persona que vas ser migrante pues no va contar con esos documentos así que hasta cierto punto tú dices ok, pero como cubres estos requisitos que para mí son importantes porque me dan certeza, ¿no? muchos de los que hacen o sea, a veces lo que hacen es subir el precio de las cosas si es muy discriminatorio y todo. Por ejemplo, en esas cosas es cómo su colchoncito, por si no me pagan en un mes les estoy cobrando como uno y medio extra y cosas así, pero eso si es discriminatorio porque si lo es, pero los ves y dicen “no, no es que sea por tal persona, sino porque no tengo los papeles” (...) (Asistente, Casa Mambre, Cidade do México, 2019).*

A questão de moradia é central para observar a aceitação ou a rejeição da população migrante no México. O CONAPRED produz periodicamente uma pesquisa de percepção sobre a discriminação com a população, a *Encuesta Nacional sobre Discriminación en México (Enadis)*. A última Enadis, de 2010 possuía uma questão acerca de moradia que se configura como um importante indício de discriminação.

*Por ejemplo, en la Enadis se ha visto que a la población extranjera este, no se les este, no se les da cuando tratan de, se les pregunta este, ¿usted estaría dispuesto si tuviera algún cuarto para rentar se lo rentaría algún extranjero? Y muchos dicen no, entonces ahí vemos que pues si hay algún prejuicio de porque no rentar a estas personas o sea de todos modos el dinero es el dinero no, o sea entonces ahí como que se está restringiendo el acceso a una vivienda, entonces. (Funcionario, CONAPRED, CDMX, 2019).*

Conseguir onde morar também leva às pessoas a decidirem continuar o trajeto ou manter-se mais um tempo, muitas vezes partem sem nem mesmo terminar os trâmites migratórios.

*(...) En cuanto cómo ven la población, a las personas migrantes, todavía criminalizan mucho, y si como es un temor hacia la población en general, ¿no? Ahora también tienen problemas las personas que ya están acá, o sea, que han logrado tener la regularización o que ya tienen que ya son refugiados también. Por ejemplo, los problemas de inserción son muy complejos, lo mejor para ya encontrar un trabajo estable, también tener independencia económica, que ya no estén tampoco en albergues es complejo. Porque en general, también para la población connacional solicitan tener este, pues, un aval, una persona como que te pueda garantizar que tu estas rentando en un espacio, entonces mucha gente primero no tiene como poder entregar la documentación adecuada, porque no tiene donde vivir. O sea, no tienen familiares aquí, no tienen como comprobar, las rentas que son muy elevadas, entonces mucha población termina viviendo en la zona periférica de la ciudad o regresan a las vías. (Informação oral, Paralegal, Ranzauer, Oluta, 2019)*

A informante acima aponta o componente da criminalização ao migrante neste assunto. Conta que sem conseguir estabelecer-se muitas pessoas de sua região voltam para as vias para continuar o caminho, um caminho que como já vimos é extremamente inseguro, especialmente para os que vão pelas clandestinas.

Em Oluta, há alguns migrantes e refugiados que já não são vistos desta forma, como migrantes ou pessoas em trânsito, tornaram-se pessoas que vivem nas ruas. Pelo que os funcionários do albergue explicam, muitos que deixam a estação pelo programa de alternativas não ficam hospedados no albergue e decidem sair para alugar, mas quando o dinheiro que possuem acaba ficam sem poder pagar aluguéis.

Alguns deles voltam para pedir refúgio no albergue porque ainda não concluíram os processos de seus documentos, e conseguir voltar, no caso de Oluta, vai depender da lotação do albergue. Eles também costumam enviar dinheiro de remessas para suas cidades ou para processar seus documentos. Algumas dessas pessoas nesta situação ficam em situação de rua e os outros pedem a devolução ao país de origem, o que é como uma deportação voluntária.

Não existe um programa para essas pessoas que não conseguiram obter a concessão de refúgio porque, uma vez que não possuem mais os documentos da COMAR, eles ficam ilegais e não conseguem encontrar mais trabalho formal, nem em projetos do governo, e é mais difícil para eles realizarem qualquer coisa que peça documentos.

No trabalho de campo realizado em Tijuana essa realidade também é bastante comum, muitos dos que permanecem na cidade ficam em situação de rua após deixar de receber as ajudas dos albergues e não conseguirem um emprego na cidade. Ser considerado migrante em

Tijuana é especialmente importante, pois tem efeitos na dinâmica de ajuda. Segundo as entrevistas, o Estado de Baja California, onde fica Tijuana, somente considera como migrante a pessoa que chegou na cidade há menos de 6 meses e as instituições de apoio, em sua maioria, apoiam somente os recém-chegados. Assim após um período na cidade, essas pessoas deixam de ser consideradas migrantes e a acessar as poucas políticas voltadas a este público.

O albergue que realizei a imersão fornecia almoço para as pessoas de rua todos os dias, a maioria era composta de migrantes que se tornaram pessoas em situação de rua, o que de alguma forma reforça a exclusão, a precariedade e todos os estigmas à população migrante.

Em Tijuana existe um espaço perto do rio da cidade que se chama el Bordo, ali vivem migrantes (deportados e imigrantes) que estão já algum tempo na cidade e ficaram em situação de rua. Em um estudo sobre esas pessoas as autoras explicam: *“el estigma se construye al asociar la condición de deportado con prácticas criminales que advierten del potencial delictivo de los cientos de personas que cada día llegan a la ciudad”* (ALBICKER, 2016, p.). Esse discurso acaba por essencializar todos os migrantes torno a atributos negativos, e à sua indocumentação.

A situação atual de Tijuana torna-se ainda mais precária com a quantidade de pessoas que ficaram presas na cidade após as MPPs descritas no terceiro capítulo.

### 5.3.6. *Emprego e trabalho*

O México é um dos países pouco atrativos para os trabalhadores centro-americanos e caribenhos, pois possui o pior salário-mínimo da região, contra o poder de atração estadunidense com um salário-mínimo sete vezes maior (DURAND, 2020, p. 22). Ainda assim, o período que passam pelo México e até se desejarem estabelecer os migrantes buscam trabalhos dignos.

A inserção laboral é uma das questões mais importantes para a pessoa migrante, garantir o seu sustento e o da sua família está em número um na prioridade de todas as pessoas em mobilidade. Igualmente é no campo de trabalho que se pode encontrar os principais processos de exploração. Discriminação e exclusão que geram desigualdade.

Dada a irregularidade migratória e a impossibilidade de acesso a uma residência regular, o trabalho informal passa a ser a única possibilidade de subsistência para os trabalhadores migrantes, o que implica não só a manutenção do trabalho informal, mas também vulnerabilidade a abusos e riscos que a situação de imigração irregular pode trazer.

A exclusão social em que vive a população migrante é também resultado da exploração inerente ao próprio modelo capitalista de produção que se apoia em vulnerabilidades diversas para se sustentar. Não obstante, sendo o sistema econômico vigente estruturado na exploração, ele é projetado para reduzir custos e maximizar ganhos, de forma que a vulnerabilidade do trabalhador migrante, além da exclusão e discriminação dos mesmos, é explorada por esse sistema através da transnacionalização da mão de obra (PIZARRO, 2008).

A exploração laboral das pessoas migrantes caminha em conjunto com a indústria da migração e chega a ser um projeto do modo capitalista de produção, ter uma massa trabalhadora vulnerável e barata porque explorada. É o que permite a manutenção do sistema capitalista.

Neste contexto a defesa dos direitos desses trabalhadores a ajuda dos albergues e de instituições de defensores de direitos dos migrantes novamente é importante. Tanto para auxiliar na busca por trabalho, trabalhos que não sejam tão propícios à exploração, bem como intervenções para evitar explorações e violações de seus direitos.

*(...) pero también. o sea, por ejemplo, la ciudad de México tiene muchos empleos informales, entonces hay veces que, por ejemplo, en los albergues logran colocar a las personas no sé en cocinas económicas, en panaderías en este tipo de cosas que no implica que los empleados estén asegurados o que estén de altas en un padrón o cosas que también es violentar sus derechos, pero a eso es lo que ha tenido que recurrir organizaciones civiles o muchos albergues para resolver como de manera más inmediata el problema de trabajo o que les permita costear su estancia aquí no, porque también los albergues tienen una estancia regulada es decir, algunos pueden estar 3 meses más ya no. Entonces si en esos meses no logran regular su estancia aquí pues tienen que solventarlo de alguna manera. (Programa de Derechos Humanos CDMX, Cidade do México, 2019).*

Além de auxiliarem na manutenção deles por alguns meses, a conseguir apoios financeiros e com problemas documentais de regularização para poderem trabalhar.

*Ah sí, el abogado ayuda con los papeles. Pero mi problema como yo estoy esperando la visa, pues le dije que se comuniquen aquí o que vengan a dejármela. Él me dijo que me deban su tiempo, ellas... mientras esté ayudando no hay problema me dijo. Y que trabaje por día. Pero para moverme de aquí necesita trabajar también. Pero yo no he hallado trabajo, lo que pasa es que sin papeles, sin documentos cómo voy a hallar trabajo. Yo sólo que vengan y me digan necesito que ayudes a la casa, a veces cualquier trabajito. Porque uno no puede exigir trabajos buenos. A veces el restaurante Guadalajara, viene aquí a veces nos da un día. (...) yo fui a lavar trastes y ollas. (Informação oral, Migrante Salvadoreña, Tijuana, 2018).*

Encontrar um trabalho, e especialmente um trabalho formal, é um grande desafio, mesmo entre os nacionais mexicanos grande parte realiza trabalhos informais, então para os estrangeiros ser inserido torna-se ainda mais difícil.

*(...)es muy difícil porque lo que se busca es que tengan un trabajo de conformidad con la ley, con los servicios y prestaciones laborales y pues también en México es un reto que de por sí la mayor parte de la proporción de trabajo que hay en la población mexicana ya es informal, entonces acceder a un mercado formal cuando este que bueno tal vez un piso pues para luego apoyar a toda una familia que viene llegando a parte de por sí hay poco, los pocos lugares que den algo formal que apoye a eso, todo es un reto (...)*  
(Informação oral, funcionário ACNUR, Cidade do México, 2019)

O fato de não possuírem redes de apoio, conhecidos e família que ajudem, faz com que tenham que manter toda a família que trazem com um salário baixo. O perfil da maior parte dos migrantes, especialmente os centro-americanos é um perfil com baixa escolaridade, isso dificulta a inserção em empregos formais.

*el acceso al trabajo o sea depende del migrante que sea no, la mayoría de las personas centroamericanas pues tienen una educación básica casi siempre no, pero por ejemplo si hablamos de migrantes haitianos o de migrantes transcontinentales que vienen o incluso los venezolanos que ya te vienen con una educación ya superior como licenciatura, maestría y todo eso es complicado que se logren colocar en los primeros años en algo que responda sus expectativas salariales o corresponda con la educación que ellos tienen no, porque los trabajos que encuentran aquí es son precarios y dependen mucho de su estancia regular o no regular en la Ciudad de México en el país más bien. (Funcionária, Programa de Derechos Humanos CDMX)*

Contudo o problema é mais estrutural para os estrangeiros, pois há também uma dificuldade burocrática com a revalidação de estudos, com a documentação, de forma que, ainda que a pessoa tenha estudos é difícil fazer com que eles tenham validade para trabalhar com seus diplomas.

*no, o sea los migrantes acceden a esta, a estos empleos informales por la necesidad que tienen, pero también por el bajo costo que traen en educación, ósea te vuelvo a repetir que Centroamérica no terminan la primaria, pero si tú te vas a los venezolanos son profesionales, si te vas a los nicaragüenses son profesionales, si te vas a una población de africanos son profesionales, el problema en México es la revalidación de los estudios que es la diferencia, no es lo mismo un ingeniero en México que un ingeniero eléctrico con no sé que cosa de África ahí es donde cuesta (...)*(Informação oral, Assistente social, SMR, Cidade do México, 2019).

Da parte dos empregadores também são encontradas mais dificuldades de contratar um estrangeiro que um nacional. Segundo a cartilha da OIM (NEGRO, 2019), geralmente, o setor privado não tem acesso a informações sobre o fenômeno migratório que lhe permitam tomar consciência da problemática e da importância da contratação de migrantes. Também não contam com suporte técnico para o processo de contratação (NEGRO, 2019).

Além da discriminação estrutural e institucional que promove a burocracia, a discriminação direta a partir dos estigmas também é frequente e sentida diariamente, em uma entrevista de uma voluntária em um albergue em Tijuana, ela explicita esse ponto com um exemplo:

*(...) También hay problemas en el trabajo. Pues otro día me marcó una mujer llamando alguien para trabajar, y cuando me pregunta si tengo alguien me dice: Pero de donde es la persona a que me estas mandando, y yo digo ¿por qué? Y me dice: Pues si es del otro lado yo no la quiero porque no saben limpiar, quiero que venga del interior... O sea, cosas así chiquitas que sí notas la discriminación y la diferencia. Para mí esto no tiene nada que ver porque hay gente de allá que limpia muy bien ¿verdad? Entonces sí, si hay. Esa llamada me sacó mucho de onda. No sé nunca pensé que hubiera algo tan simple como la limpieza se fijara de dónde vienes para saber cómo limpias. (Voluntaria, Albergue Tijuana, 2018)*

*Trabajadora social - Ah creo que no las valoran lo mismo, especialmente cuando están buscando empleo, no les dan el mismo sueldo como si fuera alguien mexicana. Entonces algunas abusan de eso también. E creo que las de ese nivel no he visto yo, no estoy segura la comunidad como lo veo, pero si he notado eso de lo sueldo. (Informação oral, Voluntária, IMA, Tijuana, 2018).*

Os programas de inserção laboral e integração das organizações auxiliam nesses dois pontos, no estrutural, pois facilitam a regulamentação e o contato com as empresas para a contratação das pessoas migrantes. É o caso do programa de interiorização/transferência da ACNUR, que é um programa de realojamento oferecido pela organização a pessoas refugiadas para cidades no centro e norte do país, que têm com melhores condições de segurança, serviços públicos e oportunidades de emprego. Segundo dados do ACNUR (2020)<sup>121</sup> 5.500 pessoas do sul do México foram realocadas neste programa.

O programa de transferência estabelece filtros e prioridades. Um dos critérios, pelo que se pôde apreender das entrevistas, é a intenção do refugiado em ficar no México, sendo dado prioridade a aqueles que não desejam ir para os Estados Unidos. Ainda que não manifestado publicamente, há uma entrevista para entender os anseios do refugiado e checar a confiabilidade, pois para a instituição é importante que as empresas não tenham prejuízos com

---

<sup>121</sup> <https://www.acnur.org/es-mx/6007120b4.pdf>

essas contratações. Tal atitude acaba por reforçar a divisão entre o bom e mau migrante na inclusão ou mesmo passagem na sociedade de destino. Além disso, já no período do trabalho de campo, era noticiado que esse orçamento começava a diminuir e que a ACNUR começava a aplicar um filtro maior para credenciar as pessoas para essas transferências.

O trabalho não é somente para suprir as necessidades financeiras, mas também para o bem-estar do migrante, para a sua autoestima. O estado psicológico afeta sobremaneira em como ele irá reconstruir a sua vida e até em como passa por esse período inicial da migração, onde a situação emocional é também precária.

*NV: ¿esa situación emocional como ha interferido en encontrar trabajo?*

*AG: si, se presentan también como muy ansiosos, la misma situación, el mismo síndrome que les ocurre se presentan con mucha ansiedad, estrés y bueno las personas que realmente han vivido una situación de violencia pues es mucho más, depresión también.*

*(...)*

*LL: De hecho, por eso ahorita no hay población aquí porque la mayoría se va a trabajar... están trabajando, es empleo temporal pero siempre como que el empleo les significa, les ayuda mucho a esta parte que traen esta carga emocional y el ocuparse en algo...¿les ayuda no? porque no pasa todo el día aquí*

*AG: Si, así es. Por eso es que la mayoría de ellos está con mucha ansiedad con mucho estrés por estar encerrado aquí. (Asistente social e Psicóloga RET, Oluta, 2019)*

Os relatos também apontam iniciativas que começaram a facilitar à inclusão local. Em Oluta, uma prática interessante que o município passou a implementar foi a do Programa de Bienestar, um programa do governo federal que emprega os solicitantes de refúgio (é necessário possuir o documento da COMAR de solicitante) por três meses para realizar trabalhos de limpeza e manutenção na cidade por um salário de 3 mil pesos à época. O programa também existe em outras cidades do México.

O *Programa de Bienestar* e a ajuda financeira da Acnur faz com que os migrantes tenham algum capital para movimentar na cidade. Sua introdução gerou que mais pensões ou quartos fossem construídos para alugar, movimentando a economia local. Outro exemplo é que em 6 meses foram construídos três OXXO's na cidade de Oluta. Com isso houve uma mudança na percepção de algumas pessoas sobre a população, porque estão trabalhando e não estão mais pedindo dinheiro nas ruas, como acontecia antes da ajuda focalizada e era fonte de discriminação.

*(...) Al principio era más complicado y si había como muchos discursos de discriminación tanto en lo laboral ahora no voy a decir que eso se ha*



*cambiado o sea si sigue, sin embargo, el hecho de que las personas he dejen de andar charoleando, de que dejen de estar en las puertas de los OXXOs eso también abre más el panorama de las personas justo ¿por qué? Porque muchas de las personas acá es lo que les hacemos ver a las personas locales, no, están rentando entonces eso también impacta la economía de Acayucan, no, y desde ese lado haciéndoles ver a ellos si es como que cambia un poco el panorama aparte de cómo te digo las personas ya están en un trabajo más formal es como totalmente otra visión, no, anteriormente que si había muchísimas personas que no tenían un trabajo pues se la pasaban charoleando<sup>122</sup> (Informação oral, Coordenadora, RET, Acayucan, 2019).*

Assim, através desses programas essas pessoas tornam-se mais sujeitos, são um pouco mais aceitas no espaço, menos “excluídas”. Segundo a entrevistada, o grande ganho é na relação com a população local, a humanização promovida ao tornar essa população produtiva na cidade, que nos retorna a hipótese da importância de meios materiais na diminuição da discriminação.

*(...) le llamaron Programa de Emergencia, creo, que es lo que declaro el presidente, que todos se iban a tener trabajo, la Secretaría de Bienestar acuerdó con ciertos municipios para que tengan trabajo, pues todos los que estan trabajando ahí en el albergue. Y eso pues es bueno para ellos, porque tienen trabajo, y tienen más, o sea estan en un trabajo, y pueden tener un ingreso y sentirsen productivos, mientras estan en el proceso. Pero para la comunidad local, creo que tuvo el mayor impacto, lo que tu me decías. Entonces lo que estaba comentando la gente de Oluta es que ya **entendieron que son seres humanos**. (Informação oral, Funcionária, ACNUR, Acayucan, 2019)*

Contudo a ajuda é temporária. Esses empregos são de três meses para a maioria, e como os processos estavam demorando de 5 a 6 meses, os que não conseguiam outros empregos ficavam dependentes do albergue novamente. Não são projetos definitivos de integração de uma forma mais de longo prazo, mas o observado é que já facilitam e alteram a forma na qual são vistos na sociedade local. Um exemplo é a diferença entre as duas cidades vizinhas Acayucán e Oluta na visão dos migrantes. Oluta é onde o Programa de Bienestar foi implementado:

*(...) es distinta la percepción que tiene la sociedad de Oluta y de Acayucan acerca de los migrantes. Oluta es la ciudad a donde se van a quedar a donde tienen sociabilidad. Es a donde están girando la economía de la ciudad la economía se ha respondido muy rápido todos estos migrantes y las personas están sacando ventajas ya de esos migrantes que se quedan ahí (Informação oral, Paralegal, Albergue Ranzauer, Oluta, 2019).*

---

<sup>122</sup> Expressão local que significa pedir dinheiro nas ruas.

A exploração laboral e a corrupção também se tornam temas a serem discutidos quando se trata de populações vulneráveis. Houve relatos em campo de corrupção de funcionários da prefeitura nesse mesmo programa em outra cidade do México – Tapachula. O funcionário que foi afastado após investigação cobrava uma taxa ilegal de 100 pesos de cada salário para mantê-los no programa

Durante as caravanas, os relatos afirmam que era comum pessoas aproximarem-se em busca de trabalhadores, o que deixava os funcionários das organizações bastante reticentes com as condições laborais que seriam oferecidas e elas agiam para tentar impedir a exploração.

*(...) hubo gente que quiso aprovechar para enganchar migrantes, ósea quería que trabajaran con ellos, pero sin tener la documentación adecuada, ósea a veces era como un problema, o les ofrecían pagarles o que estuvieran con toda su familia en su casa, gente que no conocíamos y obviamente no podían llevarse a la población, pero a veces si había en que esto no se entendía y si se acercó población a preguntar de la sociedad civil, si podían llevarse migrantes o si les podían ayudar hacer algún tipo de trabajo no, entonces eso estuvo muy al pendiente, porque no sabíamos al final cual es la finalidad que tienen, pueden ser a lo mejor trata, secuestro entonces más bien concientizamos mucho en ese sentido a la población porque obviamente más pasaban los días y estaban más desesperados, ósea si querían ya moverse otros estaban esperando para seguir cruzando... (Informação oral, Funcionária CNDH, Cidade do México, 2019)*

Uma população vulnerável e desesperada por sobreviver será vista como mão de obra barata por todos, mesmo pessoas comuns que não possuem preconceitos e apoiam a migração podem se transformar em exploradores desta população. Em campo, havia relatos de pequenos comerciantes que apoiavam a causa e com o tempo também passam a explorar laboralmente essas pessoas. Um caso emblemático observado em campo foi observado em Tijuana em um albergue.

A migrante conta que foi do Haiti ao Brasil, onde viveu 3 anos em Santa Catarina com o marido, trabalhava em um frigorífico e decidiram ir para os Estados Unidos, ao encontro de alguns familiares. Passaram pela Bolívia, Venezuela, pelos países da América Central até chegar a Tijuana. Chegou a Tijuana há mais ou menos um ano e trabalha no albergue há mais ou menos 8 meses. Começou a ajudar quando estava abrigada lá, tinham que fazer muita comida com a lotação do albergue e depois foi convidada a ficar trabalhando como cozinheira. Na conversa, a migrante relatou alguns problemas com esse trabalho: muitos dias sem receber, pois, o dinheiro para o seu salário vinha das vendas do bazar, e salário baixo “800 pesos por semana” (outra migrante em uma taqueria ganhava 2 mil), segundo ela, sem dia de descanso e muitas horas (das 10h às 20h) e ainda a pediam para chegar mais cedo, as 9h. Afirma que

começou a chegar mais tarde por conta e a não vir aos domingos, pois precisava ir ao culto, é religiosa batista, mas a folga não é estabelecida formalmente, nem o seu contrato de trabalho. A migrante afirma que quer sair de lá e trabalhar em uma indústria para ganhar mais, pois tem amigos e o marido que trabalham menos e ganham mais (Migrante haitiana, albergue, Tijuana, 2018).

Conversando sobre o tema com as funcionárias do albergue, a posição delas é que o fazem, empregam as migrantes para ajudá-las, para que consigam algum dinheiro com trabalhos que elas precisam no albergue. Independente da intencionalidade, pois ali no albergue todo o propósito da própria instituição gira em torno do auxílio a esta população, apesar disso, a discriminação e a exploração laboral acontecem.

### 5.3.7. Serviços bancários

Uma das dificuldades enfrentadas pela população migrante é o processamento de uma conta bancária. O principal problema é que os bancos não reconhecem as identificações emitidas pelo INAMI como uma identificação oficial. E não acessar uma a uma conta bancária significa não conseguir o trabalho que exige a conta, não conseguir receber um auxílio governamental, não conseguir enviar remessas, dentre outros serviços e direitos.

*(...) cuenta en el banco está muy complejo que una persona que esté refugiada pueda tener eso ... y no, eso también es necesario... porque no todavía no llegamos a donde puedan acceder plenamente a ese servicio. (Funcionária, CNDH, Cidade do México, 2019)*

*Si, un trato injusto es que los bancos no les reconozcan su tarjeta y no puedan tener una cuenta abierta en el banco ¿no? (Coordinadora, Casa Tochán, Cidade do México, 2019)*

Outro problema enfrentado por essa população é o tempo que leva para processar a mudança do status imigratório, pois costuma ser longo e desestimula as empresas a continuarem contratando.

*Un tema particular que estamos ahorita, y que en eso nos ayudan, por ejemplo, los politólogos y los de RI es el tema del acceso al sistema bancario y como esa falta de acceso, está obstaculizando, causa problemas incluso de tipo laboral, de derechos laborales. Y con los refugiados es realmente importante porque le quité el pasaporte, la investigación que hemos hecho sobre financiero, que, pues es como muy inicial, ha sido identificada en principio, aunque fuimos diferentes bancos, a ver, que era lo que estaban solicitando para una tarjeta de débito para tarjetas de débito, e en ocasiones,*

*los mismos empleados les depositan ahí, o las personas puedan tener una tarjeta de débito. Entonces en el caso particular de personas refugiadas o es un grave problema, siendo que muchas de estas personas no tienen un pasaporte y las diferentes instituciones bancarias en las que estamos hemos revisado, por ejemplo, ni siquiera tienen cada una es por una cosa distinta, o sea unas es porque quiere que le dé... bueno, hay algunas que te piden documentos migratorios que ya no existen que existieron en 2012 o en antes de 2012, con la ley de migración, pero que ya no existe no le siguen pidiendo dos lo que le llaman el FM3, es un documento migratorio que ya no existe. Entonces, algunos es eso o la mayoría es el tema del pasaporte. Lo cual resulta particularmente delicado con solicitantes y con refugiados en otro son cuestiones de que no les admiten la de visitante por razones humanitarias únicamente la residencia permanente. e así, o sea esos son como los grandes problemas no? Que, identificados en los diferentes bancos, pero también no existe... también identificamos que cada banco tiene sus propios obstáculos, y que en general lo que te está mostrando pues es exclusión, no tienen en cuenta que excluyen a poblaciones del sistema bancario es como si fueran poblaciones de riesgo. (Informação oral, Diretora, Clinica Juridica Alaide Foppa, Cidade do México, 2019)*

Igualmente, a sociedade civil organizada, como em outras pautas de direitos, tem se mobilizado para litigar esse assunto com as empresas do sistema bancário, mas que é complicado chegar até eles. O fato de serem instituições privadas dificulta o trato também:

*Eso es justamente lo que recién estamos haciendo, lo que hicimos fue a hacer una pequeña investigación con diferentes instancias bancarias y lo que estamos metiendo, pues son QUEJAS a COPRED y a bueno pero que van a CONAPRED y a la Comisión Nacional Derechos Humanos y también es meramente un tema de omisiones, ¿no? Porque lo que hemos estado revisando Es que la ley dice que cualquier documento migratorio, no, pero ahí cómo interviene la Comisión Nacional bancaria y de valores es muchísimo más... mucho más complicado, entonces no hemos llegado, nosotros a lo que te decía el tema del litigio, que tendría que ver con la omisión en tomar medidas que que, erradiquen actos de discriminación y exclusión de la población por la falta de determinados documentos y la otra contra la Comisión Nacional bancaria de valores que tendría que tener medidas hacia los bancos para que respeten esto porque mucho los bancos se escudan en que son instituciones privadas, no?(Informação oral, Diretora, Clinica Juridica Alaide Foppa, Cidade do México, 2019)*

O tema do acesso a uma conta bancária também apareceu no primeiro trabalho de campo em 2015, onde em entrevistas a funcionários do CONAPRED, eles explicam que uma das queixas mais frequente de discriminação era feita nesse tema, contudo quem se queixava desse assunto eram apenas estrangeiros com mais recursos financeiros e regularizados no México. Essa afirmação indica que há um recorte de privilégios na hora das queixas de omissão e discriminação contra as instituições.

*(...) es que los bancos no les reconocen su tarjeta... no pueden tener una violencia, un asalto. A uno le robaron su identificación, su dinero, lo golpearon y se quedó sin su acceso a la justicia, porque no hay justicia para el migrante. (Informação oral, Advogado albergue, Tijuana 2018)*

#### **5.4. Políticas antidiscriminatórias**

O Governo mexicano vem trabalhando a temática da discriminação desde 2001 e já obteve grandes avanços na institucionalização da pauta, especialmente com a criação do *Consejo Federal Prevenir y Eliminar la Discriminación* (CONAPRED). O CONAPRED foi fundado em 2003 e inicia as suas atividades no ano de 2004, trabalhando no combate à discriminação da forma integral. É instituição responsável pela criação de mecanismos contra a Discriminação no México e pela promoção de diversos estudos e pesquisas na área, com a finalidade de proporcionar respostas institucionais ao tema. O Conselho também promove políticas e medidas que contribuem para o desenvolvimento e progresso cultural e social na inclusão social e garantir o direito à igualdade<sup>123</sup>.

O CONAPRED é o órgão que se encarrega de receber queixas de atos de discriminação cometidos por particulares ou autoridades federais no exercício de suas funções. Grupos como os de migrantes e de vítimas de discriminações étnico-raciais e de gênero são atendidos pelo CONAPRED. É um órgão independente da *Secretaria de Gobernación* do Estado Mexicano, mas tem o seu orçamento vinculado a ela. O CONAPRED tem grande importância por sua atuação única na pauta da discriminação. Localiza-se o órgão como um dos únicos do mundo a ter um escopo tão amplo na parte da discriminação, o argumento para atestar a amplitude da instituição mexicana é o fato de que na maioria dos países, como vimos no capítulo anterior, os órgãos trabalham na pauta de direitos humanos de maneira geral ou são setorizados em uma pauta (ex. Mulheres, promoção da igualdade racial).

O CONAPRED teve o feito de colocar o tema da discriminação na agenda, e identifica os grupos discriminados. Hoje o CONAPRED é uma instituição que tem legitimidade. Auxilia para que se tomem medidas para a promoção da igualdade, como o dever histórico que a sociedade mexicana tem com os seus povos autóctones (Informação oral, *Directora General de estudios, legislación y políticas públicas*, CONAPRED, Cidade do México, 2015, tradução livre) (FERNANDES, 2016).

---

<sup>123</sup> Disponível em: <<http://www.conapred.org.mx/>>. Acesso em: 25/10/2015 às 10h10.

O CONAPRED tem o poder de denunciar qualquer serviço público federal e Instituições privadas, a lei não tem prerrogativa sobre Estados e Municípios, as sanções são no campo administrativo, ou seja, não há a obrigação dos estados seguirem a lei federal. Fomentou a criação de leis estatais contra a discriminação. Contudo, poucos estados da federação têm um órgão como o CONAPRED, que aplique e fiscalize a lei e as leis promulgadas nos estados ainda carecem de melhorias.

Apesar de estarem listados como um dos grupos de proteção do CONAPRED, os migrantes ainda são um grupo em situação de vulnerabilidade com poucas entradas dentro desse aparato institucional, e uma das raízes do problema, pode encontrar-se no contexto de que as pessoas em mobilidade não interpõem muitas queixas diante das autoridades.

Em 2015, na dissertação de mestrado (FERNANDES, 2016) poucas queixas de discriminação eram realizadas por migrantes ao CONAPRED, os principais fatores eram a falta de conhecimento e confiança nas instituições: documentados ou não os migrantes têm uma tendência a fugir da institucionalidade, e estão sempre em trânsito, mesmo os imigrantes permanentes têm uma tendência forte a mudarem de cidade. Reproduzo aqui as conclusões:

- a) os migrantes são em sua maioria indocumentados no país, portanto não procuram o governo para resolver as suas questões;
- b) O CONAPRED situa-se fisicamente somente no DF, o que dificulta o acesso, pois os migrantes, em sua maioria, concentram-se em outros estados, o que também dificulta o conhecimento do trabalho do órgão;
- c) muitas queixas chegam a Comissão Nacional de Direitos Humanos. Quando isso ocorre, elas viram competência da Comissão e o CONAPRED não mais pode se envolver nelas (Informação oral, *Director de Reclamaciones*, CONAPRED, Cidade do México, 2015, tradução livre). (FERNANDES, 2016, p. 113).

Esse ponto afeta a quantidade de denúncias e queixas recebidas. Não são comuns que queixas sejam interpostas por imigrantes e o motivo apontado para isso é o fato de que eles são uma população que tende a fugir das instituições, documentados ou não, pois não conhecem o país e as regras e estão sempre em trânsito, mesmo os imigrantes permanentes:

Eles (os imigrantes) não gostam das dependências dos estados, pois são violados por elas. São um grupo que tem muita mobilidade, então, se vão antes do tempo de correr um processo dessa natureza, que em média, leva 6 (seis) meses. Portanto os imigrantes que utilizam o serviço de queixa já são estabelecidos no país (Informação oral, Acadêmica UNAM, Cidade do México, 2015, tradução livre). (FERNANDES, 2016, p. 116)

E são principalmente as organizações que trabalham na defesa dos migrantes que fazem chegar aos órgãos denúncias com relação a eles. Em 2019 questionei uma organização se eles sozinhos realizavam queixas. A informante explica que as vezes sim, mas na maior parte há um trabalho de explicar a necessidade de colocar a queixa, que saibam a importância das denúncias.

*(...) Nosotros tratamos de que esto si sea una costumbre que los muchachos tengan, a veces no dan resultados como nosotros quisiéramos, pero el chiste es que ellos mismos sepan que tienen que quejarse (Informação oral, Coordenadora, Casa Tochán, Cidade do México, 2019).*

Ainda que ajudem, na maior parte das vezes os defensores de migrantes é que acabam fazendo junto.

*No, bueno, a veces si, se acercan directamente, en nuestra experiencia, pues nosotros somos los que lo hacemos con la persona, Nosotros les decimos que hay que meter la QUEJA, que hay que meterla, y les ayudamos a hacerla, y le damos seguimiento a esas quejas (Informação oral, Coordenadora, Clinica de Refugiados Alaíde Foppa, Cidade do México, 2019)*

Outra informante explica o mesmo trabalho de acompanhamento.

*Los acompañamos más bien, al final nosotros no hacemos todavía de representantes legales para quejas que puedan ser con carga penal con carga civil no, pero si acompañamos el proceso o sea que la persona tenga la información adecuada y si es necesario que la acompañemos al ministerio público adonde tenga que ir a hacer la QUEJA, ósea ir con la persona acompañarla en el trámite, pero como acompañante no como representante (Informação oral, Coordenador, Programa Casa Refugiados, 2019)*

A Comissão Nacional de Direitos Humanos possui um programa de atendimento focalizado em estrangeiros, mas é através de um trabalho conjunto com a sociedade em geral que acabam conseguindo o contato com a população migrante.

*(...) nosotros como comisión tenemos un programa de atención a extranjeros, entonces por ejemplo por eso tenemos el acercamiento con embajadas y consulados porque a través de este programa tenemos la población en movilidad que se encuentra aquí en la ciudad de México porque es nuestra jurisdicción pueden presentar QUEJAS no ante las autoridades y entonces ante eso nosotros cuando lanzamos el programa justo invitamos a organizaciones de sociedad civil y a gobierno para que supieran que dentro del albergue pueden tener estos formatos y los pueden llenar y ya nada más viene la población a entregarlo o lo manda por correo electrónico o lo cuenta por teléfono entonces se la va dando seguimiento al caso, entonces también eso hacemos no los caso que llegan aquí a la visitadora que mayormente trata como personas con grupos prioritarios, es la cuarta muchas veces nos marcan para preguntarnos en que espacios pueden ser hospedados o he si para*

*canalizarlos los casos (Informação oral, Funcionária, CNDH, Cidade do México, 2019)*

Quando chegam até à instituição uma denúncia, são acusados, especialmente: a) meios de comunicação, pela forma preconceituosa com que noticiam os migrantes, influenciando negativamente a opinião da população com relação a esse público; b) Vizinhos às casas de migrantes, que fazem campanha contra elas. c) O Instituto Nacional de Migrações, por maus-tratos e abuso (Informação oral, *Director de Reclamaciones*, CONAPRED, Cidade do México, 2015, tradução livre). (FERNANDES, 2016, p. 113).

Como se pode ver no extrato abaixo:

*(...) bueno, eso es así, como una muestra de lo que nosotros hemos tenido muy concretamente con un solicitante de refugio no la respuesta que le da comer las otras, este QUEJAS, generalmente si son, por ejemplo, por el trato abusivo de los policías, eso es ante la comisión de los derechos humanos. (Informação oral, Coordinadora, Casa Tochán, Cidade do México, 2019)*

Em 2015, no âmbito do CONAPRED, as queixas realizadas pelos próprios imigrantes, são geralmente provenientes daqueles já residentes no México há muito tempo, e as denúncias são geralmente motivadas por problemas com bancos, de acesso a crédito etc., mas esse é um perfil de imigrante muito específico, pois já são imigrantes e bem instalados no México (Informação oral, *Director de Reclamaciones*, CONAPRED, Cidade do México, 2015, tradução livre). (FERNANDES, 2016, p. 113).

O trabalho de campo de 2019 não resultou em conclusões muito distintas, o CONAPRED começa a ser um pouco mais conhecido pelas instituições que trabalham com migrantes, algumas inclusive afirmam haverem direcionado migrantes para que fizessem suas queixas a eles. O CONAPRED também começa a se fazer mais presente na pauta com estudos em colaboração com os Colégios da Fronteira (COLEF sul e norte) e a fisicamente durante as Caravanas Migrantes na Cidade do México. Igualmente, a discriminação é um tema mencionado com mais frequência pelos entrevistados levando a um maior conhecimento do órgão. Contudo, segundo os relatos dos funcionários (Entrevistei ao todo 5 funcionários do CONAPRED, 2 deles já havia entrevistado em 2015 e novamente em 2019), essas presenças não têm refletido no aumento de queixas de discriminação apresentadas à instituição.

*(...) en realidad justo hablando con el director de quejas hace unas semanas, me dijo que casi no hay quejas hacia las personas migrantes. Pues en realidad están más preocupados por transitar o por llegar a su destino esto pasa un poco a segundo o sea desafortunadamente esta clase de acciones pasa*



*segundo o tercer lineal prioridad, pero justo más bien como lo dijiste CONAPRED tiene un trabajo más transversal entonces hay varias, hemos tenido alrededor del año desde el año pasado cuando, octubre del año pasado que hubo la primera caravana no, notamos como tal las muestras de xenofobia y de racismo se acrecentaban entonces optamos por hacer visitas como para hacer algunas recomendaciones, pero también campañas no, no sé si viste en la página que hay una, un documentito que se llama “mitos y realidades” sobre los migrantes. (Informação oral, Directora de Estudios, CONAPRED, Cidade do México, 2019) (FERNANDES, 2016).*

Da mesma forma, o órgão que trabalha com a discriminação no Distrito Federal, o COPRED, também não tinha registro de queixas de migrantes no período da entrevista, mesmo a grande quantidade de migrantes e apoio que eles receberam com as caravanas na cidade não foi capaz de fazer com que as denúncias fossem incrementadas. A funcionária suspeita que as denúncias são sempre encaminhadas ao órgão federal e não ao estatal. Questionando ao CONAPRED, descobre-se que nenhum dos órgãos antidiscriminatórios recebe muitas denúncias da população migrante.

*Pero eso se puede registrar si es en alguna dependencia del gobierno de la ciudad de México o en alguna empresa de la ciudad de México una curiosamente, ni personas indocumentadas, ni por personas con documentos no hay denuncias, no hay quejas, no hay, podría preguntar y podría pedir el desglose y te lo haría llegar, pero he los últimos datos no, porque se registran por cuestión étnica, tampoco las personas indígenas vienen, las que más hay son mujeres embarazadas que las discriminan y no por cuestiones laborales, personas LGBTQIA+I o también por su orientación, por identidad de género, por su preferencia de género o identificación de género en ámbito laboral o en algún espacio público y de un lugar donde se le servicio, personas con discapacidad y algunas personas con situación de calle, ahora puede ser y yo tengo la hipótesis de que las migrantes no vienen aquí se van al nacional porque es una cuestión como la migración tiene que ver con una cuestión a nivel federal se van con el consejo nacional para prevenir y eliminar la discriminación en CONAPRED, esa era mi hipótesis por eso decías que a lo mejor por eso aquí no vienen. (Informação oral, Funcionária COPRED, Cidade do México, 2019).*

É mais comum que as denúncias dos migrantes cheguem aos órgãos de auxílio como violações de direitos humanos. Como não há uma compreensão, na maioria dos casos, da discriminação ligada aos direitos humanos, a queixa de discriminação sempre fica em segundo plano, quando ela ocorre. Um informante explica as razões:

*(...) lo que pasa el derecho la igualdad y la no discriminación es uno de los derechos humanos con cierta frecuencia más o menos la CNDH nos manda algunos casos, pero este en realidad por las condiciones en que ocurren las cosas están vinculados con casos más graves, más allá de lo que es ligado la desigualdad del trato entendiendo así la discriminación, sino que este articulado con cuestiones de violencia directa, de retención ilegal de la gente*

*pues si lo usual es a que acudan a la Comisión de derechos humanos no, y quejas relacionadas con el trato la forma de dirigirse o de referirse a los migrantes esos caen más en el ámbito del consejo no, (Informação oral, Funcionário CONAPRED, Cidade do México, 2019)*

Um exemplo da dificuldade de compreensão do fenômeno da discriminação que pode ser citado foi encontrado na pesquisa de campo realizada na Cidade do México em 2015. Nesse ano, utilizava-se menos os termos discriminação e xenofobia e mais violação a direitos humanos, a percepção é que ainda a sociedade civil não havia se apropriado completamente da categoria. Nesse campo, em diversas entrevistas, quando os funcionários de organizações eram questionados sobre se os migrantes sofriam discriminação, muitas vezes a resposta era que o que os migrantes sofriam eram violações de direitos humanos e não discriminação.

Em uma dessas entrevistas, o entrevistado era Visitador da 5ª “jefatura” da Comissão Nacional de Direitos Humanos mexicana, ao ser questionado se os migrantes se queixam de discriminação, ele respondeu: “De discriminação? Não, eles se queixam de delitos, de todos os tipos e por parte das autoridades. Se queixam de negação de acesso a saúde a emprego” (Informação oral, Coordenadora Cafemin, Cidade do México, 2015) (FERNANDES, 2016).

Esta fala aponta para uma dificuldade na compreensão do conceito de discriminação, que tende a ser compreendida como uma “falta menor”. Observa-se grande dificuldade em compreender a discriminação como uma violação de direitos e como um fenômeno inter-relacionado com a negação a direitos ou violências. Compreensão que o CONAPRED avança ao trazer em seus escritos

Em 2018, esta indagação foi feita ao Visitador de Direitos Humanos da Comissão Estadual de Direitos Humanos da Baja Califórnia, que já demonstrou mais clareza nas categorias, apontando a discriminação como uma violação de direitos humanos e uma importante causa da negação de acesso a direitos.

*CF: Es que discriminación si es violación a derechos humanos, pero pues también recordemos que los derechos humanos y es uno de los principios constitucionales en materia de derechos humanos que tenemos que son indivisibles no y son interdependientes entonces como son interdependientes pues por ejemplo, un hecho violatorio vamos a suponer el que a una persona con discapacidad no lo dejen entrar a la escuela no, le niegan el acceso a la educación pues una discriminación, pero también le están violando al derecho a la educación y le están violando al trato digno le están violando al derecho de igualdad entonces un solo hecho pues te puede violar muchos derechos humanos no, entonces nosotros tenemos que tener esa capacidad para calificarlos y además tenemos este manual, manual para la calificación violatorios a derechos humanos no, ósea esto es otro rollo no. (Informação oral, Visitador, CEDH, Tijuana 2018).*

A maior parte das violações contra os migrantes que são notificadas são endereçadas à CNDH. A CNDH existe em todo México e é muito mais conhecida, assim, mesmo que a queixa toque temas de discriminação ela é resolvida por lá. Em entrevista com um funcionário do CONAPRED, ele me explica a diferenciação que fazem de discriminação e violação de direitos humanos, ainda que as duas classificações caibam para muitos dos casos.

Em 2015, quando entrevistei o mesmo funcionário, ele explicava que as competências dos dois órgãos não eram concorrentes, de forma que um processo de queixa aberto na CNDH, ainda que tratasse também de discriminação permanecia na comissão. O funcionário explica que as violências cometidas contra os migrantes e casos mais graves são classificadas como violações de direitos humanos e questões de trato ou forma de se direcionarem aos migrantes entram mais no âmbito da discriminação, não é o mesmo que tratar agressões, ele explica:

*Derechos humanos si claro es que si ósea no es lo mismo que por ser migrante te diga vete a tu casa no regreses, no es lo mismo a que te golpeen a que te nieguen el plano de hecho por tu condición de migrante, también lo que pasa el crimen organizado y el tráfico de personas los secuestran, los explotan y el estatuto laboral, eso acompañan la discriminación, pero son violaciones a los derechos humanos. Entonces si ellos mismos identifican <violan mis derechos ósea no nada más que estoy y que me traten o me vean feo no, sino mucho más allá casi siempre (Informação oral, José Luis – CONAPRED, CDMX 2019).*

Compreende-se que a prioridade absoluta acaba sendo tratar os casos mais graves de violações. Contudo, a discriminação precisa ser visualizada como um fenômeno estrutural que também motiva violações dos direitos humanos desta população.

Ainda é necessário que o fenômeno da discriminação seja compreendido por todos os atores envolvidos, os usuários, os defensores de direitos humanos e os funcionários de órgãos público para que o fenômeno possa ser visibilizado e tratado, as políticas antidiscriminatórias permanecem ainda muito longe do público-alvo no caso dos migrantes.

## CAPÍTULO 6 - ORGANIZAÇÕES PRO-MIGRANTES E INTERNACIONAIS NA DEFESA DA POPULAÇÃO EM MOBILIDADE

As organizações da sociedade civil são um ponto importante na pesquisa, pois foram as instituições que permitiram o campo, que cederam o conhecimento sobre o tema, a vivência com os migrantes e que abriram as portas para a compreensão do problema e o contato com a população estudada.

Conforme explicitado, foram períodos diferentes de pesquisa com passagens em albergues de diferentes cidades e contextos, no norte do México em Tijuana, no Centro na Cidade do México, e no Sul do México, no estado de Veracruz.

Cada localidade com seus próprios desafios, avanços e experiência no tema. Foram realizadas visitas às instituições de diversos tamanhos e tipos, albergues laicos e religiosos, casas de acolhida por meses ou por dia, casas que oferecem estadia a homens, mulheres, populações migrantes específicas como a LGBTQIA+, refugiados. Instituições que não abrigam os migrantes, mas apoiam com comida, com oficinas, com apoio legal, médico e instituições que trabalham as políticas públicas para migrantes e direitos humanos.

Os maiores períodos de estância foram dentro de albergues, que neste capítulo não vou identificar para preservar os funcionários que ofereceram os seus relatos e críticas, todos com o intuito de prestar um melhor serviço e visando o crescimento dessas instituições tão importantes.

Os albergues e as casas de migrantes presentes em todo o território Mexicano. São entidades civis, governamentais e multilaterais que se especializaram em abordar diferentes aspectos do desafio da migração. Começaram a ser estabelecidas mais instituições de apoio a migrantes e refugiados, especialmente religiosas, igualmente mais organizações internacionais como a ACNUR, nos anos de 1980, quando houve a chegada de uma diáspora guatemalteca que fugia da guerra civil.

*La llegada de miles de personas –en su gran mayoría indígenas– que huían de sus comunidades a raíz de estrategias militares de “tierra arrasada” impulsadas por el gobierno militar de aquel país, provocó en México un movimiento de solidaridad político-religioso que condujo a un involucramiento en la ayuda humanitaria de parte de instituciones públicas, diversos sectores sociales, algunas fundaciones internacionales, la Iglesia Católica y algunas Iglesias protestantes (CASAS; LÓPEZ; POMBO, 2019, p.25)*

Organismos de direitos humanos começam a ter mais atividade nos anos 2000, contudo a Comissão Nacional De Direitos Humanos é fundada nos anos de 1990. Alguns dos albergues visitados também são desse período, outros mais novos, mas a maioria das organizações mais experientes já é institucionalizada há mais tempo.

Estas organizações desempenham um papel crucial, fornecendo acomodações de emergência para refugiados e migrantes e outros serviços vitais, como alimentação, vestuário, atendimento de saúde, incluindo apoio psicossocial, informações e aconselhamento jurídico para pedidos de asilo, dentre outros serviços. Apesar do grande número de organizações sociais que auxiliam ou protegem os migrantes, poucas possuem escritórios e profissionais contratados em caráter permanente, apenas os maiores albergues contam com uma equipe permanente e, às vezes, profissionalizada. Eles estão localizados nas principais cidades das rotas migratórias (CASAS; LÓPEZ; POMBO, 2019, p. 32).

Casas López e Pombo (2019, p. 35) dividem as instituições em 4 categorias: Casas de Migrante (serviços de abrigo, alimentação e vestuário, alguns com colaboradores externos que prestam aconselhamento jurídico, médico ou apoio emocional), Organizações de defensoria, pesquisa e incidência política (*advocacy*) (organizações especializadas no apoio jurídico e psicossocial aos migrantes, bem como na defesa e proteção dos seus direitos humanos e / ou na inserção social, e colaboração com redes e pesquisas). Estas organizações também realizam trabalhos de acompanhamento legislativo, litígio estratégico e monitoramento dos direitos humanos dos migrantes. Também colaboram estreitamente com acadêmicos em pesquisa aplicada, em redes nacionais e internacionais de proteção de direitos humanos), Coletivos de pessoas migrantes e familiares (organizações de base formadas por migrantes e suas famílias) e Organizações internacionais (como a IOM, ACNUR e UNICEF etc.). Destas categorias apenas não foram entrevistadas organizações de migrantes e familiares.

Dentro do grupo de casas de migrantes, as fontes de financiamento são instáveis. Poucos obtêm recursos permanentes de fundações para apoiar seus escritórios e atividades. Essas organizações, em sua maioria, se mantêm com recursos próprios, doações, recursos das igrejas, e de vendas de serviços. As maiores trabalham em projetos para obter recursos de fundações internacionais, e algumas dependem de fundos do ACNUR (CASAS; LÓPEZ; POMBO, 2019, p.34).

Organizações internacionais como ACNUR, IOM e UNICEF se ligam às instituições públicas para auxiliar na gestão de migração e assistência humanitária. Eles atuam como financiadores de vários projetos para a proteção e defesa dos direitos das pessoas em mobilidade. Estas organizações fornecem além de apoio financeiro, treinamento e assessoria

técnica à COMAR, ao Instituto Nacional de Migração, instituições federais, estaduais e municipais (Direções Municipais de Atenção ao Migrante), além de albergues e associações que cuidam de migrantes e refugiadas (CASAS; LÓPEZ; POMBO, 2019, p.51).

As organizações cumprem, também, um importante papel para tentar proteger essa população contra violações de direitos humanos e contra a discriminação. Como vimos, são responsáveis por sensibilizar as autoridades e órgãos a respeito da pauta, movimentando também ações de *advocacy*, litígios estratégicos e grupos técnicos no poder legislativo, e em fazer pressão no executivo para que as leis sejam cumpridas e os migrantes vistos como sujeitos de direitos.

Exceto por um albergue oficial construído em Tijuana e ajudas pontuais de governos locais a partir de projetos ou em emergências como as caravanas, no período da pesquisa de campo não foram observadas situações em que o Estado estivesse muito presente e ativo para auxiliar às pessoas em mobilidade.

Em suas diversas situações, quem promove o auxílio a estas pessoas são instituições da sociedade civil. Existem comissões estatais, contudo estas não possuem orçamento e nem poder político para ações vinculantes, não raro, como foi observado em entrevista com o diretor da Diretoria de Migrantes do Estado de Veracruz (Xalapa, 2019), as ações migratórias promovidas por estes órgãos públicos estão voltadas para emigrantes mexicanos, de forma que os principais responsáveis por realizar acolhida e oferecer apoio aos migrantes – hospedagem, assistência legal, médica, psicológica e os inserir em programas sócio laborais são os albergues.

Estas organizações que constituem, muitas vezes, o único refúgio que essas pessoas têm para manterem-se vivas durante a jornada até os Estados Unidos, nos casos de migração em trânsito, ou estabelecerem-se no México, nas hipóteses em que são refugiados e imigrantes.

### **6.1. Desafios das organizações pro-migrantes**

O trabalho e os desafios vão variar de acordo com a região e as normativas de regularização, a criminalização da população no local, e contextos políticos atuais. As necessidades das pessoas em mobilidade vão mudando rapidamente e os albergues são instituições que devem ter uma alta flexibilidade para se adequar aos movimentos migratórios.

*Entrevistadora: ¿Qué dificultades están teniendo ahorita? [albergues]*

*Entrevistado: pues es que depende mucho el contexto, donde está el albergue. México es un país bueno que te digo, Brasil es muy grande, pero México es también un país extenso en su territorio y el contexto del sur es muy diferente*

*al contexto del centro también el contexto casi centro-norte y del propio norte. El propio norte tiene sus ventajas, entonces hay necesidades muy distintas. Yo creo que con eso del MPP que se está estableciendo en el norte unas necesidades para gente que está esperando desde su procedimiento de retorno, a distintos puntos fronterizos. Hay necesidades para gente que está esperando acceder al estado norteamericano a Estados Unidos, también esperan, también hay necesidades para las personas que entran al país ahorita en el sur y tienen que esperar ahí, hacen su requerimiento de la comisión de refugiados de la COMAR, pues eso también es otro contexto, porque hay muchas personas esperando ahí, ahorita también he, una vez que solicitan asilo a lo que tienen derecho es a la regularización de la condición migratoria, pero actualmente están regularizando, tengo entendido (...)*

A observação de campo confirma o relato, os ambientes, contextos e dificuldades dos albergues, e até a recepção da sociedade local muda muito de acordo com cada lugar. Nos estados do sul, as pessoas em mobilidade estavam entrando no México e descobrindo como fazer a travessia até o ponto mais próximo aos EUA, iniciaram os processos de documentação – o que era uma novidade que fez com que os albergues do sul tivessem que se adaptar para receber as pessoas por mais dias, quando antigamente eram apenas locais de passagem onde as pessoas ficavam poucos dias para se alimentar e recuperar forças. No Sul também ficam as maiores estações migratórias de onde são feitas as deportações e onde as organizações da sociedade civil tem que estar perto para processar as demandas.

Na capital a movimentação política é maior, e não costuma ser um ponto regular de travessia das pessoas em mobilidade – pelo menos não era até 2014, quando o caminho dos fluxos é alterado pelo *Plan Frontera Sur*. Assim, os albergues da cidade em sua maioria funcionam a partir de canalizações, muitos recebendo apenas solicitantes de refúgio e pessoas vítimas. Além disso, há mais instituições de defesa de direitos humanos e advocacy que trabalham diretamente com os órgãos centrais.

As cidades do norte são localidades que, pelo fato de fazerem fronteira com os EUA, tornam-se os lugares onde a população se estabelece até conseguir cruzar a fronteira, seja esperando processos de asilo ou tentando cruzar à revelia das instituições estadunidenses. Com as MPP's após as caravanas, essa situação tornou-se ainda mais complicada pelo volume de pessoas estancadas na fronteira, situação que não havia ocorrido antes.

Em Tijuana as casas de migrante funcionavam principalmente, na década de 90, com a população mexicana que estava migrando para os Estados Unidos, quando a fronteira ainda era utilizada para a travessia. Essa característica muda com as políticas restritivas dos Estados Unidos, e as demandas começam a surgir da população deportada que chegou à região e

continua chegando até hoje, demanda que se mistura com a dos centro-americanos e caribenhos que chegam ali com o objetivo de ir aos EUA (CSEM, 2019, p. 92).

Sendo assim, cada estado mexicano tem que se adaptar ao fluxo de pessoas, ao tempo de permanência destas pessoas e às normas vigentes naquele momento. Por exemplo, em Tijuana a chegada da diáspora haitiana em 2016 fez com que alguns abrigos existentes ampliassem sua capacidade de acolhimento e fizessem surgirem novos abrigos na cidade, entre igrejas cristãs que recebiam migrantes em suas dependências e novas organizações da sociedade civil que passaram a receber migrantes, embora sem financiamento fixo ou estruturas físicas mais bem adaptadas (CSEM, 2019, p. 101) . Todas elas tiveram que recorrer a ajuda de tradutores e produzir material em *creole* a fim de atender os migrantes haitianos.

O mesmo acontece após a mudança de regulamentação para a concessão de refúgio, que agora exige que o solicitante permaneça na unidade federativa de solicitação, o que significa uma extensão de 3 a 6 meses no período em que permanecem em uma localidade que anteriormente somente seria de passagem.

Em entrevistas com os diretivos dessas organizações, alguns contam que seus desafios incluem falta de pessoal, falta de recursos, limitações para usar os recursos públicos que devem ser gastos conforme planejado no projeto e não nos gastos mais urgentes, dificuldades na geração de relatórios e contas. O fato de não haver pessoal para atender às diferentes demandas do dia a dia na casa, e especialistas para captação de recursos, faz com que os diretivos não possam se concentrar somente nessas tarefas:

*Entrevistada - Las dificultades son muchas. Falta de personal para atender todas las cosas que... de la exigencia de gobierno, porque te piden informes, te piden cartas, te piden evidencias, a parte así de un... cuestionario, contestar de... un informe... Entonces, no contestar cartas... Porque x,x,x no... aparte de todo ya....*

*Entrevistadora- ¿Por qué entonces es usted que la tiene que hacer?*

*Entrevistada- No me dá el tiempo y tampoco mis limitaciones. Y la dificultad también de tener recursos, porque no tenemos un personal así, que vaya a buscar, encontrar recursos para la casa. Entonces uno queda muy limitado para gastar lo más necesario. Y la mano de obra también, tú tienes mano de obra, pero es siempre...no es estable. Y si no está estable tú tienes que estar enseñando cada día o cada medio día*

*Entrevistadora - Entonces precisas estar siempre allá*

*Entrevistada - Entonces, hay que estar pendiente de toda la situación, porque... una va a atender la puerta. Entonces, no tiene ni autoridad, pero no existe aquella decisión, “¿Yo puedo recibir la ropa? ¿Yo puedo recibir donaciones? ¿Yo puedo recibir esto?” ¡No... “Madre! ¡Quieren hablar con usted!” voy, quieren ofrecer una camisa, un pantalón, esto, aquello otro. Entonces, por no tener las personas responsables para esto, me dificulta más.*



*Entrevistada- Por eso ya no puedo estar concentrada en la oficina para hacer otro trabajo, tengo que estar siempre pendiente de todas las cosas.*

As organizações internacionais, como a ACNUR por exemplo, contrata pessoal especializado em auxiliar e orientar os albergues e instituições de defesa da população migrante e refugiada, o que eles chamam de “fortalecer capacidades” como explica o informante:

*(...) Entonces, como mi trabajo es comunicación, es ver que necesidades tienen los albergues, vincularlos entre ellos, fortalecer sus capacidades para que atiendan a refugiados (...) Hay muchas dificultades para integrar a las personas y para atenderles... tienen muchas necesidades, son personas que solo por el hecho de haberse movido de su país están en una situación de vulnerabilidad. Además de otras situaciones de vulnerabilidad que tienen, entonces todo eso. Son varios puntos de vista que hay que tener para fortalecer a los albergues, porque no son escenarios de tener y decir a mira ahí está el albergue y es muy bonito, sino que el albergue debe poner ciertos servicios para estas personas con estas necesidades, deben tener también pues cierta flexibilidad, tal vez no. Con refugiados es diferente a las personas que están solo en tránsito porque estas personas al estar integrándose tienen que ir a firmar a la COMAR, tienen que ir a trabajar... es más un modelo para hacer una vida que un modelo estar en tránsito y descansar. Entonces lo que hay que hacer es buscar redes. Bueno, mi trabajo es buscar redes, ver en qué tipo de cosas puedo apoyar a los albergues, ver que necesidades tienen de dar servicios, ver sus modelos de atención para que fortalezcan la atención a refugiados. (Informação oral, Funcionário ACNUR, Cidade do México, 2019)*

A dificuldade aumenta com o fato de que as pessoas estão sempre mudando, já que muitas das atividades são realizadas pelos migrantes ou por voluntários, que não são quadros fixos e nem possuem a mesma responsabilidade de um funcionário pago. Além disso, muitas vezes não há tempo nem recursos para a capacitação dessas pessoas, o que dificulta a padronização dos procedimentos e a avaliação do atendimento.

*(...) porque cuando llegué y me fui a trabajar en [dice los nombres de los albergues] y me daba cuenta de que (...) dependiendo del voluntario que estaba cambiaba el modelo de atención, entonces a veces salían cosas que ayudaban mejor la atención de los migrantes que otras. (Informação oral, Coordenador de Albergue)*

Muitas vezes, mesmo com o comprometimento dos voluntários, há pouco conhecimento da realidade e do que funciona com os migrantes. Em uma conversa casual com funcionários de um albergue da Cidade do México, eles relataram que uma vez receberam uma voluntária estrangeira que era vegetariana e quando ela estava ajudando na cozinha, ela começou a criticar a alimentação oferecida e insistiu que fossem também compradas verduras para complementar a

alimentação. Apesar dos protestos das cozinheiras, os vegetais foram comprados e oferecidos e, na verdade, muitos não foram consumidos e acabaram sendo desperdiçados. A população que estava no momento não aceitou bem a mudança na alimentação e os recursos foram desperdiçados.

A especialização e profissionalização no trabalho dos albergues fazem muita diferença. Na Cidade do México, por exemplo, havia mais profissionalização nos albergues visitados pelo fato de terem mais áreas fixas, com funcionários pagos. Os funcionários eram quase todos especialistas nos temas que se ocupam. Nos outros albergues as relações entre as pessoas, migrantes e funcionários, davam-se de maneira muito mais próxima, familiar, criando laços, muitas vezes, clientelistas.

A vivência dentro dos albergues é muito rica e diversa. Estar permanentemente em um albergue é um trabalho pesado físico, mental e emocionalmente ajudar esta população nas condições em que chegam. As pessoas vêm com muitas histórias de violência, sofrimento e dor. Saem de suas casas para reconstruir as suas vidas, então parte do trabalho desses espaços é oferecer acolhimento não somente material, como também emocional e espiritual. Quem trabalha nestes espaços necessita de um sentido, um propósito forte para conseguir sobreviver à carga mental que significa oferecer esta ajuda, por isto o fortalecimento desses espaços é tão importante.

Não raro se escuta dos funcionários e voluntários que somente consegue realizar este trabalho por muitos anos aqueles que aceitam a “missão”, vinculando o trabalho ao caráter missionário das igrejas.

O complexo desta relação é a vinculação do trabalho de assistência a estas pessoas com os conceitos de caridade cristã, o que faz com que a relação entre as entidades e os atendidos se aproxime mais do assistencialismo do que da assistência social, que seria ao contrário da noção de caridade a busca pelo direito à proteção social. E que sendo assim, acabam se reduzindo a mecanismos assistencialistas e paternalistas que reproduzem as relações de poder (FALEIROS, 2013).

O Estado neoliberal desresponsabilizou-se de auxiliar estas pessoas, e, também, de muitas outras populações em situação de vulnerabilidade. Desde então, há a dependência da assistência humanitária da sociedade civil e organismos internacionais para suprir as necessidades de sobrevivência, o mínimo da dignidade humana. Apesar de ser uma necessidade, há que se olhar com um viés crítico ao assistencialismo, pois ele garante a satisfação de "uma parcela das necessidades básicas, sem necessariamente serem entendidos ou efetivarem-se como direitos sociais". (SARMENTO, 2002, p.121).

O assistencialismo ainda é forte na região do corredor México-EUA. Há uma grande quantidade de casas assistenciais e de caridade em relação e poucas associações de direitos, protagonizadas por migrantes. Nas entrevistas verificou-se que não eram conhecidas associações migrantes ou de defesa de direitos organizadas por eles mesmos.

Apesar de reconhecer a importância do trabalho dessas instituições para a vida desta população, é preciso manter o olhar sob a necessidade de se ter uma visão transformadora da sociedade, o que significa saber atuar na perspectiva da coletividade e da equidade, sem deixar de absorver as necessidades emergenciais (SARMENTO, 2002, p. 121).

(...) o cuidado não só deve dar conta do exercício do direito e da sua implementação, mas também levar em conta o sujeito concreto em suas condições concretas de vida, como o gênero, a idade e, principalmente, a desigualdade, inclusive, de poder. (...) No entanto, é necessário considerar como a efetivação dos direitos deve acontecer numa sociedade profundamente desigual em informação, acessibilidade e condições econômicas de renda. (FALEIROS, 2013, p. 86)

O objetivo é buscar promover entre os defensores e a população valores emancipatórios, assumindo coletivamente a construção de um projeto ético-político vinculado ao movimento migratório. O migrante deve ser visto como sujeito, não apenas como um assistido.

### *6.1.1. Os Defensores de Direitos Humanos dos Migrantes*

Servidores que trabalham nestas organizações de apoio e acolhida de pessoas em mobilidade são considerados defensores de migrantes ou de direitos humanos. São pessoas que, de alguma forma, herdaram as dificuldades e o estigma da população que atendem, o que torna a tarefa ainda mais difícil.

Torre Cantalapedra (2020) expõe, a partir de dados de informes de organizações internacionais (Anistia Internacional e *Front Line Defenders*), o aumento da criminalização dos defensores de migrantes, especialmente no período das últimas Caravanas de 2018 e 2019:

(...) se ha producido un aumento significativo del hostigamiento, difamación, amenazas, detenciones, arrestos, deportaciones e investigaciones penales que, por el ejercicio de su labor solidaria, sufren los defensores de los derechos humanos (DD.HH.) de los migrantes por parte de actores gubernamentales de Estados Unidos, México, Guatemala y Honduras; con estas acciones están promoviendo la criminalización de quienes defienden los DD.HH. de los migrantes para desalentar e impedir sus actividades humanitarias y con otros objetivos de índole política. (TORRE CANTALAPIEDRA, 2020, p. 52).

No informe citado pelo autor, o *Defensores sin muros* (2019), as organizações denunciam as retaliações por trabalharem auxiliando esta população:

*[La] investigación encontró que las y los defensores de derechos humanos (DDH) que trabajan con personas migrantes enfrentan criminalización, agresiones, arrestos, deportaciones, detenciones, interrogatorios, intimidación, son vigilados de forma digital y son hostigados por realizar labores humanitarias y de acompañamiento en las rutas migratorias de la región* (FRONTLINE DEFENDERS et al., 2019, p.5).

O informe constata uma série de abusos contra os defensores dos direitos dos migrantes nas diferentes rotas migratórias e nas zonas de fronteira, processos de difamação e criminalização de suas atividades humanitárias. Além disso, as prisões, interrogatórios e ameaças – realizadas pelos governos - contra os defensores que ajudam os solicitantes de refúgio e migrantes a ter acesso aos seus direitos nos procedimentos de regularização da migração, demonstram a criminalização de todas as formas de migração, incluindo aquelas que seguem os processos judiciais existentes. (FRONTLINE DEFENDERS et al., 2019, p.5).

Além das ameaças legais por parte do Estado, com fins políticos, os defensores também enfrentam hostilidades da sociedade civil. Há muitos casos no México de rejeição da vizinhança do albergue, ataques às casas e até incêndios promovidos nestes ataques.

Um defensor famoso perseguido é o Padre Solalinde, que chegou a ganhar prêmios de direitos humanos e até hoje enfrenta perseguições por seu trabalho com migrantes em Oaxaca e na Cidade do México.

*(...) bueno, ha habido casos donde quieren quemar los albergues y por es eso mí me extraña mucho que ahorita el Padre Solalinde esté tan alineado al gobierno cuando a él, lo han perseguido desde siempre por eso (...) a él lo han perseguido lo han amenazado de muerte lo han amenazado con quemarle el albergue. El albergue “hermanos en el camino”, que era en Oaxaca, pero ahora es en Ixtepec. Bueno en Lechería también quisieron quemar el albergue. ¿Conoces a el abogado de aquí... Él estuvo cuando querían quemar el albergue de Lechería (...). (Informação oral, Consultora de Migrações, Cidade do México, 2019)*

Além da sociedade e do Estado, os defensores dos direitos dos migrantes recebem ameaças de morte de grupos do crime organizado, grupos nacionalistas violentos e de outros atores armados. A atividade de defesa dos migrantes muitas vezes acaba cruzando com os interesses do crime organizado transnacional:

*El tráfico de migrantes es un negocio mundial, operado en gran parte por grupos del crimen organizado. Muchas veces, el tráfico de personas sucede con la colaboración, corrupción y consentimiento de las autoridades de los niveles federal, estatal y municipal de los diferentes países. Estos grupos consideran que las y los DDH que llevan a cabo actividades de defensa de derechos humanos de migrantes interrumpen las ganancias del tráfico de personas y, por lo tanto, son constantemente atacados (FRONT LINE DEFENDERS et al., 2019, p.34).*

Perante este cenário de risco às instituições que trabalham com esta população, uma das instituições visitadas, a *Scalabrinianas Misión con Migrantes y Refugiados (SMR)* iniciou um trabalho de acompanhamento dos defensores e defensoras de direitos humanos de pessoas migrantes que estão em risco. O acompanhamento da SMR consiste em registrar, monitorar e dar oficinas e instrução de segurança a albergues que atendem migrantes e atender a defensores de migrantes individualmente. Durante o trabalho de campo, pude acompanhar um treinamento de 3 dias realizados pela instituição com as outras casas e o compartilhamento de histórias.

O objetivo desse trabalho é aumentar as capacidades das instituições, com protocolos de segurança, análises de risco, promoção de autocuidado, intervenção em emergências e visita de acompanhamento. A área tem a sua própria rede que se chama *Espacio OSC* onde congregam cerca de 20 instituições. Atualmente, atendem a cerca de 13 casas, o que representa 40 pessoas diretamente e cerca de 80 voluntários em diversos estados do México.

Em relação a tais instituições, cabe salientar que, além do exposto, não são reconhecidas pelo Estado mexicano, segundo relato coletado pelo informe da IBERO (2020):

*[Ese no reconocimiento implica que] eres una persona que no está buscando el bien de los demás, y que lo que estás buscando es enriquecerte de forma ilícita. El tener este discurso de ‘aquí no pasa nada’, implica que no hay necesidad de un defensor de derechos humanos. Creo que ésta es una forma secundaria de criminalizar el trabajo de los defensores: generar una narrativa cuya esencia es que no es importante que ellos estén. Entrevista realizada el 31 de marzo de 2020. (IBERO, 2020, p.77 – nota de rodapé)<sup>124</sup>*

Verifica-se uma campanha de depreciação e desconfiança das instituições e organizações da sociedade civil que fazem este trabalho, denunciada também uma forma de criminalização da ajuda humanitária.

---

<sup>124</sup> [https://ibero.mx/sites/default/files/informe.\\_desafios\\_y\\_riesgos\\_enfrentados\\_por\\_organizaciones\\_y\\_migrantes.\\_tijuana.pdf](https://ibero.mx/sites/default/files/informe._desafios_y_riesgos_enfrentados_por_organizaciones_y_migrantes._tijuana.pdf)

### 6.1.2. A Indústria das Migrações

A indústria das migrações é um tema importante nesse ponto do trabalho, pois se refere ao “conjunto de atores não estatais que prestam serviços que facilitam, restringem ou auxiliam na migração internacional” (Sørensen, 2017), ou, como conceituada no capítulo 3, um “conjunto de empresários, negócios e infraestructuras que, motivados por la búsqueda de ganancias económicas, prestan servicios que facilitan y sostienen la migración internacional” (HERNANDEZ LEON, 2012, p. 41).

Como já explicitado, este conjunto é fundamental para a sobrevivência, manutenção e busca por direito desta população. Como tudo, dentro de um sistema como o capitalista, a prestação de serviços, mesmo os serviços de assistência, podem ser capitalizados e muitas vezes enfrentar a criação de estruturas que se tornam maiores do que estes fins e que podem ser cooptadas e utilizadas de diversas formas, seja para a própria manutenção, como em propósitos menos éticos que se distanciam bastante do objetivo inicial. Em todos os trabalhos de campo esse assunto foi levantado também de muitas maneiras, com críticas a distintos comportamentos das instituições de assistência.

O fato é que existe uma disputa pelos escassos recursos direcionados a causa, uma vez que muitas vezes pode ser o fator determinante para a sobrevivência da organização. Geralmente estes recursos são captados pelas instituições maiores e mais tradicionais, vinculadas às igrejas. Estas, por sua vez, criticam a manutenção a partir de cobranças de diárias dos atendidos, como foi possível ver no trabalho de campo em Tijuana:

*Se registró de funcionarios de albergues tradicionales que los albergues que cobran son “albergues negocio”, que visan el lucro a partir de la situación de los migrantes. En algunas calles del centro hay albergues que solamente aceptan personas mediante el pago de la diaria que suele ser de 25 pesos mexicanos (1,30 USD). (CSEM, 2019, p.109).*

Uma migrante salvadorenha, que relata já ter passado por muitos albergues em todo México, explica a situação, elogia o albergue onde está no momento, a ordem, a limpeza e o fato de não cobrarem a estadia, explica que muitos albergues o fazem.

*Entrevistada- Sí, y este tiene limpieza, disciplina, es cristalino, no hay nada que esconder, es transparente... es un lugar agradable... para pensar lo qué vas a hacer.*

*Entrevistadora- ¿Por qué dices que otros albergues no son serios?*

*Entrevistada - Porque he ido a otros y los he visto muy feos, sucios... sucios,*

*piden dinero... no hay disciplina y se acerca gente que no es migrante. Gente callejera, gente y lo que pasa es que este albergue es para migrantes, no se puede acercar nada que no sea migrante, inclusive tiene que mostrar su hoja de que les acaba de repatriar, si no vamos, no es tu lugar aquí... por es que hay mucho orden.*

*Entrevistadora- ¿Y eso es bueno?*

*Entrevistada - Es bueno. Antes engañaban a las monjitas decían que eran deportados todo esto, pero no más para que se bañara, para lavar la ropa y para seguir la fiesta. Hasta hace poco que se exigió esta hoja de papel para comprobar, porque es casa para migrantes, casa para mujeres y niños migrantes (...). (Informação oral, migrante salvadorenha)*

Do outro lado os albergues menores os acusam de ficar com montantes de dinheiro público para a assistência:

*Un administrador de uno de los más tradicionales albergues llama a los nuevos albergues de “aventureros” por querer acoger a muchas personas sin tener el dinero y la estructura necesaria para promover una atención básica de forma decente. Para él, las acusaciones de los albergues menores sobre el recibimiento de grandes cantidades de dinero en los albergues tradicionales por parte del gobierno son falsas, pues la gran mayoría de la financiación obtenida es conseguida por medio de otras donaciones. En este caso específico, citó que su organización posee una oficina de captación de recursos en la Ciudad de México y es de esta forma que consiguen los recursos para el funcionamiento a nivel global de sus instituciones, y asegura que su institución no ve la migración como un negocio, como es dicho por algunas organizaciones recién creadas y menores. (CSEM, 2019, p.102).*

A partir do observado, é possível verificar que todas as instituições que atendem migrantes possuem certa dificuldade de captação de recursos, uma vez que dificilmente os estados liberam uma grande quantia para projetos, programas ou legislam favoravelmente às questões de direitos dos migrantes internacionais.

*como el trabajo justamente de nosotros es como buscar entonces, que posibilidades reales hay de que se pueda legislar en favor de la población migrante, teniendo como adversidad justo como toda una ley que en materia de seguridad que criminalice y discrimine la población migrante, entonces, es como un reto constante buscar que se puede legislar (inaudible) (...)*  
*ahí [en la cámara de diputados] la línea va mucho como de la presidencia de la comisión como decir avancemos entre todas las personas de derechos ciudadanos y en la cámara de diputados hay una conformación más de diputados con un perfil por ejemplo desde el trabajo de mexicanos en el exterior entonces creo que la agenda de la cámara de diputados va más hacia legislar en cuanto a mexicanos en el exterior o sea ya ni siquiera en este momento vamos a ver como preferibles mexicanos en México si no ahora mexicanos en el exterior y después los migrantes internacionales en México como que tienen esa agenda de mexicanos en el exterior y no tanto los*

*migrantes internacionales. (Informação oral, Diretora, GPTM, Cidade do México, 2019)*

A ajuda humanitária nesse ponto, direta ou indiretamente, cumpre não somente a função de estancar a sangria da crise humanitária, mas também em auxiliar no papel do México como um país tampão. Esta teoria é compartilhada por muitos migrantes, a exemplo de um hondurenho que conversei.

*Entrevistado: Seguro, Estados Unidos le da millones, y millones para que detenga a la gente aquí o los deporte.*

*Entrevistadora: ¿Crees?*

*Entrevistado: Así es, y otras infinidades de cosas que hay gente que no sabe (...)(Informação oral, A. C. migrante hondureño, 2019)*

Muitos migrantes têm consciência que para além dos interesses estadunidenses, a migração movimenta todo um negócio, que não beneficia apenas grupos criminosos de tráfico que lucram com o cruzamento aos EUA, mas que também eles movimentam a economia com o seu êxodo e trânsito por estes países:

*Entrevistadora: Ah mira, pero ¿aquí en México como no tenía papeles te agarraron?*

*Entrevistado: Pues si, como voy ilegal yo voy de pasada como todo mundo lo hace, pero es un negocio.*

*Entrevistadora: ¿Esto de pasar?*

*Entrevistado: Todo, todo, cuando esté a la deriva yo solamente se lo voy a decir, pero de gringo todo, todo, es un negocio grandísimo bueno ellos les conviene agarrar gente para que genere más trabajo, México también.*

*Entrevistadora: ¿Ah sí?*

*Entrevistado: Mira, un ejemplo, ay un dios yo no le voy a mentir lo que yo le voy a decir, no me gustan las mentiras solo yo y no es porque yo tenga bastante dinero no, solo yo he gastado pues es que he mandado más de 1000 y pico dólares que en pesos mexicanos cuanto es.*

*Entrevistadora: No, si es mucho.*

*Entrevistada: A parte, eso es lo que he mandado a pedir de Honduras a parte yo traía aquí como 300 dólares tenía aquí en el banco adelante porque ese dinero me lo pusieron con otro nombre ese no lo pude sacar aparte de eso he traía otro dinero que se me quedó en una bolsa que se me quedó en la bolsa del pantalón era 7 billetes de 500 de honduras que son 25 dólares por cada billete y aquí me los cambiaron, pero un montón de dineral.*

*Entrevistadora: Pero ¿por qué, porque has pagado coyote? ¿Por qué has sacado ese dinero?*

*Entrevistado: No, porque yo no quise pagar coyote, yo dije me voy mejor me lo como allá, pero yo no pago coyote entonces todo ese dinero lo he gastado aquí un montón dios mío que yo conozco han gastado un dineral. (Informação oral, A. C. migrante hondureño, 2019)*



Em 2018 e 2019, com o movimento das caravanas, praticamente todas as entidades públicas foram envolvidas e até mesmo muitos outros que não tinham qualquer relação com as questões de migração para dar conta de atender a população. É o que Casas, López e Pombo relatam da região sul do México

*Prácticamente todas las incrementaron sus recursos en la región e incluso muchas otras que no habían tenido alguna incidencia en materia migratoria, durante este periodo se incorporaron de manera activa a la atención de la problemática. Aquellas con antecedentes en la región crecieron en importancia y otras varias que tenían un rol marginal, en esta ocasión se incorporaron realizando funciones importantes (CASAS; LÓPEZ; POMBO, 2019, p.56)*

As disputas entre as instituições são, portanto, uma característica dessa indústria. Ademais, são injetados recursos de segurança e incrementada a ajuda humanitária internacional por meio da ACNUR e da OIM.

É importante lembrar, conforme o capítulo 2 disserta, que os organismos internacionais são também parte e reforçam o Sistema Mundo. O modelo de ajuda da ONU é o mesmo das instituições financeiras, e possuem a mesma problemática: Liberais ocidentais e democracia liberal de mercado, utilizando-se da ajuda como uma ferramenta de manutenção da dependência. A paz liberal reflete os valores hegemônicos e as necessidades políticas, estratégica dos Estados ocidentais. Ela reforça o sistema mundo (WALLERSTEIN, 2004)

O recebimento destes recursos fomenta a assistência humanitária e é muito importante para a sobrevivência da população migrante e refugiada. Contudo, como não é suficiente para todos, as instituições concorrem por eles, tentando demonstrar mais trabalho.

Em campo foi observado algumas vezes a existência de competição e atritos na relação entre as instituições defensoras que deveriam cooperar ou até relações de hierarquia entre as instituições que fomentam e que recebem apoio. Constatou-se também, a partir de conversas com funcionários, problemas relacionados a favorecimentos, desvios de verba e outros comportamentos divergentes à ética laboral, à ética humanitária, questões que acabam por dificultar o trabalho das organizações da sociedade civil, pois as criminalizam.

Em uma das cidades do trabalho de campo<sup>125</sup>, a convivência entre o albergue e as instituições que ali trabalham não é tão harmoniosa quanto pareceu à primeira vista. Apesar de

---

<sup>125</sup> Neste capítulo em algumas partes não citaremos os nomes, postos, lugares e instituições locais para preservar os informantes. Há a consciência de que os problemas são estruturais e não de uma ou duas instituições específicas, de forma que o problema deve ser tratado no sentido de fortalecer as capacidades das instituições que prestam apoio para que cresçam e não no sentido de estigmatizar o trabalho das instituições.

cada instituição ter o seu papel numa determinada disputa em relação aos diferentes objetivos de cada uma, os números dos serviços são muito importantes para obter financiamento, o que os leva a disputar esse espaço.

Por exemplo, durante o período que estive em um albergue, havia uma sala separada para outra instituição de fora realizar oficinas, trabalho psicológico e social em determinados dias. Entretanto, sem qualquer aviso, o albergue deixou de permitir a frequência da organização lá, alegando que eles mesmo faziam o atendimento, o que não era verdade naquele momento.

Não foi possível conversar com a administração para que esclarecessem os motivos exatos dessa decisão, contudo, a partir do relato dos funcionários é possível entrever a existência de disputas de poder e influência entre as organizações, o que acaba por afetar a rede de atendimento dentro do albergue por razões alheias ao melhor interesse do migrante.

A relação mais complexa que se pôde perceber é com o ACNUR. Por fomentar projetos, o ACNUR se coloca em uma posição hierárquica. Existe uma cobrança relativa quanto ao cumprimento dos protocolos exigidos pela instituição aos parceiros (serviço, segurança). Ocorre que os albergues não conseguem cumprir, seja pela falta de organização, capacitação dos funcionários, que estão sempre mudando, ou pelo fato de que não há suficiente mão de obra e nem capacitação suficiente. Com tantas situações difíceis no atendimento da população, os funcionários acabam auxiliando os migrantes em casos para os quais eles não possuem treinamento adequado, e muitas vezes tomando decisões que geram diversos problemas em sua vida laboral diária.

As instituições estão sempre sobrecarregadas e não possuem meios de cumprir todas as regras impostas. O que a organização internacional espera do albergue não parece ter muito respaldo na realidade, é um ideal a ser atingido com poucos meios técnicos e materiais para que isto aconteça. Vale ressaltar que muitas vezes o próprio ACNUR falha no processo de treinamento e monitoramento

Também há críticas de que as instituições tenham se tornado menos combativas desde que começaram a receber estes fomentos:

*Esto ha atraído críticas como las de una abogada que trabaja para una organización internacional en Tijuana, quien califica a esos albergues como “muy tibios”: “antes eran más combativos, pero ahora se quedaron como en una zona de confort donde cuidan mucho el recurso que reciben, pero no inciden, se quedan muy intramuros, no quieren vincularse con otras organizaciones” (SANCHÍZ, 2021, p.68).*

Ficam questões deste ponto para serem observadas em pesquisas futuras, acerca de influência do ACNUR, do montante de dinheiro colocado em instituições que trabalham com imigrantes, como eles acabam pautando as ações das organizações, inclusive das instituições públicas como a COMAR, que passam a depender a ajuda internacional.

A expansão do trabalho nos últimos anos na região é mais um ponto a ser explorado, pois afeta inclusive as escolhas de atenção. O ACNUR é um órgão de apoio principalmente a refugiados e solicitantes de refúgio. Sendo assim a ACNUR fomenta instituições que prestam serviços a este público específico, o que gera nas instituições de acolhida mudanças no perfil, fazendo com que o solicitante de refúgio se torne um público preferencial a ser atendido, o que acaba ocorrendo, em detrimento a migrantes em trânsito em alguns espaços.

## **6.2. As organizações pro-migrantes e a discriminação estrutural**

Conforme explicitado, o processo discriminatório é um processo social. Os grupos discriminados tornam-se discrimináveis todo o tempo em toda a sua vida, de forma que são passíveis de sofrerem discriminação em todos os lugares, inclusive naqueles espaços que são destinados à sua proteção. Existe um processo de discriminação estrutural, de racismo institucional nas instituições de defesa dos migrantes, pois estas instituições são compostas por pessoas diversas e se encontram dentro de uma sociedade discriminatória.

Dessa forma, todas as instituições, sem exceção, mesmo aquelas criadas e estabelecidas para ajudá-los, reproduzem em certa medida o tratamento que a sociedade mexicana dá aos estrangeiros, reproduzindo os estigmas, ainda que em menor medida, pois existe um processo de capacitação e formação dos funcionários.

Foram presenciados vários momentos e em vários espaços diversos tipos de discriminação ocorridas nas instituições: contra mulheres, contra população afro, população LGBTQIA+, e contra migrantes.

O primeiro episódio presenciado foi em 2015. Em entrevista a uma das funcionárias de uma instituição que auxiliava refugiados em sua inserção socio laboral, a informante explicava que eles tinham um processo de auxílio na elaboração de currículos, oficinas e indicação de pessoas às empresas parceiras que buscavam trabalhadores. Questionei, então, se indicavam todas as pessoas, e a resposta foi a seguinte: *“no, no todos, algunos de ellos no son confiables, así que hacemos un filtro en cuales indicar”* (Funcionária de instituição, 2015). A informante comentou sobre as pandilhas da América Central e como muitos que vinham eram ligados a esses grupos, justificando a seleção de indicados.

Manter a disciplina no albergue com tantas pessoas distintas tanto tempo é bastante desafiador, e quando há ocorrências mais complexas é preciso ter uma capacitação para lidar com os conflitos. Quando não há uma estrutura diretiva que o faça muitas vezes acontecem episódios de chamadas disciplinares que podem ser violentas e até discriminatórias.

Relato o episódio de um albergue, ocorrido durante a noite, quando toda a população hospedada foi chamada no pátio para conversar com a direção. O objetivo da conversa era descobrir quem havia pintado os lençóis do quarto – escreveram de batom na cama um recado grosseiro contendo xingamentos, em um ato de agressão contra uma migrante de trânsito que havia chegado aquele dia.

No afã de tentar descobrir a autoria da agressão, a direção conversou e ameaçou os migrantes com a presença da polícia federal e assim com prisão. Chamou-me atenção o discurso da coordenadora do albergue. A intenção do discurso era de reafirmar a disciplina, porém ela o fez reforçando a diferença entre os estrangeiros e mexicanos, inferindo a inerência de maus comportamentos pela diferença cultural e nacional. O discurso, que durou cerca de 1 hora com falas intercaladas dos diretivos, continha trechos como o seguinte:

*México no es tu hogar, si no tienen educación en tus países, aquí en México tendrás que ser educado, no toleraremos este tipo de comportamiento en México. México no es su casa, si este tipo de comportamiento es normal para usted en su país, en México si hay estándares de comportamiento y estándares de educación. (Informação oral, coordenadora de albergue).*

Nesse mesmo albergue, um funcionário relatou que muitas vezes chamam a polícia para auxiliar com os migrantes lá dentro, posse de drogas, álcool, dentro outros. Nessas revistas são encontrados: carne de iguana (que eles costumam comer em seus países, mas ali é proibido), celulares, às vezes um pouco de maconha, entre outros. Estas chamadas não são justificáveis para o tipo de público e deveriam ser usadas apenas em casos extremos de ameaça à segurança e integridade dos atendidos. A população que atendem normalmente chega muito traumatizada pela violência policial. Conforme explicitado, a polícia, junto com o INM, são as piores instituições para eles no sentido de violação de direitos. O local deveria ser um espaço de acolhimento e chamar as forças policiais, utilizar de discursos agressivos e discriminatórios seria o oposto do esperado pela população que busca ajuda deste espaço.

A indisciplina é frequente, pois são pessoas diferentes, pessoas com conflitos coexistindo no mesmo espaço, de forma que é realmente desafiador manter esses espaços em harmonia. É necessário capacitar as pessoas que trabalham nestes espaços para lidar com a

diversidade e com pessoas em situação de stress, ansiedade e trauma, para trabalhar com essa quantidade de vulnerabilidade e violência. De outra forma a atenção torna-se muito precária.

Além do caso supracitado da cozinheira haitiana empregada com baixos salários, também foi presenciado outros lugares que usam desta ajuda. E aqui não se fala apoio na manutenção e limpeza dos espaços ou tarefas que são feitas de forma coletiva para o bem-estar da população albergada, e sim a contratação para uma função que deveria ser remunerada, e que o seria caso um nacional ocupasse o posto.

A prática de contratar os migrantes como ajudantes também é uma forma de lhes dar algo e ajudá-los a começar. Porém, apesar de a intenção seja ajudar, por não ter condições financeiras para pagar adequadamente, as instituições acabam reproduzindo a exploração que a sociedade promove da força de trabalho migrante no espaço de acolhida.

Outro desafio é a população migrante LGBTQIA+. O atendimento a essa população é especialmente desafiador, porque muitos dos albergues têm pouco conhecimento e capacitação para lidar com a temática. O México continua sendo uma sociedade bastante sexista e conservadora, fato que reforça o lugar de maior risco para os migrantes que assim se identificam (CSEM, 2019).

*Bueno, con las personas LGBT sobre todo con las personas trans, creo que sí es complicado, pero es complicado, no por estar aquí, o sea, aquí se habla de la doble vulnerabilidad, porque, o sea, primero son trans y luego son migrantes, pues, las personas trans la tienen difícil en México, especialmente si son extranjeras, entonces yo creo que ahí más bien, ahí sí creo que puede haber temas de discriminación, pues porque al final, México es un país machista. Y al ser México un país machista, pues no solamente se ven afectadas las personas trans, las mujeres. (Informação oral, Coordenadora de albergue, Cidade do México, 2019)*

Em um momento dos trabalhos de campo, chamou atenção as dificuldades e a discriminação dentro e fora dos albergues para com essa população. Um exemplo do que ocorre em várias casas de acolhida é a prática de um discurso para solicitar que as pessoas migrantes LGBTQIA+ "*respeten a otros migrantes*" e que "*se porten bien*".

*Entrevistadora - ¿Hay algunas especificidades? ¿o no?*

*Entrevistada- No, no más de da as reglas de que tienen que respetar a las demás migrantes... si alguien dice algo no sé, si no se comporta bien, se pide que por favor se salga del albergue, pero...*

*Entrevistadora - ¿Pero con las madres no hay problema?*

*Entrevistada - No, no hay problema, si la dejan que entre, ¿la asistente me ha dicho que había una - transgender? Queriendo y les dijo que la misma regla está bien, pero si alguien dice algo que tu maltrataste o lo que sea, entonces se va a decir que por favor se vaya del albergue. Pero dijo que todo bien...*

*respetó a todas y no más nada más... (risos) (Informação oral, Assitente social, albergue)*

E nas entrevistas “*portarse bien*” significava tentar “proteger” as outras migrantes de possível assédios. Outra questão para eles era o compartilhamento de espaços como o banheiro, situação em que não havia um esquema pensado para a acolhida.

*(...) Creo a travestis no hemos aceptado, digo, no travestis, pero transexual, no las hemos aceptado si todavía no han hecho la conversión. Y es pues por aquí todas comparten baño... y hay personas que a lo mejor no aceptan, no estamos seguros si todos aceptan y creo que a lo que yo sé, a personas trans no podemos admitirlas, pero sí se les da un lugar a donde ir. Como te digo, siempre viene alguien aquí a solicitar albergue, si no podemos dejarlas entrar les decimos puedes ir aquí, pues las canalizamos. (Informação oral, Assitente social, albergue)*

Em um dos albergues entrevistados notou-se uma clara generalização em função de um comportamento negativo de algumas pessoas que passaram por ali. Não é possível saber se existe uma relação causal com estas experiências, mas é inegável o tratamento diferenciado na hora de acolhê-las na casa. A disponibilidade de tempo da casa em relação aos migrantes LGBTQIA+ também muda.

Em diálogo com uma diretora, ela afirma que eles são aceitos, mas lhes dão menos dias. E explica que esse tempo também parte dos próprios migrantes que, devido à situação incômoda, decidem ficar menos dias. Nessa conversa, perguntei se eles são mantidos em quartos separados, a resposta foi negativa, pois se isso acontecesse os levaria a ficar por mais dias, o que não seria desejado.

No último trabalho de campo já foi possível verificar um avanço no tema, com a existência de casas com quartos separados para essa população e equipe de funcionários com capacitação para atendê-los, encaminhar as suas demandas e intervir em casos de discriminação entre os abrigados. Para atender essa população o albergue visitado tem algumas diretrizes específicas. Existe um quarto separado, horários específicos de banho e usam o banheiro das mulheres ou separado, foi a primeira casa do México a estabelecer uma atenção específica a eles, mas há outras. Acompanhamento psicológico, oficinas contra a discriminação dentro da casa, IST’s, acompanhamento socio laboral para questões de prostituição, vícios, acompanhamento de saúde em clínica especializada a HIV.

Os desafios com essa população são grandes, pois trazem muitas questões psicológicas. A psicóloga do albergue conta que dialoga muito com eles sobre sua identidade, aceitação e

violência família (Informação oral, psicóloga, 2019). Outra questão para essa população é que quase sempre trabalham com prostituição, os diretivos explicam que é todo um trabalho fazê-los acostumar-se a ganhar menos, trabalhar todo um dia por 100 pesos em um trabalho normal, quando sempre ganharam esse valor em 1h. Afirmam que é preciso ter muita paciência com este público, pois precisam se reconciliar com eles mesmos e perdoar a suas famílias que não lhes aceitam (Informação oral, coordenadora de albergue, 2019).

A psicóloga conta que há muita discriminação contra eles, incluso dentro da casa e que eles sempre fazem oficinas com a população sobre diversidade sexual para sensibilizar os outros migrantes e disse que funciona bastante bem. Mas acabam ficando mais isolados no dia a dia. Há todos os tipos de reação em direção a eles, inclusive casais se formando. Muitos são portadores de HIV e tem um contato com uma Clínica em Condessa (um bairro) especializada em esses casos (Informação oral, psicóloga, 2019).

FIGURA 57 - PORTA DO DORMITÓRIO DA POPULAÇÃO LGBTQIA+ EM UM ALBERGUE NA CDMX.



Fonte: Arquivo pessoal

Oficinas também são realizadas, com o intuito de tornar a convivência pacífica e com respeito aos direitos, realização de trabalhos de inserção laboral direcionados e atendimento de saúde específico.

## REFLEXÕES FINAIS

Uma tese em ciências sociais, deve, além de compreender e teorizar a respeito dos fenômenos sociais observados, ser instrumento de mudança. Acredito na pesquisa como ferramenta de mudanças sociais, de melhorias, e quiçá transformação nas condições de vida das pessoas em mobilidade que buscam ser consideradas como seres humanos e sujeitos de seu próprio destino. Destino que na maior parte das vezes é recortado e amarrado pela pobreza, desigualdade e violência gerados por um sistema econômico, político e social maior e mais poderoso. Ainda assim, ousam buscar estratégias para confrontar a desigualdade e a despossessão, enfrentando uma infinidade de estigmas. São considerados seres: descartáveis, desintegrados, desassimilados, desassistidos ou até desarraigados como propõe Jorge Durand (2020).

A migração é um processo de construção social multidimensional, dinâmico e histórico. Na atualidade, estas pessoas são chamadas de pessoas em mobilidade que se deslocam por diversos motivos. Durante a pesquisa de campo, por diversas vezes, os informantes explicitavam o quão necessário era todos os atores envolvidos terem flexibilidade e velocidade de adaptação à dinâmica da mobilidade de pessoas.

Reitera-se a complexidade de se estudar um fenômeno tão dinâmico. A mobilidade humana tem como característica a imprevisibilidade, de forma que também o pesquisador precisa se adaptar aos diferentes tempos de diversos grupos migrantes e diferentes características do momento. Observei muita diferença na conjuntura de cada campo. Em cada um dos três momentos de campo as condições eram distintas: a população que migrava, as rotas que seguiam, as respostas dos mecanismos de proteção, das organizações, pois todos se adaptavam aos contextos.

O primeiro ponto que a tese defende, com a triste tarefa de reafirmar o óbvio, é a humanidade do sujeito migrante. As pessoas em mobilidade saem de contextos de pobreza, violência e desigualdade em seus locais de origem para (sobre)viver – e o conceito de vida aqui vai além da sobrevivência física e abarca a vida plena com dignidade, direitos e sonhos. Obter o desenvolvimento completo de todas as capacidades do ser humano em toda a sua substância.

A humanidade é aqui o centro da discussão, é a base do conceito de igualdade e da luta por direitos “humanos”. Reconhecer a humanidade do outro é reconhecer o direito às mesmas condições, privilégios e bens. Retomando a ideia weberiana de fechamento social, fechar-se em um grupo é funcional para buscar o monopólio destes bens e condições. Para tanto, é preciso dominar e ter poder sobre recursos e identificar rapidamente os outros grupos externos.



A desumanização é uma ferramenta poderosa de manutenção desses recursos, pois além de identificar, é preciso estabelecer uma hierarquia. A desumanização é realizada especialmente a partir de características inatas, pois assim, a diferença é essencializada, advogando a impossibilidade, ou a improdutividade de uma luta contra a natureza das coisas.

A igualdade é uma abstração que foi criada a partir do centramento na racionalidade e universalidade humana, com bases da modernidade colonial. Nesse contexto, a humanidade se torna a base para a titularidade de direitos. O sujeito de direitos, a partir da ilustração, tornou-se o homem burguês, branco e europeu (do centro), pressuposto se mantém nos dias de hoje. A disseminação da cultura hegemônica eurocêntrica influenciou esse processo, demarcou e reforçou algumas diferenças e criou outras.

Existe uma contradição entre a igualdade formal e as condições para que seja atingida uma igualdade material. A conexão entre o direito e a realidade das disputas sociais é necessária para a efetivação de direitos, pois a distância entre o que é positivado e a vivência da população tem gerado nos últimos anos uma crise de efetivação de direitos humanos (FLORES, 2005). Atenta a essa problemática, a tese trouxe uma discussão sobre o fenômeno da discriminação a partir do campo da sociologia da discriminação. Defende-se de que a compreensão da discriminação deve ser articulada com as relações de poder, e o seu combate não deve se diminuir ao formalismo, positivismo e pragmatismo do direito.

Promover a não-discriminação utilizando o direito chega a ser um paradoxo, pois o direito é uma grande ferramenta de manutenção do *status quo*. É difícil a busca pela igualdade quando ela está apenas no plano formal e a realidade cotidiana reitera de forma insistente a diferença entre as pessoas.

A discussão teórica da tese parte da desigualdade, e pontua a forma com que tem sido definida e combatida a discriminação. O fundamento da discriminação é coletivo, grupal e não individual. Nunca se é discriminado por uma característica particular e sim por uma característica que seja representativa de determinado grupo social hierarquicamente inferiorizado. O fundamento também é social, motivo pelo qual a base deve ser a estrutura das relações sociais de poder. A estigmatização, o preconceito e os estereótipos socialmente construídos são ferramentas para a rápida identificação de quem pertence ou não ao grupo, e a marcação geralmente é feita a partir de características tangíveis - que podem ser identificadas rapidamente.

Compreende-se que os processos são dinâmicos e históricos, assim como as opressões sociais. Existem diversos eixos de opressão na sociedade capitalista que funcionam como reprodutores do sistema, sendo as principais, conforme Santos (2007): o capitalismo, o

patriarcado e a colonialidade. E para a redução das desigualdades econômicas e sociais é preciso, antes de tudo, denunciar as distâncias sociais que as naturalizam, justificam e legitimam.

A discriminação é a naturalização das desigualdades a partir de uma hierarquização econômica, social e cultural. O trato desigual proveniente da discriminação – que se baseia nos chamados motivos, razões, e qualificadores de discriminação, na verdade, são faces de sistemas de opressão gerados pelo sistema de produção capitalista. Sendo assim, a sociologia da discriminação deve se descolar do próprio conceito de discriminação do paradigma individualista liberal que veio destronando a ideia de classe social.

Outro ponto importante a respeito da discriminação é a não intencionalidade do ato discriminatório, o que significa que não importa se a pessoa que discriminou o fez intencionalmente, o importante é o resultado da discriminação, as consequências geradas a partir desse ato. Parte-se do princípio de que a discriminação não é algo pontual, e sim o resultado de um sistema reprodutor de desigualdades e não somente do desejo de discriminar. Esse ponto é importante pois ao retirar ao destacar os efeitos e não a intenção, o processo é desindividualizado, tornando mais fácil a visão dos motivos enraizados da discriminação.

Esse argumento coloca a discriminação como um fenômeno social estrutural e que, para que possa ser combatido, as respostas a ele também devem ser estruturais enfocadas na desestruturação dos sistemas de opressão que o compõem. Ao se deslocar a questão da discriminação para um âmbito coletivo, há uma diminuição dos tabus com relação a ela e a clareza de que para combatê-la, são necessárias transformações maiores em todos os âmbitos, não somente o cultural.

A contextualização e a dinamicidade também são características da discriminação. O sujeito discriminado não será discriminado somente por uma qualidade ao mesmo tempo e no mesmo espaço. Como afirma o teórico François Dubet (2013), o sujeito que possui uma qualidade discriminável, não o será em todos os momentos, ou em todos os lugares, mas ele as possui, existe um potencial discriminatório em possuir estas qualidades/ qualificadores.

A tese formula o conceito de discriminação consubstancial como uma característica da discriminação contra o sujeito migrante. A discriminação consubstancial é uma discriminação baseada no conceito da consubstancialidade das relações de poder. Existem discriminações que são baseadas não somente em um sistema de opressão, como raça, gênero, ou classe social, mas em vários destes sistemas interconectados e inter-relacionados. Assim, é preciso analisar os motivos da discriminação, levando em consideração todas as características presentes na composição do sujeito discriminado (discriminável). Há várias nuances e camadas de

discriminação que por vezes se opõem entre si, e o sujeito migrante possui marcas desses sistemas de opressão. Sendo assim, o nó das relações sociais (KERGOAT, 2010) vai afrouxando, ou apertando, de acordo com a conjuntura, com a sociedade receptora, e de acordo com os estigmas que ele carrega no seu corpo e pela sua origem/pertencimento.

Optou-se por utilizar o conceito de consubstancialidade ao invés de Interseccionalidade (CRENSHAW,1989) para ler esta discriminação, pela compreensão de que o conceito de Interseccionalidade apresenta uma segmentação mais positivista e cartesiana da intersecção das opressões, o que dificulta a reflexão de uma relação de dominação móvel e historicamente determinada (KERGOAT, 2010). Assim, existe uma consubstancialidade de discriminações nos sujeitos que sofrem as opressões e uma base materialista histórica e dialética nos processos.

Uma das críticas é a existência de uma interdependência dos campos/ categorias sociais que não são contempladas nas teorias que dividem as categorias de opressões. Existe uma interação das opressões na realidade que na teoria é mais fácil de isolar, porém na prática, surge uma maior complexidade para compreender o fenômeno da discriminação.

O migrante latino-americano e caribenho, sujeito da tese, se torna discriminável também pelos estigmas relacionados ao seu local de origem. Os nacionais de um país herdaram, além dos estereótipos, a relação de poder em que se situa o seu país no cenário internacional.

Observei durante a pesquisa que sempre que perguntava a respeito dos motivos pelos quais os migrantes eram discriminados, as respostas variavam muito. Alguns informantes apontavam algumas questões como mais preponderantes que as outras, como por exemplo, se a pergunta era se o migrante era discriminado pelo fato de ser migrante, poderia acontecer de surgir uma resposta negativa: “não, eles não são discriminados por serem migrantes, mas sim por serem pobres”, ou “por serem afrodescendentes”, ou “por serem criminalizados” pois os países dos quais são provenientes tem um histórico grande de crime organizado. Enfim, as respostas variavam, e de acordo com o interlocutor, o peso era dado mais a um motivo do que a outro, e muitas vezes anulava os outros motivos de discriminação na visão do informante.

Quando o migrante sai do seu país, ele entra nesse sistema somando quase todas as características de mais baixo grau na sociedade: racialização, o classicismo, a herança colonial e a geopolítica e nacionalidade. Há uma dificuldade de categorização de seu tipo de discriminação, que vem de uma amálgama. O migrante é o outro por excelência, o invasor, essencializado como um não ser, um ente ontologicamente multidiscriminado, usando aqui a ontologia na forma hegeliana, ou seja, com atributos e capacidades e “evolução” inerentes a seu ser.

A vulnerabilidade social é um ponto importante para a população migrante, pois o migrante, por essa condição, possui menos oportunidades de inclusão, de obtenção de direitos e cidadania. Outros grupos discriminados e vulnerabilizados conseguem muitas vezes ter espaço e adquirir cidadania a partir de suas lutas, mas o migrante/ estrangeiro dificilmente consegue esse espaço de cidadania, pois o migrante “significa a essência da nação no seu sentido mais elemental” (CALDERÓN, 2013).

A fala encontrada nas mensagens xenófobas da sociedade quando o questionamento se refere à ajuda governamental aos migrantes é: “*primeiro los mexicanos*”, havendo para as pessoas uma hierarquia de pessoas, uma priorização necessária e natural, pois já não os veem como iguais. Nesse sentido, a discriminação de origem nacional acaba sendo mais difícil de combater, pois é uma diferenciação mais essencializada pela própria constituição nacional, além de incluir outras características.

O sujeito migrante neste trabalho, o migrante latino-americano, caribenho, que tem saído dos seus países por distintos problemas no seu local de origem e que atravessa o corredor México Estados Unidos, concentra em si uma grande diversidade de opressões, e todas estas opressões devem ser consideradas, pois não é possível que ele seja despido de nenhuma delas, ou que essas características sejam negadas.

Sendo assim, a conclusão neste ponto, é que, sem a visão da discriminação contra o migrante como um fenômeno consubstancial, não é possível enxergá-la em toda a sua complexidade. O migrante é um sujeito discriminável a partir de muitos qualificadores que se alternam, ou seja, o migrante é o próprio “**outro consubstancial**”.

A discriminação é um fenômeno importante na América Latina. Foi igualmente uma ferramenta importantíssima na conquista, uma vez que permitiu o controle, a subjugação e a escravização de diversos povos, justificada a partir da hierarquização das diferenças.

Os Estados latino-americanos foram construídos à imagem e semelhança dos estados europeus, valorizando racial e culturalmente a origem europeia. O etnocentrismo das sociedades foi substituído por um eurocentrismo que foi mimetizado pelas elites coloniais nos processos de independência, mantendo a hierarquização dos povos, e substituindo o seu topo pela elite local, o que Pablo González Casanova denomina colonialismo interno. A polarização no mundo colonial e neocolonial gerou o extermínio material e simbólico dos povos considerados como não-sujeitos.

O importante pensador latino-americano Mariátegui, nos explica que a América Latina nasceu com 2 problemas: Terra e raça. A diferenciação “racial” dos povos, que mais tarde foi

colocada em termos biológicos, e mais tarde ainda, transferida para as características culturais, foi uma estratégia de exploração.

O racismo é um sistema de opressão especialmente importante no continente. Os autores decoloniais, especialmente Aníbal Quijano, Ramon Grosfoguel etc., afirmam a centralidade da raça nos processos coloniais.

A dominação estatal e subordinação fizeram uso da essencialização racial e dos marcadores culturais para segmentar a população e neste contexto, os decoloniais colocam a raça como o princípio organizador e estruturante das hierarquias no sistema mundial, articulando as regiões periféricas na divisão internacional do trabalho com a hierarquia racial/étnica (FERREIRA, 2014).

A questão racial é fundamental, porque o padrão de poder foi feito e reproduzido a partir dela. Também por isso podemos usar as teorias que tem esse recorte, sem, contudo, esquecer que o fenômeno é mais complexo do que isso. Entende-se que a centralidade dada à raça nesse contexto deve ser repensada, na medida em que fatores identitários sozinhos não são capazes de criar sujeitos históricos e uma unidade de organização social.

Não há dúvida entre os estudiosos que a colonialidade é um processo político, social, econômico que usa o racismo e o patriarcado como estratégia de dominação. Contudo, a centralidade deste processo vem sendo questionada. Defende-se que o processo de diferenciação racial e cultural pode esconder um processo social mais profundo de disputa por meios e privilégios. A centralidade da decolonialidade na raça e o deslocamento para o período da conquista pode gerar anacronismo e homogeneidade.

São estratégias e lógicas parecidas, que devem ser pensadas para não se esquecer do cerne da questão, que é a disputa de poder na sociedade. Há uma complexidade dos processos históricos, e na exposição das camadas históricas do capitalismo a crítica culturalista não pode esquecer dos processos econômicos e políticos. O colonialismo faz parte da estrutura de dominação, mas ele sozinho não é a estrutura de dominação (FERREIRA, 2014). Um pensamento social que busca combater a desigualdade e não desenvolve uma crítica ao capitalismo, não representa uma ameaça real a este sistema.

Apesar disso, foi notado na pesquisa, uma tendência atual muito forte entre os acadêmicos e defensores de direitos humanos “racializar” todas as demonstrações de discriminação, xenofobia e violência contra o migrante. Esta racialização é característica da forma com que os estrangeiros são tratados nos Estados Unidos, e de como as teorias estadunidenses trataram esse fenômeno. Além disso, a pauta ganhou força pelo apelo político que possui, de forma que muitas manifestações discriminatórias começaram a ser classificadas

como racismo, facilitando a unificação das lutas. Contudo, como a origem da discriminação contra o migrante não é apenas racial, isso pode vir a confundir a luta antidiscriminatória para essa população, além de esconder outros processos.

Ainda que haja agência e vontade individual de viver melhor, perseguir o sonho americano, o migrante é muito suscetível em todas as relações, sobra-lhe pouca chance de exercer a sua individualidade. Diante de tantas opções prontas, o migrante fica vulnerável aos preconceitos sociais, políticos, econômicos e aos movimentos mundiais/globais.

O segundo capítulo recorda os diversos os processos imperialistas de dominação política e exploração econômica América Latina e o Caribe. O objetivo é compreender como o imperialismo estadunidense influenciou as crises econômicas sociais e políticas da região desde o século XIX, reforçando os paradigmas de segurança internacional após os atentados de 2001.

Este capítulo fundamenta-se na reflexão da teoria do Sistema Mundo, que apesar de ter sido criada nos anos de 1970, ainda permanece atual para entender a relação entre os países dentro do sistema capitalista. A teoria, proposta pelo teórico Immanuel Wallerstein, divide os países do mundo em três categorias: países centrais, semiperiferia e periferia.

Os países centrais são os países hegemônicos. Os países da semiperiferia estão entre as duas categorias e carregam características das duas outras, funcionando como um amortecedor para os problemas da periferia não chegarem ao centro. Os estados centrais são mais fortes e de lá partem as decisões e a pressão para a abertura, especialmente comercial e de bens. A circulação de pessoas é sempre o elemento mais controlado neste processo. A hegemonia de Gramsci é um ponto central neste processo, pois há a necessidade da universalização da visão de mundo que é conduzida pelas elites dominantes.

O êxodo populacional, não acontece somente por melhores condições de vida, apesar de o motivo predominante parecer este, existe toda a construção de uma visão de mundo e de desejos que também é hegemônica. O sonho americano se insere nesta visão.

Na teoria do Sistema Mundo também podemos encontrar a dominação misturando argumentos racistas e de inferioridade cultural provenientes do eurocentrismo. Os argumentos identitários são mais aceitos como imutáveis e mais difíceis de combater, pois surgem como um fenômeno natural num contexto de exploração. Nesse sentido, diferem da pobreza e desigualdade social, que são menos aceitas como naturais e mais combatidas, assim é preciso aliar as duas para que a exploração funcione com mais facilidade pela população.

A teoria de Sistema Mundo é fundamental para esta análise, pois explica que atores e estruturas são na verdade produtos de um processo de desigualdade constituído desde as relações entre os países, refletindo no local uma esfera de desigualdade global, ancorada na divisão

capitalista internacional. As crises dos últimos anos na América Latina e Caribe, apesar das especificidades de cada Estado, decorreram das políticas neoliberais e do intervencionismo estadunidense, um país de centro.

Neste contexto, aprofundaram-se na região uma série de processos de desigualdade, que impulsionaram o crescimento do crime organizado, o narcotráfico, e a mobilidade de pessoas: forçada e voluntária. Retomamos aqui a citação de Alberto Pradilla, que conclui que a migração ao Norte (centro para Wallerstein) é o próprio ato de rebelião contra este sistema: ““(…) *El acto más revolucionario es desobedecer las leyes migratorias para buscar un pedacito de capitalismo*” (PRADILLA, 2019).

O terceiro capítulo trata dos muros mexicanos. É explicado o papel do México como um país-muro, vocabulário frequente na literatura mexicana sobre migração. A metáfora do muro explica bem a ideia de contenção que os países semiperiféricos têm que exercer no sistema mundo. Como Amarela Varela Huerta diz: México é um país “*Tapón*”, ele funciona como uma barreira para que não haja a circulação de pessoas. Pessoas pertencentes à periferia do mundo e que se tornam cada dia mais indesejadas.

São muitas as camadas de muros a serem cruzadas por esta população para se chegar a uma vida digna, segura, com possibilidade de trabalho e sustento a sua família. Os muros mexicanos para a população em trânsito são complexos e envolvem vários aspectos políticos, econômicos e sociais.

A literatura ajuda a classificar os obstáculos, ou “muros” mexicanos, em cinco categorias: 1) Muros geopolíticos: as políticas internacionais de gestão migratória de contenção; 2) Muros de violência: militarização e securitização estatal, crime organizado e narcotráfico; 3) Muros burocráticos: Burocracia, falta de informação, problemas no acesso a direitos, documentação e serviços; 4) Muros de estigmatização: Criminalização, estigmatização, discriminação e xenofobia; e 5) Muros de desumanização: Exclusão e desigualdade promovidos pela sociedade.

Os governos consideram cada vez mais que o interesse em conter o fluxo migratório é nacional, e acabam cedendo aos interesses de contenção migratória de países centrais. A externalização de fronteiras é o início da criação de “países tampões” e, do que se chama de fronteira vertical, construindo barreiras cada vez mais intransponíveis para a mobilidade indocumentada de pessoas. A circulação de pessoas é sempre o fator mais controlado da relação entre os países.

A externalização de fronteiras realizada no México nos últimos anos é um exemplo clássico do funcionamento do Sistema Mundo, pois o México funciona perfeitamente como

uma semiperiferia, um país tampão segurando o fluxo migratório para não entrarem no centro (Estados Unidos). O exemplo clássico também de como as relações internacionais são relações de forças sociais se expandindo em classes mundiais acompanhando o interesse do capitalismo (Wallerstein, 2002). As decisões da política Internacional mexicana afetam localmente os sujeitos podemos ver nas cidades que recebem os migrantes os reflexos claros da política tampão mantendo os na mesma comunidade por mais tempo forçando uma integração/adaptação

A política migratória mexicana faz com que as pessoas que transitam pelo país estejam em constante risco de morte. O conceito de necropolítica explica bem este movimento. Necropolítica (Mbembe, 2018) é o processo através do qual a morte torna-se uma política estatal. O Estado adota como política o uso legítimo da força como extermínio das populações consideradas descartáveis, como é o caso das pessoas centro-americanas e caribenhas em mobilidade pelo México.

Recentemente, no corredor América Central-México-EUA ocorreram as caravanas migrantes, fruto da organização coletiva de migrantes e através das quais grupos massivos de pessoas uniram-se para tentar se proteger dos perigos de cruzar o México.

Amarela Varela e outros autores têm defendido a potência do movimento das caravanas, que neste contexto, seria mais do que uma nova forma de transmigração, seria uma resposta social, uma insurgência destes atores, uma rebelião, ou até revolução. Outros teóricos citados no capítulo 3, defendem uma visão menos contundente, afirmando que este movimento foi um exemplo de um ato de resistência, uma demonstração de autodefesa e agência migrante.

Defendeu-se na tese a segunda visão, ou seja, a caracterização da caravana como um movimento importante para fazer frente à gestão securitária e necropolítica das migrações no eixo México-Estados Unidos e às políticas neoliberais, mas não exatamente como um uma insurgência ou um movimento revolucionário. As caravanas massificaram de maneira muito rápida, traziam demandas políticas contra a gestão e omissão dos Estados dos movimentos migratórios, e configuraram-se como um movimento coletivo.

Entretanto, a pauta, o desejo principal que une esta população é o sonho individual de construir a sua vida com dignidade nos EUA. Agenda absolutamente legítima para as pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade em seus países e querem ter o direito de migrar em segurança. Contudo, por mais otimista que se estejamos com a movimentação coletiva neste campo, a categoria revolução, em sua forma clássica não cabe no contexto, pois ela refere-se à movimentação em busca de uma transformação radical estrutural da sociedade



As caravanas migrantes de 2018 e 2019 podem ser consideradas um movimento bem-sucedido. Juntaram milhares de pessoas, ganharam atenção midiática e forçaram as autoridades a lidar com os direitos das pessoas em mobilidade. Nesse contexto, destacaram-se como problemas ressurgentes ações xenófobas e discriminatórias contra essa população.

O quarto capítulo teve como objetivo discutir os estigmas relacionados à população migrante, como eles foram reforçados com os discursos anti-imigração herdados da extrema direita dos EUA. O discurso de ódio, a xenofobia, o racismo e tantas outras manifestações de discriminação tornaram-se bandeiras políticas com discursos e ações governamentais abertos, especialmente no período das Caravanas de 2018/2019. E apesar de também ter havido reações positivas, de apoio e solidariedade com os migrantes no trajeto, a circulação dessas pessoas incrementou as ações xenófobas e discriminatórias contra os migrantes na população. As ações governamentais, apesar dos esforços para suprir as necessidades básicas dos caravaneiros, possuíram uma clara orientação de contenção migratória a partir das pressões do país ao norte.

Caracterizou-se na tese a xenofobia como uma forma mais extremada da discriminação de origem nacional, mais ligada à ideia de estrangeiro/estranho, constituindo-se como uma manifestação etnocêntrica. A estigmatização também foi caracterizada como um fenômeno útil ao sistema, pois torna-se mais fácil explorar seres estigmatizados e despídos de cidadania.

O outro é sempre o estranho, o hostil em potencial, o inimigo, a ameaça. Os migrantes são bodes expiatórios dos males da sociedade (DOMENECH, 2008), que buscam justificar as suas crises atribuindo-as aos estrangeiros.

Os estrangeiros também são divididos entre benéficos e outros não benéficos à Nação, reproduzindo a dualidade colonial entre povos civilizados e bárbaros. A construção do migrante como uma ameaça é uma construção social multidimensional. Eles ameaçam a economia nacional ao supostamente usurparem empregos, a cultura e à identidade ao trazerem a heterogeneidade, à segurança nacional pois são supostamente delinquentes, e à saúde pública ao transmitem doenças<sup>126</sup> (CANTALAPIEDRA, 2019).

Das 4 ameaças elencadas a mais relevante no contexto descrito na tese é o da ameaça com relação à segurança nacional, presente no contexto mexicano a partir da criminalização destes migrantes (HOFFMANN, 2020). O perigo do outro, neste contexto, repousa em sua característica de criminoso. A criminalização é um dos discursos mais difíceis de enfrentar,

---

<sup>126</sup> A pandemia de COVID-19 ressaltou esse aspecto com os fechamentos das fronteiras por motivos sanitários e controle registrados na grande maioria dos países do continente durante o momento inicial da pandemia. Não foi possível investigar neste momento os efeitos da pandemia. Sobre o assunto ver: <https://www.inmovilidadamericas.org/?lang=pt>

porque desumaniza os migrantes, torna-os responsáveis pelas violações direcionadas a eles, transformando-os de vítimas em algozes.

Com a visibilização da migração centro-americana no México, as instituições que trabalham com migrantes e refugiados têm incentivado as solicitações de refúgio e apostado na narrativa do refúgio para sensibilizar a população. Esse processo acaba criando uma categoria nova, separando a pessoa em trânsito do refugiado. O refugiado então, a partir desta construção, é aquele que não teve escolha, e que foge de seu país para preservar a sua vida. Este argumento é mais facilmente aceito pelos nacionais e pelas instituições do que a busca por melhores condições de vida. É a construção de um “migrante permitido” (HOFFMANN; RODRIGUEZ, 2021).

A classe social de origem do migrante acaba por ser importante e produzir facilidades também no país de destino. Os privilégios acabam por ser estendidos, assim como as desigualdades reproduzidas do país de origem ao país de destino. Cortina (2017) defende o uso do termo *aporofobia* ao invés do termo xenofobia no caso de ódio contra o migrante, pelo fato de não se praticar o ódio e o rechaço ao estrangeiro rico, colocando na centralidade do processo de exclusão o preconceito relacionado à classe social. A tese da aporofobia de Cortina reforça a discussão da diferença hierarquizada, na qual o problema é o diferente considerado inferior hierarquicamente, e não o diferente pelo diferente.

Um achado da pesquisa que reforça a importância da igualdade material para a diminuição da discriminação é o caso encontrado na pesquisa de campo em Oluta, onde materializou-se o *Programa de Bienestar*, desenvolvido pelo governo federal do México para incentivar a contratação de pessoas em situação de vulnerabilidade para serviços de manutenção da cidade. Com a contratação de migrantes, o *Programa de Bienestar* promoveu a humanização e melhorou a visão dos migrantes e solicitantes de refúgio na cidade. Os migrantes, quando passam a ter algum capital para movimentar a economia da cidade, tornam-se mais aceitos e menos “excluídos” no espaço. Como apresentou o extrato de fala de uma Funcionária da ACNUR sobre os reflexos do programa: “(...) *la gente de Oluta es que ya entendieron que son seres humanos*” (Acayucan, 2019).

Outro achado de pesquisa que ilustra a complexidade da discriminação e os motivos de discriminação, é a diferença observada da reação da sociedade tijuanense com relação à diáspora haitiana de 2016 e a centro-americana de 2018/2019. Se considera que houve uma diferenciação positiva com relação ao tratamento dos haitianos em Tijuana, em detrimento ao prestado posteriormente aos centro-americanos. A mídia retratou de forma muito diferente as

duas diásporas: a população haitiana como dócil, trabalhadora e com grande necessidade de ajuda; e a centro-americana como criminosa.

Alguns motivos foram elencados para esta diferenciação: Uma hipótese para este fenômeno é que os desastres naturais que o país sofreu colocou estes migrantes sob uma luz mais favorável. Outra possibilidade é uma visão exotizante e de complacência direcionada à população afrodescendente em países pobres pode gerar maior solidariedade, pois há também um componente hierarquizante psicológico na relação doador/receptor de ajuda, e os migrantes afrodescendentes cabem bem neste imaginário de subalternidade.

Isso não significa que os haitianos no México não sofram racismo, xenofobia e discriminação, mas sua recepção foi, em certa medida, melhor que a dos centro-americanos. Já no caso da discriminação aos centro-americanos, a sua complexidade está relacionada com a própria visão de o México sobre sua identidade nacional. Além disso, o estereótipo do centro-americano carrega as mazelas da região e que os próprios mexicanos enfrentam: a criminalidade e a violência, um estereótipo difícil de reverter. A complexidade de fatores que permeiam este fenômeno evidencia a necessidade de um conceito dinâmico tal qual o de discriminação consubstancial, aqui proposta para análise de tais contextos, nos quais são vislumbrados processos em que o nó das opressões aperta e afrouxa constantemente.

O quinto capítulo é voltado para a análise dos desafios com relação aos muros burocráticos-estatais que os migrantes enfrentam no período que estão no corredor México-EUA.

O capítulo revela a maioria dos assuntos citados nas entrevistas como problemáticos para a defesa dos direitos dos migrantes. Os informantes relatam muitas das situações de vulnerabilidade e de violações aos direitos humanos, sofridas pela população em mobilidade no México. Este ponto se conecta com a teoria explicitada, uma vez que não se pode dar por garantido a efetivação de um direito apenas porque há o reconhecimento jurídico deste. Os defensores de direitos humanos travam lutas diárias para que os direitos expressos nas legislações sejam efetivados.

Conclui-se que a condição de indocumentação, ou “ilegalidade” dos imigrantes é funcional para a lógica de acumulação do capital, levando essa população a uma vulnerabilidade estrutural. O capítulo a partir de casos de discriminação institucional, conclui que muitas das dificuldades dos migrantes na sociedade são motivadas ou aumentadas pela discriminação.

O capítulo também dialoga com o funcionamento das políticas antidiscriminatórias no México – tema estudado no trabalho de dissertação, oportunidade em que se abordou acerca da ineficácia destes dispositivos a partir da dificuldade constatada desde 2015 em campo da

população em receber este tipo de atenção. Conclui-se que os mecanismos antidiscriminatórios existentes não chegam à população migrante, apesar de alguns avanços observados entre 2015 e 2019. São poucas queixas de discriminação a migrantes enviadas ao CONAPRED, ao COPRED e outros órgãos que recebem queixas, e são principalmente as organizações que trabalham na defesa dos migrantes que fazem chegar aos órgãos denúncias, dificilmente elas partem dos usuários, que não confiam nas instituições do Estado ou estão se escondendo delas, e é uma população que está sempre em movimento (FERNANDES, 2016).

Existe também a dificuldade de entender o que é a discriminação, tanto por parte dos funcionários como dos próprios migrantes, fator que também dificulta as ações de combate, e neste caso a tese o estudo do fenômeno.

Por fim, o capítulo 6 fala sobre as organizações internacionais e organizações da sociedade civil. Estas instituições foram fundamentais para a realização da pesquisa. Conforme afirmado, elas cederam o conhecimento sobre o tema, a vivência com os migrantes e que abriram as portas para a compreensão do problema e o contato com a população estudada. São elas que apoiam e defendem a população em mobilidade no México e realizam um trabalho imensurável. Deixo registrada aqui toda a minha admiração por estas pessoas que realizam um trabalho árduo, pesado, e herdaram a violência e a estigmatização das pessoas que atendem. Para mim também foi uma trajetória difícil e desgastante estar em campo com estas pessoas, especialmente pela carga emocional e psicológica que essas pessoas trazem, e pela insegurança, e às vezes precariedade destes espaços.

Dito isso, o capítulo foca em caracterizar e identificar alguns gargalos no trabalho humanitário de atenção aos migrantes, coisas que devem ser problematizadas com o objetivo de fortalecer estas importantes instituições, e ainda lançar um olhar crítico para a necessidade função delas no sistema capitalista. Observou-se que há uma maquiagem dos conflitos e um amplo grau de paternalismo nas relações dessas instituições. Conforme explicitado, dentro de um sistema como o capitalista, a prestação de serviços, mesmo os serviços de assistência, podem ser capitalizados e muitas vezes enfrentar . Destaca-se também a capacidade do capitalismo em transformar as atividades humanitárias em negócios, o que também chamam de “indústria das migrações” (SØRENSEN, 2017).

Foram várias as questões problemáticas identificadas: 1) disputa pelos escassos recursos direcionados a causa - a migração movimenta todo um negócio, movimentando vários atores; 2) as instituições com a função de estancar a sangria da crise humanitária, mas também em auxiliar no papel do México como um país tampão. 3) as instituições são conduzidas por

peessoas, assim surgem problemas relacionados a favorecimentos, desvios de verba e outros comportamentos divergentes à ética laboral, à ética humanitária.

Conforme mencionado, os migrantes são passíveis de sofrerem discriminação em todos os lugares, inclusive naqueles espaços que são destinados à sua proteção, e as vezes até por outros migrantes. Foram detectados eventos discriminatórios dentro instituições de defesa dos migrantes. Não há dúvida que estes são espaços de segurança, apoio e defesa dos migrantes, ainda assim, estas instituições são compostas por pessoas diversas e encontram-se dentro de uma sociedade discriminatória, o que confirma um dos pontos levantados na tese que a discriminação é um fenômeno estrutural e assim deve ser tratado para o seu combate. Além disso, é um aspecto da negação da humanidade dessas pessoas não compreender que existem pessoas de todos os tipos em todos os lugares e não aceitar os defeitos e falhas destes humanos.

No caso dos migrantes, fala-se muito mais em violações de direitos humanos do que em discriminação, pela violência e gravidade dos delitos que são vitimados. Há pouca compreensão do que realmente a discriminação significa.

É necessário que o fenômeno da discriminação seja compreendido por todos os atores envolvidos, os usuários, os defensores pro-migrantes e os funcionários de órgãos públicos para que o fenômeno possa ser visibilizado e tratado, as políticas antidiscriminatórias permanecem ainda muito longe do público-alvo no caso dos migrantes.

Compreende-se que a prioridade absoluta acaba sendo tratar os casos mais graves de violações. Contudo, inclusive para auxiliar esses casos, a discriminação precisa ser visualizada como um fenômeno estrutural que também motiva violações dos direitos humanos desta população.

Retorna-se ao ponto que para buscar uma vida digna e igualitária, defender a população migrante da discriminação e das violações de direitos humanos, é preciso criar estratégias para reafirmar a humanidade das pessoas em mobilidade, e isto não é possível sem compreender, em sua consubstancialidade, os mecanismos materiais, simbólicos, estruturais, dialéticos e históricos de reprodução das desigualdades produzidas pelo sistema capitalista.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, José Luís, **Antecedentes de la Discriminación** - Background of Discrimination. Daena: International Journal of Good Conscience. 8(1)249-.255.2013

ALLPORT, Gordon W. **Handbook of Social Psychology** vol. 1. Cambridge: Addison-Wesley Publishing Company, 1954.

ALLPORT, Gordon Willard; CLARK, Kenneth; PETTIGREW, Thomas. **The nature of prejudice**. 1954.

ALBICKER, Sandra Luz; VELASCO, Laura. **Deportación y estigma en la frontera México-Estados Unidos: atrapados en Tijuana**. Norteamérica, v. 11, n. 1, p. 99-129, 2016.

AMARAL, Marisa Silva. A teoria marxista da dependência como interpretação do capitalismo periférico”. In: CALHEIROS, Alex; GONÇALVES, Anderson e MARI, Marcelo (Orgs.). **Marxismo e produção simbólica: periferia e periferias**. São Paulo: Nankin, 2013.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo**. Trad. Eduardo Suárez. Fondo de Cultura Económica México, 1993.

AN-NA'IM, Abdullahi Ahmed, **Human Rights in Cross-Cultural Perspectives**, 1991,

APPIAH, Kwame Anthony. **Cosmopolitismo: A ética en un mundo de extraños**. Buenos Aires: Madrid: Katz, 2007.

BARTH, Fredrik et al. **Los grupos étnicos y sus fronteras**. México: Fondo de cultura económica, 1976.

BBC NEWS. **Trump anuncia aranceles de un 5% para todas las importaciones desde México "hasta que se resuelva el problema de la inmigración ilegal"**, 30 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-48455073>. Acesso em: 30/06/2019

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BERENI, Laure. CHAPPE, Vincent-Arnaud. **"La discrimination, de la qualification juridique à l'outil sociologique"**. Politix, vol. 94, no. 2, 2011, p 7-34

BHABHA, Hommi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998

BOBES, Velia Cecilia. **De las puertas abiertas al «ya no son bienvenidos»: El giro de la política migratoria mexicana**. **Interciencia**, v. 44, n. 10, p. 72-82, 2019.

BONILLA-SILVA, Eduardo. **Rethinking racism: toward a structural interpretation**”. American Sociological Review, 62(3):465-480, 1997.

CABALLERO OCHOA, José Luis; AGUILAR CONTRERAS, M. Nuevas tendencias del derecho a la no discriminación a la luz del Derecho Internacional de los Derechos Humanos y

en relación con México. **Hacia una razón antidiscriminatoria. Estudios analíticos y normativos sobre la igualdad de trato**, p. 174-176, 2014.

CAGGIANO, Sergio. Racismo, fundamentalismo cultural y restricción de la ciudadanía: formas de regulación social frente a inmigrantes en Argentina. In NOVICK, Susana. **Las migraciones en América Latina: políticas, culturas y estrategias**. 1a ed. - Buenos Aires: Catálogos, 2008. 256 p.

CALDERÓN, Fernando; CASTELLS, Manuel. **La nueva América Latina**. Fondo de Cultura Económica, 2019.

CAPPI, Ricardo. Teorização fundamentada nos dados: um método possível na pesquisa empírica em Direito. In MACHADO, Máira Rocha (Org). **Pesquisar empiricamente o direito**. São Paulo: Rede de Estudos Empíricos em Direito, p. 391-422, 2017.

CARBONELL, Miguel. **La xenofobia constitucionalizada**. Revista de la Facultad de Derecho de México, v. 56, n. 246, p. 189-204, 2006.

CARMONA, Fany Lucero González. **Más allá de la bestia ... salud sexual y reproductiva en migrantes centroamericanos**. Tesis de Licenciatura presentada a Facultad de Estudios Superiores Iztacala da Universidad Nacional Autónoma de México, 2013.

CARRASCO, Felipe de Jesús Vargas. **El vía crucis del migrante: demandas y membresía**. Trace. Travaux et recherches dans les Amériques du Centre, n. 73, p. 117-133, 2018.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: O longo caminho**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2004.

CASANOVA, Pablo González. **A democracia no México**. Civilização Brasileira, 1967.

CASANOVA, Pablo Gonzalez; ROITMAN, Marcos Roberto. **Exploração, colonialismo e luta pela democracia na América Latina**. Tradução de Ana Carla Lacerda. Introdução de Marcos Roitman Rosenmann. Petrópolis, Vozes, 2002.

CASANOVA, Pablo Gonzalez. **Colonialismo interno** (uma redefinição). In. BORON, Atílio A. AMADEO, Javier. GONZALEZ, Sabrina. (org.) **A teoria marxista hoje**. Problemas e perspectivas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2007. p. 431-458.

CASILLAS, Rodolfo. **Una vida discreta, fugaz y anónima, los centroamericanos transmigrantes en México**. México: CNDH-OIM, 2007.

CASTELLANOS GUERRERO, Alicia. **Racismo e identidade étnica**. Alteridades, vol. 1, núm. 2, 1991, pp. 44-52 Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Iztapalapa Distrito Federal, México

CASTELLANOS GUERRERO, Alicia. Nación y Racismos. In CASTELLANOS GUERRERO, Alicia; SANDOVAL PALACIOS, Juan Manuel (coords.). **Nación, Racismo e identidad**. México, DF: Editora Nuestro Tiempo, 1998.

CASTLES, Stephen. **Towards a sociology of forced migration and social transformation.** *sociology*, v. 37, n. 1, p. 13-34, 2003.

CECEÑA, Ana Esther et al. **Hegemonias e emancipações no século XXI.** CLACSO, 2005.

CECEÑA, Ana Esther. **La Dominación de Espectro completo.** NOVION, Jacques; COSTILLA, Lucio; AYALA, Mario. Dossie Especial: Pensamento e Teoria nos Estudos Latinoamericanos. Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas (CEPPAC-UnB). Brasília, v.8, n. 2, 2014.

Centro de Derechos Humanos Miguel Agustín Pro Juárez A.C (PRODH) e Belen Casa del Migrante Saltillo. **Cuaderno sobre secuestro de migrantes. Dimensión, contexto y testimonios de la experiencia de la migración en tránsito por México.** México, 2011. Disponible em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/Publicaciones/2014/9484.pdf> Acceso em: 22/11/2019.

Centro Scalabriniano de Estudios Migratorios (CSEM). **Reconstruyendo la vida en la frontera:** asistencia y atención a migrantes en la frontera norte de México: informe de investigación - Brasilia, 120 p. 2019. Disponible em: <https://www.csem.org.br/wp-content/uploads/2019/12/M%C3%A9xicoES-20dez.pdf> Acceso em 28/02/2020.

CHÁVEZ, Ernesto Rodríguez. **Frontera sur y política migratoria en México.** Foreign Affairs en español, 2006. Disponible em: [https://www.researchgate.net/profile/Ernesto-Rodriguez-Chavez/publication/273694437\\_Frontera\\_sur\\_y\\_politica\\_migratoria\\_en\\_Mexico/links/5508c08b0cf27e990e0cc728/Frontera-sur-y-politica-migratoria-en-Mexico.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Ernesto-Rodriguez-Chavez/publication/273694437_Frontera_sur_y_politica_migratoria_en_Mexico/links/5508c08b0cf27e990e0cc728/Frontera-sur-y-politica-migratoria-en-Mexico.pdf) . Acceso em: 06/07/2020

CHELIUS, Leticia Calderón. **Mi casa no es tu casa:** Discriminación y procesos migratorios en México. In: GONZÁLEZ, Luna; RODRÍGUEZ, Zepeda (Coord.). Hacia una razón antidiscriminatoria, Estudios analíticos y normativos sobre la igualdad de trato. México, CONAPRED, 2014, p. 351-378

CLEMENTI, Hebe. **Migración y discriminación en la construcción social.** Editorial Leviatán, Mexico-DF,1995.

El Colegio de la Frontera Norte (COLEF). **La caravana de migrantes centroamericanos en Tijuana 2018** Diagnóstico y propuestas de acción. Tijuana, 2018. Disponible em: <https://www.colef.mx/estudiosdecolef/la-caravana-de-migrantes-centroamericanos-en-tijuana-2018-diagnostico-y-propuestas-de-accion/>. Acceso em 10/09/2019.

COMISIÓN NACIONAL DE LOS DERECHOS HUMANOS (CNDH). Informe especial. **Situación de las estaciones migratorias en México, hacia un nuevo modelo alternativo a la detención.** Ciudad de México, 2019. Disponible em: <https://www.cndh.org.mx/sites/default/files/documentos/2019-11/Informe-Estaciones-Migratorias-2019.pdf> Acceso em 21/06/2020.

COMISIÓN NACIONAL DE LOS DERECHOS HUMANOS (CNDH). **Los desafíos de la migración y los albergues como oasis. Encuesta Nacional de Personas Migrantes en Tránsito por México.** 2018. Disponible em: <https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/12/5613/13.pdf> Acceso em: 25/04/2020



CRENSHAW, Kimberlé. **Desmarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. In: UNIVERSITY OF CHICAGO LEGAL FORUM, v. 1989, article 8 [online]. Chicago: University of Chicago, 1989. Disponível em <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>. Acesso em 25/08/2020.

CRENSHAW, Kimberlé. "Mapping the margins: intersectionality, identity politics and violence against women of color". In: Fineman, Martha Albertson & Mykitiuk, Roxanne (orgs.). **The public nature of private violence**. Nova York, Routledge, pp. 93-118, 1994.

CRENSHAW, Kimberlé. "**Why intersectionality can't wait**". The Washington Post, Opinion, [online]. Washington, 24/09/2015. Disponível em [https://www.washingtonpost.com/news/intheory/wp/2015/09/24/why-intersectionality-cant-wait/?postshare=5351443143466154&utm\\_term=.3d14eaafc9c4](https://www.washingtonpost.com/news/intheory/wp/2015/09/24/why-intersectionality-cant-wait/?postshare=5351443143466154&utm_term=.3d14eaafc9c4). Acesso em 25/08/2020.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**; tradução Magda Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUESTA, Andrea Adhara Gaytán. **Mujeres Cruzando Fronteras: La Feminización de las Migraciones y la Incorporación de la Teoría del Género a las Teorías Migratorias**. Antología del Diplomado de Feminismo. Facultad de Filosofía, Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, 2008.

CUNHA, Maria J. C. **Memórias da Migração: A identidade em Petimento**. In: CUNHA, Maria J. C. et AL. Migração e identidade: olhares sobre o tema. São Paulo: Centauro, 2007. p.17-42.

DAL GALLO, Priscila Marchiori. **Lugar e identidade na experiência migrante: entre eventualidade e transitoriedade**. Geograficidade, ISSN-e 2238-0205, Vol. 1, Nº. 1, 2011, págs. 44-58.

DANTAS, M. H., & Pinheiro, L. S. (n.d.). Eixo: Serviço Social, relações de exploração/opressão de gênero, raça/etnia, sexualidades. Subeixo: Sexualidades, identidades de gênero e direitos. **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**. 2018. 1–18.

DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, pp. 17-35, 1998.

DE OLIVEIRA, Corte; NEFTALI, Augusto. **Neoliberalismo durável: o Consenso de Washington na Onda Rosa Latino-Americana**. Opiniao Publica, v. 26, n. 1, 2020.

DÍEZ, Beatriz. Qué es un "tercer país seguro" y por qué Trump quiere que el gobierno de AMLO acepte que México se convierta en uno. BBC NEWS, 06 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-48536239>. Acesso em 22/08/2019.

DUBET, François et al. **Pourquoi moi? L'expérience des discriminations: L'expérience des discriminations**. Le Seuil, 2013

DURAND, Jorge. Migrantes desarraigados - Mesoamérica laboratório migrante. In BOTEGA, Tuila; DUTRA, Delia; CUNHA, Igor (Orgs). **Movilidad en la frontera**: Tijuana como espacio de (re)construcción de la vida. Brasília: CSEM, 230 p. 2020.

DURAND, Jorge. **Triângulo Norte**. La Jornada, 19 de janeiro de 2020, 2020b. Disponível em: <https://www.jornada.com.mx/2020/01/19/opinion/016a2pol> Acesso em: 19/04/2021

DUTRA, Delia. **Migração internacional e trabalho doméstico**: mulheres peruanas em Brasília. OJM & CSEM, 2013.

DUSSEL, Enrique. 1492: **O encobrimento do outro**. Petrópolis: Vozes, 1993

DUSSEL, Europa, modernidad y eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2000.

DUSSEL, Enrique. **Deconstrucción del concepto de tolerancia**: de la intolerancia a la solidaridad". Comunicación presentada al XV Congreso Interamericano de Filosofía y II Congreso Iberoamericano de Filosofía. Lima, 2004

DWORKIN, Ronald. **A virtude soberana**: A teoria e prática da igualdade. Editora Martins Fontes, 2005.

ESPEJO YAKSIC, Nicolás. El Principio de Igualdad y la No Discriminación. Incluido en: **Dimensiones de la Intolerancia y la Discriminación**; Reflexiones Pendientes. Ministerio Secretaría General de Gobierno, División de Organizaciones Sociales, Programa Tolerancia y No Discriminación, Santiago, 2001.

Encuesta Nacional sobre Discriminación en México (ENADIS) 2010: Resultados sobre personas migrantes. Consejo Nacional para Prevenir la Discriminación (CONAPRED), México, 2011. Disponível em: [https://www.conapred.org.mx/userfiles/files/Enadis-MIGRANTES-Web\\_Accss.pdf](https://www.conapred.org.mx/userfiles/files/Enadis-MIGRANTES-Web_Accss.pdf) Acesso em 18/07/2019

FALEIROS, Vicente de Paula. **Desafios de cuidar em Serviço Social**: uma perspectiva crítica. Revista Katálysis, v. 16, n. SPE, p. 83-91, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/nrBGcDT5WNLJw3SWCJfDydm/?lang=pt> Acesso em 25/04/2020

FALETTO, Enzo; CARDOSO, Fernando H. **Dependencia y desarrollo en América Latina** (Ensayo de interpretación sociológica). 1967.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora (MG): Editora da UFJF, 2005

FANON, Frantz. **Piel negra, máscaras blancas**, Madrid, Akal, 2009

FASSIN, Didier. **L'invention française de la discrimination**. Revue française de science politique, v. 52, n. 4, p. 403-423, 2002.

FASSIN, Eric ; HALPERIN, Jean-Louis. “**Une brève histoire des discriminations**”. In FASSIN, E.; HALPERIN, J. (orgs). *Discriminations: pratiques, savoirs, politiques*. Paris: La Documentation Française, 2008.

FASSIN, Éric. Introduction. **Actualité des discriminations**. *Discriminations: pratiques, savoirs, politiques*. La Documentation française, Paris, p. 9-18, 2009.

FASSIN, Didier. **La economía moral del asilo**. Reflexiones críticas sobre la «crisis de los refugiados» de 2015 en Europa. *Disparidades. Revista de Antropología*, v. 70, n. 2, p. 277-290, 2015.

FEDERACIÓN INTERNACIONAL POR LOS DERECHOS HUMANOS (FIDH). **La externalización de las políticas migratorias: un desastre para los derechos humanos**. Disponível em: <https://www.fidh.org/es/temas/derechos-de-los-migrantes/la-externalizacion-de-las-politicas-migratorias-un-desastre-para-los> Acesso em:28/04/2019.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acúmulo primitivo**. Rio de Janeiro: Editora Elefante, 2017

FERNANDES, Nathália Vince Esgalha. **A luta institucional antidiscriminatória: um estudo de caso do CONAPRED e da atenção à discriminação contra imigrantes centro-americanos no México**. 2016. 138 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

FERRAND, Olivia. **Discrimination et lutte contre les discrimination**. Lyon: SES-ENS, 2006.

FERREIRA, Andrey Cordeiro. **Colonialismo, capitalismo e segmentaridade: nacionalismo e internacionalismo na teoria e política anticolonial e pós-colonial**. *Sociedade e Estado*, v. 29, n. 1, p. 255-288, 2014.

FERRI, Enrico. **Estudios de antropología criminal**. Editorial MAXTOR, 1892.

FINN, Victoria. **Entre el individuo y el estado: burocracia pre-y post-migratoria**. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana (REMHU)*. Brasília, v. 27, n. 56, ago. 2019, p. 159-178

FITZGERALD, David; Areli PALOMO-CONTRERAS, “México entre el sur y el norte. In BOYER, Florence; LESTAGE, Françoise; POMBO, María-Dolores París (Orgs). **Rutas y pausas de los recorridos migratorios Africa-América**. Cuadernos CEMCA, Serie Antropología, Número 3, Centro de Estudios Mexicanos y Centroamericanos, 2018, pp.16-31

FLORES, Joaquín Herrera. **Los derechos humanos como productos culturales: crítica del humanismo abstracto**. Los Libros de la Catarata, 2005a.

FLORES, Herrera. **La verdad de una teoría crítica de los derechos humanos**. in: MOURA, Marcelo Oliveira de. *Irrompendo no real: escritos de teoria crítica dos direitos humanos*. Pelotas: Educat, 2005b.

FLORES, Herrera. **A re(invenção) dos direitos humanos**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009.

FURTADO, Celso. **A economia latino-americana**. Formação histórica e problemas contemporâneos. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 4ª edição, 2007.

FRANK-VITALE, Amelia; NÚÑEZ-CHAIM, Margarita Margarita. “**Lady Frijoles**”: las caravanas centroamericanas y el poder de la hipervisibilidad de la migración indocumentada. **EntreDiversidades**, v. 7, n. 1 (14), p. 37-61, 2020.

FRONT LINE DEFENDERS, et al. **Defensores sin muros**: personas defensoras de derechos humanos, criminalizadas en Centroamérica., 2019. Disponível em: <https://www.frontlinedefenders.org/es/statement-report/defenders-beyond-borders-migrant-rights-defenders-under-attack-central-america>. Acesso em: 18/04/2020.

GALERAND, Elsa; KERGOAT, Danièle. **Consubstantialité vs intersectionnalité?** À propos de l’imbrication des rapports sociaux. *Nouvelles pratiques sociales*, v. 26, n. 2, p. 44-61, 2014.

GALISSOT, Rene. **Nationalisme et racisme**. In FOURIER, M; VERMES, G., *Ethinisation des Rapports Sociaux; Racismes Nationalismes, ethnicismes et culturalismes*. Paris, L’Harmattan. 1994.

GALLARDO, Helio. *Teoria crítica: Matriz e possibilidades de direitos humanos*. São Paulo: UNESP, 2014.

GALL, Olivia. **Desigualdad, diferencialismo, asimilacionismo, segregacionismo y exterminio**: racismos ordinarios en el mundo y en México. **La discriminación racial**, p. 7-52, 2004.

GARCIA, Andrea Ancira. *Ficha Temática Relacionada Con La Situación De Las Personas Migrantes Y Refugiados En México*. México: CONAPRED, 2007. Disponível em: [https://www.CONAPRED.org.mx/documentos\\_cedoc/E-16-2007\\_final.pdf](https://www.CONAPRED.org.mx/documentos_cedoc/E-16-2007_final.pdf) Acesso 22/04/2019.

GOFFMAN, Erving. **Representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1985

GÓMEZ, Fanny. **La interseccionalidad en la discriminación**. 2003. Disponível em: [http://guiaderecursos.mides.gub.uy/innovaportal/file/21589/1/15\\_la\\_interseccionalidad\\_en\\_la\\_discriminacion.pdf](http://guiaderecursos.mides.gub.uy/innovaportal/file/21589/1/15_la_interseccionalidad_en_la_discriminacion.pdf) Acesso em 23/02/2019.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. *Tempo brasileiro*, v. 92, n. 93, p. 69-82, 1988.

GROSGOUEL, Ramón. *La descolonización del conocimiento: diálogo crítico entre la visión descolonial de Frantz Fanon y la sociología descolonial de Boaventura de Sousa Santos*. **Formas-Otras: Saber, nombrar, narrar, hacer**, p. 97-108, 2011.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Preconceito e discriminação**: queixas de ofensas e tratamento desigual dos negros no Brasil. Programa A Cor da Bahia, Mestrado em Sociologia, FFCH-UFBA, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Filosofia da História**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999

HERKENHOFF, João Baptista. **Curso de direitos humanos**. Editora Acadêmica, 1994.

HIGAREDA, Diana. Peralta, MONTSERRAT. Un camino lleno de violencia. El Universal, 12 de agosto de 2018, não paginado. Disponível em: <https://www.eluniversal.com.mx/nacion/sociedad/secuestros-azotan-migrantes-de-centroamerica>. Acesso em 17/11/2018.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**". Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, jun. 2014

HOPENHAYN, Martin; BELLO, Alvaro. **Discriminación étnico-racial y xenofobia en América Latina y el Caribe**. CEPAL serie Políticas Sociales n°47. Santiago do Chile 2001. Disponível em: <http://www.eclac.cl>. Acesso em: 02/12/2018.

HUERTA, Amarela Varela. La " securitización" de la gubernamentalidad migratoria mediante la " externalización" de las fronteras estadounidenses a Mesoamérica. **Con-temporánea, Ciudad de México**, n. 4, 2015.

HUERTA, Amarela Valera. Forced Migration from Meso-America: Escaping as a Political Practice that Confronts the Global Regime of Borders. **HOW DO WE TALK ABOUT MIGRATION? VOICES FROM THE UNITED STATES AND MEXICO**, 2016.

HUERTA, Amarela Varela; MCLEAN, Lisa. Caravanas de migrantes en México. **Revista CIDOB d'Afers Internacionals**, n. 122, p. 163-186, 2019.

IANNI, Octavio. **A racialização do mundo**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 8(1): 1-23, maio de 1996.

IGREJA, Rebecca Lemos. O Direito como objeto de estudo empírico: o uso de métodos qualitativos no âmbito da pesquisa empírica em Direito. In MACHADO, Máira Rocha (Org). **Pesquisar empiricamente o direito**. São Paulo: Rede de Estudos Empíricos em Direito, p. 11-37, 2017.

INFOBAE. "Quédate en México": el polémico programa que convirtió al país en asilo para migrantes cumplió un año. 29 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.infobae.com/america/mexico/2020/01/29/quedate-en-mexico-el-polemico-programa-que-convirtio-al-pais-en-asilo-para-migrantes-cumplio-un-ano/> Acesso em: 23/03/2020

INGLÊS, Paulo. **Globalização, mobilidade humana e criatividade: desafiando categorias a partir de três casos de migração forçada em Angola**. In: VASCONCELOS, Ana M. N.; BOTEGA, Tuíla (orgs.). Política Migratória e o Paradoxo da Globalização. Porto Alegre: EDIPUCRS, Brasília: CSEM, 2015, p. 169 - 188

Instituto Nacional de Migración (INAMI), MÉXICO. Finaliza Programa Emergente de emisión de Tarjetas de Visitante por Razones Humanitarias, 12 de noviembre de 2019. Disponible em: <https://www.gob.mx/inm/articulos/77316> Acesso em 25/04/2020.

Instituto Nacional de Migración (INAMI), MÉXICO. ¿Qué hacemos? Disponible em: <https://www.gob.mx/inm/que-hacemos> Acesso em 18/11/2020.

Instituto para las Mujeres en la Migración, AC (IMUMI). Recursos para entender el protocolo “Quédate en México”, 2019. Disponible em: <https://imumi.org/attachments/2019/Recursos-para-entender-el-Protocolo2019.pdf>. Acesso em 22/12/2019.

ISACSON, Adam; MEYER, Maureen; MORALES, Gabriela. La otra frontera de México. Seguridad, migración y la crisis humanitaria en la línea con Centroamérica. **Oficina en Washington para Asuntos Latinoamericanos (WOLA)**, p. 32-38, 2014.

JONES, Adele. **A silent but mighty river**: The costs of women’s economic migration. Signs: Journal of Women in Culture and Society, v. 33, n. 4, p. 761-769, 2008.

KASHIURA JÚNIOR. Celso Naoto. **Crítica da Igualdade Jurídica**: contribuição ao pensamento jurídico marxista. São Paulo: Quartier Latin, 2009.

KERGOAT, Danièle. **Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais**. Novos estudos CEBRAP, n. 86, p. 93-103, 2010.

LA PARRA, Daniel. **Interseccionalidad**. Sociología de las Migraciones, 14 de janeiro de 2014. Disponible em: <https://sociologiadelas migraciones.blogspot.com/2014/01/interseccionalidad.html> Acesso em 05/05/2021

LEE, Orville. Race after the cultural turn. In: Jacobs, M. e Hanrahan, N. W. (orgs). **The Blackwell Companion to the Sociology of Cultura**. Blackwell Publishing, 2005.

LEMOS, Eduardo Xavier. “**Revisitando Herrera Flores**: Compreensões Acerca da Teoria Crítica de Direitos Humanos”. In Revista Crítica do Direito, São Paulo n.3, v.58, 2014.

LOMBROSO, Cesare. **The criminal man** (L’uomo delinquente). Translated by M. Gibson and NH Rafter). Durham, NC: Duke University Press. doi, v. 10, 1876

LUHRS, Margarita Camarena. Desplazamientos forzados en México. Contrastes de vulnerabilidad y de autonomía en el contexto de América Latina. In LLORCA, Carmen Marimón et al. **Vulnerabilidad, pobreza y políticas sociales**. 1a ed.- Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Ciccus, 2020

MACHADO, Bárbara Araújo. **Interseccionalidade, consubstancialidade e marxismo**: debates teóricos y políticos. IN: Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx) (org). Anais do Colóquio Internacional Marx e o Marxismo, p. 1867-1917, 2017.



MACKINNON, Catharine A. “**Difference and Dominance: On Sex Discrimination**”, en Bartlett, K. T. & Kennedy, R. *Feminist Legal Theory*, Westview Press, San Francisco, pp. 81-94, 1991

MAGLIANO, María José; DOMENECH, Eduardo E.: **Migración e inmigrantes en la Argentina reciente: políticas y discursos de exclusión/inclusión**. CLACSO Bogotá, 2008. Disponível em <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/clacso-rop/20120613101845/21dome.pdf>>. Acesso em 01/07/2019

MALGESINI, Graciela; GIMÉNEZ, Carlos. **Guía de conceptos sobre migraciones, racismo e interculturalidad**. Madrid: Catarata, 2000

MALINOWSKI, Bronislaw et al. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. V. Civita, 1976.

MANAUT, Raúl Benítez. Centroamérica: Geopolítica, militarización y crisis humanitaria. **Comentario Internacional. Revista del Centro Andino de Estudios Internacionales**, n. 15, p. 211-239, 2015.

MAKARAN, Gaya; GAUSSENS, Pierre. **Piel Blanca, Máscaras Negras: Crítica de la razón decolonial**. México, Bajo Tierra A.C. y Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe-Universidad Nacional Autónoma de México, p. 9-41, 2020.

MARINI, Rui Mauro. **A dialética do desenvolvimento capitalista no Brasil**. In: *A dialética da Dependência*. São Paulo. Vozes, 2001.

MARINI, Rui Mauro. **O Estado de Contrainsurgência**. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas* Vol.12 N.3, 2018.

MARINUCCI, Roberto. *L'invasione immaginaria. L'immigrazione oltre i luoghi comuni*. REMHU: *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 28, n. 58, p. 259-262, 2020.

CASAS, María Regina Martínez; LÓPEZ, Tonatiuh Guillén; POMBO, María Dolores Paris. *Sistema de entidades relacionadas con la protección de los Derechos Humanos en la Región Transfronteriza México-Guatemala*. 2019.

MARTINS, Carlos Eduardo. **Dependência e desenvolvimento no moderno sistema mundial**. *Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina*, p. 213 citation\_lastpage= 74, 2011.

MARTINS, Carlos Eduardo. **A geopolítica mundial e a economia política no século XXI: Hegemonia, BRICS e América Latina**. *Nuevos Escenarios para la Integración de América Latina*, p. 111, 2013.

MARTINS, Carlos Eduardo. **Adeus ao centrismo: crise da economia mundial, caos sistêmico e a eleição de Donald Trump**. Blog Boitempo, 2016. Não Paginado. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2016/11/23/adeus-ao-centrismo-crise-da-economia-mundial-caos-sistemico-e-a-eleicao-de-donald-trump/> Acesso em 27/04/2020.

MARTINS, José Ricardo. **Immanuel Wallerstein e o sistema-mundo**. Iberoamérica Social: Revista-red de estudios sociales-Open Journal System, n. V, p. 95-108, 2015.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 80 p. 2018

MORALES, Alejandro Páez. **La CNDH acusa a la Federación de cometer privación ilegal de la libertad contra migrantes**. LA CRONICA DE HOY, 03 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.cronica.com.mx/notas-la-cndh-acusa-a-la-federacion-de-cometer-privacion-ilegal-de-la-libertad-contra-migrantes-1124079-2019> Acesso em 25/09/2019.

MORALES SALES, Edgar Samuel. TOREA, Guadalupe Isabel Carrillo. **Expresiones relevantes de la xenofobia en México en el siglo XX y en los primeros años del siglo XXI**. Universidad Autónoma del Estado de México, 2015. Disponível em: <http://ri.uaemex.mx/handle/20.500.11799/57987> Acesso em: 21/05/2019

MOREIRA, Adílson José. **O que é Discriminação?** Belo Horizonte: Letramento, 2017

MUSSET, Alain. Dels llocs d'espera als territoris de l'espera: Una nova dimensió de la geografia social? **Documents d'anàlisi geogràfica**, v. 61, n. 2, p. 305-324, 2015.

NEGRO, Virgínia. Manual Informativo – **Desafíos y oportunidades en la contratación de personas migrantes em México**. Organización Internacional para las Migraciones (OIM), 2019.

NEIRA, Yerko Castro. **Las caravanas de migrantes. Racismo y ley en los éxodos masivos de población**. Iberoforum. Revista de Ciencias Sociales, v. 14, n. 27, p. 8-48, 2019.

NETTO, Rangel Cerceau. **Mesclas americanas: uma leitura historiográfica do fenômeno e do conceito de mestiçagem na América ibérica**. e-Hum, v. 6, n. 1, p. 59-70, 2013.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil**. Tempo social, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2006.

NOVICK, Susana. **Migración y políticas en Argentina: tres leyes para un país extenso (1876-2004)**. Las migraciones en América Latina. Políticas, culturas y estrategias, p. 131-151, 2008.

NOVION, Jacques. **Las ultimas fronteras del Sistema Capitalista: Hegemonía Integracion Economica y Seguridad en las Américas. La Amazonia y el futuro en cuestión**. Tese doutoral defendida no Programa de Pos- graduacion em Estudos Latinoamericanos da Universidade Nacional Autônoma do México, Cidade de México, 2011

NOVION, Jacques. **Hegemonia, Integracion y Seguridad en las Américas en Principios del Siglo XXI**. In: Anais do 38º Encontro Anual da ANPOCS, 2014

O' DONNELL, Guillermo. **Notas sobre la democracia en América Latina en La democracia en América Latina**. Hacia una democracia de ciudadanos (Nueva York: PNUD), 2004.

Oficina del Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Derechos Humanos (OACDH). **Lucha contra la discriminación de los migrantes**. Disponível em:



<https://www.ohchr.org/sp/aboutus/pages/discriminationagainstmigrants.aspx> Acesso em: 18/04/2019.

PÉREZ, Fernando. **Discriminación y control social**. In COHEN, Nestor. Puertas adentro: la inmigración discriminada, ayer y hoy. CLACSO, 2004. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/35145927.pdf> Acesso em 08/05/2021

PFLEGER, Sabine. **Las dos caras del framing mediático de la migración en México: las personas-peligro y las personas-víctima contra el Estado-nación**. Discurso & Sociedad, n. 4, p. 647-669, 2019.

PIZARRO, Jorge Martínez. **El mapa migratorio de América Latina y el Caribe, las mujeres y el género**. Serie Población y Desarrollo, nº 44. Proyecto Regional de Población CELADE UNFPA (Fondo de Población de las Naciones Unidas), Santiago, 2003. Disponível em: [https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/7182/S039639\\_es.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/7182/S039639_es.pdf?sequence=1&isAllowed=y) Acesso em 28/03/2019

PIZARRO, Cynthia. **La vulnerabilidad de los inmigrantes bolivianos como sujetos de derechos humanos: experimentando la exclusión y la discriminación en la región metropolitana de la ciudad de Córdoba**. Argentina: Ministerio de Justicia, Seguridad y Derechos Humanos, 2008.

PRADILLA, Alberto. **Un campo de refugiados en un estadio de la Ciudad de México**, 08 de Novembro de 2018. Plaza Pública. Disponível em: <https://www.plazapublica.com.gt/content/un-campo-de-refugiados-en-un-estadio-de-la-ciudad-de-mexico> Acesso em 25/04/2020.

PRADILLA, Alberto. **Centroamérica huye de sí misma**. Interciencia, v. 44, n. 10, p. 46-52, 2019.

PRECIADO, Jaime. **América Latina no sistema-mundo: questionamentos e alianças centro-periferia**. Caderno CRH, v. 21, n. 53, p. 251-265, 2008.

QUASTEN, AndreAs. **Superación de la crisis de seguridad en el triángulo norte de Centroamérica**. Posibilidades y necesidades de una intervención internacional. FES Policy Paper, v. 46, 2012.

RAGIN, Charles. **La construcción de la investigación social**. Introducción a los métodos y su diversidad. Editorial Siglo del Hombre, Bogotá, 2007.

RAMÍREZ, Jacques. Etnografía del Estado: ‘visa MERCOSUR’, prácticas burocráticas y estatus migratorio en Ecuador. **Etnografías Contemporáneas**, v. 3, n. 5, p. 182-212, 2017.

RAPHAEL, Ricardo M. **Reporte sobre la discriminación en México 2012**, México: Consejo Nacional para Prevenir la Discriminación/Centro de Investigación y Docencia Económicas. Disponível em: [http://www.CONAPRED.org.mx/userfiles/files/Reporte\\_2012\\_IntroGral.pdf](http://www.CONAPRED.org.mx/userfiles/files/Reporte_2012_IntroGral.pdf) Acesso em 23/04/2019

RAWLS, John. **Uma teoria da justiça**. Tradução de Almiro Pisetta e Lenita M. R. Esteves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

RIBEIRO, Marcos Vinicius. **Anticomunismo e Inimigo Interno**: uma avaliação da Doutrina de Segurança Nacional a partir de sujeitos e manuais da repressão durante as ditaduras do Conesul. Revista História: Debates E Tendências, v. 19, n. 3, p. 384-401, 2019.

Red de Documentación de las Organizaciones Defensoras de Migrantes (REDODEM). **Procesos migratorios en México nuevos rostros, mismas dinâmicas** - Informe 2018, México, 2018. Disponível em: <http://redodem.org/wp-content/uploads/2019/09/REDODEM-Informe-2018.pdf>. Acesso em 07/08/2020.

Red de Documentación de las Organizaciones Defensoras de Migrantes (REDODEM). **Migraciones en México: fronteras, omisiones y transgresiones** - Informe 2019. México, 2019. Disponível em: <https://redodem.org/wp-content/uploads/2020/09/Boleti%CC%81n-Informe-REDODEM-2019.pdf> . Acesso em 07/08/2020.

RODRÍGUEZ ZEPEDA, Jesús. ¿Qué es la discriminación y como combatirla? **Cuadernos de la igualdad. Consejo Nacional para Prevenir la Discriminación Dante**, n. 14, 2004.

ROJAS, Ana Gabriela. **Caravana de migrantes en Tijuana**: por qué la llegada de centroamericanos causa en la ciudad fronteriza una hostilidad contra los migrantes que no se había visto antes, 19 de novembro de 2018. BBC News Mundo. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-46260057> Acesso em 28/03/2020.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado e Violência**. São Paulo. 2. ed. Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAMPAIO JR, Plínio de Arruda. Desenvolvimentismo e neodesenvolvimentismo: tragédia e farsa. **Serviço Social & Sociedade**, p. 672-688, 2012.

SANCHÍZ, Alejandro Agudo. **Encrucijada de estrategias políticas y trayectorias de expulsión en Tijuana**. Iberoforum. Revista de Ciencias Sociales, v. 14, n. 27, p. 77-110, 2019.

SANCHÍZ, Alejandro Agudo. **La provisión de bienes y servicios como acción política**. Configuración de modos humanitarios y burocráticos de gobernanza en la frontera México Estados Unidos. PERIPLoS, Revista de Investigación sobre Migraciones. Volumen 5 - Número 1, pp. 53-81, 2021

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Por uma concepção multicultural de direitos humanos**. Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A esquerda sem imaginação**. Sul 21, 27 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2017/08/esquerda-sem-imaginacao-por-boaventura-de-sousa-santos/> Acesso em 24/05/2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Contra a dominação**. Jornal das Letras, 23 de agosto de 2017. Disponível em: <https://alice.ces.uc.pt/en/index.php/homepage-posts/opinion-portuguese-against-domination-boaventura-de-sousa-santos/?lang=pt> Acesso em 28/07/2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Autêntica, 2019.

SANZ, Wagner de Campos. “Discriminação, Preconceitos e Intolerância”. In MORAES, C. C. P.; LISBOA, A. S.; OLIVEIRA, L. F. (Orgs). **Educação para as Relações Etnicorraciais**. Brasil. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Universidade Federal de Goiás. 2 ed. – Goiânia: FUNAPE: UFG/Ciar, 2012.

SARMENTO, Hélder Boska de Moraes. **Serviço Social**, das funções tradicionais aos desafios diante das novas formas de regulação sociopolítica. *Revista Katálysis*, v. 5, n. 2, p. 115-124, 2002

SECRETARÍA DE GOBERNACIÓN (SEGOB) MÉXICO. El presidente Enrique Peña Nieto anuncia el Plan “Estás en tu casa” en apoyo a los migrantes centroamericanos que se encuentran en México, 26 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.gob.mx/segob/prensa/el-presidente-enrique-pena-nieto-anuncia-el-plan-estas-en-tu-casa-en-apoyo-a-los-migrantes-centroamericanos-que-se-encuentran-en-mexico-180268?hootPostID=97986b618b4d2d255e90b9dd87766f5f> Acesso em 21/01/2019.

SECRETARÍA DE GOBERNACIÓN (SEGOB) MÉXICO. Panorama de la migración en Mexico, 2019. Disponível em: [http://portales.segob.gob.mx/es/PoliticaMigratoria/Panorama de la migracion en Mexico](http://portales.segob.gob.mx/es/PoliticaMigratoria/Panorama_de_la_migracion_en_Mexico). Acesso em: 26/06/2020

SECRETARÍA DE GOBERNACIÓN (SEGOB) MÉXICO. Unidad de Política Migratoria, Registro e Identidad de Personas. Disponível em: <http://portales.segob.gob.mx/es/PoliticaMigratoria/UnidadDePoliticaMigratoria> Acesso 17/08/2020.

SEGATO, Rita Laura. **Alteridades históricas/Identities políticas: una crítica a las certezas del pluralismo global**. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 1998.

SILVA, Carolina Albuquerque. **A CELAC e o regionalismo na América Latina e Caribe no século XXI: entre a autonomia e a contra-hegemonia**. 2017. 115 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) —Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SMITH, Barbara (Ed.). **Home girls: A black feminist anthology**. Rutgers University Press, 2000.

SMITH-CASTRO, Vanessa. **La psicología social de las relaciones intergrupales: modelos e hipótesis**. *Actualidades en psicología*, v. 20, n. 107, p. 45-71, 2006.

SOLÍS, Daniel Villafuerte; AGUILAR, María del Carmen García. De la crisis de los niños migrantes a la crisis de la migración cubana: intereses geopolíticos y expresiones sociales de la crisis del sistema migratorio Centroamérica-México-Estados Unidos entre 2014 y 2015. **Boletín de Antropología Universidad de Antioquia**, v. 31, n. 52, p. 15-33, 2016.

SOLÍS, Daniel Villafuerte. La migración centroamericana y la Cuarta Transformación ¿hacia un nuevo paradigma de política migratoria? In SOLÍS, Daniel Villafuerte; TÉLLEZ, María Eugenia Anguiano (orgs). **Movilidad humana en tránsito: retos de la Cuarta**

**Transformación en política migratoria**, 1a ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Chiapas: CESMECAUNICACH - Centro de Estudios Superiores de México y Centroamérica. Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas, 2020.

TÁBOAS, Ísis Dantas Menezes Zornoff. **Apontamentos materialistas à interseccionalidade**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 29, n. 1, e76725, 2021.

TAGUIEFF, Pierre-André. **Le racisme**. Un exposé pour comprendre, un essai pour réfléchir. Paris: Flammarion, 1998. [Col. Dominos].

TARAMUNDI, Dolores Morondo. UNZUETA, Ángeles Barrère. **Subdiscriminación y discriminación interseccional: elementos para una teoría del derecho antidiscriminatorio**. In: Anales de la cátedra Francisco Suárez. 2011. p. 15-42.

TÉLLEZ, María Eugenia Anguiano; VARGAS, Chantal Lucero. La construcción gradual de la política de contención migratoria en México. In SOLÍS, Daniel Villafuerte; TÉLLEZ, María Eugenia Anguiano (Orgs). **Movilidad humana en tránsito: retos de la Cuarta Transformación en política migratoria**, p. 123-157. 1a edição. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Chiapas: CESMECAUNICACH - Centro de Estudios Superiores de México y Centroamérica. Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas, 2020.

THERBORN, Göran. **La desigualdad mata**. Alianza Editorial, 2015.

TILLY, Charles et al. **Durable inequality**. University of California Press, 1998.

TILLY, Charles. **La desigualdad persistente**. Buenos Aires: Manantial, 2000

TORRE CANTALAPIEDRA, Eduardo; YEE-QUINTERO, José Carlos. **México ¿una frontera vertical?** Políticas de control del tránsito migratorio irregular y sus resultados, 2007-2016. **LiminaR**, v. 16, n. 2, p. 87-104, 2018.

TORRE CANTALAPIEDRA, Eduardo. **Migración, racismo y xenofobia en internet: análisis del discurso de usuarios contra los migrantes haitianos en prensa digital mexicana**. Revista Pueblos y fronteras digital • volumen 14, pp. 1-28, 2019.

TORRE CANTALAPIEDRA, Eduardo. **¿Coyotes o defensores de migrantes?** Criminalización del activismo promigrante en tiempos de caravanas. REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 28, n. 58, p. 51-67, 2020.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC). Víctimas de homicídio intencional 1990-2018 Disponível em: <https://dataunodc.un.org/content/data/homicide/homicide-rate> Acesso em 25/04/2019.

UNITED NATIONS – POPULATION DIVISION (UN DESA). **International Migrant Stock**, 2019. Disponível em: [https://migrationdataportal.org/?i=stock\\_abs&t=2020#](https://migrationdataportal.org/?i=stock_abs&t=2020#) Acesso em: 10/06/2020

VALLE FILHO, Nelson. Prefácio in GUIMARÃES, Antonio S. A. **Preconceito e Discriminação**. Queixas e ofensas de tratamento desigual dos negros no Brasil. Ed. Novos Toques. Salvador, 1998.

VALLES, Darío. **Cuando llegaron los haitianos: Black and Central American Migration, Respectability, and the Asylum Crisis in Tijuana, México**. Journal of Latin American Geography, v. 19, n. 2, p. 288-298, 2020.

VERA, Asier. **Peña Nieto trata de evitar que la Caravana de Migrantes llegue a EEUU**. El Mundo, 27 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.elmundo.es/internacional/2018/10/27/5bd3b76646163fcc448b4602.html> Acesso em 21/01/2019.

WADE, Peter. **Raza y etnicidad en Latinoamérica**. Ediciones Abya Yala, Quito, 2000.

WADE, Peter. **Población negra y la cuestión identitaria en América Latina**. Universitas humanística, n.65,2008. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/262546963\\_Black\\_Populations\\_and\\_Identity\\_Issues\\_in\\_Latin\\_America/fulltext/03aaa4450cf2d6dfe89f763f/Black-Populations-and-Identity-Issues-in-Latin-America.pdf](https://www.researchgate.net/publication/262546963_Black_Populations_and_Identity_Issues_in_Latin_America/fulltext/03aaa4450cf2d6dfe89f763f/Black-Populations-and-Identity-Issues-in-Latin-America.pdf) Acesso em 23/11/2020

WALLERSTEIN, Immanuel Maurice; WALLERSTEIN, Senior Researcher Immanuel. **World-systems analysis: An introduction**. Duke University Press, 2004.

WEBER, Max. **A política como vocação**. [1918] In GERTH, HH & MILS, Wright (Org.). Ensaio de Sociologia. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Ed. 1963.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva (Vol. 2)**. R. Barbosa, & KE Barbosa, 1999.

WILLERS, SUSANNE. Migración, trabajo y subjetividad: Las experiencias de mujeres centroamericanas en tránsito por México. In DÍAZ, Blanca Laura Cordero; MEZZADRA, Sandro; HUERTA, Amarela Varela. **América Latina en movimiento. Migraciones, límites a la movilidad y sus desbordamientos**. Ciudad de México, Barcelona: UACM, Traficantes de Sueños, Tinta Limón, p. 125-156, 2019.

WIEVIORKA, Michel. **Is it so difficult to be anti-racist?** In Debating Cultural Hybridity: Multi-Cultural Identities and the Politics of Anti-Racism, Edited by: Werbner, P. and Modood, T. 139–53. London: Zed Press, 1997.

YIN, Robert. K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005

YOUNG, Iris Marion. 1990. **Five Faces of Oppression**. In YOUNG, I. M. Justice and the politics of difference. (39-65). Princeton, N.J.: Princeton University Press.

ZEPEDA, Jesús Rodríguez. **Prolegómenos de una teoría política de la igualdad de trato**. GONZÁLEZ, Luna Corvera. ZEPEDA, Jesús Rodríguez (Coords.). Hacia una razón discriminatoria. México: Consejo Nacional para Prevenir la Discriminación, 2014.